



**Universidade do Minho**

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Isabel Joana Aguiar Santos

**Unidades e processos  
fonológicos no falar da região  
da Terra Quente: contributos  
para a Linguística Forense**

Tese de Mestrado

Mestrado em Linguística

**Trabalho efectuado sob a orientação da  
Professora Doutora Marina Vigário**

Novembro 2008

## Agradecimentos

*Os sentimentos encaminham-nos na direcção correcta, levam-nos para o lugar apropriado do espaço de tomada de decisão onde podemos tirar partidos dos instrumentos da lógica*

*António Damásio (1995:14)*

O presente trabalho não apenas é o resultado de muitas horas de pesquisa. Existe porque para ele contribuíram cento e muitos transmontanos, aos quais terei de agradecer em primeiro lugar. Destes cento e muitos, alguns são familiares e amigos de longa data que me acompanharam nesta viagem com (muita) paciência e compreensão (um muito obrigada à minha mãe pela (morosa) leitura final e ao meu marido por todo o acompanhamento informático). Outros são transmontanos que de bom grado colaboraram comigo.

Para esta aventura pelos diálogos dos transmontanos da Terra Quente contribuíram de forma determinante os comentários, correcções e reparos, sempre sábios e pertinentes, da Doutora Marina Vigário; e a (sempre simpática) ajuda da Doutora Conceição Paiva na análise variacionista dos dados. Agradeço, também, ao Professor Roger Shuy, pela célere resposta ao meu e-mail e livre acesso aos seus artigos e obras.

Não posso deixar de mencionar todo o apoio que recebi do Professor Paulo Leitão, vice-presidente da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, instituição onde trabalho.

Cooperaram directamente na recolha de *corpus* as famílias Correia, Aguiar e Santos, das quais descendo; as famílias Fernandes e Félix, também minhas por casamento; a família Porto (de Morais - Macedo de Cavaleiros); alguns amigos (Obrigada Sofia, Bruno, Jorge e Sr. Rogério) e as seguintes entidades: Lares da Santa Casa da Misericórdia de Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros, Mirandela e Vila Flor; e Bombeiros Voluntários de Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros e Mirandela. Um especial obrigada à Rádio Ansiães (98.1FM) pela disponibilização de quinze entrevistas.

Para a extracção das unidades fonológicas foi determinante o uso da Ferramenta FreP, desenvolvida pelo Laboratório de Fonética do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, nomeadamente pelos investigadores Fernando Martins, Marina Vigário e Sónia Frota, aos quais agradeço.

Esta tese foi desenvolvida no âmbito do projecto: *Padrões de Frequência na Fonologia do Português - Investigação e Aplicações* PTDC/LIN/70367/2006.

# Unidades e Processos Fonológicos no falar da região da Terra Quente: contributos para a Linguística Forense

## Resumo

Nos últimos anos tem crescido o interesse pela análise forense da produção linguística. É no seguimento desta tendência que surge a presente tese, um trabalho pioneiro no panorama dos estudos linguísticos em Portugal. Tendo como objectivo a identificação de traços caracterizadores de grupos de falantes a partir de unidades e processos fonológicos, entrevistámos cem falantes da Terra Quente Transmontana, equitativamente divididos por concelho de origem (Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Vila Flor), escolaridade do falante (Alfabetizado/Analfabeto), sexo (Feminino/Masculino) e idade, tendo sido considerados quatro intervalos etários: [20-35], [36-50], [51-65] e [>65].

Depois de recolhido e transcrito o *corpus* optámos por analisar os seguintes aspectos: (i) distribuição de classes de segmentos; (ii) distribuição dos tipos silábicos; e (iii) distribuição de acento; e os seguintes processos: (i) a manutenção da africada surda (e.g. [tʃ]amar); (ii) a semivocalização da lateral em pronomes e determinantes (e.g. *eis pagavam pouco*); (iii) a centralização das vogais anteriores [-altas] (e.g. tempo > t[ɨ]po); (iv) a realização de /S/ em contexto final de palavra seguido de segmento [-consonântico] (e.g. a[ʒ]aulas; a[z]aulas; a[ʃ]aulas); e (v) o sândi externo envolvendo a realização da nasal (e.g. *assim que biam na gente*).

As opções metodológicas na recolha e tratamento de dados foram feitas de acordo com a abordagem metodológica da linguística variacionista laboviana (Labov 1966, 1969, 1972 [1991]), tendo sido consideradas as variáveis externas ou sociais já referidas e variáveis internas ou linguísticas específicas de cada processo analisado. A análise fonológica a partir de variáveis externas e internas permitiu-nos verificar de que forma os aspectos sociais e linguísticos se correlacionam na realização das unidades e processos já mencionados, podendo, ao mesmo tempo, contribuir para a identificação de grupos de falantes. Desta forma, concluiu-se que a ocorrência das unidades e processos fonológicos depende de factores linguísticos, como a frequência de palavra, a qualidade dos segmentos e o acento, entre outros; e das características sociais dos falantes, sendo a *idade* e a *escolaridade* os factores que, de acordo com o nosso estudo, mais influenciam o comportamento linguístico e, desta forma, aqueles que poderão concorrer para a identificação de falantes da Terra Quente Transmontana.

# Phonologic Units and Processes in *Terra Quente* variety: Contribution to Forensic Linguistics

## Abstract

In the last years, the interest in forensic analysis of linguistic data has increased. Having this tendency in consideration, it was our intent to identify characteristic features of groups of speakers based on the use of phonological units and processes. This work is pioneer in Portugal. To carry on this study we collected informal conversations of 100 speakers, natives of *Terra Quente Transmontana*, evenly divided according to place (Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Vila Flor), Education (Alphabetized/Illiterate), sex (Feminine/Masculine) and age, divided in four age groups: [20-35], [36-50], [51-65] e [>65].

After collecting and transcribing the *corpus* we analysed the following units: (i) number of segments from different classes; (ii) number of different syllable types; and (iii) distribution of stress; and the following processes: (i) the occurrence of the voiceless affricate  $\widehat{[tʃ]}$  (e.g.  $[tʃ]$ amar); (ii) the semivocalization of the lateral in pronouns and determiners (e.g. *eis pagavam pouco* ); (iii) the centralization of low [-high] vowels (e.g. tempo >  $t[\tilde{v}]po$ ); (iv) the specification of /S/ in syllable final position before [-consonantic] segments (e.g.  $a[\zeta]$ aulas;  $a[z]$ aulas;  $a[\jmath]$ aulas); and (v) the external sandhi involving the realization of the nasal (e.g. *assim que biam na gente* ).

The methodological choices in the collecting process and treatment of data were made according to the Labovian variacionist approach (Labov 1966, 1969, 1972 [1991]). Thus, we considered the social variables already mentioned, and linguistic variables specific to each process analysed. The phonological analysis through social and linguistic variables allowed us to see how the social and linguistic aspects are correlated in (i) the realization of the units and processes already metioned and (ii) in the identification of groups of speakers. The, we concluded that the occurrence of phonologic unites and processes depends on linguistic variables, such as word frequency, quality of the segments and stress distribution, among others; and on social variables, being *education* and *age* the factors that can most likely be used to identify speakers from Terra Quente Transmontana.

# Índice

<b>Agradecimentos</b>	<b>ii</b>
<b>Resumo</b>	<b>iii</b>
<b>Abstract</b>	<b>iv</b>
<b>Índice</b>	<b>v</b>
<b>Listas de abreviaturas, siglas e símbolos</b>	<b>viii</b>
<b>Lista de Tabelas</b>	<b>ix</b>
<b>Lista de Gráficos</b>	<b>x</b>
<b>Lista de Mapas</b>	<b>xi</b>
<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>I. Enquadramento Teórico</b>	<b>4</b>
1.1. Fonologia .....	4
1.2. Linguística Variacionista .....	5
1.3. Linguística Forense .....	11
<b>II. Aspectos Geográficos e Linguísticos da Terra Quente Transmontana</b>	<b>14</b>
2.1. Aspectos Geográficos .....	14
2.2. Aspectos Linguísticos .....	15
<b>III. Unidades em análise</b>	<b>18</b>
3.1. Segmentos.....	18
3.2. Sílabas.....	19
3.3. Acento .....	21
<b>IV. Processos em análise</b>	<b>24</b>
4.1. Manutenção da africada surda [tʃ] .....	24
4.2. A semivocalização das laterais .....	25
4.3. A centralização das vogais [-rec, -alt] .....	27
4.4. Segmentos Fricativos – Introdução.....	27
4.4.1. Fricativas em posição final.....	28
4.4.2. Ressilabificação.....	29
4.5. Sândi externo envolvendo a realização da nasal final .....	33
<b>V. Metodologia</b>	<b>36</b>
5.1. A utilização de corpora.....	36
5.1.1. <i>Corpus</i> do Português Fundamental.....	36
5.1.2. <i>Corpus</i> Português Falado - Variedades Geográficas e Sociais.....	37
5.1.3. <i>Corpus</i> TQT.....	38
5.2. <i>Software</i> utilizado.....	38
5.2.1. A ferramenta FreP.....	38
5.2.2. O Programa Goldvarb 2001.....	39
5.2.3. O tratamento estatístico.....	39
5.3. Falantes.....	40
5.4. A recolha de <i>corpus</i> .....	41
5.5. A transcrição ortográfica.....	43
5.6. Variáveis Externas .....	46
5.6.1. Origem Geográfica.....	47
5.6.2. Escolaridade .....	49
5.6.3. Sexo.....	49

5.6.4. Idade .....	51
5.6.5. Variáveis externas não consideradas .....	52
5.7. Variáveis Internas.....	53
5.7.1. Manutenção da africada [tʃ] .....	53
5.7.2. Semivocalização da lateral.....	54
5.7.3. Centralização das vogais [-rec, -alt] .....	54
5.7.4. Realização de /S/ em final de palavra .....	55
5.7.5. Sândi externo envolvendo a realização da nasal final.....	56

## **VI. Análise dos resultados: Unidades Fonológicas** **58**

6.1. Segmentos.....	58
6.1.1. Distribuição dos Segmentos.....	58
6.1.2. Conclusão .....	60
6.2. Tipos Silábicos.....	61
6.2.1. Distribuição dos Tipos Silábicos pelas Variáveis Externas.....	62
6.2.2. Número de Sílabas por palavra prosódica .....	64
6.2.3. Conclusão .....	67
6.3. Acento .....	67
6.3.1. Distribuição por variável externa .....	69
6.3.2. Conclusão.....	70
6.4. Conclusões .....	70

## **VII. Análise dos resultados: Processos Fonológicos** **72**

7.1. Manutenção da africada surda [t̥] .....	72
7.1.1. Distribuição por concelho .....	73
7.1.2. Distribuição por escolaridade .....	73
7.1.3. Distribuição por sexo .....	74
7.1.4. Distribuição por idade.....	74
7.1.5. Segmento seguinte.....	75
7.1.6. Distribuição por Classe Gramatical .....	76
7.1.7. Distribuição por Sílaba.....	77
7.1.8. Componente Lexical .....	78
7.1.9. Conclusão.....	79
7.2. Semivocalização da lateral em pronomes .....	80
7.2.1. Distribuição por concelho .....	82
7.2.2. Distribuição por escolaridade.....	83
7.2.3. Distribuição por sexo .....	84
7.2.4. Distribuição por idade.....	84
7.2.5. Conclusão.....	86
7.3. Centralização das vogais anteriores [-rec, -altas] .....	87
7.3.1. Distribuição por escolaridade e sexo .....	87
7.3.2. Distribuição por idade.....	88
7.3.3. Distribuição por qualidade da vogal e segmento seguinte .....	89
7.3.4. Acentuação .....	91
7.3.5. Conclusão.....	92
7.4. A realização de /S/ em contexto final de palavra seguida de [-consonântico] .....	93
7.4.1. Distribuição por concelho .....	95
7.4.2. Escolaridade .....	100
7.4.3. Sexo.....	103
7.4.4. Idade .....	106
7.4.5. Segmentos em posição /_S#/ e em posição /S#_/ .....	108
7.4.6. Conclusão.....	113
7.5. Sândi externo envolvendo a realização da nasal.....	114
7.5.1. Concelho.....	114
7.5.2. Escolaridade .....	115
7.5.3. Sexo e Idade .....	115
7.5.4. Categoria gramatical.....	116

7.5.5. Segmentos precedentes e seguintes .....	118
7.5.6. Conclusão .....	119
7.6. Conclusão.....	120
<b>VIII. Marcas fonológicas e lexicais na escrita</b>	<b>124</b>
8.1. Fenómenos (pós-) lexicais na escrita.....	124
8.1.1. Manutenção da africada surda.....	124
8.1.2. Semivocalização da lateral.....	127
8.1.3. Centralização da vogal [e].....	127
8.1.4. A realização de /S/em contexto final de palavra seguida de [-consonântico] como [ʒ] .....	128
8.1.5. Sândi externo envolvendo a realização da nasal .....	129
8.2. Léxico.....	129
8.2.1. Além .....	130
8.2.2. Bô.....	131
8.2.3. Botar.....	132
8.2.4. Carai.....	133
8.3. Conclusão.....	135
<b>IX. Alguns Contributos para a Linguística Forense</b>	<b>138</b>
<b>Conclusão</b>	<b>144</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>150</b>
<b>Anexos</b>	<b>164</b>
Anexo A – <i>Corpus TQT</i> – Transcrição 1 .....	164
Anexo B– Realização da africada surda.....	236
Anexo C – Semivocalização da lateral .....	239
Anexo D – Centralização de [e].....	241
Anexo E – A realização de /S/ em final de palavra seguido de segmento [-consonântico] .....	243
Anexo F – Sândi externo envolvendo a realização da nasal .....	260
Anexo G – Segmentos .....	267
Anexo H - Tipos Silábicos.....	270
Anexo I – Número de sílabas por PW.....	272
Anexo J – Acento .....	274

## **Listas de abreviaturas, siglas e símbolos**

PB	Português do Brasil
PE	Português Europeu
PW	Palavra Prosódica
U	Enunciado
#	Fronteira de palavra
$\Phi$	Sintagma Fonológico
I	Sintagma Entoacional
$\omega$	Palavra Prosódica
/S/	Autossegmento fricativo em posição de coda de sílaba em Português
>	Maior do que
<	Menor do que



## Lista de Tabelas

Tabela 1 – Relação de falantes.....	40
Tabela 2 – Variáveis externas .....	47
Tabela 3 – Densidade populacional por município.....	48
Tabela 4 - Variáveis Internas ou Linguísticas para análise da manutenção da africada surda: categoria gramatical, posição da sílaba e segmento seguinte. ....	54
Tabela 5 – Realização dos itens lexicais que permitem a semivocalização da lateral e sua codificação:.....	54
Tabela 6 - Variáveis Internas ou Linguísticas para análise da centralização das vogais anteriores [-rec, -altas]: qualidade da vogal (oral ou nasal); qualidade do segmento seguinte (oclusiva nasal ou oral); e presença ou ausência de acento na sílaba.....	55
Tabela 7 - Variáveis Internas ou Linguísticas para análise dos fenômenos pós-lexicais: segmentos precedentes e seguintes.....	56
Tabela 8 - Variáveis Internas ou Linguísticas para análise do sândi externo envolvendo a realização da nasal: categoria gramatical da palavra prosódica ou clítico em posição anterior e seguinte .....	56
Tabela 9 – Distribuição dos segmentos em Vigário <i>et al.</i> 2006b e na TQT .....	59
Tabela 10 - Distribuição dos segmentos por concelho .....	59
Tabela 11 – Percentagem de segmentos por grupo de falante .....	60
Tabela 12 – Tipos Silábicos no <i>Corpus</i> TQT e <i>Corpus</i> TA90PE (Frota <i>et al.</i> 2006 e Vigário <i>et al.</i> 2006b).....	61
Tabela 13 - Número de Sílabas por Palavra Prosódica por Concelho .....	65
Tabela 14 – Distribuição do acento no <i>corpus</i> TQT e no <i>corpus</i> TA90PE em Frota <i>et al.</i> (2006) e Vigário <i>et al.</i> (2006b). ....	68
Tabela 15 – Distribuição do acento no <i>corpus</i> TQT e no <i>corpus</i> TA90PE em Frota <i>et al.</i> (2006) e Vigário <i>et al.</i> (2006b). ....	68
Tabela 16 – Distribuição do Acento pelos concelhos da TQT .....	68
Tabela 17 - Distribuição do Acento no <i>corpus</i> TQT por falantes Analfabetos e Alfabetizados .....	69
Tabela 18 - Distribuição do Acento no <i>corpus</i> TQT por Idade .....	70
Tabela 19 – Frequência de palavras com africada surda.....	79
Tabela 20 - Realização da lateral como semi-vogal por item lexical.....	80
Tabela 21 – Pronomes e determinantes terminados em <i>-eis</i> e outras formas terminadas em <i>-eis</i> em valores absolutos e relativos.....	81
Tabela 22 – Valores absolutos e relativos para as ocorrências de pronomes e determinantes terminados em <i>-es</i> .....	82
Tabela 23 – Valores comparativos para a realização da fricativa em contexto /S#[consonântico]/ .....	96
Tabela 24 – Valores absolutos e relativos para a realização das fricativas [ʒ], [z] e [ʝ] de acordo com o segmento em posição /_S#/ (v.p. 0,00).....	109
Tabela 25 - Valores absolutos e relativos para a realização das fricativas [ʒ], [z] e [ʝ] de acordo com o segmento em posição /S#_/ (v.p. 0,00).....	110
Tabela 26 – Combinações de segmentos que nunca ocorrem no <i>corpus</i> analisado .....	110
Tabela 27 – Contextos de ensurdecimento da fricativa final.....	112
Tabela 28 - Listagem do número de ocorrências do verbo <i>além</i> por falante. ....	130
Tabela 29 – Listagem do número de ocorrências da interjeição <i>bô</i> por falante. ....	131
Tabela 30 - Listagem do número de ocorrências do verbo <i>botar</i> por falante.....	132

## Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Tipos Silábicos por Concelho: Alfândega, Carrazeda, Mirandela, Macedo e Vila Flor .....	62
Gráfico 2 – Tipos Silábicos por Sexo: Masculino e Feminino .....	63
Gráfico 3 – Tipos Silábicos por Escolaridade: Falantes Analfabetos e Alfabetizados .....	63
Gráfico 4 - Tipos Silábicos por Escolaridade .....	64
Gráfico 5 - Número de Sílabas por Palavra Prosódica na TQT .....	64
Gráfico 6 – Percentagem de Sílabas por Palavra Prosódica por Escolaridade: .....	65
Gráfico 7 - Número de Sílabas por Palavra Prosódica por Sexo .....	66
Gráfico 8 - Número de Sílabas por Palavra Prosódica por Idade .....	66
Gráfico 9 - Distribuição do Acento por Sexo .....	69
Gráfico 10- Manutenção da africada surda [tʃ] - Distribuição por concelho. ....	73
Gráfico 11 – Realização da africada por falantes analfabetos (N) e alfabetizados (A), .....	73
Gráfico 12 – Realização da africada surda: distribuição por sexo .....	74
Gráfico 13- Realização da africada surda por faixa etária, de acordo com o concelho do falante: .....	75
Gráfico 14- Segmento seguinte .....	75
Gráfico 15 – Distribuição da africada surda por classe gramatical. ....	76
Gráfico 16 – Distribuição da realização da africada por Escolaridade e Classe Gramatical. ....	77
Gráfico 17 – Manutenção da africada [tʃ]- Distribuição por sílaba: Inicial (76%), Medial (11%) e Final (13%) ..	77
Gráfico 18- Manutenção da africada [tʃ]- Cruzamento Sílaba (Inicial, Medial e Final)/Classe Gramatical (Verbo, Nome e Adjectivo). ....	78
Gráfico 19- Semivocalização da lateral por item lexical em percentagem. ....	80
Gráfico 20 – Semivocalização da lateral - Distribuição por concelho. ....	83
Gráfico 21 - Cruzamento Escolaridade – (A) Alfabetizado; (N) Analfabeto - e Sexo .....	83
Gráfico 22 – Cruzamento Concelho (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor / Sexo do falante .....	84
Gráfico 23 - Distribuição das formas semivocalizadas ( <i>eis, nasqueis, aqueis e deis</i> ) por idade ([36-50] e >[65]) .....	85
Gráfico 24 – Cruzamento Idade / Concelho: (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor. ....	85
Gráfico 25 – Distribuição por Escolaridade -(A) Alfabetizado e (N) Analfabeto - e Sexo .....	88
Gráfico 26 – Centralização de [e] – Distribuição por Idade e Sexo do falante. ....	88
Gráfico 27 – Centralização de [e] -Segmento seguinte: Oclusiva Oral (73%); Oclusiva Oral (26%) .....	90
Gráfico 28 – Centralização de [e] - Qualidade da vogal: nasal (73%) e oral (26%). ....	90
Gráfico 29 - Centralização de [e] - Consoantes Oclusivas Oraís em Ataque de sílaba seguinte: [t] (66%); [d] (11%); [p] (20%); [b] (3%). ....	90
Gráfico 30- Centralização de [e] – Distribuição por acentuação. ....	91
Gráfico 31 – Cruzamento Vogal (nasal/ oral) e Acentuação. ....	91
Gráfico 32- Distribuição da realização de /S/em contexto /S#[- cons]/ .....	95
Gráfico 33- Distribuição da realização de /S/em contexto /S#[- cons]/ por Concelho. ....	95
Gráfico 34 – [z] - Cruzamento Sexo: (M) Masculino, (F) Feminino/ Concelho: (A) Alfândega; (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor. ....	97
Gráfico 35 – [ʃ] - Cruzamento Sexo (M) Masculino, (F) Feminino / Concelho (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor. ....	98
Gráfico 36 – Realização da fricativa [z] por concelho: (A) Alfândega; (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor. ....	99

Gráfico 37 - Realização de [ʃ] por idade e concelho do falante: (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor. ....	100
Gráfico 38 - Distribuição da realização de /S/ por escolaridade: (A) Alfabetizado; (N) Analfabeto .....	100
Gráfico 39- Escolaridade (A) Alfabetizado e (N) Analfabeto / Segmento em /_ [z]#/ .....	101
Gráfico 40 – Escolaridade: (A) Alfabetizado e (N) Analfabeto / Segmento em /_ [ʃ]#/ .....	101
Gráfico 41- Escolaridade: (A) Alfabetizado e (N) Analfabeto / Segmento em /_ [ʒ]#/ .....	101
Gráfico 42 - Escolaridade: (A) Alfabetizado e (N) Analfabeto / Segmento em / [z]#_ / .....	102
Gráfico 43 – Escolaridade: (A) Alfabetizado; (N) Analfabeto / Segmento em / [ʃ]#_ / (v.p. 0,777) .....	102
Gráfico 44 – Escolaridade: (A) Alfabetizado; (N) Analfabeto / Segmento em / [ʒ]#_ / (0,516) .....	102
Gráfico 45 – Realização da fricativa por Sexo: (F) Feminino e (M) Masculino. ....	103
Gráfico 46 - [ʒ] – Distribuição por Sexo/ Idade .....	103
Gráfico 47– [z] - Distribuição por Sexo/ Idade .....	104
Gráfico 48 – [ʃ] – Distribuição por Sexo/ Idade .....	104
Gráfico 49- Segmentos em /_ [z]#/ por sexo: (F) Feminino e (M) Masculino. ....	105
Gráfico 50 – Cruzamento fricativa/segmento em /_ S#/ e sexo do falante: (F) Feminino e (M) Masculino. ...	105
Gráfico 51 – Segmentos em /_ [ʃ]#/ por sexo: (F) Feminino e (M) Masculino. ....	106
Gráfico 52 – Realização da fricativa por idade .....	106
Gráfico 53 – Percentagem de ocorrência de [ʃ] em Braga e Lisboa (adaptado a partir dos dados de Rodrigues 2003: 238-242) .....	107
Gráfico 54 - Cruzamento /_ [z] #/ - Idade do falante (v.p. 0,107) .....	107
Gráfico 55 – Cruzamento /_ [ʃ] #/ - idade do falante .....	108
Gráfico 56- Relação segmento antecedente/ segmento seguinte em /_ [z]#_ / (v.p. 0,149) .....	111
Gráfico 57 - Relação /_ [ʃ]#_ / (v.p. 0,004) .....	111
Gráfico 58 – Sândi nasal - Distribuição por Concelho. ....	114
Gráfico 59 – Sândi Externo envolvendo a nasal por Escolaridade - (A) Alfabetizado; (N) Analfabeto e Concelho: .....	115
Gráfico 60- Cruzamento Sexo/Idade por concelho do falante: (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor. ....	115
Gráfico 61 - Sândi externo envolvendo a nasal na TQT, de acordo com a idade e sexo do falante. ....	116
Gráfico 62 – Sândi externo envolvendo a nasal. Distribuição por categoria gramatical do item lexical precedente: .....	116
Gráfico 63 – Sândi externo envolvendo a nasal. ....	117
Gráfico 64- Cruzamento da categoria gramatical da palavra prosódica ou clítico precedente - .....	118
Gráfico 65– Segmento precedente: nasal (89%); consoante (3%); [a] (3%); [ɐ] (6%); .....	119
Gráfico 66 - Segmento seguinte: [u] (61%); [ɐ] (39%) .....	119

## Lista de Mapas

Mapa 1.- Terra Quente no contexto peninsular	Mapa 2.- Terra Quente no contexto distrital .....	14
Mapa 3- Concelhos do distrito de Bragança .....		86



Graça Morais

Just as an artifact carries traces of its production – a carving, the marks of the chisel, or a painting, the brushstrokes, and both of them the style of the artist - so a sample of speech carries the imprint of its originator.

Francis Nolan (2001:1)

## Introdução

*Mas quando eu lhe mostrava que as correspondências d'ella com o latim eram certas, que a conjugação seguia com ordem, - elle pasmava, e admirava-se que entre os cabanhaes de Genizio, em meio dos hortos de Ifánez se pudesse ter feito cousa tão regular como era a lingoa que os velhos cabreiros lhe haviam ensinado em pequeno.*

Vasconcellos (1900[1992]:5)

A presente dissertação de Mestrado é fruto da necessidade pessoal de abordar alguns aspectos fonológicos de uma área no Nordeste Transmontano pouco estudada. Tal como Vasconcellos refere na citação, acreditamos que os fenómenos fonológicos verificados nas *variedades* de uma dada língua, que desta se distanciam, não decorrem da arbitrariedade do sistema, mas de uma motivação, seja ela linguística ou social. Pretende-se, assim, com este trabalho, contribuir para o estudo de algumas unidades e processos fonológicos que operam no falar da Terra Quente Transmontana (doravante TQT), região localizada no centro do Nordeste Transmontano. Para tal, socorremo-nos da metodologia variacionista, da qual William Labov foi precursor, segundo a qual a variação/mudança linguística poderá ser explicada pelo cruzamento de factores internos, ou linguísticos, e externos ou sociais.

Finalmente, é nosso objectivo final apontar marcas fonológicas caracterizadoras do falar desta região, de forma a fornecer pistas para uma possível avaliação forense. Assim, a partir dos fenómenos fonológicos que tornam este falar específico, relativamente à variedade *standard*<sup>1</sup> e a outras já descritas no Português Europeu, doravante PE, será possível delinear características linguísticas do falante desta região. Esta caracterização do comportamento linguístico pode ser essencial para efeitos de investigação criminal, uma vez que poderá contribuir para a delimitação do perfil linguístico do falante e eventualmente concorrer para a identificação de algumas características físicas e sociais do falante, tais como o sexo, a idade, a escolaridade e a região de onde provém. Esta abordagem das unidades e processos fonológicos é inédita no panorama dos estudos linguísticos nacionais.

---

<sup>1</sup> Consideramos como variedade *standard* do Português Europeu a variedade abstracta definida como português padrão, comumente apontada como a variedade falada em Lisboa e em Coimbra. Como refere Wardhaugh (1988:30), “*Standardization* refers to the process by which a language has been codified in some way. That usually involves the development of such things as grammars and dictionaries, and possibly a literature.”

O presente trabalho está estruturado em dez capítulos, que a seguir sintetizamos:

Capítulo I. Enquadramento Teórico: neste capítulo é feita a introdução teórica e revisão bibliográfica das três áreas de estudo envolvidas neste trabalho: (i) a Fonologia, (ii) a Linguística Variacionista, e a sua relação com a Dialectologia e a Sociolinguística; e (iii) a Linguística Forense.

Capítulo II. Aspectos Geográficos e Linguísticos da Terra Quente Transmontana: capítulo onde é feito o enquadramento geográfico e social da área em estudo. Para além desta caracterização, expomos, também, alguns aspectos linguísticos da área em estudo, tendo por base alguns dos trabalhos filológicos e dialectológicos elaborados até finais do século XX.

Capítulo III. Unidades em análise: este capítulo é dedicado ao enquadramento teórico das unidades fonológicas em análise: (i) os segmentos; (ii) as sílabas; e (iii) a distribuição do acento.

Capítulo IV. Processos em análise: à semelhança do capítulo anterior, neste capítulo é feito o enquadramento teórico dos processos fonológicos em análise: (i) a manutenção da africada surda  $\widehat{[tʃ]}$ <sup>2</sup>; (ii) a semivocalização da lateral; (iii) a centralização da vogal [e]; (iv) a realização de /S/ em contexto final de palavra seguido de segmento [-consonântico]; e (v) a realização do segmento nasal em final de palavra seguido de segmento [-consonântico].

Capítulo V. Metodologia: este capítulo descreve o processo de selecção de falantes, as opções feitas na recolha de *corpus* e na sua transcrição. Neste capítulo são, também, delineadas as variáveis externas e internas a partir das quais analisamos as unidades e os processos previamente enumerados. Finalmente, é descrito o *software* utilizado na recolha, processamento estatístico e extracção de dados.

Capítulo VI. Análise dos resultados: Unidades Fonológicas: neste capítulo analisamos a distribuição da frequência das unidades fonológicas, descritas no capítulo III, no *corpus* da TQT, de acordo com as variáveis externas já delimitadas anteriormente. Para além desta análise, sempre que possível, é feita a comparação dos resultados dos nossos dados com outros trabalhos.

---

<sup>2</sup> Sempre que transcrevermos sons, utilizaremos os parênteses rectos para transcrever a realização fonética e informação fonológica ao nível dos traços fonológicos. As barras oblíquas serão utilizadas na transcrição de segmentos fonológicos.

Capítulo VII. Análise dos resultados: Processos Fonológicos: neste capítulo analisamos os resultados do cruzamento das variáveis internas e externas na realização de cada processo fonológico.

Capítulo VIII. Marcas fonológicas e lexicais na escrita: nesta secção apresentamos evidências da influência do registo oral, nomeadamente dos fenómenos aqui analisados, no registo escrito. Fazemos, também, menção a formas lexicais regionais recorrentes no discurso oral e à sua presença no registo escrito.

Capítulo IX. Contributos para a Linguística Forense: este capítulo tem como objectivo contribuir para a identificação forense de falantes a partir de pistas fonético-fonológicas caracterizadoras da sua região de origem, neste caso, a Terra Quente Transmontana.

Finalmente, na secção Conclusão fazemos a sùmula dos aspectos abordados na presente tese.

## I. Enquadramento Teórico

Neste capítulo é feita a introdução às áreas da Linguística integradas neste trabalho: a Fonologia, a Linguística Variacionista e a Linguística Forense.

### 1.1. Fonologia

Os primeiros registos relativos à Fonologia Portuguesa remontam ao século XVI e às primeiras gramáticas normativas portuguesas. Já nos séculos XIX e XX, salientam-se os trabalhos dialectais de Gonçalves Viana (1883) sobre a fonologia e fonética; e de Leite de Vasconcellos (1900, 1901, 1928, 1985) sobre as diferenças dialectais ao nível da construção sintáctica, da morfologia, da fonética e fonologia, e do léxico. Na segunda metade do século XX, os trabalhos de Paiva Boléo (1974), Lindley Cintra (1971, 1983 [1995]), Maia (1986), Martins e Saramago (1993), entre outros, contribuíram para o mapeamento das características fonético-fonológicas e lexicais das diversas variedades do português Europeu.

Ainda no século XX, o trabalho de Barbosa (1965), inserido na corrente estruturalista, constituiu a primeira descrição do sistema fonológico do Português. Mais tarde, os trabalhos generativos de Mateus (1975), d'Andrade (1977, 1992), e Mateus e d'Andrade (2000) inauguram um novo ciclo de estudos fonológicos no PE, incidindo fundamentalmente em questões de natureza segmental e no tratamento do acento principal de palavra. As recentes investigações alargam o campo de investigação à prosódia, nomeadamente aos Sintagmas Fonológico e Entoacional (Mata 1990, 1999; Frota 2000, 2002, 2003), e à análise da palavra prosódica (Vigário 2003) e da estrutura silábica (Vigário e Falé 1994; Freitas 1997, 2001), abrangendo, igualmente, estudos contrastivos no domínio segmental e suprasegmental entre diferentes variedades do Português (Andrade 1998, 2006; Frota *et al.* 2001; Rodrigues 2003; Santos 2003; Vigário e Frota 2003; Frota e Vigário 2007) e entre o PE e outras línguas Românicas (Elordieta *et al.* 2005), assim como ao estudo da aquisição fonológica (Freitas 2006, Vigário *et al.* 2006a).

Nas últimas décadas tem crescido o interesse pelos estudos de frequência, nomeadamente de unidades fonológicas, baseados em *corpora* orais transcritos (Bacelar *et al.* 1987a; Mata 1995; entre muitos outros). Estudos recentes relativos à frequência (Bybee 2000, 2001 e 2002; Bybee e Hooper, 2001; Pierrehumbert, 2002; entre outros) revelam que a frequência está intrinsecamente relacionada com a variação a nível



fonológico e morfológico, como é o caso da manutenção/elisão dos morfemas de tempo no Inglês. A análise de corpora a partir da frequência das unidades fonológicas tem também sido aplicada à Linguística Clínica, nomeadamente à análise da produção em falantes afásicos (Laganaro 2005). Para o Português Europeu, são de mencionar os trabalhos relativos à frequência de unidades e padrões fonológicos (Vigário *et al.* 2005a, 2005b, 2006b) e aos seus efeitos na redução de unidades fonológicas (Vigário 2003: capítulo 7), e na aquisição da palavra prosódica (Vigário *et al.* 2006a). De mencionar, igualmente, os estudos de frequência da estrutura silábica (Andrade e Viana 1994; Vigário e Falé 1994; Viana *et al.* 1996; Vigário *et al.* 2005; Frota *et al.* 2006; Vigário *et al.* 2006b) e do desenvolvimento silábico (Freitas *et al.* 2005 e Vigário *et al.* 2006a, entre outros).

## 1.2. Linguística Variacionista

*I suggest that linguistics should seek to account for the broadest possible range of facts about language, including usage as well as abstract knowledge, and there it should therefore be responsible to data on usage.*

Guy (1997: 127)

A Linguística Variacionista tem como objecto de estudo o vernáculo, i.e., os enunciados reais, que ocorrem em contextos informais e não monitorizados, tendo como pressuposto a importância do cruzamento dos aspectos sociais e linguísticos da(s) comunidade(s) na variação linguística em estudo.

Os primeiros relatos conhecidos da existência de variação linguística remontam ao século VI a.C. e ao gramático Pānini. Cinco séculos mais tarde, o filósofo Varrão afirma que “consuetudo loquendi est in motu” ([the vernacular is always in motion], citado em Chambers *et al.* 2005:6). Apesar das considerações de Pānini e Varrão, a variação linguística só assume grande importância a partir do século XIX com os estudos neogramáticos. Segundo Hermann Paul, cada indivíduo possui uma gramática interna que potencia os enunciados dos falantes, ou seja um *idiolecto*, de forma estruturada e regular. Assim, “o verdadeiro objecto para o investigador da língua é antes constituído por todas as manifestações da actividade da fala em todos os indivíduos na sua acção recíproca” (1880 [1970]:34).

A dicotomia entre o social e o individual, abordada por Paul e adoptada por estudos posteriores, consiste na possibilidade de isolar a língua do indivíduo do hábito linguístico do grupo. Desta forma, Hermann Paul

acreditava conseguir distinguir tantas línguas quantos são os seus falantes. Para além desta dicotomia, Paul introduz, ainda, o conceito de *língua comum*, i.e., a ligação entre os diversos *idiolectos*, determinando o que é habitual numa língua. Para este neogramático, as mudanças no hábito linguístico são derivativas e, por isso, interessa-lhe sobretudo as mudanças no *idiolecto*, isto é, a mudança espontânea ou adaptação ao *idiolecto* de outros falantes. As mudanças no hábito linguístico decorrem de uma série de mudanças nos *idiolectos*. Desta forma, um novo hábito linguístico é formado a partir da acumulação de diversas mudanças nos *idiolectos*. Hermann Paul introduz, assim, dois aspectos essenciais e discutíveis: o processo de mudança linguística é feito de forma contínua e progressiva dentro de um período geracional, por um lado; e a possibilidade de determinada forma se cristalizar de acordo com a sua frequência, por outro. Já para Saussure (1916), as realizações individuais tidas como essenciais na teoria de Paul derivam das actualizações da *parole* pelo falante, sendo consideradas apenas “manifestações (...) individuais e momentâneas” (1916 [1978]:49), não merecendo destaque no estudo da *langue*. Tanto para Saussure como para Chomsky, a face heterogénea e psicológica do sistema linguístico, a *parole* ou a *performance*, não é passível de teorização e, como tal, deverá estar fora do estudo teórico linguístico. No entanto, a crescente migração de comunidades rurais e étnicas para centros urbanos, verificada ao longo do século XX, fez emergir um novo campo de estudos linguísticos, baseado não na descrição de fenómenos dialectais, mas na tentativa de explicação dos fenómenos de variação a partir das características sociais dos falantes e do contexto linguístico. Para tal, foi essencial o contributo de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972), que apresentaram a variação linguística como um fenómeno não aleatório, que obedece a um padrão, a uma heterogeneidade ordenada, motivada pela interacção de fenómenos linguísticos com os factores sociais<sup>3</sup>, como o sexo, a idade, a profissão ou o grau de instrução, entre outros. Esta nova abordagem tem como objecto de estudo os enunciados concretos ou o vernáculo, rejeitando a metodologia da teoria generativista Chomskiana baseada nas intuições do falante para a análise de *corpora* e na distinção entre *competência* e *performance*.

The competence-performance distinction (...) is one that holds intriguing possibilities for work in linguistics, but is one that has also proved to be most troublesome, particularly when much of the variety that is so interesting within the language is labelled “performance” and then brushed to one side by those who consider “competence” to be the only valid concern of linguists.

Wardhaugh (1988:5)

---

<sup>3</sup> A interacção entre os factores linguísticos e os sociais tinha sido já abordada por Hermann Paul (1880 [1970]) na sua obra *Princípios fundamentais da história da língua*.

Para o estabelecimento deste novo campo de estudos contribuíram os estudos de variação fonológica efectuados por William Labov em Martha's Vineyard (Massachusetts); e a análise fonológica do *Black English Vernacular*<sup>4</sup> na cidade de Nova York (Labov: 1972), entre outros. Tendo como objecto de estudo do vernáculo e utilizando a metodologia quantitativa da Sociologia, são apresentados os primeiros trabalhos variacionistas, que incluem na análise linguística os chamados factores externos ou psicológicos, como refere Labov a propósito da centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard:

When the centralizing tendency is charted in the habits of many speakers, and the influence of the phonetic, prosodic, and stylistic environment is accounted for, there remains a large area of variation. Instead of calling this "free" or "sporadic" variation, and abandoning the field, we will pursue the matter further, using every available clue to discover the pattern which governs the distribution of centralized diphthongs.

Labov (1972:9)

Contrariando os pressupostos estruturalistas, não são apenas os factores estruturais internos que contribuem para uma explicação da mudança, mas também os factores extra-linguísticos ou externos que intervêm na produção de enunciados concretos. Assim:

The mixed pattern of uneven phonetic conditioning, shifting frequencies of usage in various age levels, areas, and social groups (...) is the process of linguistic change in the simplest form which deserves the name (...). Only when social meaning is assigned to such variations will they be imitated and begin to play a role in the language.

Labov (1972:23)

Segundo a teoria estruturalista, o falante tinha um papel passivo e toda a organização estrutural do sistema linguístico era concebida independentemente da acção do falante. Neste novo modelo, a linguística variacionista, o falante está perante um sistema heterogéneo e sobre o qual exerce influência, conforme a situação a que esteja exposto.

---

<sup>4</sup> O acrónimo BEV seria, mais tarde, reformulado para AAVE (African American Vernacular English)

Tanto os estudos levados a cabo por Labov, como por Gauchat, tentaram reverter o pressuposto de que a mudança linguística apenas podia ser estudada após estar concluída. Assim, Labov (1972) propôs o estudo da mudança num determinado momento, ou como o próprio definiu, da *mudança em tempo aparente*<sup>5</sup>. Deste modo, abriam-se caminhos para a superação da dicotomia saussuriana sincronia / diacronia. Para Gregory Guy (1997: 125-127), a abordagem da Linguística feita a partir exclusivamente do estudo da *langue* (Saussure) ou da *competência* (Chomsky), em detrimento da *parole* ou da *performance*, levará à construção de um conjunto de pressupostos não observados no uso diário de uma língua:

One such obstacle arises when the distinction is used to devalue the richest source of empirical evidence about language, which is the vast continuous production of utterances and discourses by human speakers (...) often seen as not necessarily relevant to the development of linguistic theory, which is defined as treating competence. In this way evidence that might be brought to bear on a theoretical argument is treated with suspicion; and whenever usage facts contradict a theory, they are potentially dismissable as a 'performance phenomenon'. This leaves the discipline on a dangerously unempirical base. (...) When linguistic theory declares itself to be responsible only for *langue*, for competence, it leaves a vast territory of *parole*/performance uncharted.

A mesma abordagem tinha sido já defendido por Weinreich, Labov e Herzog (1968:100): "The generative model for the description of language as a homogeneous object is itself needlessly unrealistic (...). It seems to us quite pointless to construct a theory of change which accepts as its input unnecessarily idealized and counterfactual descriptions of language change"

Baseado nos pressupostos labovianos, Guy (1997) demonstra, ainda, a existência da *variação ordenada*, governada por princípios estruturais e regulares, e a falência de modelos que tentam excluir a heterogeneidade ordenada. De forma a inserir a variação e mudança no estudo linguístico, foi necessário superar a ideia da variação como livre e considerá-la como parte integrante do sistema linguístico, ao contrário da *invariância* preconizada pela visão estruturalista.

---

<sup>5</sup> O estudo da mudança linguística em tempo aparente é feito através de diferentes gerações, de forma a prever o comportamento diacrónico de um dado fenómeno.

Resultantes da aplicação dos pressupostos já mencionados emergem três áreas de estudo: a *Sociologia da Língua*, a *Sociolinguística*<sup>6</sup> e *Linguística Variacionista*, distinguíveis apenas pela forma como abordam os fenómenos linguísticos. Assim, a *Sociologia da Língua* tem como principal objectivo a análise da língua de um ponto de vista social, enquanto que a *Sociolinguística* visa o estudo das interacções dos factores sociais nos fenómenos linguísticos. Já a *Linguística Variacionista*, enquanto ramo da *Sociolinguística*, mantém as preocupações desta, colocando a ênfase na quantificação dos dados linguísticos e sociais. Em relação aos termos *Sociolinguística* e *Linguística Variacionista*, refere Schilling-Estes (2005: 203):

Of all the subfields of sociolinguistics, the study of linguistic variation is perhaps the one with the strongest emphasis on the “linguistic” side of “sociolinguistics”. While variacionists are indeed concerned with understanding social structures and forces, as well as with helping to effect social change, they are also vitally interested in furthering the scientific understanding of language.

Concluindo, a Linguística Variacionista não só trouxe novas questões aos estudos linguísticos, como novas metodologias, inserindo o tratamento estatístico na avaliação do estado de um dado fenómeno, de acordo com as variáveis externas e probabilidade de ocorrência do fenómeno num determinado contexto linguístico. O cálculo estatístico é, assim, fundamental para o trabalho variacionista, uma vez que nos afasta de considerações puramente empíricas e tendenciosas. O primeiro tratamento estatístico de unidades fonológicas do PE de que temos conhecimento foi feito por Morais Barbosa em 1965 [1983]: 223-229). Num breve capítulo intitulado «Quelques considérations d’ordre statistique», Barbosa apresenta “une idée approximative de la fréquence des phonèmes dans le discours” (*ibid.*, p.224) a partir da ocorrência de unidades fonológicas num extracto d’*O Primo Basílio* de Eça de Queirós, por considerar que este “comme reflétant très fidèlement des habitudes linguistiques propres à l’ensemble des individus cultivés” (*ibid.*, p. 223). A importância da frequência das unidades e padrões fonológicos será retomada ao longo do capítulo III. Unidades em análise.

No campo da variação fonético-fonológica, apesar de terem já sido elaborados inúmeros estudos variacionistas para o PB, o seu estudo para o PE encontra-se, ainda, muito circunscrito às zonas urbanas (Barros 1994;

---

<sup>6</sup> Como refere Chambers *et al.* (2005:5), “the term sociolinguistics had been coined a decade before Labov’s inaugural presentation, in 1952, by one Harver C. Currie, in a programmatic commentary on the notion that “social functions and significations of speech factors offer a prolific field for research”, with the baptismal zeal, Currie (1952:28) proclaimed “the field is here designated socio-linguistics”.”

Mascarenhas 1996; Rodrigues 2003) ou a comunidades rurais próximas de pólos urbanos (Cardoso 1999 e Santos 2003).

## **Linguística Variacionista e Dialectologia**

A Dialectologia surge, enquanto disciplina, na segunda metade do século XIX (Ascoli 1873, Wenker 1881), tendo como principal objectivo explorar, registar e, finalmente, mapear uma área geográfica a partir, principalmente, das diferenças lexicais e fonético-fonológicas ao nível regionais ou diatópico, tendo como informante ideal um falante rural, idoso e analfabeto. Apesar de já na tradição dialectológica se considerar a variação diastrática, esta nunca foi metodologicamente tratada. De facto, o objectivo da Dialectologia nunca foi traçar variáveis para definir o grau de importância das características sociais dos falantes de forma a isolar e justificar enunciados, mas registar as diferenças linguísticas existentes em e entre áreas geográficas.

Em Portugal, os primeiros trabalhos no campo da Dialectologia a abordar as diferentes áreas linguísticas (fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e léxico) surgem com Vasconcellos (1900, 1901, 1928, 1985). Já na década de 30, inicia-se, em Portugal Continental, uma recolha linguística feita a partir de questionários, impulsionada pelo *Centro de Estudos Históricos* em colaboração com o *Instituto da Alta Cultura de Lisboa* (Cintra 1983 [1995]:23-25), com vista à eliciação e posterior sistematização de elementos fonológicos, morfológicos, lexicais e sintácticos que permitissem a construção de um *Atlas Linguístico da Península Ibérica*. Estes inquéritos, imbuídos na tradição dialectológica, foram efectuados “por equipas de dois investigadores” e estruturados de acordo com pontos geográficos e características dos falantes “geralmente homens (...) que tivessem de 50 a 70 anos de idade, analfabetos e que tivessem nascido e residido sempre ou quase sempre na localidade; quanto à profissão, lavradores ou trabalhadores rurais.” (*ibid.*, p. 26). A mesma metodologia tinha sido já adoptada por Paiva Boléo nos “Esclarecimentos para o Inquérito Linguístico por Correspondência” (1974:31-32). Segundo Boléo, o inquiridor “(...) *deve interrogar um homem ou mulher do povo*, que satisfaça, tanto quanto possível, aos seguintes requisitos: não ser desdentado; ter nascido e vivido sempre na mesma terra (...); ser normalmente inteligente e, de preferência, analfabeto (...). A linguagem que deve ser estudada não é a das pessoas mais velhas (...), mas a da geração média - pessoas entre 40 a 60 anos.”

Paralelamente, um pouco por toda a Europa e América, efectuavam-se estudos no âmbito da Sociolinguística Urbana e Rural. Se a primeira tinha como principais preocupações o estudo da variação e mudança linguística

e as possíveis correlações com grupos étnicos e sociais, assim como as demais variáveis sociais, como o sexo ou a escolaridade; nos estudos sociolinguísticos das comunidades rurais observava-se a manutenção/preservação de características já assinaladas pelos filólogos e dialectólogos nos séculos XIX e XX. Se, no segundo quartel do século XX, “a dialectologia não dispunha, no momento em que se torna inadiável o estudo da estratificação linguística das comunidades, de quadro teórico ou metodológico que permitisse orientar os estudos linguísticos nessa direcção” (Santos 2003: 41), a linguística variacionista apoiou-se numa metodologia de recolha previamente estratificada e no tratamento estatístico dos dados, à luz dos modelos da Sociologia. Poder-se-á, assim, dizer que a Dialectologia e a Linguística Variacionista, apesar de se debruçarem sobre o mesmo objecto de estudo (a realização espontânea ou formal de uma determinada linguagem numa determinada comunidade), fazem-no aplicando metodologias diferentes<sup>7</sup>.

Não abordaremos as questões teóricas inerentes à utilização dos termos *dialecto*, *falar* e *variedade*, uma vez que esta temática foi já abordada por Vasconcellos (1901 [1970]), Boléo (1974) e, mais recentemente, por Santos (2003). Porque a análise fonológica será correlacionada com variáveis sociais, interpretadas no âmbito da Linguística Variacionista, chamaremos, doravante, *variedade* a todas as manifestações linguísticas, regionais e/ou sociais que coexistem com a variedade *standard* do PE, à semelhança da nomenclatura adoptada em Rodrigues (2003) Santos (2003)<sup>8</sup>.

### 1.3. Linguística Forense

A Linguística Forense é uma área dos estudos linguísticos relativamente recente, tendo-se desenvolvido principalmente em países como o Reino Unido, Austrália ou E.U.A. Este vasto campo de estudos tem como um dos objectivos o estudo das diferenças e/ou semelhanças entre diferentes *corpora*, a partir de uma perspectiva forense. Neste âmbito, debruça-se sobre questões de autoria e identificação de falantes, passíveis de constituir parecer ou prova em tribunal e investigações policiais. A análise do discurso oral ou escrito pode ser feita

---

<sup>7</sup> Relativamente às questões comuns abordadas pela dialectologia e pela linguística variacionista, e aos limites teóricos destas duas abordagens, refere Santos (2003:22): “Partilhando, pelo menos parcialmente, o objecto de estudo da investigação dialectal, a sociolinguística revela-se, no entanto, especialmente vocacionada para uma análise vertical das comunidades linguísticas, pelo que não integra, no seu interior e nos seus objectivos, o estudo pormenorizado da variação diatópica: o seu desenvolvimento não pressupõe, assim, o desaparecimento da dialectologia, mas a chamada de atenção para a complexidade do fenómeno da variação linguística vem pôr em causa, de modo muito directo, a validade e o alcance dos estudos anteriores.”

<sup>8</sup> Enquanto que em Rodrigues (2003:26) o termo adoptado é o de *variedade dialectal*, Santos (2003:164) alterna o termo *falar* com *variedade idiomática*.

através da observação (i) das características discursivas ou estilísticas, como o tipo ou género textual (Labov 1988; Shuy 1993; Coulthard 1994; Baayen *et al.* 2000; Coulthard e Johnson 2007: 54-70); (ii) dos aspectos gramaticais, como a construção de estruturas de coordenação e subordinação, inversão e ênfase (McMenamin 1993; Eagleson 1994; Baayen *et al.* 1996); (iii) dos aspectos morfológicos, como a marca do possessivo em Inglês (Eagleson 1994), o recurso a prefixos (Lentine e Shuy 1990) ou outras marcas morfológicas (Jensen 1995); (iv) e da análise da frequência lexical (Smith 1983; Tirvengadum 2000; Smith e Kelly 2002; Smith 1994). Para além destes aspectos passíveis de ser observados em ambos os discursos, a análise do discurso oral pode, também, ser feita através da observação de pistas acústicas (Nolan 1983, 1991, 1997, 2001, Baldwin e French 1990; Jones 1994; Rose 2006), como a frequência fundamental, a transição e formação dos formantes (Nolan 1994), ou a entoação (Nolan 2002); assim como pela análise de aspectos dialectais ou de variação linguística (Ash 1988; Jones 1994; Finegan 1997). Por outro lado, nos textos escritos podem ser observados aspectos ortográficos, como erros, acentuação e pontuação (Eagleson 1994), assim como a formatação (tipo e tamanho de letra, parágrafos) nos textos impressos; e a caligrafia nos manuscritos (Davis 1986; Found, Dick e Rogers 1994). A partir da análise linguística do texto oral ou escrito, é também possível apontar determinadas características do falante ou grupo de falantes: região de onde provém, sexo, idade ou grau de escolaridade, entre outras. Neste campo, tem sido determinante o contributo da sociolinguística (Ash 1988; Labov e Harris 1994, Jones 1994; entre outros).

A aplicação de técnicas de avaliação próprias da Linguística Forense foi fundamental, por exemplo, na resolução de casos como *Unabomber Manifesto*,<sup>9</sup> e na determinação de falsificação da confissão de William Power, membro do IRA (Coulthard 1994)<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> De acordo com Coulthard e Johnson (2007:162), entre 1978 e 1995 foram enviadas diversas bombas por correio dirigidas a funcionários de Universidades e companhias aéreas americanas (facto que motivou o nome Unabomber: Universities and airlines bomber). Em 1995, o presumível autor dos envios declara em carta aberta aos jornais que acabaria com os atentados se um manuscrito da sua autoria fosse publicado. Foi através da comparação desta publicação com outros textos que se descobriu a identidade do bombista.

<sup>10</sup> Segundo Coulthard (1994), o texto da confissão de William Power teria sido escrito colaborativamente, i.e., com declarações do próprio e com detalhes acrescentados por outrem.





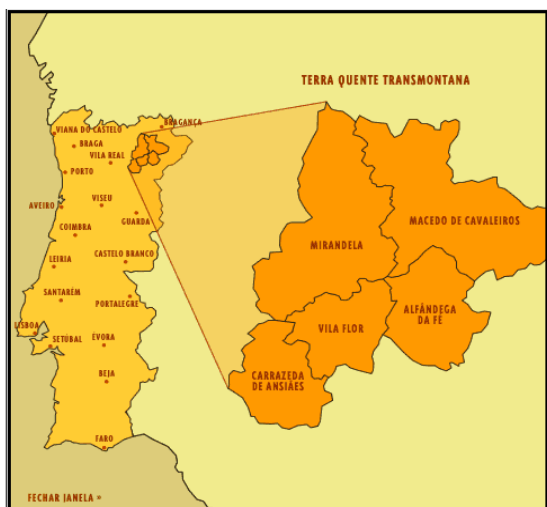
## II. Aspectos Geográficos e Linguísticos da Terra Quente Transmontana

*Trás-os-Montes é aferradamente conservador do passado (...) e, no meu parecer, mais que nenhuma outra província – encarados os arcaísmos no conjunto.*

*Vasconcellos (1942b:107)*

### 2.1. Aspectos Geográficos

Situada na *Área Primitiva do Galego-Português* (Teyssier 1990:7), a região da Terra Quente ocupa parte do Nordeste Transmontano, sendo constituída por cinco concelhos: Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros, Mirandela e Vila Flor (cf. Mapa2). Esta região é delimitada a Nordeste e a Este pela área de difusão do Mirandês e a sul pelo rio Douro, áreas linguísticas e geográficas que, como veremos, influenciam a manutenção de determinadas formas fonético-fonológicas e lexicais.



Mapa 1.- Terra Quente no contexto peninsular <sup>11</sup>



Mapa 2.- Terra Quente no contexto distrital<sup>12</sup>

A denominação *Terra Quente* tem origem nas características geográficas, climáticas e agrícolas desta região em particular, por oposição às restantes regiões (Cruz:2000). Apesar de actualmente assim delimitadas, Vasconcellos, na obra *Etnografia Portuguesa* (1942b:110-116), indica que parte dos concelhos de Carrazeda de Ansiães e de Macedo de Cavaleiros se enquadram na *Terra Fria*, uma vez que as características

<sup>11</sup> Imagem retirada de [http://www.terraquentedigital.espigueiro.pt/caracterizacao\\_tqt/janela\\_mapa.html](http://www.terraquentedigital.espigueiro.pt/caracterizacao_tqt/janela_mapa.html) (Junho 2007)

<sup>12</sup> Imagem retirada <http://www.mapadeportugal.net/distrito.asp?n=braganca> (Junho 2007)

geográficas, a cultura agrícola e o próprio vestuário se aproximam mais dos traços caracterizadores da denominada *Terra Fria*. A mesma exclusão é proposta por Cruz (2000) ao analisar dados geográficos e arqueológicos<sup>13</sup>. Apesar da referência a zonas frias e quentes na região transmontana remontar aos séculos XVII-XVIII (Vasconcellos 1942b:115), a sua delimitação geográfica varia em diversos estudos etnográficos, geográficos e arqueológicos. Como não é nosso objectivo debater tais delimitações, adoptaremos a terminologia e divisão regional comumente utilizada para referir esta área geográfica, tal como ilustrada nos mapas 1 e 2.

## 2.2. Aspectos Linguísticos

O historiador Oliveira Martins menciona na sua obra *História de Portugal* (1977:24) a importância da unidade política na uniformização de uma língua e, conseqüentemente, de um povo. Tendo o território português as suas fronteiras definidas desde 1297<sup>14</sup>, é natural que a variação linguística seja, de facto, muito ténue de região para região, quando comparadas com as variações regionais de outros países europeus, como a Espanha<sup>15</sup> ou a Itália. Também o registo precoce da língua portuguesa, então galaico-português, enquanto código escrito de textos oficiais poderá ter contribuído para a sua fixação. Como refere Ferreira (1987a:120), “a língua portuguesa surge-nos, pela primeira vez, num documento oficial de 1214 – o testamento de D. Afonso II – seguido de um rascunho de documento notarial - a Notícia de Torto (1214-1216)”. No entanto, a primeira gramática dedicada à língua portuguesa surge apenas no século XVI, motivada pela delimitação e posterior expansão do território nacional, a nível político e linguístico, por um lado; e pela tendência europeia de descrever os fenómenos das línguas vernáculas saídas do latim, por outro. De salientar que a taxa de alfabetizados da época concentrava-se em determinados grupos sociais, como o clero e a alguns estratos da nobreza e da burguesia emergente. Assim sendo, é natural que as diferenças entre o registo escrito e o oral fossem objecto de reflexão por parte dos humanistas da época, como João de Barros ou Fernão de Oliveira. Não obstante a relativa homogeneidade linguística de Portugal Continental, já referida, a primeira gramática portuguesa (Oliveira: 1536) regista a existência de diferenças diacrónicas, diastrácticas e regionais ao nível lexical:

---

<sup>13</sup> Neste trabalho, “o planalto de Carrazeda de Ansiães, embora posicionado geograficamente na grande mancha da Terra Quente, foi retirado da área de estudo pela sua extensão” e pela partilha de características da Terra Fria, o que levou, também, à exclusão da Serra de Bornes, no concelho de Macedo de Cavaleiros.

<sup>14</sup> Depois desta data não houve alterações nos limites fronteiriços, à excepção de Olivença em 1801.

<sup>15</sup> A heterogeneidade linguística do território espanhol é visível na existência de cinco línguas oficiais: o basco, o castelhano, o catalão, o asturiano e o galego.

cada hum fala como quem é: os bos falam virtudes e os maliciosos maldades; os religiosos pregam despezos do mundo e os cavaleiros blasonam suas façanhas.

Oliveira (1536 [2000:83])

E porém todas ellas ou são geraes a todos (...) ou são particulares: e esta particularidade ou se faz antre os officios e tratos, como os cavaleiros que têm huns vocabolos e os lavradores outros, e os cortesãos outros, e os mercadores outros; ou também se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira têm huas falas e os d'Alentejo outras. E os homens da Estremadura são diferentes dos d'Antre Douro e Minho, porque assi como os tempos, assim também as terras criam diversas condições e conceitos. E o velho, como tem o entender mais firme com o que mais sabe, também suas falas são de peso e as do mancebo mais leves.

Oliveira (1536 [2000:131])

É na região administrativa *Trás-os-Montes e Alto Douro* que foram delimitadas, desde cedo, áreas raianas com características linguísticas díspares das conhecidas para o Português falado no resto do território continental, como podemos constatar em Argote (1725:295-296): "(...) alguns lugares de Trás os Montes, e Minho nas rayas de Portugal, que são muyto barbaros, e quasi que se não pòdem chamar Portuguez, mas só os usa a gente rustica da quelles lugares". Já no século XIX, Vasconcellos define estas áreas raianas de *idiomas ou co-dialectos raianos*: "Nas aldeias de Rio-d'Onor e Guadramil descobri dois idiomas ou co-dialectos raianos, que chamarei *riodonórês* e *guadramilês*; em Sendim descobri o *sendinês*, sub-dialecto do mirandês"(1900:19)<sup>16</sup> e descreve pela primeira vez o mirandês Vasconcellos como língua (1901a [1993:73]): "o mirandês não é uma variante do português, porque encerra bastantes fenómenos que estão em contraste com os dêste, e muitos mais do que os que bastam para se delimitar um dialecto português." A este respeito, menciona Teyssier (1990:48) que, apesar das áreas geográficas que compreendem as áreas linguísticas mencionadas pertencerem à mesma área política do restante território transmontano, estas encontram-se separadas por uma fronteira linguística, uma vez que mantêm as características do leonês e não do galaico-português.

---

<sup>16</sup> Nesta obra encontramos uma descrição linguística da área geográfica que compreende o Mirandês ao nível fonético-fonológico, lexical, morfológico e sintático.

Assim, no que diz respeito às delimitações dialectais dentro do espaço administrativo Trás-os-Montes e Alto Douro, Vasconcellos (1901b [1970]:27) propõe a divisão do dialecto transmontano em: sub-dialecto raiano, sub-dialecto alto-duriense e sub-dialecto ocidental e central. Apesar de apenas a primeira ser identificada geograficamente, supomos que a região da Terra Quente Transmontana se inserirá nos sub-dialectos ocidental e central proposto por Vasconcellos.

Em 1974, Paiva Boléo apresenta as conclusões do Inquérito Linguístico, efectuado por correspondência, que visava o “estudo dos dialectos e falares portugueses” (*ibid.*, p. 323). Estas conclusões focam, sobretudo, diferenças regionais ao nível fonético, “visto serem mais expressivos, para a delimitação de fronteiras, dialectais que os de natureza lexical” (*ibid.*). No que diz respeito à região transmontana, o *falar transmontano* é dividido em quatro *sub-falares* (*ibid.*, p.330) o transmontano ocidental, o central, o oriental e o baixo transmontano, ocupando a região da Terra Quente parte das duas primeiras delimitações, tal como registara Vasconcellos.

Os termos *dialecto setentrional* e *dialecto centro-meridional* foram utilizados por Cintra (1983 [1995]) para demarcar áreas geográficas de Portugal Continental segundo traços linguísticos distintos.<sup>17</sup> Assim, o *dialecto setentrional* distingue-se, *grosso modo*, pela: (i) inexistência de oposição fonológica entre a fricativa labiodental e a oclusiva bilabial sonora; (ii) conservação do sistema de quatro sibilantes; (iii) conservação do ditongo crescente [ow]; (iv) monotongação do ditongo [ej]; (v) “pronúncia do *s* como *x* ou como *j*”; (vi) “pronúncia do *ch* como *tx* ou *tch*”. Os pontos (i) e (ii) foram, igualmente, assinalados por Boléo (1974) e Teyssier (1990) na delimitação linguística da área geográfica acima do Mondego. Dos aspectos gerais delimitadores dos dois *dialectos* peninsulares, aqui enumerados, ocupar-nos-emos apenas da pronúncia da fricativa [ʃ] como africada [tʃ], cuja descrição e análise retomaremos nos capítulos 4.1 e 7.1., respectivamente.

---

<sup>17</sup> Como é referido em Cintra (1971:99), a classificação dialectal presente nesta obra “afasta-se das anteriores (...) por admitir como necessária uma consciente e voluntária tentativa de simplificação, assente numa selecção prévia e numa hierarquização de um número relativamente pouco elevado de traços fonéticos entre os muitos de que nos podemos servir para caracterizar os dialectos ou falares portugueses.”

### III. Unidades em análise

Neste capítulo é feita a introdução teórica às seguintes unidades: grupos de segmentos (ponto 3.1.), sílabas (ponto 3.2.) e acentuação (ponto 3.3.). Faremos igualmente menção a trabalhos de frequência já realizados para o PE e aos *corpora* utilizados.

#### 3.1. Segmentos

Os segmentos fonológicos ou fonemas são a representação abstracta e subjacente das realizações fonéticas (os fones) de uma dada língua ou variedade. Os segmentos fonológicos podem ser divididos em dois grandes grupos: os [+consonânticos] e os [-consonânticos], traços representativos da obstrução [+consonântico] ou não [-consonântico] do ar egressivo pulmonar na sua passagem pela cavidade oral.

A divisão dos sons através de traços polares foi proposta por Jakobson, Fant e Halle (1952) e aperfeiçoada por Chomsky e Halle (1968). A partir desta divisão, os sons podem ser classificados como [±soante], [±vozeado], [±anterior], [±recuado], [±coronal], [±contínuo], [±lateral], [±nasal], [±alto], [±baixo], [±arredondado], [±estridente].

A classificação dos segmentos sonoros do Português por traços distintivos e as possíveis redundâncias nesta descrição podem ser consultadas, por exemplo, em Mateus (2003: 989-1009) e Mateus *et al.* (2005: 159-235).

Na nossa análise foram consideradas, para além das consoantes fonológicas /p,t,k,b,d,g,f,v,s,z,ʃ,ʒ,ʎ,n,l,r,m,n/ e das vogais fonológicas /i,e,ɛ,a,ɔ,o,u/, as vogais fonéticas [i̯, ɐ], resultantes de processos de centralização e subida de /e/, /ɛ/ ou /a/; as glides [j, w]; e as vogais nasais. A análise da distribuição dos segmentos quanto à sua frequência, tendo por base *corpora* do Português Europeu, foi já feita por Viana *et al.* 1996 e Vigário *et al.* 2005b, trabalhos que retomaremos no capítulo 6.1.

### 3.2. Sílabas

*Sillaba é ãa das quátro partes da nóssa  
Grammática que corresponde à Prosodia que  
quer dizer acento e canto*

João de Barros (1540: 62)

Como podemos pressupor pela citação, as primeiras referências a esta unidade prosódica para o Português remontam às gramáticas de Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540), tendo a primeira descrição dos seus constituintes para o Português sido apenas feita em 1883 por Gonçalves Viana<sup>18</sup>. Já em 1942, Rodrigo de Sá Nogueira na sua obra *O Problema da Sílabas* analisa, critica e compara diversas teorias para a explicação da sílaba, desde a *teoria de base vocálica* de Dionísio de Trácia à *teoria da inexistência da sílaba* de Rousselot, passando por Saussure e Grammont, entre outros. Não refere, no entanto, as teorias para a sílaba do Português suas contemporâneas<sup>19</sup>. Em 1965, Morais Barbosa explora a distribuição dos fonemas do Português a partir da sua posição na sílaba, apesar de não definir teoricamente esta unidade, baseando-se apenas na sua delimitação *auditiva*. No final do século XX, os trabalhos Mateus (1975) e Andrade (1977) analisam esta unidade fonológica a partir dos modelos generativos. Quanto aos estudos de frequência silábica, baseados em *corpora* do PE, destacam-se Andrade e Viana (1994), Vigário e Falé (1994) e Viana *et al.* (1996), baseados no *corpus Português Fundamental* (Bacelar 1987a); e Vigário *et al.* (2005), Frota *et al.* (2006), Vigário *et al.* (2006b), a partir de amostras do *corpus* do *Português Falado. Documentos Autênticos* (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e Instituto Camões). No campo da aquisição e desenvolvimento silábico de referir os trabalhos de Freitas (1997), Freitas e Santos (2001), Freitas *et al.* (2005), e Vigário *et al.* (2006a), entre outros.

Apesar de os falantes terem, em geral, noção da existência da unidade *sílaba* e da sua delimitação<sup>20</sup>, a sua definição teórica não é linear. De facto, na obra matriz da Fonologia Generativa, *The Sound Patterns of English* de Chomsky e Halle (1968), apesar de ser feita referência a esta unidade, o seu conceito não é aprofundado. Talvez por essa razão, a unidade fonológica *sílaba* é largamente analisada no modelo generativo multilinear,

---

<sup>18</sup> Para uma descrição mais detalhada sobre a presença dos aspectos prosódicos, nomeadamente a sílaba, nos textos gramaticais portugueses desde Fernão de Oliveira e João de Barros, veja-se Mateus (1996).

<sup>19</sup> A discussão deste trabalho de Sá Nogueira pode ser consultada em Barbeiro (1986).

<sup>20</sup> A capacidade de silabificar correctamente as palavras é, no entanto, superior em falantes alfabetizados. De acordo com Barbeiro (1986:154), a taxa de sucesso em testes de segmentação feitos a crianças é inferior quando estas ainda não frequentam a escola.

nomeadamente na teoria autosegmental. Neste quadro, a sílaba é uma unidade prosódica hierarquizada e estruturada, sendo os seus constituintes maiores o Ataque (A) e a Rima (R). Esta por sua vez divide-se em Núcleo (N) e Coda (C). Todos os constituintes silábicos (A, N, C) podem ser, ou não, ramificados. O único de preenchimento obrigatório é o Núcleo, que pode ser simples, i.e., preenchido apenas por uma vogal; ou complexo, i.e., preenchido por uma vogal e uma glide. Apesar de todos os segmentos [+consonânticos], no Português, poderem ocupar a posição de Ataque, havendo, no entanto, restrições fonotáticas à combinação destes segmentos, o preenchimento da Coda pode apenas ser feito por /l/, /r/ e /s/ (Mateus e d'Andrade 2000; Freitas 2001; Mateus 2001; Mateus *et al.* 2003). Ainda em relação a restrições fonotáticas na organização dos segmentos na sílaba, é salientar que em PE as estruturas silábicas do tipo CCV podem apenas ser preenchidas, em posição de ataque, por obstruintes (oclusivas orais e fricativas) e líquidas alveolares, respectivamente. Esta restrição vai ao encontro dos pressupostos teóricos do *Princípio da Sonoridade* Jespersen (1904), segundo o qual os sons, dentro da unidade sílaba, estariam organizados de acordo com a sua sonoridade: oclusivas < fricativas < nasais < líquidas < glides < vogais. Há, no entanto, combinações de elementos consonânticos em posição de Ataque, ao nível da realização fonética, que não obedecem ao *Princípio da Sonoridade*, como em *optar* ou *afra*. Estes casos foram assinalados, no PE, por Nogueira (1942:70), que os definiu como *elementos vocálicos de consoantes*.

A meu ver não há, pois, consoantes vogais, o que há são elementos vocálicos de consoantes; uma consoante só por si pode formar sílaba, sim, mas apoiada no seu elemento vocálico, como em *optar*, por ex., cuja divisão silábica nem é *op-tar*, nem *o-ptar*, mas *o-p-tar*, visto que as oclusões do p e do t provocam inevitavelmente a solução de continuidade da corrente expiratória.

Se para Nogueira os casos de combinação de consoantes com a mesma sonoridade eram possíveis por um destes elementos consonânticos accionar o seu *elemento vocálico*, i.e., funcionar como núcleo, como pode ocorrer na estrutura silábica do Inglês, Mateus (2001:13) propõe que, a nível fonológico, “existem núcleos de sílaba não preenchidos entre as duas consoantes, ou seja, **núcleos vazios**<sup>21</sup> que não têm realização fonética.” A análise dos resultados, apresentada no capítulo 3.2. Sílabas, tem como um dos pressupostos a existência de núcleos vazios ao nível fonológico, aos quais nos referiremos como *V-Slots*.

---

<sup>21</sup> Negrito no original.



### 3.3. Acento

O acento é uma das propriedades fonológicas que permite distinguir as palavras prosódias, obrigatoriamente acentuadas -apesar de nem sempre este acento ter representação gráfica- e os clíticos, desprovidos de acentuação própria.

A Língua Portuguesa é considerada uma língua de acento livre, ao contrário do Francês, uma vez que o acento em Português pode cair em qualquer uma das três últimas sílabas de uma palavra, podendo as palavras ser classificadas como oxítonas (ou agudas) se acentuadas na última sílaba; paroxítonas (ou graves), quando acentuadas na penúltima sílaba; e proparoxítonas (ou esdrúxulas) as acentuadas na antepenúltima sílaba, sendo estas as únicas que são sempre marcadas com acento gráfico.

Apesar de os falantes terem consciência da unidade sílaba enquanto constituinte menor de uma dada palavra, a percepção e identificação da sílaba acentuada levanta algumas dificuldades. Segundo Andrade e Viana (1989) e Delgado-Martins (2002), identificação da sílaba acentuada está intrinsecamente ligada com das propriedades acústicas, i.e., da maior intensidade e duração da sílaba acentuada quando comparada com as restantes. Já para Castelo (2005:169), concorrem para a identificação do acento aspectos lexicais, morfológicos e fonológicos, apesar de haver aspectos que favorecem o erro, como, por exemplo, a abertura (excepcional) das vogais átonas (em **república**<sup>22</sup>). Castelo (*ibid.*, pp. 171-172) acrescenta ainda que os falantes de PE sofrem de alguma “surdez acentual” na identificação da sílaba acentuada, provocada pela utilização de várias pistas linguísticas:

Their “*deafness*” may be characterized by the ability to correctly use a constrictive stress and, at the same time, the difficulty in *saying* which is the stressed syllable, in *making that knowledge explicit*. Their linguistic knowledge may allow subjects to use contrastively the primary stress without “hearing” the acoustic correlates of stress. Consequently, when the linguistic cues are contradictory, they can become confused.

---

<sup>22</sup> Negrito nosso.

Também a atribuição de acento a uma palavra depende da informação etimológica, lexical e da sua estrutura morfológica<sup>23</sup>, uma vez que este recai maioritariamente na última vogal do *radical*<sup>24</sup> nos nomes e adjectivos e na última vogal do *tema*<sup>25</sup> nos verbos, havendo, no entanto, palavras acentuadas na penúltima vogal do radical, como *linguística*.

Para mais pormenores sobre a análise fonológica do acento no Português (Europeu) veja-se Mateus (1983), d'Andrade (1988, 1992, 1997) e Pereira (1999). Recentemente, os trabalhos sobre a frequência dos diversos padrões acentuais no PE (Viana *et al.* 1996, Vigário *et al.* 2005b; Vigário *et al.* 2006a) constituem um marco importante no estudo deste aspecto da prosódia do PE, uma vez que corroboram os estudos teóricos com dados de frequência. No campo da percepção do acento primário por falantes do PE e do PB salienta-se o trabalho de Delgado-Martins (2002) e Castelo (2005).

---

<sup>23</sup> Como refere Vigário (2003:65): "Word stress assignment refers to the morphological structure of words (...). Given the generalization that stress is assigned to the last vowel of a nominal stem (e.g. Mateus 1983), stress is expected to be final in nouns with no overt class-marker, and prefinal in nouns with an overt class-marker. This entails that forms with antepenultimate stress are exceptional, and thus the final element of the relevant stems must be lexically marked in order not to receive word stress. However, this is only true for the noun system."

<sup>24</sup> Segundo Villalva (2003: 920), "os radicais simples são unidades lexicais portadoras de informação idiossincrática de natureza morfológica, sintáctica e semântica. Para além de outras propriedades, são especificados quanto à categoria sintáctica, quanto à classe temática e ainda quanto ao género, no caso dos nomes."

<sup>25</sup> O *tema* é definido por Villalva (2003: 925) como "a unidade morfológica que domina o radical e o constituinte temático, ou seja, o afixo que especifica a classe temática do radical."



## IV. Processos em análise

Neste capítulo abordamos alguns processos lexicais e pós-lexicais, de acordo com os pressupostos da fonologia lexical (Pesetsky 1979; Booij 1981; Kiparsky 1982; Mohanan 1986; entre outros), segundo os quais os processos lexicais operam ao nível das componentes lexical e morfológica, antes da aplicação de processos sintácticos; enquanto os fenómenos pós-lexicais ocorrem depois de operarem as regras sintácticas. Estes são, em geral, opcionais por oposição aos lexicais; não permitem excepções e podem ser sensíveis a pausas, ao contrário dos lexicais. Assim, no capítulo IV descreveremos três processos lexicais: no ponto 4.1.1 a manutenção da africada  $[\widehat{tʃ}]$ ; no ponto 4.1.2 a semivocalização das laterais nos pronomes/ determinantes; e no ponto 4.1.3 a centralização das vogais [-alt, -rec]. Finalmente, debruçar-nos-emos sobre duas instâncias de sândi externo: a realização da fricativa final seguida de segmento [-consonântico] (ponto 4.2.1) e a realização da nasal (ponto 4.2.2). Consideramos estes fenómenos uma instância de sândi externo, uma vez que nos dois casos se trata de um “fenómeno da fonética sintáctica em que um segmento inicial ou final de palavra é afectado pelo contexto em que ocorre, podendo apresentar diferentes realizações que dependem das características do som que antecede ou segue uma fronteira de palavra” (Xavier e Mateus 1990:327-328).

### 4.1. Manutenção da africada surda $[\widehat{tʃ}]$

Historicamente, a oposição existente no Português Antigo entre /tʃ/ e /ʃ/ deixou de se verificar na grafia desde o século XIII no sul do país (Vasconcellos 1901b [1970]; Boléo 1974; Pinto 1980/1981; Maia 1986; Castro 1991; Martins e Saramago 1993, entre outros), e na oralidade na “norma culta” no século XIX (Pinto 1980/1981), podendo, ainda hoje, ocorrer no Português oral do norte do país, mais concretamente na TQT, e no Mirandês (Martins 2005). Segundo os trabalhos dialectológicos e filológicos já mencionados, a realização da africada surda ocorreria no discurso oral, até meados do século XVIII<sup>26</sup>, em palavras grafadas com <ch><sup>27</sup>,

---

De acordo com Castro (1991:31), “Durante toda a Idade Média, e no período clássico, até ao século XVIII, existiu uma perfeita distinção no português entre as pronúncias de palavras com /tʃ/, que soava como africada, e palavras com /ʃ/, de realização fricativa. Foi também no português do sul do país que se desenvolveu a inovação que consistiu no desaparecimento da africada e na pronúncia de /ʃ/ como /tʃ/. Esta inovação relativamente tardia só é registada, no português padrão de Lisboa, em meados do século XVIII.”

<sup>27</sup> Segundo Maia (1983:469) a africada surda poderia ter sido igualmente grafada como <x> em textos galegos e lioneses.

derivadas dos grupos consonânticos latinos CL-, PL- , FL- em início de palavra. O grupo FL- evolui igualmente para africada em posição interior de palavra.

Note-se que a africada surda ocorre, ainda, de forma generalizada, no PB, mas por razões diferentes das da sua manutenção na zona regional em análise. A realização de  $\widehat{[tʃ]}$  no PB ocorre por influência da vogal [+alta] [+ant], i.e., a fricativa assimila a propriedade palatal da vogal /i/, enquanto que a realização da africada na TQT será uma reminiscência do Português Antigo e terá realização em vocábulos grafados com <ch>, cujo étimo derivará dos grupos latinos acima descritos.

Relativamente à manutenção da oposição entre  $\widehat{[tʃ]}$  e  $[ʃ]$ , os dados recolhidos não demonstram a sua existência, como veremos no capítulo 4.1. Manutenção da africada surda  $\widehat{[tʃ]}$ ; o que se constata é a ocorrência da africada cristalizada lexicalmente. Lembramos, também, que a existência de variação fonético-fonológico poderá não ser apenas motivada por factores intrinsecamente *sonoros* mas por factores morfológicos e de frequência. Como veremos na análise deste fenómeno, também a influência do legado diacrónico poderá ser determinante na manutenção de um fenómeno. De acordo com Pinto (1980/1981), que apoiou os seus estudos no Inquérito Linguístico Boléo (1975) e realizou inquéritos em diversos concelhos de Trás-os-Montes, nomeadamente nos concelhos de Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Alfândega da Fé e Carrazeda de Ansiães, a manutenção da africada era visível em redutos lexicais, como *chuva, chocar, chave* e *chaminé*, itens lexicais que serviram de base ao inquérito, principalmente na zona à volta e acima do Mondego. Refere, no entanto, que, apesar das fronteiras deste fenómeno se manterem quase estacionárias de 1950 a 1973, “por toda a parte na área de *č* nota-se uma tendência para a realização fricativa, já bastante acentuada e que anuncia um processo de lento desaparecimento da africada” (*ibid.*, p.151).

## **4.2. A semivocalização das laterais**

A semivocalização da lateral /l/ em coda em vocábulos latinos (como em ALTERO>outro) remontará ao século X ou XI, como referem Vasconcellos (1901b[1970]), Piel (1932) e Maia (1986). Actualmente, não existem casos de semivocalização da lateral em coda no PE, excepto em algumas zonas do Alto Minho (Cintra 1983 [1995]:132), ao contrário do verificado para o Português do Brasil, doravante PB, onde este fenómeno é comum (Oliveira 1983; Hora 2006). No caso concreto das realizações em análise - as formas *eles, aqueles*,

*deles, naqueles* - a vocalização da lateral não é feita com a glide posterior, como no galego-português (Maia 1986:497) e no PB, mas com a anterior. Este fenómeno é, igualmente, distinto do observado no Inglês Australiano, em que a lateral velariza (*milk*>*miwk*), uma vez que neste, como refere Borowsky & Horvath (1997:106): “(...) there are not vocalized /l/'s in onset position, or intervocalically”.

Será esta vocalização a aplicação da mesma regra que fez cair, no Português Antigo, a lateral latina intervocálica em vocábulos como *sair* ou *cor* (apesar de se ter mantido por via erudita em palavras como *escola*), i.e., decorrerá esta realização de uma síncope da lateral e da posterior inserção da semi-vogal [j] para quebrar o hiato em *ees*, ou será esta realização decorrente de um fenómeno mais restrito? Note-se que este fenómeno apenas ocorre em posição intervocálica, quando o pronome/determinante é masculino plural, i.e., *eles*>*eis*, *aqueles*>*aqueis*, *deles*>*deis*, *naqueles*>*nasqueis*.

Segundo Maia (1983) e Martins (2005), *el* era a forma arcaica do pronome *ele*, o que coloca a lateral numa posição de coda, passível de semivocalizar. A forma *el* e *él* mantém-se ainda no mirandês e castelhano, respectivamente, a partir da qual se formaram as formas de terceira pessoa do plural: “*eles*, *eis* (português antigo e dialectal), *elas* formaram-se analogicamente a partir das formas do singular *ele*, *el*, *ela* mediante a admissão do morfema *-s*, marca de plural” (Castro 1991:214). Também segundo Vigário (2003:75) “the underlying form of the nominal plural suffix is /s/ rather than /es/”, uma vez que a sequência \*/ls/ (em *papels*, por exemplo) não é permitida em Português. Assim, nestes pronomes e determinantes o que ocorre é a assimilação, por parte da lateral, do traço de recuo da fricativa, semivocalizando. A semivogal, por sua vez, forma um ditongo com a vogal precedente, como acontece em *papel*>*papéis* ou *pincel*>*pincéis*. Em formas como *eles* ou *aqueles*, o contexto é propício à realização da semi-vogal; em *elas* ou *aqueelas* há uma vogal entre a lateral e o morfema de pessoa que impede a semi-vocalização da lateral. À predisposição contextual para a semivocalização da lateral verificada em palavras como *eles* ou *aqueles*, acrescenta-se a elevada frequência das formas pronominais e determinantes, sujeitas, por isso, a redução. Como refere Vigário (2003:307) “reduction phenomena seem to be specific of only a very small set of highly frequent words. These words may undergo autosegmental and segmental deletions, semivocalization, monophthongization, and destressing.”

Concluindo, o fenómeno de semivocalização aqui descrito resulta da conjugação de aspectos fonológicos e morfológicos aplicados a itens lexicais de alta frequência (*eles*, *aqueles*, *deles* e *naqueles*), uma vez que a lateral apenas semivocaliza em contacto com o morfema de número quando o lugar para o marcador de género não é preenchido.

### 4.3. A centralização das vogais [-rec, -alt]

A centralização das vogais [e] e [ɛ] em, por exemplo, t[e]lha > t[ɛ]lha, é um fenómeno comum no Português, por vezes atribuído à *linguagem popular* (Cruz 1991: 22). De acordo com Mateus (1975 [1982]:34-35), a centralização afecta vogais médias recuadas seguidas de segmentos palatais, quer sejam (i) em sílaba (não) acentuada seguidas de glide palatal ou (ii) em sílaba acentuada seguidas de outro segmento palatal. Para d'Andrade (1994), a centralização de /e/ pode ocorrer em sílaba acentuada (i) quando seguida de glide palatal ou (ii) de consoante palatal. A possível centralização de /ɛ/ não é considerada. Já Vigário (2003) propõe a separação do fenómeno de centralização em dois: (i) a centralização tautossilábica, que ocorre quando o segmento /e/ partilha a mesma sílaba com uma glide palatal, em sílaba (não) acentuada e (ii) a centralização heterossilábica, que ocorre quando a /e/ é seguido por um qualquer segmento palatal desde que heterossilábico, i.e., desde que não pertença à mesma sílaba.

Os dados da recolha de *corpus* por nós realizada mostram o fenómeno de centralização observado na TQT em, por exemplo, *movimento* > *movimanto*, é um fenómeno distinto da centralização por influência de um segmento palatal. Veja-se que na TQT a palavra *telha* é pronunciada como t[e]lha (e.g. *era um depósito de material tijolos cimento telha* IAM4), não se tendo verificado a inserção da semi-vogal.

Como veremos, a centralização das vogais [-rec, -alt] em, por exemplo, *sente* > *sante*, está intrinsecamente relacionada com a presença do traço [+ nasal], quer na vogal que centraliza, quer na consoante seguinte. Apesar de se tratar de fenómenos distintos, de notar que a nasal seguinte foi também responsável pelo fechamento da vogal anterior na passagem do latim para o português (Williams 1991:104) e, segundo Clarinda Azevedo Maia (1986:313), no século XIV, “a seguido de nasal não só era realizado como mais fechado, mas mais ou menos nasalizado.”

### 4.4. Segmentos Fricativos – Introdução

A conservação de um sistema de quatro sibilantes [ʃ, ʒ, s, z] tem sido, desde as primeiras investigações dialectológicas, abordada como marcador linguístico de divisão geográfica e isolamento da zona norte do país relativamente à norma. Segundo Lindley Cintra (1971, 1983 [1995]), é a realização ou não das quatro

sibilantes, características do Português Antigo, aspecto que permite a distinção entre o dialecto transmontano-altominhoto e o dialecto baixo-minhoto-duriense-beirão:

A unir os primeiros dialectos temos um traço fundamental: a existência de um sistema de quatro sibilantes: [ʃ] e [ʒ] ápicoalveolares (correspondentes aos grafemas s e ss), característicos de todos os falares setentrionais, opondo-se a e convivendo com o [s] e o [z] predorsodentais (correspondentes aos grafemas ce,i, ç e z). Isto é, (...) a conservação do sistema de sibilantes mais antigo, de aquele que está na base de todos os outros que encontramos no território galego-português(...). Nos segundos, o sistema de quatro sibilantes aparece-nos por toda a parte reduzido a um sistema de duas, as ápicoalveolares, características dos dialectos setentrionais.

Cintra (1971:110)

Da análise do *corpus* recolhido, verificamos que a convivência entre ápico-alveolares e predorsodentais continua a existir, mas não observamos casos em que estas se opusessem fonologicamente, como descrito em Andrade e Slifka (2006) no estudo fonético das sibilantes em Travanca - Beira Alta<sup>28</sup>. No entanto, apesar de não termos observado a existência de oposição fonológica entre as ápicoalveolares e as predorsodentais na TQT, não eliminamos a possibilidade de haver oposição entre estes dois grupos de fricativas em algumas zonas da TQT, uma vez que seria necessário avaliar a produção de pares mínimos de forma isolada e em texto oral, e submeter essas produções a uma análise espectrográfica, o que não era nosso objectivo.

#### **4.4.1. Fricativas em posição final**

Em posição final de sílaba, as consoantes fricativas [+ coronais] ([s],[ʒ],[ʃ],[z]), no Português, neutralizam-se, ao contrário do que acontece noutras posições, em que contrastam. A especificação do segmento fonológico /S/ neste contexto é feita de acordo com a qualidade do segmento seguinte. Assim, de acordo com o descrito

---

<sup>28</sup> Segundo Andrade e Slifka (2006), na comunidade de Travanca – Beira Alta os itens *maça*/*massa*, por exemplo, são produzidos com fricativas diferentes: [s] e [ʃ], respectivamente. Para além deste aspecto ao nível das características acústicas, também a identificação dos referentes, neste caso, *maça* e *massa* é feita através da qualidade da fricativa.



para o PE *standard* quanto à realização das fricativas finais (Mateus e Andrade 1975 [2002]; Mateus *et al.* 2005; entre outros), considera-se que: o segmento fricativo se realiza como (i) [ʃ] quando seguido de consoante surda ou pausa; (ii) [ʒ] quando seguido de consoante sonora; (iii) [z] quando seguido de segmento [-consonântico]. No entanto, tanto quanto sabemos, em determinadas zonas do país, nomeadamente na TQT, a fricativa seguida de segmento [-consonântico] não tem realização como [+anterior, vozeda], mas como: [-anterior] [vozeda], i.e., num sintagma fonológico como, por exemplo, *aqueles horários* (VAF2), a realização da fricativa não será *aquele[z]horários*, mas *aquele[ʒ]horários*. Assim, nesta zona, a especificação da fricativa parece não depender do traço [ $\pm$ consonântico], mas apenas do traço [ $\pm$ vozeado]. Por outro lado, a especificação da fricativa parece ocorrer apenas dentro da classe fonológica das fricativas com o traço [+alt], sendo a especificação da fricativa, na TQT, mais económica que nas restantes variedades do PE, onde ao grupo das [- anteriores] se acrescenta a especificação de /S/ como [+anterior] quando seguida de segmento [-consonântico].

Apesar do mencionado, a análise do *corpus* recolhido revelará que a especificação de /S/, nesta região, não é categórica, como inicialmente pensámos. Este aspecto é retomado no ponto 7.4.

#### **4.4.2. Ressilabificação**

A ressilabificação é um processo fonológico, comum nas línguas românicas, que poderá ocorrer (i) no interior da palavra, sendo neste caso um fenómeno lexical (como em, põe exemplo, *desenrolar*), ou (ii) entre a coda de fronteira final de palavra e a posição vazia de ataque da palavra seguinte, desde que a posição de núcleo esteja ocupada, sendo, neste caso um fenómeno pós-lexical, como em, por exemplo *vais enrolar*. O processo de ressilabificação está descrito para as línguas românicas em geral (Nespor e Vogel 1986; e Vogel 1986). Para o Português, realçam-se os trabalhos de Frota (2000) para o PE e Tenani (2002) para PB. A propósito da ressilabificação em interior de palavra veja-se Vigário (2003).

Uma vez que a realização das fricativas em final de palavra depende das características do segmento que segue e é sensível não só a pausas como à velocidade da fala, não tendo o mesmo comportamento da fricativa em final de sílaba dentro da mesma palavra prosódica, não estamos perante um processo lexical, mas pós-lexical. Assim se explica por que é que, nesta região, o comportamento da fricativa em final de palavra é

diferente do seu comportamento em final de sílaba: na palavra prosódica *desenrolar* a fricativa é realizada como de[z]enrolar; e no sintagma fonológico *podes enrolar* a fricativa é realizada como pode[ʒ]enrolar. Como a afixação e os processos fonológicos que actuam na passagem da fricativa de coda para ataque da sílaba seguinte em *desenrolar* não ultrapassam o nível da palavra prosódica ( $\omega$ ) e ocorrem na componente lexical, não se verifica a realização da fricativa como [ʒ], uma vez que a realização desta apenas ocorre no nível pós-lexical e não no nível morfológico-lexical. Assim, em *desembrulhei as ofertas*, há aplicação de uma regra fonológica lexical em *de[z]embrulhei*; e de uma regra fonológica pós-lexical em *a[ʒ]ofertas*.

O processo de ressilabificação está dependente não só do contexto fonológico (posição de Ataque vazia), mas também do contexto prosódico, i.e., dos limites prosódicos, estando estes, por sua vez, dependentes do ritmo de fala. A este propósito refere Vigário (2003:356)

Sensitivity to speech rate may be, at least partially, a consequence of the sensitivity of prosodic constituents to speech rate: if a process applies within a given prosodic domain, and if that domain may be smaller or larger depending on the speech rate, then sensitivity of that process to speech rate may result from the variability of the prosodic domain limits.

Os limites prosódicos deste fenómeno têm sido objecto de análise e discussão de diversos estudos, dos quais destacamos os relativos ao PE (Frota 2000); ao PB (Bisol 1999, Tenani 2002, 2006; e Collischonn e Costa 2003); e ao galego (Fernández Rei 2002).

Para Collischonn e Costa (2003), a ressilabificação das laterais no PB<sup>29</sup> não ultrapassa o limite de Enunciado (U<sup>30</sup>), registando-se apenas 22% de ressilabificação dentro do domínio de U, sendo a ocorrência de ressilabificação da lateral, no PB, menor em Sintagmas Entoacionais<sup>31</sup> (I) (46%) do que em Sintagmas Fonológicos ( $\phi$ )<sup>32</sup> (58%). No entanto, para Tenani (2006:124), a ressilabificação ultrapassa unidades como o sintagma fonológico, podendo ultrapassar o Sintagma Entoacional (I) ou o Enunciado (U): “o sândi externo em

---

<sup>29</sup>A ressilabificação da lateral final no PB ocorre apenas quando não se verifica a semivocalização da mesma. Quando esta semivocaliza, é realizada como posterior: *qual é > qua[w]é*. Neste estudo foram utilizados informantes de Porto Alegre.

<sup>30</sup>Constituinte prosódico maior, formado por todos os Sintagmas Entoacionais.

<sup>31</sup>Constituinte prosódico constituído por sintagmas fonológicos e delimitado por pausas. Estas dependem do tamanho dos constituintes, velocidade da fala, e interacção com factores semânticos e sintácticos (Nespor e Vogel 1986).

<sup>32</sup> Constituinte prosódico formado por uma cabeça lexical e a sua projecção máxima, à semelhança da constituição de um sintagma.

PB ocorre entre todas as fronteiras prosódicas, inclusive entre Us (...). Somente a pausa inibe o sândi (...), pois a presença de pausa desfaz a adjacência entre os domínios e, conseqüentemente, o contexto de aplicação de regras de sândi externo.”

Para o PE, os estudos de Frota (2000) demonstram que a ressilabificação de /S/ em coda de sílaba final é um fenómeno sensível à fronteira de I: “The shandhi phenomenon of Fricative Voicing is sensitive to phonological phrasing, as it applies cross words ( $\omega$ ) within the domain of  $I^{max}$ , that is defined as the I domain that is dominated by the prosodic category of the immediately higher level.” (*ibid.*, p. 73). Também para o galego (Fernández Rei 2002:284) se concluiu que “tanto a sonorización como a coalescência ou a elisión fornecen evidencias da existêncía destes domínios prosódicos compostos, xa que, como se comprobou, calquera deses três procesos actúan no âmbito de  $I^{max}$ , pèro en ningún caso podem traspasa-la fronteira entre Us.”

Observe-se no seguinte exemplo:

(2) *ia às aulas porque chumbava por faltas*<sub>1</sub> [*e justificava algumas mas andaba sempre no limite*]<sub>1</sub> (VAM1)

[3]

[ʃ]

[3]

Em (2), a ressilabificação ocorre apenas dentro da fronteira de I. A realização da fricativa em *faltas* é feita como se fosse seguida por pausa e não por segmento [-consonântico]. Assim, torna-se claro que o limite de Sintagma Entoacional, apesar de variável conforme a velocidade do discurso, é determinante para a realização da fricativa como surda.

Há, ainda, outros casos em que não se verifica a ressilabificação, não por influência das fronteiras prosódicas, mas por fusão de fricativas quando uma se encontra em final de palavra e outra em início de palavra (Andrade e Rodrigues 2004, Rodrigues 2003, Freitas e Rodrigues 2003). Assim, em *a lenda dos cabaleiros das esporas douradas* (AAM1), há a supressão da vogal átona seguida de fricativa em *esporas*, realizando-se *das esporas* como [dɐʃˈpɔrɐʃ], ao contrário do que aconteceria, por exemplo, na região de Braga, como descrito em Rodrigues (2003) e Freitas e Rodrigues (2003), em que a vogal <e> seria realizada<sup>33</sup>. Segundo estas autoras, no PE standard, palavras como *esporas* ou *estrada* apresentam, na sílaba inicial, um núcleo vazio

<sup>33</sup> Segundo Freitas e Rodrigues (2003:62), “the speakers from Braga produce the words of type a. [escola, espécie, estar, estrela, esfriar] with word initial vowel much more often than Lisbon speakers; the production with a word-initial vowel in these words is virtually absent in Lisbon, although some residue forms arrive in reading tests.”

seguido de segmento fricativo, cuja realização depende de variáveis externas, como o sexo do falante, a idade, e a sua proveniência, entre outras (*ibid.*, p. 66):

We may conclude, then, that initial empty nucleus words (i.e. *escola* 'school') are subjected to an on-going change process in EP. Although they still admit production with empty nucleus filling in some varieties of the language (namely in Braga), and in some speakers (men more than women, low educational level more than high educational level, old speakers more than young speakers), and speech styles (more in reading tasks than in informal talk), the standard variety of the language tends to present no filling of initial empty-nucleus position before /S/.

No entanto, também a análise fonética do fenómeno de sândi consonântico (/S#s/) em Andrade e Rodrigues (2004) demonstra que “a fronteira de frase entoacional (I\_P) é a única condição em que não há nenhuma ocorrência de fusão” Andrade e Rodrigues (*ibid.*, p. 9).

No *corpus* recolhido na TQT, a realização da vogal [i] em /S#[i]\_/foi apenas feita uma vez por uma falante analfabeta de Mirandela: *nós estamos* (MNF4), o que corresponde ao perfil de falantes produtores desta vogal neste contexto, como descrito em Freitas e Rodrigues (2003). Nos restantes falantes, esta vogal, em sílaba inicial fechada por fricativa, nunca é realizada, havendo apenas a realização de um segmento fricativo, por assimilação total das duas fricativas adjacentes, uma vez que, de acordo com *Princípio de Contorno Obrigatório* (Leben 1973, Goldsmith 1976), não são permitidos elementos idênticos em adjacência. Estas ocorrências não foram contabilizadas, uma vez que, nestes casos, não há ressilabificação.

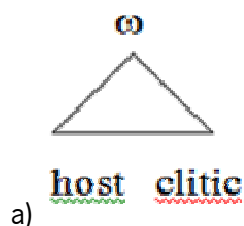
#### 4.5. Sândi externo envolvendo a realização da nasal final

*A novilha vou buscar:  
Viste-ma tu ca andar?  
- Não na vi esta somana.  
(Gil Vicente, Tragicomédia. da  
Serra da Estrela)*

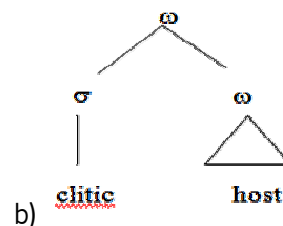
No Português Europeu as realizações associadas à sequência verbo + pronome acusativo são consideradas casos de idiosincrasia fonológica (Vigário 1999:228-230 ; 2003:129-131, 144-147), uma vez que o pronome em ênclise assume diferentes formas lexicais, de acordo com a qualidade fonológica do segmento final do verbo. Assim, nos casos em que o verbo termina em vogal, o clítico pronominal (o/a/os/as) não sofre alterações. Se o verbo terminar em consoante, o clítico pronominal assume a forma alomórfica *-lo, -la, -los, -las*, e a consoante final é elidida, como em *comíamos a merendinha > comíamo-la no campo* (MNF4). Se o verbo precedente terminar em ditongo nasal, o clítico pronominal realiza-se como *-no/-na/-nos/-nas*, como em *agora botaram o castelo abaixo > botaram-no abaixo* (AAM2).

O clítico é considerado um elemento híbrido porque se comporta como uma unidade morfológica semelhante aos afixos que, por não ter autonomia fonológica, necessita de um item lexical acentuado como hospedeiro; e como uma unidade sintáctica permeável à contracção e ao movimento e, conseqüente, opcionalidade, na posição que ocupa na frase (Vigário 2003, Camacho 2006).

Sabendo que a posição do clítico em relação ao hospedeiro varia, concorrendo para isso diversos factores, como a natureza ou a posição dos clíticos, Vigário (2003) propõe duas configurações para a relação fonológica entre clítico e hospedeiro. Assim, na configuração a) o enclítico, assim denominado porque se situa depois do hospedeiro, forma com este uma única palavra prosódica. Em b) o proclítico, situado antes da palavra prosódica hospedeira, liga-se indirectamente a esta, como um adjunto, para formar uma palavra prosódica.



*agora botaram-no abaixo* (AAM2)



*sou eu que as faço* (VAM4)

O fenómeno de sândi externo envolvendo a nasal final, que aqui abordamos, descrito como sendo um fenómeno de fonética sintáctica comum no galego-português e no leonês (Maia 1986:671-672), apesar de apresentar semelhanças lexicais com a realização alomórfica do pronome quando precedido de verbo terminado em segmento nasal (configuração a), afasta-se desta descrição por nem sempre ocorrer entre verbo e clítico pronominal em ênclise, mas entre o hospedeiro, que poderá ser verbo, advérbio, pronome ou preposição; e o clítico ,pronome ou artigo: *a correrem no cão* (ANF4); que lhe **chamam no** trobisco (AAM3), *alegria quem na tiber* (IAM4). Sabendo que (i) os pronomes clíticos em ênclise se distinguem dos artigos por partilharem “propriedades fonológicas idiossincráticas” com os hospedeiros verbais, nomeadamente a actualização fonológica de acordo com as terminações do hospedeiro, fenómeno que não ocorre com os artigos (Brito, Duarte e Matos 2003: 826-867); (ii) os artigos se ligam à palavra que os segue (*ibid.*), (iii) os clíticos pronominais precisam sempre de um hospedeiro verbal, e (iv) apenas os clíticos pronominais pós-verbais podem ser considerados enclíticos<sup>34</sup>, consideramos que o fenómeno de sândi ocorre em clíticos que, apesar de estabelecem uma relação de adjunção com o hospedeiro à direita, sendo, por isso, proclíticos, são afectados, na maioria dos casos, pelo segmento [+nasal] presente na Coda do item lexical precedente, ressilabificando, assim, com o item lexical precedente

Como veremos no capítulo 7.5 para a realização do fenómeno de sândi nasal poderá concorrer: (i) a presença do traço [+nasal] em coda final do item lexical que precede o clítico; (ii) a categoria gramatical do item precedente e do clítico. Assim, ao contrário do verificado para a ressilabificação da fricativa, este fenómeno de sândi não pode ser analisado como um fenómeno pós-lexical, uma vez que não se aplica independentemente da classe gramatical, mas como um fenómeno lexical que ocorre entre itens lexicais, cujas regras de aplicação se regulam pelo postulado para as *precompiled rules*<sup>35</sup> (Kaisse 1990; Hayes: 1990; Vigário 2003: 12.13; 145-147).

---

<sup>34</sup> Segundo Vigário (2003:195), “besides postverbal pronominal clitics, EP stressless words are not enclitic. In other words, when function words are clitic in this language they must be proclitic.”

<sup>35</sup> Conjunto de regras lexicais que se aplicam entre palavras. Segundo Vigário (2003: 13), caracterizam-se por (i) precederem as regras da fonologia lexical e as regras morfológicas e (ii) antecederem as regras pós-lexicais; (iii) poderem-se referir a propriedades de itens ou classes de itens (iv) serem sensíveis a informações sintácticas, como categorias vazias ou vestígio; (v) não serem graduais.



## V. Metodologia

Neste capítulo fazemos uma breve descrição de alguns *corpora* disponíveis para o PE (secção 5.1.), seguida da menção ao *software* utilizado na extracção de dados e tratamento estatístico (secção 5.2.) e da descrição dos aspectos metodológicos adoptados na recolha e tratamento do corpus TQT: os falantes (secção 5.3.), as condições de recolha do *corpus* (5.4. A recolha de *corpus* 5.4.), e a transcrição ortográfica (secção 5.5.). Descrevemos também as variáveis externas e internas consideradas para análise das unidades e processos fonológicos (secções 5.6. e 5.7.).

### 5.1. A utilização de corpora

O recurso a *corpora* escritos ou orais (transcritos ou não) é essencial em áreas como a Dialectologia, a Variação Linguística e a Linguística Forense. Para além da sua utilização nestas áreas, o crescente interesse na sua aplicação em áreas como a Fonologia, a Sintaxe e a Semântica, levou à constituição, tratamento e anotação de *corpora* para investigação. Assim, para o PE, é possível aceder livremente a *corpora* orais transcritos, com ou sem anotações<sup>36</sup>, dos quais destacamos: (i) o *Corpus do Português Fundamental*, e (ii) o *corpus* Português Falado - Variedades Geográficas e Sociais, que descrevemos nesta secção. Fazemos, igualmente, referência às razões que nos levaram à recolha de um *corpus* de fala da Terra Quente Transmontana (TQT). A descrição metodológica adoptada na recolha, transcrição e análise deste *corpus* é feita nas secções seguintes.

#### 5.1.1. *Corpus* do Português Fundamental

Recolhido entre 1970 e 1974, na linha do *corpus* do Francês Fundamental, este *corpus* oral é constituído por 1800 entrevistas “em situação de comunicação oral espontânea” (Bacelar *et al.* 1987:4) de extensão semelhante, disponíveis em registo áudio e escrito. O tema das recolhas estava sempre ligado à vida quotidiana do informante. Na codificação da entrevista podemos obter as seguintes informações: informação

---

\* Veja-se, por exemplo, o *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (Cordial-Sin), constituído para o estudo de aspectos sintácticos, disponível com ou sem anotações (morfo)ssintácticas em [www.clul.ul.pt](http://www.clul.ul.pt).



relativa ao entrevistador (código, faixa etária, sexo, categoria profissional, nível de instrução e naturalidade (distrito)), e ao entrevistado ou informante (naturalidade, idade, sexo, grupo profissional, nível de instrução, e influência linguística anterior). Nesta recolha, privilegiou-se a análise lexical, pelo que a recolha não está equitativamente distribuída por sexo, idade, nível de instrução ou grupo profissional.

Quanto à metodologia adoptada na transcrição das entrevistas, adoptou-se a *ortografia oficial* e não se transcreveram formas incompletas cuja reconstituição suscitava dúvidas. Transcreveram-se: (i) as repetições lexicais; (ii) a aférese em *ainda>inda*, (iii) a prótese em, por exemplo, *receber>arreceber*; (iv) formas livres, como *loíça/louça*; (v) formas reduzidas do verbo estar; (vi) variantes de formas verbais, como *samos*. As palavras estrangeiras, quando pronunciados como tal, foram transcritas na língua de origem. As siglas foram transcritas como tal. Optou-se, também, por pontuar o texto oral transcrito.

Para uma consulta exhaustiva de todos os aspectos metodológicos relativos à transcrição, veja-se Bacelar *et al.* 1987a. Nesta obra pode, também, ser consultada a reprodução textual das entrevistas.

### **5.1.2. Corpus Português Falado - Variedades Geográficas e Sociais**

Constituído por dados orais dos países da CPLP, Goa e Macau, este *corpus* está disponível em CD-Rom (*Português Falado - Documentos Autênticos: Gravações áudio com transcrição alinhada*) ou no sítio [www.clul.ul.pt](http://www.clul.ul.pt) (Maio 2008). Contém 86 gravações (8h e 44m de gravação), recolhidas entre 1970 e 2001. Esta recolha foi feita com 94 falantes cuja caracterização (naturalidade, nível de instrução, sexo, idade e profissão) pode ser consultada no cabeçalho. As conversas podem ter um registo informal ou formal. No caso deste *corpus*, é possível aceder online ao suporte áudio e à transcrição do mesmo. A transcrição foi feita tendo em consideração as convenções ortográficas do PE, havendo, no entanto, notas relativas a formas fonéticas no cabeçalho do texto. Em alguns casos foram utilizados os sinais de pontuação, nomeadamente para assinalar reformulações.

No capítulo VII retomaremos alguns trabalhos desenvolvidos a partir da análise destes *corpora*, nomeadamente Frota *et al.* (2006) e Vigário *et al.* (2006b) para a análise de frequência de segmentos e distribuição de acento; e para a distribuição dos tipos silábicos mais comuns.

### **5.1.3. *Corpus* TQT**

Como nenhum dos *corpora* acima mencionados dispunha de um número de recolhas suficientes na região em estudo, decidimos formar o nosso *corpus*, doravante *corpus* TQT. A metodologia utilizada na recolha e transcrição do nosso *corpus* assemelha-se à utilizada para o *Corpus* do Português Fundamental, como veremos de seguida. Em todos os *corpora* as variáveis externas (naturalidade, escolaridade, sexo e idade) são consideradas, pelo que o estabelecimento de comparações entre os resultados obtidos a partir da análise destes *corpora* e os obtidos a partir do *corpus* TQT é possível.

## **5.2. *Software* utilizado**

### **5.2.1. A ferramenta FreP**

A extracção automática das unidades fonológicas do *corpus* recolhido na Terra Quente Transmontana foi feita através da ferramenta FreP FreP v1.0010, (2004-2008, F. Martins, M. Vigário & S. Frota). Esta ferramenta é o resultado de um projecto desenvolvido por Fernando Martins, Marina Vigário e Sónia Frota, cuja descrição, aplicações e publicações daí resultantes podem ser consultadas em <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/FreP>.

Este programa permite extrair e contar automaticamente, a partir de textos orais transcritos ou de textos escritos, informação relativa à frequência das unidades fonológicas que podem ser extraídas a partir da palavra ortográfica, tais como: segmentos; palavra prosódica, seu tamanho, número de sílabas e número de segmentos; clíticos, de acordo com o seu tamanho e posição relativamente ao hospedeiro; contagem e listagem dos tipos de sílaba, e em função da sua posição na palavra; identificação do acento e sua distribuição na palavra; contagem das diferentes classes de segmentos: consoantes, vogais, nasais ou glides; e informação relativa à frequência de cada palavra.

A ferramenta FreP gera automaticamente um ficheiro Excel com a seguinte informação: contagem de palavras acentuadas e não acentuadas de acordo com o número de sílabas, listagem e contagem do tipo de sílabas, de acordo com o acento e posição na palavra, frequência de palavra, e número de pausas preenchidas.

De acordo com Vigário *et al.* 2005a, a taxa de fiabilidade da Ferramenta FreP é de 99,935% na identificação de palavras acentuadas e não acentuadas; 99,930% na localização do acento; e 99,709% na contagem silábica.

Recentemente, a utilização da ferramenta FreP lançou novos dados nos estudos fonológicos, nomeadamente na aquisição de formatos de palavra e de tipos silábicos (Freitas *et al.* 2006) e na frequência das classes de segmentos, dos tipos silábicos e distribuição do acento (Freitas *et al.* 2005; Frota *et al.* 2006; Vigário *et al.* 2005a, 2005b, 2006b). As suas funcionalidades estão, no entanto, em contínua construção e em teste, de forma a maximizar e aperfeiçoar as suas potencialidades.

### **5.2.2. O Programa Goldvarb 2001**

O cruzamento das variáveis consideradas na análise dos fenómenos fonológicos já descritos foi feito através do programa Goldvarb 2001<sup>37</sup>. Para que os dados pudessem ser processados pelo programa foi necessário codificar cada variável independente (factores linguísticos e sociais) considerada para cada variável dependente (fenómeno ou unidade a analisar).

Para além da contagem das combinações em valores absolutos, este programa fornece os valores relativos para cada combinação de variáveis. É, também, possível fazer o cruzamento de informação de duas variáveis, alargando as possibilidades de análise de um dado fenómeno.

### **5.2.3. O tratamento estatístico**

Para a obtenção e tratamento de totais absolutos e relativos, extraídos pela ferramenta FreP ou pelo programa Goldvarb, e para a construção de gráficos utilizamos a ferramenta Microsoft Office Excel 2007.

---

<sup>37</sup> O Programa Goldvarb2001 - A Multivariate Analysis Application for Windows. (2001, John Robinson, Helen Lawrence & Sali Tagliamonte) está disponível em <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/> (17 Agosto 2006).

Manual de instruções disponível em <http://courses.essex.ac.uk/lg/lg654/GoldVarb2001forPCmanual.htm> (17 Agosto 2006).

Para averiguar se as variáveis estão ou não relacionadas, utilizámos o teste do Qui-Quadrado baseado na Tabela de Contingência. Este teste permite aferir a independência entre duas variáveis, ou seja, verificar se as duas variáveis estão ou não relacionadas (Guimarães e Cabral 1997: 414-416). As hipóteses nula e alternativa são as seguintes:

$H_0$ : As variáveis são independentes

$H_1$ : As variáveis não são independentes

Quando o valor de prova, doravante v.p., for inferior a 5% ( $<0,05$ ) rejeitamos  $H_0$ , pelo que se pode afirmar que as variáveis não são independentes. Quando o valor de prova for superior a 0,05, as variáveis são independentes

### 5.3. Falantes

De forma a analisar possíveis variações na produção de unidades fonológicas na TQT em relação à variedade *standard*, procedeu-se à gravação de conversas espontâneas de 100 falantes, de acordo com as seguintes variáveis externas: localização geográfica, escolaridade, idade e sexo dos falantes, como se vê na tabela 1. A cada combinação de todas as variáveis externas possíveis corresponde dois falantes, de forma a evitar a análise de falantes em específico em vez de grupos de falantes.

Escolaridade		Alfabetizados								Analfabetos		Total
		20-35		36-50		51-65		>65		>65		
Idade		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Total
Concelhos	Alfândega da Fé	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
	Carraceda de Ansiães	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
	Macedo de Cavaleiros	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
	Mirandela	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
	Vila Flor	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
Total		10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	100

Tabela 1 – Relação de falantes

Por vezes os informantes ideais, i.e., aqueles que correspondiam às características sociais previamente delineadas, não eram os melhores conversadores, pelo que, nestes casos, a recolha tem apenas três a quatro minutos. De facto, as maiores dificuldades na recolha linguística revelaram-se ao nível da selecção dos falantes. Esta região assiste, desde há décadas, a movimentos (e)migratórios constantes, pelo que foi difícil encontrar falantes, principalmente masculinos, que nunca tivessem (e)migrado. Aliás, os falantes masculinos com menos de 65 anos foram os mais relutantes à recolha áudio. Pelo contrário, as mulheres revelaram-se mais acessíveis e espontâneas.

As transcrições do *corpus* TQT serão posteriormente integradas nos *corpora* disponibilizados pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

#### **5.4. A recolha de *corpus***

*A sociolinguistic interview should be anything but an interview*

Tagliamonte (2006:37)

A recolha linguística foi feita entre Fevereiro de 2007 e Janeiro de 2008, em contexto natural, não insonorizado ou tratado, tendo sido acrescentadas quinze gravações realizadas nos concelhos de Vila Flor e Carraceda de Ansiães cedidas por uma rádio local (Rádio Ansiães-98.1FM). Estas gravações foram realizadas para um programa de rádio, *Vozes da Terra* e, tal como as gravações realizadas no âmbito desta tese, não têm uma estrutura rígida, promovendo a fala espontânea, abarcando temas como o dia-a-dia do falante, contos e lendas, histórias ou anedotas, recordações e relatos.

Para a recolha do *corpus* TQT foi utilizado um gravador Olympus – Digital Voice Recorder VN-240PC. Cada recolha tem uma duração variável, sendo apenas utilizado para análise quatro a cinco minutos por falante. No total, para este trabalho, foram por nós realizadas 104 entrevistas, num total de 14 horas e 34 minutos, das quais se aproveitaram 84 entrevistas, num total de 11 horas e 59 minutos. Como já referimos, a estas acrescentámos quinze entrevistas disponibilizadas pela Rádio Ansiães, num total de 1 hora e 06 minutos.

Ao contrário da metodologia adoptada por Santos (2003) e Cardoso (1999), que partia de um conjunto pré-estabelecido de segmentos cuja realização seria analisada após testes de produção realizados por diferentes falantes, optámos por privilegiar a análise das diferentes realizações fonético-fonológicas, e consequentes processos pós-lexicais em fala espontânea. Assim, não foi delineado nenhum modelo de inquérito rígido, tendo o inquiridor adaptado a condução da conversa a cada informador que, na maioria das vezes, era conhecido ou tinha sido indicado por um conhecido seu, de forma a potenciar a ocorrência de fenómenos normalmente realizados pelos falantes, por um lado; e evitar uma produção forçada próxima da norma, por outro. Os temas das conversas variam de acordo com a idade do falante e da predisposição deste, sendo comum a temática das lendas ou contos, a lida no campo, a actividade profissional, o passado e a escola. A propósito da não delimitação de um inquérito rígido, refere Tagliamonte (2006:5): “Instead of asking the question: “How do you say X?” as a linguist might do, a sociolinguist is more likely not to ask a question at all. The sociolinguist will just let you talk about whatever you want to talk about and listen for all the ways you say X.” Também Labov (1972 [1991]) referia a necessidade de desviar a atenção do informante para outros aspectos que não o processo comunicativo, de forma a facilitar a produção espontânea de formas vernáculas utilizadas no dia-a-dia. No seguimento deste pressuposto, optámos pela análise da fala espontânea, uma vez que é mais permeável a mecanismos de supressão, adição ou transformação de estruturas fonológicas.

Ainda em relação ao informador e à entrevista, refere Boléo (1974:10):

é necessário ganhar a sua confiança, fazendo-lhe ver que não é para nos rirmos dêle que o vamos interrogar; é indispensável pô-lo à vontade, conseguindo que ele fale connosco exactamente como fala com os vizinhos, o que nem sempre é fácil. Há grande diferença, por vezes, entre a linguagem espontânea das pessoas do povo (a que usam entre si) e a reflectida (com estranhos).

Uma vez que a recolha foi feita por uma transmuntana, que vive e trabalha em Trás-os-Montes, nunca houve a necessidade de ganhar a confiança linguística do informante. Por outro lado, os informadores eram sempre conhecidos ou indicados por familiares, amigos ou colegas de trabalho. No caso dos falantes familiares, a recolha foi feita sem que estes soubessem que estavam a ser gravados, sendo a autorização para a utilização das gravações feita posteriormente. Em relação aos falantes com mais de 65 anos, a recolha foi, na sua maioria, feita nos Lares da Santa Casa da Misericórdia dos concelhos em análise, o que se revelou muito produtivo e gratificante. Por vezes juntávamo-nos a um grupo de idosos, explicávamos-lhes que precisávamos

de recolher histórias para um trabalho, e eles espontaneamente falavam da infância, do trabalho no campo, do Estado Novo. Mais complicada foi a recolha com os falantes profissionalmente activos, apesar das perguntas pessoais serem evitadas.

## 5.5. A transcrição ortográfica

*Não podemos, contudo, esquecer que o transcritor, como auditor que é, interpreta as mensagens que ouve e, além disso, ao utilizar um código para representar outro código acaba, necessariamente, por alterar os dois.*

Bacelar *et al.* (1987a:41)

Após a recolha áudio da fala espontânea, procedeu-se à sua transcrição ortográfica. Uma vez que o objectivo é analisar a fala do falante da Terra Quente, não transcrevemos as falas do entrevistador que, à excepção das 15 gravações fornecidas pela Rádio Ansiães<sup>38</sup>, é sempre o mesmo: um falante do sexo feminino, 26 anos, natural de Vila Flor. Neste trabalho, a entrevistadora é a transcritora e autora da tese.

Porque pretendemos analisar unidades e processos fonológicos, procedemos a duas transcrições ortográficas, a que chamaremos doravante Transcrição 1 e Transcrição 2. Em ambos os casos, não transcrevemos as sobreposições de voz quando imperceptíveis ou quando houvesse ruído; nem as hesitações ou interjeições, como *ah*, *hum*, tendo sido, no entanto, mantida a interjeição *bô*, por a considerarmos marca linguística regional. Mantiveram-se as repetições e reformulações feitas ao longo do discurso. As sequências cortadas ou interrompidas não foram transcritas. Optámos por não utilizar qualquer sinal de pontuação, por considerarmos esta marcação dispensável para a análise das unidades e processos a analisar. Por outro lado, a pontuação de textos orais transcritos tem merecido algumas reservas, uma vez que a sua utilização está intrinsecamente ligada à marcação de elementos sintácticos na escrita e não à marcação do ritmo da fala como refere Bacelar *et al.* (1987a:54), sendo mais consensual a marcação de pausas de acordo com o tempo que separa unidades sintagmáticas ou outras. No entanto, e porque o programa FreP, que será utilizado para extrair as unidades fonológicas a analisar, não processa sinais de pontuação, nem distingue maiúsculas de minúsculas, não

---

<sup>38</sup> Neste caso o entrevistador é um falante masculino, natural Carrazeda de Ansiães, local onde reside e trabalha.

marcámos as pausas de acordo com o tempo entre unidades fonológicas, nem capitalizámos os nomes próprios. Os numerais, as datas e os acrónimos foram transcritos ortograficamente (e.g. GNR > gê nê erre). Nas palavras compostas por justaposição, optámos por manter o hífen, como aconselhado nas normas de Transcrição do CORDIAL-SIN. Relativamente a fenómenos fonológico-lexicais de supressão e adição, conservámos as formas reduzidas do verbo estar; a realização dos ditongos [ow] e [oj] em *ouço/oiço*, por exemplo; a realização de *a* protético em formas verbais, como em *arreceber*, a aférese em vocábulos como *ainda*, a síncope na preposição *para* e a contracção desta com artigos definidos; a contracção da contracção da preposição *em* com os artigos indefinidos; a ausência de vocalização na segunda pessoa do plural do Presente do Indicativo – *comedes*.

Na Transcrição 1 (cf. Exemplo 1 – Transcrição 1), arquivada em formato *Word*, transcrevemos, para além das realizações acima descritas, os seguintes fenómenos: (i) a realização das africadas surdas: [tʃejɐ] *tcheia* (VAM1); (ii) a realização de segmentos de ligação entre as palavras: *ficaram nos olhais* (VAM4); (iii) a presença de glide em sequências envolvendo verbo enclítico, como: *podemo[sj]os pôr* (CAF1); (iv) a semivocalização da lateral em pronomes (e suas contracções com preposições) masculinos de 3ª pessoa do plural: *nasqueis anos, eis é assim* (AAF2); (v) a centralização das vogais [- rec, - alt]: *presidente* (CAM3); (vi) a ausência de ditongo nasal no advérbio de negação *não*: *num me lembra* (VNF4); (vii) a ausência de ditongo na contracção da preposição *a* com o artigo definido masculino: *a baltorno e ò moirão* (VNF4) (ix); a metátese e queda das vibrantes em sílabas CVC para CCV: *borboleta > broboleta* (INF4), e em sílabas CVC para CV: *corporação > coporação* (CAM3), respectivamente; (x) o betacismo: *bíamos assim estas ruas difrentes* (MAF3); (xi) a síncope das vogais em sílabas fechadas por vibrantes, como em *diferente* e seus derivados: *estas ruas difrentes* (MAF3); (xii) outras marcas de oralidade: *e se lobábamos frio* (VNF4).

íamos a baltorno e ò moirão a casa do senhor ainda o oitro dia perguntei o nome agora num me lembra  
íamos ao tchegar ao moirão habia umas gaieiras ao pra cima com um carreirão assim tchegávamos à  
croa e medíamos o leite que a minha mãe de dezassete meses dezanove meses tebe nove e nove  
dezoito tebe dois filhos e depois tibemos de o criar ó biberão quando era grande num queria comer já  
bebia sete quartilhos de leite num habia ali perto tínhamos de ir ao moirão do zé da ribeirinha moraba  
mesmo na croa íamos pelo caminho acima e ela tchamaba-se o nome dela ele era zé da ribeirinha mas  
ela num me lembra era assim uma senhora forte e se lobábamos frio benham cá não nós bínhamos a  
andar mas íamos descalças num era calçadas eu tinha dezassete anos a senhora pode escrever e até  
pôr o meu nome tinha dezassete anos andaba com umas socas quando se acababam asquelas uma bez  
passei em baltorno e uma que lhe tchamabam na rouca era quem lhe comprámos o leite deu-me umas  
pra meu pai mandar pregarmos uns paus comprabam-se os paus e depois mandaba-se pregar a soca  
pronto



A partir da Transcrição<sup>1</sup> analisaremos os seguintes fenómenos fonológicos: (i) a reestruturação silábica envolvendo a fricativa em final de palavra seguida de segmento [-consonântico]; (ii) a realização de segmentos de ligação entre palavras; (iii) a realização da africada surda; (iv) a semivocalização da lateral intervocálica nos pronomes masculinos de 3ª pessoa do plural; e (v) a centralização das vogais [-rec , -alt].

A Transcrição 2 foi gravada em formato .txt e posteriormente processada pela ferramenta FreP. Nesta transcrição (cf. Exemplo 2) incluímos todos os fenómenos contemplados na transcrição<sup>1</sup>, à excepção (i) da transcrição da africada [tʃ], que será transcrita de acordo com as regras ortográficas na Língua Portuguesa, ou seja, como <ch> e (ii) da presença de glide em sequências verbo enclítico que será transcrita sem glide: *vamos-os lá buscar* (CAM3), por exemplo.

Optámos por fazer as alterações já mencionadas à Transcrição<sup>2</sup> para que o processo de extracção e contagem das unidades não ficasse comprometido por erros de leitura, uma vez que a ferramenta FreP está optimizada para transcrições ortográficas do Português padrão e, sem estas alterações, poderia não fazer um tratamento ajustado dos dados.

íamos a baltorno e ò moirão a casa do senhor ainda o oitro dia perguntei o nome agora num me lembra íamos ao chegar ao moirão habia umas gaieiras ao pra cima com um carreirão assim chegábamos à croa e medíamos o leite que a minha mãe de dezassete meses dezanove meses tebe nove e nove dezoito tebe dois filhos e depois tibemos de o criar ò biberão quando era grande num queria comer já bebia sete quartilhos de leite num habia ali perto tínhamos de ir ao moirão do zé da ribeirinha moraba mesmo na croa íamos pelo caminho acima e ela chamava-se o nome dela ele era zé da ribeirinha mas ela num me lembra era assim uma senhora forte e se lobábamos frio benham cá não nós bínhamos a andar mas íamos descalças num era calçadas eu tinha dezassete anos a senhora pode escrever e até pôr o meu nome tinha dezassete anos andaba com umas socas quando se acababam asquelas uma bez passei em baltorno e uma que lhe chamavam na rouca era quem lhe comprámos o leite deu-me umas pra meu pai mandar pregarmos uns paus comprabam-se os paus e depois mandaba-se pregar a soca pronto

Exemplo 2 – Transcrição 2

A partir da transcrição 2 analisaremos, por grupos de falantes, a percentagem de (i) tipo de segmentos (consoantes, vogais e glides); (ii) a palavra prosódica (seu tamanho e número de sílabas); (iii) os tipos de sílaba, independentemente da sua posição na palavra e acentuação. Será, também, a partir desta transcrição que extrairemos informação relativa à frequência de cada palavra.

Depois da transcrição ortográfica, codificámos cada ficheiro de acordo com as variáveis externas que caracterizam cada falante, i.e., origem geográfica (A, C, I, M, ou V), a escolaridade (A ou N), o sexo (F ou M), e a idade do falante (1,2,3 ou 4). Assim, o código IFA1, corresponde a um falante de Mirandela, sexo feminino, alfabetizado, com idade compreendida entre os 20 e os 35 anos, como veremos na secção seguinte.

A transcrição<sup>1</sup> do *corpus* TQT pode ser consultada no Anexo A. Optámos por disponibilizar apenas esta por considerarmos que seria redundante apresentar as duas, dada a sua semelhança.

Sempre que considerarmos oportuno recorreremos a resultados obtidos com outros *corpora*, nomeadamente os descritos no capítulo 5.1., sabendo que, porque as opções de transcrição tomadas para o *corpus* TQT nem sempre foram as mesmas, nomeadamente na transcrição de siglas e palavras estrangeiras, a comparação poderá não ser maximamente possível.

## 5.6. Variáveis Externas

*Studying language variation proceeds mainly by observing language use in natural social settings and categorizing the linguistic variants according to their social distribution.*

*Chambers et al. (2005:3)*

Consideram-se variáveis externas todas as características intrínsecas ao falante enquanto ser social: idade, sexo, proveniência regional, grau de instrução, classe social, entre outras. Neste trabalho considerámos apenas as variáveis: proveniência regional (identificada por concelho), grau de instrução (alfabetizado/analfabeto), sexo e idade, como podemos ver na Tabela 2. Consideramos que o nosso estudo é mais coerente com a abordagem variacionista, uma vez que aspectos como classe social, redes sociais ou estatuto dos falantes na sociedade, não serão abordados. Optámos por não incluir a variável *classe social*, por esta não ser uma tarefa linear, uma vez que os limites e parâmetros a incluir na definição de classe sociais são imprecisos, mutáveis e discutíveis.

Variáveis Externas ou Sociais		
Factores		Codificação
Origem Geográfica Concelho	Alfândega da Fé	A
	Carrazeda de Ansiães	C
	Macedo de Cavaleiros	M
	Mirandela	I
	Vila Flor	V
Escolaridade	Alfabetizado	A
	Analfabeto	N
Sexo	Feminino	F
	Masculino	M
Faixa Etária	20-35 anos	1
	36-50 anos	2
	51-65 anos	3
	>65 anos	4

Tabela 2 – Variáveis externas

### 5.6.1. Origem Geográfica

O estudo da origem geográfica, reduzido a um conjunto de pontos de recolha linguística na tradição dialectal, tem assumido uma importância crescente nos estudos variacionistas. Entende-se por origem geográfica não só a origem administrativa do falante, mas todos os aspectos demográficos, sociais, geográficos e económicos que caracterizam a área em estudo, seja ela uma freguesia, um concelho ou outra área administrativa. A importância dos aspectos demográficos e económicos na mudança linguística veja-se Trudgill (1974) e Britain (2005).

Neste trabalho centrar-nos-emos em comunidades transmontanas, marcadamente rurais e demograficamente envelhecidas. Segundo Anuário Estatístico da Região Norte – 2006<sup>39</sup>, a densidade populacional dos municípios da TQT é a seguinte:

<sup>39</sup> Publicado em 2007 e disponível no sítio do Instituto Nacional de Estatística (30/04/08):

[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=11290756&PUBLICACOESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=11290756&PUBLICACOESmodo=2)

	Densidade populacional	População residente no município	Percentagem de habitantes da TQT
Concelhos	Habitantes/km2	Total	Total em %
Alfândega da Fé	17,2	5 524	8,79%
Carrazeda de Ansiães	25,2	7 026	11,18%
Macedo de Cavaleiros	24,3	<b>17 017</b>	<b>27,07%</b>
Mirandela	<b>39,0</b>	<b>25 674</b>	<b>40,84%</b>
Vila Flor	<b>28,7</b>	7 625	12,13%

Tabela 3 – Densidade populacional por município

Em relação ao peso da demografia na análise da variação linguística, Trudgill (1974:155) refere que a crescente mobilidade leva à dissipação das diferenças entre “dialectos”, que o autor apelida de *dialect levelling*. Trudgill refere ainda que, em Inglaterra, as pequenas comunidades, tradicionalmente dialectais, tendem a perder a sua identidade linguística, enquanto que nas comunidades com uma densidade populacional elevada se assiste a uma multiplicação de fenómenos de variação e à crescente dissemelhança com outros centros populacionais.

No que diz respeito à área da Terra Quente Transmontana, é visível o peso demográfico da população residente nas cidades (Macedo e Mirandela), áreas dotadas de mais serviços e indústrias, acessos rodoviários e cultura. Note-se que a maioria dos habitantes dos concelhos da TQT está ligada ao sector primário. Por esta razão, o trabalho no campo e as culturas são tema recorrente nas recolhas linguísticas realizadas. O sector secundário emprega apenas uma minoria dos habitantes da TQT, centrando-se principalmente nos concelhos de Mirandela e Macedo. No caso do sector terciário, os serviços, é notória a importância destes no desenvolvimento concelhio, apesar de estar maioritariamente centrado nas sedes de concelho.

Em relação a valências rodoviárias, os concelhos de Mirandela e Macedo usufruem dum Itinerário principal (IP4). Os concelhos de Macedo, Alfândega e Vila Flor dispõem do Itinerário Principal<sup>2</sup>. No entanto, este Itinerário nunca foi concluído. Tendo em conta estes factos, veremos se as conclusões de Trudgill a respeito de comunidades inglesas se podem aplicar aos concelhos em estudo, sendo assim previsível que em Macedo e Mirandela haja mais variação do que em Alfândega, Carrazeda e Vila Flor.

Centremo-nos, agora, no acesso e incentivo a eventos culturais na TQT. De acordo com o Anuário Estatístico da Região Norte (2006), disponível em [www.ine.pt](http://www.ine.pt), o município com mais despesa camarária em cultura, em 2006, foi o de Vila Flor (14,2%). Para os restantes municípios os valores foram os seguintes: Alfândega (6,3%), Carrazeda (9,4%), Macedo (6,8%) e Mirandela (11,9%). Quanto a publicações periódicas, apenas Alfândega e Vila Flor não têm publicação de jornais ou revistas. Em Carrazeda há uma publicação, Mirandela duas, e Macedo cinco. Dos cinco municípios apenas Vila Flor não possui rádio local. Finalmente, Mirandela e Macedo possuem estabelecimentos de ensino superior, importantes vectores de desenvolvimento, dinamismo e fixação de população.

### **5.6.2. Escolaridade**

Quanto à variável escolaridade, optámos por dividir apenas os falantes com mais de 65 anos em alfabetizados e analfabetos, de forma a perceber se a escolarização interfere na realização das unidades e fenómenos fonológicos em análise. O nível de alfabetização dos informantes oscila entre a 4ª classe e o 12º ano, tendo sido excluídos os falantes com licenciatura finalizada. Apenas cinco informantes se encontram a frequentar o Ensino Superior. Nestes casos, os falantes frequentam o Instituto Politécnico de Bragança e não residem fora dos concelhos em análise. À excepção destes cinco falantes, em nenhum caso se recolheu a fala de falantes a trabalhar ou a estudar fora da região de Trás-os-Montes, nem a residir fora dos concelhos em análise. Todos os falantes com menos de 65 anos são profissionalmente activos.

### **5.6.3. Sexo**

O primeiro registo de diferenças entre sexos na utilização da linguagem, nomeadamente na utilização de diferentes itens lexicais para o mesmo referente, remonta à época das descobertas quando os exploradores europeus chegaram às Caraíbas, mais precisamente à Pequenas Antilhas e registaram que homens e mulheres falavam diferentes línguas (Trudgill 1974: 65). Também em Gros Ventre, uma língua indiana falada na América do Norte, a realização das oclusivas varia de acordo com a idade e o sexo do falante<sup>40</sup>. Enquanto

---

<sup>40</sup> Por exemplo, para o referente *pão*, as mulheres pronunciariam /kjatsa/ e os homens /djatsa/.

variável externa, o factor sexo tem sido largamente analisada em trabalhos variacionistas, nomeadamente Labov (1972, 1990), Trudgill (1983, 1972, 1974, entre outros) Maclagan *et al.* (1999), Cheshire (2005) e Milroy (1999), entre outros; e não haverá, provavelmente, abordagem variacionista sem a inclusão da variável sexo/género<sup>41</sup>.

As diferenças entre falantes do sexo feminino e masculino começam a ser notadas na infância ainda antes do desenvolvimento físico diferenciado do trato vocal<sup>42</sup>. Para além das diferenças fisiológicas que influenciam a produção verbal, segundo Foulkes e Docherty (2006), “To some extent, then, girls and boys *learn* to use distinct patterns of phonetic realization.” (*ibid.*, pp. 411-412), tendo o mesmo sido verificado em Watt *et al.* (2003). As diferenças entre as produções linguísticas de falantes masculinos e femininos abrangem, também, a escolha lexical<sup>43</sup>, e são mais visíveis quando o estudo é feito tendo em consideração a variável *estratificação social*, apesar de Milroy e Milroy (1997: 56) considerarem que a variável sexo é mais importante que a condição social: “(...) clear patterns of gender differentiation have been demonstrated in a number of studies, so much so that it can be suggested that gender difference may be prior to class difference in driving linguistic variation and change.”

Em 1990, William Labov, num trabalho sobre o cruzamento entre sexo e classes sociais, enumera três princípios, elaborados a partir dos estudos variacionistas anteriores, que serão basilares na abordagem da variável sexo e a sua influência da variação linguística e que retomaremos na análise dos fenómenos aqui abordados (Labov 1990: 210-215):

Principle I. In stable sociolinguistic stratification, men use a higher frequency of nonstandard forms than women.

Principle Ia. In change from above, women favour the incoming prestige forms more than men.

Principle II. In change from below, women are most often the innovators.

---

<sup>41</sup> A utilização dos termos sexo ou género tem sido objecto de discussão, por razões biológicas sociais, culturais ou formais, que não abordaremos aqui. Veja-se a este propósito Chambers (1995), Cheshire (2005) Foulkes e Docherty (2006), entre outros. No presente trabalho, optámos pela designação *sexo*.

<sup>42</sup> Como refere Foulkes (2006), “Children are not differentiated by the obvious variation in anatomy and physiology that adults are, and yet it seems that gender-correlated patterns of phonological variation are learned relatively early in childhood.”

<sup>43</sup> Segundo Holmes (1995), as mulheres utilizam mais vezes formas afectivas e de cooperação na comunicação, como *you know* ou *sort of*. Também Lakoff (1973) refere que as mulheres utilizam mais itens lexicais para definir cores, como *magenta*, *lavanda* ou *azul-marinho*, e adjectivos como *querido*, *encantador* ou *adorável*, termos raramente utilizados por homens.

Assim, de uma forma geral, as formas não *standard* são mais utilizadas pelos falantes masculinos. Pelo contrário, espera-se que as mulheres usem mais formas *de prestígio* do que os homens quando a mudança é iniciada pelas classes sociais dominantes. Também quando se assiste um fenómeno de mudança provocado pelo estatuto social, identidade local ou de grupo, as mulheres tendem a ser mais inovadoras. A este propósito, veja-se a adopção de formas mais próximas da variedade *standard* na realização de *-ing* em Detroit (Trudgill 1974:70)<sup>44</sup>. Também para Cheshire (2005:427), o comportamento linguístico e as variantes linguísticas utilizadas variam conforme o sexo do falante e a sua atitude perante a comunidade em que se insere:

Women are more likely, therefore, to secure and signal their social status through their use of standard, overtly prestigious variants. The higher proportion of nonstandards variants used by men can then be explained as an orientation not to overt norms of the community but to the covert prestige of working-class forms, which symbolize the roughness and toughness that is associated both with working-class life and with masculinity.

Apesar da importância da variável sexo na variação linguística, não há, até à data, estudos para o PE que apontem esta variável como a mais importante em processos de variação. De facto, como refere Cheshire (2005:425), “There are few reports in research literature of the exclusive use of one phonological variant by women and another by men (...) but is far more frequent to find sex-preferential variation, where women in a community, say, use one variant more frequently than men.”

#### **5.6.4. Idade**

A variável *idade* é aquela que, de uma maneira geral, cataloga os indivíduos quanto ao seu papel na sociedade: dependente (<18 anos); activo (18-65 anos) e aposentado (>65 anos). Sabe-se que a idade é um factor importante na aquisição e desenvolvimento linguístico, na adopção de formas inovadoras, no caso dos adolescentes (Eckert 1997); ou mais próximas do *standard*, no caso de adultos activos. Eckert (1997) refere,

---

<sup>44</sup> Estudos variacionistas comprovam que, dentro da mesma classe social, as mulheres produzem mais a velar /ŋ/ e os homens a alveolar /n/ em palavras como *running*, ou *coming*.

também, que as mulheres, à medida que envelhecem e deixam de ser profissionalmente activas, tornam-se menos “normativas”.

No nosso estudo optámos por estudar apenas falantes adultos com mais de vinte anos<sup>45</sup>. Estes foram divididos, de acordo com a sua idade, em intervalos de quinze anos, com o objectivo de construir um estudo linguístico em *tempo aparente* (Labov 1972 [1991]), i.e., um estudo linguístico através de diferentes gerações, de forma a prever o comportamento diacrónico de um dado fenómeno. Assim, contemplámos os seguintes intervalos etários: [20-35]; [36-50]; [51-65]; e [>65].

### 5.6.5. Variáveis externas não consideradas

Como já mencionado, não incluímos a variável “classe social” como factor a estudar por considerarmos que todos os falantes se incluem na mesma classe social: a classe média. No que diz respeito à mobilidade dos falantes, excluimos todos os informantes que tenham migrado ou emigrado por um período superior a doze meses nos últimos trinta anos, de forma a evitarmos o *contágio linguístico* quer de estrangeirismos não fixados na língua portuguesa, quer de formas de prestígio, muito próximas do *standard*, uma vez que “a mobilidade geográfica e social que é própria da cidade (...) parece promover a uniformização dos padrões linguísticos de prestígio, pelo que também se torna muito mais sensível a penalização social de formas idiomáticas não padronizadas.” (Santos 2003:71)

Impossível de controlar é o contacto que os informantes mantêm com os *mass media* a nível nacional, assim como medir o nível de influência linguística que estes exercem em cada indivíduo<sup>46</sup>. Se anteriormente a transmissão de notícias e estórias era feita através da oralidade, actualmente a televisão silencia, muitas vezes, a perpetuação de formas lexicais e fonético-fonológicas e de tradições rurais, habituando os ouvintes a estruturas e léxico mais próximo do *standard* ou mesmo formas inovadoras. Veja-se, por exemplo, o conto *Palavra Mágica* Vergílio Ferreira a propósito da alteração nos hábitos e costumes de uma zona rural aquando da inserção de uma palavra até então desconhecida. A introdução da palavra *inócuo* no vocabulário do dia-a-

---

<sup>45</sup> A propósito da análise da variação em produções de crianças e adolescentes, veja-se Foulkes e Docherty (2006).

<sup>46</sup> Apesar de estar disponível informação relativa à exposição da população aos meios de comunicação e cultura (em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) e <http://www.obercom.pt/>), os dados apresentados dizem respeito às zonas Norte, Centro, Lisboa, Alentejo, Algarve e Ilhas e, devido ao seu carácter generalista, consideramos imprudente apresentá-los como reflexo dos hábitos da população em estudo.



dia de uma comunidade rural que desconhecia o termo demonstra, por um lado, como as inovações, e a própria linguagem, são incorporadas e individualizadas; e, por outro lado, como o contexto desempenha um papel fundamental na compreensão, transmissão e fixação de um novo elemento linguístico, seja ele fonológico, morfológico, lexical ou sintático.

## 5.7. Variáveis Internas

Consideram-se variáveis internas ou linguísticas os marcadores intrinsecamente relacionadas com o funcionamento da língua: factores lexicais, fonológicos, morfológicos ou sintáticos. A importância das variáveis internas, nomeadamente das características fonológicas dos segmentos envolvidos num processo de variação, isto é, segmentos precedentes e seguintes, foi já demonstrada em diversos estudos variacionistas. A propósito da elisão de t/d no Inglês, Guy (1991, 1997) chega à conclusão que a elisão é favorecida pela qualidade do segmento precedente, no caso de este ser /n/: “(...) this process is constrained by the following context, so there is maximum deletion before obstruents (including nasals), intermediate deletion rates before glides and liquids, and low rates before vowels (...). This pattern has been variously explained as a consequence of sonority factors, resyllabification, and articulatory effort.” (Guy 1997:130). Neste trabalho observaremos diferentes variáveis internas para cada um dos processos em análise.

### 5.7.1. Manutenção da africada $\widehat{[t]}$

Para a análise da manutenção da africada surda considerámos como variáveis internas: (i) a categoria gramatical; (ii) a posição da africada na palavra de acordo com a sílaba em que se realiza; e (iii) a qualidade do segmento vocálico em posição  $\widehat{[t]} \_ /$ , como vemos na Tabela 4. As ocorrências foram, assim, codificadas pela seguinte ordem: variáveis externas + categoria gramatical + posição da sílaba + segmento seguinte: *bois e matchos* (AAM4NFU).

Factores		Codificação
Categoria gramatical	Verbo	V
	Nome	N
	Adjectivos	A
Posição da sílaba	inicial	I
	medial	M
	final	F
Segmento seguinte	[ə]	B
	[u]	U

Tabela 4 - Variáveis Internas ou Linguísticas para análise da manutenção da africada surda: categoria gramatical, posição da sílaba e segmento seguinte.

### 5.7.2. Semivocalização da lateral

No que diz respeito à análise da semivocalização da lateral em pronomes/determinantes, considerámos apenas a realização ortográfica dos itens lexicais que permitem a semivocalização da lateral, como descrito na Tabela 5.

Itens lexicais	Realização	Codificação
eles	eis	E
naqueles	nasqueis	N
aqueles	aqueis	A
deles	deis	D

Tabela 5 – Realização dos itens lexicais que permitem a semivocalização da lateral e sua codificação: E (eles>eis); N (naqueles>nasqueis); A (aqueles>aqueis); D (deles>deis)

### 5.7.3. Centralização das vogais [-rec, -alt]

Para a análise da centralização das vogais anteriores [-alta] considerámos os seguintes factores internos: (i) a ausência ou a presença do traço [+nasal]; (ii) a qualidade do segmento seguinte; e (iii) a presença ou não de acentuação (Tabela 6).

Factores		Codificação
Vogal	Oral	O
	Nasal	N
Segmento seguinte	Oclusiva Oral	O
	Oclusiva Nasal	N
Acentuação	Acentuada	A
	Não Acentuada	N

Tabela 6 - Variáveis Internas ou Linguísticas para análise da centralização das vogais anteriores [-rec, -altas]: qualidade da vogal (oral ou nasal); qualidade do segmento seguinte (oclusiva nasal ou oral); e presença ou ausência de acento na sílaba.

A codificação das ocorrências foi feita pela seguinte ordem: variáveis externas + qualidade da vogal + segmento seguinte + presença ou ausência de acentuação: *cinquanta* (AF4NOA).

#### 5.7.4. Realização de /S/ em final de palavra

No caso da análise das fricativas finais seguidas de segmento [-consonântico], considerámos como variáveis internas todos os segmentos em posição /\_S#/ e /S#\_/. Assim, foram considerados como segmentos em posição /\_S#/ as vogais fonéticas orais e nasais, as glides, as consoantes<sup>47</sup>. Como segmentos em posição /S#\_/, considerámos apenas as vogais fonéticas orais e nasais, e as glides, uma vez que era apenas nosso objectivo analisar a realização da fricativa seguida de segmento [-consonântico].

Relativamente às glides, seguimos Vigário (2003: 100-103) e Frota (2000) ao considerarem a possibilidade de ditongos crescentes resultantes da aplicação de regras pós-lexicais. Também o programa FreP considera como glides “as pertencentes a ditongos decrescentes obrigatórios (...) e a ditongos crescentes pós-tónicos, em que também não é possível a glide alternar com vogal (e.g. *família*) (...) [igualmente] se assume que [k<sup>w</sup>] e [g<sup>w</sup>], em palavras como *quando* e *guarda*, são oclusivas labializadas e não sequências de oclusiva e semivogal.” (Vigário, Martins e Frota 2006).

<sup>47</sup> Considerámos as consoantes oclusivas como possíveis de ocorrer em contexto /\_S#/ , de forma a atestar os casos onde a vogal da última sílaba é elidida, existindo um encontro consonântico entre a oclusiva e /S/, como em *pron[tʃ]uma* (CAM2). Esta consideração só é válida para a análise da realização de [ʃ], uma vez que elidida a vogal só se verifica a realização de [ʃ].

Segmento precedente		Segmento seguinte	
Factores	Codificação	Factores	Codificação
[i]	I	[i]	I
[e]	E	[e]	E
[ɛ]	K	[ɛ]	K
[i̯]	M	[i̯]	M
[ɐ]	B	[ɐ]	B
[a]	A	[a]	A
[u]	U	[u]	U
[o]	O	[o]	O
[ɔ]	D	[ɔ]	D
Glide	G	Glide	G
Vogal nasal	N	Vogal nasal	N
Consoantes Oclusivas	C		

Tabela 7 - Variáveis Internas ou Linguísticas para análise dos fenómenos pós-lexicais: segmentos precedentes e seguintes.

A codificação das ocorrências foi organizada da seguinte forma: variáveis externas + segmento anterior + segmento seguinte: *os homens* (VAF2UD).

### 5.7.5. Sândi externo envolvendo a realização da nasal final

Para a análise do sândi externo envolvendo a prótese da consoante nasal no clítico considerámos, para além dos segmentos precedentes e seguintes (cf. Tabela 7), a categoria gramatical da palavra prosódica ou clítico precedente e a categoria gramatical do clítico que sofre o processo de sândi.

Factores		Codificação
Categoria gramatical da palavra prosódica ou clítico em posição anterior e seguinte	Verbo	V
	Advérbio	D
	Preposição	E
	Pronome	P
	Artigo	A

Tabela 8 - Variáveis Internas ou Linguísticas para análise do sândi externo envolvendo a realização da nasal: categoria gramatical da palavra prosódica ou clítico em posição anterior e seguinte

As ocorrências foram codificadas pela seguinte ordem: Factores Externos + categoria gramatical da palavra ou clítico precedente + segmento final + categoria gramatical do clítico + segmento final, i.e., ***arrumaram na vida deles*** (INM4) será codificado como INM4VNAB.



## VI. Análise dos resultados: Unidades Fonológicas

Nesta secção apresentaremos os resultados de frequência das unidades fonológicas descritas no capítulo III. Unidades em análise, tendo em consideração as variáveis externas: concelho, escolaridade, sexo e idade. Este capítulo divide-se da seguinte forma: grupos de segmentos (6.1.); tipos silábicos mais frequentes (6.2.) e número de sílabas por palavra prosódica (6.2.2.); e acento (6.3). Os totais absolutos para cada unidade foram automaticamente extraídos pela Ferramenta FreP e estatisticamente por nós tratados através da Ferramenta Microsoft Office Excel 2007 e do teste de Qui-Quadrado.

### 6.1. Segmentos

Nesta secção analisaremos a distribuição percentual dos seguintes grupos de segmentos no *corpus* da TQT: (i) as Consoantes (/p,t,k,b,d,g,f,v,s,z,ʃ,ʒ,ʎ,n,l,r,R,m,n/); (ii) as Vogais, grupo que engloba as fonológicas /i,e,ɛ,a,ɔ,o,u/ e as realizações contextuais [i, ɐ]; e (iii) as Glides ([j, w]); (iv). Os valores calculados para as vogais nasais serão apresentados juntamente com as vogais orais, de forma a uniformizar os nossos dados com os trabalhos já realizados nesta área. Para além da extracção e contagem dos segmentos já enumerados, faremos menção aos núcleos vazios (*V-Slots*), noção já abordada no capítulo 3.2. Sílabas. Sempre que possível, faremos menção a outros trabalhos já realizados nesta área.

#### 6.1.1. Distribuição dos Segmentos

A contagem de segmentos a partir de amostra do *Corpus Português Falado. Documentos Autênticos* (Vigário *et al.* 2006b) (cf. Tabela 9) revela que a percentagem de ocorrências de consoantes (46%) e vogais (48%) é semelhante. No entanto, para o nosso *corpus*, o valor relativo das vogais (43,5%) distancia-se do valor obtido para as consoantes (50,7%), ampliando as diferenças entre o nosso *corpus* e a amostragem do Português Falado. O valor percentual para as glides é semelhante (6% no Português Falado e 5,7% na TQT). No caso de *V-Slots*, a percentagem para a TQT de 0,07%, correspondendo a um total de 185 casos, valor mais baixo do que o descrito em Frota *et al.* 2006 e Vigário *et al.* 2006b para uma amostra do *Corpus Português Falado. Documentos Autênticos* (década de 90). Nestes trabalhos, o total relativo (%) de *V-Slots* é de 0,2%, correspondente a 82 ocorrências. Esta diferença é bastante significativa, uma vez que o valor de prova é 0,00.

Assim, podemos concluir que o *corpus* Português Falado e o *corpus* TQT distanciam-se em dois aspectos significativos: na proporção de vogais e V-Slots, apesar dos valores destes últimos serem muito baixos.

Classes de Segmentos	<i>Corpus Português Falado</i> Vigário et. al. 2006b		TQT	
	Totais	%	Totais	%
<b>Consoantes</b>	39 921	46%	116 790	43,5%
<b>Vogais</b>	41 888	48%	136 128	50,7%
<b>Glides</b>	5 279	6%	15 409	5,7%
<b>V-Slots</b>	82	0,2%	185	0,07%
<b>Total</b>	87 006	100%	268 512	100,0%

Tabela 9 – Distribuição dos segmentos em Vigário et al. 2006b e na TQT

De uma forma geral, as diferenças percentuais na distribuição dos segmentos por concelhos são mínimas (cf. Tabela 10). No entanto, as oscilações percentuais por concelho são significativas (v.p. 0,00), nomeadamente a contagem glides em Mirandela e as V-Slots em Alfândega.

<i>Concelhos</i>	<i>Alfândega</i>		<i>Carrazeda</i>		<i>Mirandela</i>		<i>Macedo</i>		<i>Vila Flor</i>		<i>TQT</i>	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
<b>Segmentos</b>												
<b>Consoantes</b>	22666	43%	21323	43%	23603	44%	23603	44%	25595	43%	116790	43%
<b>Vogais</b>	26517	51%	24860	51%	27320	51%	27552	51%	29879	51%	136128	51%
<b>Glides</b>	3078	6%	2944	6%	<b>2945</b>	<b>5%</b>	3021	6%	3421	6%	15409	6%
<b>V-Slots</b>	<b>20</b>	<b>0%</b>	31	0%	43	0%	47	0%	44	0%	185	0%
<b>Total</b>	52281	100%	49158	100%	53911	100%	54223	100%	58939	100%	268512	100%

Tabela 10 - Distribuição dos segmentos por concelho

A análise percentual da contagem de segmentos por falante (Tabela 11) revela que a distribuição de segmentos, por falante, é uniforme, i.e., não foram registadas diferenças significativas entre falantes, à excepção dos valores de *V-Slots*. Assim, verifica-se um aumento de *V-Slots* nos falantes masculinos com menos de 65 anos em relação aos falantes do sexo feminino. Este comportamento só é contrariado em Mirandela nos intervalos de idade [20-35] e [50-65 anos]. A percentagem de *V-Slots* nos falantes alfabetizados é de 0,08% e nos falantes analfabetos de 0,01%. Nestes a percentagem de *V-Slots* é quase sempre 0%, à excepção dos grupos INF4 (0,02%) e VNM4 (0,06%). No entanto, estes valores pertencem apenas a um falante de cada grupo, não sendo possível generalizar este comportamento. De uma forma geral, sequências como *af̃ta*, *optar* ou *apta*, parecem ser evitadas pelos falantes analfabetos. No caso de ocorrerem sequências de núcleo vazio, nos falantes analfabetos, nunca é inserido um schwa entre as duas consoantes: e.g. *era o ad̃bogado das troboadas* (VNM4), ao contrário do verificado noutros falantes com mais de 65 anos: e.g. *os cogunomes dos reis* (CAF4). O número reduzido de formas com núcleo vazio, aqui marcadas como *V-slot̃*, pode ser resultado, como

referem Vigário e Falé (1994), de processo de regularização, como a semivocalização (nocte>noite); a elisão (baptismo> [ba'tiʃmu]) ou a palatalização (agnu >anho)<sup>48</sup>.

Falantes	Segmentos					Total
	C	Vogais	Glides	Nasal.	V-Slots	
AAF1	43,09%	42,71%	6,28%	7,90%	0,02%	100%
AAM1	42,50%	43,91%	7,47%	6,04%	0,08%	100%
AAF2	42,93%	44,96%	6,07%	6,03%	0,02%	100%
AAM2	44,17%	43,73%	5,86%	6,17%	0,07%	100%
AAF3	44,54%	44,13%	5,22%	6,06%	0,05%	100%
AAM3	43,47%	44,70%	5,63%	6,11%	0,10%	100%
AAF4	43,84%	43,97%	5,93%	6,24%	0,02%	100%
AAM4	43,04%	45,02%	5,82%	6,11%	0,00%	100%
ANF4	42,96%	46,39%	4,89%	5,76%	0,00%	100%
ANM4	42,01%	44,98%	5,93%	7,08%	0,00%	100%
CAF1	42,72%	45,22%	6,03%	6,03%	0,00%	100%
CAM1	42,60%	44,12%	6,37%	6,81%	0,10%	100%
CAF2	42,70%	43,60%	7,10%	6,50%	0,10%	100%
CAM2	43,59%	43,11%	6,05%	7,08%	0,17%	100%
CAF3	43,30%	43,70%	6,40%	6,70%	0,00%	100%
CAM3	43,62%	44,77%	5,32%	6,14%	0,15%	100%
CAF4	44,40%	44,30%	5,60%	5,70%	0,00%	100%
CAM4	43,88%	45,21%	5,49%	5,37%	0,05%	100%
CNF4	42,46%	45,42%	6,37%	5,75%	0,00%	100%
CNM4	43,02%	45,06%	6,15%	5,78%	0,00%	100%
IAF1	44,90%	43,41%	5,06%	6,43%	0,20%	100%
IAM1	45,61%	44,17%	4,59%	5,53%	0,10%	100%
IAF2	44,10%	44,39%	5,04%	6,39%	0,09%	100%
IAM2	44,91%	43,59%	5,31%	6,03%	0,17%	100%
IAF3	42,63%	44,78%	5,13%	7,29%	0,17%	100%

IAM3	44,39%	44,37%	4,92%	6,27%	0,05%	100%
IAF4	43,64%	45,04%	5,77%	5,50%	0,05%	100%
IAM4	43,97%	44,37%	5,59%	6,03%	0,04%	100%
INF4	42,98%	45,52%	5,78%	5,70%	0,02%	100%
INM4	43,79%	44,45%	6,23%	5,53%	0,00%	100%
MAF1	43,36%	44,36%	5,81%	6,41%	0,06%	100%
MAM1	44,46%	43,73%	5,22%	6,41%	0,19%	100%
MAF2	42,80%	45,27%	5,46%	6,39%	0,08%	100%
MAM2	43,99%	43,53%	5,55%	6,80%	0,13%	100%
MAF3	44,07%	44,69%	5,09%	6,14%	0,01%	100%
MAM3	44,15%	44,23%	4,97%	6,40%	0,24%	100%
MAF4	43,02%	45,31%	5,92%	5,63%	0,12%	100%
MAM4	43,90%	44,47%	5,97%	5,60%	0,07%	100%
MNF4	42,74%	44,57%	6,14%	6,54%	0,00%	100%
MNM4	42,31%	45,24%	5,61%	6,84%	0,00%	100%
VAF1	43,29%	44,94%	5,54%	6,15%	0,08%	100%
VAM1	45,52%	43,94%	5,16%	5,27%	0,10%	100%
VAF2	43,07%	44,90%	5,68%	6,25%	0,11%	100%
VAM2	43,57%	44,29%	5,63%	6,37%	0,13%	100%
VAF3	43,44%	44,06%	6,67%	5,80%	0,03%	100%
VAM3	44,18%	44,12%	5,34%	6,19%	0,18%	100%
VAF4	42,41%	44,99%	6,16%	6,38%	0,05%	100%
VAM4	42,14%	45,38%	6,45%	6,03%	0,00%	100%
VNF4	42,93%	44,88%	6,21%	5,98%	0,00%	100%
VNM4	42,43%	45,50%	5,84%	6,17%	0,06%	100%
Total	43,47%	44,51%	5,76%	6,20%	0,07%	100%

Tabela 11 – Percentagem de segmentos por grupo de falante

### 6.1.2. Conclusão

Os dados apresentados para o *corpus* TQT distanciam-se dos apresentados para outros *corpora*, nomeadamente do *Corpus Português Falado. Documentos Autênticos* (Vigário *et. al.*2006b), na medida em que a percentagem de segmentos vocálicos é superior (48% no Português Falado e 50,7% na TQT), por oposição à percentagem de segmentos consonânticos (46% no Português Falado e 43,5% na TQT). Também o

<sup>48</sup> Exemplos retirados de Vigário e Falé (1994:477).



valor para V-Slots se distancia (0,2% *Português Falado* e 0,07% TQT). Para além dos aspectos diferenciadores destes *corpora*, a análise da distribuição dos segmentos no *corpus* TQT demonstrou também diferenças entre grupos de falantes: os alfabetizados e os analfabetos. Como referido, a percentagem de *V-Slots* em falantes analfabetos é muito reduzida (0,01%) quando comparada com a dos falantes alfabetizados (0,08%). A análise da distribuição dos segmentos apresenta-se, assim, como uma área a explorar enquanto possível elemento diferenciador de grupos de falantes.

## 6.2. Tipos Silábicos

Nesta secção apresentaremos os valores relativos para os tipos silábicos mais comuns e analisaremos a distribuição destes de acordo com as variáveis externas já descritas. Debruçar-nos-emos também sobre o número de sílabas por palavra prosódica. Como já referido, a identificação e contagem dos tipos silábicos do *corpus* da TQT foi feita através da Ferramenta FreP. Esta funcionalidade foi programada tendo como base os critérios teóricos para a divisão silábica de palavras do PE propostos por Vigário e Falé (1994); Viana *et al.* (1996) e Mateus e Andrade (1975 [2002]).

Os valores relativos dos tipos silábicos mais frequentes na TQT e os calculados em Frota *et al.* (2006) e Vigário *et al.* (2006b) para um excerto do *Corpus* do *Português Falado* podem ser consultados na Tabela 12.

Tipos Silábicos	<i>Corpus</i> TQT	<i>Corpus</i> TA90PE
		Português Falado Frota <i>et al.</i> (2006) e Vigário <i>et al.</i> (2006b)
<b>CV</b>	46,47%	46,36%
<b>V</b>	14,94%	15,83%
<b>CVC</b>	10,62%	11,01%
<b>CVN</b>	5,47%	5,37%
<b>CVGN</b>	5,12%	5,62%
<b>CVG</b>	3,69%	2,66%
<b>VC</b>	3,09%	3,03%
<b>CCV</b>	2,87%	2,18%
<b>VN</b>	1,85%	2,64%
<b>CVGC</b>	1,38%	1,21%
<b>VG</b>	1,60%	1,51%
<b>Outros</b>	2,91%	2,58%

Tabela 12 – Tipos Silábicos no *Corpus* TQT e *Corpus* TA90PE (Frota *et al.* 2006 e Vigário *et al.* 2006b)

Analisemos agora a distribuição percentual dos cinco tipos silábicos mais frequentes: os valores relativos para os tipos CV e CVC são semelhantes nos *corpora* TQT (46,47% e 10,65%, respectivamente) e TA90PE (46,36% e 11,01%, respectivamente). Para os tipos V e CVGN, ocorre o oposto: os valores do *corpus* TQT (14,94% e 5,12%, respectivamente) são inferiores aos calculados para o *corpus* TA90PE (15,83% e 5,37%, respectivamente). Apesar de os valores percentuais para os *corpora* TQT e TA90PE serem, nestes tipos silábicos, muito semelhantes, o teste de verificação das variáveis aponta para um valor de prova de 0,00, o que significa que estes dois *corpora* são diferentes, como verificamos nos tipos CVG (TQT- 3,69%; TA90PE- 2,66%), CCV (TQT- 2,87%; TA90PE- 2,18%) e VN (TQT- 1,85%; TA90PE- 2,64%).

### 6.2.1. Distribuição dos Tipos Silábicos pelas Variáveis Externas

A distribuição dos tipos silábicos mais frequentes por concelho da TQT não revela oscilações significativas <sup>49</sup>(cf. Gráfico 1), pelo que podemos afirmar que as escolhas silábicas não podem ser diferenciadas a partir da zona geográfica, neste caso o concelho, de onde o falante provém.

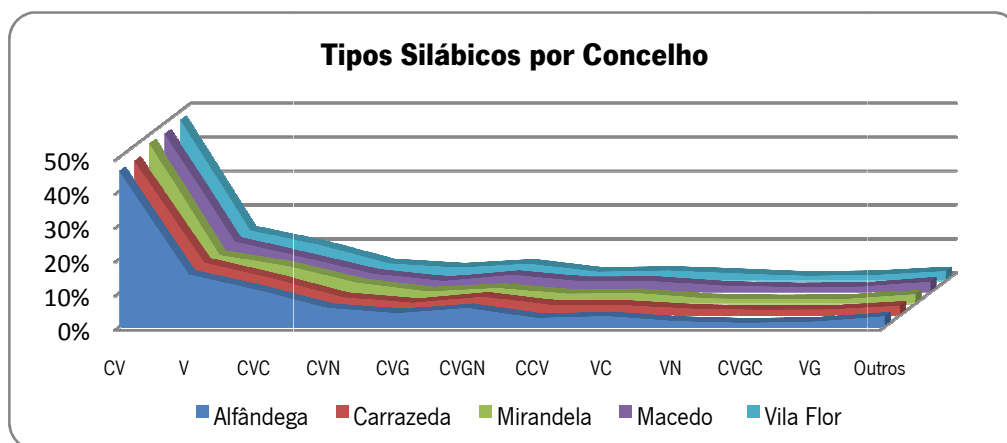


Gráfico 1 – Tipos Silábicos por Concelho: Alfândega, Carrazeda, Mirandela, Macedo e Vila Flor

Também a distribuição por sexo do falante não revela disparidades na realização dos tipos silábicos mais frequentes (Gráfico 2).

<sup>49</sup> A distribuição dos tipos silábicos por cada grupo de falantes pode ser consultada no Anexo H.

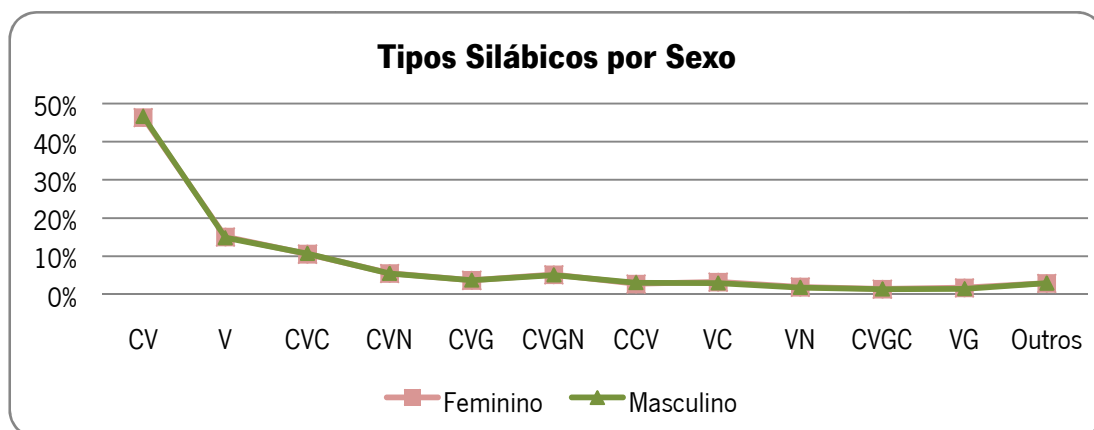


Gráfico 2 – Tipos Silábicos por Sexo: Masculino e Feminino

A análise dos tipos silábicos por escolaridade do falante revela diferenças significativas na produção dos tipos silábicos (v.p. 0,00). Assim, no Gráfico 3 podemos ver que os valores para os tipos CV, V e CVGN são mais altos nos falantes analfabetos; e os tipos CVC e Outros mais altos para os alfabetizados. O aumento das sílabas de tipo V (vogal) nos falantes analfabetos pode ter sido impulsionado pela frequência de a-protéticos, fenômeno mais frequente nestes falantes: *depois alebantaram* (INM4); *alebantabamo-nos às seis da manhã* (MNM4); e o aumento do tipo CV pela inserção de [i] em final de sílaba: **fize-te** *algum mal* (INF4).

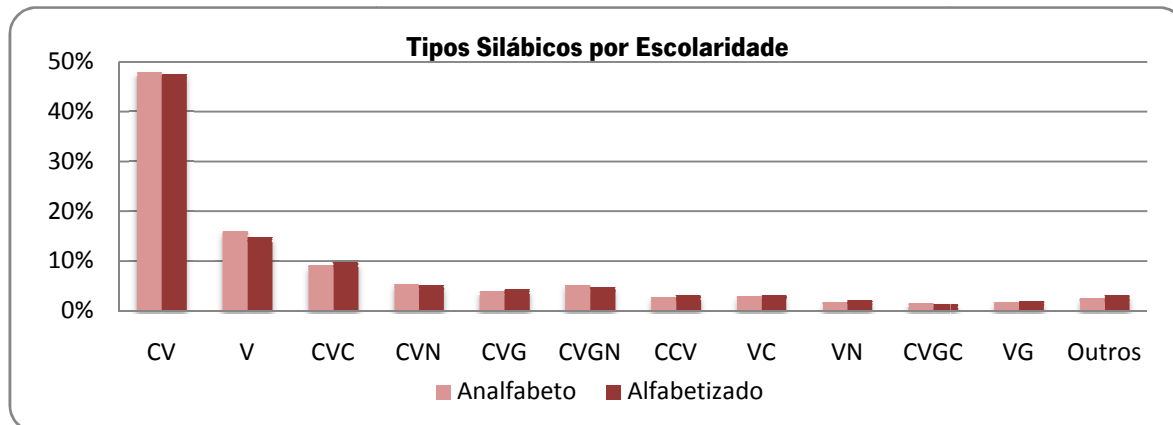


Gráfico 3 – Tipos Silábicos por Escolaridade: Falantes Analfabetos e Alfabetizados

No Gráfico 4 vemos a distribuição dos tipos silábicos por idade. As diferenças percentuais para cada intervalo etário são, uma vez mais, significativas (v.p. 0,00). Veja-se que a porcentagem de ocorrência do tipo CV tem tendência para aumentar ao longo da idade (45% [20-35]; 45% [36-50]; 47% [51-65] e 48% [>65]), ao contrário do tipo CVC, cuja realização diminui ao longo dos intervalos etários (12% [20-35]; 12% [36-50]; 11% [51-65] e 9% [>65]).

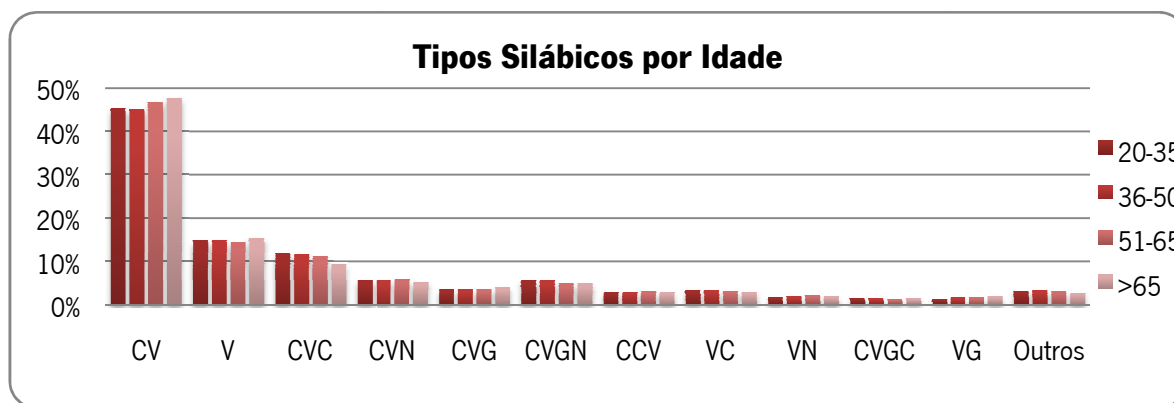


Gráfico 4 - Tipos Silábicos por Escolaridade

Para o aumento do tipo CV e diminuição do tipo CVC, nos falantes com mais de 65 anos, poderão contribuir as paragoges de [i] e [v] em sílaba final fechada por consoante, formando uma nova sílaba, como em: *andaba só com obelhas e cabras era **difícile** (CNM4), **dize-lhe** ele está calado (INM4); **fize-te** algum mal (INF4); e **nem sequera** sabe (MAF4); ou de **qualquera** maneira (CNM4).*

## 6.2.2. Número de Sílabas por palavra prosódica

Quanto ao número de sílabas por palavra, os trabalhos anteriores relativos à frequência de número de sílabas, nomeadamente Frota *et al.* 2006, concluem que 28,6% das palavras prosódicas são monossílabos, 44,4% dissílabos e 27% têm três ou mais sílabas. No que diz respeito ao *corpus* TQT, os valores percentuais obtidos são muito semelhantes<sup>50</sup> aos calculados para o *corpus* TA90PE em Frota *et al.* 2006, como vemos no Gráfico 5.

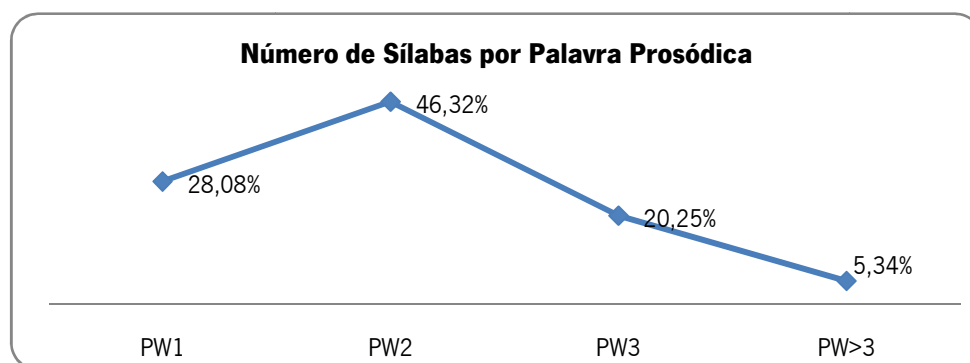


Gráfico 5 - Número de Sílabas por Palavra Prosódica na TQT

<sup>50</sup> O valor de prova, na comparação destes valores, foi de 0,665, pelo que não há diferenças significativas entre os *corpora*.

A distribuição por Concelho da TQT é a seguinte:

	<b>Alfândega</b>	<b>Carrazeda</b>	<b>Mirandela</b>	<b>Macedo</b>	<b>Vila Flor</b>	<b>Total TQT</b>
<b>PW1</b>	28,10%	29,10%	27,50%	27,70%	27,90%	28,10%
<b>PW2</b>	46,60%	46,10%	46,30%	45,70%	46,90%	46,30%
<b>PW3</b>	20,20%	19,90%	20,10%	21,20%	19,80%	20,30%
<b>PW&gt;3</b>	5,10%	4,90%	6,10%	5,30%	5,20%	5,30%

Tabela 13 - Número de Sílabas por Palavra Prosódica por Concelho

Apesar dos valores para cada concelho serem bastante próximos, são de realçar algumas diferenças significativas (v.p. 0,00). Veja-se que o concelho de Mirandela é o que maior percentagem de palavras prosódicas com mais de três sílabas apresenta: 6,10% no total, em contraste com os valores para Alfândega (5,10%), Carrazeda (4,90%), Macedo (5,30%) e Vila Flor (5,30%). Esta constatação leva-nos a questionar as possíveis influências que um centro de desenvolvimento industrial e cultural poderá ter na produção de palavras prosódicas mais pesadas, mesmo em contextos informais de comunicação.

A análise do Gráfico 6 relativo ao número de sílabas por palavra prosódica de acordo com a escolaridade do falante da TQT revela diferenças ténues na distribuição do número de sílabas. Assim, nos falantes analfabetos a percentagem de palavras prosódicas com menos de três sílabas é superior, ao contrário dos valores para as palavras prosódicas com mais de três sílabas. Este resultado é, provavelmente, motivado, entre outros aspectos, pela supressão de uma ou mais sílabas em palavras polissilábicas, como: **andámos** (andávamos) *na azeitona e na amêndoa*; nós **támos** (estávamos) *ali em bale verde* (ANF4); *diziam-no à possora* (INF4). Por outro lado, esta diminuição no número de palavras com mais de três sílabas poderá também ser revelador da acção da escolaridade na realização de palavras prosódicas mais pesadas em termos silábicos.

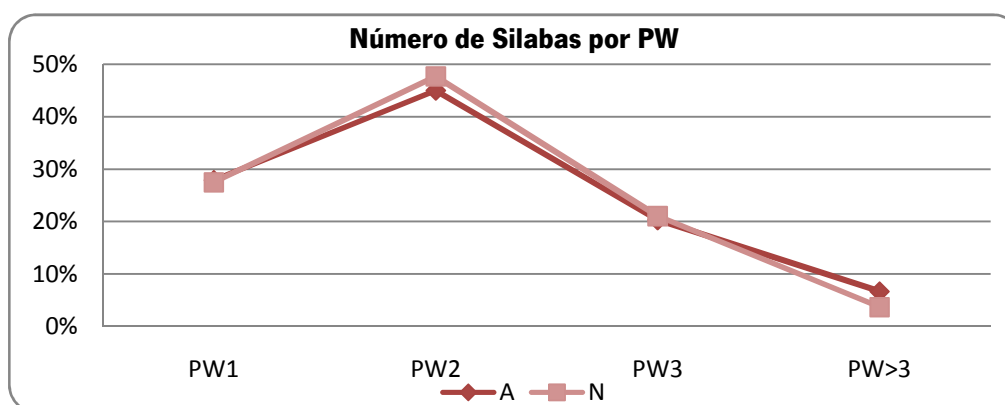


Gráfico 6 – Percentagem de Sílabas por Palavra Prosódica por Escolaridade: (A) Alfabetizado e (N) Analfabeto (v.p. 0,00)

No que diz respeito à distribuição por sexo (cf. Gráfico 7), há um ligeiro aumento na percentagem de ocorrência das palavras prosódicas com duas sílabas nos falantes do sexo feminino e a diminuição nas palavras prosódicas com três ou mais sílabas (v.p.0,00).

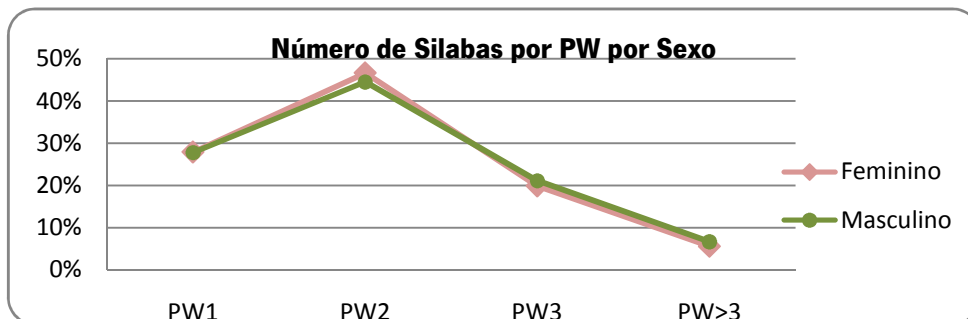


Gráfico 7 - Número de Silabas por Palavra Prosódica por Sexo

Finalmente, o Gráfico 8, relativo à distribuição do número de sílabas por palavra prosódica por faixas etárias, revela que a escolha de palavras prosódicas mais ou menos pesadas varia ao longo da idade do falante. Na faixa etária [51-65] são visíveis alterações na escolha do tamanho das palavras prosódicas, na medida em que nesta idade há um aumento de palavras prosódicas com três sílabas e concomitantemente um decréscimo de palavras prosódicas com uma sílaba. Já no grupo etário seguinte [> 65] há um aumento na produção de palavras prosódicas com uma e duas sílabas e uma diminuição da produção de palavras prosódicas de três ou mais sílabas.

É também de realçar o aumento da percentagem de palavras prosódicas com duas sílabas (43,61% [20-35]; 44,49% [36-50]; 44,80% [51-65]; e 47,47% [>65]) e a simultânea diminuição de palavras prosódicas com mais de três sílabas nos falantes com mais de 65 anos: 7,11% [20-35]; 7,11% [36-50]; 7,14% [51-65]; e 4,58% [>65].

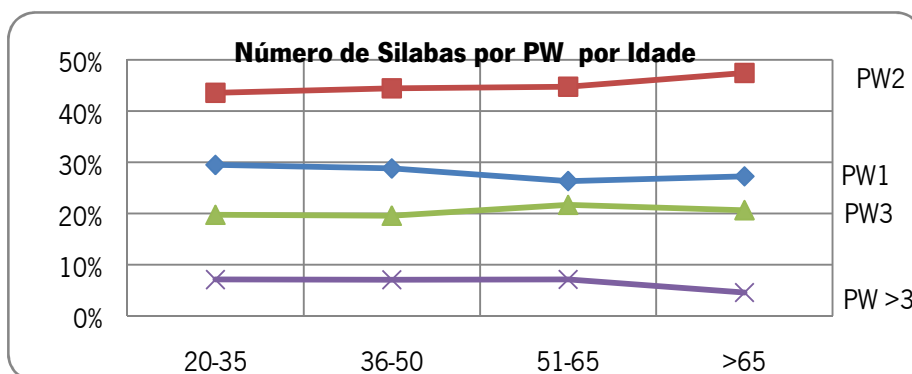


Gráfico 8 - Número de Silabas por Palavra Prosódica por Idade

### 6.2.3. Conclusão

Em primeiro lugar, é de salientar a diferença de valores para os tipos silábicos mais frequentes no *corpus* TQT e noutros *corpora*, apesar de considerarmos que este aspecto necessitará de ser mais aprofundado, tendo em consideração a uniformização do tipo de transcrição e das ferramentas utilizadas para extracção e tratamento de dados.

Quanto à distribuição dos tipos silábicos mais frequentes por variáveis externas, verificaram-se diferenças significativas na sua distribuição pelas variáveis idade e escolaridade. Assim, nos falantes com mais de 65 anos há uma diminuição do tipo silábico CVC e um aumento do tipo CV, provocado, em parte, pela inserção de [ɐ] e [i] em final de sílaba. Já nos falantes analfabetos, há um aumento das sílabas do tipo V e uma diminuição das sílabas do tipo CVC.

No que diz respeito ao número de sílabas por palavra prosódica, é de salientar as diferenças obtidas entre sexos e escalões etários, assim como os resultados para os falantes analfabetos. Em suma, os falantes do sexo feminino produzem mais dissílabos do que os homens; nos falantes analfabetos verificou-se um aumento de palavras com duas sílabas e um decréscimo das palavras com três ou mais sílabas. Finalmente, a análise por idades indica que nos falantes com mais de 65 anos a percentagem de palavras com duas sílabas é superior ao verificado para as restantes faixas etárias, ao contrário do que acontece com a realização de palavras com mais de três sílabas, cuja percentagem diminui abruptamente.

### 6.3. Acento

Neste capítulo, para além de observarmos a distribuição da acentuação na TQT, é nosso objectivo perceber se os padrões de acentuação variam de acordo com as variáveis externas já determinadas. A detecção do acento de palavra pela Ferramenta FreP é feita de acordo com o descrito em Vigário (2003) para as palavras prosódicas e clíticos do PE. Estudos relativos à frequência dos diferentes padrões acentuais possíveis no PE (Viana *et al.* 1996; Frota *et al.* 2006) indicam que a maioria das palavras com mais de uma sílaba é acentuada na penúltima sílaba.

Segundo Frota *et al.* (2006) e Vigário *et al.* (2006b), a distribuição do acento no *corpus* TA90PE é a seguinte: 76,44% das palavras prosódicas com mais de uma sílaba são paroxítonas, 21,56% são oxítonas e apenas 1,99% são proparoxítonas. No *corpus* TQT, se excluirmos as palavras prosódicas com uma sílaba, obtemos a seguinte distribuição de acento: 21,97% das palavras prosódicas têm acento na sílaba final; 76,29% na penúltima sílaba; e 1,74% na antepenúltima sílaba (cf. Tabela 14). Conclui-se que os valores para a distribuição do acento na TQT e no *corpus* TA90PE são estatisticamente semelhantes (v.p. 0,354).

<b>Acento</b>	<b>TQT</b>	<b>TA90PE</b>
<b>Final</b>	21,97%	21,56%
<b>Penúltima</b>	76,29%	76,44%
<b>Antepenúltima</b>	1,74%	1,99%

Tabela 14 – Distribuição do acento no *corpus* TQT e no *corpus* TA90PE em Frota *et al.* (2006) e Vigário *et al.* (2006b).  
Valores percentuais referentes a palavras prosódicas com mais de uma sílaba

Estes estudos mostram também que, se incluídas as palavras prosódicas monossilábicas, os valores relativos para a distribuição do acento sofrem uma alteração significativa. Assim, no *corpus* TA90PE, obtemos 44% de oxítonas e 1,5% de proparoxítonas, apesar da expressiva maioria das palavras paroxítonas (54,4%). A análise do *corpus* recolhido revelou que, na TQT, 27,84% são monossílabos, 15,71% são oxítonas, 55,16% paroxítonas e apenas 1,30% proparoxítonas (cf. Tabela 16).

<b>Acento</b>	<b>TQT</b>	<b>TA90PE</b> <b>Frota <i>et al.</i> (2006) e Vigário <i>et al.</i> (2006b)</b>
<b>Final</b>	43,55%	44%
<b>Penúltima</b>	55,16%	54,4%
<b>Antepenúltima</b>	1,30%	1,5%

Tabela 15 – Distribuição do acento no *corpus* TQT e no *corpus* TA90PE em Frota *et al.* (2006) e Vigário *et al.* (2006b).  
Valores percentuais referentes a palavras prosódicas, monossílabos incluídos. (v.p. 0,366)

A distribuição do acento por concelho é a seguinte (cf. Tabela 16):

	<b>Concelhos</b>	<b>Alfândega</b>	<b>Carrazeda</b>	<b>Mirandela</b>	<b>Macedo de</b>	<b>Vila</b>	<b>Total</b>
		<b>da Fé</b>	<b>de Ansiães</b>		<b>Cavaleiros</b>	<b>Flor</b>	<b>TQT</b>
<b>Acento</b>	Monossílabo	28,00%	29,39%	27,23%	27,46%	27,10%	27,84%
	Final	14,63%	15,86%	16,43%	14,97%	16,68%	15,71%
	Penúltima	56,05%	53,74%	54,98%	55,85%	55,16%	55,16%
	Antepenúltima	1,32%	1,01%	1,36%	1,72%	1,07%	1,30%

Tabela 16 – Distribuição do Acento pelos concelhos da TQT



Verifica-se que a distribuição do acento por concelho varia muito (v.p. 0,00). Veja-se o valor percentual para as palavras acentuadas na antepenúltima sílaba em Carrazeda de Ansiães e Vila Flor (1,01% e 1,07%, respectivamente), em contraste com o valor percentual para Macedo de Cavaleiros (1,72%). De facto, os valores mais altos registados para as proparoxítonas dizem respeito às cidades de Mirandela (1,36%) e Macedo (1,72%), tendência já verificada nos valores para as palavras prosódicas com três ou mais sílabas.

### 6.3.1. Distribuição por variável externa

Depois de calculados os valores para a TQT, calculámos os valores por variável externa. A distribuição do acento por Sexo (cf. Gráfico 9) revela que os valores relativos da distribuição da acentuação, no discurso oral, são semelhantes.

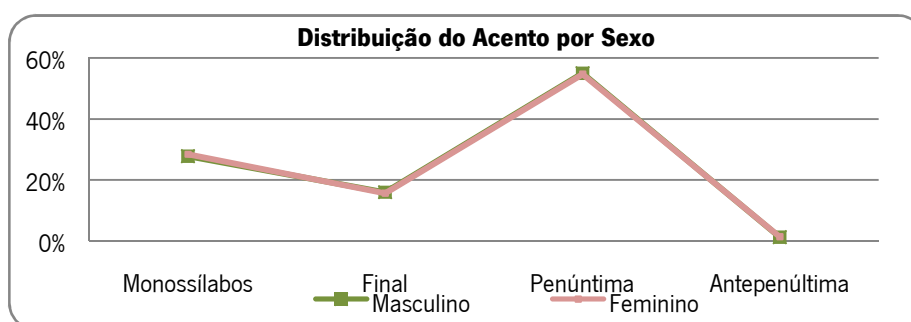


Gráfico 9 - Distribuição do Acento por Sexo

Em relação à Escolaridade e Idade, verifica-se a mesma tendência já observada no número de sílabas por palavra: os falantes analfabetos apresentam valores mais baixos para a acentuação na antepenúltima sílaba do que os calculados para os falantes alfabetizados (v.p. 0,00) (cf. Tabela 17).

Falantes TQT	Acento			
	Monossílabos	Final	Penúltima	Antepenúltima
<b>Analfabeto</b>	27,51%	14,61%	56,88%	1,00%
<b>Alfabetizado</b>	28,22%	16,09%	54,32%	1,37%

Tabela 17 - Distribuição do Acento no *corpus* TQT por falantes Analfabetos e Alfabetizados

A mesma tendência é verificada nos falantes com mais de 65 anos quando comparamos os seus valores com as restantes idades (cf. Tabela 18). A distribuição do acento por idades revela, também, que no intervalo etário

[20-35] há um aumento de monossílabos e uma diminuição de palavras acentuadas na penúltima sílaba. Finalmente é de realçar o aumento de palavras proparoxítonas nos falantes entre os 51 e os 65 anos (v.p.0,005).

Idades	Acento			
	Monossílabos	Final	Penúltima	Antepenúltima
<b>20-35</b>	29,50%	16,25%	52,85%	1,40%
<b>36-50</b>	28,81%	15,69%	54,08%	1,41%
<b>51-65</b>	27,58%	16,32%	54,57%	1,53%
<b>&gt;65</b>	27,75%	15,54%	55,53%	1,17%

Tabela 18 - Distribuição do Acento no *corpus* TQT por Idade

### 6.3.2. Conclusão

A análise da distribuição do acento no *corpus* TQT apontou os seguintes aspectos relevantes: (i) os concelhos mais desenvolvidos e com estatuto de cidade apresentam valores percentuais mais elevados de proparoxítonas; (ii) os falantes com idades compreendidas entre os 51 e os 65 anos produzem mais proparoxítonas; (iii) nos falantes com mais de 65 anos, a percentagem de palavras acentuadas na antepenúltima sílaba é inferior; (iv) a mesma tendência é verificada nos falantes analfabetos.

### 6.4. Conclusões

A análise da distribuição das unidades fonológicas aqui apresentadas (segmentos, tipos silábicos, número de sílabas por palavra prosódica e acento) revela que o comportamento dos falantes não é uniforme, mas depende, de factores externos, como a origem geográfica, a idade e a exposição a processo de escolarização. Assim, foram assinaladas diferenças significativas na distribuição destes segmentos nos falantes analfabetos quando comparados com os alfabetizados, nomeadamente na percentagem de *V-Slots* e de proparoxítonas. Também a variável idade parece interferir na produção dos tipos silábicos e na realização de palavras prosódicas mais pesadas. Finalmente, a origem geográfica, nomeadamente as cidades inseridas em contexto rural, parece ser um aspecto importante no aumento da realização de palavras mais pesadas e proparoxítonas.



## VII. Análise dos resultados: Processos Fonológicos

*Speakers' choices between variable linguistic forms are systematically constrained by multiple linguistic and social factors that reflect underlying grammatical systems and that both reflect and partially constitute the social organizations of the communities to which users of the language belong. In addition, synchronic variation is often a reflection of diachronic change.*

Weinreich *et al* (1968:99-100)

Neste capítulo analisaremos os resultados do cruzamento dos factores externos (cf. ponto 5.6.) com os factores internos (cf. ponto 5.7.) na realização de cada processo descrito no Capítulo IV. Assim, analisámos as variáveis internas e externas na: (i) manutenção da africada surda (cf. ponto 7.1.), (ii) realização da lateral (cf. ponto 7.2); (iii) centralização de [e] (cf. ponto 7.3.); (iv) realização dos segmentos fricativos em final de palavra seguido imediatamente de segmento [- consonântico] (ponto 7.4.); e (v) na realização da nasal final como elemento de ligação entre palavras ou entre palavras prosódicas e clíticos (ponto 7.5.).

Como foi anteriormente dito, os valores relativos foram automaticamente fornecidos pelo Programa Goldvarb e o cálculo do valor de prova a partir do teste do Qui-Quadrado. Os valores são apresentados sempre em percentagem, salvo menção em contrário.

### 7.1. Manutenção da africada surda [tʃ]

Foram recolhidos 68 contextos onde a fricativa [ʃ] tem realização como [tʃ], nos quais a manutenção da africada surda coexiste com a realização da fricativa surda /ʃ/, sem carácter distintivo, como podemos ver nestes dois excertos dum falante analfabeto de Mirandela: *ainda **tcheguei** ao libro da primeira*, onde a africada é realizada e *não **cheguei** a aprender*, onde a africada não é realizada.

A distribuição da realização da africada surda por falante pode ser consultada no Anexo B.

### 7.1.1. Distribuição por concelho

Após análise do corpus, verificamos que a manutenção da africada surda é mais visível nos concelhos de Vila Flor (28%) e Macedo de Cavaleiros (26%). A sua ocorrência em Carrazeda de Ansiães é residual (Apenas 6% das ocorrências são realizadas por falantes de Carrazeda de Ansiães), como vemos no Gráfico 10.

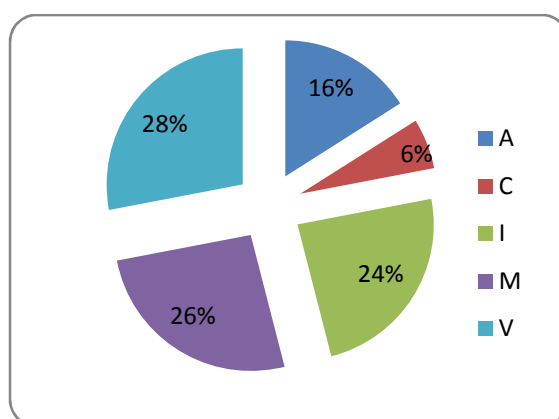


Gráfico 10- Manutenção da africada surda [t̥] - Distribuição por concelho.  
(A) Alfândega (16%); C (Carrazeda) (6%), I (Mirandela) (24%), M (Macedo de Cavaleiros) (26%) e (V) Vila Flor (28%)

### 7.1.2. Distribuição por escolaridade

A manutenção da africada surda é mais visível nos falantes analfabetos (55%). A distribuição deste fenómeno por concelho e escolaridade é a seguinte (cf. Gráfico 11).

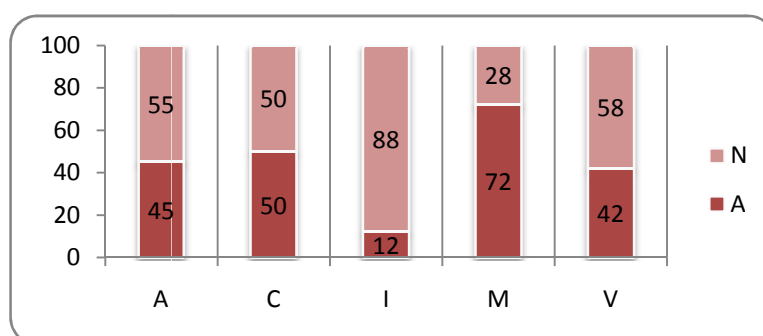


Gráfico 11 – Realização da africada por falantes analfabetos (N) e alfabetizados (A), em função do concelho: (A) Alfândega; (C) Carrazeda; (I) Mirandela; (M) Macedo e (V) Vila Flor.

Depois de aplicado o teste do Qui-Quadrado concluiu-se que, na realização da africada, a variável escolaridade é dependente da variável concelho (v.p. 0,015). Assim, em Alfândega e Macedo, a africada é mais realizada por falantes alfabetizados, enquanto que nos concelhos de Mirandela e Vila Flor, a percentagem de realização

de [tʃ] é superior nos falantes analfabetos. Em Carrazeda, a percentagem de ocorrência da africada por escolaridade do falante é a mesma (50%). Seria previsível encontrar valores mais altos para os falantes analfabetos. No entanto, como menciona Pinto (1980/1981: 152), “Embora *ç* seja mais frequente em pessoas idosas, rudes, analfabetas ou pouco instruídas, não quero deixar de referir que, no decorrer dos inquéritos directos, ouvi esta pronúncia a pessoas de instrução elementar, mas que mantêm bastantes contactos com ambientes estranhos ao meio rural e pertencentes a camadas socioeconómicas mais elevadas.”

### 7.1.3. Distribuição por sexo

A análise da variável sexo revela que é nos falantes masculinos que, estatisticamente, este fenómeno é mais visível (57%), contrariamente ao descrito em Santos (2003:179) para Vila Pouca do Campo (Coimbra), onde as mulheres representam 55% dos falantes que realizam a africada surda.

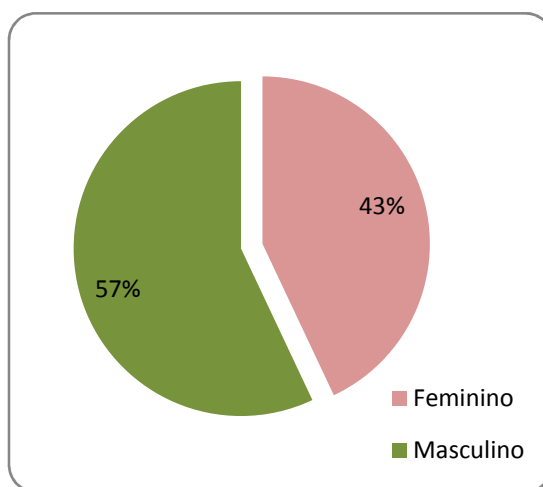


Gráfico 12 – Realização da africada surda: distribuição por sexo.

### 7.1.4. Distribuição por idade

Uma vez que em nenhum dos concelhos a realização da africada surda é observada em todos os intervalos etários, não foi possível desenhar um gráfico de tendência. Podemos, no entanto, no total de ocorrências, podemos isolar a realização da africada surda nos falantes com mais de 65 anos, representando 94%. O Gráfico 13 revela que a ocorrência da africada surda noutras faixas etárias não ocorre em Carrazeda e Mirandela, e nos restantes concelhos é muito reduzida (< 9%), o que poderá indicar que a realização da

africada desaparecerá em poucas décadas. No entanto, e tal como verificado em Santos (2003:180), a africada ainda é realizada por falantes jovens escolarizados, como acontece com um falante de Vila Flor com menos de 35 anos e com o 12º ano de escolaridade: *é tcheia de mania* (VAM1). Como refere Pinto (1980/1981: 151-152), “Embora tenha sido nas gerações mais antigas que com mais frequência registei a africada, nas gerações médias ouvi-a muitas vezes quando «a gente num se importa de falar mal» e ainda em crianças em idade escolar, em virtude não só da sua espontaneidade, mas também, de certo modo, da menor consciência que possuem do carácter rústico que imprime esta pronúncia.”

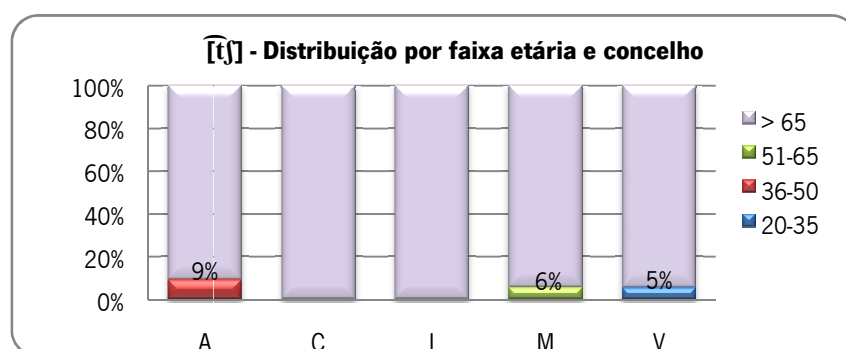


Gráfico 13- Realização da africada surda por faixa etária, de acordo com o concelho do falante: (A) Alfândega; (C) Carrazeda; (I) Mirandela; (M) Macedo e (V) Vila Flor.

### 7.1.5. Segmento seguinte

Da análise das ocorrências, verifica-se que a realização da africada nunca ocorre quando o segmento seguinte é uma vogal [+baixa], i.e., [ɛ], [a] e [ɔ]. Dentro da categoria de vogais [-baixas], a ocorrência da africada é mais visível quando o segmento vocálico seguinte é central, i.e., [i] (27%) ou [ɐ] (40%) (cf. Gráfico 14).

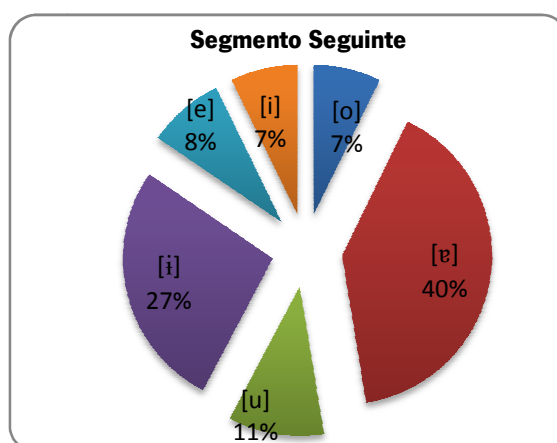


Gráfico 14- Segmento seguinte

### 7.1.6. Distribuição por Classe Gramatical

Bybee (2002) refere que há dois aspectos determinantes num processo de mudança *sonora*: a frequência, que actua de forma diferente no léxico; e o contexto linguístico, referindo como exemplo os morfemas de limite de palavra. Tendo em conta o pressuposto de que o contexto linguístico poderá desempenha um papel preponderante no processo de mudança, considerámos a possibilidade de o contexto linguístico também ser determinante na manutenção de formas em desuso.

Assim, observámos a categoria gramatical dos itens lexicais<sup>51</sup> e concluímos que a manutenção da africada surda ocorre apenas com verbos (75%), nomes (20%) e adjectivos (5%) (cf. Gráfico 15), sendo nos verbos a realização da africada mais visível, o que poderá revelar que, nesta categoria gramatical, a introdução da fricativa [ʃ] se faz de forma mais lenta, uma vez que o estabelecimento de uma variante, neste caso [ʃ], não actua à mesma velocidade em todas as categorias de palavras, como refere Bybee (2002).

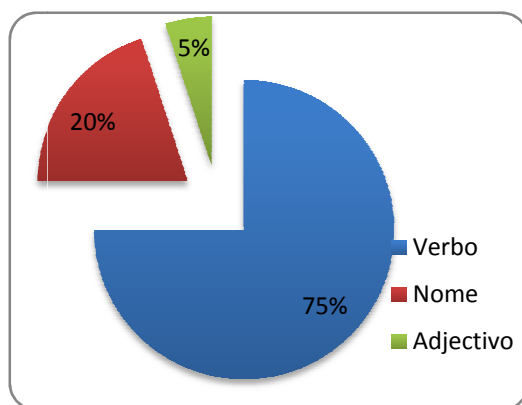


Gráfico 15 – Distribuição da africada surda por classe gramatical.  
Verbo (75%), Nome (20%) e Adjectivo (5%)

Se correlacionarmos a classe gramatical com a escolaridade (Gráfico 16), verificamos que os falantes analfabetos realizam a africada surda maioritariamente em verbos (95%), contrastando com os resultados obtidos para os falantes alfabetizados, grupo onde a realização da africada surda se verifica em verbos (47%), nomes (40%) e adjectivos (13%). Uma vez que o valor de prova é 0,00, podemos afirmar que as variáveis *classe gramatical* e *escolaridade do falante* são dependentes, i.e., estão relacionadas.

---

<sup>51</sup> Segundo Phillips (2001:128), “All too often in discussions of changes, authors will attribute the aberrant behavior of a group of words to their word frequency when what is really significant is the group’s word class”



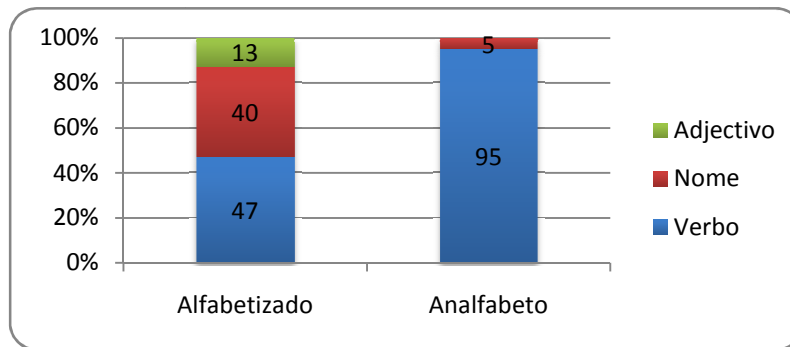


Gráfico 16 – Distribuição da realização da africada por Escolaridade e Classe Gramatical. Falantes Alfabetizados: verbo (47%); nome (40%) e adjectivo (13%). Falantes Analfabetos: verbo (95%) e nome (5%).

Apesar da distribuição percentual nos falantes analfabetos ser bastante clara, estes valores poderão estar relacionados com a selecção lexical de cada falante, o que poderá possibilitar ou não a ocorrência da africada.

### 7.1.7. Distribuição por Sílabas

O Gráfico 17 indica que em 75% dos casos a africada ocorre em ataque de sílaba inicial de palavra, o que parece indicar que esta posição potencia a realização de  $[\text{t}^h]$ <sup>52</sup>.

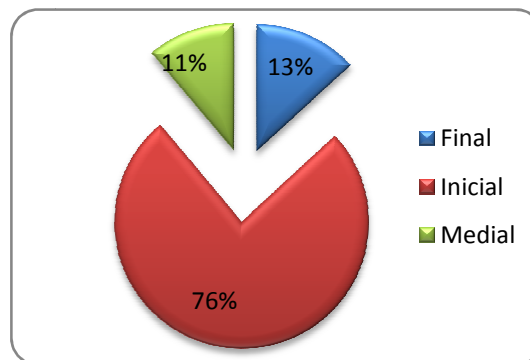


Gráfico 17 – Manutenção da africada  $[\text{t}^h]$ - Distribuição por sílaba: Inicial (76%), Medial (11%) e Final (13%).

O cruzamento sílaba / categoria gramatical (v.p. 0,001) revela que, nos verbos e nomes, a africada surge maioritariamente em ataque de sílaba inicial, enquanto que nos adjectivos a africada encontra-se maioritariamente em ataque de sílaba final (cf. Gráfico 18), enquanto que nos adjectivos a africada surge em sílaba final.

<sup>52</sup> Esta posição é também fundamental, a par com a sílaba acentuada, na aquisição silábica, sendo por isso, muitas vezes preservada (Vigário *et al.* 2006a)

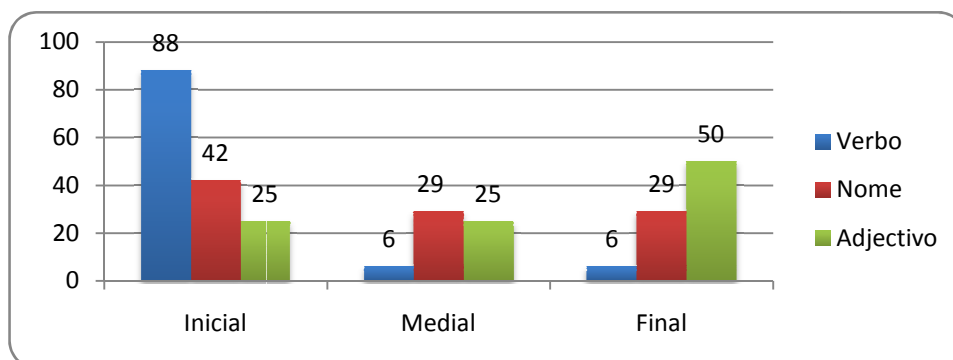


Gráfico 18- Manutenção da africada [tʃ]- Cruzamento Silaba (Inicial, Medial e Final)/Classe Gramatical (Verbo, Nome e Adjectivo). Valores em percentagem, considerando cada categoria como 100%.

Como veremos na secção seguinte, a frequência lexical desempenha um papel determinante na manutenção da africada e, simultaneamente, na sua localização no interior da palavra.

### 7.1.8. Componente Lexical

Como já mencionado no ponto 4.1., a africada surda mantém-se, de forma variável, em determinados vocábulos grafados com <ch> e derivados dos grupos consonânticos latinos PL-, CL- e FL- em posição inicial de palavra.

<i>chamar</i> < <i>clamare</i> ;	<i>chegar</i> < <i>plicare</i> ;	<i>chorar</i> < <i>plorare</i> ;
<i>pinchar</i> < <i>pinctiare</i> ;	<i>cheio</i> < <i>pleno</i> ;	<i>encher</i> < <i>implere</i>

Se compararmos as ocorrências listadas na Tabela 19, percebemos que a realização da africada surda surge, na maioria das ocorrências, nos contextos históricos já mencionados:

Se, como refere Bybee (2002), as mudanças fonéticas tendem a difundir-se lexicalmente enquanto estão em progresso, será que o oposto também acontece, i.e., será que as formas fonéticas em desaparecimento, neste caso a africada [tʃ], se mantêm cristalizadas em redutos lexicais, sendo estes resistentes à uniformização de paradigma por serem de elevada frequência, como os verbos *chamar* e *chegar*? Veja-se que a análise das formas lexicais onde a africada ocorre revela que 88% dos dados podem ser agrupados em apenas cinco grupos de frequência: formas verbais dos verbos *chamar*, *chegar* e *chorar*, formas derivadas do adjectivo pequeno/a; e formas lexicais regionais, como podemos verificar na Tabela 19. Também Santos (2003:178) refere que a realização da africada se verifica apenas num reduto lexical, sendo que as formas do verbo *chegar* constituem a maioria das palavras onde a africada ainda ocorre, tal como se verifica no nosso *corpus*.

<b>Formas do verbo chegar</b>	<b>Formas do verbo chamar</b>	<b>Formas do verbo chorar</b>	<b>Formas do adjectivo pequeno/a</b>	<b>Formas lexicais regionais</b>	<b>Outras Formas</b>
tchegaba-me (1)	tchamaba-se (1)	tchorar (2)	pequerritchitos (1)	tchitcharos (4)	ratchou (1)
tchegar (2)	tchamar (1)	tchorei (1)	pequerrutcha (1)	pintchou-se (2)	matchos (1)
tchegábamos (1)	tchama (2)		pequerritchas (1)	tchorros (2)	entchesse (2)
tcheguei (6)	tchamaba (2)		pequerrutcho (1)		rantchos (2)
tchegaram (2)	tchamada (1)				ratchei (1)
tchegabam (1)	tchamemos (1)				tcheia (1)
tchega (1)	tchamabam (2)				
tchegam (1)	tchamabam-se (1)				
tchegamos (2)	tchamam-lhe (1)				
tchegamos (1)	tchamamos-lhe (1)				
tchego (1)	tchama-se (3)				
tchegou (3)	tchame (1)				
tchegue-se (1)	tchamou-me (1)				

Tabela 19 – Frequência de palavras com africada surda.

Verifica-se, também, que a realização da africada ocorre em itens lexicais provenientes do castelhano, como *chorro*, *rancho* e *rachar*<sup>53</sup>. De referir, ainda, que as formas derivadas do adjectivo *pequeno*, as formas regionais e as formas do verbo *rachar* nunca são realizadas, no nosso *corpus*, com a fricativa [ʃ], o que poderá indicar que nestas palavras a realização da africada está cristalizada.

### 7.1.9. Conclusão

A análise estatística da manutenção da africada surda no *corpus* TQT permite-nos concluir que este fenómeno ocorre maioritariamente em falante com mais de 65 anos (95%) e em falantes analfabetos (55%). A distribuição por sexo do falante indica que a africada é mais comum, ainda que ligeiramente, nos falantes do sexo masculino (55%). Quanto à sua distribuição por variáveis internas, a africada surda, no *corpus* em análise, nunca ocorre antes de vogais [+baixas]. No que diz respeito à posição na sílaba, constatou-se que em 76% dos casos a africada ocorre em sílaba inicial. Dentro das categorias gramaticais considerada (Verbo, Nome e Adjectivo), a africada ocorre em 75% das vezes em Verbos. Finalmente, é notória a importância do léxico na manutenção da africada surda.

<sup>53</sup> *Chorro*, de acordo com o Grande Dicionário da Língua Portuguesa (Machado 1991), provém do castelhano e tem o mesmo significado que jorro: “grande jacto, jacto forte, saída impetuosa”. *Rachar* provém igualmente do castelhano *rajar* (Machado 1991); Também *rancho* provém do Castelhano *rancho*, que por sua vez deriva do Latim *ramice* (Lello e Irmãos Editores 1996). O item *matcho* deriva do latim *masculu* (Machado 1991).

## 7.2. Semivocalização da lateral em pronomes

Depois da transcrição do *corpus* recolhido, constatámos que alguns falantes (11) semivocalizavam a lateral intervocálica em alguns itens lexicais. A recolha dessas 23 realizações revelou que este fenómeno ocorria apenas no caso dos pronomes ou determinantes masculinos plurais, contraídos ou não com preposições. Na Tabela 20 vemos a distribuição do fenómeno de semivocalização de acordo com a palavra em que ocorre e no Gráfico 19 a sua distribuição percentual. Veja-se que na forma *naqueles*, para além da semivocalização, verificamos a epêntese de uma fricativa final na primeira sílaba, i.e., *nasqueis*. De realçar que as realizações *deis* e *nasqueis* ocorrem apenas uma vez, em *mas depois os filhos não têm bida pra me atender pra me aturar (...) tratam da bida deis* (INM4), e *naquele ano nasqueis anos que eu andei na escola* (AAF2), respectivamente.

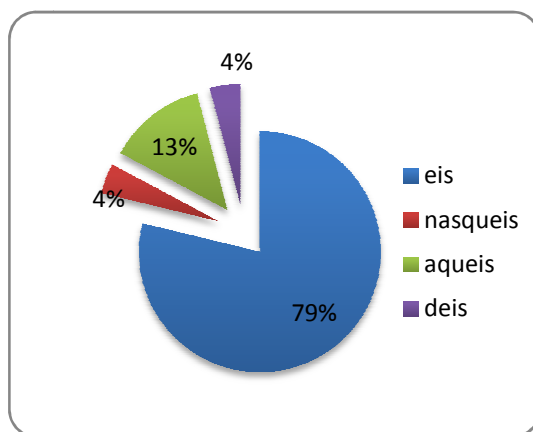


Gráfico 19- Semivocalização da lateral por item lexical em percentagem.

Semivocalização da lateral	
<i>eis</i>	<i>aqueis</i>
eis é assim	aqueis danços
eis faziam-me assim	pronto aqueis passaram
e eis diziam-me assim	aqueis medeiros de palha
pois eis não tinham estudado	
e eis não tinham	
eis pagabam pouco	
bater a eis	<b><i>deis</i></b>
e eu para eis	tratam da bida deis
mas eis eram (2)	
com eis (4)	<b><i>nasqueis</i></b>
e eis estão todos muito bem	nasqueis anos
porque eis morreram (2)	
bem se bê o que eis são	

Tabela 20 - Realização da lateral como semi-vogal por item lexical.

A manutenção da semivocalização da lateral nestes quatro itens lexicais específicos poderá estar relacionada com a sua formação morfológica. Já vimos que *e/les* provém a afixação do morfema de número a *e/*, forma da terceira pessoa do singular no Português Antigo, na qual se inseriu a vogal *e*. O que se verifica, em *eis*, *nasqueis*, *deis*, *aqueis*, é a semivocalização da lateral em contacto com o morfema de número, como em *papel*>*papéis*; *cartel*>*cartéis*, etc.

Segundo Bybee e Hopper (2001:17), os itens lexicais de alta frequência, com construções morfológicas irregulares, porque mais facilmente acessíveis, são mais resistentes a processos de mudança e, ao mesmo tempo, menos afectados pela regularização de paradigmas. Acrescentam, ainda que, esta resistência à mudança e ao efeito da frequência é-lhes conferida pelo facto de estes itens lexicais estarem armazenados na memória do falantes como irregulares. Considerando que: (i) os pronomes e determinantes são itens lexicais de alta frequência; (ii) a afixação do morfema de número a palavras terminadas em *e/* implica a semivocalização da lateral; e (iii) as formas *eis*, *aqueis*, *deis*, *naqueis*, foram já documentadas como pertencentes a um estágio anterior do PE; conclui-se que, nestes casos, o paradigma de plural em *ele*, *aquêle*, *naquêle*, *aquêle*, não sofreu o processo de regularização, verificando-se a semivocalização da lateral, como ocorre nos outros itens lexicais terminados em *-e/*. De forma a corroborar a anterior hipótese, e partindo do *corpus* TQT, contabilizámos todas as formas pronominais e determinantes terminados em *-le* e *-les* e outros itens lexicais com a mesma terminação (cf. Tabela 21).

Pronomes e determinantes terminados em <i>-le(s)</i>		Outras formas terminadas em <i>-le(s)</i> <sup>54</sup>	
nº	%	nº	%
280	87,77%	39	12,23%

Tabela 21 – Pronomes e determinantes terminados em *-eis* e outras formas terminadas em *-eis* em valores absolutos e relativos.

Como vemos na Tabela 21, as formas pronominais e os determinantes (contraídos ou não com preposição) que sofrem o processo de semivocalização constituem 87,77% de todas as formas terminadas em *-le(s)*, sendo assim, dentro dos itens terminados em *-le(s)*, considerados itens lexicais de alta frequência.

Como não foram encontradas ocorrências de itens lexicais com o plural formado a partir de *-e/*, como *papéis*, no *corpus* TQT, não pudemos comparar a sua frequência com as formas semivocalizadas (cf. Gráfico 19) já

<sup>54</sup> Incluem-se nesta contagem todos os itens gramaticais terminados em *-le* ou *-les*, como *foles* (1), *micaeles* (1), *vale/bale* (25), *baile* (3), *bailes* (4), *fales* (1), *fale* (1), *desfile* (2), *Hércules* (1).

apresentadas. No entanto, podemos calcular a percentagem de ocorrência destes itens em relação aos determinantes e pronomes produzidos com a lateral (Tabela 22).

Pronomes e determinantes terminados em - <i>les</i>			Pronomes e determinantes semivocalizados		
	Nº	%		Nº	%
<b>Eles</b>	60	67,42%	<b>eis</b>	18	78,26%
<b>naqueles</b>	0	0,00%	<b>nasqueis</b>	1	4,35%
<b>deles</b>	21	23,60%	<b>deis</b>	1	4,35%
<b>daqueles</b>	3	3,37%	<b>daqueis</b>	0	0,00%
<b>aqueles</b>	13	13,13%	<b>aqueis</b>	3	13,04%
<b>neles</b>	2	2,25%	<b>neis</b>	0	0,00%
<b>Total</b>	99	100,00%	<b>Total</b>	23	100,00%

Tabela 22 – Valores absolutos e relativos para as ocorrências de pronomes e determinantes terminados em *-les* e para pronomes e determinantes terminados em *-eis*

A tabela de ocorrências comparativa mostra que, apesar de as formas pronominais e determinantes plurais semivocalizados serem uma pequena parte (19%) das ocorrências de pronomes e determinantes plurais terminados em *-les* (as formas canónicas representam 81% das ocorrências), a percentagem de ocorrência das formas *eis* (78,26%) e *nasqueis* (4,35%) é superior à percentagem de ocorrência das formas canónicas (67,42% e 0%, respectivamente) e o valor para a ocorrência de *aqueles*>*aqueis* muito semelhante (13,13% e 13,04%, respectivamente). Conclui-se, portanto, que a percentagem de ocorrência das formas semivocalizadas não é proporcional à ocorrência das formas *standard* (v.p. 0,10). Assim, apesar de a frequência destes itens lexicais poder ser determinante para a manutenção da forma irregular de plural nos determinantes e pronomes já referidos, deverá haver outras variáveis que motivem a sua realização, como veremos nos pontos seguintes.

### 7.2.1. Distribuição por concelho

A semivocalização da lateral da lateral em formas pronominais e em determinantes tinha sido já registada por Vasconcellos (1890-1892: 102) como uma marca do *dialecto transmontano*, mais propriamente da freguesia de Matela (Vimioso) e Parada de Infanções (Bragança). Mais tarde, na obra póstuma *Opúsculos* (1985), este fenómeno surge descrito para a na freguesia de Tralhariz (Carrazeda de Ansiães), Torre de Dona Chama (Mirandela) e Salselas (Macedo de Cavaleiros). Em relação a Salselas, refere Vasconcellos (*ibid.*, p. 168): “o plural do pronome *el* é *eis* e de *aquel* *asqueis*”. Vasconcellos não descreve este fenómeno apenas para estes

concelhos da Terra Quente, sendo também mencionado na descrição morfológica feita para Bragança, Vinhais, Valpaços, Vimioso e Mogadouro. A distribuição por concelho (cf. Gráfico 20) revela que este fenómeno está mais difundido nos concelhos de Mirandela (60%) e Carrazeda (17%).

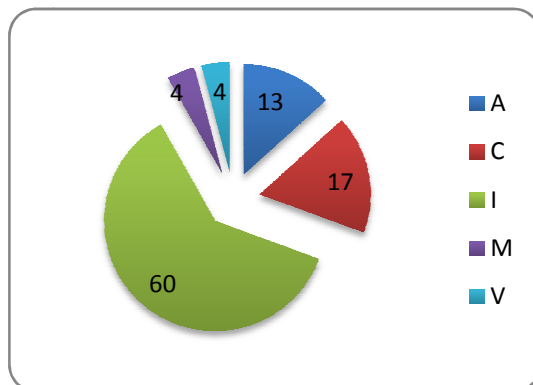


Gráfico 20 – Semivocalização da lateral - Distribuição por concelho.  
(A) Alfândega (13%); C (Carrazeda) (17%), I (Mirandela) (60%), M (Macedo de Cavaleiros) (4%) e (V) Vila Flor (4%).

### 7.2.2. Distribuição por escolaridade

Sabendo que a semivocalização da lateral em determinantes e pronomes era um fenómeno comum no Galego-Português, posteriormente normatizado na escrita e na oralidade, provavelmente por influência da escolarização, seria de esperar que a semivocalização ocorresse maioritariamente em falantes analfabetos, tendo estes mais de 65 anos. Assim, 60 % das ocorrências foram observadas em falantes analfabetos e 40 % em falantes alfabetizados (cf. Gráfico 21). O cruzamento sexo / escolaridade mostra que o fenómeno ocorre mais vezes nos falantes analfabetos do sexo masculino. Dentro dos falantes alfabetizados, o fenómeno é mais visível no grupo dos falantes femininos (v.p. 0,02).

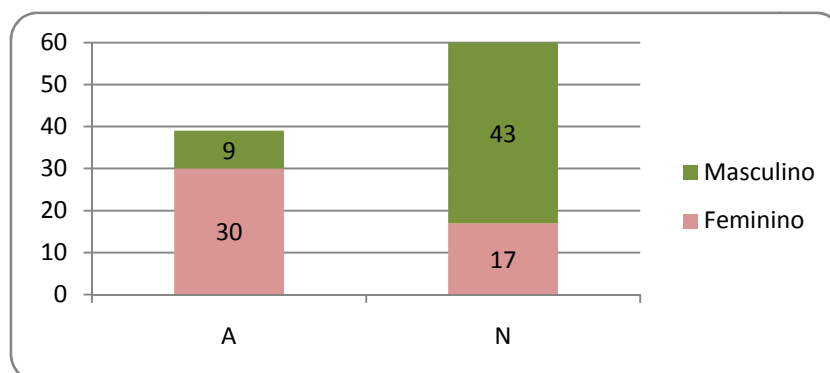


Gráfico 21 - Cruzamento Escolaridade – (A) Alfabetizado; (N) Analfabeto - e Sexo

### 7.2.3. Distribuição por sexo

Apesar de, percentualmente, este fenómeno ser mais realizado por falantes do sexo masculino (52%), a distribuição por concelho (cf. Gráfico 22) mostra que a semivocalização da lateral é feita pelos falantes masculinos das cidades (Mirandela e Macedo). No caso dos falantes do sexo feminino, a sua distribuição é mais vasta, abrangendo todos os concelhos à excepção de Macedo de Cavaleiros (v.p. 0,01).

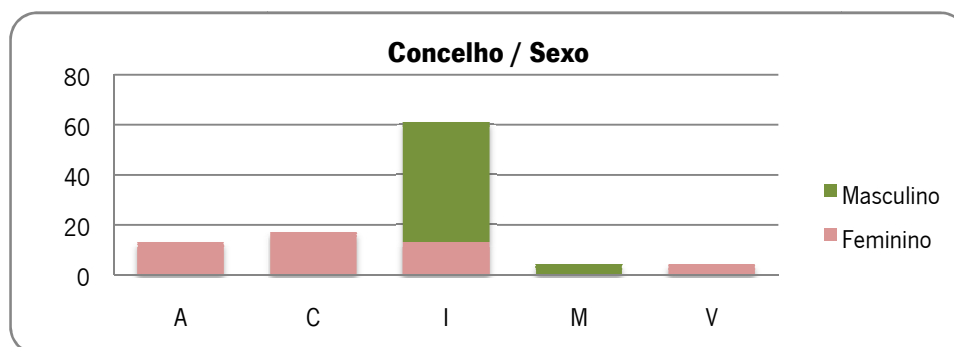


Gráfico 22 – Cruzamento Concelho (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor / Sexo do falante

### 7.2.4. Distribuição por idade

A semivocalização da lateral ocorre apenas em falantes com mais de 65 anos (84%) e em falantes netre os 36 e os 50 anos (14%). O Gráfico 23 mostra que nos falantes com idades compreendidas entre os 36 e os 50 anos as formas *eis*, *naqueis* e *asqueis* têm a mesma percentagem de ocorrência (33%), enquanto que nos falantes com mais de 65 anos a realização de *eis* representa 85% do total de ocorrências (v.p. 0,03). A não existência de dados relativos à semivocalização em falantes com idades entre os 51 e os 65 anos poderá ser explicada pela necessidade que esta geração teve de se afirmar socialmente e, assim, distanciar-se de formas estigmatizantes como a semivocalização da lateral intervocálica em pronomes e determinantes. Para além disso, esta geração foi marcada pela (e)migração. Já os falantes da geração anterior (com idades entre os 36 e os 50 anos) não tiveram essa pressão social nem a necessidade de se deslocar para os centros urbanos ou emigrar. Por outro lado, era frequente deixar os filhos com os avós quando se emigrava, podendo a transmissão linguística ter sido feita de avós para netos<sup>55</sup>.

<sup>55</sup> De acordo com Oliveira (2005), a taxa de emigração em 1965 no distrito de Bragança era de 15,0%, em 1970 desce para 7,9% e em 1975 para 1,3%. Veja-se que na década de 60, os falantes, hoje com 51-65 anos, eram jovens adultos.



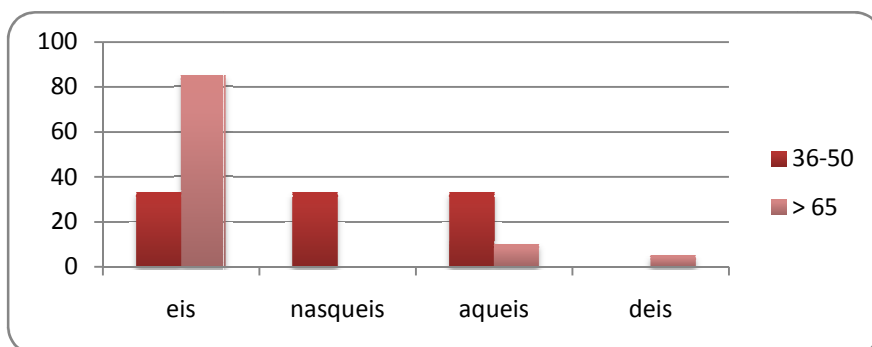


Gráfico 23 - Distribuição das formas semivocalizadas (*eis*, *nasqueis*, *aqueis* e *deis*) por idade ([36-50] e >65)

#### 7.2.4.1. Cruzamento Idade / Concelho

O Gráfico 24 mostra que são os falantes com mais de 65 anos de Mirandela que mais vezes realizam estas formas. A semivocalização da lateral só ocorre nos falantes com idades entre os 51 e os 65 anos em Macedo e Alfândega.

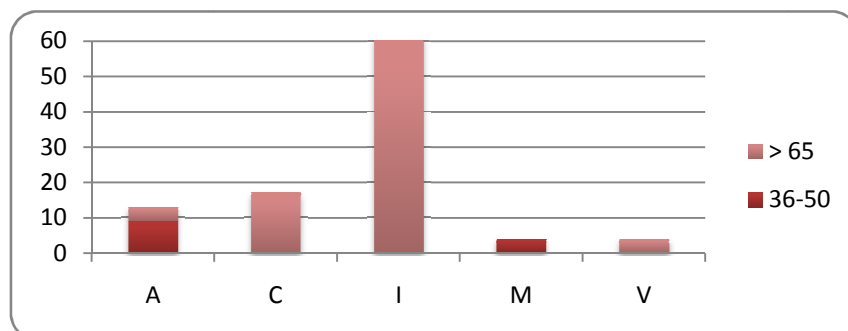
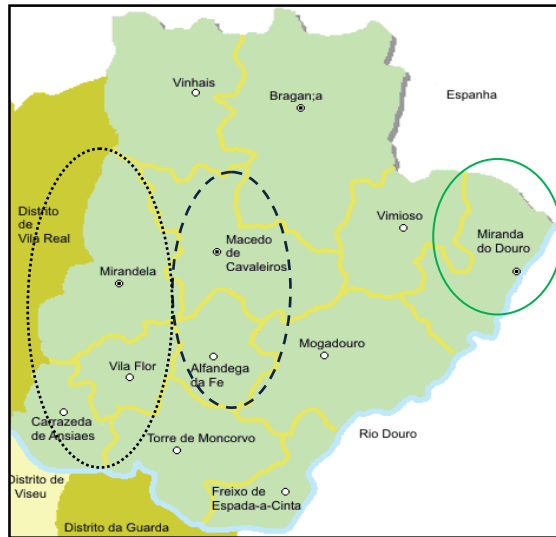


Gráfico 24 - Cruzamento Idade / Concelho: (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

Os valores resultantes deste cruzamento são, de facto, bastante significativos (v.p. 0,002) e apontam para a importância do contacto linguístico com outras línguas. Veja-se que a distribuição deste fenómeno por idades divide os concelhos em análise em dois (cf. Mapa 3): aqueles onde este fenómeno ocorre nos falantes entre 36 e 51 anos: Alfândega e Macedo; e aqueles onde este fenómeno só se registou nos falantes com mais de 65 anos Carrazeda, Vila Flor e Mirandela. De notar que os concelhos onde este fenómeno ocorre nos falantes com idades entre os 36 e os 65 anos são aqueles que maior contacto geográfico estabelecem com a área de difusão do Mirandês, língua onde este fenómeno também ocorre.



Mapa 3- Concelhos do distrito de Bragança  
(Concelhos de Carrazeda, Vila Flor e Mirandela a pontilhado; Concelhos de Macedo e Alfândega a tracejado; área de difusão do mirandês a verde).

Esta constatação sugere que a difusão lexical depende também do contacto geográfico a que as comunidades estão sujeitas. No caso de Macedo e Alfândega, a proximidade com a área de difusão do mirandês parece manter a realização da semivocalização em faixas etárias tipicamente mais próximas do *standard*.

### 7.2.5. Conclusão

Nesta secção analisámos a distribuição da semivocalização em *eis*, *aqueis*, *deis* e *nasqueis*. Verificou-se que as formas pronominais e os determinantes (contraídos com preposição ou não) constituem 87,77% de todas as formas terminadas em *-e(s)*. Das 122 formas do plural, 19% (23 ocorrências) são realizadas com a semi-vogal. Dentro destas, a percentagem de ocorrência de *eis* (78,26%) e *nasqueis* (4,35%) é superior à percentagem de ocorrência das formas canónicas, 67,42% e 0%, respectivamente; e o valor de *aqueis* (13,04%) muito semelhante ao de *aqueles* (13,13%).

A distribuição por variáveis externas mostrou que a semivocalização nestes itens lexicais é mais frequente: (i) nos concelhos de Mirandela e Carrazeda; (ii) nos falantes analfabetos do sexo masculino; (iii) nos falantes com mais de 65 anos de idade, tendo, também, sido registada a sua ocorrência em falantes na faixa etária [36-50]. Verificou-se que estes falantes são provenientes de Macedo e Alfândega, concelhos próximos da área de difusão do Mirandês. Este aspecto levanta a hipótese de a proximidade geográfica com outras línguas ou variedades desempenhar um papel importante na manutenção de formas irregulares ou em desuso em falantes mais próximos da variedade *standard*.

### **7.3. Centralização das vogais anteriores [-rec, -altas]**

Centremo-nos agora nos dados relativos à centralização das vogais anteriores [-altas]. De todos os concelhos contemplados neste estudo, Carrazeda de Ansiães é aquele onde se detectam diferenças significativas na realização das vogais [-rec, -alt], orais e nasais, relativamente à variedade *standard*, enquanto que em Mirandela são as vogais posteriores que sofrem mais alterações, fenómeno que não abordaremos.

Na verdade, a centralização das vogais [-rec, -alt] é uma característica identificativa dos falantes Carrazedenses dentro da área da Terra Quente. No entanto, trabalhos no campo da Dialectologia (Vasconcellos 1985 e Boléo 1974) descrevem este fenómeno também para outras zonas de Trás-os-Montes e Beira Alta. Assim, a centralização da vogal nasal [ẽ] (tempo > t[ẽ]po) foi documentada por Vasconcellos (1985:78) em Carrazeda de Ansiães e na freguesia de Tralhariz (Carrazeda de Ansiães), quer em sílaba tónica, quer em sílaba átona. Vasconcellos refere, também, que o mesmo fenómeno ocorre noutras zonas do Douro, como Favaios (Alijó). Este fenómeno foi também documentado em Chaves. Em Boléo (1974: 120) é dito que em Ervedosa do Douro (S. João da Pesqueira) o [ẽ] átono é pronunciado como [ĩ] e o [ẽ] tónico centraliza, i.e., pronuncia-se como [ẽ̃]. Não podemos, no entanto, generalizar este fenómeno, uma vez que não possuímos dados actuais que nos permitam saber se ainda se verifica a centralização nestes locais, em que contextos linguísticos ocorrem ou que falantes a produzem.

Para percebermos a distribuição deste fenómeno analisámos as 46 ocorrências de acordo com as variáveis externas e internas já especificadas no ponto 5.6. e 5.7.3., respectivamente.

#### **7.3.1. Distribuição por escolaridade e sexo**

O fenómeno de centralização da vogal anterior [-rec, -alt] é ligeiramente superior nos falantes do sexo masculino (52%). A distribuição sexo/ escolaridade mostra que, ao contrário do verificado para a realização da africada e para a semivocalização da lateral, fenómenos produzidos maioritariamente por falantes analfabetos, a centralização da vogal [e] ou [ẽ] ocorre em 96% das ocorrências em falantes alfabetizados. Dentro deste grupo, o comportamento dos falantes masculinos e femininos é semelhante (cf. Gráfico 25).

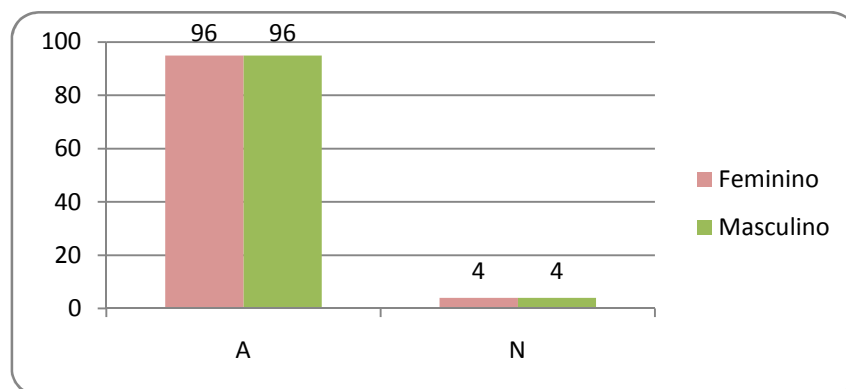


Gráfico 25 – Distribuição por Escolaridade -(A) Alfabetizado e (N) Analfabeto - e Sexo

### 7.3.2. Distribuição por idade

O Gráfico 26 apresenta uma distribuição díspar deste fenómeno por sexo do falante (v.p. 0,02). Nos falantes masculinos, os valores para as diferentes faixas etárias são muito próximos, sendo os falantes entre os 36 e os 50 os que mais vezes realizam a centralização. Nos falantes do sexo feminino, ocorre o oposto: a ocorrência do fenómeno aumenta ao longo das faixas etárias.

Verifica-se, também, que a centralização nunca ocorre nos falantes com menos de 35 anos.

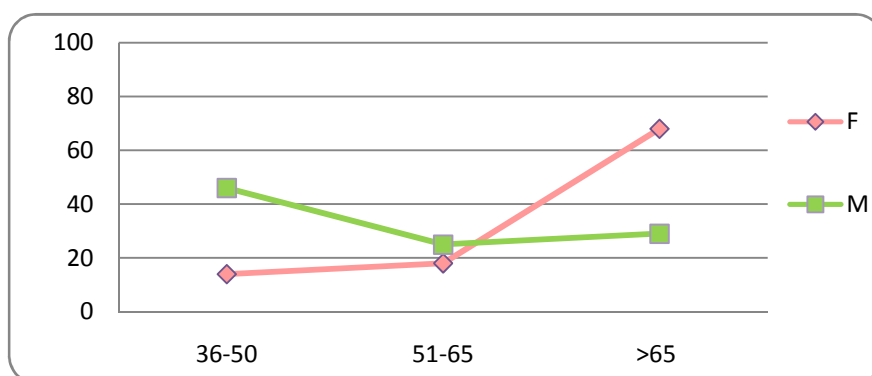


Gráfico 26 – Centralização de [e] – Distribuição por Idade e Sexo do falante.

Sabendo que a centralização de [e] é um fenómeno apenas realizado em Carrazeda, dentro do conjunto dos concelhos da Terra Quente, e que a sua produção é marca identificativa dos falantes deste concelho, poderemos estar perante uma marca linguística enraizada na cultura e identidade dos carrazedenses e entendida por estes como tal. Talvez por essa razão, não haja casos de hipercorreção ou hesitação na produção de itens lexicais com a vogal [e] centralizada. Assim, a centralização da vogal [e] mantém-se nos falantes alfabetizados talvez como uma forma de preservar a identidade, como já verificado noutras

comunidades, nomeadamente na comunidade de pescadores de Martha's Vineyard (Labov 1972 [1991]), onde a centralização de [aw] e [ay] era mais visível (90%/80%, respectivamente) nos falantes com idades entre os 31 e os 45 anos, como reacção às pressões externas (necessidade de emigrar e visitas de forasteiros durante o Verão) que ameaçavam a identidade da ilha. Labov constata, também, que na faixa etária inferior a percentagem de centralização cai metade, o que, segundo Labov, pode ser explicado pela ausência de pressão externa nos falantes com idades compreendidas entre os 14 e os 30 anos.

Em relação às diferenças verificadas entre falantes femininos e masculinos de Carrazeda de Ansiães, tendo em consideração que as mulheres tendem a liderar processo de mudança quando investidos de prestígio social e ao mesmo tempo a liderar processo de conservação dependendo do seu valor na comunidade, talvez estes resultados sejam reflexo da dicotomia prestígio/conservação de formas, mais visíveis nas falantes femininas. Por essa razão, a manutenção do fenómeno de centralização seja mais visível em falantes femininos com mais de 65 anos, preservadoras do património oral e linguístico, e menos visível nas falantes com menos de 50 anos, mais próximas da realização *standard*.

### 7.3.3. Distribuição por qualidade da vogal e segmento seguinte

A análise dos dados permite-nos confirmar a importância da nasalidade na centralização das vogais [+anteriores, -altas], uma vez em que 74% das ocorrências, a vogal que centraliza é nasal. Para percebermos se o segmento seguinte influencia a centralização, considerámos os segmentos consonânticos que seguem a vogal. A análise dos dados (cf. Gráficos 27, 28 e 29) revela que: (i) no caso da vogal ser nasal, o segmento consonântico em posição de Ataque de sílaba seguinte é sempre uma oclusiva [-alta]; (ii) quando a vogal é oral é sempre seguida por uma consoante nasal [-alta] em Ataque de sílaba seguinte. Resumindo, este fenómeno apenas ocorre em dois contextos fonético-fonológicos: (i) quando a vogal oral é seguida de /n/ (100%) em ataque de sílaba seguinte, como em *mais ou **manos*** (CAM4) ou *eu tenho hoje mais **pana*** (CAF4); ou (ii) quando a vogal nasal [ẽ] é seguida de consoante oclusiva [-alta] em ataque da sílaba seguinte, i.e., [t] (66%), como em *de **repante*** (CAF4); [d] (11%), como em ***pandurados*** (CAM3); [p] (20%), como em ***tampo*** (CAF3); e [b] (3%), como em ***lambra-me*** (CAF4).

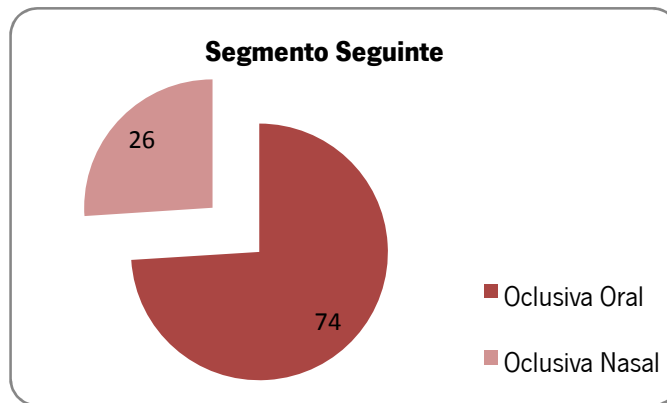


Gráfico 27 – Centralização de [e] -Segmento seguinte: Oclusiva Oral (73%); Oclusiva Oral (26%)

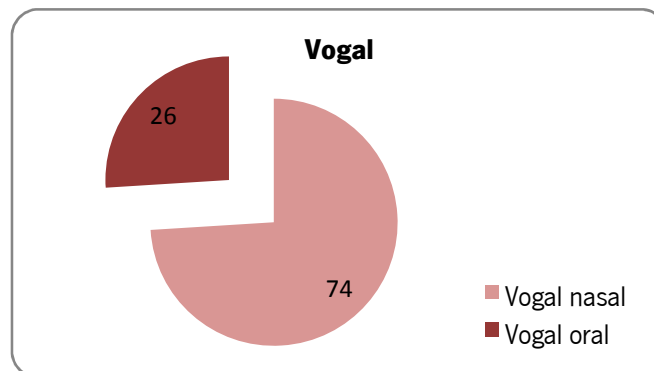


Gráfico 28 – Centralização de [e] - Qualidade da vogal: nasal (73%) e oral (26%).

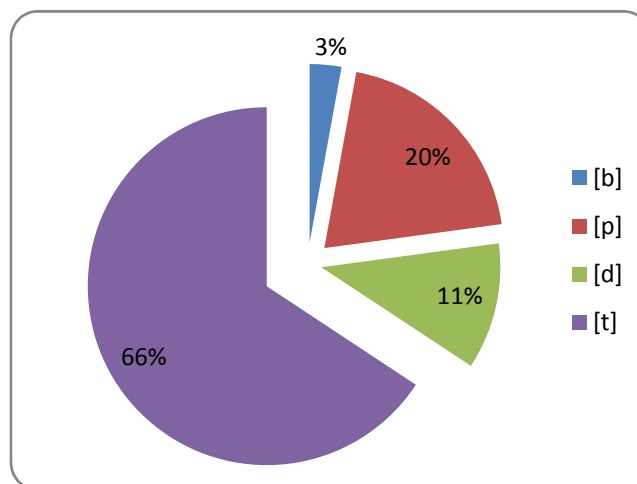


Gráfico 29 - Centralização de [e] - Consoantes Oclusivas Oraís em Ataque de sílaba seguinte: [t] (66%); [d] (11%); [p] (20%); [b] (3%).

Estes resultados ganham mais expressão se considerarmos que quando [ẽ] é seguido de [f,v,g,k,s,ʃ] em Ataque de sílaba seguinte, como em *enfermeiro*, *envolvente*, *engraçadas*, *desencontramos*, *repensar* e *enchi*, respectivamente, no *corpus* recolhido, nunca centraliza. O mesmo se verifica quando [e] é seguido de outra nasal que não [n] em Ataque de sílaba seguinte. Assim, em *tenha* e *tema*, por exemplo, a vogal nunca centraliza. Não foram encontrados exemplos de [ẽ] seguido de [z] ou [ʒ] em Ataque de sílaba seguinte.

### 7.3.4. Acentuação

Para avaliação da acentuação, considerámos as sílabas em que a centralização da vogal anterior ocorre quanto à presença ou ausência de acento de palavra e constatámos que não só a qualidade da vogal e do segmento consonântico seguinte são aspectos importantes na centralização da vogal anterior, mas também a acentuação desempenha um papel determinante na realização deste fenómeno, uma vez que 78% das ocorrências surgem em sílaba acentuada, como vemos no Gráfico 30.

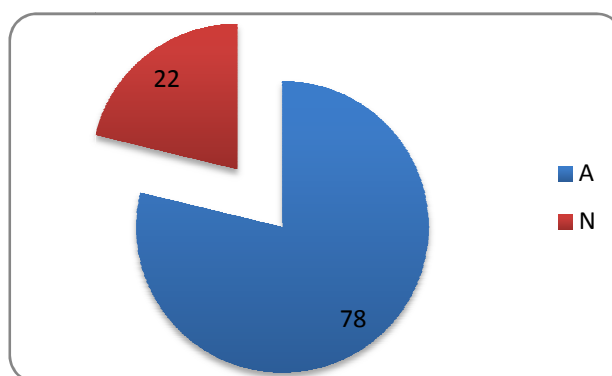


Gráfico 30- Centralização de [e] – Distribuição por acentuação.  
(A) sílaba acentuada (78%); (N) sílaba não acentuada (22%).

Ainda sobre a distribuição deste fenómeno por sílaba acentuada/não acentuada, o cruzamento Vogal / Acentuação (cf. Gráfico 31) revela que a centralização da vogal [e] só ocorre em sílabas átonas se a vogal for nasal. Quando a vogal é oral a sílaba é sempre tónica e é sempre seguida por consoante nasal em ataque de sílaba seguinte (v.p. 0,03), como em *mais ou manos*.

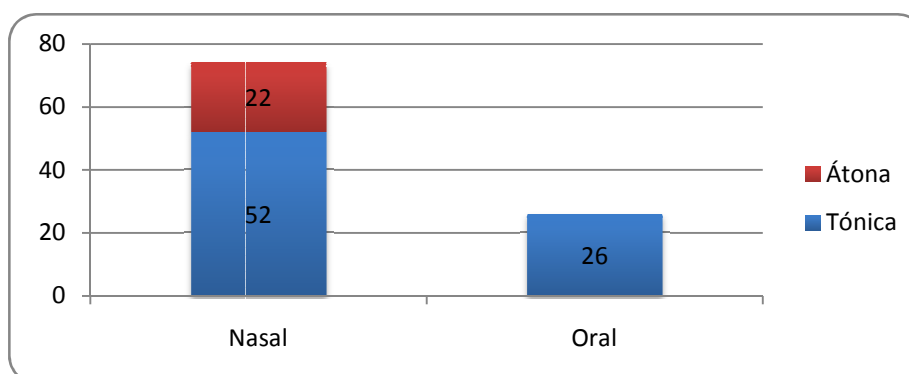


Gráfico 31 – Cruzamento Vogal (nasal/ oral) e Acentuação.  
Vogal nasal em sílaba tónica (52%); Vogal nasal em sílaba átona (22%); e Vogal oral em sílaba tónica (26%).

De acordo com Maia (1986: 359), “É possível que durante alguns séculos, a língua se caracterizasse por um estado de flutuação fonética entre diferentes realizações de *e* pretónico: “[ɛ] e um [e] muito breve e relaxado possivelmente já bastante próximo do moderno [ə] central”. Acrescenta ainda que:

a hesitação no uso dos grafemas *e* e *a* surge no caso de se tratar de uma vogal nasal em posição prétonica, no início ou interior de palavra. É certo que esta oscilação não atinge um grande número de formas, mas elas comprovam inequivocamente que, para além de outras realizações (...), já nessa época [séculos XIII e XIV], podia realizar-se como *a* nasal, à semelhança do que ainda ocorre actualmente na linguagem popular portuguesa de várias regiões, em galgo e em leonês. (*ibid.*, pp. 373-374).

Os dados por nós analisados revelam um aspecto importante relativamente à afirmação anterior: nos casos em que a centralização da vogal não ocorre em sílaba acentuada, ocorre em sílaba pré-tónica, nunca em sílaba pós-tónica; o que poderá sugerir que em, por exemplo, *aconselhem*, prevalece a ditongação final em detrimento da centralização.

### 7.3.5. Conclusão

A análise do corpus recolhido em Carrazeda de Ansiães, num universo de 20 falantes, revela que apenas em alguns falantes (12) se verificou a produção de [ẽ] como [ẽ̃]. Apesar de termos conhecimento que a centralização é um processo que afecta as vogais [-altas] (Mateus 1975 [1982]; d’Andrade 1994; e Vigário 2003), i.e., [e] e [ɛ], nas 46 ocorrências recolhidas, apenas verificámos a centralização de [e]. Esta centralização, que ocorre em sílaba acentuada ou não, não pode ser explicada do mesmo modo que o fenómeno de centralização de /e/ comum no Português Oral, descrito por Mateus (1975), d’Andrade (1994) e Vigário (2003: 78-82), entre outros, pelas seguintes razões: (i) a centralização não tem como consequência a inserção de glide palatal, ao contrário do verificado noutros pontos do País, como em Braga (Rodrigues 2002)<sup>56</sup>; (ii) a centralização heterossilábica de /e/, proposta por Vigário (2003: 79-81), pode ocorrer quando

---

\* Como refere Rodrigues (2002), “Em Lisboa, a consoante nasal palatal, que é a que implica maior percentagem de centralização da vogal anterior (mostrando dessa maneira que foi esse o primeiro contexto a desenvolver a centralização), impede a existência da semivogal, ao contrário do que sucede com as outras consoantes



este segmento é seguido de vogais, consoantes ou glides palatais<sup>57</sup>, o que não acontece no nosso corpus: a centralização de /e/ verificada em Carrazeda ocorre apenas quando /e/ é nasal seguido de segmento oral [-contínuo, + anterior], i.e. [p, b, t, d]; ou oral seguido de consoante coronal nasal [+ anterior], i.e., [n] não se tendo, assim, verificado centralização quando a vogal é seguida de [m] ou [ɲ].

Em relação à sua distribuição por variáveis externas, ao contrário do verificado para os outros fenómenos (a manutenção da africada surda e a semivocalização da lateral), a centralização de [e] ocorre maioritariamente em falantes alfabetizados, e com alguma vitalidade em falantes com menos de 65 anos. De facto, a distribuição por intervalos etários fez perceber que a centralização de [e] poderá ser entendida como uma marca linguística, intrínseca ao povo carrazedense, da qual os falantes têm consciência e orgulho. Veja-se os valores para os falantes masculinos com idades entre os 36 e os 50 anos.

A distribuição por variáveis internas, i.e., pela natureza da vogal (oral ou nasal) e pela qualidade do segmento seguinte (consoante oclusiva oral ou nasal), indica que o fenómeno é mais comum em sílabas acentuadas e só ocorre na presença do traço nasal na vogal ou na consoante em Ataque de sílaba seguinte.

#### **7.4. A realização de /S/ em contexto final de palavra seguida de [-consonântico]**

Nesta secção analisamos o fenómeno pós-lexical da ressilabificação de /S/ em contexto final de palavra seguido de vogal. Através da análise variacionista laboviana analisámos os factores internos e externos que podem intervir neste processo de ressilabificação da fricativa em contexto final de palavra na Terra Quente Transmontana. É sabido que em posição final de sílaba as consoantes fricativas coronais - [z], [ʃ] e [ʒ] - sofrem uma neutralização de oposições, ao contrário do que acontece noutras posições, em que contrastam. A sua realização dependerá da qualidade do segmento seguinte: [±voz], [±cons] ou #. Assim, se o segmento seguinte for [-consonântico], /S/realiza-se como [z] na variedade *standard*. Verifica-se, no entanto, que em determinadas zonas do norte do país, nomeadamente na TQT, a fricativa tem realização como [ʒ]. Sabe-se

---

palatais. Em Braga, esse impedimento não se verifica, ou seja, em Braga, pode haver semivogal em tenha e em cortejo, embora antes de nasal isso aconteça menos vezes”.

<sup>57</sup> “We propose that centralization applies when a front mid vowel is followed by a heterosyllabic high palatal segment within the prosodic word domain” (Vigário 2003: 82)

também que o fenómeno de ressilabificação ocorre até ao limite máximo de I (Sintagma Entoacional), tal como descrito em Frota (2000) para as fricativas do PE e Colischonn (2003) para as laterais no PB.

Nesta análise não foram consideradas as consoantes fricativas em posição inicial ou interna de sílaba, à semelhança da metodologia adoptada por Rodrigues (2003), uma vez que, como a própria indica (*ibid.*, p. 233), “os dados indicam que nesse caso não existe variação que o justifique”. Para esta análise foram apenas considerados os contextos em que a fricativa final é imediatamente seguida de segmento [-consonântico]. Para esta selecção guiámo-nos apenas pelas características fonético-fonológicas do segmento, não sendo importante a forma como esta se representa na grafia. Foram excluídos os contextos em que a fricativa é seguida de pausa ou de vogal elidida. Lembra Rodrigues (2003: 235) que “a assimilação do vozeamento é bloqueada pela existência de uma pequena separação entre as palavras, mesmo que esta não tenha nenhuma correspondência com alguma fronteira prosódica entre sintagmas”, não sendo “o vozeamento da fricativa final neste contexto (...) um processo categórico”. Também não considerámos sequências como *todos os dias* (VAM3) ou *pròs espargos* (AAF2), uma vez que, na variedade em estudo, em sequências /S#[vogal]s/ a vogal não é realizada.

Depois de identificados os 1773 casos de reestruturação silábica nas cem recolhas realizadas, procedeu-se à codificação dos mesmos (cf. Anexo E) Para tal, utilizámos o sistema de codificação já mencionado no ponto 5.7., antecedido da letra J no caso da fricativa final se realizar como [ʒ], de Z para a realização da fricativa como [z], e de S para os casos em que a realização da fricativa é [ʃ].

Depois da análise dos 1773 contextos mencionados, constatou-se que 56 falantes realizam sempre /S/ como [ʒ] em final de palavra seguido de [-consonântico], enquanto que 44 falantes realizam /S/ de forma variável no contexto mencionado. Assim, em 94% destas ocorrências, /S/ especifica-se como [ʒ]; 3% como [z] e 3% como [ʃ], como podemos ver no GRÁFICO 32. Verificamos, portanto, que a realização de [ʒ] no contexto mencionado não é categórica. Uma vez o peso da percentagem de ocorrência para a realização da fricativa final como [ʒ] reduz os valores para as restantes especificações, analisámos a ocorrência de cada fricativa isoladamente, destacando a realização da fricativa como [z] ou [ʃ]. Reportar-nos-emos aos valores obtidos para [ʒ] sempre que considerarmos importante. Todos os valores e respectivas tabelas poderão ser consultados no anexo E.

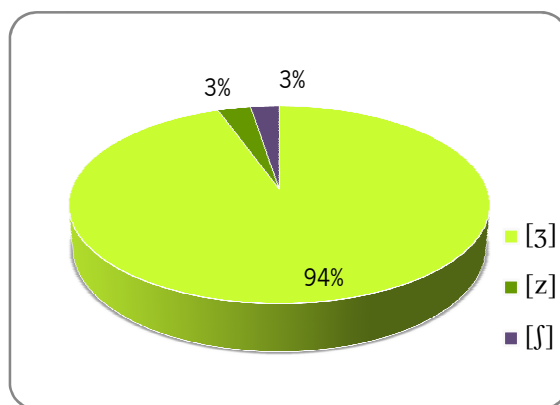


Gráfico 32- Distribuição da realização de /S/ em contexto /S#[- cons]/

### 7.4.1. Distribuição por concelho

A distribuição em percentagens por concelho é a seguinte (v.p. 0,00):

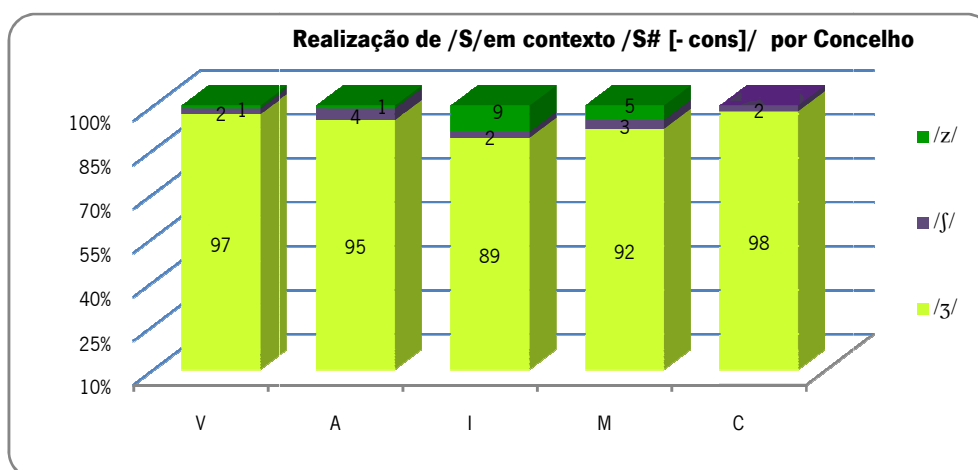


Gráfico 33- Distribuição da realização de /S/ em contexto /S#[- cons]/ por Concelho. (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

Como verificamos pela leitura do GRÁFICO 33, a fricativa realiza-se sempre acima de 89% como [ʃ]. Os valores obtidos para a realização da fricativa como [z] e [s] são, portanto, marginais face aos resultados obtidos para a realização como [ʃ]. No entanto, a distribuição por concelho não é uniforme, já que as cidades de Mirandela e Macedo são os concelhos que menor percentagem de realização da fricativa como [ʃ] apresentam, enquanto que Carrazeda de Ansiães foi único concelho onde não registámos ocorrência de [z]. Como refere Wardhaugh (1988: 47), “cities are much more difficult to characterize linguistically than rural hamlets; variation in language and patterns of change are much more obvious in cities, e.g., in family structures, employment, and opportunities for social advancement and decline.” Por outro lado, Macedo e Mirandela, para além de serem

idades, gozam de melhores infra-estruturas rodoviárias. A influência dos acessos rodoviários, da densidade populacional e das rotinas na difusão de formas linguísticas tem assumido, cada vez mais, um papel preponderante na análise social da variação linguística. A este propósito refere Britain (2005:623-624):

whilst distance plays some role, interaction between urban centers in modern societies is likely to be greater, and therefore a more frequent and effective conduit for accommodation and transmission of innovations, than between urban and rural. Transportation networks tend to link urban with urban, the socioeconomic and consumer infrastructure tends to be based in and oriented towards urban centers, with the ensuing consequences for employment and commuting patterns, and these obvious feed the hierarchical nature of diffusion.

Se compararmos as percentagens obtidas na TQT com as fornecidas em Rodrigues (2003: 233-244) para a realização de /S#[-cons.]/ em Braga e Lisboa (Tabela 23), percebemos que os valores obtidos para a realização de [z] na TQT e de [ʒ] em Lisboa e Braga são semelhantes: [z] realiza-se em 2,9% dos casos na TQT, enquanto que [ʒ] se realiza em 3.5% dos casos em Lisboa e 2 % dos casos em Braga.

	[ʒ]	[z]	[ʃ]
Rodrigues (2003) - Lisboa	3.5%	75.2%	21.2%
Rodrigues (2003) - Braga	2.0%	75.6%	22.3%
TQT	94,5%	2,9%	2,5%

Tabela 23 – Valores comparativos para a realização da fricativa em contexto /S#[-consonântico]/

Quanto aos valores de [ʃ], em Braga foram obtidas 22.3% de ocorrências e em Lisboa 21.2%, valores altos comparativamente com os obtidos para a TQT (2,5%). Estes valores poderão indicar que os falantes de Lisboa e Braga elidem com mais frequência as vogais em sílaba final, provocando o desvozeamento da fricativa. Como veremos no ponto 7.4.5. Segmentos em posição /\_S#/ e em posição /S#\_/, a elisão da vogal em sílaba final é um dos factores para a produção da fricativa surda por oposição à vozeada. Ainda em relação à variação na realização da fricativa em Braga e Lisboa, não foram encontradas evidências claras de que esta variação fosse motivada por variáveis externas como a idade ou o sexo. Como refere Rodrigues (2003:244), “Não é possível extrair qualquer conclusão segura, relativamente a uma possível relação entre o

perfil do informante e a maior ou menos frequência de qualquer um dos fenómenos associados com a fricativa final.”

Como vimos, os valores para a realização da fricativa em /S#[-consonântico]/ na TQT são claramente distintos dos calculados para Braga e Lisboa, o que distancia esta região da variedade *normativa*, por um lado; e de uma variedade setentrional, por outro. Para além deste aspecto, a realização da fricativa na TQT afasta-se do descrito para outras áreas transmontanas, como o Barroso (Guimarães 2002). Por último, a inexistência de dados para os restantes concelhos transmontanos impede-nos de fazer generalizações quanto à distribuição deste fenómeno em Trás-os-Montes.

#### 7.4.1.1. Cruzamento Concelho/Sexo do falante

O Gráfico 34 aponta para uma predominância dos falantes do sexo masculino na realização de [z], nomeadamente dos provenientes de Macedo e Mirandela. Em Vila Flor, a realização desta fricativa é apenas visível nos falantes masculinos, ao contrário do observado em Alfândega, onde esta fricativa é apenas realizada por mulheres. Quanto à realização de [ʃ], o Gráfico 34 indica que a percentagem de realização é superior nos falantes do sexo feminino. No caso do concelho de Mirandela, não foi registada qualquer fricativa [ʃ] imediatamente seguida de [-consonântico] em falantes do sexo masculino.

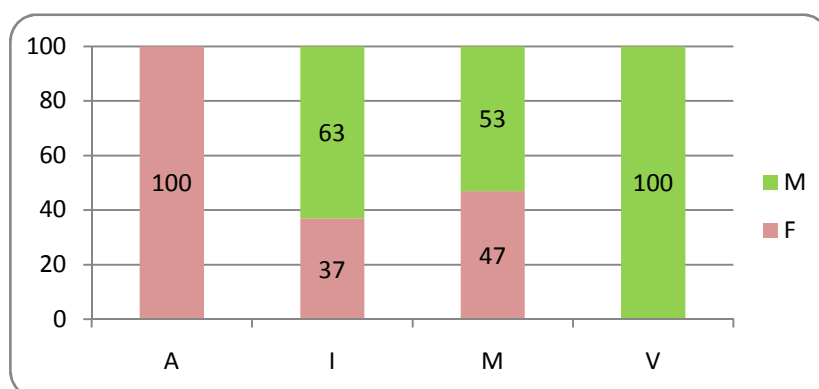


Gráfico 34 – [z] - Cruzamento Sexo: (M) Masculino, (F) Feminino/ Concelho: (A) Alfândega; (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

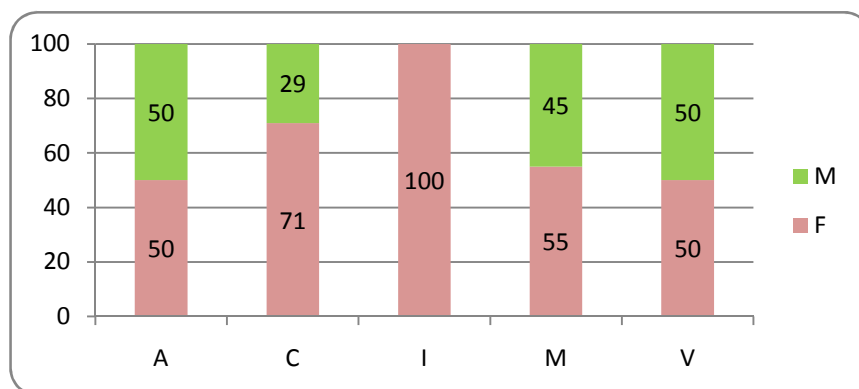


Gráfico 35 – [ʒ] - Cruzamento Sexo (M) Masculino, (F) Feminino / Concelho (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

#### 7.4.1.2. Cruzamento Concelho/Idade

Os Gráficos 36 e 37 demonstram que é no intervalo entre os 36 e os 50 anos que mais vezes se realiza a fricativa [ʒ]. É precisamente neste intervalo etário que esta fricativa se realiza em Vila Flor e em Alfândega, não tendo sido registada a sua realização em mais nenhuma faixa etária nestes dois concelhos, o que demonstra que esta inovação (a realização de [ʒ] no contexto final de palavra seguido de [-cons]), nestes concelhos, entra no sistema nesta faixa etária. Verifica-se, igualmente, um aumento na realização de /S/ como [ʒ] na faixa etária dos 36 aos 50 anos em todos os concelhos. De facto, é nos falantes que se encontram neste intervalo etário que as inovações, provocadas pela pressão do mercado de trabalho e pela importância dada à linguagem como um bem simbólico (Bourdieu:2004), parecem ser introduzidas. Falamos de inovação uma vez que a realização de [ʒ] nesta área geográfica é tão marginal quanto a realização de [ʒ] na variedade centro-meridional e em muitas zonas geográficas setentrionais. Como dizíamos, é entre os 36 e os 50 anos que é visível a tendência para uma aproximação linguística da variedade centro-meridional, evitando a ressilabificação da sibilante como [ʒ]. Pelo contrário, na faixa etária seguinte (51-65 anos) não há registos da ocorrência desta fricativa no concelho de Mirandela, apesar de se ter registado a realização de [ʒ] em falantes com mais de 65 anos do mesmo concelho. No Gráfico 36 vemos que as curvas de tendência para Vila Flor, Alfândega e Mirandela são semelhantes na faixa etária [36-50], apesar de apresentarem diferentes amplitudes. No entanto, não podemos generalizar a ideia que a realização de [ʒ] nesta faixa etária levará a uma mudança, uma vez que os valores são muito baixos quando comparados com a realização de [ʒ], por um lado; e a realização de [ʒ] não ocorre nos falantes com menos de 35 anos, à excepção dos de Mirandela, por outro. Podemos, porém, afirmar que a introdução da realização de [ʒ] em contexto de sândi externo ocorre por pressões sociais, sendo

estas mais visíveis nos falantes profissionalmente mais activos, que adoptam formas mais próximas da variedade dominante (v.p. 0,008).

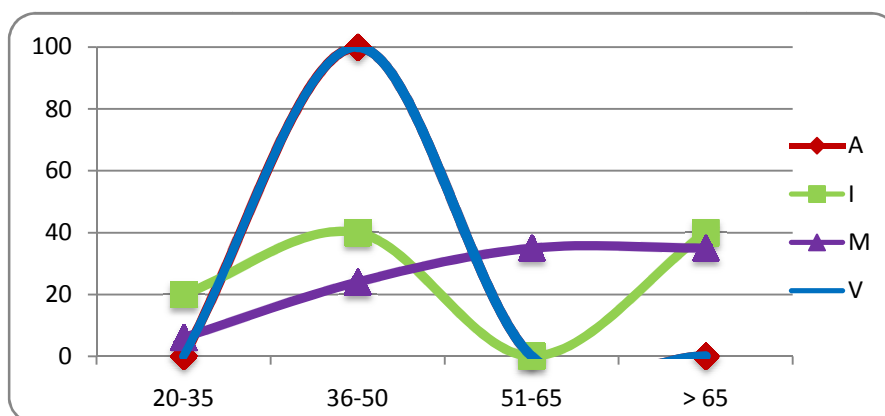


Gráfico 36 – Realização da fricativa [z] por concelho: (A) Alfândega; (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

Detenhamo-nos agora nos resultados para o concelho de Mirandela. A oscilação na realização da fricativa em final de sílaba seguida de vogal, neste concelho, tinha já sido constatada por Vasconcellos (1985:163): “Ao –z gráfico final corresponde a pronúncia  $\int$  (quase j) em *doij' óbos*, *doij' lobos*; e z em *trez óbos*”. Esta observação com mais de um século indica-nos que, por um lado, os fenómenos fonológicos operam de forma lenta; e, por outro lado, que esta tendência *urbana* própria das cidades mais afastadas da dita *norma* não é recente. Também Rodrigues (2003: 38), no estudo de variação fonológica realizado nas cidades de Lisboa e Braga, regista a tendência, por parte de falantes urbanos escolarizados, de realização de formas mais próximas de uma variedade “de prestígio”. Rodrigues (2003: 39) menciona, ainda, que:

os grupos de falantes de Braga menos escolarizados nota-se a tendência inversa: os falantes não querem ser identificados como «provincianos», em situações de convívio com os do sul e, por isso, tentam adoptar as variantes da variedade padrão (o que justifica os casos de hiper correcção, particularmente no que à representação da fricativa labiodental vozeada diz respeito) e evitam usar qualquer marca linguística estereotipada.

Relativamente à fricativa [ʃ], em Mirandela, esta só ocorre nos falantes com mais de 65 anos. Nos restantes concelhos, à excepção de Alfândega, a percentagem de realização de [ʃ] aumenta gradativamente dos falantes mais novos para os mais idosos (cf. Gráfico 37).

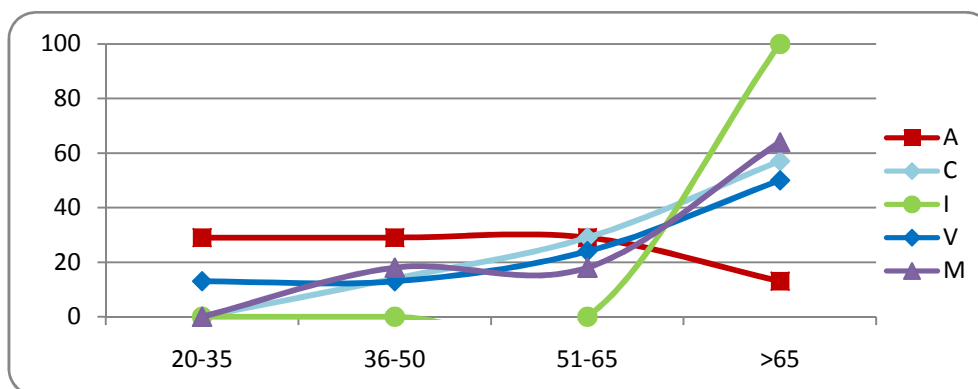


Gráfico 37 - Realização de [ʃ] por idade e concelho do falante: (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

### 7.4.2. Escolaridade

A leitura do Gráfico 38 revela que, estatisticamente, o comportamento das variáveis é semelhante.

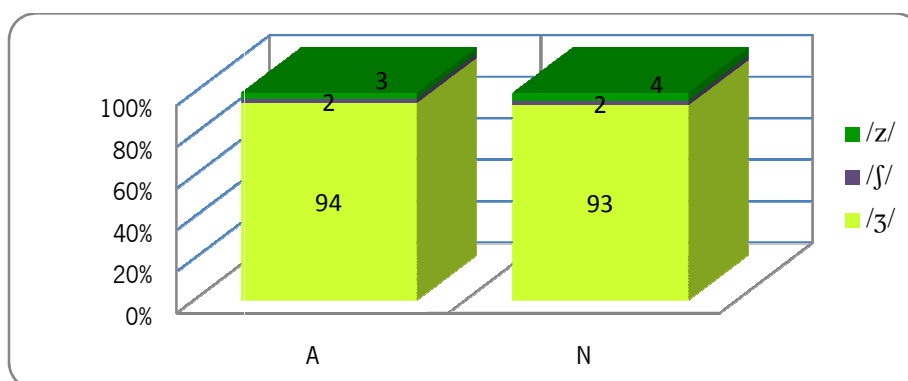


Gráfico 38 - Distribuição da realização de /S/ por escolaridade: (A) Alfabetizado; (N) Analfabeto

Para percebermos se a escolaridade influencia a realização das fricativas e a escolha dos segmentos em posição pré e pós fricativa, correlacionámos esta variável com os segmentos em posição /\_S#/ e /S#\_/. Assim, nos Gráficos 39, 40 e 41 podemos ver a relação de segmentos em /\_S#/, em percentagem<sup>58</sup>, de acordo com a presença ou ausência de escolaridade. Verificamos que nos falantes analfabetos, se o segmento em /\_S#/ for [ɛ] a fricativa realiza-se sempre como [z]. Pelo contrário, se o segmento for [e], [a], [u], ou nasal, a fricativa realiza-se sempre como [ʒ]. Quanto à realização da fricativa surda, em 88% das ocorrências, o segmento precedente é [ʁ] e em 12% é consoante. No grupo dos falantes analfabetos, o único segmento nesta posição que *permite* a especificação em qualquer uma das fricativas possíveis ([z], [ʒ] ou [ʃ]) é [ʁ]. Este

<sup>58</sup> A listagem de ocorrências para cada realização de /S/, seus valores relativos e absolutos podem ser consultados no Anexo D.



cruzamento permite concluir que o comportamento dos falantes alfabetizados e analfabetos é fonologicamente semelhante apenas quando a realização da fricativa é [ʒ], uma vez que as restantes realizações apresentam contextos precedentes díspares nos dois grupos de falantes, o que prova que a introdução de novas formas no sistema se faz, não só por um grupo de falantes, como por contextos fonológicos que poderão ser mais amplos ou mais restritos dependendo das variáveis sociais

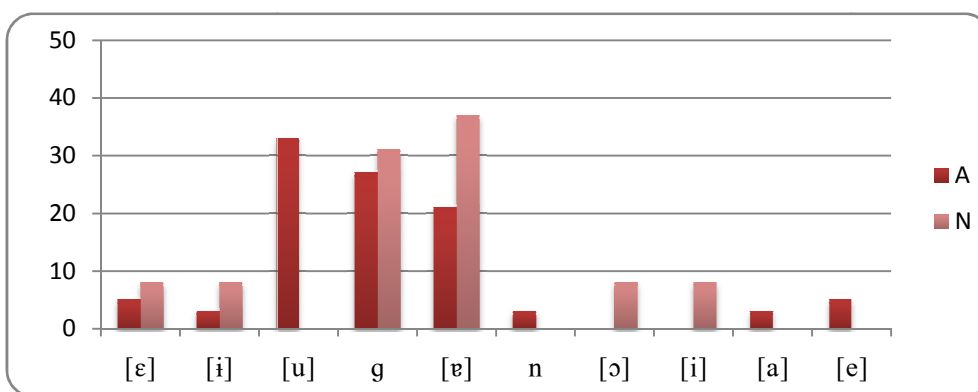


Gráfico 39- Escolaridade (A) Alfabetizado e (N) Analfabeto / Segmento em /\_ [z]#/.

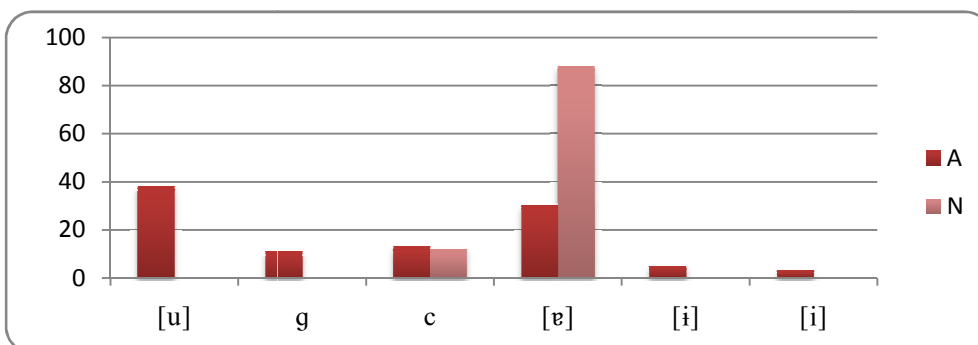


Gráfico 40 – Escolaridade: (A) Alfabetizado e (N) Analfabeto / Segmento em /\_ [ʃ]#/.

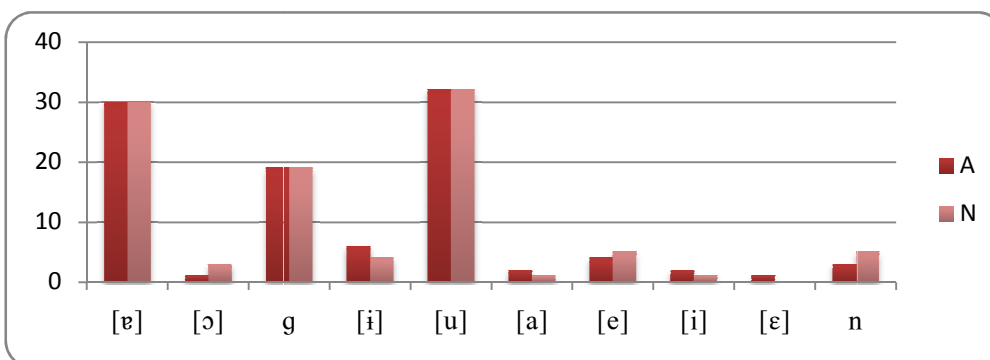


Gráfico 41- Escolaridade: (A) Alfabetizado e (N) Analfabeto / Segmento em /\_ [ʒ]#/.

No caso dos segmentos em posição /S#\_/, os Gráfico 42, 43 e 44 mostram que nos falantes alfabetizados todas as realizações possíveis da fricativa podem ocorrer com todos os segmentos, à excepção da vogal [ɔ]

que nunca ocorre com a fricativa [z], enquanto que nos falantes analfabetos a ocorrência das vogais com as fricativas é mais limitada, restringindo-se às vogais [altas], i.e., [o] [ʋ], [a], [ɛ] e [e]; e nasais. A relação de segmentos seguintes/escolaridade demonstra que as diferenças entre os falantes alfabetizados/analfabetos é visível apenas quando a fricativa se realiza como [z] (v.p. 0,006).

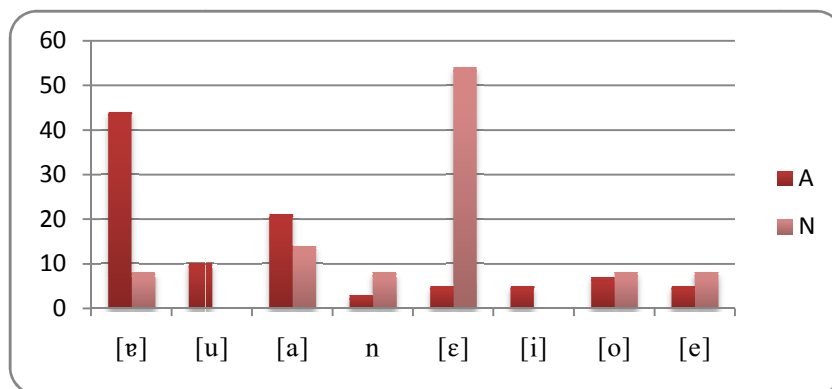


Gráfico 42 - Escolaridade: (A) Alfabetizado e (N) Analfabeto / Segmento em /z#\_/.

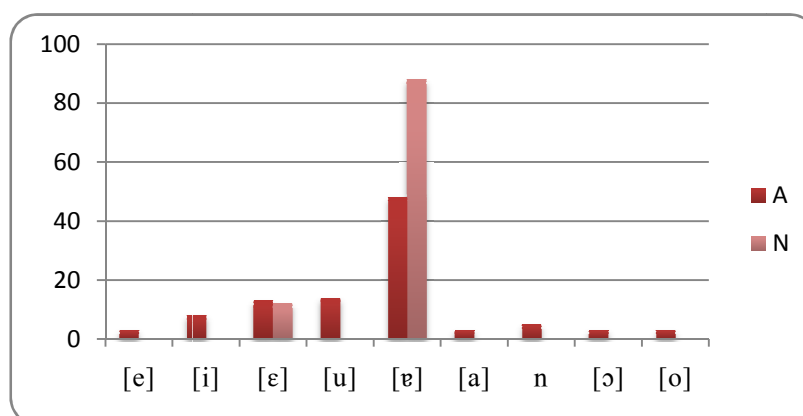


Gráfico 43 - Escolaridade: (A) Alfabetizado; (N) Analfabeto / Segmento em /ʃ#\_/(v.p. 0,777)

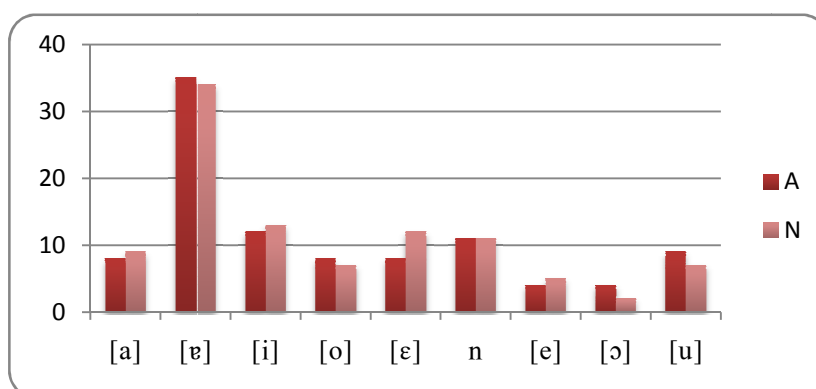


Gráfico 44 - Escolaridade: (A) Alfabetizado; (N) Analfabeto / Segmento em /ʒ#\_/(0,516)

### 7.4.3. Sexo

Uma análise geral, i.e., contemplando os 1773 contextos, da realização da fricativa por sexo dos falantes, observamos que, estatisticamente, o comportamento é semelhante, ou seja, os valores de [ʒ], [z] e [ʃ] são idênticos nos dois grupos de falantes (cf. Gráfico 45).

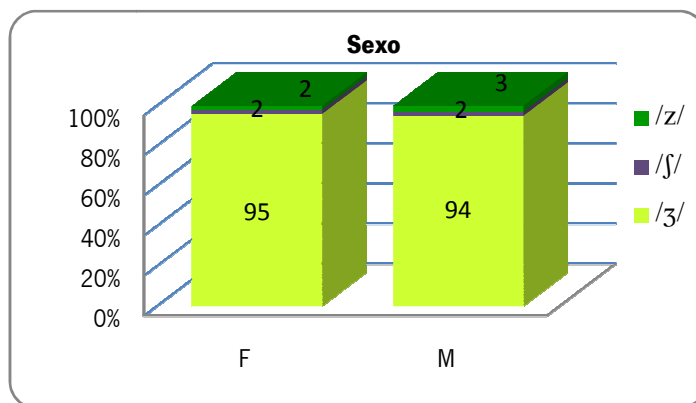


Gráfico 45 – Realização da fricativa por Sexo: (F) Feminino e (M) Masculino.

Também o cruzamento sexo/idade do falante (cf. Gráficos 46-48) indica que os falantes têm um comportamento semelhante na realização de [z] e [ʒ]. O gráfico 54 indica uma maior realização de [z] pelos falantes do sexo masculino, à exceção dos falantes com mais de 65 anos. Quanto à realização de [ʃ], verifica-se um aumento significativo na sua realização em falantes femininos com mais de 65 anos, tendência contrária à verificada para os falantes masculinos (cf. gráfico 48).

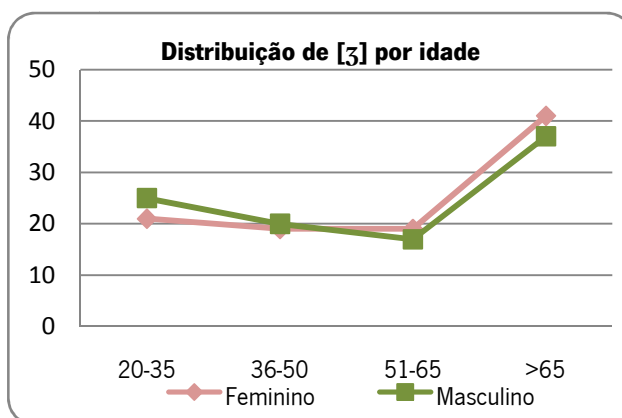


Gráfico 46 - [ʒ] - Distribuição por Sexo/ Idade

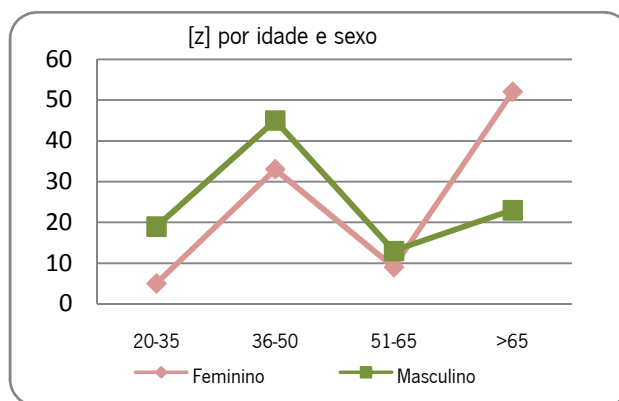


Gráfico 47- [z] - Distribuição por Sexo/ Idade

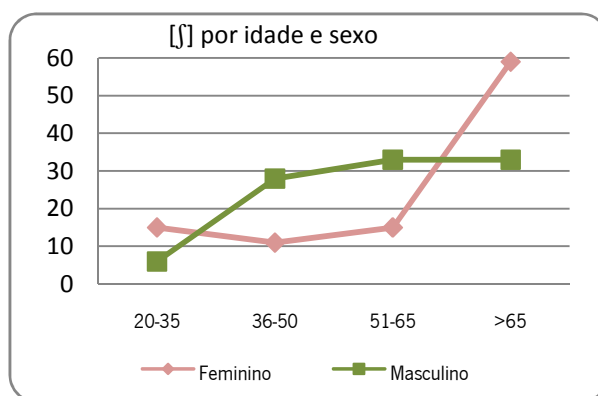


Gráfico 48 - [ʃ] - Distribuição por Sexo/ Idade

Seria esperado que fosse no grupo dos falantes femininos que se verificasse um aumento na realização da fricativa como [z], uma vez que é nos falantes femininos que comumente se verifica uma aproximação a formas *standard* quando estas estão associadas a prestígio social. Porém, não manterão as mulheres as formas mais regionais quando comunicam entre elas? Relembramos que o inquiridor é do sexo feminino, natural de Vila Flor, e produz sempre a fricativa como [-anterior].

#### 7.4.3.1. Cruzamento Sexo / Segmentos precedentes e seguintes

Quanto à distribuição dos segmentos em /\_S#/ por sexo, constatamos que a variável segmento em posição /\_S#/ poderá ser relevante apenas para a realização de [ʃ] (0,011). Não obstante esta constatação, são de notar alguns aspectos envolvendo a realização das outras fricativas por sexo e segmentos. Assim, a realização de [z], nos falantes do sexo feminino, só ocorre quando os segmentos precedentes são [+rec] ou [+bx] (cf. Gráfico 49).

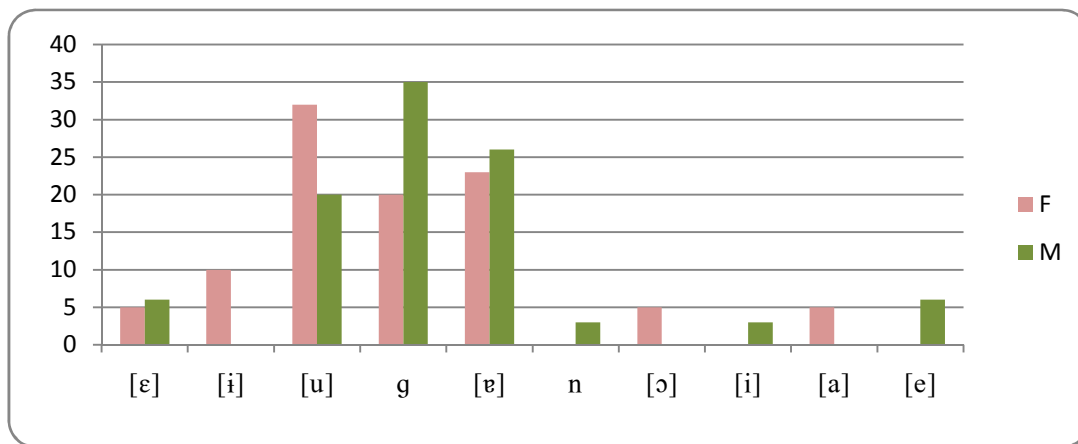


Gráfico 49- Segmentos em /\_z#/ por sexo: (F) Feminino e (M) Masculino.

Para além disso, quando o segmento precedente é nasal ou [e], os falantes do sexo feminino só realizam a fricativa [ʒ]. Aspecto importante é a percentagem de realização da fricativa pelos falantes do sexo masculino quando o segmento em /\_S#/ é [ε]. Neste contexto, 40% das reestruturações silábicas são feitas com a fricativa [z], como se pode verificar no Gráfico 50, referente à relação segmento/fricativa por sexo do falante.

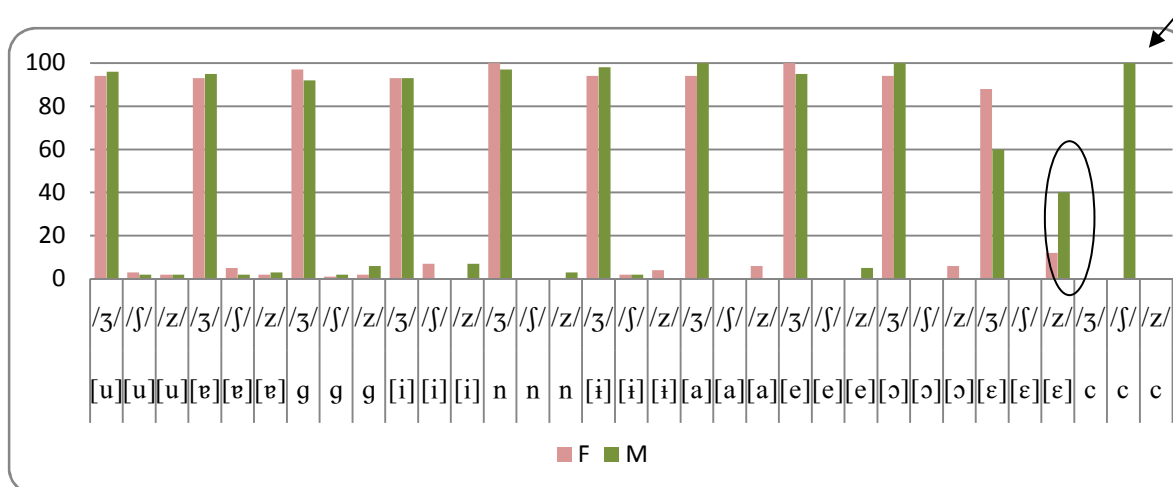


Gráfico 50 – Cruzamento fricativa/segmento em /\_S#/ e sexo do falante: (F) Feminino e (M) Masculino.

Já na realização de [ʃ], a elisão da vogal em sílaba final e a produção da consoante em Ataque juntamente com a fricativa é um factor determinante para o ensurdecimento da fricativa nesta posição, da mesma forma que a fricativa em interior de palavra assume o traço  $[\pm \text{voz}]$  conforme o segmento seguinte (e.g. e[ʃ]pera/e[ʒ]barrar ). Verifica-se que a elisão de vogal em sílaba final fechada por fricativa, sendo nestes casos o segmento antecedente uma consoante, ocorre apenas nos falantes do sexo masculino. Assim, as mulheres nunca elidem a vogal em núcleo quando realizam a fricativa [ʃ] em contexto de reestruturação silábica (cf.Gráfico 51).

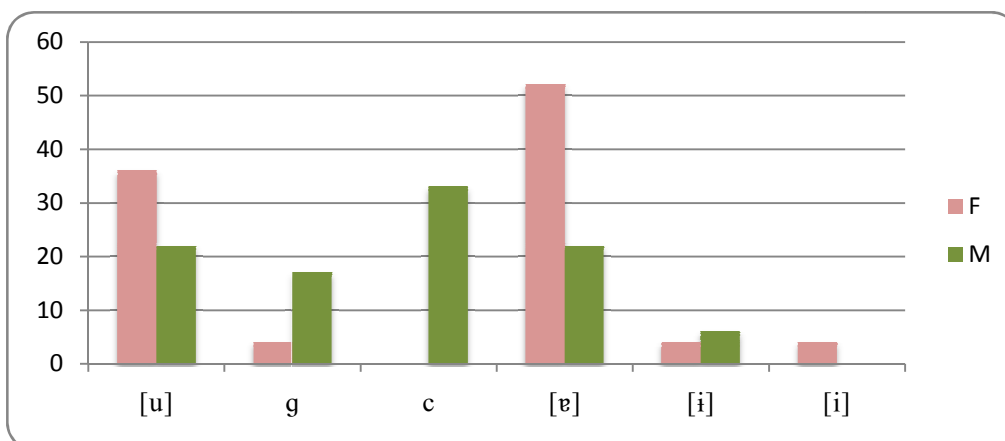


Gráfico 51 – Segmentos em /\_[]#/ por sexo: (F) Feminino e (M) Masculino.

#### 7.4.4. Idade

Quanto à variável idade, verifica-se que é no intervalo [36-50], por oposição à faixa etária inferior (20-35 anos), onde se regista mais variação (cf. Gráfico 52), nomeadamente no aumento da percentagem para a realização da fricativa como [z].

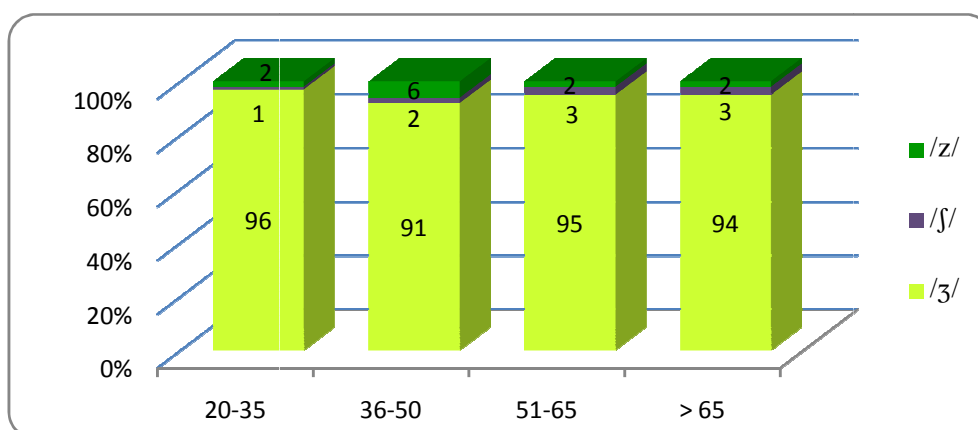


Gráfico 52 – Realização da fricativa por idade

Se observarmos os valores para a realização da fricativa como [ʃ] verificamos que, ao longo das faixas etárias, há uma crescente subida na sua realização. Esta tendência, ainda que com valores mais altos, foi também verificada nos dados Rodrigues (2003: 242) para a cidade de Braga (cf. Gráfico 53).

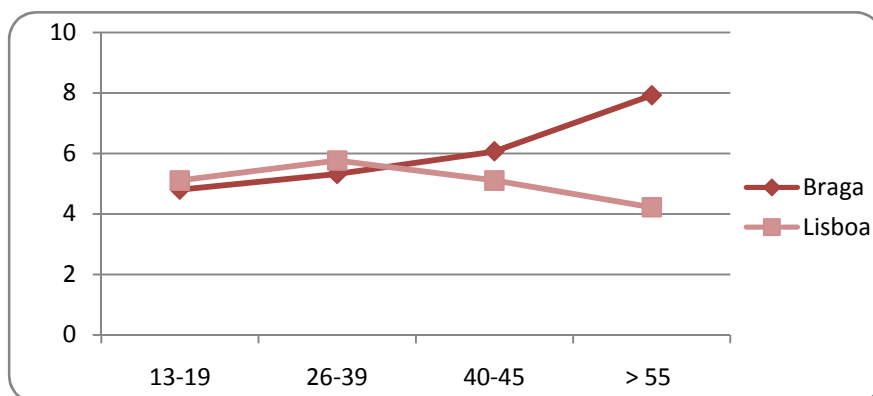


Gráfico 53 – Percentagem de ocorrência de [ʃ] em Braga e Lisboa (adaptado a partir dos dados de Rodrigues 2003: 238-242)

#### 7.4.4.1. Cruzamento Idade / Segmento em posição /\_S#/

Uma vez que consideramos redundante a apresentação de uma tabela para a distribuição de segmentos aquando a realização da fricativa [ʒ], apresentaremos apenas os gráficos para as fricativas [z] e [ʃ]. Assim, observa-se que na realização da fricativa [z] (Gráfico 54), na faixa etária 20-35 anos, a vogal em /\_S#/ é maioritariamente glide (71%). Os intervalos de idade [36-50] e [>65] são aqueles onde há mais segmentos precedentes, sendo o primeiro aquele que apresenta maior variação nos segmentos precedentes e na percentagem de realização desta fricativa. O único segmento a ocorrer nesta posição, comum aos quatro intervalos etários, é a glide.

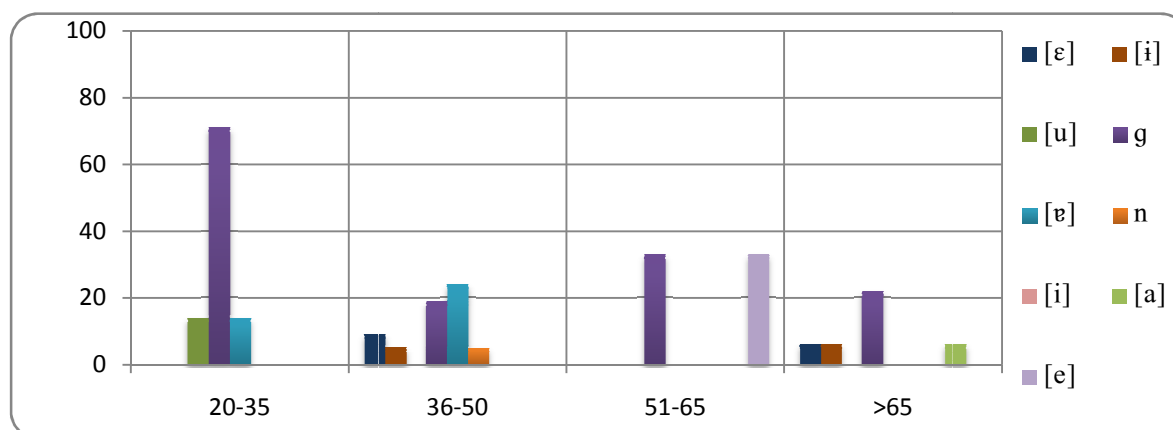


Gráfico 54 - Cruzamento /\_ [z] #/ - Idade do falante (v.p. 0,107)

Quanto à realização de [ʃ] (cf. Gráfico 55), a análise estatística revela que a distribuição dos segmentos precedentes por idades é relevante (v.p. 0,009). Veja-se que o segmento [+cons], nesta posição, só surge nos falantes com mais de 36 anos. Na faixa etária 20-35 anos, [ʃ] só ocorre quando a vogal em /\_S#/ é [u].

Curiosamente, à medida que a percentagem de ocorrência desta vogal diminui, aumenta a quantidade de segmentos precedentes, o que leva a concluir que, nestes falantes, a a variável idade parece ser a responsável pelo alargamento da quantidade de segmentos em /\_[]#/ . Esta conclusão poderá estar relacionada com o aumento do ensurdecimento da fricativa nas faixas etárias superiores, como também verificado em Rodrigues (2003:242) para os falantes de Braga. No que diz respeito aos segmentos [+consonânticos], a sua percentagem de ocorrência vai diminuindo de 37% na faixa [36-50], para 10% [51-65] e 9% [>65], o que poderá revelar uma tentativa dos falantes entre 36-50 anos de aproximação à elisão da vogal verificada na variedade *standard*, por um lado; ou uma tendência geral da língua, por outro.

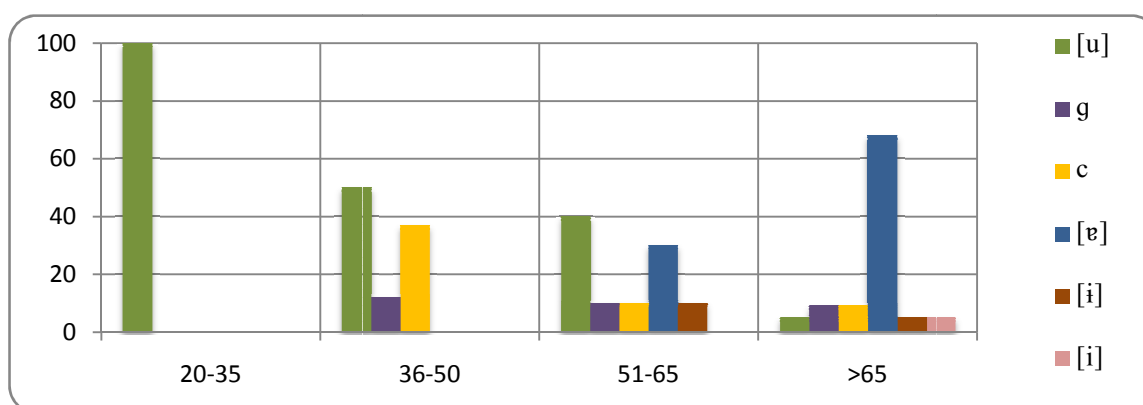


Gráfico 55 – Cruzamento /\_[]#/ - idade do falante

#### 7.4.5. Segmentos em posição /\_S#/ e em posição /S#\_/

*First consider the hypothesis that phonological constraints on variability arise from some universal articulatory or production-related conditions.*

Guy (1997:130)

Nestas posições ocorrem todas vogais fonéticas orais e nasais, e as glides. Foram, também, consideradas as consoantes como segmentos possíveis em posição /\_S#/. De facto, como menciona Labov (1997:152): “Resyllabification might account for more than one variable rule factor groups: not only the influence of the following consonant, but also perhaps the preceding consonant, the pre-preceding consonant, the homogeneity of the cluster, and the effect of stress.”



Das 1773 ocorrências analisadas, em nenhuma a vogal [o] ocupa a posição /\_S#/ . Teoricamente, esta vogal surge em sílabas acentuadas fechadas por /S/, como descrito em Barroso (1999: 118-143) e a sua existência na Terra Quente pode, no entanto, ser comprovada através da elicitação de formas em que ocorra ressilabificação, como *os meus avôs andam à pesca* ou *ele compôs a cadeira*. No entanto, a sua ocorrência nunca surge em 1773 contextos analisados. Quanto aos segmentos passíveis (vogais fonéticas e glides) de ocupar a posição /S#\_/, apenas não verificámos a ocorrências da vogal [i] e das glides nesta posição.

Terá o segmento em posição /\_S#/ influência na realização da fricativa? Para responder a esta questão, calculámos a percentagem de ocorrência de segmentos em /\_S#/ (cf. Tabela 24), de acordo com a realização da fricativa . Assim, verificamos que a fricativa [-anterior, -voz] é a única que não ocorre com todos os segmentos [-consonânticos] em posição /\_S#/ (Tabela 24). Num total de cem falantes e de 45 ocorrências, não se verificou a sua ocorrência quando as vogais precedentes eram baixas ou médias, à excepção da vogal [ɐ] e das vogais nasais.

A Tabela 24 mostra também que [ɐ] e [u] são sempre os segmentos com mais percentagem de ocorrência, independentemente da realização da fricativa. No entanto, no caso da fricativa surda, os segmentos consonânticos parecem desempenhar um papel importante no ensurdecimento da fricativa, uma vez que a ocorrência dos segmentos consonânticos seguidos de [ʃ] é categórica, i.e., cada vez que uma consoante ocupa a posição /\_S#/ a realização da fricativa é sempre [ʃ].

		Segmento precedente										
		[i]	[e]	[ɛ]	[i]	[ɐ]	[a]	[u]	[ɔ]	g	nasal	consoante
<b>[ʒ]</b>	N	27	74	10	95	504	31	538	29	318	50	0
	%	2	4	1	6	<b>30</b>	2	<b>32</b>	2	18	2	0
<b>[z]</b>	N	1	2	3	2	13	1	13	1	15	1	0
	%	2	4	6	3	<b>25</b>	2	<b>25</b>	2	28	2	0
<b>[ʃ]</b>	N	1	0	0	2	18	0	14	0	4	0	6
	%	2	0	0	4	<b>40</b>	0	<b>31</b>	0	8	0	<b>13</b>

Tabela 24 – Valores absolutos e relativos para a realização das fricativas [ʒ], [z] e [ʃ] de acordo com o segmento em posição /\_S#/ (v.p. 0,00).

Quanto à ocorrência dos segmentos seguintes por realização de fricativa, veja-se a Tabela 25. Como já tínhamos verificado, a fricativa [z] ocorre, percentualmente, mais vezes que as restantes fricativas com as vogais [a] e [ɛ]. Já a fricativa [ʃ] ressilabifica 55% das vezes com a vogal [ɐ]. No caso da fricativa [ʒ], destaca-

se a percentagem de ocorrência com vogais nasais (11%) quando comparada com os valores para as restantes fricativas: 4%.

		Segmento seguinte								
		[i]	[e]	[ɛ]	[ɐ]	[a]	[u]	[o]	[ɔ]	nasal
<b>[ʒ]</b>	N	210	65	146	586	144	156	129	56	184
	%	<b>12</b>	5	<b>8</b>	<b>34</b>	<b>8</b>	9	7	3	<b>11</b>
<b>[z]</b>	N	2	3	9	18	10	4	4	0	2
	%	<b>4</b>	6	<b>17</b>	<b>34</b>	<b>19</b>	8	8	0	<b>4</b>
<b>[ʃ]</b>	N	3	1	6	25	1	5	1	1	2
	%	<b>6</b>	2	<b>13</b>	<b>55</b>	<b>2</b>	11	2	2	<b>4</b>

Tabela 25 - Valores absolutos e relativos para a realização das fricativas [ʒ], [z] e [ʃ] de acordo com o segmento em posição /S#\_/ (v.p. 0,00).

#### 7.4.5.1. Cruzamento segmento em /\_S#/ e segmento em /S#\_/

O cruzamento segmento /\_S#/ e segmento /S#\_/ revela que a realização da fricativa [ʒ] ocorre não só mais vezes, mas também com mais combinações de segmentos. Apesar desta afirmação, há combinações de segmentos que nunca ocorrem e outras que apenas ocorrem quando a fricativa se realiza como [z] ou [ʃ]. Assim, as combinações de segmentos que nunca ocorre são:

/[i]S#[o]/	/[+ nasal]S#[e]/	/[a]S#[i]/	/[ɔ]S#[e]/	/[ɛ]S#[e]/	/[+ cons]S#[+ nasal]/
		/[a]S#[e]/	/[ɔ]S#[ɔ]/	/[ɛ]S#[ɛ]/	/[+ cons]S#[e]/
		/[a]S#[ɔ]/		/[ɛ]S#[a]/	/[+ cons]S#[a]/
				/[ɛ]S#[u]/	/[+ cons]S#[o]/
				/[ɛ]S#[ɔ]/	/[+ cons]S#[ɔ]/

Tabela 26 – Combinações de segmentos que nunca ocorrem no *corpus* analisado

Os segmentos [+cons] e [ɛ] em posição /\_S#/; e os segmentos [e] e [ɔ] em posição /S#\_/ são claramente aqueles que menos combinações permitem, enquanto que o único segmento que se combina com todos os segmentos quer esteja em posição /\_S#/ ou em posição /S#\_/ é [ɐ]. Excluímos desta afirmação a vogal [i] e as glides, uma vez que nunca ocorrem em posição /S#\_/, como já mencionado.

Relativamente ao cruzamento de segmentos / realização de fricativa, verifica-se que a fricativa [z] é a única que se realiza sempre que há a combinação dos seguintes segmentos: /[ɛ]S#[e]/ , /[ɔ]S#[a]/ e /[ɛ]S#[o]/. No Gráfico 56 podemos observar que as glides e as vogais [ɐ] e [u] se combinam com mais segmentos em

posição /z#\_/, o que, novamente, indica que os segmentos com maior percentagem de ocorrência são também aqueles que permitem mais combinações de segmentos. De salientar que os resultados para os segmentos nasais e para os orais [ɔ], [i] e [a] em /\_S#/ dizem respeito a uma ocorrência isolada para cada caso, o que não nos permite retirar conclusões.

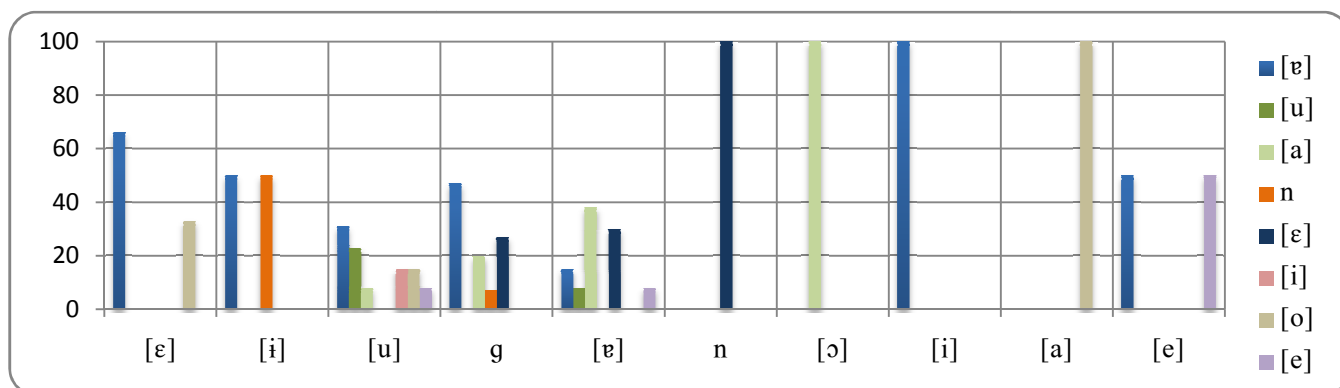


Gráfico 56- Relação segmento antecedente/ segmento seguinte em /\_z#\_/ (v.p. 0,149)

Em relação à realização de [ʃ], é a vogal [u], as consoantes e as glides, enquanto segmentos precedentes, que mais combinações permitem, enquanto [ɐ] é a única vogal em posição seguinte que se combina com todos os segmentos precedentes à fricativa (cf. Gráfico 57).

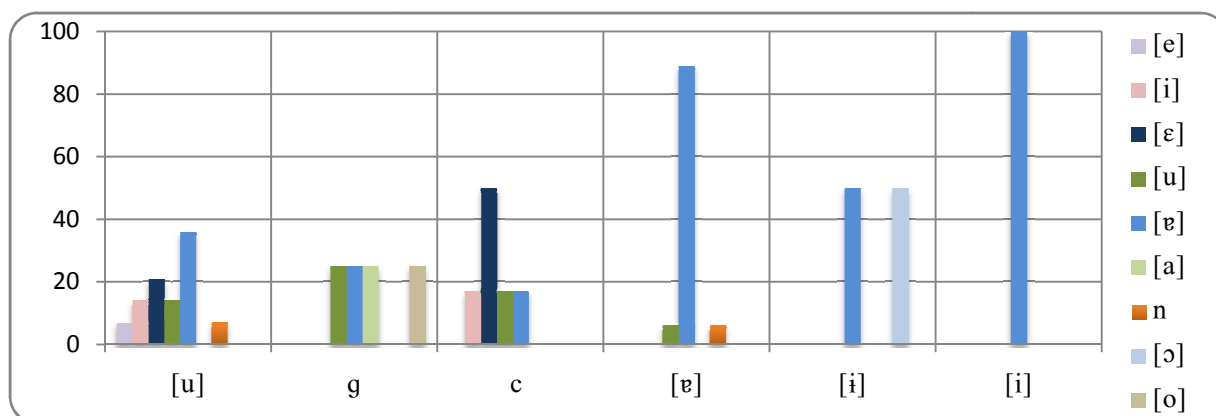


Gráfico 57 - Relação /\_ʃ#\_/(v.p. 0,004)

Ainda no que diz respeito à realização da fricativa como [ʃ], é notória a importância do segmento em /\_S#/. Num total de 100 falantes e 45 ocorrências, não se verificou a sua ocorrência quando as vogais precedentes eram baixas ou médias, à exceção da vogal [ɐ] e das nasais. Verificou-se, também, que a fricativa perde o vozeamento sempre que uma consoante ocupa esta posição, decorrente da elisão da vogal em sílaba final.

Detenhamo-nos, portanto, nas consoantes que ocorrem neste contexto. Verificamos que cada vez que há elisão da vogal na sílaba final, a consoante em posição de ataque é sempre [t], como verificamos na Tabela 27. Como [t] e [ʃ] são [+cor] [-son], podemos afirmar que é a consoante em /\_S#/ que influencia a perda de vozeamento da fricativa.

<b>Codificação</b>	<b>Ocorrência</b>
<b>(SVNM4CK</b>	dantes era
<b>(SMAM3CI</b>	habitantes e
<b>(SCAM2CU</b>	prontos uma
<b>(SAAM4CK</b>	dantes é que era
<b>(SAAM2CB</b>	muitos artistas
<b>(SAAM2CK</b>	prontos é

Tabela 27 – Contextos de ensurdecimento da fricativa final

Por outro lado, a análise acústica das fricativas do PE em Jesus (2000) e para o *American English* em Smith (1997) indica uma tendência destes segmentos para a perda de vozeamento. Em relação ao desvozeamento de /z/ em Inglês, Smith (1997:493) refere que este ocorre se houver um segmento desvozeado antes ou depois da fricativa. É sabido que em Português a fricativa se realiza como desvozeada se for seguida de segmento [-sonoro]. O que estes dados demonstram é que a qualidade [ $\pm$  sonora] do segmento anterior poderá também influenciar a especificação da fricativa quanto ao modo.

Para além deste aspecto, a fricativa desvozeia, no nosso *corpus*, nas expressões *Graças a Deus* e *Graças a nosso Senhor*, que, por serem expressões de alta frequência, comuns em falantes com mais de 51 anos, são mais sensíveis a este processo.

A análise dos dados revela, assim, que [ʃ] ocorre por razões diferentes de [z]. Assim, [ʃ] realiza-se sempre que o segmento em /\_S#/ é uma consoante ou sempre que há, obviamente, um processo de perda de vozeamento da fricativa; enquanto que a realização de [z] parece ser uma inovação presente em alguns contextos linguísticos (veja-se a relevância da vogal [ɛ] nos falantes com mais de 65 anos) e intrinsecamente relacionada com factores sociais, como o concelho, a idade e o sexo.

#### 7.4.6. Conclusão

Nesta secção pretendeu-se avaliar de que forma as variáveis internas (ou linguísticas) e as externas (ou sociais) se correlacionavam de forma a potenciar a variação na realização da fricativa final seguida de segmento [-consonântico]. Como vimos, na TQT, a fricativa em final de palavra realiza-se quase sempre como [ʒ]. Apesar disso, em nenhum dos concelhos analisados a realização da fricativa final de palavra seguida de segmento [-consonântico] é categoricamente realizada como [ʒ], podendo a sua realização oscilar entre [ʒ], [ʃ] e [z]. Depois de procedemos à análise variacionista de todas as ocorrências da fricativa neste contexto, através do programa Goldvarb, concluímos que no concelho de Carrazeda a realização da fricativa ocorre apenas entre as fricativas [-anteriores], i.e., [ʒ] e [ʃ]. Nos concelhos de Vila Flor e Alfândega, a introdução da fricativa [z], neste contexto, apenas ocorre nos falantes entre os 36 e os 50 anos. Em Mirandela e Macedo é notório o aumento da realização de [z], que não se encontra restrita a uma faixa etária como em Alfândega e Vila Flor, mas atravessa todas as idades e a maioria dos contextos fonológicos (segmento /\_S#/ e /S#\_/) previstos. Podemos, assim, concluir que variáveis externas como a idade ou o concelho do falante são factores importantes, a par das combinações de segmentos que antecedem e seguem a fricativa, na realização de [z] no contexto de ressilabificação aqui analisado. A importância da variável sexo não foi, no entanto, comprovada. Quanto à realização da fricativa final seguida de [-cons], é de mencionar, ainda, que quando o verbo termina em -s e é seguido de pronome pessoal de terceira pessoa, função complemento directo, realizando-se alomorficamente precedido de lateral, como em *podemo-los pôr*, a lateral não se realiza. Nestes casos, entre a fricativa final -s e o pronome, realiza-se uma glide palatal sendo a fricativa sempre [ʒ]: *podemo[ʒ]jios pôr a fazer joginhos* (CAF1T).

De mencionar, ainda, que a realização de /S/ como [ʒ] em contexto final de palavra seguido de [-consonântico] na TQT não ocorre quando os falantes deste dialecto produzem enunciados noutra língua, nomeadamente o Inglês. Assim, na produção, por exemplo, do provérbio *A penny saved is a penny gained* não se produz a fricativa [ʒ]. Esta constatação sugere que as actualizações fonéticas possíveis numa língua, em contexto de ressilabificação, não influenciam a produção dos mesmos segmentos, no mesmo contexto, noutra língua. Veja-se que o mesmo não acontece com as regras sintácticas como, por exemplo, a ordem *Adjective + Noun* que é, muitas vezes, alterada por alunos portugueses, que aprendem Inglês como segunda língua<sup>99</sup>.

---

<sup>99</sup> Estas afirmações decorrem da observação impressionista levada a cabo entre 2006 e 2008 em turmas de Inglês Língua Estrangeira, num universo de 170 alunos adultos do Instituto Politécnico de Bragança.

## 7.5. Sândi externo envolvendo a realização da nasal

Como vimos na secção 4.2.2., o sândi nasal é um processo fonético-sintáctico, comum no Galego-Português e no Leonês, que ocorre preferencialmente em artigos e pronomes antecidos de item lexical terminado em nasal, como em: *assim que **biam na** gente* (AAF4), *depois **bieram nos** filhos* (ANF4), *temos grande gosto **em no** serbir* (CAM4) ou *lá **fizeram na** bidinha deles* (MAM4). A lista das 38 ocorrências pode ser consultada no Anexo F.

### 7.5.1. Concelho

O fenómeno de sândi externo envolvendo a realização de nasal tem a seguinte distribuição percentual por concelho (cf. Gráfico 58): 51% das ocorrências foram registadas em Alfândega, 18% em Vila Flor, 17% em Mirandela e 12 % em Macedo. O valor mais baixo (2%) verifica-se em Carrazeda, o único concelho que não tem fronteira geográfica com o concelho de Alfândega.

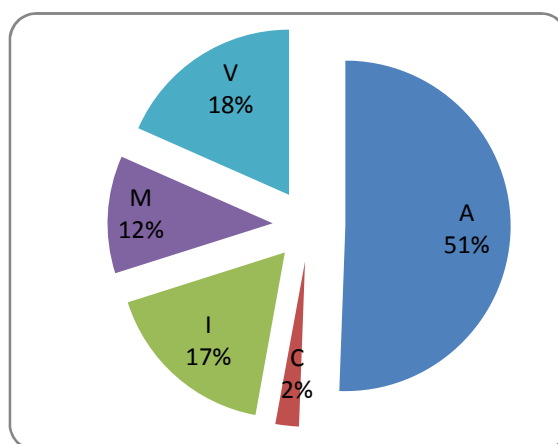


Gráfico 58 – Sândi nasal - Distribuição por Concelho.  
(A) Alfândega (51%); C (Carrazeda) (2%), I (Mirandela) (17%), M (Macedo de Cavaleiros) (12%) e V Vila Flor (18%).

Sabendo que este fenómeno de sândi é comum ao Leonês e, portanto, Mirandês (Maia 1986:671-672), seria de prever que os concelhos de Alfândega e Macedo apresentassem uma percentagem de ocorrência maior, o que só se verificou para Alfândega. No entanto, a percentagem de ocorrência deste fenómeno em Carrazeda (2%) poderá ser explicada por este ser o concelho mais distante da área de difusão do Mirandês.

### 7.5.2. Escolaridade

O fenómeno de sândi, ao contrário do observado nos fenómenos lexicais, está mais difundido nos falantes alfabetizados (68%). Veja-se, no entanto, que em Macedo e Mirandela a percentagem de sândi envolvendo a prótese da consoante nasal é superior nos falantes analfabetos, enquanto que nas vilas este fenómeno é mais visível nos falantes alfabetizados, o que poderá ser revelador da pressão social para a adopção de formas mais próximas da standard, como vemos no Gráfico 59.

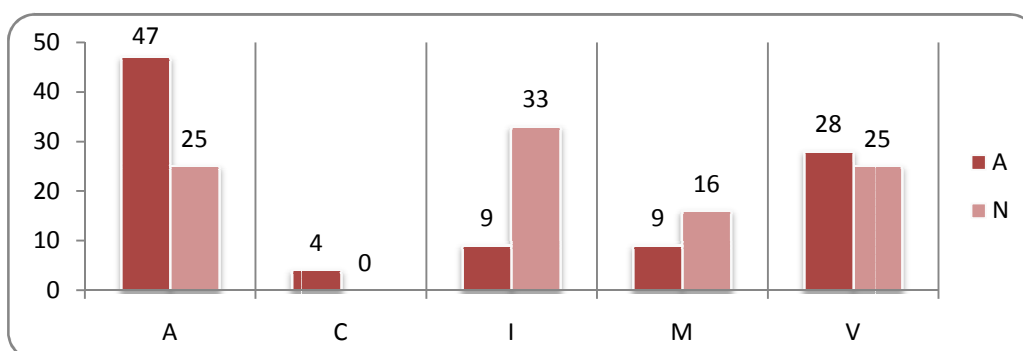


Gráfico 59 – Sândi Externo envolvendo a nasal por Escolaridade - (A) Alfabetizado; (N) Analfabeto e Concelho: (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

### 7.5.3. Sexo e Idade

O fenómeno de sândi externo nasal é mais comum nos falantes do sexo masculino (53%) e nos falantes com mais de 65 anos (84%). Se correlacionarmos o sexo com a idade do falante por concelho (cf. Gráfico 60), percebemos que este fenómeno só ocorre nos falantes com menos de 65 anos no concelho de Alfândega. Nos restantes concelhos, é no sexo masculino que este fenómeno é mais visível. Curiosamente, o comportamento dos falantes de Alfândega é o oposto do verificado para os restantes concelhos da TQT.

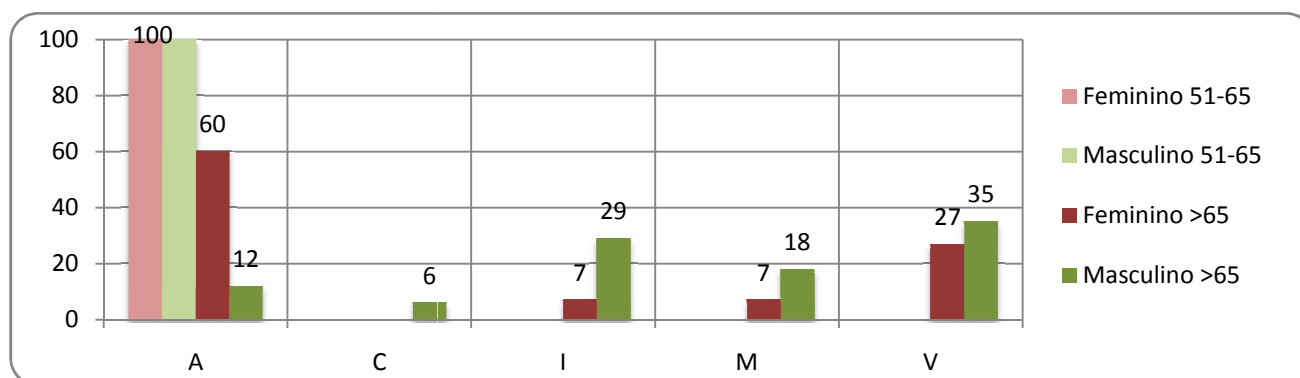


Gráfico 60- Cruzamento Sexo/Idade por concelho do falante: (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

No total dos falantes da TQT, há uma clara tendência para o desaparecimento deste fenómeno, como mostra o Gráfico 61. Veja-se que tanto nos falantes masculinos, como femininos, há uma diminuição clara na ocorrência deste fenómeno se compararmos os valores para a faixa etária [>65] (entre 83% e 85%) com os valores para os falantes entre os 51 e os 65 anos (entre 15% e 17%).

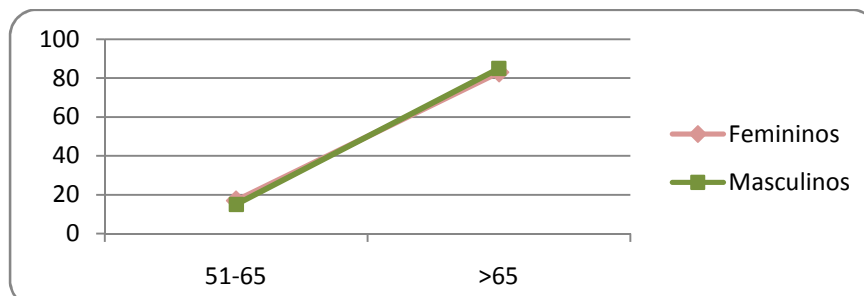


Gráfico 61 - Sândi externo envolvendo a nasal na TQT, de acordo com a idade e sexo do falante.

#### 7.5.4. Categoria gramatical

Nesta secção analisamos a distribuição deste fenómeno de acordo com a categoria gramatical do item lexical precedente e do clítico que agrega a nasal. Assim, o Gráfico 62 indica que 78% das palavras prosódicas em posição precedente são verbos. Vejam-se os exemplos: *olha a **correrem no** cão por aqui por ali<sup>60</sup>* (ANF4); ***acabaram nas** crias* (MNM4); ***botaram nos** arcos abaixo* (VAM4). Este gráfico revela, também, que o sândi externo com prótese da nasal poderá ocorrer com advérbios (e.g. *já se sabia **assim nos** partidos todos* – AAF3), pronomes (e.g. *dar o respeito a **quem no** merece* – AAM4) e preposições (e.g. *temos grande gosto **em no** servir* – CAM4) em posição precedente, ainda que estas categorias representem uma minoria.

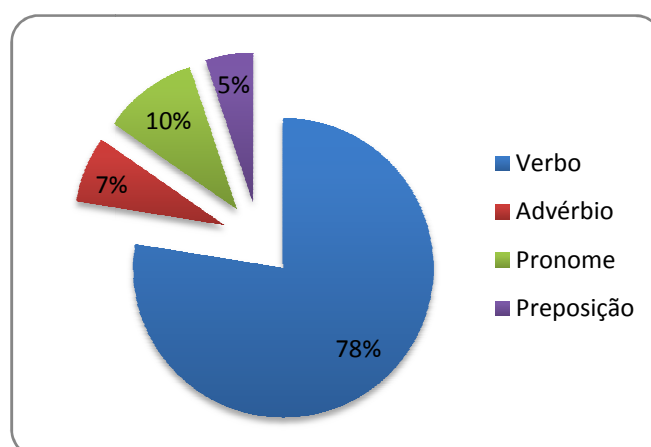


Gráfico 62 – Sândi externo envolvendo a nasal. Distribuição por categoria gramatical do item lexical precedente: Verbo (78%); Advérbio (7%); Pronome (10%) e Preposição (5%).

<sup>60</sup> "Correr o cão" significa vadiar, não fazer nada.



Relativamente ao clítico, refere Paiva (2006:117-118):

A alomorfa foi comum ao pronome e ao artigo no português medieval (...) e ainda renascentista (...).

Tomando como referência o português padrão contemporâneo, (...) a alomorfa contextual foi eliminada no artigo e tende a reduzir-se no pronome, restringindo-se à ênclise e mesóclise verbais, à ênclise nos pronomes átonos *nos* e *vos*, e mais raramente, ao advérbio *eis*.

Vemos, no entanto, que na TQT é ainda possível registar a produção do sândi nasal com artigos e pronomes em próclise (cf. Gráfico 63).. Assim, o elemento ao qual a nasal se agrega é, em 87% das ocorrências, um artigo: *um que lhe **chamabam no** samorinha belho* (VAF4); *ordenhabam no leite* (VNF4). Em 13% das ocorrências o clítico é um pronome: *temos grande gosto **em no** serbir* (CAM4); *alegria **quem na** tiber* (IAM4); *se lhe entchesse a barriga num pugaba (...) já num há **quem nos** domine* (INM4); *é uma festa muito rugida (...) eu já lá não passei este ano **num na** passei* (MNF4)<sup>61</sup>.

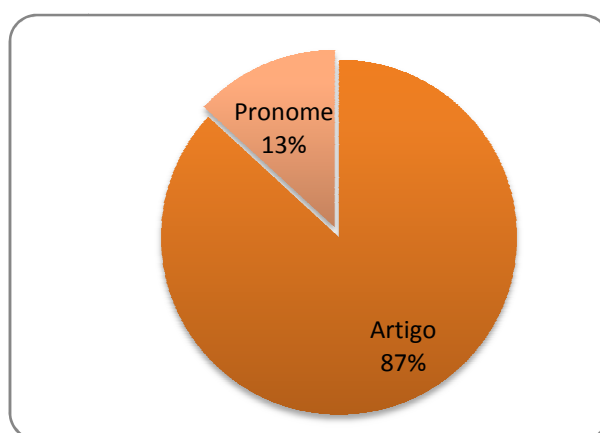


Gráfico 63 – Sândi externo envolvendo a nasal.  
Distribuição por categoria gramatical do clítico seguinte: Artigo (87%) e Pronome (13%)

Os nossos dados, dos quais estão excluídos todas as ocorrências de verbo+clítico pronominal, demonstram que o fenómeno de sândi é mais produtivo nos artigos do que nos pronomes. No Gráfico 64 correlacionámos as categorias gramaticais das palavras prosódicas ou clíticos em posição precedente com as categorias gramaticais do clítico seguinte (v.p. 0, 00). Concluimos que a classe gramatical verbo apenas se combina com

<sup>61</sup> Nos casos em que o sândi ocorre com pronome, este foi movido para a posição pré-verbal por atractores de próclise, nomeadamente a preposição *em*, os sintagmas Q, e a negação frásica.

artigos (e.g. *arrumaram na vida deles* - INM4). Este cruzamento representa 76% das ocorrências. Os pronomes, quando em posição precedente surgem maioritariamente seguidos de pronomes (e.g. *alegria quem na tiber*- IAM4), enquanto que as restantes categorias gramaticais (Advérbio e Preposição) se combinam, de forma semelhante, com pronomes e artigos: *num na passei* (MNF4); *já se sabia assim nos partidos todos* (AAF3); *temos grande gosto em no serbir* (CAM4); *mas fiquemos sem no dinheiro* (INF4).

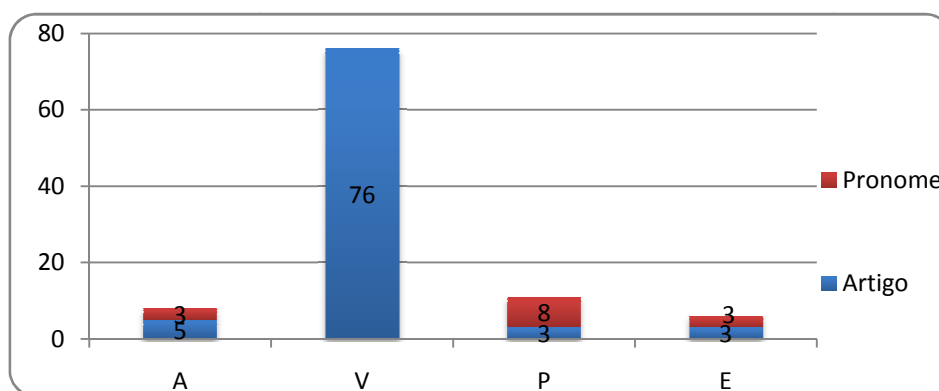


Gráfico 64- Cruzamento da categoria gramatical da palavra prosódica ou clítico precedente - (A) Advérbio; (V) Verbo; (P) Pronome e (E) Preposição - e do clítico seguinte.

### 7.5.5. Segmentos precedentes e seguintes

Segundo Maia (1986: 671), estes pronomes/determinantes “ocorrem sempre depois de palavra terminada em nasal. A consoante inicial das antigas formas dos pronomes átonos *lo, la, los, las* assimila-se à nasal anterior e estas unem-se à palavra precedente”. Também para Cunha e Cintra (1984: 280). é hoje possível, na linguagem “popular e literária popularizante”o uso da forma alomórfica do pronome “depois dos advérbios *não* e *bem*, assim como dos pronomes *quem, alguém, ninguém* e outras palavras terminadas em ditongo nasal”. Se observarmos o Gráfico 65 percebemos que apenas 11% das ocorrências no *corpus* TQT não têm como segmento antecedente um ditongo nasal, mas uma consoante ou as vogais médias [a] e [ɐ]. Assim, em 5% das ocorrências, o segmento final é [ɐ]: *barbeava nos patrões* (MAM4); *toda a bida se lidou com essa terra e diziam que era na terra das feiticeiras* (AAF4). A vogal [a] e segmentos consonânticos só foram registados uma vez nesta posição: *já na gente num tchega* (VAM4) e *para lhe fazer na festa* (VNM4). No entanto, nestes casos, o clítico nunca é um pronome.

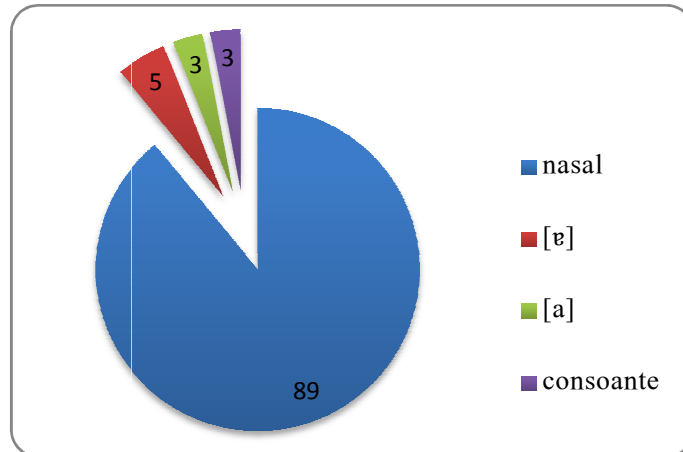


Gráfico 65– Segmento precedente: nasal (89%); consoante (3%); [a] (3%); [e] (6%);

Já a posição em núcleo do clítico seguinte é ocupada em 61% dos casos por [e] (cf. Gráfico 66).

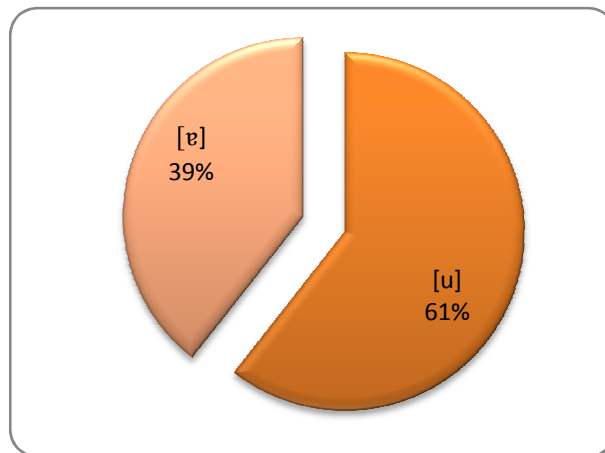


Gráfico 66 - Segmento seguinte: [u] (61%); [e] (39%)

Não foram encontradas relações estatisticamente válidas no cruzamento das variáveis *segmento precedente* e *segmento seguinte*. Também o cruzamento destas com as categorias gramaticais resultou em valores superiores a valores de prova superiores a 5%, indicativo da independência das variáveis.

### 7.5.6. Conclusão

Como vimos, ao contrário do observado para a realização da fricativa (cf. secção 7.4. A realização de /S/ em contexto final de palavra seguida de [-consonântico]), a realização do sândi externo envolvendo a nasal não decorre apenas de constrangimentos fonológicos, mas da interacção de factores fonológicos e morfológicos,

como a qualidade dos segmentos precedentes e seguintes, e a categoria gramatical dos itens lexicais envolvidos.

Em relação às variáveis internas consideradas, podemos afirmar que a nasalidade não é um factor indispensável para que este fenómeno ocorra, uma vez que em 11% dos casos o segmento antecedente não é nasal. O cruzamento de variáveis mais relevante é, no entanto, o das categorias gramaticais do item precedente e seguinte: os verbos apenas se combinam com artigos (76%), já os advérbios, os pronomes e as preposições combinam-se com artigos e pronomes.

Para além dos aspectos internos, a observação dos dados relativos ao sândi externo envolvendo a realização da nasal permite concluir que este fenómeno está a desaparecer, uma vez que os únicos falantes com menos de 65 anos são apenas de um concelho, o de Alfândega. De realçar, também, que este é o concelho com mais ocorrências (17 num universo de 38). Nas cidades, Mirandela e Macedo, verifica-se que o fenómeno é mais visível nos falantes analfabetos.

## **7.6. Conclusão**

Not all variability and heterogeneity in language structure involves change; but all change involves variability and heterogeneity.

Weinreich, Labov e Herzog (1968: 188)

Para que ocorra variação numa língua é essencial que as realizações variáveis sejam permitidas pela estrutura da língua, i.e., a variação na realização da fricativa final só é possível porque a língua permite que esta realização seja variável, seja por partilha de traços fonológicos ou por constrangimentos entoacionais, entre outros. Esta posição é defendida pela abordagem evolucionária aplicada à mudança linguística, segundo a qual a variação só ocorre entre variantes previstas no sistema de uma dada língua, cuja escolha ou selecção é feita pelo falante: “change operates on the basis of variation between available linguistic options and the selection of options in the course of speakers’ use, such that particular options may be more and more frequently selected whereas others die out.” (Seiler 2006: 163)

Um pouco por toda a parte se assiste a uma aproximação de variedades regionais à variedade normativa. Veja-se a análise feita Kochetov (2006) do processo de perda de arredondamento da vogal /o/ em posição não acentuada e da mudança da fricativa [ʂ] para [ʃ] numa comunidade no norte da Rússia. Esta aproximação à variedade normativa é motivada por factores sociais e linguísticos: “The most conservative speakers were older, less educated subjects raised out of town, and the most progressive speakers were younger, better educated subjects raised in town. The results also showed that the relative dynamics of the two sound change processes was related to phonetic characteristics of the two non-standard sound variants.” No caso dos fenómenos aqui analisados, verifica-se que a manutenção de formas arcaicas, como a semivocalização da lateral em pronomes e determinantes, a manutenção da africada ou o sândi envolvendo a realização da nasal, é mais consistente em falantes com mais de 65 anos. Verifica-se, também, que a aproximação à norma na realização da fricativa final seguida de [-consonântico] é feita pelos falantes entre os 36-50 anos, o que pode ser indicador da pressão social para adopção de formas normativas em falantes profissionalmente mais activos. De uma forma geral, apenas o fenómeno pós-lexical de ressilabificação da fricativa se mantém relativamente estável em todas as faixas etárias, enquanto que os restantes fenómenos tendem a desaparecer. Levará esta tendência de uniformização fonológica, visível também noutras línguas, a uma unificação da língua ou ao surgimento de novas formas fonológicas? Não sabemos responder. Sabemos, no entanto, que a adopção de novas formas, neste caso normativas, se alastra a outras por analogia ou contaminação lexical, contribuindo para a uniformização do mesmo contexto fonológico. Por outro lado, é visível o surgimento galopante de novas formas ortográficas que poderão, ou não, afectar a realização sonora de palavras análogas e, assim, introduzir, novas variantes de um mesmo fonema. Este trabalho permitiu, também, verificar que os fenómenos lexicais estigmatizantes, como a realização da africada, a centralização da vogal [e] e a semivocalização da lateral, parecem ser mais perceptíveis e ao mesmo tempo mais controláveis pelos falantes, enquanto que os fenómenos pós-lexicais, porque menos dependentes do léxico, são menos perceptíveis e menos controláveis. A esta dedução junta-se a pressão que a variedade *standard* exerce sobre as variedades regionais. Por essa razão, todos os fenómenos lexicais e o fenómeno de sândi externo com a nasal tendem a desaparecer, ao mesmo tempo que fenómenos marcadamente regionais, cuja ocorrência é quase categórica, como a realização de [ʒ] começam a coexistir com outras variantes mais próximas da variedade *standard*, neste caso a realização de [z].

Relembramos, ainda, que a variação, e a possível mudança linguística, não é feita de forma uniforme pelo espaço geográfico ocupado por uma dada comunidade linguística, podendo mesmo neste espaço coexistir várias variantes, como vimos nos processos analisados, como menciona Hinskens *et al.* (1997:10). De todos

os concelhos, Alfândega é aquele onde é possível encontrar mais marcas de manutenção de formas já em desuso nos falantes alfabetizados. Este aspecto pode estar relacionado com o isolamento geográfico ou o pouco acesso à cultura desta população. Relembramos que, juntamente com Vila Flor, Alfândega é o único concelho sem publicações periódicas. Para além disso, é aquele onde o gasto camarário com a cultura é inferior: 6,3%, valor baixo quando comparado com o de Vila Flor (14,2%) e Mirandela (11,7%). Se relacionarmos o isolamento desta comunidade à sua proximidade com a área de difusão do Mirandês, língua que mantém alguns dos fenómenos aqui abordados, parecemos a manutenção dos referidos fenómenos em falantes com menos de 65 anos. Ainda em relação às idiossincrasias de cada concelho, é de mencionar a manutenção exclusiva, no espaço da TQT, da centralização de [e] em Carrazeda de Ansiães em falantes com mais de 36 anos.

A análise dos processos fonológicos de acordo com as variáveis internas e externas, permite concluir que: (i) as variáveis externas: concelho, idade e escolaridade são relevantes na análise dos processos aqui abordados, ao contrário da variável sexo, cuja importância na realização destes fenómenos é discutível; (ii) as variáveis internas, nomeadamente as características fonológicas, morfológicas e lexicais, permitem-nos perceber os mecanismos linguísticos subjacentes ao processo de mudança e manutenção de formas arcaicas. Ainda relativamente ao léxico, segundo Bybee (2004), alta frequência poderá ter três efeitos distintos na produção de realização de um determinado item lexical, sintagma ou expressão: (i) aumenta a probabilidade de redução fonética, como acontece com a expressão “Graças a Deus”, na qual a realização da fricativa sofre um processo de ensurdecimento e (ii) actua como factor de conservação de formas irregulares com alta frequência, como a semivocalização da lateral. A análise dos fenómenos por nós abordados permite, também, afirmar que a frequência lexical desempenha um papel preponderante na perpetuação de formas arcaicas, como vimos na distribuição lexical das ocorrências da africada e da semivocalização da lateral.

Tal como postulado por Bybee, encontramos nos nossos dados, evidências de que a mudança sonora ou, neste caso, a manutenção de formas arcaicas a par das *standard*, depende de factores fonéticos e lexicais. Segundo Bybee e Hopper (2001:10-11), nos casos de mudança sonora, “very specific phonetic features, probably specified as a range of phonetic variation, are associated with particular lexical items”. Veja-se, nesta perspectiva, a distribuição lexical da africada surda e da semivocalização da lateral. Neste caso, concorrem também para a realização da semivogal aspectos morfológicos.



## VIII. Marcas fonológicas e lexicais na escrita

*The language spoken by somebody and his or her identity as a speaker of this language are inseparable: This is surely a piece of knowledge as old as human speech itself. Language acts are acts of identity*

*Tabouret-Keller (1997: 315)*

O estudo das possíveis analogias entre os registos oral e escrito surge em meados do século passado em áreas distintas como a semiótica e a antropologia (Olson 1977; Halliday 1985; Biber 1988). As diferenças entre os dois registos foram já assinaladas por Halliday (1985) e Tannen (1982), entre outros, e não serão por nós abordadas.

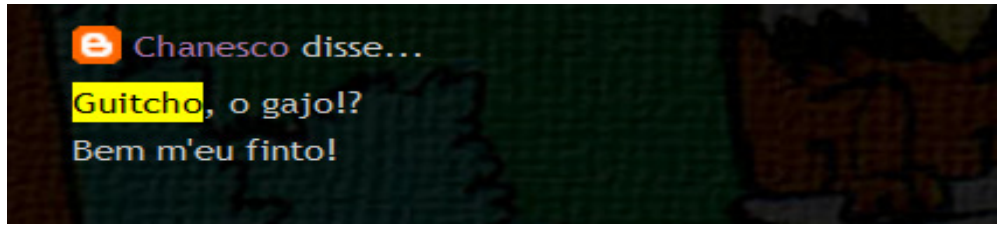
Neste capítulo apresentaremos: (i) a ocorrência dos fenómenos fonológicos analisados nos capítulos anteriores no registo escrito e (ii) o uso de formas lexicais regionais orais no registo escrito. Para tal recorreremos a artigos de opinião publicados em jornais, literatura popular, sites e blogues, por serem de cariz mais pessoal e não obedecerem a uma estrutura padronizada. Apesar de o material disponível *online* ser bastante, deparámo-nos com algumas dificuldades decorrentes dos seguintes aspectos: (i) o registo escrito é mais cuidado e, ao mesmo tempo, deixa transparecer poucas marcas fonético-fonológicas que marcam a oralidade, (ii) o registo escrito, quando processado por computador e com ferramentas de processamento de texto, é corrigível; (iii) em alguns casos é impossível determinar a origem, idade ou sexo do autor do texto.

### 8.1. Fenómenos (pós-) lexicais na escrita

#### 8.1.1. Manutenção da africada surda

O registo escrito da africada surda como “tch” é pouco comum na blogosfera, surgindo apenas propositadamente como forma de salientar a interioridade geográfica e a ruralidade, como em (a) e (c). Encontramos também o registo da africada numa obra literária baseada na vida dos habitantes do nordeste transmontano (b).





(a)

Em <http://braganzonya.blogspot.com/2008/01/o-carregador-de-piano.html> (Agosto 2008)

(b)

- Porra! - brada o tio Zé, exasperado. - Falo ou ou tchia um carro?(...) Pronto, pronto, num se azede, tio Zé. Já cá num 'stá quem falou.

Cabral, Pires<sup>20</sup> (1993: 147)

(c)

Mas se for uma cerejeira e lhe chamar serdeira ou uma nespereira e lhe chamar manganório, ainda entendo.

Mas 'staquase bires uma canhona e le tchamar badana, o caldo começa a entornar.

Agora Aix, é que não dislumbro.

Parece que pegou a moda dos nomes ocultos, não tenho nada contra mas não é muito do meu gosto. Não quer dizer que eu próprio não tenha já usado esse subterfúgio. Numa ida a Brunhoso até me perguntaram se eu não era a Concha! Também não

Fórum da aldeia de Brunhoso (Mogadouro) - <http://boards2.melodysoft.com/Brunhoso/re-parece-que-anda-tudo-com-preguicite-4980.html> (Outubro 2008)

A utilização da africada surge também em inúmeros relatos sobre as gentes transmontanas ou episódios ocorridos em Trás-os-Montes, como podemos constatar em (d) e (e). Neste último caso, o episódio ocorre em Vila Flor, um dos concelhos analisados na presente tese. Note-se que mesmo os itens lexicais pronunciados referidos nestes textos como pronunciados com a africada surda (*gui[tʃ]a*; *cain[tʃ]a* e *[tʃ]i[tʃ]eiro*) são típicos desta região.

<sup>20</sup> Pires Cabral nasceu em 1941 na aldeia de Chacim (Macedo de Cavaleiros). "Poeta e dramaturgo. Licenciado em Filosofia germânica, é professor do Ensino Secundário. Autor de textos teatrais, mas sobretudo poeta da problemática do Nordeste Português, nos seus aspectos humanos e sociais, telúricos e paisagísticos." Retirado de: <http://www.bragancanet.pt/filustres/cabral.html>. Reconhecemos que, nos excertos aqui colocados, o registo literário poderá neutralizar o uso de formas orais ou, por outro lado, exagerar alguns traços característicos de uma área geográfica ou de um grupo social.

Depois disso, a palavra *guicho* e *guicha* (*gitcho* e *guitcha*, na pronúncia local), tornou-se-me familiar: *"É que vens bem guicha, rapariga!" "Ai os raparigos que guichos que estão"*. Frases como estas passei a ouvi-las a toda a hora durante essas férias.

*"Guicho", "guicha" !*

Palavras bonitas!

Não mais voltara a escutá-las até ao dia de hoje, aqui, à mesa de um café, em Almada, na Praça da Liberdade.

Fiquei tão emocionado que não me contive. Dirigi-me ao homem e, de chofre lhe atirei a pergunta: *"Desculpe, que palavra é que o senhor disse? Foi "guicha", não foi? O senhor é de Trás-os Montes?"*

O homem olhou-me intrigado, desconfiado mesmo da intempestividade da pergunta e do tom ansioso com que fora feita, e acabou por responder: *"Foi 'guicha', sim senhor. estava a perguntar à minha filha se já tinha arrebicado, se estava melhor"*

*"Então você é transmontano. É que eu nunca ouvi essa palavra senão em Trás-os Montes"*, voltei eu a insistir.

Respondeu-me o homem que não era transmontano mas que a tinha ouvido a um transmontano amigo e que gostara tanto dela que a adoptara e tinha passado a utilizá-la com frequência.

(d)

Em [http://a2b3c4d5.no.sapo.pt/macores\\_actual.htm](http://a2b3c4d5.no.sapo.pt/macores_actual.htm) (Novembro 2008)

Aqui, em Vila Flor, nos primeiros meses em que aqui fiquei, era rara a semana em que o Fraga não me ensinava uma nova palavra ou expressão, mas nenhuma é melhor do que a última

(até ser substituída por uma outra última)

e a última que conheci foi proferida na sala de audiências.

Perguntava o juiz:

- Sr<sup>a</sup> Testemunha, a que distância ficava uma porta da outra?

E ela, muito pronta e sábia:

- A uma caintcha, Sr. Doutor

Como se fosse a coisa mais natural do mundo uma porta poder distar uma caintcha da outra, como se todos os dias ouvíssemos falar de caintcha práli e caintcha práqui,

A procuradora, *guitcha*, fez um ar de entendida abanando afirmativamente a cabeça quando o juiz a olhou para não se rir, enquanto a Fino Palito enterrava a cara nas folhas em cima da mesa para não trocar o olhar com o advogado na outra banca em frente.

como ainda há dias, num restaurante na Vilaríça, quando a Fino Palito se pôs a apresentá-lo e à esposa ao comerciante:

- A esposa do Sr. juiz é juíza em Pinhel...

e logo aquele:

- Ah sim; olhe que o meu tchitcheiro vem de lá...

(- E o que é um tchitcheiro Dona Olívia?)

- Ora, Sr. Dr. Juiz, um tchitcheiro é um homem que vende tchitcha e a tchitcha foi o que nos trouxe aqui, para comermos até ficarmos como um tralhão

- Ah!

(e) - Veja lá a ver; se não entendeu eu volto a explicar...)

Em [http://tubensaio.blogspot.com/2006\\_06\\_01\\_archive.html](http://tubensaio.blogspot.com/2006_06_01_archive.html) (Novembro 2008)

### 8.1.2. Semivocalização da lateral


O registo escrito de *eis*, *aqueis*, *naqueis* e *deis* é muito raro, tendo apenas sido encontrado um exemplo (f). Neste caso, não foi possível identificar o falante.

Anónimo Diz:  
31 Julho, 2008 às 9:22 am

Os gráficos do Miranda são do verão (factos escolhidos com pinças para defender convicções apriorísticas).CMO.

Agora compreendim porque resultava chocante o interesse de tanta gente empenhada em ir surfar a Tarifa (Cadiz).

Aqueis mapas do JM cheiravam a truque...



(f)

Em <http://blasfemias.net/2008/07/30/o-preco-da-independencia-energetica-viii/> (Outubro 2008)

Neste caso, o registo escrito da semivocalização da lateral em determinantes e pronomes não ocorre para retratar um aspecto da oralidade, como nos casos anteriores, tratando-se, possivelmente, de um caso genuíno de codificação escrita de um fenómeno oral, ou seja, o autor deste comentário deve, provavelmente, escrever *aqueis* em vez de *aqueles*.

### 8.1.3. Centralização da vogal [e]

Foram encontrados vários casos em que “en” é grafado como “an”, dos quais destacamos três *pandurado*; *lambrame*, *repante*.

Como acontece com o fenómeno anterior, não foi possível determinar a origem geográfica do(s) autor(es).

steelballzz 15-11-2005, 10:01

epa  
eu tenho 2 assinaturas de 4 mb da netcabo

às vezes dá vontade de atirar alguma coisa pela janela..mas quando funca...bem...voa  
agora se imaginares um domingo á tarde....chuva....tudo em casa aki na urb pandurado na net.....é um delirio....como tem cada vez mais clientes as avarias na rua são frequentes....dias de velocidades de modem analógico.....  
mantenho ainda a netcabo pk na loja nao tenho telefone fixo e ainda não há cobertura clix....em casa...pois...gosto muito das HH

cumps

(g)

Em: <http://www.techzonept.com/archive/index.php/t-76228.html> (Outubro 2008)



**Pseudo**

pode (ou não!) estar a usar Mozilla Firefox 1.0.7 em Windows XP

Data: 14/Abril/2007 | Hora: 23:51

Bonita, mas arrepiante. **Lambra-me** algo gótico.

(h)

Em: <http://bitaites.org/uma-foto-e-uma-musica/uma-foto-e-uma-musica-54> (Outubro 2008)

**Sónia**

Moderadora Global

VIP



Mensagens: 4840

A melhor coisa do mundo  
são os nossos filhotes!!



**Re: Não sei se vou conseguir**

« Responder #8 em: Setembro 18, 2008, 00:09:44 »

as melhoras pra matilde e pra tua sobrinha sofia... k tempo maldito... gaah uma pessoa nem sabe o k há-de vestir ás crianças... tanto ta calor, como corre um vento frio, como se poe frio de **repante**... e basta isso e eles adoecem... pffff

Registrado

(i)

Em: <http://www.forum-bebes.com/sala-de-convivio-e-apresentacoes/nao-sei-se-vou-conseguir/> (Outubro 2008)

#### 8.1.4. A realização de /S/em contexto final de palavra seguida de [-consonântico] como [ʒ]

O registo escrito de [ʒ] antes de segmento vocálico é muito comum, nomeadamente na palavra “olhos” > “jолhos”, como vemos em (j) e (k). Em nenhum dos casos nos foi possível identificar a região de origem do autor.

O segundo vídeo top é o de Chris Crocker, um fã incondicional de Britney Spears (vejam só! ou não vejam! - tapem os jолhos), em delírio *extremis*, que defende que todos os problemas da popstar têm berço nos media, nomeadamente nos *paparazzi*.

(j)

Em: <http://tomilho-limao.blogspot.com/2007/12/youtube-elege-os-vdeos-mais-procurados.html> (Outubro 2008)

17/Jul/2008 17:39

**Brizida diz:**

olááá desnaturado! Como andas? A vida continuará sp a sorrir, desde que os nossos passos sejam firmes: lentos ou rápidos, mas firmes! O sol brilha todos os dias só precisamos de ver :D desde q os jолhos ã estejam a 16 por 9 ehehehe. Bjts

(k)

Em: <http://radiouniversitariaminho.hi5.com/friend/110945554-tito-Profile.html> (Outubro 2008)

### 8.1.5. Sândi externo envolvendo a realização da nasal

No caso do sândi externo, apenas encontrámos exemplos na obra literária já mencionada. Em todos os exemplos, o segmento precedente é [+nasal] e a categoria gramatical do clítico seguinte artigo.

Padres femeeiros é o que mais se bê por aí. Todos temos cá dentro a natureza a puxar por nós, e os padres num se ficam atrás. Im le tcheirando a recatchiço... C'uma mão tapam-na c'roa, co'a outra apalpam-na moça, nunca oubiu d'zer? E olhe que num são pesos a 'scolher, num é qualquera cousa que le serba. A melhor fêmea do poboado, é milagre que num seja pró dentes do padre. Quando num são duas e três, ou inda mais, c'mó padre Pombo, da Matinha,

(l)

Cabral, Pires (1993: 59)

- Quando omêa um burro, os outros abaixam-nas orelhas, nunca oubiste d'zer? Olha que catano!"

(m)

(*ibid.*, p.148)

## 8.2. Léxico

Como refere Santos (1967:213), cujo inquérito inclui apenas nos concelhos raianos e, por essa razão, nenhum dos concelhos aqui em análise está descrito, "o léxico é um dos aspectos mais originais dos falares de Trás-os-Montes. O estudo etimológico dos diferentes vocábulos, o traçado de áreas e a sua comparação com outros domínios portugueses e, em geral, românicos, pode trazer conclusões de grande interesse sobre a antiguidade e o carácter conservador da zona, sobre a sua situação perante a formação da língua portuguesa, e sobre a sua estrutura como domínio linguístico cercado, em grande extensão, por zonas de falares espanhóis." Tendo em conta este pressuposto, seleccionámos quatro itens lexicais que, devido à sua alta frequência, são parte importante do variado léxico que caracteriza os falantes transmontanos. São eles, o advérbio *além*, o verbo *botar*, a interjeição *bô* e o lexema *caraí*, cuja categoria gramatical pode ser interjeição ou nome, como veremos posteriormente. Note-se, no entanto, que a utilização de *além* e *botar* pode alargar-se a toda a região Norte.

### 8.2.1. Além

O advérbio *além* é largamente utilizado em Trás-os-Montes, como se pode ver na Tabela 28, sendo um dos advérbios de lugar mais comuns, juntamente com *em*, *aqui* e *ali*. Os advérbios *acolá* e *afora*, por exemplo, nunca foram utilizados pelos falantes da TQT.

Falante	Excerto
AAF2	além lá na rua principal
	eu aprendi com um colega além do outro talho
AAF4	além encontrei a diferença muito grande
ANF4	olhe íamos aqui e além
	era umas festas os rantchos aqui e além
	e andámos a dançar aqui e além nas aldeias
ANM4	tchegue-se pra além
CAM4	salta aqui desce ali foge além metem-lhe medo de além como os ladrões
CAF2	temos outra além na barragem
	e além no quintanilha
CAF4	por essas matas fora por aqui por além
	olha vai levar além à casa da tia Carlota
CAM3	atão bamos dois pra além do rio
CNF4	além a gente do tua
IAF2	além ao fundo de desemprego
IAF4	pra além de lisboa
IAM3	nunca ninguém me disse sai daí e bai para além
IAM4	nunca foi assim muito por aí além
INM4	todos trabalham por aqui por além
MNF4	outros pra aqui pra além
	além indo para lagoa
	os mouros derrotaram tudo para além
VAF4	além também compor
	para pôr do lado de além
VAM2	tem além um antigo castro
VAM4	até além ao vale cabeiro
	aqui chorando além esse carinho de mãe
	seja aqui seja além
VNM4	dois além e outros dois aqui

Tabela 28 - Listagem do número de ocorrências do verbo *além* por falante.

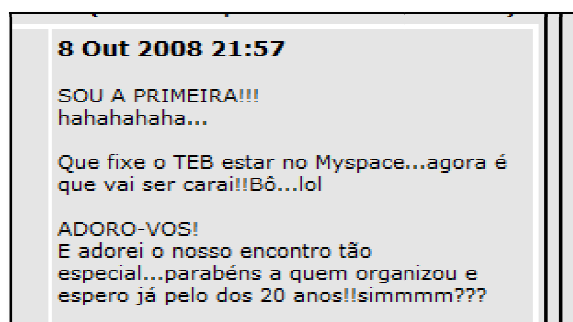
### 8.2.2. Bô

*Bô* é uma interjeição comumente utilizada para exprimir admiração, desconfiança ou discordância, como vemos na Tabela 29.

Falante	Excerto
AAM3	aquilo bô quem é que entra lá dentro
	eu inda não era nascido e bô nem pra ser
ANM4	Ah bô se lembro
CNM4	bô o castigo naquela campá deitando-se lá uma pessoa sem o tirar não sai de lá
IAF4	bô não tinha bagar
	num podia andar nas festas bô
	bô atinge o terceiro ano
	bô mandei-lhe fazer mais auguma coisa
INF4	bô eu num digo mai nada
	bô alegre atão conberse lá
CAM4	já bai pra todos os lados bô mas atão
	bô tu já andas aí
MAF4	bô agora dão-lhe tudo
MNF4	não era assim tão faustada como agora agora bô
MNM4	estava a gente bem armada bô
VAF4	fazer uma porta para o quintal bô bô
	num quero conberse bô bô bô não não
	bô bô a minha infância
VNF4	não me deixa bô bô também não posso
VNM4	bô bô agora quase que faz tanto um homem num dia
	bô tínhamos de andar a curar

Tabela 29 – Listagem do número de ocorrências da interjeição *bô* por falante.

A utilização da expressão *bô*, juntamente com *carai*, em páginas pessoais e blogues de transmontanos é muito comum. Veja-se o comentário retirado da página do Teatro de Estudantes de Bragança.



(n) Em: [http://www.myspace.com/t\\_e\\_b\\_](http://www.myspace.com/t_e_b_) (Outubro 2008)

meu corpo, de súbito se agita e ouvi a voz de mulher maçoira a interpretar-me.  
 -"Com que sim, Antoninho, com que sim! Cá vieste então à nossa aldeia.  
 Então e já tens conversada lá por Lisboa?"  
 - "Não tenho, não senhora", respondeu a minha voz.  
 E a voz dela a insistir: "Bô, bem me finto eu. Tens os olhos muito guichos p'ra  
 não teres conversada".

(o)

Texto sobre Maçores –Moncorvo, concelho que faz fronteira com Carrazeda de Ansiães, Vila Flor e Alfândega da Fé, em [http://a2b3c4d5.no.sapo.pt/macores\\_actual.htm](http://a2b3c4d5.no.sapo.pt/macores_actual.htm) (Novembro 2009)

### 8.2.3. Botar

A utilização do verbo *botar* para designar *despejar, deitar, atirar, atear, pôr*, etc. é muito usual na TQT (cf. Tabela 30). Sabemos, no entanto, que este verbo é também, muito utilizado no Português do Brasil, sendo que a maioria dos sítios e blogues para onde a pesquisa desta palavra nos direcciona são brasileiros.

Falante	Excerto
AAM2	botaram-no abaixo
AAM4	mas botei-me e sei ler
	mas botei as mãos às cabras
	porque não se botou o fogo
CAF1	bota-se os obos
	bota-lhe alho binho e
CAF3	botar o adubo
CAM1	botam aquilo fora
	penso eu que botam aquilo fora
CNF4	botava-o pelo doiro abaixo
	é donde o boto é no quartilho
	está lá no armário boto para lá
INM4	nem uma jinela tinha pra lhe botar uma águia pra fora
	não o podem botar fora do emprego
MAF4	botei-a a ela ao poço
	a senhora botava
VAF3	para não botar o herbicida
	não é conbeniente botar aos toros
VAM1	botei olho pra aquilo
VAM4	o diabo a há-de botar abaixo
	foi a cheia de mil novecentos e nove que a botou abaixo
VNF4	agora bota mais um fora do que tinham quatro ou cinco
	os aparelhos que lá há botaram-mos todos e não me deram com ela

Tabela 30 - Listagem do número de ocorrências do verbo *botar* por falante.



A utilização deste verbo é, também muito comum no Mirandês, como vemos neste excerto de uma crónica de Faustino Antão retirado de <http://www.jornalnordeste.com> (Outubro 2008):

- Buosso pai dixo-me que bos querie ber de cachaço lhimpo. Bai a máquina, **botamos** solo las tejeiras na marrafa. Tengo que le fazer la buntade pus ye el que me dá la maquila de trigo, çpuis de las trilhas.

(p)

#### 8.2.4. Carai

Ainda hoje, na TQT, há determinados itens lexicais marcados socialmente como produzidos apenas por falantes do sexo masculino, como o calão. No nosso *corpus* apenas cinco falantes, dois masculinos com mais de 65 anos e de Macedo de Cavaleiros; dois vilaflorenses entre os 20 e os 35 anos e uma vilaflorense com mais de 51 anos produziram itens lexicais considerados calão: *e ele disse até te fodes* (MAM4); *eu não corro tudo sei lá o caralho* (MNM4); *porque esta merda* (VAF3); *é só merda aquele rio* (VAM1); *mas custa foda-se* (VAM1). No caso das ocorrências dos falantes de Vila Flor, um dos falantes é familiar e os outros amigos/conhecidos de infância da investigadora. O facto de apenas uma falante, conhecida de longa data da investigadora, ter produzido uma expressão considerada calão quando relatava um episódio ocorrido com outra pessoa, poderá ser representativo do papel ainda recitado das mulheres na sociedade transmontana, principalmente quando as falantes são trabalhadoras activas em actividades ligadas aos serviços, como é o caso. Veja-se, também, o relatado no seguinte texto, escrito por um filho de mãe transmontana, retirado do site <http://chronicazores.com.sapo.pt/cronica48.pdf>. (Outubro 2008)

Mas voltando ao assunto com que iniciámos esta crónica a minha vontade era escrever mesmo "*Mas que merda é esta?*" só que como já vos expliquei não posso, a minha mãe já não me repreende se eu disser chatice, mas mais do que isso ainda que possa tolerar não gosta e eu vou-lhe fazer a vontade. Mas que outro comentário posso eu fazer depois de ler

(q)

Também Eckert e McConnell-Ginet (1992:90) referem que a forma como os homens e as mulheres manipulam a linguagem representa a forma como estes se vêem enquanto seres sociais:

Women's language has been to said to reflect their [our] conservatism, prestige consciousness, upward mobility, insecurity, deference, nurture, emotional expressivity, connectedness, sensitivity to others, solidarity. And men's language is heard as evincing their thoughtness, lack of affect, competitiveness, independence, competence, hierarchy, control.

Para além das expressões calão, há diversos falantes (masculinos e femininos) que utilizam a expressão *carai*, possivelmente proveniente de ou com a mesma origem da expressão castelhana *caray*. Esta palavra não é tida, socialmente e nesta região, como calão, mas como uma interjeição, vulgarmente utilizada em situações de espanto, admiração, ou estabelecimento de comparações, como podemos concluir nos excertos seguintes: *carai quando as professoras lá não estabam na escola* (VAF4); *passou pela bófia e ò carai* (VAM1); *carai agora aprendem mais num ano do que nós aprendemos num rol de anos* (MAM4); *mas eis eram boa gente carai* (INM4); *quem é o tordo ou tordo ou carai* (VAM1). A palavra *carai* é utilizada como interjeição: *carai agora aprendem mais num ano* (MAM4) ou como nome *quem é o tordo ou tordo ou carai* (VAM1).

Esta expressão é, também, comum em vários blogues transmontanos, como podemos ver em n) e o).

TERÇA-FEIRA, 20 DE MAIO DE 2008 DESDE 21/09/2008

Bem, não e que tenha novidades-interessantes pra dar, vim so dar um **OLAAA** grande a todos!!! Sois todos de carai :D !!! Deixais as pessoas com saudadinhas!

193


ARQUIVO DO BLOGUE

(r)

<http://onossofloresta.blogspot.com/2008/05/bem-no-e-que-tenha-novidades.html> (Outubro 2008)

Cá para defender o que é estrangeiro vai logo o Bastonário da Ordem dos Advogados...!!!!

**Seg Ago 04, 10:19:00 PM**

 Anónimo disse...

**carai**, o HR deixou-me sem fala, na lingua.É mesmo o superior dos superiores!!!!

**Ter Ago 05, 01:14:00 PM**

(s)

<http://pensar-ansiaes.blogspot.com/2008/07/o-novo-acordo-ortografico.html> (Outubro 2008)

### 8.3. Conclusão

No que diz respeito aos fenómenos fonológicos, os exemplos aqui expostos, retirados de blogues, fóruns e de contos/estórias de autores naturais da TQT, demonstram que os processos por nós analisados podem ocorrer no registo escrito, quer como marca pessoal involuntária (no caso da semivocalização da lateral); quer propositadamente, como na obra *O Diabo veio ao enterro*, ou no caso da africada surda e da realização da fricativa final. No caso da africada surda, o registo escrito deste fenómeno oral é utilizado como forma de identificar a origem do falante, ou seja, o registo escrito propositado da africada cataloga os falantes como sendo de uma determinada área geográfica (interior norte).

Aspecto relevante, mas pouco explorado neste trabalho, é a análise das escolhas lexicais dos falantes transmontanos, em especial da Terra Quente, uma vez que estas podem variar muito de região para região. Veja-se o comentário em (p). O autor comenta que o anterior comentário não deveria, provavelmente, ter sido escrito por um natural de Brunhoso (Mogadouro), por este ter utilizado “adega” e “pipa” em vez de “despensa” e “pipo”<sup>63</sup>.



Não sendo teólogo, vou dar uma resposta esconchabada, à pergunta do Zamit, que perguntava: Numa adega lá da terra a comer bom pão, bom presunto e a beber bom vinho da pipa, estarei com Deus ou com o Diabo? A minha resposta é que gostaria de estar lá contigo e de certeza com quem estaríamos seria com uma grande borracheira. O amigo Zamit, se calhar não é de Brunhoso, ou então tem andado por outras paragens, porque lá não usamos muito as palavras adega e pipa, estou mais habituado a ouvir despensa e pipo. Bom fim semana para todos e faço votos que o Zamit continue a mandar as suas mensagens, pois tem sempre interesse dizer coisas diferentes, e para terminar um abraço para o dos carrapiços.

(t)

<http://boards2.melodysoft.com/Brunhoso/re-igreja-de-brunhoso-4884.html?DOC=31> (Outubro 2008)

Também os itens lexicais *bô* e *carai* são identificadores da variedade transmontana, como vemos no texto escrito por um descendente de mãe transmontana a viver nos Açores.

regularidade dum cobrador. Enfim, são estas as tradições que me impedem ainda hoje de me expressar vernaculamente embora ocasionalmente saia um *bô*, *carai*, conho que por acaso são bem aceites já que a minha herança ancestral materna é transmontana e podia dar-se a estes vitupérios que lá na cidade cinzenta ninguém entendia.

(u)

Em: <http://chronicazores.com.sapo.pt/cronica48.pdf> (Outubro 2008)

---

<sup>63</sup> Neste comentário é, também, notório o betacismo na forma *esconchabada* que, por sua vez, deveria ser *desconchavada*.

Para terminar, resta salientar que esta secção necessitaria de aprofundamento, que, devido a constrangimentos temporais, não foi possível efectuar. A análise do léxico enquanto marcador geográfico e social é, ainda um vasto campo dos estudos linguísticos a explorar, trabalho que esperamos retomar em trabalhos futuros.



## **IX. Alguns Contributos para a Linguística Forense**

No natural human utterance can offer linguistic information without simultaneously indexing one or more social factor.

Foulkes e Docherty (2006:419)

Nos últimos anos tem crescido o interesse pela possibilidade de identificar (grupos de) falantes através do discurso oral e escrito, impulsionado pelo aumento da criminalidade e do terrorismo. Neste campo tem sido fundamental o contributo da análise variacionista, como referem Ash 1988; Labov e Harris 1994, Jones 1994; entre outros. Assim, por exemplo, em Labov e Harris (1994) prova-se como uma chamada telefónica sobre um atentado à bomba não poderia ter sido feita pelo acusado, uma vez que este tinha uma pronúncia típica da cidade de Nova Iorque, enquanto que o autor do telefonema tinha uma pronúncia característica de New England (Boston). A possibilidade de o acusado ter disfarçado a pronúncia é remota, pois como refere Ash (1988) é provavelmente impossível fazê-lo de forma a que seja aceite por nativos e linguistas.

Apesar de, como refere Chambers (1995:3), “even in circumstances in which people are expected- actually required-to adopt a linguistically neutral, self-effacing manner, they cannot resist revealing their personal styles”, é sabido que, em situações informais, é mais provável que os falantes produzam mais formas vernáculas (Gibbons 1994) que produziriam num discurso monitorizado ou formal. Por essa razão tentámos manter sempre um diálogo informal com os informantes.

Serão os fenómenos descritos nos capítulos anteriores diluídos ou acentuados em situações de ameaça ou calúnia, por exemplo? Uma vez que estes contextos discursivos são, normalmente, espontâneos e pouco controlados, i.e., o falante não será tão cuidadoso quanto numa conversa com um estranho, será previsível que as marcas do vernáculo sejam mais visíveis. Não podemos, no entanto, esquecer que mudanças no registo podem afectar as escolhas linguísticas que fazemos. Como refere Labov (1972:208):

As far as we can see, there are no single-style speakers. Some informants show a much wider range of style shifting than others but every speaker we have encountered shows a shift of some linguistic variables as the social context and topic change.

Já vimos que a identificação ou a atribuição de autoria de falantes pode ser feita, entre outros métodos, com recurso à análise de pistas acústicas, no caso das produções orais; e através da comparação de marcas textuais, no caso dos textos escritos. Uma vez que o presente trabalho se insere na área da Fonologia, partimos da recolha de fala espontânea de 100 falantes da mesma área geográfica, para analisar, em primeiro lugar, cinco fenómenos fonológicos característicos da zona em estudo. Como refere Wardhaugh (1988: 50)

What are the specific linguistic features we rely on to classify a person as being from a particular place, a member of certain social class, a representative of a specific profession, a social climber, a person pretending to be someone he or she is not, and so on? One possible answer is that we rely on relatively few cues, e.g., the presence or absence of certain linguistic features.

É a partir destes processos já estudados, de acordo com os contextos linguísticos e sociais em que ocorrem, que consideramos se estes são realmente pertinentes para a identificação de (grupos de) falantes. Assim, consideramos dois aspectos: (i) as características que distinguem (grupos) de falantes dentro da TQT; e (ii) as características que distinguem os falantes da TQT dos de outras variedades do PE.

Centremo-nos apenas nos falantes da TQT. A análise dos fenómenos fonológicos, de acordo com as variáveis externas (concelho, escolaridade, idade e sexo,) aponta algumas tendências importantes a reter. Em primeiro lugar, a distribuição dos fenómenos por concelho permite-nos isolar o concelho de Carrazeda em relação aos restantes. Como vimos, apenas neste concelho foi registada a centralização da vogal [e], o que significa que, dentro dos concelhos da TQT, se a centralização de [e] se verificar num falante, é improvável que este não seja de Carrazeda. É também neste concelho que nunca se registou a realização de /S/ como [z], sendo a especificação da fricativa feita apenas como [-anterior]. Como refere Tabouret-Keller (1997: 317), “the link between language and identity is often so strong that a single feature of language use suffices to identify someone’s membership in a given group”, sendo, por vezes necessário um único fonema na determinação de identidade, como relata o episódio bíblico (Juízes 12:5-6) sobre os habitantes de Gallad e Efraim, que se distinguiam pela produção de /ʃ/<sup>64</sup>.

---

<sup>64</sup> De acordo com esta passagem, “Ocuparam também os vaus do Jordão e toda a vez que um fugitivo de Efraim queria passar, eles perguntavam-lhe: «És tu efraimita»? Ele respondia: «não». Pois bem, diziam eles, diz: «Chibolet». E ele dizia: «Sibolet», mas não podiam pronunciar correctamente. Então, prendiam-no e degolavam-no junto dos vaus do Jordão.”

Em segundo lugar, verificámos que nos falantes analfabetos a percentagem de ocorrência da africada surda e da semivocalização da lateral é superior quando comparada com a dos falantes alfabetizados, ao contrário do que ocorre com o sândi nasal e com a centralização de [e], fenómenos que registam um maior número de casos nos falantes alfabetizados: 68% e 95%, respectivamente.

A distribuição por sexo do falante, mostra que todos os fenómenos – a africada surda, a semivocalização da lateral, a centralização de [e], o sândi nasal e a realização de /S/ final como [z]- ocorrem maioritariamente em falantes o sexo masculino. A sua importância só é, no entanto, significativa quando cruzada com outras variáveis, nomeadamente o concelho, no caso da semivocalização da lateral; e a idade, no caso da centralização de [e]. Por esta razão, julgamos não ser prudente a atribuição de autoria ou identificação a partir da variável sexo, tendo em consideração os fenómenos descritos.

Quanto à variável idade, de uma forma geral, todos os fenómenos, à excepção da realização de /S/ como [z], são visíveis nos falantes com mais de 65 anos. No caso da realização da semivocalização da lateral, os únicos falantes com menos de 65 anos onde este fenómeno foi registado são do concelho de Alfândega. Também na realização do sândi nasal externo, os falantes com menos de 65 anos a realizar este fenómeno são de Alfândega ou Macedo de Cavaleiros. Assim, numa posterior análise linguística aos falantes da TQT, com propósitos forenses, é de esperar que os falantes profissionalmente activos de Alfândega ainda conservem marcas linguísticas já em desuso nos restantes concelhos, nomeadamente o sândi nasal externo e a semivocalização da lateral. A variável idade é também importante na introdução da variante [z] em contexto final de sílaba, contexto que, nesta zona, é maioritariamente preenchido por [ʒ]. Como vimos, é nos falantes na faixa etária [36-50] que se regista um aumento da realização de /S/ como [z], sendo apenas neste intervalo etário que [z] ocorre nos concelhos de Alfândega e Vila Flor.

Apesar de haver diferenças entre os falantes da TQT, de acordo com a sua idade e concelho de origem, vimos, também, que estes falantes se afastam dos de outras variedades. Assim, dentro da variedade setentrional (Cintra 1983 [1995]), há diferenças a salientar: (i) na TQT a fricativa final /S/ seguida de segmento [-consonântico] é realizada maioritariamente como [ʒ], ao contrário do descrito para a zona de Braga (Rodrigues 2003) e para a área transmontana do Barroso (Guimarães 2002).

Também em relação a unidades fonológicas – segmentos, tipo de sílabas, número de sílabas por PW e distribuição de acento – o aqui descrito para o *corpus* TQT se distancia do descrito para outros *corpora*, nomeadamente do *corpus* TA90PE (Frota *et al.* 2006 e Vigário *et al.* 2006b). Assim, em relação à contagem de



unidades (consoantes, vogais, glides e V-Slots) verificou-se que no *corpus* TQT há um aumento estatisticamente significativo de 2,7% nas vogais e uma diminuição de 2,5% nas consoantes comparativamente ao calculado em Vigário *et al.* (2006b). Como já atestamos, a percentagem de V-Slots é muito inferior na TQT (0,07%) quando comparada com os dados de Vigário *et al.* (2006b) (2%).

As diferenças percentuais para cada unidade verificam-se não só quando comparamos o nosso *corpus* com o TA90PE, mas também entre os concelhos da TQT e entre grupos de falantes, nomeadamente alfabetizados (V-Slots-0,08%) e analfabetos (V-Slots 0,01%), sendo, no entanto, necessário aprofundar este trabalho de forma a podermos afirmar que a contagem de unidades pode diferenciar falantes dentro da TQT, e isolar as produções destes quando comparadas com as de falantes de outras variedades.

A análise dos tipos mais comuns de acordo com as variáveis externas (concelho, escolaridade, sexo e idade) pode, também, contribuir para a identificação de grupos de falantes. Desta forma, (i) a escolaridade é uma variável importante na produção dos tipos silábicos (nos analfabetos há um aumento de sílabas do tipo CV, V e CVGN; e nos falantes alfabetizados há uma maior produção de tipos CVC, CVG e Outros); (ii) a distribuição por idade mostra que, ao longo das faixas etárias, há um aumento progressivo dos tipos CV e CVG e uma diminuição os tipos CVC e CVGN. As diferenças percentuais da distribuição dos tipos silábicos mais comuns por concelho e sexo não são significativas.

A distribuição do número de sílabas por PW por variáveis externas mostra que há diferenças significativas a registar: (i) a cidade de Mirandela apresenta valores mais altos para PW com mais de três sílabas quando comparados com os restantes concelhos; (ii) nos falantes analfabetos há um aumento de PW2 com duas sílabas e uma diminuição de PW com mais de três sílabas quando comparamos os valores para estes falantes com os dos alfabetizados; (iii) esta tendência é seguida pelas falantes femininas; (iv) nos falantes com mais de 65 anos verifica-se um aumento nos valores de ocorrência de PW com uma e duas sílabas quando comparados com a faixa etária anterior e uma diminuição de PW com três ou mais sílabas.

O cálculo percentual da distribuição do acento por palavra na TQT é semelhante ao calculado para o *corpus* TA90PE (Frota *et al.* 2006 e Vigário *et al.* 2006). Dentro da TQT verificou-se a existência de valores díspares e estatisticamente significativos para cada concelho, sendo que os valores mais elevados para a ocorrência de proparoxítonas foram registados nas cidades na Terra Quente, Macedo e Mirandela. A distribuição por sexo não revelou diferenças na distribuição do acento de palavra, sendo as variáveis *escolaridade* e *idade* as que

apresentam diferenças mais significativas. Desta forma, os falantes analfabetos produzem menos palavras esdrúxulas (1,00%) e agudas (14,61%) do que os falantes alfabetizados (1,37% e 16,09%, respectivamente). A comparação dos valores percentuais calculados para as diferentes faixas etárias, permite-nos afirmar que: (i) nos falantes mais idosos há uma descida nos valores para as proparoxítonas e oxítonas; (ii) os falantes do intervalo etário [51-65] são aqueles que mais palavras esdrúxulas e palavras prosódicas com mais sílabas realizam.

A aplicação da análise fonológica à linguística forense carece de outros estudos a outras variedades do PE, neste caso, de forma a ser possível afirmar que unidades e fenómenos contribuem, de facto, para a identificação de falantes de acordo com as suas características sociais.



## Conclusão

*It is simply good science to try to explain the broadest possible range of facts, and to take note of all relevant facts.*

Guy (1997:141)

A recolha e sistematização das unidades e fenómenos aqui apresentados através da metodologia variacionista teve como objectivos: (i) contribuir para a descrição destes fenómenos e (ii) observar a sua distribuição por classes de falantes, com o propósito de assim ser possível delinear alguns comportamentos linguísticos dos falantes da TQT passíveis de aplicações forenses no futuro. O estudo das unidades e fenómenos fonológicos, a partir das ocorrências de uma comunidade linguística, com vista à sua aplicação forense, por nós desenvolvido na presente tese é um trabalho fundamental e pioneiro no panorama nacional dos estudos linguísticos.

Não foi nosso objectivo fazer uma análise generalista de diversos fenómenos fonológicos, nem uma listagem exaustiva de itens lexicais característicos da TQT. Pretendemos apenas descrever, à luz dos pressupostos variacionistas labovianos, alguns aspectos fonológicos que considerámos marcantes nas recolhas feitas e que, conjugados com outras marcas textuais, poderão contribuir para a identificação de (grupos) de falantes, como: (i) a manutenção da africada surda, (ii) a semivocalização da lateral em pronomes e determinantes, (iii) a centralização da vogal [e]; (iv) o sândi externo envolvendo a realização da nasal; e (v) a realização de /S/ em final de palavra seguido de [-cons]. Para além das características fonológicas já referidas, poderão ainda ser perceptíveis diferenças entoacionais entre o registo aqui analisado e a variedade *standard*, como já verificado no Português Europeu, com registos de Lisboa e Braga (Vigário e Frota 2003 e D'Imperio *et al.* 2005); no Inglês (Grabe e Post 2002) e em línguas românicas como Castelhana e o Italiano, entre outras (D'Imperio *et al.* 2005).

Por termos optado pela recolha de dados espontâneos e, a partir desses, seleccionado os fenómenos a estudar, não nos foi possível generalizar comportamentos quanto à existência ou não de outras variáveis, como, por exemplo, na análise da centralização das vogais anteriores [-alta] em que não houve centralização de [ɛ], o que não significa que, no concelho de Carrazeda, esta vogal não centralize. Se tivéssemos optado pela elicitación lexical, poderíamos perceber se a centralização de [ɛ] ocorre, como em Irene > I[r̥]ne, mas conferiríamos um carácter formal à recolha de *corpus*, o que poderia inibir a produção vernácula.

Rodrigues (2003) conclui que os factores estruturais, ou internos, são mais importantes nos processos de variação do que os sociais, quando considerados em isolado. Também no nosso trabalho é visível a importância das variáveis internas na manutenção de processos fonológicos, por um lado; e na introdução de novas variantes. Assim, na realização da africada surda é notória a importância da componente lexical, já que [t̥] se realiza apenas em alguns itens lexicais, como os verbos *chegar*, *chamar* e *chorar*, as formas do adjectivo *pequeno* e formas lexicais regionais (e.g. *tchorro*, *tchícharos*). Também a categoria gramatical e a posição da africada na palavra desempenham um papel importante na sua manutenção. Vimos que a africada ocorre maioritariamente em verbos (75%) e surge quase sempre em sílaba inicial de palavra. O cruzamento das variáveis *categoria gramatical* e *posição na palavra* revela que em 88% dos verbos, a africada ocorre em sílaba inicial e em 50% dos adjectivos em sílaba final (*pequerrutcho*). Estes valores estão intrinsecamente ligados à selecção lexical.

Tal como verificámos na análise da ocorrência da africada surda, também na semivocalização da lateral em pronomes e determinantes é preponderante a importância da componente lexical. Como referem Bybee e Hopper (2001: 10-11):

One of the most important consequences of these studies is the finding that sound change is gradual both phonetically and lexically, because this means that very specific phonetic features, probably specified as a range of phonetic variation, are associated with particular lexical items.

No caso da semivocalização da lateral aqui analisada, os determinantes e pronomes, enquanto itens de elevada frequência, tendem a manter formas morfológicas irregulares.

Para além desta predisposição do sistema, constatámos que a proximidade dos Concelhos de Macedo de Cavaleiros e Alfândega da Fé, onde este fenómeno é produzido por falantes com idades compreendidas entre os 36 e os 50 anos, em relação à área de difusão do Mirandês, língua onde persistem as formas irregulares *eis*, *aqueis*, *deis* e *naqueis*, pode ser um factor importante na perpetuação deste fenómeno em falantes profissionalmente activos.

De todos os fenómenos que analisámos, apenas a centralização da vogal [e], ocorre exclusivamente num concelho: o de Carrazeda de Ansiães. Note-se que este fenómeno ocorre ainda com vitalidade nos falantes

com menos de 65 anos, sendo mais comum nos falantes alfabetizados. Para a explicação da ocorrência deste fenómeno são fundamentais os factores internos. Concluimos que a centralização de [e] só ocorre se a vogal for seguida de segmento nasal, quer este esteja ligado à vogal que sofre o processo de centralização (e.g. *sampré*) ou à consoante seguinte heterossilábica (*manos*). Neste caso, a consoante heterossilábica seguinte é sempre oclusiva oral e, em 77% dos casos, [-vozeada]. Quanto à acentuação as vogais orais apenas centralizam em sílaba tónica, representando 26% do total de ocorrências; as vogais nasais podem centralizar em sílaba tónica (52%) ou em sílaba átona (22%).

Na análise da realização de /S/ em final de palavra seguido de segmento [-consonântico] constatámos que do cruzamento das variáveis internas com as externas resultam valores estatisticamente significativos. Assim, são importantes, na realização de /S/ como [z], a variável escolaridade quando cruzada com os segmentos seguintes. Os falantes analfabetos apenas realizam [z] neste contexto quando a vogal seguinte é [-alta]. Já o segmento precedente é apenas importante na realização da fricativa como [ʃ]. Neste contexto, vimos que a elisão da vogal em núcleo da última sílaba é determinante para a realização da fricativa como surda, uma vez que a vogal em Ataque de última sílaba, sempre [t], provoca o ensurdecimento de /S/ que se realiza como [ʃ]. Para além deste aspecto linguístico, o cruzamento das variáveis segmento antecedente/sexo mostra que os falantes do sexo feminino apenas realizam [ʃ] quando a vogal precedente é [a], glide ou vogal [+alta], i.e., [i], [i] e [u]. Considerados em isolado, ficou demonstrado que tanto os segmentos em posição precedente como os em posição seguinte são determinantes para a especificação de /S/ (cf. Tabelas 24 e 25).

No que diz respeito à realização do sândi externo nasal, concluímos que este fenómeno é influenciado pela categoria gramatical dos itens lexicais e qualidade dos segmentos envolvidos, sendo maior a probabilidade de este ocorrer entre verbos e artigos (87%) e entre segmentos nasais (89%) e [u] (61%).

Quanto à importância das variáveis externas (concelho de origem, escolaridade, sexo e idade), vimos que todas influenciam a produção de unidades fonológicas, e a manutenção, no caso da realização de [z] em final de palavra seguido de [-consonântico], ou extinção, nos restantes casos, dos processos fonológicos aqui observados.

A distribuição das unidades fonológicas (Segmentos, Tipos Silábicos e Acento) por concelho revela que apenas na distribuição dos tipos silábicos não há diferenças significativas. Na distribuição das restantes unidades é notória a predisposição dos falantes oriundos das cidades para a produção de mais sílabas por palavra

prosódica (Mirandela é o concelho com maior percentagem de PW com três ou mais sílabas), e para a produção de proparoxítonas (os valores percentuais para as cidades de Mirandela (1,36%) e Macedo (1,72%) são superiores aos calculados para as vilas (Alfândega -1,32%; Carrazeda – 1,01%; Vila Flor – 1,07%). Este paralelismo sugere que os centros mais desenvolvidos e industrializados podem influenciar a realização de PW mais pesadas e com uma distribuição de acento menos comum. A distribuição dos segmentos de acordo com a escolaridade mostra que esta variável é a mais produtiva, na medida em que possibilita a diferenciação de falantes em todas as unidades analisadas. Assim, nos falantes analfabetos, a percentagem de *V-Slots* é inferior (0,01%) à calculada para os falantes alfabetizados (0,08%). A mesma tendência é verificada na produção de PW com três ou mais sílabas e de proparoxítonas. Também na produção dos tipos silábicos há diferenças significativas entre falantes escolarizados e analfabetos. Os primeiros tendem a produzir mais sílabas do tipo CVC, e os últimos produzem mais sílabas do tipo CV, V, CVGN. Quanto à variável *Sexo*, apenas encontramos diferenças na produção de *V-Slots* (em maior número em falantes masculinos com menos de 65 anos) e no número de sílabas por PW: as falantes produzem mais PW com duas sílabas e menos com três ou mais sílabas. Já a distribuição pela variável *Idade* demonstra que os falantes com menos de 65 anos realizam mais *V-Slots* do que os falantes com mais de 65 anos. Da mesma forma, nos falantes na faixa etária [51-65] assiste-se ao aumento de PW com três ou mais sílabas e de proparoxítonas, tendência contrária ao verificado para os falantes com mais de 65 anos. Nos falantes entre os 20 e 35 anos há um aumento de monossílabos e uma diminuição de palavras graves. No que diz respeito à distribuição dos tipos silábicos mais comuns, a realização do tipo CV aumenta com a idade e o tipo CVC diminui. Para além desta análise por variáveis externas, comparámos os nossos valores com os calculados para outros *corpora* do PE, nomeadamente para o *corpus* TA90PE (Frota *et al.* 2006 e Vigário *et al.* 2006b). Desta comparação salientam-se as diferenças na percentagem de segmentos (quando comparados com Vigário *et al.* 2006b os valores das vogais para a TQT são superiores e os valores para os restantes segmentos inferiores) e na distribuição percentual dos tipos silábicos mais frequentes: no nosso *corpus* os valores para o tipo VN são inferiores, e para os tipos CVG e CCV superiores.

Concluindo, verifica-se que, na análise das unidades fonológicas, as variáveis idade e escolaridade são as que permitem maior diferenciação entre falantes. As diferenças visíveis entre *corpora* na distribuição dos segmentos e tipos silábicos podem apontar para diferenças claras entre variedades do Português, sendo que este aspecto necessita de maior aprofundamento.

No que diz respeito à importância das variáveis externas na manutenção e introdução de formas ou processos fonológicos (a africada surda, a semivocalização da lateral, a centralização de [e], a realização de /S/ em final de palavra seguido de [-consonântico] e o sândi nasal), verificámos que a distribuição destes fenómenos por concelho não é equilibrada. Assim, é notória a introdução da realização de /S/ como [z] nas cidades de Macedo e Mirandela, possibilitando diferenciar o comportamento linguístico dos falantes provenientes das cidades. É também possível isolar os falantes de Carrazeda, uma vez que são os únicos a centralizar [e]. Quanto à distribuição por escolaridade, apenas dois ocorrem maioritariamente em falantes alfabetizados: a centralização de [e] (95%) e a realização de /S/ como [z] (75%). Este aspecto revela que os restantes fenómenos poderão estar associados à falta de escolaridade ou, por outro lado, serem dissipados pelo facto de os falantes conhecerem a forma escrita (no caso da africada e da semivocalização da lateral) e, por essa razão, serem evitados por estes falantes. A distribuição por sexo mostra que todos os fenómenos são mais comuns nos falantes de sexo masculino do que nos femininos: a africada ocorre em 57% dos casos em falantes masculinos; a semivocalização da lateral e a centralização de [e] em 52%; a realização de /S/ como [z] em 60% e o sândi nasal em 53%. Estes valores, apesar de representarem diferenças ténues na distribuição dos fenómenos por sexo, indicam que, por um lado, as mulheres realizam menos vezes formas não *standard* e, por outro lado, em conversa com outro falante transmontano do sexo feminino realizam mais vezes a fricativa como [-anterior] ([ʒ] - 52% e [ʃ] - 60%). Finalmente, a análise dos processos fonológicos por faixas etárias revela que todos os fenómenos, à excepção da realização de /S/ como [z], ocorrem maioritariamente em falantes com mais de 65 anos: realização da africada (94%); semivocalização da lateral em pronomes e determinantes (86%); centralização de [e] (48%); e sândi externo envolvendo a realização da nasal (84%), valores que indicam o progressivo desaparecimento destas formas nos falantes mais jovens. Veja-se que apenas a centralização de [e] ocorre de forma significativa em falantes nas faixas etárias [36-50] (30%) e [51-65] (22%). No caso da semivocalização da lateral e do sândi nasal os falantes com menos de 65 anos pertencem à faixa etária [36-51] e são provenientes de Alfândega e Macedo (apenas na semivocalização da lateral), concelhos mais próximos da área de difusão do Mirandês que, portanto, influenciará a perpetuação destes fenómenos em faixas etárias inferiores. Quanto à realização de /S/ é na faixa etária [36-51] que se verifica a introdução da realização da fricativa como [z]. É também nesta faixa etária que o fenómeno é mais visível (40%). Esta observação corrobora os pressupostos da teoria variacionista laboviana que prediz que é nesta faixa etária que se introduzem as inovações linguísticas, impulsionadas pela necessidade de afirmação destes falantes sociedade e ao mesmo tempo pela adopção de formas *standard*. Apesar desta tendência, vimos que os falantes da TQT se afastam do descrito para outras variedades setentrionais, como a de Braga (Rodrigues 2003) e a do Barroso (Guimarães 2002) no que diz respeito à realização das fricativas finais.



Após a análise destas unidades e processos propusemos algumas pistas para a identificação destes grupos de falantes da TQT, entre eles e por oposição ao descrito para outras variedades. Salientamos que a abordagem variacionista estes aspectos fonológicos no *corpus* TQT e a sua aplicação à Linguística Forense não se esgotou neste trabalho, havendo, ainda, muitos aspectos fonológicos a abordar. Para além deste aspecto, há vários aspectos morfológicos, sintácticos, lexicais e semânticos, próprios desta zona geográfica, a carecer de análise, trabalho que esperamos retomar futuramente.

## Bibliografia

- ANDRADE, A. e SLIFKA, J. (2006). Estudo fonético de sibilantes produzidas por 2 falantes de um dialecto português setentrional. *In Actas do XXI Encontro da APL*. APL. Lisboa. pp. 109-123.
- ANDRADE, A; RODRIGUES, C. (2004) Um exemplo de sandhi consonântico variável em Português: uma abordagem mista. *In Actas do XIX Encontro Nacional da APL* 2003. pp. 254-268.
- ARGOTE, Jeronymo Contador de (1725). *Regras da Língua Portuguesa- Espelho da Língua Latina*. 2ª impressão. Oficina da Musica. Lisboa Ocidental.
- ASCOLI G. I.(1873) *Saggi ladini*. Archivio glottologico italiano. Rome.
- Ash, S. (1988). Speaker identification in sociolinguistics and criminal law. In Ferrara et al. (eds.) *Linguistic change and contact*. Department of Linguistics - University of Texas. Austin.Texas. pp. 25-33
- BAAYEN, R. H., TWEEDIE, F. J., NEIJT, A. e KREBBERS L. (2000) Back to the cave of shadows: Stylistic fingerprints in authorship attribution. The ALLC/ACH 2000 Conference, University of Glasgow. Acedido em 19/08/08, em: <http://www2.arts.gla.ac.uk/allcach2k/Programme/session2.html#233>
- BAAYEN, R. H., VAN HALTEREN, H., e TWEEDIE, F. J. (1996) Outside the cave of shadows: Using syntactic annotation to enhance authorship attribution. *In Literary and Linguistic Computing*. 11(3):121-131.
- BACELAR DO NASCIMENTO, Maria Fernanda; MARQUES, Maria Lúcia Garcia; CRUZ, Maria Luísa Segura da (1987a) *Português Fundamental: Métodos e Documentos Inquérito de Frequência*. Tomo I. Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- BACELAR DO NASCIMENTO, Maria Fernanda; MARQUES, Maria Lúcia Garcia; CRUZ, Maria Luísa Segura da (1987b) (em colaboração com P. RIVENC e M. Luísa SEGURA DA CRUZ) *Português Fundamental*, Volume II. Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- BALDWIN, J. and FRENCH, J.P. (1990) *Forensic Phonetics*. Pinter. London.
- BARBOSA, J. Morais. (1965) *Études de Phonologie Portugaise*. Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- BARRETO, João Franco (1671) *Ortografia da língua Portuguesa*. Oficina de João da Costa. Lisboa.
- BARROS, João de (1540) *Grammatica da Lingua Portuguesa*. Lisboa.
- BARROS, João de (1971) *Gramática da Língua Portuguesa - Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha*. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BARROS, R. (1994) *Contributo para a análise Sociolinguística do português de Lisboa: variantes de /e/ e de /ɛ/ em contexto pré-palatal*. Dissertação de Mestrado. FL-UL. Lisboa. Não publicado
- BIBER, Douglas (1988) *Variation across Speech and Writing*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Bisol, Leda. (1999) A sílaba e os seus constituintes. In NEVES, M.H.M. Gramática do Português Falado. Volume VII. Novos Estudos. Campinas. Ed. da UNICAMP. pp.701-742.
- BOLÉO, Paiva (1974) Estudos de Linguística Portuguesa e Românica. Volume I. Tomo I. Acta Universitatis Conimbrigensis. Coimbra.
- BOLÉO, Paiva (1975) Estudos de Linguística Portuguesa e Românica. Volume I. Tomo II. Acta Universitatis Conimbrigensis. Coimbra.
- BRAUN, A. and KÜNZEL, H. (1998) Is forensic speaker identification unethical – or can it be unethical not to do it? *In Forensic Linguistics* 5(1): 10-21.
- BRITAIN, David (2005) Space and Spacial Diffusion. *In Chambers et al.* pp. 603-637.
- BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês, e MATOS, Gabriela (2003) Tipologia e distribuição das expressões nominais. *In MATEUS et al.* (2003) pp.797-983.
- BYBEE, Joan (2002) Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. *In Language Variation and Change*, 14: 261-290.
- BYBEE, Joan (2004) *From Usage to Grammar: The mind's response to repetition*. Acedido em 12/05/2007 em: <http://www.unm.edu/~jbybee/Bybee%20plenary.pdf>
- BYBEE, Joan, HOPPER, Paul (eds) (2001) *Frequency and the emergency of linguistic structure*. John Benjamins Publishing Company Amsterdam/Philadelphia
- BYBEE; Joan (1985) *Morphology - A study of the relation between meaning and form*. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia.
- BYBEE; Joan (2002) Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. *In Language Variation and Change*. 14: 261-290.
- CARDOSO, João Nuno P. Corrêa (1999) *Sociolinguística Rural - A Freguesia de Almalaguês*. Estudos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Volume 27. Edições Colibri.
- CHAMBERS, J.K. (1995) *Sociolinguistics Theory*. Blackwell Publishers.
- CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter & SCHILLING-ESTES, Natalie (2005) *The Handbook of Language Variation and Change*. Blackwell Publishing.
- CHOMSKY e HALLE (1968) *The sound pattern of English*. Harper and Row. New York.
- CINTRA, Luis F. Lindley (1971) Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses. *In Boletim de Filologia*. Número 22. Centro de Estudos Filológicos. Lisboa. pp. 81-116.
- CINTRA, Luis Lindley (1983) *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. 2ª edição (1995). Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa.

- COLLISCHONN, Gisela e COSTA, Cristine. (2003) Resyllabification of laterals in Brazilian Portuguese. *In Journal of Portuguese Linguistics*, **2**:31-54.
- COULMAS, Florian (ed.) (1997). *The handbook of sociolinguistics*. Blackwell.
- COULTHARD, M. (1994) Powerful evidence for the defence: An exercise in forensic discourse analysis. *In* GIBBONS (ed.). pp. 414-427.
- COULTHARD, Malcom, JOHNSON, Alison (2007) *An Introduction to Forensic Linguistics: Language in Evidence*. Routledge.
- COUTHLEND, Malcom (1994) Powerful evidence for defense: an exercise in forensic discourse analysis. *In* GIBBONS, John (ed.): pp. 414-427.
- COUTHLEND, Malcom. (2004) Author Identification, Idiolect and Linguistic Uniqueness. *In Applied Linguistics*, **25**: 431-447.
- CRUZ, Carlos Manuel Simões (2000) *A Paisagem e o Povoamento na Longa Duração. O Nordeste Transmontano - Terra Quente*. Volume I. Dissertação de Mestrado em Arqueologia da Paisagem apresentada ao Departamento de História do Instituto de Estudos Sociais - Universidade do Minho. Braga.
- CRUZ, Maria Luisa Segura da (1991) *O falar de Odeleite*. Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1984) *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. João Sá da Costa. Lisboa.
- d' ANDRADE, E. e VIANA M. (1989) Ainda sobre o Acento e o Ritmo em Português. In Actas do IV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. pp. 3-15.
- d' ANDRADE, E. e VIANA M. (1994) Sinérese, diérese e estrutura silábica. *In Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. APL/Colibri. Lisboa. pp. 31-42.
- d' ANDRADE, Ernesto (1977) *Aspects de la Phonologie (Générative) du Portugais*. Lisboa, INIC, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- DAMÁSIO, António R. (2003) *O Erro de Descartes - Emoção, Razão e Cérebro Humano*. 23ª edição. Publicações Europa-América. Mem Martins.
- d'ANDRADE, Ernesto (1997) "Some Remarks about Stress in Portuguese". *In* MARTINEZ-GIL, F, e MORALES-FRONT, A. (orgs.), *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Georgetown University Press, Washington, D. C.. pp. 343-358.
- d'ANDRADE, Ernesto. (1988) O Acento de Palavra em Português. *In* STACZEK, (org.) *On Spanish, Portuguese, and Catalan Linguistics*. Georgetown University Press. Washington. pp. 17-37.
- DAVIS, Tom (1986) Forensic Handwriting Analysis *In* COULTHARD (ed.) *Talking About Text*. The University of Birmingham Birmingham. pp. 189-207.

- D'IMPERIO, Mariapaola, ELORDIETA, Gorka, FROTA, Sónia, PRIETO, Pilar e VIGÁRIO, Marina (2005) Intonational phrasing in Romance: The role of syntactic and prosodic structure. In FROTA, Sónia, VIGÁRIO, Marina e FREITAS, Maria João (eds). pp. 59-97.
- DUARTE, Maria Eugênia e PAIVA, Maria da Conceição de (2003) *Mudança lingüística em tempo real*. Editora Contra Capa, Rio de Janeiro.
- EAGLESON, R. (1994) Forensic analysis of personal written texts: A case study. *In* J. GIBBONS (ed.). pp. 363-373.
- EAGLESON, R. (1994) Forensic analysis of personal written texts: A case study. *In* GIBBONS (ed.). pp. 362-373.
- EAGLESON, Robert (1994) Forensic analysis of personal written texts. *In* GIBBONS, Jonh (ed.). pp. 362-373.
- ECKERT, Penelope (1997) Age as a Sociolinguistic Variable. *In* Coulmas (ed.). pp. 151-167.
- ECKERT, Penelope e MCCONNELL-GINET, Sally (1992) Think Practically and Look Locally: Language and Gender as Community-Based Practice. *In Annual Review of Anthropology*. **21**: 461-90.
- ELORDIETA, Gorka, FROTA, Sónia, e VIGÁRIO, Marina (2005) Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese. *In Studia Linguistica* **59 (2-3)**: 110-143.
- FARIA I. H. (1983) *Para a Análise da Variação Sócio-Semântica: Estrato sócio-profissional, sexo e local de produção enquanto factores reguladores, em Português contemporâneo, das formas de auto-referência e de orientação para o significado*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa. Universidade de Lisboa. Lisboa. Publicação do Volume I pelo INIC (1991).
- FERREIRA, José de Azevedo (1987) A língua portuguesa no mundo: passado, presente e futuro. *In Diacrítica*. n°2. Centro de Estudos Portugueses - Universidade do Minho. Braga. pp.31-56.
- FERREIRA, Vergílio (1995) *Contos*. 6ª edição. Bertrand Editora.
- FINEGAN, Edward (1997) Sociolinguistics and the Law. *In* Coulmas (ed.). pp. 421-435.
- FINEGAN, Edward (1998) Sociolinguistics and the Law. *In* Coulmas (ed.). pp. 421-435.
- FOULKES, Paul (2006) Phonological variation – a global perspective. *In* AARTS. B.. e MCMAHON. A.. (eds.) *Handbook of English Linguistics*. Oxford Blackwell. pp. 625-669..
- FOULKES, Paul e DOCHERTY, Gerard (2006) The social life of phonetics and phonology. *In Journal of Phonetics*, 34: 409-438
- FOUND, B., DICK, D. and ROGERS, D.(1994) The structure of forensic handwriting and signature comparisons. *In Forensic Linguistics*. 1:183-196.
- FREITAS e RODRIGUES (2003) On the nature of sC-clusters in European Portuguese. *In Journal of Portuguese Linguistics*. **2**:55-85.

- FREITAS, M<sup>a</sup> João e SANTOS, Ana Lúcia (2001) *Contar (histórias de) sílabas*. Edições Colibri e Associação de Professores de Português. Lisboa.
- FREITAS, Maria João, FROTA, Sónia, VIGÁRIO; Marina, MARTINS, Fernando. (2005) Efeitos prosódicos e efeitos de frequência no desenvolvimento silábico em Português Europeu. Acedido em 27/11/2007 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/frep/publications.htm>
- FREITAS, Maria João. (1997) *Aquisição da estrutura silábica do português europeu*. Dissertação de doutoramento. Universidade de Lisboa. Lisboa.
- FREITAS, Maria João. (2006) On the effect of (morpho)phonological complexity in the acquisition of unstressed vowels in European Portuguese. In MASCARÓ, PRIETO e SOLÉ (orgs) *Proceedings of PaPI'2005*. Acedido em 27/11/2007 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/frep/publications.htm>
- FREITAS, Maria João; FROTA, Sónia; Vigário, Marina e MARTINS, Fernando (2006) Efeitos prosódicos e efeitos de frequência no desenvolvimento silábico em Português Europeu. *Seleção de Comunicações apresentadas no XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Acedido em 27/11/2006 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/Fre/publications.htm>
- FROTA, Sónia (2000) *Prosody and Focus in European Portuguese - Phonological Phrasing and Intonation*. Garland Publishing, Inc.
- FROTA, Sónia e VIGÁRIO, Marina. (2007) Intonational Phrasing in two varieties of European Portuguese. In RIAD, T. e GUSSENHOVEN, C. (eds.). *Tones and Tunes*. Volume I. Mouton de Gruyter. Berlin. pp. 265-291.
- FROTA, Sónia, VIGÁRIO, Marina e FREITAS, Maria João (eds). *Prosodies*. Phonetics & Phonology Series. Mouton de Gruyter. Berlin/ New York.
- FROTA, Sónia, VIGÁRIO, Marina, e MARTINS, Fernando. (2001) Discriminação entre línguas: Evidência para classes rítmicas. In *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)* Lisboa. Acedido em 27/11/2007 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/frep/publications.htm>
- FROTA, Sónia, VIGÁRIO, Marina, e MARTINS, Fernando. (2006) FreP: An Eletronical Tool for Extracting Frequency Information on Phonological Units from Portuguese Written Text. In *Proceedings of the 5th International Conference on Language Resources and Evaluation*. Genoa. Acedido em 27/11/2007 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/frep/publications.htm>
- FROTA, Sónia. (2002) Tonal association and target alignment in European Portuguese nuclear falls. In GUSSENHOVEN, Carlos e WARNER, Natasha (eds) *Laboratory Phonology 7*. Mouton de Gruyter. Berlin/New York. pp. 387-418.
- FROTA, Sónia. (2003) The phonological status of initial peaks in European Portuguese. In *Catalan Journal of Linguistics* **2**:133-152.

- FROTA, Sónia. (no prelo) The intonational phonology of European Portuguese. In Sun-Ah Jun (ed.) *Prosodic Typology* II. Oxford University Press. Oxford.
- FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina e MARTINS Fernando (2006) FreP: An Electronic Tool for Extracting Frequency Information of Phonological Units from Portuguese Written Text. Acedido em 27/11/2006 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/Fre/publications.htm>
- GIBBONS, John (ed.) (1994) *Language and Law*. Longman Publishing. New York.
- GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis (1883) Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne. In *Estudos de fonética portuguesa*. 1973. pp. 83-152.
- GUIMARÃES, Rui Dias (2002) *O falar do Barroso - o Homem e a Linguagem*. João Azevedo Editor.
- GUY, Gregory (1991) Contextual conditioning in variable lexical phonology. In *Language Variation and Change*. **3**: 223-239.
- GUY, Gregory (1997) Competence, Performance, and the Generative Grammar of Variation. In Hinskens et al.(eds).
- GUY, Gregory. *Post-saussurean linguistics: toward an integrated theory of language*. Inédito
- GUY, Gregory, FEAGIN, Crawford, SCHIFFRIN, Deborah e BAUGH, John (eds.) (1995) *Towards a Social Science of Language*. Volume I: Variation and change in Language and Society. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam, Philadelphia,
- HALLIDAY, M.A.K.(1985) *Spoken and Written Language*. Deakin University. Victoria.
- HARDCASTLE, William J. e LAVER, John (eds.) (1997) *The Handbook of Phonetics Science*. Blackwell Publishing, Lda.
- HINSKENS, Frans, VAN HOUT, Roeland, e WETZELS, W. Leo (eds.) (1997) *Variation, Change, and Phonological Theory*. John Benjamins, Amsterdam / . Philadelphia.
- HOLMES, Janet (1995). *Women, Men and Language*. Longman. London.
- HORA, Dermeval da (2006) Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. In *SCRIPTA*. Volume 9 **(18)**: 29-44. Acedido em 27/11/2007 em: [http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20070621143611.pdf](http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20070621143611.pdf)
- JENSEN, M.-T. (1995) Linguistic evidence accepted in the case of a non-native speaker of English. In EADES, D. (ed.) *Language in evidence*. University of New South Wales Press. Sydney. 127-146.
- JONES, Alex (1994) The limitations of voice identification In GIBBONS , J. (ed.). pp. 346-361.
- KOCHETOV, Alexei (2006) The role of social factors in the dynamics of sound change: A case study of a Russian dialect. In *Language Variation and Change*, **18**:99-119.
- KROCH, A. (1978) Toward a theory of social dialect variation. In *Language in Society* **7**:17-36.

- LABOV, W. (1988) The judicial testing of linguistic theory. In D. Tannen (ed.) *Linguistics in context: Connecting observation and understanding*. Norwood. Ablex. NJ. pp.159-182.
- LABOV, W. e HARRIS, A. (1994) Addressing social issues through linguistic evidence In GIBBONS (ed.). pp.265-305.
- LABOV, William (1966) *The Social Stratification of English in New York City*. Center for Applied Linguistics. Washington, D.C.
- LABOV, William (1969) *The Study of Nonstandard English*. National Council of Teachers of English. Washington, DC.
- LABOV, William (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Eleventh edition (1991). University of Pennsylvania Press. Philadelphia.
- LABOV, William (1990) The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In *Language Variation and Change* **2**: 205-254.
- LABOV, William (1994) *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford, Blackwell.
- LABOV, William (2000) *Principles of linguistic change: external factors*. Oxford, Blackwell.
- LAKOFF, Robin (1973) Language and woman's place. In *Language in Society*. **2**:45-80.
- LAPA, Rodrigues (1979) *Estudos Galego-Portugueses: Por uma Galiza renovada*. 1ª edição. Sá da Costa Editora. Lisboa.
- LEÃO, Duarte Nunes de (1945) *Origem da Língua Portuguesa*. 5ª edição, conforme a primeira com estudo preliminar e anotações de José Pedro Machado. Cultura Literária, 3. Pro Domo. Lisboa.
- LEHMANN, W. e MALKIEL, Y. (1968) *Directions for historical linguistics*. University of Texas Press. Austin.
- LELLO E IRMÃO EDITORES (1996) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Sistema J. Lello e Irmão Editores. Amadora.
- LENTINE, G e SHUY R. (1990) Mc-: Meaning in the marketplace. In *American Speech*. **65**: 349-366.
- MACHADO, José Pedro (coordenação) (1981), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Sociedade da Língua Portuguesa. Publicações Alfa. Lisboa.
- MACLAGAN, Margaret, GORDON, Elizabeth e LEWIS, Gillian (1999) Women and sound change: Conservative and innovative behavior by the same speakers. In *Language Variation and Change*, **11**: 19–41
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1986) *História do Galego-Português: Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra.
- MARTINS, Ana Maria. (2000) A gente está-se aqui. Variação e mudança no Português Europeu. In *XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra.



- MARTINS, Ana Maria. (2003a). Construções com se: mudança e variação no Português europeu. In CASTRO e DUARTE (eds.) Razões e Emoção. *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Volume 2. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa. pp. 19-41.
- MARTINS, Ana Maria; SARAMAGO, José (1993) As sibilantes em português: um estudo de geografia linguística e de fonética experimental. In *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filología Románicas*. Tomo IV. Fundación "Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa". Coruña. pp. 121-142.
- MARTINS, Cristina (2005) El mirandès front al portugués l el castellà. Elements per a una breu caracterització lingüística l sociolingüística d'una llengua minoritària. In BURDEUS e VERDEGAL (eds.), *Anuari de l'Agrupación Borriana de Cultura*. Revista de Recerca Humanística l Científica. Volume monogràfic intitulado "Europa parla (I). Llengües romàniques minoritzades d'Europa". 16: 81-95. Versão em português disponível em [http://www.uc.pt/celga/membros/docs/Cristina\\_M/ANUARI.pdf](http://www.uc.pt/celga/membros/docs/Cristina_M/ANUARI.pdf) (Acedido em 30/05/2008).
- MARTINS, Maria Raquel Delgado (2002) *Fonética do Português - Trinta anos de Investigação*. Editorial Caminho, Lisboa.
- MARTINS, Oliveira (1977) *História de Portugal*. Volume I. 17ª edição. Guimarães & Cª Editores.
- MASCARENHAS, Maria Isabel (1996) *Estudo da variação dialectal entre Lisboa e Porto das vogais átonas [-rec] e [+arr] em contexto inicial*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- MATA, Ana Isabel. (1990) *Questões de entoação e interrogação em português. "Isso é uma pergunta?"*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- MATA, Ana Isabel. (1995). Apresentação preliminar do CPE FACES: um 'corpus de português europeu falado por adolescentes em contexto escolar' para o estudo da prosódia dos estilos de fala. In *Actas do XI Encontro Nacional da APL*, vol. 1 – Corpora. APL/Colibri. Lisboa. pp. 349-358.
- MATEUS, Maria Helena Mira (1975) *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. 2ª edição (1982) Instituto nacional de Investigação Científica -Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa
- MATEUS, Maria Helena Mira (1983) O acento da palavra em português: uma nova proposta. In *Boletim de Filologia*, **28**: 211-229.
- MATEUS, Maria Helena Mira (1996) Factos prosódicos nas gramáticas portuguesas. In *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena Mira (2002) *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena Mira (2003) Fonologia. In MATEUS *et al.* pp. 989-1033.
- MATEUS, Maria Helena Mira e ANDRADE, Ernesto d'(1975) *The Phonology of Portuguese*. 2ª edição. (2002) Oxford University Press.

- MATEUS, Maria Helena Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês, BRITO, Ana, FROTA, Sónia, MATOS, Gabriela, OLIVEIRA, Fátima, VIGÁRIO, Marina e VILLALVA, Alina (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª Edição (revista e aumentada). Coleção Universitária. Série Linguística. Caminho. Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena Mira, FALÉ, Isabel e FREITAS, Maria João (2005) *Fonética e Fonologia do Português*. Universidade Aberta, Lisboa.
- MATTOSO, José (coord.) (1993) *História de Portugal – A Monarquia Feudal*. Volume II. Editorial Estampa.
- MCMENAMIN, G. R. (1993). *Forensic stylistics*. Amsterdam: Elsevier.
- MILROY e MILROY (1997) Varieties and Variation. In Coulmas (ed.). pp. 47-64.
- MILROY, L. (1987) *Language and social networks*. Second edition. Blackwell. Oxford.
- MILROY, Lesley (1999) Women as innovators and norm-creators: The sociolinguistics of dialect leveling in a northern English city. In WERTHEIM, Suzanne et al. (eds) *Engendering Communication. Proceedings of the 5th Berkeley Women and Language Conference*. pp.361-376.
- MORALA RODRÍGUEZ, José R. (1993) Las sibilantes en la documentación medieval leonesa. In *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas*. Tomo IV. Fundación "Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa". Coruña. pp. 99-119.
- MOTA, Maria Antónia (2005) Variação e Mudança linguística, ainda e sempre. In *Actas do XX Encontro Nacional da APL*. Lisboa. pp. 127-138.
- NOLAN, Francis (1983) *The Phonetic Bases of Speaker Recognition*. Cambridge University Press. Cambridge.
- NOLAN, Francis (1991) Forensic phonetics. In *Journal of Linguistics* . **27**: 483-493.
- NOLAN, Francis (1994) Auditory and acoustic analysis in speaker recognition. In GIBBONS, John (ed.): 326-345.
- NOLAN, Francis (1997) Speaker recognition and forensic phonetics. In HARDCASTLE e LAVER (eds). *A Handbook of Phonetic Sciences*. Oxford: Blackwell.
- NOLAN, Francis (2001) Speaker identification evidence: its forms, limitations, and roles. In *Proceedings of the conference 'Law and Language: Prospect and Retrospect'*, December 12-15 2001, Levi (Finnish Lapland)
- Acedido em 27/11/2006 em: [www.ling.cam.ac.uk/francis/LawLang.doc](http://www.ling.cam.ac.uk/francis/LawLang.doc)
- NOLAN, Francis (2002) Intonation in speaker identification: an experiment on pitch alignment features. In *Forensic Linguistics*. **9(1)**: 1-21.
- OLIVEIRA, Fernão (1536) *Gramática da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção; estudo introdutório por Eugenio Coseriu, Academia das Ciências, Lisboa.
- OLIVEIRA, Isabel Tiago (2005) Indicadores Demográficos nas Regiões Portuguesas entre 1890 e 1981. Notas e Documentos nº141. *Revista de Estudos Demográficos*, nº 38.

- OLIVEIRA, Marco A. (1983) *Variation and Change in Brazilian Portuguese: The case of the liquids*. PhD Thesis. University of Pennsylvania.
- OLSON, D. R. (1977). From utterance to text: The literate bias of language in speech and writing. *In Harvard Educational Review*. **47**: 257-281.
- PAIVA, Maria Helena (2006) Unidades monoverbais e pluriverbais, diacronia e tratamento informático no corpus metalinguístico do português quinhentista. *In Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Volume **1**: 107-142.
- PAUL, Hermann (1880) *Prinzipien der Sprachgeschichte*. Tradução de Maria Luisa Schemann, *Princípios Fundamentais da História da Língua*. 2ª edição (1970). Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- PEREIRA, Maria Isabel Pires. (1999) *O acento de palavra em Português – uma análise métrica*. Dissertação de doutoramento Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- PHILLIPS, Betty (2001) Lexical diffusion, lexical frequency, and lexical analysis. *In* Bybee e Hopper (eds.). pp. 123-135
- PIEL, Joseph (1932) Da vocalização do "i" em português. *In Biblos*. Volume VIII. Faculdade de Letras Universidade de Coimbra.
- PINTO, Adelina Angélica (1980/1981) A africada [ʃ] em português: estudo sincrónico e diacrónico. *In Boletim de Filologia*. n. XXVI 1980/1981. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa ; Instituto Nacional de Investigação Científica, pp.: 139-192.
- RODRIGUES, Maria Celeste Matias (2003) *Lisboa e Braga : Fonologia e Variação*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação para a Ciência e a Tecnologia - Ministério da Ciência e do Ensino Superior.
- ROSE, Phil (2006). Technical forensic speaker recognition: evaluation, types and testing of evidence. *In Computer Speech and Language*. **20**:159-191.
- SANTOS, Isabel Almeida (2003) *Variação Linguística em Espaço Rural A vogal [ü] numa comunidade do Baixo Mondego*. Imprensa Nacional -Casa da Moeda. Lisboa.
- SANTOS, Maria José de Moura (1967) Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes. *Separata da Revista Portuguesa de Filologia*, XII (2), XIII e XIV, 1966, Vol. 12, t. 2 (1962/1963).
- SAUSSURE, Ferdinand de (1916) *Cours de linguistique générale*. Tradução portuguesa *Curso de linguística geral*. 4ª edição (1978). Publicações Dom Quixote. Lisboa.
- SCHILLING-ESTES, Natalie (2005) Variation and Phonological Theory. *In* Chambers et al. (eds). pp. 139-192.
- SEILER, Guido (2006) The role of functional factors in language change: An evolutionary approach. *In* NEDERGAARD THOMSEN, Ole (ed.). *Competing Models of Linguistic Change*. pp.163–182.

- SHUY, R. (1993) *Language crimes: The use and abuse of language evidence in the courtroom*. Oxford: Blackwell.
- SILVA, Maria da Conceição Hélio (2000) A Variação na posição dos clíticos em relação ao verbo em redações escolares: uma abordagem sociolinguística. *In Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Volume II. Associação Portuguesa de Linguística. Braga.
- SMITH, Caroline L. (1997) The devoicing of /z/ in American English: effects of local and prosodic context. *In Journal of Phonetics* **25**: 471-500.
- SMITH, J. A. e KELLY, C (2002) Stylistic constancy and change across literary corpora: Using measures of lexical richness to date works. *In Computers and the Humanities*. **36**: 411–430 Acedido em Agosto 2007 em: <http://www.springerlink.com/content/nu23834670748145/fulltext.pdf>
- SMITH, M. W. A. (1983) Recent experience and new developments of methods for the determination of authorship. *In ALLC Bulletin*, **11**:73–82.
- SMITH, W. (1994) Computers, statistics and disputed authorship. *In J. GIBBONS (ed.)* pp. 374-413.
- TABOURET-KELLER, Andrée (1997) Language and Identity. *In Coulmas (ed.)*. pp. 315-326.
- TENANI, Luciani. (2002) *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese de Doutorado Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas.
- TENANI, Luciani. (2006) Domínios prosódicos no Português Brasileiro: evidências rítmica, entoacional e segmental *In Estudos Lingüísticos*. Volume **35**: 118-131. Acedido em 12/12/2007 em: <http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/lt>.
- TEYSSIER, Paul (1990) *História da Língua Portuguesa*. Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa.
- TIRVENGADUM, V..(1998) Linguistic fingerprints and literary fraud. *In Computing in the Humanities Working Papers*. Acedido em 02/11/2006 em: <http://www.chass.utoronto.ca/epc/chwp/tirven/>
- TRUDGILL, Peter (1972) Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. *In Language in Society*. **1**: 179-195.
- TRUDGILL, Peter (1974) *Sociolinguistics – An introduction to language and society*. Fourth edition (2000). Penguin Books. London.
- TRUDGILL, Peter (1974) *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge, Cambridge University Press.
- TRUDGILL, Peter (1983) *On dialect: social and geographical perspectives*. Oxford, Blackwell.
- VASCONCELLOS, Leite de (1890-1892) *Revista Lusitana*. Volume II. Fascículo II. Livraria Portuense. Porto.

- VASCONCELLOS, Leite de (1900) *Estudos de Philologia Mirandesa*. Volume I. 2ª edição comemorativa do cinquentenário da morte do autor (1992). Edição Câmara Municipal de Miranda do Douro. Miranda do Douro.
- VASCONCELLOS, Leite de (1901a) *Estudos de Philologia Mirandesa*. Volume II. 2ª edição comemorativa do cinquentenário da morte do autor (1993). Edição Câmara Municipal de Miranda do Douro. Miranda do Douro.
- VASCONCELLOS, Leite de (1901b) *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. 2ª edição por Maria Adelaide Valle Cintra (1970). Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- VASCONCELLOS, Leite de (1942a) *Etnografia Portuguesa*. Volume I. Imprensa Nacional de Lisboa.
- VASCONCELLOS, Leite de (1942b) *Etnografia Portuguesa*. Volume III. Imprensa Nacional de Lisboa.
- VASCONCELLOS, Leite de (1966) *Lições de Filologia Portuguesa*. 3ª edição comemorativa do centenário do nascimento do autor - Enriquecida com notas do autor, prefaciada e anotada por Serafim da Silva Neto. Coleção Brasileira de Filologia Portuguesa. Livros de Portugal. Rio de Janeiro.
- VASCONCELLOS, Leite de (1985) *Opúsculos*. Organizado por Maria Adelaide Valle Cintra - Nota introdutória de Orlando Ribeiro. Volume VI – Dialectologia. Parte II. Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- VIANA, Gonçalves A. R. (1883) *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*. In Romania. tomo XII. Paris.
- VIANA, M. C., I. M. TRANCOSO, F. M. SILVA, G. MARQUES, E. d'ANDRADE e L. C. OLIVEIRA (1996) Sobre a pronúncia de nomes próprios, siglas e acrónimos em Português Europeu. In DUARTE, Inês e LEIRIA, Isabel (orgs.) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. III. Colibri/APL. Lisboa. pp.481-517.
- VICENTE, Gil (1963) *Tragicomédia pastoril da Serra da Estrela*. Introdução e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Atlântida. Coimbra.
- VIGÁRIO, Marina (2003) *The Prosodic Word in European Portuguese*. Mouton de Gruyter. Berlin – New York
- VIGÁRIO, Marina e FALÉ, Isabel (1994) A sílaba no português fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. In *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. APL – Colibri. Lisboa. pp 465-478.
- VIGÁRIO, Marina e FROTA, Sónia. (2003) The intonation of Standard and Northern European Portuguese. In *Journal of Portuguese Linguistics* (Special Issue on Portuguese Phonology edited by W. L. Wetzels), **2(2)**: 115-137.
- VIGÁRIO, Marina, FREITAS, Maria João, e FROTA, Sónia. (2006a) Grammar and frequency effects in the acquisition of prosodic words in European Portuguese. In *Language and Speech* (Special Issue Crosslinguistic Perspectives on the Development of Prosodic Words, guest-edited by K. Demuth) **49(2)**:175-203.

- VIGÁRIO, Marina, FROTA, Sónia, e FREITAS, Maria João. (2003) From Signal to Grammar: Rhythm and the Acquisition of Syllable Structure. In Beachley, A. (ed.) *Proceedings of the 27th Boston University Conference on Language Development*. Cascadilla Press. Dommerville. pp. 809-821. Acedido em 27/11/2007 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/frep/publications.htm>
- VIGÁRIO, Marina, MARTINS, Fernando e FROTA, Sónia. (2005a) Frequências no Português: a ferramenta FreP. In Duarte e Leiria (eds.) *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Acedido em 27/11/2007 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/frep/publications.htm>
- VIGÁRIO, Marina, MARTINS, Fernando e FROTA, Sónia. (2005b) A ferramenta FreP e a frequência de tipos silábicos e classes de segmentos no Português. *Comunicação apresentada no XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Acedido em 27/11/2007 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/frep/publications.htm>
- VIGÁRIO, Marina, MARTINS, Fernando, e FROTA, Sónia. (2006b) A ferramenta FreP e a frequência de tipos silábicos e classes de segmentos no Português. *In Selecção de Comunicações apresentadas no XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Acedido em 27/11/2007 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/frep/publications.htm>
- VIGÁRIO, Marina; MARTINS, Fernando e FROTA, Sónia (2005a) A ferramenta FreP e a frequência de tipos silábicos e classes de segmentos no Português. *In XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto. Acedido em 27/11/2006 em: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/Fre/publications.htm>
- VIGÁRIO, Marina; MARTINS, Fernando e FROTA, Sónia (2005b) Frequências no Português: a ferramenta FreP. In DUARTE, Inês e LEIRIA, Isabel (eds.) *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. pp. 897-908.
- VILLALVA, Alina (2003) Estrutura morfológica básica. *In* MATEUS, Maria Helena Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês, BRITO, Ana, FROTA, Sónia, MATOS, Gabriela, OLIVEIRA, Fátima, VIGÁRIO, Marina e VILLALVA, Alina (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª Edição (revista e aumentada), Colecção Universitária. Série Linguística. Caminho. Lisboa. 2003.
- VOGEL, Irene. (1986) External Sandhi Rules operating between sentences. *In* ANDERSEN, Henning (ed). *Sandhi Phenomena in the Languages of Europe*. Mouton de Gruyter. Berlin.
- VROOMEN, J., e DE GELDER, B. (1999) Lexical access of resyllabified words: Evidence from phoneme monitoring. *In Memory & Cognition*. **27**: 413-421.
- VROOMEN, Jean, DE GELDER, Beatrice (1999) Lexical access of resyllabified words: Evidence from phoneme monitoring. *In Memory & Cognition*. **27 (3)**: 413-421.
- WARDHAUGH, Ronald (1988) *An introduction to sociolinguistics*. Basil Blackwell, Oxford.

- WATT, D.J.L., DOCHERTY, G.J., e FOULKES P. (2003) First accent acquisition: a study of phonetic variation in child-directed speech. *Proceedings of the XVth International Congress of Phonetic Sciences*. Universitat Autonomá de Barcelona. pp. 1959-1962.
- WEINREICH, U., LABOV, W. e HERZOG, M. (1968) Empirical foundations for a theory of language change. *In* LEHMANN. e MALKIEL. pp. 97-195.
- WELLS, J. C. (1982) *Accents of English*, Volume 3. Cambridge University Press. Cambridge.
- WENKER, G. (1881), *Sprachatlas von Nord- und Mitteledeutschland*. Strassburg.
- WILLIAMS, Edwin B. (1991) *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Tradução António Houaiss. 5ª edição. Biblioteca Tempo Universitário. Rio de Janeiro
- XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Org.) (1990) *Dicionário de termos linguísticos*. Volume 1. Associação Portuguesa de Linguística - Instituto de Linguística Teórica e Computacional Lisboa: Cosmos.

## **Anexos**

### **Anexo A – *Corpus TQT* – Transcrição 1**

#### **AAF1A**

não é mais a terra dos o transmontano borrachos bêbados não sei por quê quer dizer já é de antigamente não sei é assim que lhe chamam muitas vezes algumas têm outras não sei também são tantas tem assim habitantes de lá não sei muito bem mas tem trezentos e trezentos e poucos recenseados não sei se estão a biber lá se não estão é grande é considerada a segunda maior da freguesia da alfândega da fé sim ainda ontem tebe uma que é a festa de são sebastião e depois tem no verão que são que é a semana mais ou menos que é a de nossa senhora da assunção que é dia sim no fim-de-semana mais perto do quinze que é quinze binte depende do fim-de-semana que calhar gosto de biber lá não não conheço nenhuma história assim de histórias de alfândega só a da cabaleiros das esporas douradas não é por alto sei que era acho que era um rei ou não sei que era casaba uma senhora uma donzela de coisa de freguesia acho que tinha que passar a primeira noite com ele e depois sei que houve um como é que se chama não deixou acho que fugiu e depois acho que houve uma guerra e não sei muito bem sei que houve uma guerra eles os mouros e esse tal rei não sei muito bem sim acho que sim sim também aquela parte chamam-lhe o castelo porque não se nota mas dizem que as ruas estão de maneira antiga como os castelos há lá partes que têm bestigos da das paredes do castelo não sei bem e restou a torre em alfândega não se passa assim depende costuma haber há o cinema aos fins-de-semana exposições muitas bezes festas festa da cereja que é muito falada é no verão é em junho junho altura da cereja tem costuma lebar cantores concertos há sempre os produtos locais à benda muitos agora nem tanto mas antes também se contaba essa história habia encenações sobre a história de alfândega com cavalos cavalos e pessoas bestidas a rigor não eram espanhóis eram eles que encenavam isso era muito giro por acaso só que foi-se perdendo pronto também bai muita gente costuma frequentar muita gente também depende de ano para depende de ano para ano mogadouro macedo sim fica a dezoito quilómetros de alfândega da fé de mogadouro alfândega não não não não porque ao princípio também não sabia muito bem o que é que habia de escolher e depois interessei-me pelo curso depois também estava perto e gostaba de bragança já tinha bindo cá mais bezes passar férias tenho cá tias e gostaba de bragança também é sossegada e calma não há aquela confusão de ter medo de andar com medo na rua e isso estou às bezes custa um bocadinho estar assim só mas às bezes apetece tar sei lá às bezes cansa tanto a escola uma pessoa chega a cansar-se mas depois mas estou a gostar também se fazem amigos novos sim chego a macedo e depois mudo que bai em direcção à minha aldeia bai por alfândega há outro que bai por as aldeias de macedo mogadouro e bai à minha aldeia não assim histórias não conheço da minha aldeia não não tem histórias pelo menos que eu conheça não tem história não sei muito bem sei que aquilo era uma pertencia sei que pertencia a chacim pertence a macedo mas depois não sei por quê passou para alfândega continuámos em alfândega não sei já já há muito tempo eu sei que pertencia a chacim de ler nos libros sempre me lembro de pertencer a alfândega

#### **AAF1M**

não não é pouco movimento prontos há dias melhores há dias piores mas aqui prontos é uma vila um bocado muito pacata porque aqui há muita falta de emprego e as pessoas prontos vão para fora prò estrangeiro e parecendo que não é muita gente nova e isto morre um bocadinho não é prontos dá para ir andando mas não é assim nada de muito movimento muito nem nada disso não isso não prontos eu comparo alfândega a uma aldeia pequenina em tamanho pequeno prontos é um bocado complicado mas prontos é o que temos não temos mais nada temos que nos sobreviver de alguma coisa não é sim sim temos a cereja temos a azeitona também porque nós aqui também é uma zona onde temos somos ricos nisso não é em azeite e cereja prontos a nossa cereja também é exportada para fora para os bombons mon cherries que é da nossa cereja que fazem isso agora também prontos recentemente temos aqui uma empresa que se chama é dê áfe que também abriu



há pouco tempo há sensivelmente um ano não há dois anos também prontos tentamos fazer o mais o escoamento da cereja do azeite da amêndoa prontos é uma coisa rentável que nós temos onde veio também dar muitos postos de trabalho veio a dar muitas famílias apesar de prontos de algumas pessoas serem contra mas prontos é uma coisa que veio ajudar muitas famílias a não irem embora daqui prontos do resto sei lá é assim uma aldeiazita nem se bibe bem nem se bibe mal prontos dá para ir andando prontos pra mais nada aí sim sim o fune zone ou lá não sei quê mas isso ainda está em stande bai ainda não nem ata nem desata ainda aquilo era consistia em tipo um aldeamento onde tibessem coisas específicas até para deficientes prontos consistia também ter um hotel prontos essas como é que lhe hei-de dizer essas coisas prontos consistia tipo lazer pràs pessoas virem prà aqui instalarem-se e terem tudo piscina tudo prontos esse coiso agora prontos até ver ainda estamos costuma-se dizer é ainda não deram resposta nenhuma se é sim se é não ainda ninguém sabe de nada no verão temos temos a festa da cereja que é em junho prontos e depois também temos a banda municipal os cantares de alfândega e das aldeias parada vilar chão onde eles também fazem na as noites do parque ali em baixo tem ali fazem ali as noites do parque onde todos os dias trazem ou os cantares de santa casa ou a banda municipal e os cantares das outras aldeias das outras freguesias prontos é a única animação que temos e depois a festa da cereja que é em julho prontos que já é tradição de há muitos anos termos a festa da cereja do resto não vejo sim sim a festa do berão caiu caiu muito prontos porque aqui a festa do berão funciona com comissários não é todos os anos vão mudando as pessoas há uns que têm empenho em que prontos a festa se faça há outros que não porque lá está eles também fazem a rebista publicidade e isso tudo quer dinheiro e da maneira que hoje estamos não há muita disponibilidade para estarem a dar muito dinheiro prà rebista pra publicidade porque é assim eles também têm que pagar os conjuntos não é têm que pagar essas despesas todas e têm que angariar dinheiro não é prontos e depois este ano pelos pelo menos já se dizem que não bamos ter festa não eu não acredito porque chega sempre à última da hora conseguem sempre arranjar agora não sei bamos ber

## **AAF2M**

não escolhi foi a oportunidade que me apareceu por acaso até gosto gosto depende do que quiser levar num é está bom todo mas há um melhor que outro douradas robalo e isso é o peixe está bom é sim o peixe é todo bom tem que ser todo bom mas eu falo muito mas agora eu falo pouco porque há mais gente bem emigrantes vem tudo sei lá claro bende-se mais não antes de estar aqui andei num curso de jardinagem andei à azeitona andei à amêndoa conforme aparcia me tinha que trabalhar num é agora não agora já bai fazer dez anos que estou aqui bim pra aqui aparceu-me esta oportunidade e aprobeitei por acaso gosto no berão é bom mas de inberno é que é difícil co gelo aqui com o frio então eu fico cá como o peixe quer dizer assim para uma coisa qualquer não uma coisa que eu me entendesse bem com o patrão que é principalmente isso que eu me entendesse bem com a pessoa mas entendo-me muito bem com este daqui por enquanto enquanto puder estou aqui não saio daqui que eu dou-me bem com ele e não quero sair daqui sou a primária só atão não lembra era muito difícil eu sou muito burra custou-me muito a aprender é berdade é igual é claro que era então a gente ia prà escola tinha que a prossora uma ainda me ratchou a cabeça contra o quadro queria que eu fizesse as contas não sabia mas era diferente era a gente tinha respeito para professores e tudo agora é diferente de agora se fosse hoje era capaz de ter ido a estudar mais mas naquela altura estava farta de escola não estudei fiz a quarta classe e saí depois nunca mais fui estudar depois olhe bim prà britadeira fui prà britadeira a carregar sacas e carregar casca do carlos araujo deste homem que tem lá baixo que agora se chama amêndoa lá em baixo o amendoal era aqui em cima bim pra aqui a trabalhar tinha cartorze anos saí aos doze da escola dos doze aos catorze não fiz nada estava em casa ò depois aos catorze comecei a trabalhar pronto sempre até agora numas coisas e outras sempre assim claro pois claro que estão em tudo nas pessoas que ao menos as pessoas dantes eram fiéis agora não agora é tudo a fugir umas dos outras é berdade claro que é berdade e a gente confiava nas pessoas e hoje não está a gente a falar aqui na frente de umas e estão a lixar por trás das pessoas eles é assim dantes não era agora é paciência temos que ir boa tarde obrigada a minha mãe lá está bai com o tempo o tempo tou até ao meio dia até às onze e meia meio dia

que remédio é festa prà aqui prà terra mas as pessoas de fora não é festa temos que estar amanhã amanhã hoje só já tenho essas amanhã tenho frescas amanhã se eu te estou a dizer que tenho amanhã bês não estás a confiar naquilo que eu te estou a dizer num comedes mas eu tenho sardinhas frescas bens na terça bens na terça sim a partir das nove e meia tá bem obrigada não será fácil ela bir bai amanhã é festa na aldeia aqui é costume é hábito a gente dizer aqui isto é uma bila é uma aldeia grande do mártir são sebastião olhe eu trabalho o que é que faz de manhã sei lá eu nem sei o que é que há por aí minha filha nem sei o que há por aí sei que há missa e há procissão e depois à noite o arraial agora o que há durante o dia eu não sei benho trabalhar até meio dia ou assim bou pra casa almoço tenho que fazer algumas coisinhas e depois ir à procissão saio à noite um bocadinho ò mais de resto não sei é também há eu sei lá a festa da cereja sei lá é tradição ò mais é mais a fama do que é assim houve há anos que é mais forte não é há outros anos que é mais fraco tudo depende dos partidos e dos dinheiros quando é pra entrar é a festa grande quando é assim no meio piqueno ò depois quando é pra bir torna a ser grande que é pra não é é berdade tem razão que é pra animar as pessoas entusiasmar e não sei quê e é isso a festa da cereja há cereja à benda há ali umas casotecas e há festa à noite bem aí uns cantores também à noite é sempre festa não e agora não lá no carnabal lá fazem assim em baixo tem po padeiro lá fazem assim um desfilezeco assim ò mais que é que aqui há eu o que mudaba sei lá o que mudaba tanta coisa tanta coisa mudaba filipe dá uma ideia que que mudabas aqui em alfândega os rapazes maus pra bôs eu sei lá o que mudaba habia muita coisa que mudar sei lá não sei minha filha não sei não sei de nada eu juro que não sei eu mas eu não sei mas eu não estou num estou num sei isso não sei realmente isso não sei pode ser que até seja berdade mas eu não sei nem nunca tinha ouvido isso mas eu não ando lá assim bou na minha bidinha daqui para casa de casa tenho que fazer tenho netos e cria tenho uma menina e já tem seis anos bai-os a fazer eu tinha trinta e nove anos quando fui abó mas mãe não só fui aos binte e um a minha filha foi muito cedo mãe e eu sei lá é assim a bida eu bou pra casa benho pra aqui algumas nobidades que sei é aqui que ouço que não me bou a meter mais em cuscubilhices nem saber nem isto nem aquilo também não sou de andar nos cafés não tenho tempo tenho que fazer a minha bida é assim agora bamos bendo o que bai aparcendo isso ainda não tinha ouvido nada está feito

## **AAF2R**

sou do concelho mas há muito tempo que estou aqui estibe na frança isso agora não lhe posso dizer sim quer dizer não era sempre ia lá fazer uns contractos mas inda foi uns três ou quatro anos não pràs bindimas e pròs espargos aí aqui gosto aí eu aqui eu aqui faço de tudo estou à frente do balcão atendo os clientes desmancho a carne encomendo faço as encomendas recebo o dinheiro dou contas ao patrão ao fim do dia tenho um patrão olhe sei lá umas costeletinhas de bitela uns bifinhos uma carninha pra assar bende uma carninha de estufar a carne aqui chamam a carne do cachaço aqui as pessoas lebam muito bem vitela porco frango todos os derivados de frango e de porco também tenho fumeiro seco e queijo é assim um bocadinho de tudo o que sai mais é a bitela e o porco é a bitela e o porco e bastante e bem eu não sei qual é o prato diário que eles têm mas há aí dois ou três restaurantes onde se pode comer bem a laríssima o garfo o jardim o João bica lá em baixo e há por assim mais um ou dois onde se come menus e depois tem o prato do dia que é mais barato não é e depois tem as outras pratos que já são mais caros agora eu sou dos bilares da bilariça aqui estou há três anos mas já trabalhei neste ramo há muito tempo tibe quase dez anos a trabalhar aí pra outro senhor num talho de além lá na rua principal e tem sido assim a minha bida filha isso aí já é mais complicado responder a essas coisas de poder vir a visitar num estou assim ao par dessas coisas não assim aqui num eu aprendi com um colega além do outro talho foi uma coisa que por acaso eu sempre me intressou e eu estou à bontade nisto pronto porque antes prefiro fazer este trabalho do que fazer outra coisa qualquer olha há quanto tempo é assim eu comecei a trabalhar tinha ia a fazer o meu filho sete anos já ele bai fazer binte e dois na segunda feira num talho ò depois inda estibe que o senhor que trabalhava fechou o talho que tinha pois eu ainda fiquei com ele pra mim mas era pra mim e prà minha irmã o negócio assim era complicado se isto assim não sair a tempos não é a carne tem de ser depois fechei estibe pra aí um ano um ano e pouco em

casa bim a trabalhar aqui prò colega do lado o dono também tinha na aldeia pois ela também fechou tibe ano e meio no desemprego bim pra aqui pronto e tem sido sempre assim eu não fazia nada estava em casa era doméstica fui à escola fiz o segundo ano da tele-escola como lhe chamavam antigamente muito diferente na minha aldeia éramos pra aí quando eu lá andava lá na escola éramos pra aí uns cinquenta alunos naquela turma naquele ano nasqueis anos que eu andei na escola e estavam todos juntos na mesma sala uma sala antiga a gente por acaso tenho soudades desse tempo tenho soudades pronto mas é assim numa aldeia uma escola assim antiga e coisa mas era bonita pronto era muito diferente totalmente diferente do que se ensinava agora isso aqui há quê quarenta há trinta anos atrás era totalmente diferente aprendíamos coisas que eles agora nem sequer sabem perceber por uma parte era melhor mas por a outra era capaz de ser mais rígida pior e agora os miúdos agora têm mais liberdade têm mais liberdade que pronto eles agora são todos rebeldes e depois são também as turmas todas juntas e muita turma e tudo e antigamente habia mais respeito pronto nada obrigado eu

### **AAF3E**

sou de vale pereiro sim sim olhe eu nós trabalhávamos em bale pereiro fechou a instituição de lá e biemos prà aqui prà aqui para alfândega da fé gosto gosto muito que remédio não é o dia-a-dia nós trabalhemos por turnos umas bezes de manhã outras bezes à tarde outras bezes à noite lá sou eu e a minha colega somos as duas lá de bale pereiro inda inda inda antigamente era muito diferente do que é hoje não é uma vida muito miserável do tempo do salazar não é eu era muito nobinha tinha onze anos quando fui a serbir e andava na agricultura de bolta dos animais e ganhava-se olhe eu naquela altura já ganhava cem escudos depois fui à azeitona andamos à azeitona depois ganhava-se de dia e comia-se e tínhamos de trabalhar para ajudar os nossos pais porque antigamente não eram os filhos que trabalhavam os pais que trabalhavam pròs filhos eram nos filhos que ajudavam a trabalhar os pais porque eram muitos filhos e andávamos descalças ainda me recorda dos sapatos fazíamos aquela caixa dos sapatos e depois fazíamos uns chininhos para andarmos por baixo de do nosso pezito naquela altura era assim a vida muito difícil muito complicada era muito muito difícil agora torna-se muito mais fácil pra nós e pròs nossos filhos no dia-a-dia porque nos o pouquinho que a gente ganhe já pode ajudar os nossos filhos antigamente trabalhávamos de sol a sol e não se podia fazer a vida de nossa casa temos que trabalhar pra pròs nossos pais e a partir daí não podíamos fazer mais nada não é porque era de sol a sol estemos assim não habia relógios e a gente dizia assim olha já está a pôr o sol já bamos pra casa mesmo de noite a gente trabalhava pròs ricos e os pobres coitadinhos éramos uns escravos que antigamente nem habia ricos ninguém falava em ricos eu recorda-me da minha mãe por exemplo deus a tenha em descanso era assim olha que eu tenho ali uma croa e nós tirávamos-lhe uma croa comprávamos dez rebuçados ui nossas mães ainda nos batiam porque é coitadinhas teriam-nos pra comprar qualquer coisa ainda me lembro também do tempo da fome a gente fazia um caldo e sabe deus pra deitarmos o azeite e as batatas e íamos à horta e a gente às bezes costumava dizer mãe o que é que faço de almoço faze batatas com caldo e caldo com batatas antigamente era muito difícil muito muito difícil recorda-me porque já bou fazer sessenta anos estas raparigas nobas não a minha colega que trabalha comigo eu tenho uma filha da idade dela e eu dizia assim eu lutei sempre muito pra dar à minha filha aquilo que eu nunca tive e tive sorte nesse sentido que a minha filha estudou tirou o cursinho dela hoje é alguém na vida mas mesmo assim e tudo eu ainda estou sempre com aquela coisa que a minha filha ainda pode precisar por isso que eu trabalho para ela e antigamente coitadinhos eles eram pobrezinhos não nos podiam ajudar não é e aquilo que eu passei não queria que os meus filhos passassem era isso que eu estava sempre estou sempre naquela né tive também um filho não é fui pra angola tinha quinze anos fui pra angola a ganhar assim quinhentos quinhentos escudos naquela altura eram escudos ganhei quinhentos escudos e ao ganhar os quinhentos escudos eu ainda mandava muito à minha mãe e depois pensei comecei a namorar comecei a arranjar eu própria é que fiz o meu enxoval não foi a minha mãe que mo deba porque ela não o tinha pra mo dar não é ganhei quinhentos escudos fiz a minha vida namorei casei tive dois filhos graças a deus não é que estejam ricos mas bibem no dia-a-dia pagam nas casinhas deles mas já têm outra vida outra fartura que não tive eu e é assim a nossa vida

### **AA3I**

Há binte há dezanove há tanto que abriu dezanove anos não não sou auxiliar directa gosto gosto sim já tibe oportunidade de estar em todos os lados e optei por este trabalhei já aí nos sectores até no infantário estibe bim gosto deste pronto é isso mesmo é sim senhora ui sim muito difrentes muito difrentes olhe os tempos por aí eu já tenho cinquenta e seis anos já me lembra muita coisa já eram uns tempos difrentes dos de agora não era nada do que é do que é isto agora agora sobre o que a menina quer saber não sei ai os tempos de escola os tempos de escola éramos éramos primeira segunda e terceira classe um salão grande cheio só uma prossora pra aqueles alunos todos agora é uma prossora pra três ou quatro mas na altura eram quinze ou vinte da quarta classe outros quinze ou vinte porque antigamente todos os tinham cinco e seis e sete filhos a minha mãe que Deus tem juntaba lá três juntou-nos quase lá três e quatro na escola uns na primeira outros na segunda outros na terceira e prontos eram as classes grandes e uma prossora só com e mas e também lebabam muita paulitada nas mãos muitas reguada sim sim elas eram um bocadinho seberas as prossoras antigamente eram eram eu lebemos poucas cada erro sua palmada cada erro sua palmada daba cinco erros cinco palmadas na mão uma reguinha assim redonda pimba ficaba a mão adormecida é verdade é verdade olhe tempos que às vezes num se esquecem é isso quando foi do binte e cinco de abril eu já eu já ia de caseira o binte e cinco de abril foi em no binte e cinco de abril ainda estava solteira pois eu casei-me em nobembro à frente portanto houve um bocado de modificação houve houve houve por exemplo outras liberdades que as pessoas agarrabam-se às liberdades e houve outras mas por enquanto ainda por ali se mantebe por muito tempo a situação sim lembro lembro lembro lembro nós soubemos aqui em cima por a trevisão a trevisão é que disse e depois eu por acaso nessa altura até andaba com os meus patrões e ele é que disse estamos perdidos e tal o binte e cinco de abril já entregaram angola e ta ta ta e por aí fora a gente ficou um bocadinho atrapalhada se aquilo biria a trazer mais consequências dos que as que trouxe não é trazer trouxe sempre que beio pra aqui muita gente e sempre traz mas prontos a gente também já tabamos noutra idade já não nos atrapalhavamos assim com qualquer coisa não o meu com quem eu estava eu estava a servir com os patrões porque na altura servia-se uma pessoa que não tinha outro remédio eu estava lá a servir com uns senhores que ainda estão na bila ela é prossora ele é regente agrícola são do partido socialista não sei se realmente eles gostariam ou não gostariam mas debiam ter gostado debiam ter gostado porque prontos na altura ninguém sabia de partidos nem de partido socialista nem democrata nem nem deste nem daquele taba tudo camufladinho a menina sabe por o oubir dizer camufladinho que ninguém podia piar ninguém se sabia de partidos nenhuns ora nesta quando foi isso já se sabia assim nos partidos todos de todos os cantos a gente até ficaba é o partido é este e que partido é aquele e agora e agora porquê estes partidos porque até ali havia-os igual mas camuflados não é ninguém sabia ninguém podia abrir a boca porque senão a gente era era castigada e prontos e assim e assim se passou pronto a coisa lá foi andando até até hoje como bê não não comunistas aqui havia poucos havia poucos não mas eram alguns apontados eram mas pouca quantidade pouca quantidade mais socialistas mais socialistas mesmo ainda hoje a bila é mais socialista do que é do que é pê esse dê porque é são aldeias são bilas que não há muita riqueza e as pessoas são mais humildes prontos já sabe que os ricos mas sempre são ricos e querem-no todo e querem e sempre gostarm de explorar o pobre não é e prontos e agora depois do binte e cinco de abril a coisa mudou mudou um bocadinho prontos é assim não é

### **AAF4A**

uma aldeia aqui abaixo pertence aqui a alfândega fui sim menina inda sim olhe a senhora prossora e eu nem tinha libro nem tinha nada uma pedrinha quer-se em cabacas um libro sem capas e meti aquilo debaixo do braço e andaba ali o meu bizinho na escola e tinha pão pra minha irmã mais belha dá agora à tua irmã que ela bais bais a minha irmã lá me preparou coitadinha como pôde o libro debaixo do braço e um banquinho

debaixo do braço lá fui pra escola lá me sentei à frente das carteiras no banquinho lá à frente de uma carteira a senhora professora pronto eu era assim muito inteligente e muito boa muito rabina alebantaba-me cedo a estudar cedo que às seis horas de me levantar e depois entraba assim o sol nascia o pé de minha casa olhai que já está aí o sol tinha ali na entrada tudo no chão de retalhos pronto e estudava ali ia pra escola às nove horas pois a senhora professora moraba aqui em alfândega ia todos os dias pra eucísia ia numa carrocinha que a lebaba e trazia outra não habia carros nessa altura não habia nada pois nós bínhamos então estrada acima todos à espera dela pra irmos com ela gostámos muito dela e ela ficaba toda contente quando nos bia coitada e nós gostámos muito dela era sim percebi sim quais fome nunca passei fome graças a deus nunca passei fome tibe dois filhos lá os criei nunca passei fome fiquei eu sozinha num tinham pai e é uma história rapazes que se podem ber balentes trabalhava no campo segaba no tempo da segada ia a segar cabarmos arrancábamos o paço arrancámos o milho madrugámos cedo ainda pelo luar íamos lá regar um irmão meu íamos lá regar depois ainda íamos pràs jeiras pràs malhadas uns dos outros pròs outros e pra nós gostaba da bida antiga gostaba mais do que a de agora era sim menina andámos a mondar ainda se dançaba pelo caminho cantámos olhe estamos sempre e às bezes andámos num trigo aqui e outro da horta ralhar éramos da mesma terra ralhámos umas com as outras à minha aldeia chama-lhe a terra das feiticeiras sim porque diz que que antigamente que estabam lá os padres enjentou foi-se a deitar foi dar de comer ao cabalo e ficou-se lá ao pé do cabalo de manhã estaba lá ele faz assim foram nas feiticeiras que me pra aqui trouxeram disse que bem daí quer dizer que esta alcunha já bem daí bem dizia isto contaba aos garotos da escola e aos do ciclo que andabam assim de bolta tia maria américa diga-nos lá tchamam-lhe feiticeira olha por isto assim e assim lá lhe contou ficabam todos contentes mas as aldeias daqui do concelho todas tinham uma alcunha eu tinha um papel escrito tanto mo pediram tanto mo pediram umas e outras que emprestei até que fiquei sem ele agora não bejo nenhuma pra lho pedir que lembro eucísia feiticeiras bilarelhos caras altas cabreiros caceteiros sendim da serra amarelos ferradosa percebeijos bale verde prados alfândega da fé marmelos e diziam-na assim bocês são marmelos mas são marmelões digo-lhe eu assim não são marmelos são marmelões são traiçoiros mas quando nós aqui bínhamos tudo se metia connosco feiticeiras olha feiticeiras nós diziamos melhor os do comércio assim que biam na gente feiticeirinha anda cá benha cá eram muito amigos da gente e pronto faziam muita festa à gente uma bez houve aqui um cortejo bieram cá as aldeias os ranchos pois atão logo lhe disse que não se aguentaba da minha aldeia também cá bieram foram até os que lebaram cantaram realmente eram espectaculares e pronto

#### **AAF4M**

muitas muitas muitas muitas muitas muitas quer dizer eu era moça noba não é como a joaninha e andaba por lá no campo com as outras mocinhas andábam na uma brincadeira que pronto brincábamos sem maldade nenhuma como se brinca agora que agora é só tudo de maldade como a menina sabe e pronto bricábamos fazíamos a bida normal tudo com respeito com silêncio agora encontro esta gente desde mesmo pra além encontrei a difrença muito grande desde que bim pra cá o respeito era como bêem como eu tinha pra todos a joaninha era pequenina era nobinha mas já se criou nesse tempo tudo e encontrei encontrei uma difrença muito grande na situação das pessoas na no níbel de bida sim pois melhorou melhorou porque basta bem dizer que quem melhorou o níbel de bida foi o estado não é foi o estado que nos dá o cacauzinho de maneira que agora pronto é assim a bida mas as pessoas agora nestes tempos são muito falsas umas pràs outras e eu lá a mim encontraba aquela gente assim mais sincera do que aqui eu aqui meto-me em casa a não ser com a tia alice e com a minha comadre são as únicas duas pessoas com quem eu lido não lido com mais ninguém não passo cartão a mais ninguém tenho aqui um irmão tenho uma cunhada tenho três sobrinhos eu quatro nem sequera com eles ligo pois aqui também aqui pronto há os bairros mas em geral também isto é uma aldeia berdadeira porque conhece-se conhece-se tudo uns aos outros não é não conheço eu tudo porque bim há poucos anos pra cá do resto tem tem a festa da cereja agora amanhã é festa do padroeiro e depois tem a festa a festa do ano e tem o são joão e tem o são pedro não não é o gato se tu bisses em que alturas põem no gato rapaz eu até me deu pena uma bez bi-o cair tibe tanta pena deles coitadinhos pois é menina

joaninha a bida mudou muito muito muito o nibel de bida mudou muito pràs pessoas e é assim a bida agora tibe bendo e benha sempre quando cá bier pois é mas eu não sei assim bem bem essa sei essa sei e pronto porque toda a bida toda a bida se lidou com essa terra e diziam que era na terra das feiticeiras não podiam dizer lá isso que fugiam as pessoas na frente delas ali em bale verde não podiam tocar o sino também também fugiam agora aqui não sei assim estas aqui era a terra donde é que eram os moiros não é toninho os mouros aqui é que lhe chamabam na terra dos moiros isso há umas lendas mas é nas histórias nas histórias é que há estas lendas não é mas eu já não já não me lembro assim dessas dessas lendas e nas outros nos outros nas outras aldeias não sei assim nada disso não sei menina não sei toda a bida lhe chamaram aquilo eu já desde criança oubi dizer que oubia dizer que lhe chamabam nas feiticeiras mas não sabia lá o motivo por quê pois é.

### **AAM1F**

mas a morais bamos lá muitas vezes queres o nome todo mas conheço lá um camelo também não sendim da serra é uma aldeia aqui a seis quilómetros mais ou menos moro lá é pequena pequena tipo sei lá pra aí nobenta cem pessoas mais ou menos eu ainda tibe agora já não tenho agora não mas eu tibe até ao quarto pois bim pra aqui depois carbalhais aqui já não tentei até ao décimo tibe medo de reprobar fui pra carbalhais entrei num curso técnico de produção animal pois acabei o curso vim pra aqui com um estágio de nove meses agora estou no quadro aqui trabalho com o doutor rui com o vetrinário mas ele bem aqui só dois dias por semana e ajudo-o aturar os cães e se for preciso alguma coisa ir a alguma aldeia a tratar um macho ou um animal ele tlefona-me e vou lá de resto não faço assim gosto gosto de animais sempre gostei é por isso que eu estou aqui ai o totoloto não sei não sei mas não mudaba muito a minha vida saia daqui daqui saia deixaba de trabalhar deixaba fazia sei lá um casarão e continuaba porque eu tenho muitos cães tratava os cães e arranjaba um cavalo uns carritos e passaba por ali os dias houve uma altura em que eboliu alguma coisa agora não está assim meio parado mas é aqui e em todo o lado agora pois em todo o lado é assim eu nada não alteraba nada não gosto de me meter em nada por isso não alteraba não consigo imaginar isso não a sério não alteraba nada não porque não tenho jeito pra essas coisas não é estar bem mas também não ia ser eu que ia alterar não tenho estás-me a grabar ó bida não sei não o padroeiro acho que é são lourenço é hoje hoje é friado na minha terra é lá festa fazem é a nossa senhora de jerusalém já foi no fim-de-semana passado eu não não sou muito dessas coisas aqui tem uma qualquer é a lenda dos cabaleiros das esporas douradas mas eu até nem sei não a sei está aí escrito em muitos sítios mas não sei não sou um bocado baldas pra essas coisas não me intressa sendim da serra que eu saiba não se calhar até tem mas eu não sei eu visitar pois não sei se calhar nem há nada pra visitar que é que se há-de visitar vós não sei sei lá depende do que quisésseis visitar não sei sei lá acho que se calhar até há pra mim não não sei não sei não sei que diga não acho que não o quê assim históricos e essas histórias acho que não não sei dibertimentos é fraca só há aí dois bares aqui à bolta não só em macedo também não sou muito da noite ó pá sei lá não eu não sei depende não sei não aconselhava nada não sei é este fim de semana começa hoje acho eu não sei qual é o santo é melhor perguntar ali às senhoras que elas sabem a da cereja já foi é lá a festa da cereja e dos produtos locais tem aí barracas qualquer festa como a de são pedro é a mesma história parecida o que queres saber diz lá houve uma altura vinham aí e montabam aí as tendas medievais uns espanhoís com uns cavalos mas agora não têm vindo este ano não vieram este ano não apareceram acho e azeite e amêndoa sei lá não sei eu pouco bou às barracas há por aí uns artistas uns cantores não sei quem beio cá este ano este ano era fraco

### **AAM1P**

muitas vezes não binte dois bendedor de automóbeis muito um dia normal é lebanter-me de manhã esperar pelos clientes e bender um carro normalmente nem um às bezes carrinhas quatro vezes quatro toiotas é isso é isso mesmo gosto já que que podia bisitar em alfândega da fé santuário dos cerejais que é perto e sei lá mais o de sendim da serra ir à senhora de bornes também também e por aí adiante e a barragem e que mais mas isso ainda está tudo no papel é era um projecto de uma quê filipe ajuda-me lá um aldeamento turístico pra

peças deficientes e pra não deficientes claro muita o quê por exemplo criar mais empregos e que mais escolas melhores escolas promover mais aqui o nosso sítio há agora olhe vinte e três a vinte e seis de agosto não não é esta ou é não não esta é vilarelos é agora este fim de semana é dez onze e doze uma festa claro pois baís temos a festa da cereja ou feira da cereja que é pra promover aqui os produtos da terra cereja por exemplo e azeite e queijo o que temos aqui na nossa região amêndoa amêndoa azeite mai nada acho eu é capaz de lá haber mais coisas mas agora não me lembro de oubir falar não a sei contar não sei não não sei porque ponta começa já oubi algumas bezes mas não sei é dos cavaleiros não é das esporas douradas agora contar a história não sei mais ou menos sou de uma aldeia não não há lenda nenhuma não pois não há lá do santuário de nossa senhora de jerusalém eu não sei também não sei sei de oubir falar acho que construíam construíam mas não construíam no sítio que nossa senhora de jerusalém tinha mandado e depois de noite destruía o que durante o dia faziam os trabalhadores aparciam destruídas aparciá destruído não se sabe quem era agora se é berdade ou não eu não estava lá não sei acabou a igreja construído no sítio onde é que dizem que nossa senhora queria que fosse feito o que é que fazia eu num jogo num o posso ganhar se ganhasse o euro milhões ia de férias depois boltaba pra cá boltaba pra aqui e aumentaba o stock dos carros continuaba igual se gosto do que faço num era por causa de isso que ia mudar ia era mais bezes de férias num andaba de moto quatro andaba de pois fazia uma oficina noba fazia um stand nobo e por aí adiante claro já está ora então

## **AAM2A**

já pra aí há dezassete anos mudaram as regras não sei acho que temos que ter na altura era agora já é preciso mais coisas acho que é preciso atestado médico assim outras coisas qualquer bai evoluindo não é na altura andamos aí a andamos aí num assim a estudar à noite e um dos coisas era bombeiro até é o pai do comandante alfredo moelas não é e inscrebemos gostávamos disto começámos a coisa e por cá ficámos até coisa e depois uma altura depois fui para o estrangeiro e deixei de ser deixei de ser bá nunca coisa e quando me casei também uma altura uma altura já fui motorista depois saí agora tornaram tornei a entrar na altura agora sou motorista das ambulâncias na altura era quando entrei a primeira bez era mais complicado porque agora já somos seis na altura só éramos três e era sempre noite e dia sempre a rodar binte e quatro horas por dia tínhamos folga doze horas entrávamos sexta-feira à meia noite folga entrávamos depois de serbiço à meia noite no sábado se houbesse algum acidente nesse dia tinha logo que entrar agora tamos um bocado parados porque na altura habia passabam credenciais do centro de saúde cortaram tudo isto está cada bez está a cortar mais não há nada estamos em casa somos seis às bezes sete estamos parados uma urgenciazeca uma transferenciázita prò hospital na altura tínhamos muito serbiço na altura que eu depois não andei cá diziam os meus colegas que tiberam eram três carros de nobe lugares que iam pràs consultas e diz que iam sempre cheios dar bolta às aldeias agora não a partir desse tempo para cá cortaram isto mudou radicalmente tem centro de saúde pá mas tem ainda ficou com urgência agora o médico está lá de das oito da manhã às dez da noite a partir de pois daí está à chamada enquanto depois acho que bai mudar estão agora bamos ber tão bão estradas ruins já temos o centro de saúde que foi feito construído de nobo agora não sei se já biu aqui em cima uma casa aqui em cima mas tem boas condições mas tiram tudo cada bez fica menos tem fizeram isso a festa de cereja posso falar é dia é junho julho é dia são três dias é dia acho que começa dia às bezes depende do dia se calharam são assim três dias oito e nobe dez pouco fazem bêm cá artistas assim os três dias é porreiro tem a festa do berão tem a coisa a festa do mártir tem em agosto quinze de agosto agora a festa da cereja na altura não era mas agora começou mais a coisar e bem cá muitos artistas temos é bendem costumam bender muita cereja pela festa da cereja tem os cousos da câmara tem os tem lá as cerejas escritas desenhada e tal oubi falar mas num nunca não andei cá a estudar não sei mas oiço falar assim a bárias pessoas mas não sei se foi na altura dos mouros não sei tem ali a torre do relógio acho que é a torre do relógio há pra aí muitas coisas e lá em cima um castelo chamabam-lhe o castelo mas agora botaram-no abaixo fizeram parece que um miradouro agora não sei também é raro lá ir às bezes também bibo na aldeia aqui

sendim da ribeira quem bai pra mogadouro não sei se conhece mas passa agora temos estrada nobe também que vai de meirinhos a ao sardão é um i cê agora bão parece que estabam a dizer tem lá um por acaso já iam construir o resto continuação agora bamos lá ber pois que aquilo também estaba uma miséria agora com o gelo a semana que passou taba muito prigosa como bieram aquelas coisas de nebe há zonas que não bate o sol curbas mesmo tudo congelado esta semana na estrada começou a parecia açúcar mas ainda começou a cair na coisa pogou-lhe foi pouco se lhe pegasse assim um bocadinho de força assim tão pequenino que aquilo parecia sal mas começaba a querer agarrar-se mas se caia tem andado umas geadas cuidado mas na outra semana estaba mais frio antes de nebar no dia que nebou começou a ficar núbio quem é que paraba com o frio depois o bento mesmo frio também a água estaba tudo congelado estab muito difícil se não chobesse as estradas estabam complicadas depois beio o neboeiro então ainda complica mais taba é o neboeiro porque se gia o noboeiro não aparece prontos assim é a geada normal bem o neboeiro começa a ficar húmido começa a ficar tudo congelado se precisa de mais alguma coisa

## **AAM2T**

vou fazer cinco anos quatro anos que é preciso para ser bombeiro foi uma opção e em contacto com o comandante foi uma conbersa assim de amigos eu disse prontos nem é cedo nem é tarde eu andei sempre enbolbido em actibidades associatibas e essas questões e disse prontos é mais uma já houve em tempos já houve em tempos mas tiveram cá um por acaso tibe um irmão que foi escuteiro mas durou muito pouco não sei não sei o que se passou já foi há muitos anos ele teria ora doze já foi prà aí há binte anos que houve escuteiros pois aquilo caiu não bale a pena apontar culpas a ninguém mas mas não mas prontos sei que não abançaram não trabalho na secretaria dá para ver não mas fazemos não mas aqui é assim quem é bombeiro faz de tudo independentemente de tar na secretaria ou não pego nas ambulâncias quando é preciso faço as emergências quando é preciso e aqui toda a gente faz um bocado de tudo a secretaria não serei só eu a fazer mas o resto que é tudo de corpo actibo toda a gente tem que fazer tudo é normal é tibemos aqui um decréscimo muito grande porque prontos estão a aplicar uma legislação pelos bistos já era antiga mas que nunca ninguém a aplicou e estão a fazer cortes nos transportes de doentes ou seja os doentes têm que ir às custas deles quando dantes iam chamam-lhe as credenciais os hospitais e isso passam credenciais aos doentes e nós transportábamos e tem um bocado de razão porque bai bai-nos criar alguns problemas porque os motoristas que estabam estabam também para acudir a esse a esse normal volume de trabalho e esse volume de trabalho está a reduzir vamos aguardar pra ber o que é que isto bai dar que é que se passa nesta altura do natal é a família reunir-se umas com as outras é o normal em todo o lado em trás os montes agora de alfândega que quer que lhe diga totalmente de cor não sei a questão dos cabaleiros das esporas douradas essa questão salbaram lá uma pessoa mas não também não a sei de cor já houbi falar muitas bezes nela já a li probabelmente toda sei que já li mas são lendas e fica-se uma pessoa fica-se pelas lendas sou de alfândega mesmo só não nasci cá como lhe acabei de dizer à bocado o resto estou aqui tinha um ano e meio quando bim de áfrica ainda não saí daqui estudei no porto mas só de passagem o resto sempre sempre bibi aqui e aliás abdiquei de alguns trabalhos pra ficar aqui em alfândega acho que sim é aqui que eu me sinto bem poderia se calhar em termos profissionais estar melhor não digo que não mas prontos foram compensados com outras questões nomeadamente estar aqui estar com os meus pais estar com a minha família e estou bem é a minha terra da feiticeiras é é alfândega alfândega não tem assim nada não parada é terra de doutores alfândega não é sede de concelho não já sempre foi maior que as outras freguesias e é assim agora as pessoas têm todas as pessoas também têm todas assim um nome que não lhe diz respeito toda a gente tem esse nome aqui mas acho que é normal aqui em cima e nas aldeias mais pequenas acontece igual aliás conhecem as pessoas por essas alcunhas e não pelos nomes às vezes há uma festa a festa mesmo do verão mesmo de agosto que é a dita religiosa isso já faz há muitos anos tem bindo a cair um bocadito não há mordomos que peguem nela mas prontos mas sempre a fizeram e depois há uma festa mais recente que fazem aqui também que já é a câmara que é a festa da cereja já foi a câmara que pegou nisso já uns anos para cá que tem feito essa festita prontos com mais pompa e circunstância que propriamente a festa de verão



mas pronto a festa de verão é a festa dos emigrantes é de agosto é a do padroeiro e essa questão toda pronto mais duas festitas que se fazem assim fora procissões e essas coisas normais na época normal temos já se tebe mais já deu mais rendimento mas mas há muito cerejal mesmo a nível de particular dantes era mais temos uma cooperatiba e a cooperatiba é que fazia agora há muito particular também a vender e há muita cereja é a zona dela pois é verdade foram em tempos mas há muito tempo que não vão mas foram mas foram em tempos agora há zonas que estão também sem ser de alfândega alfândega já chegou a ser o maior da europa já deixou de o ser em portugal já há pomares maiores do que o nosso nomeadamente o fundão uma cereja diferente também muito boa mas prontos mas não falta cereja e há muita mesmo prontos agora tem é que se explorar porque a cereja tem um problema que tem que se apanhar muito rápido e em pouco espaço de tempo depois é difícil de arranjar gente pra a panhar porque ela é trabalhosa tem que se apanhar com o caulezito não pode apanhar só a cereja de resto é uma boa fonte de rendimento há particulares a fazer muito dinheiro em cereja é bom

### **AAM3A**

sou nascido e criado alfândega portanto alfândega é uma terra que pronto de agricultura temos aí várias bá temos uma corporativa que em cereja é muito rica e uma das melhores cerejas de bamo lá considerar do país e até não sei porque é sempre importada para a frança e para a suiça para ser para ter para ser confeccionada para o ferrero roger se é assim e para várias outras coisas temos uma um azeite também que estamos agora nesta fase não quer dizer que vila flor e macedo e mirandela tenham oliveiras também mas as nossas são de primeira qualidade temos um lagar que também pertence à corporatiba e temos outro em exploração e temos outro em de um particular que é também faz também não é em relação à amêndoa também temos produtos da nossa região que é muito boa ultimamente começaram a fazer plantações já com amêndoa daquela de biológica não é que até aqui nós utilizámos a nossa amêndoa que era tradicional mas amêndoeiras muitas antigas não é e essa amêndoa era sempre boa e eu por sinal tenho dessa amêndoa porque é toda de refego não e é portanto é de qualidade do resto temos aqui pronto temos há muitas coisas que nós temos aqui outras que já nos saíram daqui que num debia num debia ser assim como por exemplo o map a parte da agricultura tínhamos aqui os serbiços e coisa saíram daqui e portanto outras coisas que foi a parte da saúde em relação dos internamentos e da parte de urgências e tal e tal isso mas isso não consideramos só alfândega como consideramos o distrito e até o país isso é uma lei que saiu do governo pronto nós temos que cumprir com esses deveres não é de resto temos a juventude que nos abandona e que vai para o estrangeiro e para o litoral hoje consideramos as nossa povoações aqui de à bolta do concelho que estão que estão pronto cada vez a desaparecer mais porquê porque as pessoas são idosas e e não há ou não temos recursos nem fábricas nem outras coisas pròs poder prender aqui e por isso eles saem prà nossa bizinha espanha prà frança prà suiça mas mais agora até prà espanha não sei porquê porque diz que aquilo que está bom não sei se realmente aquilo os satisfaz na parte da construção houve aí uma fase que esteve aqui a nossa que havia muita construção agora não agora está parada está parada e por isso mesmo eles vão saem para a segundo me parece até para a espanha não é que é a parte da construção e também a parte da agricultura não é que eles vão para lá quando é da parte da altura da batata e das vindimas e doutros produtos que na altura são coisa que as pessoas vão para lá não é do resto posso-lhe dizer que pronto é a sede de concelho que é uma boa terra é tudo temos tudo bom temos um bom uma boa parte dos bombeiros que uma das coisas temos temos uma corporativa que pronto também está em boa fase não é tem um bom lagar é pena não ter mais mais portanto mais coisas para confeccionar como sendo fosse a cereja fosse a pêra e outras coisas que eles têm e que se dedicam a maior força é a parte do azeite e a parte da cereja não é são as duas coisas principais que nós temos temos depois aí um lar da terceira idade também bem um infantário também também o infantário muito bem onde é que são acolhidas as crianças e a parte do lar da terceira idade é uma das coisas que nós temos bons aqui porque os nossos velhos estavam ou que estão naquelas nossas poboações era uma miséria não tinham condições não tinham quem lhe labasse a roupa nem os trazer

à parte da saúde e no lar têm de tudo têm sempre a caminha feitinha têm ali a roupinha labada tem a comidinha ali a horas tem os seus medicamentos tem quando tem preciso consultas ou outras coisas no género tem lá enfermeiras tem tudo não é essa é uma das parte de coisa pois temos uma uma foi criado ainda com o executibo anterior foi o centro cultural ali que nós temos ali no centro chama-se José Rodrigues não é é centro cultural José Rodrigues e onde é que por vezes tem um boa sala onde é que há conferências onde é que por vezes há cinema das vezes mas pouco agora não é agora dedicam-se mais à parte de conferências e outras coisas que aparecem e que vão para ali e que aquilo tem umas condições belíssimas não é do resto temos depois também uma associação recreativa do ara que é da parte do desporto onde é que aqui o nosso tó está ligado a essa a essa ao ara e que é tesoureiro faz parte da direcção não é e que realmente tem de eu a isso pouco pouco sei agora de coisa sei que aquilo tem um bom tem umas boas piscinas tem um bom salão para para pronto para fazer lá como sendo festas baptizados casamentos e outras festas que fins-de-ano e isso tudo é uma das boas coisas que nós temos aqui o que é pena é realmente nós considerarmos que a gente a nossa gente é pouca e quando chamamos e coisa temos os nossos convívios e há por vezes aí umas certas que se portanto mobimentam e fazem aí certas festas e coisa a gente é relativamente muito pouca eu não sei que mais

### **AAM3B**

eram contrários a uma erba que lhe chamam no trobisco e quando lá passava uma pessoa com aquele ramo de trobisco então os gajos corriam na à paulada ou à pedrada ou tratavam-nos mal ou era o que era o que é a lenda deles que é assim agora já não fazem caso disso porque a coisa já enboluiu já estão mais civilizados a coisa já não é assim tão agressiva mas antigamente era uma pessoa que pegasse num ramo de trobisco aquilo era espancado ou era apedrejado tinha que bater a bota tinha que bater os cem metros porque senão isso nota-se sempre e não é só aqui é em todo o lado as diferenças que noto aqui mais numas do que noutras bá mas as diferenças são sempre mais um bocadinho enboluiu em tempos mas agora não agora está isto paralisado agora a lenda daqui quem a sabe é a câmara a câmara é que tem lá essa lenda que é que tem o roteiro aqui a lenda até tem a lenda das esporas douradas num sei não há quem a saiba por aí mas eu num sei olhe aqui houve aqui há três ou quatro anos que bieram aí os espanhóis e essa lenda foi debatida ali na festa das cerejas até com os cavalos a fazerem nos manejos e a combater e aquilo tudo foi debatido ali na festa da cereja bieram cá três anos seguidos não já o ano passado cá não bieram nem há dois anos bieram cá três anos seguidos mas já há dois anos não as festas até da cereja até são boas mas não é agora por o que não pode é fazer tudo uma história que eu não sei a história já tebe dois nomes já tebe o alfandague o alfandache e agora alfândega já é o terceiro nome alfandague o alfandague foi o primeiro depois alfandache depois alfândega já tebe os três mas isso já bem do tempo dos mouros do tempo de já bem do tempo dos mouros porque aqui aqui também andaram por aí os mouros que ainda havia pra aí buracos dos mouros há para aí buracos há para aí buracos está um buraco aqui numa aldeia ninguém sabe o significado daquele buraco ali numa aldeia por cima do castelo e a fraga do tabias quem é que lá bai aquilo tem um buraco e depois atrabessa quase o monte mas agora aquilo quem é que lá bai agora estas coisas da lenda há aí quem as saiba há há por aí quem saiba essa lenda não não o tabias é do lado tabias é prò lado é prò lado naquela coisa do lado de lá que já não não pertence ao castelo aqui está lá um buraco que aquilo é dos mouros aquilo bô quem é que entra lá dentro ninguém quem as saiba e quem lesse aquilo que lá em baixo estão os libros estão nos libros ao pedir-lhe o libro deixá-lo lá ber aquilo não sei se na biblioteca lá está que isso daba num dia de semana num dia de semana até é capaz na biblioteca de lá estar essa lenda agora do resto agora assim de boca e depois uma pessoa a lê-la e a grabá-la pronto isso é que ficava é que sabia mais ou menos o significado da lenda caso contrário quem é que a sabe eu inda não era nascido e bô nem pra ser

### **AAM4J**

sou da terra do azeite e do binho e pois já lá lebei algumas umas já a bila flor já à cooperatiba e mas e por conta dos outros também porque a nós o termo só abrange parte do termo num é todo só um bocadinho

pouquinho do douro melhor do que do de agora melhor do que do de agora que agora faço uma cousa agora logo já não me lembra do que antes não me esquecia de nada olhe toda a vida trabalhei toda a vida na agricultura primeiro quando saí da escola ainda fui ainda fui para um comércio para macedo mas depois o patrão era doente agora já falam no câncero mas naquela altura ninguém falava em câncero ainda já isto já sessenta anos ninguém falava em câncero era uma frida ruim uma frida ruim por dentro e o homem o homem deu falência passou aquilo a outro a outro comerciante que lá estava forte ainda nobo e tinha caixeiros suficientes e eu também ainda era nobo pouco sabia ainda bima para casa e um senhor que lá estava e um senhor que lá estava que era era o que dominava aquilo era o dominante daquilo foi pro Brasil foi pro Brasil e nós bimos embora pois como naquela altura não havia não havia nem reclamações de do despedimento nem coisa nenhuma ninguém falava em nada disso bima para agricultura toda a vida depois ainda tive gado catorze anos do mourão eu conhecia um senhor negociante que era do mourão e da fontelonga é para ali também não é da fontelonga esse da fontelonga era o senhor do mourão já não me lembra o nome mas não sei o nome bem termos mas sabia que havia um negociante do mourão diga tinha uma biatura bentina não mas tinha uma tinha uma carrinha não sei se era esse nem se não bá e mas no na fontelonga também havia um que lhe chamavam o Manuel Machinho não conhecia assim das feiras bá era de lidarmos assim as feiras com borregos à feira e obelhas bá umas bezes comprava outras bezes vendia e mas fabriquei sempre também na agricultura também estou como dizia aquela mulher mas e isso já foi de casado mas mesmo de solteiro foi andar à jeira até à idade que me casei foi andar à jeira foi sempre e depois que eu fui a minha vida foi andar sempre à jeira quase quer dizer quando trabalhava para mim trabalhava para mim quando trabalhava para mim ia aproveitar e quando andamos por lá que estava nessa altura estava solteiro era bailes em todos os olibais ao redor do meio dia comíamos a codinha à pressa comíamos a codinha à pressa lembrou-me logo quando ela falou e com um realeijo toca a dançar por lá nos olibais era era alegria agora não agora nas aldeias aos domingos quando estava solteiro lá na minha aldeia o dia que não armassem lá baile eram três bairros íamos tínhamos um largo onde é que se ajuntavam os do bairro de baixo e do bairro de cima havia outro tchegamos lá dabamos uma tocadela num se juntavam espirraba cada um para seu lado por aquelas aldeias atrás do bailarico agora não agora só nas discotecas ninguém fala em balos em aldeia nem uma e dias de festa até pouco num parece que num dançam como dançavam dantes é assim parece que é a gente mais morta dantes era alegria com mais fomes e mais misérias e a gente mais alegre do que agora Porque não se botou o fogo por causa dos incêndios e era uma coisa que metia também assim um bocadinho de coisa e lá vai um conjuntozito lá bailam qualquer cousita pouca coisa tem também tem bazar e coisa lá tem uma arremataçõzita

#### **AAM4M**

nunca mas botei-me e sei ler comecei a aprender tinha o meu tio tinha uma casa da laboura estava entregue da casa pois tinha que fazer contas que ele não tinha filhos aquela bontade e eu andava com os bois aquela bontade que eu tinha aquela força de bontade aprendi a ler sozinho depois binham nos os filhos acabei aprenderam a ler até está um na em Angola também é mecânico e depois passou lá guerra metia medo depois acordou lá com uma mulata sempre com bois sempre com bois entreguei-me da casa do meu tio depois fiquei com ela de meias depois foi que meti um homem sempre na borgia sempre tudo sempre satisfeito quer da vida ainda agora ainda agora já tenho oitenta e nove anos o meu coração anda sempre alegre sempre faço rir respeito sei dar o respeito a quem no merece mas dantes dantes é que era borgia diga dantes andava por exemplo com vinte mulheres ou vinte e seis andava nos cousos e depois eu é que era dominava aquilo tudo quer dizer porque se não soubesse aprendi a ler por causa disso sempre sempre queriam queriam uma coisa qualquer sempre satisfeitas sempre também tive sempre obreiros e hoje é sempre os pobres os pobres sempre às vezes não havia carros não havia como agora a mocidade era mais unida corríamos as feiras todas negociar eu e ao meu tio pois ele faltou-lhe a bista depois comprámos os bois a um senhor manso o meu tio comprou gastou lá vida bois e matchos e um dia estamos lá em chacim e comprámos lá os bois pro senhor

manso e eu cria que quer dizer cria que fosse a registrar os bois eu bi-lhe fazer um gesto porque tinha os bois ua néboa ua néboa e ua coisa na bista e ele encolheu-lhe assim a cousa e ele depois assim meu tio olhe que o boi tem uma néboa tebe assim a olhar não não e eu agarrei ao boi tomei-lhe o fosso tem ou não tem já depois o senhor manso antoninho antoninho o teu sobrinho tem melhores olhos do que tu onde é que fores comércios e tudo bai ele mas eu já estava entregue à casa entregue a tudo que o meu tio foi sempre não ua casa forte uma casa de bois e de cabras e mas também fui andei com os bois mas botei as mãos às cabras às bezes quando calhaba ò gado a tudo eu num mas eram uma bida alegre sabe agora nada agora já não há alegria olhe íamos pra uma feira saímos sempre às quatro da manhã da nossa terra agrabom íamos a fazer a feira de mirandela sabe onde é que é mirandela e à torre e aos chãos a izeda ali a bila flor a menina é de bila flor carrazeda de ansiãs a tudo assim

#### **ANF4D**

eu lá ia à escola mas ao depois num ia outra bês num ia num aprendi nada nada nadinha minha filha não tenho nadinha num tenho ia-me embora ia à escola já num ia prà escola ficaba onde quera pronto olhe que bem mal eu ter feito umas letrinhas mas quê num foi olhe minha filha agora pronto era era na mesma era rapariga olhe uma garota era era então não era umas bezes era mais não habia tanta tenda gente nem habia nada e muitas bezes sabe deus é assim minha filha era assim agora já estamos melhor do que estámos olhe íamos aqui e além olhe garotas e isto e aquilo e olhe depois começamos a ser andamos a trabalhar à jeira é assim a bida aqui é tudo é pão agora já num se cultiba quase nada que agora já nem pão nem isto batatas feijões era tudo colhia-se aqui tudo colhia-se aqui tudo agora já há muito tempo agora nem colhem já nada por aí agora pronto já não se bê quase nada agora só se bê mas é passear e na rua ao mais o resto pronto mas atrás não de atrás tínhamos de trabalhar mais no campo sempre no campo andámos no campo minha filha umas bezes à azeitona outras bezes à amêndoa outra bez íamos a que pôr batatas íamos a pôr isto a pôr aquilo támos tínhamos de andar à jeira tínhamos de andar à jeira num se comia não é mas era uma mulher agora pronto agora nem uma coisa nem outra agora já não passamos eu já estou tolhida pronto bim pra aqui porque estou tolhidinha das pernas esta esta mais tem tem sempre agora já nem tanto agora já nem tanto como era era umas festas os rantchos aqui e além e isto a dançar aqui e além nas danças isto andaba sempre andaba sempre nós num ficamos era um senhor que já morreu é que fazia aqueles danços e pois íamos nós era rico era ele que fazia as danças e andámos a dançar aqui e além nas aldeias e tudo era assim minha filha era assim a nossa bida a festa as festas têm sido boas agora é que já num é é a festa da cereja isso é engraçada a festa a festa da cereja é é o santo não santos estão lá nas igrejas nas capelas fazem sempre todos os anos era o mártir são sebestião que era nossa senhora das dores estas santinhos que estão naquela capela ali pra cima está lá um santinha muito linda tem lá mais do que uma bá mas aquela é muito linda eu não sei se a senhora já biu uma ali ainda não biu é tal e qual igualzinha a essa mas é maior grande tem outros outras coisas mais também é assim é muitos santinhos habia aqui muitos santinhos faziam festa agora é que já não fazem festa já fizeram uma festita aí um dia destes mas não é como era dantes agora já não é como era minha filha agora nem há essas festas nem andamos na azeitona e na amêndoa era cantar por essas estradas fora agora já não há nada agora já não há nada disso só há olha a correrem no cão por aqui por ali com elas com homes com mulheres olhe tudo assim agora já não é como era agora já não há nada agora já não há nada à bista do que habia não há nada num há não dançamos andabamos nos bailes andámos aí agora já não há nada agora só sabe o que há poucas bergonhas oh poucas bergonhas ò mais agora não há nada mas de atrás não era isto íamos à íamos à azeitona os rantchos eram grandes por aquela estrada fora a cantarmos a dançarmos agora já não há nada disso agora só querem poucas bergonhas mais nada que é que hemos de fazer minha filha mas era nós quando éramos do tempo era outra coisa era agora nem se bê nada eram danços eram aquelas festas à noite agora já não há nada agora já não há nada minha filha

#### **ANF4M**

nunca não fui nunca fui à escola isso lembro-me de muita coisa minha filha mas olhe que a minha cabeça não dá para estar cá com menina eu lembro-me dos trabalhos que passei agora o que fazia entigamente trabalhava no campo mondaba segaba cababa e tudo isso e outra coisa meu pai o meu pai deus lhe perdoe por tudo e por nada também me daba pancada sempre até ao fim até agora que me tolhi das pernas depois casei-me o meu marido arranhou gado depois bieram nos filhos tinha um filho também outro rebanho de gado eu aguentava aquela bida toda tinha duas filhas mas uma foi a serbir pra lisboa outra beio aqui prà bila que nós támos ali em bale verde aqui na aldeia eu sozinha tinha de aguentar aquela bida toda que ninguém mais me auxiliava em nada fazer o gado no tempo de agora começavam a nacer os cordeiros tinha de barrer a corriça pràs obelhas acarinharem nos cordeiros bem era um trabalho um bocado custoso tinha lá umas catorze ou quinze pias tinha que as encher de água prò gado bober semeaba duas sacas de batatas eu é que as cababa eu é que as cababa eu é que arrancaba a erba eu é que fazia tudo deixe-me falar agora eu é que as cababa e é que arrancaba erba e é que fazia isso tudo minha filha foi sempre até ao fim e andaba à jeira quando podia à amêndoa e à azeitona tudo sempre na mesma bida de solteira e de casada foi sempre o mesmo à bista do tempo que eu passei num é nada à bista do tempo que eu passei agora não é nada porque olhe eu tibe tempo com uma escoba a menina não se lembra com toda a certeza uma escoba de joelhos a esfregar a madeira agora é com um pau com umas fitas na ponta a fazer que fazemos não é assim é assim ou não e no tempo que eu era maria atão é que era duro minha filha nesse tempo é que era duro binha a páscoa binha natal binha festas binha isso tudo eu era uma safra de umas pràs outras tudo queria a maria e agora ninguém se apresenta muitas também já morreram e as que não morreram não querem saber dela pronto mai nada

## **CAF1S**

fiz a quarta classe na primária aqui gostaba andei aqui e em frechas era melhor em frechas porque habia mais jovens e aqui não éramos prece éramos três trabalho em casa às bezes bou a coiso na horta e mai nada e bou à missa e leio às bezes leio à noite também estibe a estudar a ler pois já falei pois era o que estava a dizer leio na igreja e leio em casa às bezes nos libros pra num esquecer faço faço os folares ando folares folares doces e os outros de carne não se faz mais nada faço económicos e biscoitos e mais nada e pão um folar doce bota-se os obos açúcar manteiga fermento e dá-se a bolta e o azeite e a farinha três três horas no berão é doce arroz doce creme e carne há o frango e cordeiro é assado assado ao lume isso já num sei bota-lhe alho binho e óleo e manteiga e depois bai ao forno com as batatas ou cozidas à parte ou separadas ou assadas a festa da fontelonga foi a precisão e depois foi um lanchezinho no pinocro tinha reco tinha bitela tinha tinha carne da barriga e tinha assim às tiras muita coisa batatas fritas bolos de bacalhau rissóis são as pessoas que fazem na fontelonga e depois lebam pràs mesas e sumos e muita coisa o porco é assim pindurado assim lá num pindurado e depois andam com ele à bolta a assar em cima do grelhador e andam com ele assim de roda com uma faca e depois cortam assim às fatias e bai pra um prato e bão comer probei estava bom estava um bocadinho picado prò sal é a santa santa filomena santa madelena inda foi muita gente foi ui ainda há a da labandeira ainda há a da agora a da carrazeda a labandeira é a precisão mais nada carne tem deve ter que eu já foi do ano passado já não me lembra fui mas só fui à procissão depois bim-me embora devem ter é a marrã fizeram uma sacristia era num tinha sacristia só era assim era assim do rés do chão era de pedra agora é de mosaico fizeram uma sacristia e puseram dois nichos também e dois santos o santo antónio e a santa filomena não é a padroeira é a nossa senhora da Conceição aqui não tenho nenhuma uma precisão tem a precisão dia vinte e um de maio que é nossa senhora do nicho lá cima do nicho dia binte e um do cinco de dois mil e um foi quando inauguraram bou aí a precisão é muito são muitos são mais quantos andores bai um daqui bai outro mais de quantos de todos as freguesias lá desta zona é nossa senhora mas é a padroeira pego nele às bezes agora só pró ano dia a festa da carrazeda só começa trinta e um e acaba dia três de setembro pois bai ser agora no fim do mês tem precisão bai lá os micaeles e o lá o quim barreiros e ainda há outro que não conheço à noite e tem lá a coisa da maçã muita coisa tem lá o binho tudo esmagado tem lá a maçã pra bender tem lá muita coisa é a maçã as ubas e às batatas e à pêra aqui há foi muita batata

## **CAF1T**

no meu dia a dia é é começar com os bebés logo de manhã portanto às oito menos um quarto até as nove e meia estou com os bebés a partir daí até as dez e meia estou com os dois anos e é assim sucessivamente o dia até à uma e meia com os dois anos depois tenho o meu intervalo de duas horas e meia e depois volto outra vez a trabalhar com os de dois anos até às seis e meia com os dois anos com bebés e dois anos actividades com eles é mais com a educadora na presença da educadora é que fazemos actividades nós próprias não portanto podemos pôr a fazer joginhos ou a pintar ou assim das outras actividades é mais com a presença educadora sim também vamos à piscina mas só com a presença dela tem mais a responsabilidade nós também temos não é mas temos uma à nossa frente não ali só mesmo com as crianças é separado portanto a firma é a mesma mas é separado nós ali só mesmo as crianças mas também os vamos visitar em cima pra eles e ficam todos contentes os idosos quando nos lá vêem gosto muito sei lá faz-nos andar sempre acho que alegres e sempre activas sempre actualizadas gosto gosto a gente aprende muito gosto gosto tem lá tem a biblioteca por exemplo tem a nossa igreja também é bonita não é o castelo sim a fonte da sereias sim que é tudo junto a biblioteca e a fontes das sereias é tudo junto é festa de santa águeda a partir dos vinte e pois é o trinta de agosto o dia de santa agueda é o dia trinta é isso agosto havia de ser mais religiosa mas metem mete muita coisa que seja assim mais religiosa não é eles misturam com vinho e maçã é na mesma altura portanto o dia trinta é que se faz a procissão que é o dia de santa agueda não é nesse dia tem a procissão antes da procissão tem a feira de artesanal do vinho e da maçã é o que tem é só a procissão não que eu saiba não pode haver mas eu não sei

## **CAF2M**

fiz até ao sétimo ano não faz em setembro um ano tou a adorar trabalhava num escritório numa oficina de reparações de automóveis é num tem nada a ber é um bocadinho quer dizer não há muito que fazer mas o dia de feira quando tenho cá quando temos consultas ao mais durante a semana bou compondo uns óculos umas avarias marco consultas de resto é óculos de sol mais óculos de sol é só obras agora ainda bem pronto estão a aumentar pelo menos às casas e agora as ruas estradas de resto sim a piscina a piscina de água quente é já de inverno pois é boa temos eu ia lá duas vezes por semana eu e a minha filha mais noba saímos daqui às sete e íamos até lá faz bem tem duas uma de água quente e outra só que é assim uma a de água quente fecha durante o verão essa é que não debia fechar porque eu preferia a outra a de água quente depois temos outra além na barragem tem tem quando abriu logo a seguir fechou porque houve problemas com a água não conseguiam pô-la clarinha taba taba preta e berde estebe muito tempo fechada não nasci cá isso não tem mas assim história mesmo não sei também não sei a história também não sei não não isso contos e lendas nem por isso é mais falarem da bida das outras pessoas isso sim não falam metem-se é demais na vida das outras pessoas em vez de se meterem nas próprias vidas não metem-se é nas vidas das outras pessoas sim havia três agora vai passar só pra duas duas feiras e mais tarde só uma sim porque normalmente as pessoas aproveitam e vêm à feira não é agora aquelas pessoas de idade ou assim já nem já nem de casa vão sair quando não houver feira depois têm aqueles supermercados pequeninos lá nas aldeias já nem vêm até carrazeda bem pròs comércios até é bom não é que não haja feira que as pessoas vão às compras os supermercados em vez de irem à feira mas por outro lado não é muito bom na feira vende-se tudo muito mais barato do que por aqui é por isso que as pessoas também vão lá não é havia lembra de pequenita mas já há muitos anos havia havia não já mudaram várias vezes que eu me lembre quando eu era pequena era lá em cima na praça onde agora estacionam os carros era ali ao pé do cemitério depois começou a ser aqui no meio da praça e era o dia todo agora não só há feira da parte da manhã ao meio dia uma pessoa vai lá e já lá não há ninguém e agora é na parte de baixo do mercado ai de gado já não já há muito tempo que desistiram há há cavalos e burros há

## CAF2S

se tiver um a e um esse que se considera vogal ou consoante uma vogal e o esse uma consoante pois eu já me esqueci de muita coisa já num é não vou já às vezes até tou atenta um bocadinho à televisão para ainda aprender e não ficar muito esquecida tenho tenho mais trabalho bastantes saias blusas muita batinha de calça há de tudo um pouco a fazer ajuda a escolhê-las mas por vezes cada uma cada pessoa sabe o que quer e então aí a gente faz a vontade ao cliente não é igual é não aprendi com uma prima mas eu sei mais que ela foi e depois comecei a fazer e apanhei gosto pelo que faço e fui-me profissionalizando mais há vinte e oito anos isso já é uma pergunta um bocadinho complicada que eu a esses pontos acho que não tenho capacidades para tanto não sei não tenho assim pois pois pois estou a perceber não pois pois eu já estou a perceber o que dissestes joana pois só vai apanhar as palavras que e interessarem não é sei tem bem bonitinhas até se a fazer bastante negócio a senhora não pois mesmo saias e coisas que tem lá coisas muito em conta mesmo não tem e assim moderninhas e que as pessoas vão e pronto muito mais que na andrea a andrea tem roupa mais requintada antraste à andrea é na mesma rua ela é na rua a subir e a outra é na travessa da parte de trás do da praça essa tem lá roupa requintada assim para a juventude é pois tem assim mais dourados mais assim uns corsários dez quinze vinte não é compra-se compra-se mas na ana é assim aquela requintada mas faz mais negócio a cármem que a ana que a ana que a andrea agora negócio negócio deve fazer a andrea a ana negócio negócio faz mais a ana mas para as pessoas mais acessíveis faz mais a cármem muito mais do que a andrea eu acho que é ruim o negócio é há de tudo um pouco mas com pouco movimento pra mim pois os supermercados talvez é que são os que têm sempre negócio certo não é os outros as pessoas têm mais receio de abrir um negócio porque depois têm não têm com certeza os objectivos que gostariam de ter olha vem para ali tudo de carrazeda mas eu no ecomarché das vezes que vou lá eu não encontro que haja muito mais em conta acho que o que lá há mais em conta é a carne pois pois também não vou daqui lá cima às vezes para comprar um quilo de costeletas ou um quilo de bife e como não vale a pena fazer muito stock olha acabo por comprar aqui na dona alice e lá baixo na antónia mas lá cima diz-se que é o que se compra mais em conta porque o que é de produtos de higiene e outras miudezas assim são mais caras do que aqui no pingo como se chama este mini preço é mais caro eu acho que onde ainda se compra mais em conta é o mourão também tem em conta é no do mourão no mini preço e além no quintanilha no quintanilha até se compram lá bem as coisas eu aos domingos de manhã é onde quase faço quase as compras porque portanto estou a trabalhar não faço grande questão de me preocupar domingo de manhã às oito ou sete e meia ele já está aberto e depois aproveito e vou ali também são produtos muito espanhóis mas são iguais aos nossos tem tem pão fresquinho sabe mas a tua mãe encarrilha pra ir ao ecomarché que eu às vezes vejo-a sair de carro mas tem carro é mais fácil ir lá cima mas eu como me dá mais jeito é ali quase sempre todos os domingos vou às faltas e depois de ir às faltas traz-se tudo o que se vê que às vezes faz falta é

## CAF3A

agora agora tenho andado na agricultura não não temos andado no meio no coiso do senhor mário joaquim nas badeiras andemos à jeira andemos à jeira é a tesoura é herbicida é adubos é mas agora é quase mais quase conveniente é mais a tesoura porque agora já há mais aparelhos pra tudo prò o herbicida pra prò pois não não pra pra nada pra nada já não são precisas porque agora já estão ao lugares terrenos planos já estão a tirar muita gente e por exemplo aqui não porque ainda são badeiras que coisa mas nas terras planas já estão a tirar já têm prò herbicida já têm prò enxofre já têm pra botar o adubo já têm pra labrar já têm para desmargar as bides já têm para tirar as bides com umas máquinas não por exemplo nós não mas já há por exemplo no tua já há o enxofre certas bárias coisas o pobo já está a ficar já está tenho as minhas coisas as minhas hortinhas quando tirar umas erbinhas cabamos o cebolo e os feijões para depois durante o ano também a

gente também não é só a jeira que nos bai governar sempre sempre sempre é só é só se chober pois por exemplo acaba por exemplo agora agora já começa o tempo mais quente já começam a semear as batatas põem-se as hortas já bõo produzindo pois bõo aumentando até ao berão depois arrancam-se e depois nunca pára não é há sempre depois a amêndoa para quem também temos amêndoa e depois bai-se apanhando uns guiços de lenha prà gente se aquecer durante o inverno e depois apanhar a azeitona tudo não não é uma terra que como é que hei-de dizer há terras que tenho bisto que mas a rica a riqueza como quem diz mas mas tem mas sim porque o senhor não bê este ano que já chobeu assim pra bober agora pròs potros bai faltando não é mas assim não é o nacente é lá em cima é um nacente que tem produzido bem é sim é sim então o ano passado foi um ano que no rádio de ansiões e tudo se comunicavam que em todos os lados que tibéssemos cautela e aqui não graças a deus

### **CAF3C**

sou sim sempre estive aqui aqui nasci aqui trabalhei aqui o meu pai também ainda aqui estive de caseiro numa quinta e eu também lá estive o tempo que eles lá estiveram mas sempre uma quinta do senhor doutor João Trigo ali a baixo não é bem no douro é a meio caminho daqui e do douro são Gonçalo olhe que remédio e em casa eu andei mais lá nas quintas andei mais sempre de cozinheira a ajudar as caseiras na cozinha estive em várias que eram do mesmo dono do mesmo doutor João Trigo mas sempre quase na cozinha eu nunca andava assim no corte do trabalho não há dúvida pra cozinhar nas quintas não é preciso ser boa cozinheira tinha que fazer muita quantidade ajudar pois a qualidade também se fazia por fazer bem também as pessoas não eram né e até era pois não era preciso fazer para quarenta e cinquenta e sessenta pessoas é diferente de fazer para uma família em casa pois mas andei muito na cozinha muitos anos pôr-lhe o pote maior e mais merenda só isso pois mas foi a minha vida foi assim até que casei sempre andei por lá o meu pai era o feitor do pessoal não não não depois nunca mais fui para quintas nunca mais trabalhamos eu e o meu marido muito muito para criar os filhos e mas nunca mais três mas quisemos-lhe dar assim uma vidinha melhor de que nos tínhamos e foi preciso trabalhar muito naquele tempo porque se gastava muito dinheiro chegaram a andar os três um em Coimbra, outro em Santarém e outro em Bragança de maneira que conseguimos o mais velho é economista o mais novo é engenheiro e ela é enfermeira conseguimos por acaso mas trabalhou-se muito muito muito depois pusemos um negócio aqui na terra tivemos um comércio vinte e tal anos e depois era taberna e mercearia e assim panos de resgate nesse tempo a roupa ainda se fazia toda não ninguém comprava roupa feita como agora ao alfaiate havia cá na terra uma senhora que fazia alfaiate e trabalhava-se assim muito mas depois o meu marido também adquiriu uma carrinha de aluguer andava também por fora ah não fazíamos só assim uns bocadinhos nossos cá o meu marido fabricava ainda pra a gente as batatas para comer vinha a horta e assim que ainda hoje faço isso mas só para casa nada pra ninguém porque não havia tempo para tudo depois o meu marido andava por fora com a carrinha também em negócio bendia adubo bendia bebidas cerbejas refrigerantes tudo e eu estava no comércio ali sempre desde que os filhos começaram a ir para a escola é que pusemos o comércio eu estava sempre no comércio e fazia a vida de casa fazia o comer pròs filhos e pra ele pra tudo sempre a gente tinha um jeriquito um porco umas galinhas e a gente entretém-se sempre muito com essas coisas é assim foi mas foi uma vida estável e boa mais ou menos não foi assim uma vida pronto como vejo alguma gente

### **CAF4F**

eu nasci em paradela e depois casei em Tralhariz foi meu mal que fiz mas paciência também é da carrazeda dois anos sabia ler e escrever como qualquer uma pois só lá andei dois anos porque tinha muito pouquinho corpo e a senhora professora não me queria aceitar com medo ao senhor inspector e só fui de oito anos só tinha oito anos quando antrei e tinha dez quando saí pra ser uma doméstica porque a vida da minha mãe que deus tem sabe deus como foi e tebe de me tirar da escola pra eu ficar a fazer o que ela podia o que ela fazia se pudesse mas tinha que o ganhar muito difícil muito difícil olhe pra lhe dizer tinha dezoito



dias quando o meu paizinho faleceu ficámos cinco irmãos e ela seis e a minha abozinha que ainda estava numa cama sem se estender nem se berrar a menina já pode imaginar a ganhar pra sete pessoas uma mulher que nesse tempo que era uma miséria trabalhar de sol a sol que eram dias inteiros trabalhar de sol a sol e ganhar uma miséria e depois tebe de me tirar da escola foi para que um senhor que sabia bem a minha inteligência disse olha se é por causa do dinheiro dos livros para a filha fazer a quarta eu dou tanto dá metade não senhor antónio não é por isso é porque preciso dela em casa eu já fazia o comer aos dez anos já fazia o comer levava os meus irmãos onde andavam já a trabalhar e fazia levava levava tratava de porcos ia buscar o comer para os porcos e era assim uma doméstica ui tenho muitas sei muitas mas não pode ser para agora porque daqui a caminho estão-nos a chamar aí inda pronto uma história mais pequena pronto já uma de antigamente que era dum príncipe dum príncipe desesperado de casar e depois deu um anúncio a ver quem queria ir conhecer as qualidades dele e as propostas e depois iam foram princesas prossoras doutoras toda a gente da alta mas num venceram num venceram eu tirei isto por um librinho que emprestaram à minha filha quando andava a fazer a quarta classe e depois a mulher a filha de um labrador tinha gado tinha ovelhas e animais para trabalhar bacas ou bois ou não sei e disse assim ó meu pai estou capaz de ir eu ir ter com o príncipe aí isto era coisas de antigo muito antigo bá diz ó balha-te deus já lá foi gente tão sabida e tu é que ias ter com o príncipe fazer o quê tenho uma ideia que sou capaz de vencer e depois mas talvez precise da sua ajuda vamos a ver lá foi a primeira vez e disse olha as minhas propostas são sempre de oito em oito dias diz baia embora e daqui por oito dias voltas cá nem a pé nem a cavalo nem a cavalo nem calçada nem descalça nem vestida nem despida era uma coisa parcia já coisa impossível mas ela venceu chegou a casa disse para o pai pronto tem que me ceder dois carneiros um para vender para comprar o que preciso e o outro depois para emprestar-mo para ir ter com o príncipe lá foi então à feira comprou uns sapatos para ir com um pé calçado e o outro descalço comprou uma rede grande fininha para cobrir toda nem ia bestida nem despida e comprou e então deita-te aí que eu te apanharei quando tiver bagar e então lá lhe emprestou então o carneiro para não ir nem a cavalo nem a pé foi tal e qual como ele pediu quando chegou perto da casa do príncipe o carneiro levava uma cordinha e ela agarrou pontou uma perna a cavalo e outra no chão e levava um pé calçado e outro descalço e nem ia bestida nem despida pronto aí ele acertastes mas costume sempre fazer duas propostas fazer duas propostas agora vais por a feira que eu tenho lá os meus homens com um saco de trigo e tu baia levar o trigo para mandar semear e que o trigo cresça em oito dias para ceifar para ceifar e moer e fazer um bolo para me trazer em oito dias aí é deixe estar chegou a casa britou duas dúzias de ovos de galinha num tacho meteu numa cestinha cobriu com uma toalha e fez um bilhete e mandou lá um irmão um irmãozinho disse olha baia levar isto aos homens ó trabalhadores do príncipe lá ós que lhe entreguem e dizia então no bilhete diz se em oito dias estes ovos nascerem pintos oito dias cubrados também eu vou buscar o trigo para mandar semear e segar e moer inteligente e venceu lá ficou com o príncipe foi um conto bonito

#### **CAF4M**

é sou a sogra do helder carvalho conhece ora bem eu também como ela tinha dez anos quando fiz a quarta classe e ainda me lembra só só fiz a quarta classe era não se fazia mais nada era só a quarta classe pois os meus livros também dei-os todinhos a quem precisava pronto e é da coisa que eu tenho hoje mais para é de não ter a minha história e todos os outros livros mas a história às vezes ponho-me a pensar os cognomes dos reis que nós sabíamos tudo de cor e salteado as nossas quartas classes eram umas quartas classes bem feitas nós sabíamos tudo as linhas do caminho de ferro as províncias os rios tudo estava aqui tudo e agora quero-me lembrar e já não é disto que eu estou muito falta de memória estou a falar e de repente lembro-me olhe o meu pai e os meus e um avô que eu tinha eram pessoas bastante inteligentes e também moravam aqui no contal mas também já fizeram um tio meu foi fazer a quarta classe a moncorvo iam daqui sete rapazinhos a moncorvo fazer a quarta classe iam havia aqui um juiz no pombal que era o antónio doutor antónio luís de freitas e ele estava ele estava de juiz em moncorvo e foi e foi lá que tratou disso e meteram os meninos aqui no comboio de são lourenço entregaram-nos ao revisor no tua mudaram-nos para a linha do douro e depois mudaram-nos da linha do douro para linha de moncorvo pronto chegaram lá estava lá ele o senhor juiz à espera

deles levou-os para uma pensão e até fazer exame quando iam por o caminho diz que um os prosores também iam no comboio para irem dar fazer os exames e disse os meninos para onde vão vamos fazer o exame a moncorvo e que passaram assim disse é que há-de ser aqui isto é que vai aqui uma canalha bem preparada prò exame mas quando lá chegaram todos trouxeram um libro de prémio que receberam o do meu tio afonso era chamava-se a minha pátria disse deixais moncorvo em silvado cá ainda num antraram alunos tão competentes como vós havia contava-me o meu pai que havia cá um professor quando ele era coiso que a maior parte das aulas que num as dava na escola levava-os por essas matas fora por aqui por além ensinar-lhe como é que era a natureza como é que era tudo que era para eles aprenderem e saberem agora a gente vê um prossor na escola tem olhe nós chegavamos a ser cinquanta e oito crianças para uma prossora só olhe e os alunos dela eram dos mais bem preparados era ali na escola de carrazeda era os mais bem preparados e dava tampo para tudo e agora têm oito eu só vejo as crianças a brincar cá fora como é que eles não-de aprender era muito mau uma professora bater umas reguadas aos meninos mas eles depois aprendiam não, eu nunca levei eu era olhe eu era dois anos mais nova e três do que todos os meus colegas e então eis faziam-me assim ficámos a estudar na escola até tarde e eis diziam-me assim tu santas-te aí fazes as redacções todas ou fazes os problemas ou fazes isto e eles iam brincar e eu tinha que fazer ali tudo tudo tudo tudo tudo ah pois senão ensaiamos e eu concordava ao oitro dia íamos começar olhe íamos começar as dar as lições caladinha tu não dizes nada só respondes a eles eles não sabiam pois eis não tinham estudado agora dás umas reguadas tantas reguadas a cada um mas é com força senão levajias tu era assim olhe ainda chegava o tempo para ela nos dar aulas de ensinar a fazer rendinha ensinar a fazer meia ensinar a fazer tudo tínhamos trabalhos manuais todas as semanas a gente saía dali para tudo os rapazes trabalhavam com uma nabalhinha faziam tanto brinquedinho pra termos a escola toda tão bonita era tudo aquilo agora nada só se brinca só se brinca só se brinca naquela tampo os livros não tinham graburas praticamente mas aquilo que a gente estudava sabia havia sempre lições adequadas para tudo lembra-me desta assim num sorriso num olhar numa palavra um caminho há sempre esmolas a dar aos pobres pelo caminho e quando a sorte os bafeja consola miséria e dor tem sempre esmola de amor por pequenina que seja portanto eu também compreendo às vezes vale mais um sorriso um gesto do que uma esmola grande ainda o ano passado binha por aqui abaixo beio aqui quando foi da festa aqui moro aqui nesta casa aqui ao cimo a primeira casa aqui à direita beio para aqui uns poucos de músicos e coisos desceram por ali abaixo vieram aqui almoçar eu ia-lhe dar os bons dias tudo passou ninguém nem virou tão pouco eu também disse ao mestre da música que vinha atrás boa tarde bom dia minha senhora não a cumprimentaram mas sabe uma pessoa que não se beija ninguém ó meu deus isto nós estamos muito mal há eram as dificuldades mas também nos ensinavam a ser mais conscientes das necessidades dos outros eu lambra-me sempre de chegar a casa tantas vezes vinha da escola e a minha mãe já tinha ali uma cesta cheia de batatas um panelinho de azeite dentro tapado e dizia-me assim olha que eu ainda estou inda o almoço não está bem pronto olha vai levar além à casa da tia carlota porque eles não têm lá nada de comer vinha o dia olhe vinha o dia de entrudo nós matámos por exemplo dois porcos a minha mãe ia para ali para a salgadeira lebaba uma faca um presunto ou uma pá desfazia-a toda aos bocadinhos com mais um com mais um salpicão com mais um bocado disto para se distribuir porque vinha o carnaval e eis não tinham e agora não ninguém tem nada para dar a ninguém eu cá sou eu estou bem não é e nada é uma tristeza

## **CAM1F**

porque tinha cá amigos já conhecia muita gente aqui e o adjunto convidou-me e eu aceitei depende se houver incêndios se houver muito serviço na saúde depende um bocado do serviço tem sido muito calmo mas inda bem sim sim eu tenho feito mais saúde depende das pessoas do que é que uma pessoa gosta mais de fazer e que é que tá mais à vontade pra fazer é não é má mas podia ser melhor tem tem missa procissão e tem espectáculos à noite à tarde tem exposição de artigos regionais e produtos que vêm de fora também sim é mais à base de produtos agrícolas por isso é que é da maçã e do vinho é o que há mais maçã e vinho comer

come-se bem há bons restaurantes e há monumentos pra visitar castelo as antas a fonte das sereias tem várias monumentos sei assim pra explicar é que não sei muito bem mas antes era ansilanes ou assim qualquer coisa pois bem do castelo sei que é castelo de ansiães mas assim não sei muito também não há se calhar podia haver mais informação em relação a isso pois mas isso não há eu se calhar não sou a pessoa mais certa pra lha contar não sei assim ao certo não sei muito bem mas era uma sereia não sei tem lá as sereias e habia há uma lenda mas eu agora não sei explicar não sei se calhar um parque de campismo melhorar a zona da piscina a zona envolvente da piscina sim com a água porque por causa do tempo tava húmido depois vinham uns dias de sol e a água não fazia não reagia aos produtos que eles tinham uma como é que hei-de explicar tinham uma reacção contrária do que era pretendido por causa do tempo foi isso que explicaram sim mais espectáculos se calhar masi não sei isso com os elementos da câmara eles é que acho que estão lá eles é que debiam saber fazer pra desenbolber mais a bila mais emprego mais empresas assim às bezes bou jogar bola com com um grupo de amigos aqui dos bombeiros ou fora dos bombeiros à piscina encontramos-nos nos bombeiros é mais ou menos isso sim o friado é o friado que é a santa águeda a santa águeda é a padroeira é a festa mas não é da santa águeda é a feira é só o dia o friado dia trinta e um sim porque tem os padroeiros das aldeias deviam vir todos não é mas normalmente não vêm todos as pessoas das aldeias acompanham os andores e vêm à procissão da vila é feito a santa águeda é a última o último andar a sair a sair do recinto da feira sou não sou mesmo de carrazeda não mas também não assim coisas engraçadas acontecem o nosso dia-a-dia brincadeiras e assim mas a nibel de serbiço não

### **CAM1P**

bou ao dentista até à quarta classe quer dizer naquele momento não depois arrependi-me não é um bocado chato gosto trolha não é que não é que eu goste mas também daqui também não também dá pra grandes possibilidades pra outras coisas bai-se andando é um dia normal como os outros tudo um pouco nas obras assenta-se tijolo tanta coisa reboca-se jasus muita coisa ai o fim-de-semana o fim-de-semana é fados e guitarradas o resto é conversa não páro cá pouco tempo festa aqui aqui não há festa aqui na penafria não há festa não num sei eu nunca cá bi festa nenhuma há sei lá como é que eu hei-de explicar a festa da carrazeda à precisão lá não vou não posso dizer como é que é começa dia trinta e um e acaba dia três o resto eu só bou à noite o que se passa em todo o lado copos e guitarradas e acabou tem lá barrada com muita coisa ui muita coisa mesmo desde salpições a a sei lá o quê a libros e por aí fora há muita coisa lá agora do resto eu não ligo muito àquilo só gosto de ir mesmo é à noite do resto é normalmente é a festa da maçã e do binho só que maçãs lá pouco se bende tem lá pois também uma dorna donde é que eles andam a pisar o binho e assim a dorna aqui não sei se é dorna se tem o nome disso lá baixo era dorna aqui não sei e andam lá sempre dois três gajos sempre ali até que acaba a festa acaba a festa botam aquilo fora penso eu que botam aquilo fora andam a esmagar o binho e depois devem deitar fora atão que aquilo as ubas ainda não estão maduras penso eu agora se o aproveitam ou não não sei aqui este ano é batatas este ano não há hipótese é só batatas de resto sim muita maçã mas mais ali na zona prà fontelonga pois prà zona de carrazeda aqui na penafria há pouca há uns pomarzitos mas pequenos este ano batatas de resto e isto está a grabar é aqui em minha casa isso pra cebolas são uns ases é como na farmácia não sei é complicado é complicado porque até podia mudar só que nunca ia em bias de tirar o que estou a tirar e isso depois também não me chaldaba muito andar a trabalhar pra aquecer balia mais estar a dormir ou a guardar obelhas uma delas não não isso não prefiro andar onde é que ando não aqui só há um na fontelonga há dois tá-se tudo a desafazer das obelhas só um é que anda pois dá nisto ai há há só aqui na penafria há prá ali um que tem pra aí umas trinta pois aqui na redondeza é uma duas há por aí pessoal que tem uma duas três e a partir daí não aquilo é tudo para criar bitelos pra bender pra carne de resto

### **CAM2C**

isso bai què à rádio ou à tlevisão estou sim este curso vim tirá-lo porque obrigam-nos a ter portanto lá o diploma de transportador portanto é a gente é obrigada a tê-lo e então tibemos que ir fazer o curso não não eu

sou criador de gado tenho bacas e bitelos e portanto pois às vezes quando é preciso loabar ao matadouro a gente tem que transportar portanto tenho que transportar em nossos carros ou portanto noutros também não é mas tem que se ter o curso não é que é agora é obrigatório portanto tem que se fazer exactamente agricultor desde que nasci infelizmente num como é que hei-de dizer não arranjei outro outra actividade melhor nascemos na agricultura e continuamos olhe é assim cada vez é pior acho que em tendência a agricultura nós os pequenos a desistir tamos que desistir porque não se consegue aguentar tanto da maneira que isto está tudo a encarecer desde as rações desde dos alimentos pròs animais e pra tudo depois a carne temos que a dar quase tem que se dar como é que hei-de dizer num nos garantem o escoamento dos produtos nem nada tem que se vender barato mesmo não por acaso não num fui tropa não me quiseram lá não sei se eu já era homem e eles já não me quiseram não não fui tropa exactamente librei-me do ultramar e de ir à tropa mudaram mudaram bastante como é que hei-de dizer pra algumas pra bem outras pra mal pra mal pra mal mudou portanto desde o respeito que habia antigamente habia mais respeito e agora não há respeito roubos principalmente desordem é aquilo que há mais portanto isso é que mudou muito bastante pra mal é ainda é uma aqui carrazeda ainda é uma zona calma mas também já tem de tudo também já tem de tudo já por aqui também já assaltam já roubam já fazem trinta por uma linha droga antão isso nem se fala nem se discute é o que tem mais é é o que tem mais sim tem bastantes festas tem e bastante mobimanto e nos cafés já não tem aquele mobimanto que tinha porque o dinheiro agora está caro como se costuma dizer está tudo caro portanto desde o café à cerveja a tudo não é tudo encareceu e os ordenados continuam baixos pequenos não é por isso é que já não há tanto movimanto como havia não há aqui malandros há sempre muitos por isso é que há sempre muita gente há sempre ainda há

## **CAM20**

há oito anos há dias que temos muito trabalho conforme não é há muitas vezes há emergências outras vezes não há mas há sempre serviço prò transporte de doentes não é este ano foi mais calminho não houve incêndios já foi muito bom mas é um dia normal passa-se bem na altura não na altura não havia outro recurso tirei o curso de técnico de turismo e na altura não tinha emprego surgiu este e uma pessoa bai-se afeiçoando depois tirei o curso mas pode ser que apareça outra coisa sim a festa a festa é uma feira é mais pra venda de produtos regionais penso eu porque em termos religiosos é só memo o dia de ontem domingo não é da padroeira mas até já nem fazem muito até já nem ligam muito a isso é uma procissão bonita mas mas é mais é feira que outra coisa a feira vende-se produtos regionais tem as tasquinhas é típico cá da região são essas festas que toda a gente conhece comem-se lá umas comidas muito boas não sei se já conheceu não e prontos e é dentro dessa base não é isso é que é um bocadinho monótono não pra mim não porque eu prontos eu pra além deste emprego tenho um bar e dá pra conciliar as duas coisas bou passando a minha vida no bar e aqui o bar também tenho um bar com uma vida nocturna boa e é aqui em carrazeda pouco mais se pode fazer sim sim sim visitas aqui temos o castelo temos a senhora da ribeira que é muito bonito temos as antas sei lá temos o são lourenço que é um é pena não estar explorado que é uma das coisas mais bonitas que temos cá na no concelho temos muita coisa agora também não me ocorre mas temos muito em termos turísticos acho que habia de estar mais aproveitada a carrazeda não está infelizmente não está na minha opinião podiam ser feitos sei lá criar umas infra-estruturas parque de campismo praias fluviais apostar mais um bocadinho no turismo de habitação pra que viessem até cá e depois também é os acessos agora já estão a melhorar um bocadinho mas entigamente ninguém cá binha e agora vêm mas é só de passagem havia de ter uma estrada prontos uma estrada que fosse dar a bragança mas prontos parassem mais por aqui os turistas do que param também também também também era muito diferente mas agora agora os turistas passam raramente param aqui em carrazeda é muito raro também é não estamos a fazer com que isso aconteça não é havia de haviam de criar mais infra-estruturas não criam os jobens também se bão embora ou bão prò ou emigram ou saem daqui mal acabam o décimo segundo e depois isso também quebra um bocadinho o ritmo à nossa terra muitos muitos muitos há muita gente emigrada aqui e é por isso é bom é agora nesta altura do verão que vem toda a gente ver as famílias mas depois no inverno isto é mesmo um deserto medieval mas num eu na minha

opinião e acho que não é uma grande aposta não porque as pessoas não aderem e ainda aqui há dias a câmara tebe a iniciatiba de trazer um grupo de jazz e foi o que se biu as pessoas num estão habituadas num estão habituadas tão pouco a essa a essas coisas num é são mais populares se fores por exemplo hoje está o quim barreiros ali na feira as pessoas são mais populares bão mais dentro desse estilo musical agora o jazz música medieval nem toda a gente aprecia isso e nós temos que puxar aquilo que as pessoas gostam não não temos os zíngaros que é um grupo já com muita tradição já de muitos anos e também lá vão aguentando não sei se a câmara os apoia se não apoia mas já estão a ficar melhor mas antigamente eram um grupo que até prá alemanha ia prontos eram os cabeçudos de carrazeda como se costuma dizer e agora não agora já não tem tantas saídas vão dando por aqui na vila mas pra outras terras já nem vão também lá está os jobens naquele tempo aderiam mais prontos agora os jobens num ligam muito habiam de pegar naquilo mas ninguém consegue pegar é uma tradição nossa as gaitas de fole os bombos os cabeçudos prontos eram os únicos se calhar até no país na altura e eu tenho o meu avô que era mestre tenho infelizmente já faleceu que era mestre mesmo lá desse grupo dos zíngaros dos zés pereiras na altura e agora é é pena eu tenha pena em ver morrer isso porque era uma tradição muito bonita mas acho que há aí dois ou três jobens que estão interessados em levantar isso vamos lá ver

### **CAM3H**

sim cinquenta e oito anos de idade ó sei algumas umas poucas sabe que eu tenho andado por lado por dibersas terras daqui da nossa freguesia a fazer uma cobrança prá santa eufémia tenho tenho já faço isto há vinte anos é uma associação que já tem mais de quatrocentos anos desde que a santa eufémia aqui nesta população existe e atão bamos dois pra além do rio e vão outros dois aqui prò lado da bilariça andamos de porta em porta há senhores que se fazem querem o donatibo e nós bamo-jios lá buscar e outros que andamos nós de porta me porta dão sim toda a gente colabora por acaso são umas pessoas espectaculares por lá num tenho rezão de queixa o dinheiro é pra ajudar aqui a nossa festa e pra missas como pra defuntos pra irmãos que falecem porque aqui às onze horas no dia dezasseis de setembro há uma missa que é o ofício pelos irmãos da falecidos desta associação é o dia principal da o dia principal da santa eufémia é uma festa já foi maior já foi maior porque aqui habia uma tradição segundo dizem os antigos que e eu ainda bi algumas bezes que eu sou ali natural de coleja já bi aqui aos trinta e quarenta porcos e mais pandurados é a marrã é uma festa que é muito muito muito tradicional agora têm medo por causa do castrol e dos diabetes no dia quinze à noite assim no cimo do pobo parece uma precisão à noite só se bê as candeias são brancas quase todas as casas não é porque há aqui habia aqui dois senhores que é que matabam aos vinte e trinta porcos cada um pra se vender nesse dia e vendiam e mais que biessem porque vem muita gente agora todo o mundo tem o seu carrinho põem-se a andar mais cedo depois do fogo de artifício da meia noite bai bai todo o mundo embora ui ai se duraba ai se duraba eu quando tinha quinze anos vim cá uma vez com a mocidade da minha terra a pé vínhamos a pé vínhamos a pé demora-se bem hora e meia de lá aqui íamos outra bez a pé a cantar e a dançar conforme calhaba conforme olhe inda cá bim pelo menos três ou quatro anos marrã é uma tradição que nós aqui chamamos não sei isso não sei a tradição da santa eufémia e dessa associação dessa irmandade eu ando por lá no campo trabalho na firma na firma na firma dos vinhos da semi cockburns já lá trabalho há quinze anos na quinta dos canários já pelo menos umas cinco ou seis pessoas andamos lá andamos lá chegamos lá a andar às trinta pessoas diárias e há há lá trabalho todo o ano praticamente todo o ano agora vai ser a poda para o mês que vem esse vamos lá andar pelo menos para aí quinze ou dezasseis homens a podar para aí três meses para aí três meses que a quinta não é muito grande a vinha a vinha é muita os meus terrenos são poucos olhe cultivo batatas e vinho e azeite para é só é só para casa é só para consumo próprio que eu não tenho terrenos que dêem isso tomo conta doutros terrenos de doutros senhores estão no estrangeiro e eu tomo conta deles porque alguém há-de fazer o serviço senão ficam a monte ui há muitos há muitos tá bem agora no campo agora só querem campos mas é de caneta ui é como eu tenho três filhos estão lá todos estão na escócia ainda cá esteve agora no natal esteve no natal e esteve agora cá no mês

de agosto até trouxe o carro da escócia para cá graças a deus estão bem estou contente posso dar graças a deus parece que a vida deles por lá corre bem olhe o que eu lhe posso contar é uma história uma história de telemóvel sabe que havia um casal quer dizer uma anedota quer dizer havia um casal tinha um cãozito pequenino o marido era desconfiava da mulher o que é que ele faz compra um telemóvel ao cão e ensina o cão a trabalhar com o telemóvel o marido vai para o emprego e chega ao emprego e telefona para o cão e diz prò cão tá e começou o cão olha está alguém olha e há muito tempo olha e que estão a fazer

### **CAM3M**

pronto então esse senhor padre de quem eu era o sacristão pediu-me que ele havia aqui uma coporação e há uma coporação de bombeiros e então essa coporação de bombeiros precisavam de um presidente pediram ao senhor padre chamado José Bernardo para ele ir para lá para presidente da direcção quando ele lá foi a coporação estava praticamente desfeita havia lá só só estava inscrito o comandante e um bombeiro de resto os outros que lá havia rapazes que lá havia era tudo clandestino e então o senhor padre um dia disse-me ó senhor Mário você podia ir também para os bombeiros e eu não tinha vontade nenhuma de ir porque aquilo lá não dava resultado nenhum e depois para lhe fazer a vontade e para não desfazer o que ele pediu lá fui lá fui então eu e juntamos na altura antramos antramos para lá dezassete homens muito assim assim de tipos encorpados como eu éramos uma rapaziada apumada lá fui então pròs bombeiros começámos a veio então um instrutor de vila real dar-nos a instrução entretanto eu comecei a ver que me faltava uma instrução sempre tive esta ideia de o saber não ocupa lugar e é certo e de maneira que o que é que eu fiz disse à direcção para trazerem para irem ao porto aos sapadores de bombeiros pra trazer de lá um livro de instruções e eles compraram lá um livro de instruções e esse livro serviu-me depois para eu aprender aquilo que eu aprendia aquilo que sabiam todos os bombeiros que era preciso aprender subir escadas montar escadas desmontar e subir e descer e proteger-se de como devia fazer-se como devia proceder um bombeiro de maneira que andei lá catorze anos catorze anos como bombeiro ao cabo de catorze anos o presidente da direcção era o senhor engenheiro que é daqui mas está a viver no porto esse senhor disse-me um dia bem aqui estamos sem comandante de bombeiros o comandante que tínhamos também saiu ainda é vivo mas saiu e diz aqui a única solução quem vai tomar conta da posição dos bombeiros é do comando é o senhor Mário e eu disse não nem pensar eu não tenho capacidades para isso gosto muito dos bombeiros hoje já sou e sou ainda hoje sou dos bombeiros tanto assim que lá continuo já não como comandante no activo mas estou como comandante no quadro honorário porque o inspector não me deu a demissão eu pedi a demissão e ele disse-me que não podia com porque eu já tinha trinta e um anos pois que estive lá mais catorze anos depois como bombeiros como comandante e ele disse-me que não podia dar-me a demissão pode dar-me a exoneração porque tinha trinta e um ano de bombeiro e então ficava no quadro honorário e eu assim fiquei ora lá está coitada tem pouco pessoal o comandante é bom rapaz é professor e ele era meu bombeiro o comandante é um tipo que é sabido de bombeiros de subir de montar escadas ou desmontar ele aprenderam mas isso já não fazem nada disso mas como para fazer escrita e para movimentar as coisas no quartel é capaz é um professor basta tem letras eu só tinha a quarta classe e de maneira que olhe lá estive mas aprendi eu fui bom comandante cá na minha ideia fui um bom comandante

### **CAM4A**

não foi só dar uma pequena ideia que eu também até nem debia ter dito nada né porque estava esta senhora a falar nem debia ter dito nada mas foi assim uma pequena ideia de do que era na altura mais ou menos não é assim bem porque a minha idade não dá pra isso mais ou menos mais ou menos assim naquela altura sei lá olhe minha senhora eu se quer que lhe diga a vida de entigamente era muito trabalhosa mas era mais alegre que agora a gente vinha do trabalho parte das vezes conforme os trabalhos eram a cantar andavam no trabalho em certos trabalhos a cantar agora agora é o que se bê sim fiz a quarta classe eu e éramos cinco rapazes do mais velho não me lembro porque ele embarcou prò rio de janeiro antes de eu nascer eu era o

último ou fui o último éramos sete irmãos cinco rapazes e duas raparigas só as raparigas é que não fizeram a quarta classe os rapazes fizeram todos a quarta classe o meu pai queria que todos fossem à escola ui ui ui aquela prossora que eu tibe conhecida aqui não há ninguém de lá que conhecesse era ela era dona ana de sousa machado mas só era a gente senhora dona ana já lá bem senhora dona ana já lá bem senhora dona ana era a prossora aquilo cuidado com a disciplina cuidado com o modo de ensinar pra ela ensinar o aluno tinha de lebar na cara ou nas mãos ou por onde calhasse três ou quatro bezes por exemplo nos problemas não é só depois se visse que ele não tinha saída então é que podia dar assim uma explicaçãozinha qualquer sobre a matéria pronto faziam-se problemas muito difficile muito muito mesmo muito mesmo tchegaram a haver problemas que nem elas o sabiam resolber as senhoras prossoras muito difficile mesmo desses problemas já olhe mesmo já usabam-se os verbos usabam-se os complexos fazer aqueles complexos as mé que era aquilo pra mim na altura era como quem estava a fazer música um quarto mais três quintos mais aquilo mais este aquele mais aquele é igual àquele era como quem estava ali a eu gostaba sim gostaba mas agora já não sei nada nunca mais sei pronto e já agora o que sei nada já pouco mais é mas naquela altura sabia sabia umas cozinhas não minha senhora nada da minha aldeia não saí enchi-me de trabalhar pra biber sem bergonha de ninguém trabalhei na agricultura mas nunca saí prò estrangeiro também tibe a pouca sorte de logo na quando estava casado há dois anos também tibe um problema na bista um corpo estranho na bista e depois eu ir pra ir prò mais eu bem tinha ido como foram alguns da minha aldeia tinha ido pra ber se melhoraba a bida mas andar assim fugido salta aqui desce ali foge além metem-lhe medo de além como os ladrões eu pra isso não tinha jeito não quis ficar por aqui trabalhei muito muito mesmo muito pra mim pròs outros mas nunca saí da aldeia olhe que a minha prossora conhece pra ali beira grande seixo de ansiães bibia em seixo de ansiães e ia a pé prà beira grande todos os dias desde as nove horas até ao pôr do sol fosse de verão fosse de inverno de inverno binha já ao escurecer pra casa é berdade vínhamos até ao meio do caminho às vezes acompanhaba-me mas aquele aluno era assim não marcaba problemas pra se lebarem feitos de casa quatro problemas pronto ia ao caderno olha fazia uma cruzinha fazeis este aquele e o outro e depois lá também se faziam problemas na escola iam-se mostrar iam-se pôr as loisas na secretária dela quando a gente bisse que ela estava a gente tinha aquilo tão bem numerado assim cá na cabeça ora a minha tem duas por cima tens três por baixo diz que era pra ber se ela ao ler já está o diabo em casa aquilo era mesmo assim comer eu era dos mais estúpidos não era dos mais estúpidos mas também lá fiquei com o rabinho sentado os outros birem almoçar e eu ficar ali ao lado no chão a tentar fazer os problemas errados e não era dos mais estúpidos ainda as lobei fui-as dar com jeitinho aos outros que mandaba ainda as lobei ai é assim que se dá uma palmada então deixa cá ber a mão toma lá que é pra aprenderes e eu sabia mais ou manos bem deve ser assim e ela disse-me pois atão veio-me dizer que estava bem olha já ficam pra de outra bez tá bem obrigado mas se fosse a contar tinha muitas passagens mas não bale a pana estar a passar mais tempo

#### **CAM4J**

sabe adonde está a defesa é a senhora dizermos mais ou manos o que quer e nós depois correspondermos toda a gente e principalmente senhoras tem guardo todo o meu respeito agora bamos-lhe fazer as contas só são os oitenta e seis oitenta e sete está nesse quadro deus lá tem deus lá tem olhado por quem também olhei por muita gente desde o minho até figueira de castelo rodrigo lebei tudo a eito dali pra baixo também também vila noba de foz cõa na posição de trabalho e em lisboa atão fiz também contacto com essa senhora já despedida dos médicos e depois foi bá lá souberam que eu andaba a trabalhar em na alcobaça e como andaba a trabalhar em alcobaça houve uma particularidade de também terem um engenheiro foi o quem fez uns correios principais foi quem fez e que fez isso na inglaterra e então quando beio uma filha não se mantinha de pé e já estava concluída com os exames que tinha de prossora e então ele quando beio soube que eu andaba lá por uma senhora lá que ele conhecia e era quem o marido era quem alimentaba os soldados nos quarteis e então birou-se para lá e lá a senhora diz ele queria lá mandar alguém e diz-lhe a senhora donde eu estava não num precisa disso olhe que isto assim assim e o meu marido é quem fornece aí os quarteis de

tal tal tal e temos grande gosto em no serbir prontos lá bou eu passado três horas se tanto de lá estar deitadinha na cama passado essas três horas ela diz-me ela assim olhe senhor pinto eu agora como é que habemos de fazer a menina põe-se já a pé mas é preciso cuidado temos de ter em atenção isto e diz bem mas sabe nós temos o corpo humano tem necessidades sim senhor mas mande bir a mãe chama-se a sua mãezinha que ela coitada estava com o oubido à escuta lá atrás da porta e diz então ò minha filha bou aí preparei-a diz ajude-nos senhor pinto ajude-nos que isto do corpo humano não sabemos como é que é todos nós o temos e tal pronto ela fez as necessidadezinhas dela e tal e agora calma a senhora bolta outra bez pra lá e eu bou trabalhar acabar de pôr isto em ordem porque com o bai e bem de lebantar e tudo podia ofender pronto eu trato a menina o pai daí por um pouco naturalmente até estaria à espera de saber notícias chega láõfulana olha como é que bai isso como é que bai isso e tal como é que bai isso olha pai olha já bai pra todos os lados bô mas atão começou a andar pelo compartimento fazia uma sala mais um vão mais comprido que era uma sala uma salita bá tinha espaço e tal diz olha já estou assim não mas a senhora está assim mas agora calma agora bai pr'ali para descansarmos o resto a senhora eu não toco mais na senhora mas a cura está toda na senhora não sou eu agora as coisas estão em ordem portanto agora beja lá não as deixe ficar lá tá bém então senhor pinto diz agora por daqui a uma hora ou hora e meia come alguma coisa mas aí é preciso saber-se lebantar lebanta-se assim e assim tem que ber olhe ò pai nós não temos aí um quarto bazio diz ele temos atão o senhor pinto fica cá mande as pessoas embora ò outro dia de manhã pôs-se a pé diz-lhe o pai bô tu já andas aí ela coitadinha caia dos passeios abaixo já andas aí pois ando já ando aqui e então olha já estou já estou boa e prontos dali passou uns oito diazinhos e eu tratei de mais pessoas lá e então trato das pessoas e daí a oito diazinhos o pai chegou lá e diz-lhe olha tu não te lebantes ò minha filha tu não te lebantes não ò pai não se importa eu agora já sei o que estou a fazer e já bá descansado prò seu ele trabalhava também lá nessas coisas da do estado né lá naturalmente das coisas da do estado dos serbiços do estado e então ele era o major lá do circo e então diz-me ele eu cheguei lá e ao fundo das escadas e começo a chamar disse ò bati as palmas e tal ò senhora dona luisinha senhora dona luisinha que era a mãe dela senhora dona luisinha e ela e diz ela olhe o senhor está a chamar pela minha mãe a minha mãe como sabe é a chefe da cozinha ela num dá a cozinha a ninguém e atão não sabe com quem está a falar sou eu a luisinha a dona luisinha sou eu num se admire já mais se têm enganado pode subir à bontade pode subir que o meu pai está ali à sua espera ele estava à espera que o senhor aparecesse por aí e tal pronto aquilo e depois noutra altura estava eu na figueira da foz e lá pediram-me também para ir à aí é que eu fiquei zangado com ela com o serviço porque fui prà figueira da foz e no fim começaram a desfolhar a fita e em mim quando toquei quando se tocou no nome dela agarraram lá os funcionários da tebé os funcionários da tebé fizeram-no fabor de torpedear tudo e já num eu bi que estava cortado e disse muito obrigado e disse bou-me embora afinal não me deixaram bir embora deram-me uma camisa de uma senhora que lá estava no hotel lá na sala de onde estabamos a trabalhar e enfim e daí inda lá não pude chegar tenho lá um filho casado que está no ministério da justiça é e esse é engenheiro electrotécnico e então já lhe tenho dito ò meu filho ò pai mas olhe que o meu serviço é este e eu nem sempre estou e eu bem agora bamos lá ber se bem ele também bem por aí morreu-nos a patroa a mãe a mãe deles e agora temos que começar a acertar contas fui à espanha tratei não à frança tratei logo uns dezassete dezassete pessoas estibe lá uma semana bem não eu agora na espanha aí no norte de portugal também e aí também tenho muita gente que se chegar braços abertos ao pinto e no porto e em lisboa graças a deus aonde bati à porte e donde binhamos bater à porta não estabam fora de regra e de condições ainda hoje com a graça divina ainda hoje coisas que tenham assim de súbito a medicina nega-as e pra mim serbem serbem e abertas isso é

#### **CNF4I**

nasci aqui no pombal mas fui criada lá porque estavam lá os meus pais de caseiros e os caseiros eram aqui do pombal eram os meus padrinhos então pois depois casei-me fui para luzelos casei lá viuvei lá e depois agora estou aqui eram quatro horas de caminho com um almude à cabeça ao tua era só pró tua e tchegaba-



me bem porque não havia quem o comprasse em lado nem um havia sempre compradores para mais de quantas até iamos lá três ou quatro um almude vinte e cinco litros cinquenta litros que vinte e cinco é o almude isso era para tomarem não era para queijos o leite de cabra não dá nenhum o leite de cabra para queijos não presta não eram os meus irmãos e pacotes que lá tínhamos e assim eram os meus irmãos eu mas eu também o tirava se fosse preciso então não o tirava porquê eram quatro horas de caminho eram duas quatro para baixo e quatro para cima porque o caminho que ia ao para baixo era por donde vinha pra cima ia até ao castanheiro e depois metia-se por ali por uma regata acima de monte prà borrhaceira botava-o pelo doiro abaixo era luxo demais boa nem nem me chegaba no tua havia muita gente naquele tempo havia além a gente do tua é muito pestinheira e eu tinha um quartilhos de lata e meio quartilho quando tchuviscaba chegaba lá com ferruge e depois tudo cuspia e eu bendia o leite ao chefe da estação que era o chefe paixão e ele disse-me assim amanhã vou para o porto e eu disse-lhe assim então se vai para o porto vai-me fazer um favor vai-me trazer um quartilho e um meio quartilho de alumínio que aqui ainda não havia aluminios custe o que custar e ele disse descanse que eu trago-lho e ele trouxe-me o quartilho custou-me cento e oitenta e cinco escudos pois então eram só escudos e se nunca tivessem desaparecido era bem melhor e trouxe-me meio quartilho por sessenta e cinco escudos inda os lá tenho nunca enferrujavam quando tenho algum troco é donde o boto é no quartilho está lá no armário boto para lá

#### **CNF4M**

sou sou da labandeira bim para aqui para a fontelonga agora a minha terra é fontelonga não tenho cá ninguém só cá estou eu tenho oitenta e um faço oitenta e um pra dia dezasseis de Abril olhe trabalhei muito cozia pão agarraba-me à enxada plantaba a hortinha e mondaba e olhaba por ela muitas das bezes era forneira e bendia pra arranjar pão pra dar aos meus filhos pròs criar cozia estava no forno não era para mim era sim era para mim e para a dona cozia quatro fornadas e lebaba um pão e a dona lebaba outro pão era a paga era sim e depois lá continuei mas depois inda ia cozendo uma saquinha de trigo de beze em quando pra ajeitar a minha bida prà ajeitar dinheiro pra mim e pra os filhos arranjar a comida para comermos diferente era sim criei os meus filhos sabe deus como só eu e o pai o pai agarraba na saca ia para a ribeira com um pão na saca até sábado segunda-feira até sábado tornaba a casa depois binha no sábado à noite umas bezes estava em casa outras bezes estava no forno mas lá binha tibe sete tenho seis bibos uma morreu-me uma menina era sim e ninguém nunca me deu nada eu bia da escola e tudo mas ninguém me daba nada a mim ninguém me deu nada pròs meus filhos nem pra comer nem pra dinheiro nem nada nunca me deram nada nada nada nem reformas nem nada pròs filhos tinha nunca tibe nada lá lá consegui criar os meus filhinhos ao pé de mim iam para a escola fizeram a comunhão todos graças a nosso senhor o pai andaba na ribeira e eu estava entregue ao forno criaba-os iam para a escola fizeram todos a quarta classe só não fez um porque começaram a chalacear com ele e depois eu cuidei que estava na escola andaba fugido mas ele depois agora já se arrependeu mas todos fizeram a quarta classe e o pai andaba na ribeira e eu e eu agarrada ao forno e arranjar pãozinho e a comida pra comermos não é e o pai a ganhar dinheirinho na ribeira ia na segunda ia na segunda só binha no sábado à noite e eu lá induquei os meus filhos foram à comunhão todos fizeram a comunhão duas bezes que andavam na escola depois tudo fazia a comunhão todos queriam ir ide lá então ide lá o senhor padre também dizia deixe-os ir lá foram graças a nosso senhor até ao dia de hoje o que é meu amigo ele morreu e eu fiquei olhe os filhos estão a governar a bida lá por fora não é estão sim coitadinhos mal que lá agora a bida ainda está pior de que aqui o dinheiro é igual não é quando era antes que era o câmbio coisaba aqui o câmbio agora não dá é igual ao nosso e trabalham manos que aqui trabalham mais mas ganham menos eu sei que é outra bida mas mais ganham mais aqui de que lá mas paciência e assim acabamos a bida

#### **CNM4M**

tenho oitenta e quatro faço oitenta e cinco dia oito de janeiro não eu sou do concelho sou natural de labandeira e resido ali nas celores nas celores é que eu faço não tenho propriedades tenho lá tudo nas celores agora

tenho aqui tudo agora lá nas celos nas celos tenho família à escola num sei nada nunca andei a guardar obelhas em bez de me mandarem à escola o tempo o tempo meu sei-o andaba a guardar obelhas andaba só com obelhas e cabras era difficile inda fui caseiro lá dum casal com bois e tudo tudo trabalho todo trabalho comigo passei muito trabalho há sim o castelo de ansiães o castelo de ansiães pois mataram lá uma menina inda foi criada no mesmo patrão que eu tinha agora o castelo já estibe lá no cima do castelo bia tudo branquinho uma nebada tudo branco num habia nada escuro era tudo branquinho com uma nebada agora o castelo já lá foi o senhor que era o superior houve lá uma missa campal não num era o álbaro cunhal foi lá estebe lá tá bem estebe lá até estava lá duas meninas estavam a dizer estavam a dizer que o castelo é da labandeira e ele disse pra elas não meninas é o castelo de ansiães ali não é castelo da labandeira é o castelo de ansiães elas tiberam que se calar e dizer que era o castelo de ansiães há sim a festa da labandeira tantos anos já a festa da labandeira é uma festa de nomeação de nomeação bela festa tem o arraial e tem são três dias de festa ali na santa eufémia são três dias a festa da igreja da labandeira quando é num apareceram cobas está lá à vista na cantaria formadas eu fui-me lá deitar num me ergo de lá sem me tirar bô o castigo naquela campa deitando-se lá uma pessoa sem o tirar não sai de lá tem o feitio da cabeça e tudo ó minha senhora não ficaba lá bibo ali a gritar por quem por quem é que eu gritaba lá ou ou lá dentro do castelo lá dentro está lá um poço foi lá um de marzagão deitou-se lá pra baixo e para sair de lá tiberam que lá o ir tirar se não o tirabam ainda lá estava agora tinham água naquele poço num cartabam água tinham noitro lugar água tinham lá muita água no castelo tinham lá muita água lá quase lá cima perto e lá dentro agora aquele poço foi não sei como é ainda tiraram lá artigos lá do fundo do poço um colete de bronze e tudo ainda tiraram de lá coisas daquele poço tinham lá escondido tinham pra lá caído ou de qualquera maneira num sei num sei explicar como é que foi sei dizer é isto o homem caiu pra lá o relógio e ele foi lá buscá-lo e pra sair de lá tiberam que o ir buscar foi de marzagão foi o antónio de luzelos ou de marzagão o antónio foi pra lá caiu o relógio foi pra lá com uma corda dos bois e depois ao sair o poço era tinha aquele longo metia-se entre nas mãos saiu mas tchegabam

#### **CNM4R**

eu fui sempre aqui criado bim com três anos trouxeram-me não bim com três anos do brasil e já cá estou até agora depois casei-me a minha mulher já morreu nunca mais voltei não conheci lá o que era se eu tinha conhecido lá o que era pode ser que tivesse soidades assim assim não tenho soidades de ir não sei e mesmo também não sabia para onde havia de entrar ou sair entendeu e depois mais tarde casei-me casei em misquel a minha mulher já morreu já faz ano e meio já tinha oitenta e dois anos também ela viemos ante viver pra aqui lá também tínhamos ela também tinha da parte dela mas a parte dela o pai ainda era vivo e à mãe não é só dabam se quisessem não é assim e nós aqui já tínhamos alguma coisa e depois já agenciamos muito porque trabalhei muito depois meti-me negociante de porcos corria as feiras todas a pé ia carrazeda, alijó, pesqueira, bilarinho, bila flor, corria-as todas à volta a pé ir e vir os porcos vinham comigo quando se podia vender comprar e vender vendia mas quando não podia trazia-os até à outra feira até à feira de carrazeda que a feira de carrazeda primeiro era de quinze em quinze e depois puseram-na era de mês a mês e depois puseram-na de dez em dez é assim ou não é vendia muitos muitos muitos muitos era só porcos só porcos quando não os vendia trazia-os pra casa e depois aturaba-os cá até vir a feira depois ia pra a feira tornava-os a vender e depois às vezes comprava ainda outros que tornava a vender era a minha vida era o único havia só aí oitro mas não tinha assim grande jeito não tinha grande jeito eu por acaso era o que fazia ber a todos e mesmo o seu o zé rubino também andava comigo e o abílio não conhecia o abílio de parambos não não não não sabe é já do meu tempo ele parece que já morreu esse abílio

#### **IAF1E**

sou morei sempre cá em mirandela nasci em angola mas morei sempre cá em mirandela bim para aqui com dois meses por isso já posso dizer que é de cá que sou de cá de mirandela é assim foi pena o tempo nos

primeiros dias ter chobido mas acho que no no resumo geral correu bem está a correr bem temos uma novidade que este ano é o sector do comércio que tem aqui as lojas cá de mirandela tanto calçado como de bestuário e também acessórios mais temos a parte de construção cibil que eu acho que está um pabilhão muito giro muito bem elaborado temos no pavilhão central que em o tem vários tem comércio também tem indústria e tem serviços e a parte de fora é a parte dos automóveis a parte agrícola e acho que está bem elaborado num sentido está bem nesta altura basicamente é a reginorde porque pois tem há sempre aquelas actividades que a câmara faz que faz os jardins floridos há os jardins nómadas pode estar está a ver ali que está aquele carro ali que foi elaborado que é um concurso que a câmara fez que é os jardins nómadas que e dos jardins floridos que toda a gente que tivesse um jardim ou uma varanda se fizesse um florido que tibesse as suas flores ganhava um prémio eu penso que o prémio era de participação ganhavam uma planta ganhavam um diploma penso que era que consistia em nisso e também em participar já o gosto de participar já valia isso mesmo pois claro mirandela tem a parte do seu comércio que é uma cidade bonita seus parques tem indústria é muito conhecida também pela alheira de mirandela que nesta altura já está um bocadinho quente quente mas mesmo assim as pessoas vêm de fora sempre gostam compram e levam sim nós temos a feira da alheira que é em março também é a associação que organiza na qual onde é que eu trabalho e que nós organizamos todos temos nossos produtores são seis neste momento são sete produtores de alheira certificada são os que participam pois claro como tem as nossas também tem o comércio tem as casas das alheiras já mais a parte na rua principal da nossa cidade que vende também o nosso produto é assim participar podem participar com a alheira certificada quem quiser também pode participar sim até dez mais o menos é assim também o tempo disponível que eu trabalho também estudo ando a estudar trabalho e estudo por isso tenho que ter alguma agora os livros também é leitura de entretenimento gosto muito gosto de um que dá na erre tê pê que é o dança comigo que dá aos sábados não é que hoje não posso ver que estou a trabalhar e gosto também das séries que dão e um filme também jornais olhe nós por caso lá na associação recebemos muitos os regionais e também arrecebemos o primeiro de janeiro o publico também lêmos esses que nos mandam e aproveitamos que estamos lá e aproveitamos e lêmos

## **IAF1N**

porque desde miúda que desenhava casas e acho que estou no curso certo gosto do que faço e quando for trabalhar vai ser um bocadinho diferente também não sei o que é que me vai aparecer pela frente mas espero que me saia como os outros mais ou menos não tenho todos os dias só um bocadinho mas dá para aprender alguma coisa estou a estagiar num gabinete na sá carneiro e estou a estagiar só aos sábados por isso é pouco tempo e na escola estamos agora a fazer o projecto foram-nos atribuídos os projectos uma vivenda a cada um vamos ter que fazer o projecto completo já não temos tempo não é porque os não não é tudo no papel cálculo e fazer tudo que tem que ter um projecto para entrar na câmara só que os professores também não estão a contribuir e já não vamos ter tempo para acabar o projecto não sei o que é que vai sair e os professores andam em guerras entre eles e depois nós é que levamos com tudo sim sim no fim vamos fazer uma apresentação todos apresentar o nosso projecto vão-nos fazer perguntas os professores e vamos ter que saber responder e depois é-nos atribuída a nota não foi onde arranjei porque nem toda a gente está disposta a dar estágios não são remunerados e é chato ter um estagiário a fazer perguntas todo o dia não é então nem toda a gente está disponível para nos aturar não aqui porque tenho aulas convém tar aqui não é porque o estágio no papel está escrito que temos que ir lá cinco horas por dia coisa que não acontece não é e então convém ser na cidade onde estamos a estudar mas depois trabalhar gostava de ir para a minha terra não sei de tudo bragança não tem nada a ver com mirandela mirandela é mais bonita tem mais jardins o clima é pior mas é muito calor mas é uma cidade bonita eu acho que é muito bonita sinceramente já nem me lembro desde que vim pra aqui mas com quem eu me dou acho que sim acho que são pessoas acessíveis simpáticas costume uma semana inteira a última semana de julho e é uma festa muito bonita e o fogo de artifício as marchas tudo muito bonito e pronto é uns dias que a cidade está sempre cheia cada dia há um artista diferente há sempre gente na rua

coisa que em bragança não se vê em mirandela as pessoas saem mais mesmo ao fim-de-semana é outra vida aqui é completamente diferente pois que é o que dá o ar à cidade se nos tirarem o rio pronto ficamos sem nada e pronto é uma cidade bonita

## **IAF2M**

sempre algumas em tudo em geral acho bem acho que estão a fazer o melhor que podem não é dentro do possível sim bastantes no dia principal tem músicas chama-lhe os gigantes fanfarras depois à tarde a procissão depois à noite é o arraial não é o fogo que é lindíssimo muitas coisas baile sim tem tem bastantes jet ski também sim sim mais baseado sobre os produtos da terra este ano as diversões as faturas as barracas da cerveja petiscos muita coisa pra ver não é tem mirandela há a cara de mirandela por trás da igreja foi aí eu nunca ouvi bem bem a lenda mas acho que é aí que começa mirandela agora já está outra era aí que começava mirandela dizem os antigos não é e realmente antigamente estava lá a cara agora não sei se estará a cara de mirandela estava lá a cara de mirandela e é muito bonito ali aquele está muito bonito essa parte também é a parte mais antiga de mirandela tudo acho que tudo acho que mirandela está uma terra muito bonita não é por ser a minha terra mas acho uma terra limpinha além de tudo muito limpa uns jardins lindíssimos acho pra mim em geral é tudo bonito vai fazer cinco anos em abril foi sempre o meu sonho trabalhar aqui só que eu nunca pensei que ia a ter hipótese de trabalhar aqui eu pensava muitas vezes que gostava de estar aqui o contacto com os idosos só que eu trabalhei eu tive dois filhos muito nobinha eles só se lebam um ano então só comecei a trabalhar a partir desde que eles foram prò ciclo e então quando comecei a trabalhar comecei a trabalhar com uma senhora trabalhava como modista tive dez anos mas não nunca descontei pra caixa descontos prontos pra nada tudo limpo ao fim do mês mas prontos acabou tebe muito mal depois a senhora disse que já não dava pràs duas pronto então eu tive que me mexer não é fui-me inscreber além ao fundo de desemprego só que eu pensava em foi sempre o meu sonho só que eu nunca me imaginei aqui pensava que nunca ia a ter essa essa sorte de bir pra aqui fui um dia chamaram-me e tive a sorte de bir pra aqui gosto muito de estar aqui adoro adoro os idosos adoro a minha chefe ajuda-me imenso acho que sim e vale a pena

## **IAF2T**

sim não funcionária depende do que esteja a fazer se estiver na central a receber chamadas e enviar ambulâncias se tiver no ineme a fazer o que temos que fazer no ineme há bastante movimento sempre sempre como é que eu lhe hei-de descrever mirandela é complicado mirandela mudou muito nestes anos nestes anos portanto nestes últimos anos mirandela parecia uma aldeia e agora está uma grande cidade e acho que para evoluir cada vez mais num é vamos lá ver descrevê-la está uma cidade bonita no verão no inverno é um bocado parada mas tem bastantes actividades e vai tendo ultimamente mais do que o que tinha a história como do nome o nome pelo que eu sei isto era portanto havia uns mouros que o príncipe se punha num castelo para ver uma princesa do outro lado e então dizia às empregadas que ia à mira dela portanto ao princípio não era mirandela era mira dela depois é que foi evoluindo até que ficou mirandela é sempre o que eu ouvi falar que era uma história de amor agora junto à câmara municipal mais ou menos naquela zona é uma escultura parece um rosto eu quase o comparo com o adamastor assim está lá na parede e dizem que é a cara de mirandela agora e é o centro de mirandela sim seria aí nessa zona porque está lá ainda está a casa foi reconstruída mas ficaram com essa com a imagem na mesma ficou lá a cara é mais tem as festas tem o jet ski fazem também as noites de verão no parque império pronto tem mais aos fins de semana às vezes vêm músicos há pelos bares também nas esplanadas de bares é diferente são noites diferentes é isso é da cidade as aldeias a origem se vamos pelas histórias que eu também ouço era antigamente os judeus não era nem as faziam com carnes de porco mas para as terem penduradas e também

não sei bem a história das alheiras sei que gosto como toda a gente gosta acho eu mais nada já já fiz toda a gente já fez ou na casa de amigos ou na nossa casa já não há poucas actividades de inverno é parado para toda a gente o natal a nós nós aqui não temos essas festas trabalhamos é turnos é horários é uma casa que tem de estar sempre a funcionar vinte e quatro horas portanto para nós essas festas já acabam mesmo por ser um bocadinho ao lado não já nem dá para fazer isso nem temos nós para ir para fora nem têm eles para vir para cá

### **IAF3A**

na aldeia até aos onze muitas diferenças como se está completamente diferente completamente num aspecto na beleza que ela tem no jardim a forma como tratam as ruas tudo limpo é uma cidade limpa só não concordo muito com a estrutura das casas que fazem à beira rio porque em vez de serem assim é o contrário são assim e para trás é que são assim isso não tem jeito quando se tem uma beleza à frente de uma casa que é um espelho que é o rio eu acho que devia ser feito em escala em escala como como se diz começar alto do outro lado e vir a diminuir a diminuir e todas as pessoas ficavam servidas e era uma paisagem bonita assim não os prédios nascem à beira do rio que é um espelho ao contrário nasce um prédio alto e os outros pra trás é que são assim acho que isto não condiz com nada o homem não não tem imaginação aqui pelo menos eu pelo menos acho que as pessoas não têm imaginação para criar a estrutura sobretudo à beira do rio quando há uma paisagem eterna é eterno isso não é pronto não nem tão pouco então extraíam de lá areia estava tudo cheio de poços e máquinas nada aquilo não era nada o rio era um aproveitamento de situações que iam lá directamente buscar a areia a olho nu e era nada não era nada o aspecto do rio era o aspecto que tem agora da ponte de açude para baixo agora está um espelho de água mesmo é o que se pode chamar a festa a festa é um espectáculo é em agosto na primeira semana de agosto não vinte e cinco de julho que vai até seis de agosto o dia principal é no primeiro fim-de-semana de agosto em que a tradição dos bombos sexta-feira à noite e depois sexta-feira para sábado é toda a noite é uma coisa lindíssima é pegar num bombo é pegar num bombo sei lá meia dúzia deles lembraram-se e daí que acharam tanta piada uma pessoa de ano a ano descarrega o stress eu fiquei eu fiquei super contente quando me apresentaram um bombo à frente também e digo-lhe a noite inteira batia com a esquerda com a direita eu acho que aquilo é impressionante é bom no entanto nos primeiros anos as pessoas não sabiam divertir-se e então arranjavam confusão mas mesmo muita confusão se ia algum carro passava na cidade porque ainda não havia o outro acesso do outro lado por acaso enfrentava-se com essa triste situação então os senhores dos bombos super divertidos passavam por cima dos carros de tudo e depois começou a haver problemas não é acho que uma festa não é para haver problemas e para as pessoas se divertirem pronto mas agora a força de intervenção está sempre atenta e nada disso acontece porque as pessoas passam-se um bocado porque começam a beber começam a confundir a alegria com a confusão e daí que disparam mas este ano não presenciei nada de anormal foi super divertido depois a festa no dia seguinte nessa noite há também a marcha luminosa a marcha luminosa começa antes dos bombos onze e meia meia noite que se prolonga até à meia noite e meia uma hora a marcha luminosa é composta de carros alegóricos e de e de sambas e de sambas e de como se chama este ano houve uma um desfile de carros como é que chamam não não aqueles carros com as músicas com a discoteca ambulante os tunings houve houve uns poucos assim pronto e depois há aqueles palhaços que andam que andam vestidos que andam nas andas assim nuns paus muito altos muito giro gostei muito de ver e que mais pronto o samba pronto e termina pois passado um bocado as pessoas começam a sentar-se nos passeios a andar mesmo assim à vontade depois aparecem os bombos

### **IAF3C**

sim só tenho a quarta classe porque ainda andei até ao décimo segundo até ao décimo segundo até ao segundo mas não fiz portanto só conta até à quarta classe sim eu acho que sim ensinavam bem eu tibe a sorte de ter a dona céu torres como prossora não conhece tibe muita sorte nesse aspecto e ensinou-nos bem

era diferente também era cinquenta e tal anos atrás é muita diferença de agora não é mas gostei muito de andar lá não estou aqui há mais ou menos há um ano só gosto muito adoro estar aqui sim gosto tratar dos utentes dos idosos acho eu gosto muito sim coitadinhos também a gente oube também estamos cá também pra dar carinho um bocadinho de amor não mas é aqui às vezes eles também precisam é isso e tratar deles essencialmente isso sim muito muito muita diferença acho que temos esboado e bastante mas claro a juventude mesmo em crescimento não é cresceu muito é diferente muito diferente de antigamente era um meio muito mais pequeno toda a gente se conhecia agora já está diferente pra melhor claro evoluiu e bastante o que é muito bom pra nós os mirandenses não é acho eu de o meu ponto de vista não é sim sim são do binte e cinco ao primeiro domingo sempre de agosto são muito bonitas o nosso fogo é espectacular eu acho que sim que é uma romaria bastante bonita que é pena que a deixem perder penso que não que não deixarão não é olhe agora como já bejo bou muito pouco há o quê há a noite dos bombos que é espectacular pròs jobens e até pròs idosos que a gente também gosta há a noite da marcha depois o dia a seguir da marcha luminosa são carros alegóricos têm vários temas sobre umas vezes este ano até foi muito bonito foi muito interessante até pra crianças acho que estebe bonito e acho que está sempre bonito acho que mirandela pode fazer pouco mas o que faz é bom tem a reginorde mas da marcha luminosa foi bonita e pronto e é bonito eu acho que mirandela pode fazer pouco mas o pouco que faz é bom acho que somos um pobo gente do norte que recebemos bem sabemos receber muito bem estas aldeias atão inda eu acho que pra aqui prò norte é tudo bom há mas olhe se quer que lhe diga eu não a sei sei onde está a cara de mirandela pois eu já não lhe sei explicar mas sei que a cara de mirandela sabe onde é que é a igreja matriz sim sim mas pronto continua a ser a nossa igreja matriz num é tem ali e os correios num tem ali uma ruelazinha e então aí está a cara de mirandela aí há-de ver que tem lá num num prédio alto está lá e é a cara de mirandela chamamos-lhe nós que ali é a cara de mirandela porque antigamente aquele arco que há ali ao pé dos correios era a entrada das portas de mirandela nunca viu aquelas escadinhas sabe os correios não sabe quem vai prà padaria do arco antigamente acho que era a num se desce a ladeira segue-se em frente num tem ali umas escadas e um arco ali diziam os antigos que antigamente pra se passar pra mirandela no tempo dos reinados essas coisas assim que eu num sei muito bem que era ali que era as portas pra se entrar pra mirandela por isso mesmo é devia ser há assim uma lenda que por caso é muito bonita mas que eu não lha sei explicar

#### **IAF4N**

eu até escusaba bir aqui porque não ouço sabe eu gostaba muito de conbersar mas era quando tinha bôs ouvidos não sou de abidagos até sou de monfebres que é mais longe num sou de abidagos mas casei no concelho na freguesia de abidagos inda me lembro pra mim gostaba mais da bida antiga mas passou já tenho nobenta e três anos está tudo desaperebido prò meu feitio era agora é tudo estudado e eu nunca estudei só prò exame de quarta terceira e quarta mai nada chegou-me bem eu lembro entrei lá a fazer o primeiro o primeiro número até que fiz até à quarta era só naquela altura era só o que habia não habia exame nem um fiquemos assim trabalhava na agricultura ò menos eu e todos os meus bizinhos fiquemos assim agora biemos bater prà aqui estemos muito contentes com as meninas que nos tratam são muito amáveis uma chefe muito delicada só tenho bem a dizer em poucas palavras digo muito porque eu não ouço custa-me muito não oubir não oubir as palavras das pessoas amigas mas quê eu num tibe culpa que eu oubia bem graças a deus pronto temos aqui ao dispor dele muito diferente nem nada que se comparcesse como é que era a bida antiga era trabalhar na agricultura fazíamos o comer e íamos e labámos a roupa íamos prò campo trabalhar seichar e segar e fazer tudo era o campo toda a minha bida enquanto num me casei e depois de casada foi a mesma coisa continuei sempre mas não era pra ir a elas bô não tinha bagar festas faziam-se mas prà mim não pois cantámos a moda da segada cantámos estas coisas estas cantiguinhas da do daquela altura não é agora modificou tudo graças a deus que ainda estou biba mas já pouco bale a pena biber num habia festa na minha aldeia não habia mas eu não binha cá não tinha bagar agora andam todos nas festas e pois é todos os dias festas pronto agora quem tinha de dar aquele serbicinho feito num podia andar nas festas bô eu não não sei

nada sabia mas já me esqueceu uma história de quê num posso contar nada que nada sei esqueceu-me tudo sabia muita coisa lá bou inda lendo com muita dificuldade porque não beijo e num ouço beija lá que é que estou aqui a fazer eu né pronto tenho muito que agradecer a deus que inda me inda me me trouxe prá aqui estou ao menos estimada que são muito bôzinhas e à chefe é um amor pronto diga muito queria uns óculos bôs mas ninguém mos dá eu tenho os meus mas num beijo bem com eles eu o que leio leio tudo tudo o que me bier à mão pra mim é agradábele tudo todas estas coisas que me aparecem bêm-mas trazer de longe pra eu ler sabem que eu leio muito lia agora bai-se acabendo bem bontade eu tenho de ler sempre lia fazia na aldeia fazíamos a o mês de maria fazíamos a bia sacra era eu que quero eu dizer taba com uma bontade de ler que até oubiam muito longe na capela graças a deus agora acabou-se agora acabou-se mas ela ainda andaria nas festas mas eu não são joão faziam na nossa aldeias aquelas coisinhas dele e as cantorias e as meninas a cantar e a dançar era essa a festa fiámos na roca pronto a renda também ainda fiz algumas agora já se acabou e fiaba na rouca estopas e linho e aquilo agora acabou agora já nem por mim nem por ninguém que aqui já não se trata desses trabalhos agora não isso acabou tenho soudades deles tomara-me eu ber no tempo que eu fazia é que eu estava contente não aqui já não fiz eu não num fiz eu já bim aqui já estava fora da coisa eu bem queria estar na minha casa é que todos saíram ò mais eu estava lá muito bem aqui também num estou mal estou contente com as meninas e com tudo são tudo pra mim eu posso falar com toda a gente o que é não entendo eu não ouço a senhora bai falar pois muito bem

#### **IAF4T**

menina de uma aldeia mas já há muitos anos que bibo aqui abambres é sim fui o que é que sabe o que é num bejo bem mas assino o meu nome assino todos os papéis mas agora já num bejo nada até tenho uma consulta marcada queria ir ao doutor da bista mas o doutor disse-me que tanto bejo com óculos como sem óculos é doença num sei quê então eu sou de antigamente muito difrentes olhe eu criei seis filhos graças a deus estão todos formados sabe porquê por a minha inteligência é que deu isto porque eu quando eles fizeram tinham a quarta classe tinha logo lugar à coca donde o habia de pôr meti o meu filho mais belho no seminário quando tinha a quarta classe no seminário e depois beio outra meti-a nas freiras e depois lá fez lá o quinto ano o mais belho o quinto ano tinha dezasseis anos num tinha emprego naquela altura num tinha emprego mas depois habia lá uma pessoa olhe então eu dou-lhe trabalho aqui ao seu filho a auxiliar um guarda libros a escrever à máquina e ele depois aprendeu a escrever à máquina fez a tropa concorreu para o banco pinto e sotto mayor e ficou o chefe do banco a outra foi pràs freiras falei com o senhor padre também falaba com o senhor padre e o senhor padre diz assim eu meto lá o menino meto lá o rapaz meteu logo lá nas freiras mas depois o rapaz fez o quinto ano queriam que bestisse a batina mas ele num quis ser padre num quer ser padre pronto então espere o seu filho em macedo porque estabamos em macedo de cabaleiros porque ele bai embora pronto a outra atão falei com o senhor padre tamos em ala falei com o senhor padre meteu-a nas freiras nas freiras tebe lá dois anos e beio a casa e dize assim ó ó filha atão não gostas de lá estar eu gostar gosto mas elas são este ano ficámos sete sem estudar queriam é que fosse para freiras num é mas eu mas tu queres ficar aqui queria sim pronto então fomos a falar com o senhor doutor de macedo entrou prò liceu era colégio naquela altura era colégio ela atão fez lá o terceiro ano fez lá o terceiro ano e eu naquela altura o meu marido ia a tirar a carta de pesado e num tínhamos dinheiro para pagar o senhor doutor disse que fosse lá o senhor doutor disse que fosse lá e pra quê eu num sei bai lá ò senhor então num queria matimbrar as duas filhas já estão matriculadas sabe porquê a sua filha mais belha tem o quarto ano e o quinto de graça no meu liceu por ela ser esperta e ser boa e a outra ò senhor doutor mas o senhor doutor o meu marido diz que leu no jornal que toda a candidata que tibesse acima de catorze balores tinha bolsa de estudo se tiber bolsa de estudo é prá outra e esta estuda de graça concorreu atão prá tropa concorreu então pra ir pra prossora mas ele mãe num a mande pra prossora eu arranjo-lhe aqui um emprego no banco meteu-a no banco está reformada do banco e a outra continuou no quinto ano até que se casou pois andaba atão um rapaz do banco gostaba muita da minha filha muito e dize assim olha agora o que fazias olha tu fala com o meu irmão e dize

assim olha tá bem eu gosto que se for para casar então aceito senão não num andes detrás da minha irmã que ela inda é uma garota é para casar sim senhora atão bamos fazer um casamento em mirandela fez atão o casamento nos bombeiros foi ali uma festa que eu sei lá com as amigas casou pronto fez o quinto ano formou-se ela e o irmão do meio compraram a quinta uma quinta ao pé de santarém grande quinta pronto aqueles passaram agora atão a outra a lurdes e o gostinho que é o a seguir entrou prà academia militar a academia militar tchegou a tenete coronel tenete coronel lá se aguçou daquilo e quis saiu agora é engenheiro e está na alemanha tem duas filhas lá continuou assim tudo ò depois então foi a outra que é a lurdes que agora é prossora de matemática estava em casa duma minha filha mas a unibersidade ficaba muito longe da parede que elas estavam na parede bô atinge o terceiro ano correspondia ao bacharlato ia ficar aqui não não bou a dar aulas onde é que ela foi foi a dar aulas e foi a para um conbento para um colégio de freiras a freira era assim olha que isto olha que isto dá aulas e recebe aulas até que ela fez o quinto e fez acabou de se formar tinha o segundo o terceiro e formou-se e taba a dar aulas a outra já com um bocadinho de mais possibilidades não já os irmãos ajudabam é psicóloga tá no porto no salvador caetano a tomar conta da escrita mas olhe éramos pobres olhe bou-lhe dizer toda a gente diz assim bocês eram ricos ai ricos muitas bezes num me enbergonho de o dizer muitas bezes queriam pôr açúcar no café num tínhamos dinheiro prò comprar o pai ganhava uns quarenta escudos nada que era pra seis filhos toda a gente se admira mas era a minha esperta sabe sabia onde as habia de meter e eles então estão todos bem num estão ricos mas governam-se nunca saíram daqui pra fora bê eu fui a pessoa mais esperta que habia lá na aldeia sabe porquê porque eles iam prà laboura e eu disse ó manel olha os nossos filhos olha pràs notas dos garotos bô mandei-lhe fazer mais alguma coisa nunca lhes mandei fazer mais nada atão que estudem e era berdade um dia que estudem e eles estudaram e eles eram espertos olhe aparceu aqui uma no lar e diz assim num me conhece já num me lembra quem emprestaba os libros aos seus filhos ao seu filho ao gostinho olhe já sei quem era o filho dela fez o quinto ano e o meu andaba prò fazer e ela emprestaba-me os libros a mim que já era bom o dela é médico e o meu agora é engenheiro ora e agora atão cheguei casa ia então atrás delas assim dumas mulheres binham aqui pra mirandela e eu atrás delas atrás delas e então uma filha estava no seminário estava no seminário e eu atão foi para e eu atrás delas mas o meu filho andaba na quarta classe andaba na quarta classe e fui para casa e disse assim olha amanhã bou a mildeses ela num está boa bou bou que lá bais fazer bou saber da direcção da direcção prò rapaz ir prò seminário fui pedir ao senhor padre o senhor padre toca a escrever prò seminário sim senhor aceitamo-lo menino pronto fez-se lá um homem hoje está reformado do chefe do banco num é bom mas é da cabeça das pessoas porque senão sabe o que eu fazia renda renda renda era só isso fazia tanta colchas e rendas pra eles fiz duas em ponto sumido aquilo são coisas linda e bai-se a ber atão a fazer-lhe a comidinha e então passou-se assim a minha bida e atão apois dizem-me assim bocê debia ter bocê era rica num é rica nada é a inteligência deles e a minha não é berdade menina e agora olhe tinha uma casinha muito boa mobílias delicadas mobílias tudo e eles quiseram num quiseram nada umas deram outras benderam e então e agora fiquei sem casa fiquem sem nada mas estão eles bem ó mãe a mais belha assim tenho pena da casa diz a mais noba não sabe porquê mãe deixe lá a casa a senhora tem melhor do que eles agora amanhã ou passado eles também podem precisar dessa e então lá ficou mas é bê como foi a minha bida a minha neta é jornalista a filha da minha filha mais belha é jornalista susana barros ainda noutra dia aqui há tempos estebe a falar com o primeiro ministro no brasil olhe ó bó a senhora podia fazer um romance da sua bida e podia era bô eu num digo mai nada ora agora atão o pouco as poucas letras que sabia que sabia porque lá na aldeia num se aprendia muito porque aprendia-se a quarta classe e mai nada não é só os meus filhos se não fossem pra fora num aprendiam nada e é assim é assim menina

## **IAM1C**

já foi não me lembro mas já é vila há muito tempo nós até estava lá vila há duzentos e cinquenta anos ou assim uma coisa até foi agora que fez os duzenta e cinquenta anos queriam passar a concelho mas não passou é espectacular aquilo é mesmo é calminho se quiser que lhe fale do nome da torre aquilo é torre do



dona chama porque aquilo existia lá um alto que é o alto de são brás e depois diz que existia lá uma senhora que era que tinha cara de senhora é pés de cabra e que chamava os senhores e depois que passava a noite com eles e matava-os e depois porque é que ficou torre dona chama porque da torre a dona chama chamava-os da torre pronto é essa a história do nome não não se quiser perguntar mais alguma coisa que é que se faz bebe-se copos vai-se prò café joga-se futebol dorme-se e eu aproveito eu trabalho num restaurante mas não se faz nada só se bebe bebe-se uns copos e pronto não tem assim nada de actividades a nível de não se faz mesmo é mesmo típico da vilas pequeninas estarmos todos juntos no café jogamos às cartas vamos jogar futebol ao domingo se estiver lá o pessoal todo se não estiver cada um vai pra seu lado estudar e pronto e acabou temos várias temos dos santos não me pergunte que eu não sei não ligo muito a isso mas temos a festa principal no mês de agosto que são é uma semana em parceria com a associação cultural que até costuma ser boa junta ali o pessoal todo e agora acho que é dia onze dia doze e treze de agosto depois temos várias festitas daquelas dos santos cruzeiro não sei como é pronto eu sei os sítios mas não sei o santo festa do cruzeiro que é em setembro depois temos em fevereiro que é essa do são brás que é a da origem do nome pois temos o na no magusto e acho que é só agora a nível de tradições fazemos a festa dos já devia ter ouvido falar de certeza da burricada não é dos burros que andamos a roubar burros o mês é no dia é dia vinte e seis de dezembro andamos a roubar burros toda a noite e depois também é por causa disso do nome e depois dá sempre na televisão roubamos os burros e durante a noite e depois durante o dia andamos a desfilar com os burros todo o dia e pronto é assim já sempre me lembra de fazer isso não sei aquilo acho que é por causa da luta contra os romanos ou assim uma coisa porque depois vamos prà prò jardim e fazem um castelo de esferovite e estão lá uns guardas aquilo vai uma princesa num burro num burro não num cavalo vai lá a princesa e depois a princesa está lá está lá no castelo e depois nós queimamos o castelo pois claro tiramos a rapariga de lá e pronto é assim acho que sim eu também sou um bocado afastado disso mas não a nível de história tem tem os caretos isso é os caretos está aqui no museu de bragança também tem não tem ali ferreira ao pé de macedo também tem muita tem muita tradição mas até já fizeram aqui um desfile também e veio cá a torre também mas isso é só agora já está a ficar assim o pessoal já está já está a afastar-se um bocado disso porque já não tem tanto pessoal jovem como antes e os burros também já não há pronto já pensámos em mandá-los vir de miranda mas são mas antes os burros os velhotes preferem comprar aqueles tractorzitos pequenitos ou pagar para as pessoas lavrarem as terras e burros já não há assim grande coisa e depois também as pessoas tratam mal os burros porque depois aquilo é mesmo para uma pessoa se aguentar toda a noite tem que beber uns copos pra andar alegre e então aquilo depois uma pessoa abusa dos burros coitados mas é engraçado aquilo junta-se ali muita gente por acaso é muito fixe e pronto

## **IAMIL**

bombeiro profissional é assim o meu percurso antes de ser bombeiro profissional fui bombeiro voluntário durante doze anos fiz vários cursos a nível de formação na área de porque eu tenho mesmo ultimamente sou chefe de equipa de da equipa que trabalha comigo somos cinco elementos que é o turno de doze horas por dia doze horas por dia fazemos na área de acidentes incêndios socorros à náufragos porque todo o tipo de ocorrências que são chamadas prò nosso corpo de bombeiros há muita área de formação que temos que começamos por o inicial depois isso é por à base de carreira derivado aos anos que tamos cá de passa-se primeiro por estagiário que é quando se entra prò corpo de bombeiros nessa época quando é estagiário faz-se uma formação de tat e desencarceramento tat é o curso de transporte curso de transportes de ambulâncias tripulantes de ambulâncias depois tem o desencarceramento que é à base de desencarceramento e em termos de acidentes quando se encontram vítimas dentro dos habitáculos das viaturas encarceradas e depois à partir daí faz-se uma escola que se passa a bombeiros de terceira nessa escola de bombeiros de terceira já pode frequentar mais alguns cursos desde cursos de fogos florestais mergulhadores e essas coisas e mais cursos mais avançados em incêndios urbanos bai-se correndo bai-se progredindo na carreira de dois em dois anos e depois passa a bombeiro de segunda classe de primeira que é a minha categoria neste caso e pra

bombeiros profissionais tem que se ter os cursos quase todos adequados que eles pedem que é desde chefes de equipas de desencarceramento mergulhadores e essas coisas todas aqui na área dos bombeiros a gente tem muitas ocorrências no dia-a-dia sim e como lhe disse nós somos dez apesar de sermos trinta e três funcionários neste corpo de bombeiros dez estão mais destinados só à área de incêndios acidentes e alguma catástrofe que possa acontecer na nossa zona a minha equipa é que está mais com acidentes náufragos e essas coisas ocorrências aqui no nosso rio já chegamos a ter este ano no princípio de maio uma senhora que se afogou na nossa zona junto à comporta e onde é que foi accionada a equipa de mergulho nós temos uma equipa de mergulho foi accionada e fomos lá ao local resgatar essa vítima e temos já descemos também à jusante de da nossa barragem intervir na zona que apesar de não ser na nossa área de intervenção mas pertence ao concelho de mirandela que é na torre também é o mesmo rio que corre aqui temos que fazer outra intervenção também pra resgatar outro cadáver e também tivemos no princípio do ano onde é que fomos chamados pa catástrofe que aconteceu na linha do tua onde é que foi constituída toda a equipa de mergulho a equipa de mirandela onde é que também que trabalha em conjunto com outra equipa vizinha que é macedo de cavaleiros e bragança onde é que fazemos tudo em conjunto na área de profissionais

## **IAM2J**

sim há trinta anos sim não eu trabalhei na construção cibil vinte anos faço parte deste corpo de bombeiros há trinta há dez vinte como voluntário e há dez como funcionário funcionário isto é como motorista da associação mas faço tenho complemento como voluntário na mesma depois das horas laborais de trabalho do serviço de motorista sou voluntário como qualquer um voluntário é assim os dias não há nenhum dia igual há dias de muito há dias de pouco isto é o inverno é sempre mais parado relativamente ao serviço de ataque a incêndios mas por outro lado probabelmente temos na altura mesmo do do gelo é muito mais complicado no termos de serviços de saúde foi menos sei lá devido às temperaturas também não foi o verão também foi mais mais húmido e também já pouco temos que arder cá pra cima se calhar noventa e nove vírgula dos incêndios são de origem criminosa lá pode haver um acidentalmente ultimamente depois da época de incêndios tivemos bastantes incêndios devido ao abuso das queimadas e à falta de cuidado por isso registaram-se mais focos de incêndio depois da época de incêndios do que durante a época de incêndios devido a esse essa falta de cuidado das pessoas muito porque querem juntar o útil ao agradável a razão das queimadas é que se queimarem acabam por como se diz deixar de ter tanto trabalho em vias porque a terra ao queimar a terra fica mais desinfectada aproveitam a cinza que lá fica a cinza a partir daí faz parte do é como um adubo pràs terras e eles acabam por optar por essa maneira de maneira de limpeza porque é mais fácil para eles ou comprarem uma máquina é muito mais caro mas depois saem o problema dos azares como nós podemos dizer e depois podíamos evitar de que ardessem menos hectares acabam por arder e a floresta é fundamental para a nossa saúde sim sim e depois por isso tem havido campanhas a nível de protecção civil nessa área da sensibilização mas ainda há muito descuido eu o meu tempo de tropa foi fraco já foi depois do vinte e cinco de abril tive lá pouco tempo tive no porto mas foi pouco tempo também tinha alguém que me ajudou a acabar o tempo mais rápido por isso vim vim mais cedo para casa oh claro hoje a bem dizer nem tropa há só vai à tropa quem quer é como sendo um voluntário de um corpo de bombeiros só vai quem quer sei lá provavelmente sim porque era uma maneira de as pessoas terem outra experiência de vida e à partida sei lá tornavam-se mais independentes e tinham o tempo mais ocupado e indo quem fosse à tropa ou quem vai à tropa acabava por ser para bem dizer um escape de situações que acabam por andar por aí porque as pessoas deixam de ter outra mentalidade pois

## **IAM2L**

o dia a dia pronto o dia a dia é dar pareceres sobre processos de licenciamento de restauração e bebidas por exemplo tudo o que é projectos comerciais e industriais relatórios de portanto vistorias de ocupação propriamente vistorias para licenciamento desses estabelecimentos colheitas de água participação em vistorias

conjuntas com câmara municipal ministério da agricultura e outros basicamente é isso colheitas de água não sei se já disse joga futebol é juvenil não mas mirandela não mirandela vila flor deve ser futsal não é futebol juvenil actualmente há há campos como é que é polidesportivos que fizeram ultimamente pouco porque a miudagem anda toda em mirandela não é trabalhar sim trabalhar e estudar toda a gente vem para mirandela a não ser umas aldeias maiores tipo torre dona chama e outras torre quer dizer é vila não é e então sim jogava-se mais porque havia mais juventude não é havia mais juventude e não se vinha pra mirandela é que normalmente nas aldeias estão desertas não é que é que se faz nas aldeias não se estuda não se trabalha nas aldeias vai-se lá dormir olhe voltar ao antigamente as escolas serem lá por exemplo agora animação tem tendência a desaparecer as aldeias aqui do concelho as mais pequenas pelo menos fica lá os idosos só vivi até aos dez anos só sim mais gente havia mais dificuldade de deslocação aos grandes centros não é é totalmente diferente vivia-se mais o dia a dia na aldeia histórias que é que contou são sebastião mas não a festa não é comigo não gosto de confusões a festa tradicional da aldeia pronto bailaricos e tá feito sim é maior já lhe contou é de cá nunca veio à festa pois ele também vila flor o tony então e que festas é que há em vila flor agora alguma particular ai para vipes mas você costuma ir a esses bailes mas quê alguma festa de natal não de momento não joguei no mirandela quê de miúdo as histórias do sport clube de mirandela quando era jogador a única história era que cada vez que ia fora enjoava e ficava doente era cem anos acho eu está perto de fazer cem anos mas quê de clube à segunda divisão eu joguei nos miúdos só não cheguei a ser profissional joguei no vila flor um ano joguei tinha lá um campo muito jeitoso com uma adega ao lado ainda é o mesmo não é pois estive lá meio ano só até trabalhava fui pra lá seis meses com os amigos e tal vila flor também é uma equipa actualmente tem não tem meia dúzia de amigos fomos lá e resolvemos andar lá a brincar também a maior parte era daqui treinador e tudo ainda dava para ir lá porque daqui lá era perto não havia muitas curvas e pronto na minha aldeia jogava-se antigamente com uma bola numa eira qualquer portanto era no zequinha pois estamos combidados para o baile podemos ir também ao baile mas que tipo de baile é mas conbibio de lá não é pessoas de lá ou não então conbibio de natal pessoas conhecidas ou aberto ao público quando passava ao rio jogávamos não a história de ir a jogar a contins é a gente ganhava por sete a oito pois quando contins queria jogar com outra aldeia convidava-nos a nós pra jogar por eles portanto a equipa de contins era a nossa fomos convidados para vila nova das patas para a festa para jogar futebol como lhe demos oito zero não comemos não nos deram de comer na terra da dona alzira fizeram-nos o mesmo fomos lá jogar não nos deram de comer depois antigamente era assim pois tinha que ser atravessar o rio a nado

### **IAM3A**

sim completamente diferentes olhe clima o à vontade lá a amizade que havia entre não só entre a população branca como até por vezes com a população negra e o à vontade que se lidava lá com as pessoas e pronto e ganhava-se mais e tal sim mas não foi ninguém que me mandasse embora eu é que quis bir por minha livre vontade não não bi não bi segurança não é porque eu tivesse cometido lá qualquer qualquer coisa que eu nunca ninguém me disse sai daí e bai para além nunca nunca ou bai pra tua terra nunca porque eu também os sabia estimar sabia lidar com o pessoal indígena por exemplo andava no longo curso tinha dois ajudantes né pretos eu nunca os desclassifiquei onde é que eu ia almoçar eles iam almoçar comigo por vezes até nos restaurantes não aceitavam e eu disse se eles não almoçam aqui comigo também eu não almoço portanto façam como agora como quiserem que havia aquela separação não é um género de apartaide mas eles não era bem apartaide que apartaide é só na áfrica do sul né e portanto eu não queria que eles comessem comigo portanto era estimado nunca ninguém me disse vai sai daqui pra fora até que por sinal fui avisado por eles quando me bim embora por algumas como uma empregada que tínhamos lá em casa uma criada né que fomos avisados por ela quando a minha mulher veio primeiro minha senhora vá a senhora com o menino porque isto vai ficar mal vai a ficar muito mal e o seu marido sozinho desenrasca-se melhor tanto que eles bieram para cá e eu fiquei mais um ano ainda foi depois do vinte e cinco de abril pós vinte e cinco de abril sim sim sim logo que a gente chegou aqui nós considerados retornados fomos vistos como como bá até pela

própria família fomos mal bistos né não sei por quê não sei não era nascida exactamente e é assim pois claro pois cheguei aqui estive estive trabalhar por minha conta mas estava na aldeia e pois os filhos começaram a estudar binham aqui pra mirandela binham aqui pra mirandela não habia os transportes camarários nem nada não habia nada os miúdos tinham de bir no comboio às tantas e depois só chegavam à noite às tantas que é que diga-me uma coisa que é que poderiam estudar nada e então por causa do futuro dos meus filhos eu fui obrigado a bir para aqui apareceu-me um concurso para os bombeiros concorri e fiquei sou daqui de uma aldeia próxima sou daqui do concelho e agora aqui já estou há binte e três anos e se calhar olhe até que que deus queira tou com sessenta e três anos lógico que daqui por mais um ano um ano e meio já esteja já esteja reformado mas continuo a bir por aqui não é quando andar por aqui se precisarem da dos meus serviços mas há mais boluntários não é que eu sou sou assalariado né sou assalariado e portanto depois se por acaso bier por aqui e que eu ainda possa que eles precisem dos meus serviços aparecerei sempre por aqui não é

### **IAM3C**

exactamente recorda perfeitamente só soube do vinte e cinco de abril no dia vinte e seis estava na mata soube dia vinte e seis bá às duas da manhã foi uma surpresa grande pra mim e pra alguns colegas isso parece que era um fenómeno não sabíamos bem o que dali ia sair mas neste caso o comandante da companhia pôs-nos ao corrente porque ele já sabia do movimento das forças armadas não depois do vinte e cinco de abril é que começamos a ter mais problemas neste caso com as forças que defendiam angola pronto eme pê ele á fê né lá e unita mas mais propriamente a fê né lá e fiquei ora tava foi o vinte e cinco de abril setenta e quatro eu fora foi em fevereiro de setenta e quatro regressei em junho de setenta e cinco ainda estive lá bastante tempo acho que até foi demais para aquilo para depois entregarem aquilo ainda foi demais passamos também ainda um mau bocado em luanda depois com a transição fazíamos serviço com as forças de angola e era complicado lidar com aquela gente porque eles próprios não se entendiam entre si o resultado depois da guerra que houve depois de nós virmos embora sim sim sim sim muito diferente o clima por exemplo era diferente o inverno era no agosto era quando vinha o cacimbo como lhe chamavam e achei que quando cheguei lá fui pra luanda que era uma boa cidade que eu em princípio ainda pensei que talvez quando acabasse a tropa ficasse lá não não nem havia condições para tal quando regressei a portugal fui prò emprego que tinha na altura que era tipógrafo trabalhava no jornal de notícias de mirandela fui pra lá novamente até que me casei os padrinhos da minha mulher tinham uma fábrica de alheiras que era a adelina entretanto a adelina e mais duas fábricas fizeram uma união que é a topiteu e eu vim pra aqui tomar conta disto já estive melhor mas vai-se vendendo vai-se vendendo sim sim tem uma feira da alheira mas isto é assim pra se vender tem que se ter qualidade porque há quem diga que a qualidade não conta mas conta pena é que pra algumas pessoas como seja pra alguns produtores só contam os números devia ter que contar tem que pesar também é a qualidade sim é assim temos uma pecuária na torre dona chama onde temos duzentas porcas reprodutoras depois temos o matadouro e temos toda a linha de fabrico desde o fiambre chouriços chouriço doce que é tradicional aqui da zona de trás-os-montes não é os chouriços azedos botelos temos tudo isso tudo o que é de fumeiro tradicional daqui de trás-os-montes fabricamos tudo e sou comandante dos bombeiros como voluntário ajuda a passar o tempo

### **IAM4B**

mas a minha mãe beu pra aqui eu tinha pra aí cinco anos se os tivesse ela beo pra aqui eu bim com ela atrás dela olhe bim com ela não trouxe-se ela agora praticamente sou de cá foi pra mirandela que bimos) andei pouco tempo na escola sei ler mas agora que não bista pra ler era isso que eu cria que eu às bezes pegaba no jornal e lia um bocadinho mas agora deste parece que está cega parece que está cega e este aqui já houve operação a ela e correram-me mal e à minha mulher que está aqui a minha mulher também está aí também correu mal a operação que não bíamos nada da bista não bejo nada da bista eu ando é por o tino mas não bejo nada da bista num bejo não quer dizer lembro-me da escola antigamente atão não me lembro da escola

antigamente se eu andei lá também na escola eram tempos que não era agora era a escola aqui a professora a gente se errasse era uma palmada nas mãos e com a palmatória no cú como era estas coisas antigamente era diferente do que agora são coisas que já se passaram não é também mirandela não era quase nada era pequenino era pequerrucho era meia dúzia de casas as luzes ainda era de candeeiro pequeninhas e tal coisa e tal que quase que não era nada isso diferente agora já é uma coisa linda não é é muito diferente recorda este ano quase que não tenho bista mas as festas aqui foram sempre boas a festa até nem se compara foram sempre boas do quê da festa o que se passa alegria quem na tiber alegria quem na tiber quem tiber alegria passa-se que aqui é uma festa boa foi sempre uma festa boa aqui olhe trabalhei em diversos sítios pois olhe eu quando era porque não fui empregado do estado não é trabalhei pequenino ainda foi no caminho-de-ferro depois não tinha dezasseis anos puseram-me fora pois trabalhei na casa verde até entrar à inspeção que a casa verde ali que era o comércio depois do comércio fui para uma garagem do guilherme passo que era uma garagem que cá existia ainda as bombas da gasolina ainda eram de cinco litros daqueles basos de cinco litros fui para ali estava de noite e de dia por quem precisava os doutores precisavam de tirar o carro tinha que lhe abrir a porta de noite precisavam alguém a recolha ao bairrantes eu tinha que abrir a porta para recolher precisavam de gasolina eu tinha que abrir o portão para dar gasolina e depois dali aquilo foi passado e depois eu agarrei e fui para uma recalchutagem recalchutagem não uma filial que era dum machado dos pneus tibe lá coisa e tal tibe lá uma temporada uns anos dali depois saí e fui depois para a auto hércules que era lá em cima ao pé do tanque é para verem quanto trabalho eu tibe dali depois saí fui para laborador de carros lá em cima porém janeiro depois de laborador tornei a ir tornei a ir para a mesma casa porém recalchutagem pois tornei a ir outra vez para as bombas de gasolina depois foi abrir ali uma filial de recalchutagem ali em golfeiras e foi o resto quando eu me aleijei pronto foi o resto da minha vida mas ainda passei uns bons bocados passei uns bons bocados prigosos olhe foi o que eu passei prigosos que antigamente a vida era uma escuridão era uma escuridão e para se levar essa vida depois a gente tinha que se sujeitar a tudo porque os filhos começaram a ir não é tinha que a gente se humilhar para ganhar para eles comerem o pão era isso

#### **IAM4J**

sem trabalho num há nada num precisavam o senhor sabe muito eu já o disse João Pires ou João Américo bá tanto faz não eu sou de vale salgueiro pertence daqui de mirandela de Portugal saí saí poucos anos em França gostar gostei e num gostei naquele tempo ganhava pouco sabe e a gente claro que ia arranjar algum mas pronto lá aguentei algum tempo pouco tempo que aquilo era muito na altura pagavam pouco pagavam uma hora como é que era dois francos dois francos e quarenta e cinco não era nada mas pronto era algum andei ali a trabalhar algum tempo mas tibe sempre pouca sorte porque não tibe a sorte que há uns que arranjam patrões que pagam bem eis pagavam pouco foi foi não lá ainda trabalhei nas obras mas num foi sempre quando fui para lá arranjaram-me uma contrata para uma fábrica num era fábrica aquilo era um depósito de material tijolos cimento telha madeiras e pronto e o trabalho não era grande coisa e foi eu por acaso num fui mas havia uma estação de comboio descarregavam muitos iam para lá descarregar o cimento para a palaga que era um trabalho porco e duro mas eu lá arranjava que num posso ir num posso ir tens que ir tens que ir e uma pessoa agarrada ao cimento e a ganhar nada depois boltei para Portugal pois então num lembro mirandela num era nada do que é agora mas mirandela foi sempre uma terra que nunca foi assim muito por aí além porque nós temos valpaços num sei se conhece valpaços é uma terra mais pequena do que mirandela mas é mais encolida tem lá comprativa do vinho comprativa do azeite e tem assim diversos coisas que aqui num tem pronto o povo naquela zona na minha zona são obrigados a levar o que colhem lá para valpaços para a cooperativa podem não ser aqui de mirandela porque mirandela é uma terra muito maior pronto então pois eu vim de França a minha mulher encontrou-se doente coitada lá se foi embora durou dois ou três anos morreu eu fiquei com uma filha e com uma filha o filho morreu-me ao ter catorze anos morreu-me ficou pronta a rapariga a filha sempre uma vida triste e eu agora por cima para acabar comigo aparceu-me uma doença que não há não tem saída andava a trabalhar no campo eu até praticamente até ia trabalhar e depois

andaba a olhar assim tinha o ano passado andado plantado quatro centos e meio de bacelo e enxertado e andava a olhar os que faltavam que era pròs pôr passou-se-me uma dor pela cabeça caí já num me consegui mais alebantar pois pois trouxeram-me aqui prò hospital de mirandela do hospital de mirandela levaram-me para macedo lá estibe também pouco tempo mas tibe lá internado algum tempo e a bida continua assim mal a minha bida foi sempre assim mal num foi assim como ali a do senhor mário foi sempre uma bida triste mas você queria a comparar nada que se compare e as outras em vale salgueiro os ricos bibiam às custas dos pobres não então num eram muito pobres

#### **INF4C**

nasci cá e criei-me e casei-me e fiquei biúba e tudo cá está mais bonita está sim dantes era mirandela pobrezinha agora está passou cidade não é filha mirandela parece uma cidade dantes era muito pobrezinha muito ruim pouca gente negócios pouco dinheiro pouquinho agora está rica agora come-se à rica não é filha a menina não come na sua casa atão já é rica bibe em bila flor bila flor o que é claro também já foi pobrezinha e agora já está mais aumentada eu não sei quem tenho em bila flor não é em bila flor é em bragança em bragança que está lá um neto trabalhar em bila flor não tenho lá ninguém tenho uma filha que é prossora cá dá lá escola aqui perto de balpaços sabe onde é que é tenho outra que é biúba está em casa dela tenho outra que está casada em lisboa eu tenho seis filhos graças a deus são muito lindas bem eram mais pobrezinhas agora sim são mais aumentada eram pobres mas agora já com as músicas muita gente se é procissões é muitos anjos muitos andores está muito linda mirandela agora tem bindo cá a menina então é pra que a menina beja está muito diferente do que o que estava estava parece uma cidade ainda me lembra de eu ir lá anjo agarrada ao pálio sabe o que é o pálio não é ali ao pé dos padres e eu de lado com aquela coisinha dar aquele como é que se chama aquilo atão os padres não lebam não lebam um assim com a redinha com a rede e pois um à moda de um candeeiro pa dar luz sabe o que é pois é a gente leba na mão mas mirandela está mais bonita à vista do que era minha senhora tá uma cidade eu também gosto de estar cá tenho filhos tenho filhos em lisboa tenho filhos no pra além de lisboa como é que se chama aquilo não sei como é que se chama aquilo é longe bai-se de barco e bai-se de carro também setúbal não almada acho que é pra esses lados é pra esses lados sim minha senhora bai-se no comboio de mirandela até bá mirandela bá do porto já e depois há a ponte ali e bêm buscar a gente que quer ir pra lá mas chama-se outro nome balha-me deus chama-se outro nome essa cidade tenho lá uma filha casada de vez em quando lá me telefona a perguntar como é que bou é assim menina a bida a minha bida nunca lá trabalhei trabalhei no alfaiate quando era nobinha depois da escola pouco aprendi só andei na primeira classe a minha mãe precisava de mim também em casa tirou-me de lá e depois digo assim então fico aqui mãe sem fazer nada fui prò alfaiate fazia dabam-me as mangas talhadas lá as cosia à máquina e pregaba-as depois no casaco e pois daba a ber ao mestre que estava lá mais belho se aquilo estava bem está está muito agora enxoleia-a toda enxoleaba todo enxolear enxolear é coser as mangas minha senhora as mangas é e aqui em baixo e foi assim a minha bida depois casei-me e casei-me duas bezes o outro era maroto arranjei um melhor arranjei outro melhor o primeiro era ferreiro era um bom artista e o segundo era pedreiro sabe o que é pedreiro fazia casas mas esse o pedreiro era melhor pra mim que o ferreiro

#### **INF4L**

eu num posso nem sequera posso estar pra por isso ai é sou de bal de asnes pertença aqui a mirandela ai meu deus ai os quadris num me deixam estar fazer de maneira nem uma meu filho dói muito pra estar bem estava deitada na cama aqui num há camas é tão linda num fui minha senhora naquele tempo num se ia à escola tinha os meus irmãos pequeninos eu tinha que ficar com eis e ò pois os outros batiam-me e eu por o bater a eis diziam-no à possora e o a possora batia-me a mim e eu atão desisti disse assim lebo porrada de bós inda por cima da senhora possora atão num torno a bir num obrigabam ninguém ui muito diferente era muito diferente que agora agora já assim num é agora tem que largar tudo e ir à escola nunca tirei os meus

filhos da escola nunca logo que eu era bruta num queria que eles fossem bruta tenho que tchorar tenho que tchorar pelos meus filhos caitadinhos era a luzes dos meus olhos porquê bô alegre atão conberse lá pra lhe eu responder ò era muito belhaco dantes o tempo era melhor pro uma bia é melhor agora agora do que intigamente habia mais fomes do que agora agora graças a deus eu num tenho fome nem uma aqui aqui mas fiquemos sem no dinheiro o que importa é estarmos bem mas tenho muito mal outro dia fui prò hospital por baixo do porto olhe está a ber unde fui e dói-me muito muito os quadris num sei do que é nem do que não olha aquela mulher é tão marota que eu só me dá bontade de lhe bater mas num posso porque senão já lhe tinha batido porque custa-me a oubi-la a tratar mal as meninas é a cigana já o ano passado lhe bati também à causa de tratar as meninas mal mas este ano olhe que lhe batam eles mas elas num podem lembra sim o não caitado está lo dobro agora olhe eu lembra que binha cá com as brasinhas com as brasas no burrinho claro num era à cabeça e com a lenha corria mirandela toda e ò pois diziam-me assim as companheiras e tu não sei como fazes bendes primeiro que nós que bós queredes muito eu dou-as dadas mas bendia-as sempre melhor do que elas eu falo muito alto eu tenho a boz alta cantaba sim quando era garota agora já num sei agora já estou desde que bim pra aqui esqueci-me de tudo agora num me lembro de nada agora logo num sei estemos aqui muito tempo também pouco é olhe fazia andaba por lá no campo e de casada igual a ajudar o home ele queitado ele só num podia tinha que ir eu com ele e lebaba os meninos e acompanhaba-o pra onde habia acompanhar acompanhaba o companheiro acompanhei-o sempre agora olhe ele está eu estou aqui e ele está ao pé das filhas na espanha num tinha entrada aqui ou num podia ou num queria eu fui logo que entrei assim que tcheguei paguei que bem falta me feze esse dinheiro agora agora aqui estou até que deus queira em bindo o meu home ò fim deste mês que bem bem cá bermo-nos a bemos ò pé se tchego ò pé minha casa com eles num me deixarão ir deixam deixam a senhora doutora deixa-me ir a senhora doutora ela é minha amiga é é agora não sei como será a nossa bida foi muito atrapalhada muito atrapalhada agora lá endreitou mais um bocadinho mas está mais fixe pintchou-se a barraca pintchou-se tudo olhe eu num sei falar mas essas senhoras essas meninas sabem ler sabem falar melhor do que eu sabem sabem claro estou a falar com a menina a menina já se casou já lhe ia a dizer que se não casasse porque os homes são maus de aturar ai está olhe olhe ainda estemos melhor longe do que perto tão num inda agora a menina diz assim atão num quer bem o home estou morta pro ber caitadinho estou estou com soidades de o ber pra mais nada não mas eu estou morta prò ber caitadinho mas ele também me batia mas às bezes bate-se à gente de inquietos depois o meu home tinha muitos nerbos e eu dizia-lhe assim és bem enerbado eu fize-te algum mal dizia-lhe assim mas ele não me dizia nada pro lhe eu assim dizer nunca o tratei mal nunca nunca e eu atrasaba se o tratasse mal era pior para mim num é ora o que é que diga mais tudo ia a dizer que tinha aqui umas rosas bem lindas são de nós todos tem lá uma broboleta ela está morta que linda que engraçado ó linda olha que rabo ela tem mas é bonita lembrei-me que boasse mas num boa já está bem é para ficar bem aqui olhe comemos deitemo-nos é o nosso trabalho num trabalhemos nada tomemos o leite de manhã até é aborrecido isto ò pois daí a um pouco é o almoço ò pois é o lancho ò pois é a ceia o jantar bê quantas bezes andemos a comer eu até já disse assim isto não está bem assim habiam de tirar o lancho e jantámos só à neite e mais nada porque a gente num tem fome eu como como pouquinho até se admiram o que como pouquinho e ó que estou de gorda mas eu quando parecer magra já estou boa pareço assim gorda e num estou gorda é o meu osso o meu osso que é assim a senhora gostou de bir aqui são a mais ruim sou eu ó balha-nos nosso senhor

#### **INM4A**

eu tenho lá tenho lá uma filha que está no centro de dia ela e umas empregadas e tenho oito filhos são três raparigas e cinco rapazes estou todo contente satisfeito com eis têm sido muito bons para mim e eu para eis sem passar bergonha nem os filhos nem as filhas e eu andaba a guardar uma rabanho de gado e pagar renda de casa e comprar pão e azeite e cousa e criei-os eu e a minha querida mulher ao suor do nosso rosto mas abençoado leite com que a minha mulher criou os meus filhos saíram uns jós todos educados trabalhadores respeitadores e eram oito eu não conheço do tamanho de um cambio mas eis eram oito lebei-os todos ao

exame da quarta classe não tibe possibilidades para os lebar mais adiante e naquele tempo também era o que se bia muito feliz com os meus filhos oito binheram oito se criaram num morreu nenhum nem nenhum e tou todo contente com eis e hoje estão todos muito muito muito muito bem eu criei num buraquinho numa casa nem uma jinela tinha pra lhe botar uma água pra fora do urinol pra fora só o canelho sabe deus e agora com esta saída pra frança saíram pra frança estão quatro pra frança e está um o mai nobo na suiça estou muito feliz com eis e eis estão todos muito bem governados e saíram todos trabalhadores e respeitadores e bem educados e estão quatro na frança e um está na suíca e às filhas a mais belha tchama-se olália está lá no centro do dia ela e mais uma empregada ela é que domina aquilo e é que faze o comer outra que se tchama alferdina tá ai numa aldeia tchamada chacim que é donde é o santo embrósio é donde é o santo embrósio não balsemão casou em balsemão e a outra a mai noba casou numa aldeia chamada limões limões também lá pra cima sim limões é que é concelho de macedo e é ali pertinho de macedo é casou lá é a mai noba tchama-se libânia também tibe sorte com ela e tá está em chabes casou com um rapaze que era de limoge ele ficou na tropa é primeiro sargento num pode ir mais adiante não tem possibilidades é primeiro sargento não pode ir mais adiante não tem possibilidades pra isso tem poucos estudos mas é tem uma garantia com ele que não o podem botar fora do emprego que está no quadro e a nossa bida foi assim andando por lá trabalhando no campo e depois com os burrinhos e coisa foi assim pois até criarem nos filhos até agora que eu já estou belho nobenta anos bim pra aqui dia dezasseis de junho dia dezasseis de junho bim pra aqui foi no dia dezasseis agora que passou fiz nobenta anos de dezasseis de junho pra cá e foi a nossa bida foi ó minha senhora eu ainda andei na escola ainda tcheguei ao libro da primeira ao meu e parece que até caminhava bem pois até o senhor meu pai naquele tempo não era de obriga tirou-me lá da escola pra andar com as obelhas e fiquei como estamos e como estamos fiquei como estava não cheguei a aprender nada nada nadinha os meus filhos são oito lebei-os todos ao exame da quarta classe naquele tempo não habia mai nada pra ninguém não habia pra bir aqui pra mirandela e foi assim a nossa bida pois trabalhei no campo com gado a guardar o rabanho de gado pra criar os filhos e depois estabam já meios cousa fabricar pão e trigo e batatas e feijões e coisa pra gente ir bibendo mais ou menos mas a gente bibia-se mal que a gente era pobre e não habia agora estas pensõezinhas que o depois alebantaram não habia nada disso agora estou aqui mas deixe-me dizer tenho de aqui estar porque os filhos estão todos lá fora estão quatro na frança e um na suiça e as filhas já lhe contei e num tinha e tal ainda estibe faleceu-me a minha mulher dia catorze de Maio que passou sete anos que ela faleceu ainda era mais noba do que eu sete anos e depois ainda tibe quatro anos eu sozinho mas depois os filhos não têm bida pra me atender pra me aturar estão pra aqui pra ali tratam da bida deis e todos trabalham por aqui por além meteram-me aqui pra ir bibendo aqui até que deus nos tchame prontos não é o fim de todos não é assim a nossa bida

## **INM4M**

o que a gente bai dizer e o que bai fazer eu já falei nisto no rádio e atão dize-me o meu filho mai nobo ó meu pai você bai dizer isto e tal eram uns bersos e assim eu até lá fiz pois é ora bamos lá ber o que é que a senhora doutora quer mário carlos sou de contins uma aldeia pertence a freguesia é por exemplo a freguesia de contins é contins carbalhais bila noba e ò bilar de ledra é uma freguesia pertencemos é a mirandela é isso a menina não é de cá da bila flor mesmo conheço como tive lá uns bons amigos eu em bila flor uns bos amigos a senhora doutora num os conhecerá muito agora já porque eis morreram foram uma grande gente pra mim aquela gente dos senhores assis que lhe chamabam os filhos e isso foram uma grande gente pra mim e pra um irmão meu e pra um cunhado meu tinham lá uma riqueza maluca na minha aldeia uma riqueza maluca agora inda lá têm uns prémios grandes por bender mas muitos já os benderam porque eis morreram mas aquele lelinho que tinha a casa cá em cima aquela bibenda foi um santo pra mim foi um grande homem não não bibi sempre aqui na aldeia bibi na aldeia cultibaba trabalhava o que mais tibe foi pois mais tarde fabricava trigo batata o que podia e tibe dois rabanhos de gado também mas tibe a pouca sorte que me morreu a mulher e eu encolhi-me comecei-me a acomodar com a minha bida e depois mas fiquei na aldeia a



trabalhar nunca saí pra país nem um fora nem espanha nem pra lado nem um bibi sempre lá muito bem muito bem com muito trabalho eu até mesmo assim bila flor conhecia bem ainda lá fui a algumas feiras mas poucas e ò depois acomodei-me porque já num tinha os filhos tinha dois filhos e duas filhas casaram-se fiquei inda com um fiquei biúbo fiquei com um filho mas aturei-o até que se formou formou-se quer dizer até que foi prà tropa pois da tropa beio prò pé de mim depois casou-se arrumaram na a vida deles e eu continuei a estar sozinho e gosto de estar sozinho agora o mai nobo foi o que ficou comigo é sargento da guarda ali no está a comandar o posto de alfândega era habia duas coisas num habia dinheiros num habia dinheiros porque não se fazia de coisa de nenhuma trabalhava-se muito azeitona batatas e tudo e cultibaba-se e habia muita miséria que num habia aquelas saídas pra lado nem um éramos obrigados a biber cá em portugal todos num habia as saídas prà frança nem prà nem prà espanha nem prà pra lado nem um porque agora foi do binte cinco de abril na sua idade é que o pobo cedeu-se por um lado eu gostei da eu sofri muito minha santa eu sofri muito a princípio em casa dos meus pais trabalhemos muito muito muito éramos quatro rapazes e duas raparigas mas trabalhou-se muito mas bou-lhe dizer uma coisa habia muita miséria muita fome mas eu fome nunca passei mesmo em casa dos meus pais pois casei-me já num era muito nobo já tinha binte e sete anos comecei a trabalhar por minha conta e até me correu bem a bida aquele ano fiquei lá na minha aldeia os meus irmãos e a minha mãe era uma santa ajudou-me muito até fiz uma coisinha bem pois quis mudar pra uma aldeia da minha mulher fiz mal muito mal é que me meti depois num prédio do tal assis do assis não era lá duns cunhados e do lelinho e dos outros do marinho e dos outros mas eis eram boa gente carai queria a gente pagar a renda oh senhor é preciso pagar tem tempo era preciso oferecê-la mais de binte bezes pra eles pogarem na era boa gente eram uma gente balente eu só depois entreguei-lo fiz bem mal pois já disse assim entreguei-o porque quis ir prà frança e depois acabei por num ir foi assim a minha bida com muito trabalho mas nunca me bi muito atrapalhado olhe dívidas nunca tibe assim e pois até me correu melhor a bida depois que me casei passado dois quatro anos é que me correu bem comprei case tudo que eu herdar herdei pouco éramos seis filhos mas dibidida por todos calhou-me a horta ao redor do rio e quatro ou cinco oliveiras e agora quando bim prà aqui já colhi uns dez doze binte contos quilos de azeitona sete ou oito mil colhi trabalhei muito e agora já anda tudo no que era meu e naquele tempo foi custou-me habia pessoas que não mas eu a berdade foi esta desde que tibe casado o negócio ajudou-me meti-me no negócio sempre assim fiz feira de bila flor fiz a de carrazeda fazia a de bragança fazia ali a do franco fazia muito e a mulher também era boa amiga ajudava-me até me parece a mim que até fazia dinheiro aquela mulher mas olhe morreu-me muito cedo e eu lá fiquei também e foi assim a minha bida passei a bida naquela aldeia naquele tempo na aldeia era muito mas inda era mais humilde e era outro feitio de gente mais carinhosa mais mais honesta nós éramos quatro irmãos e estávamos lá todos não três que um está prò brasil o mais nobo já foi prò brasil e eu casado mataba-se a juntava-se os meus filhos uns ajuntava-se tudo agora não a vida agora é mais baidosos são mais baidosas bou-lhe contar uma frase bou-lhe só contar pois já não conto mai nada pois conta ali o senhor joão diz que o salazar isto é do tempo lembro-me bem que foi muita miséria mas nós caraças tínhamos um bom pai que foi balente pra isso e foi à espanha lá o don carlos é lá o rei e tal andabam lá com eram todos amigos o gajo o salazar convidou-o pra bir cá a portugal isto é uma historiazita mas diz que foi berdade pode ser história mas foi berdade e atão o salazar era fino mandou colonizar o dinheiro esses é que deram cabo dele mas também se fizeram outras cousas é que lhe disse lá pra ele lá lhe mostrou belém num lhe mostrou a minha aldeia nem bale salgueiros e então o salazar que lhe diz ele que diz prò salazar não tens aqui coisas bonitas e tens mais dinheiro do que eu a espanha naquela altura não era nada também melhor do que portugal mas não era nada e tens mais dinheiro do que eu mas és um maroto tens os filhos tens tudo a morrer com a fome e dize-lhe ele está calado se lhe entchesse a barriga num pugaba neles e cá está agora já num há quem nos domine as pessoas sabe e era berdade o que ele diz olha são humildes aquilo que eu faço lhes mando fazer são certinhos e quem fizesse mal tinha de o pagar com ele mas agora disse que se lhe entchesse a barriga num pugaba neles cá está o binte cinco de abril cá está é berdade pronto

## **MAF1A**

naquele que há lá mesmo em macedo ou dos autocarros há outro antes de chegar na arrifana que é o lar santa marinha não é perto de macedo é antes não duma aldeia próxima pedroso fica a doze quilómetros mais ou menos doze treze sim não quem bai a direcção a binhais engenharia cibil seis anos fogo porque era de todas as engenharias era a que gostaba mais engenharia cibil sempre foi está o azibo não é em macedo mas é próximo mais não sei mais a casa do careto em podence os caretos são muito famosos não é mesmo em macedo mas é nos arredores agora mesmo lá em macedo acho que não há mais nada assim de especial pois é eu tinha-me esquecido a feira de são pedro é uma feira com muitos expositores de todas as coisas prossora móveis sei lá tudo todas as áreas pra quem quiser máquinas agrícolas industriais automóveis mas aquilo era melhor quando tinha quando tinha o nome de bila do que cidade sinceramente então uma cidade é mais desenbolbida penso eu agora pois deve ser melhor acho que era melhor quando bila do que como cidade é uma cidade muito pequenina acessos melhores talvez mais acho que debia haber mais apoios talvez aos idosos por exemplo nas aldeias acho que nada não há mais nada temos um parque pronto isso tá pra abrir um lar um centro de dia temos um chamamos uma casa do pobo que é assim um edificio ainda bastante grande depois havia primeiro agora fechou nesse lugar ia o médico uma vez por semana as pessoas não tinham que se deslocar a macedo faziam ali o que precisavam agora isso fechou era uma coisa boa também não há depois tem um parque também pràs crianças tem um parque não tem mais nada prossora pois já maternidade já fechou há muito tempo na altura em que eu nasci não nasci lá mas habia fechou isso e agora querem fechar a urgência queriam fechar mas já não bai fechar mais alguma não é assim à noite por exemplo a noite é difrente tem o farmácia e o um bar que se chama farmácia e o models mais nada aqui há muito mais e tem uma discoteca mas tem também quando fechar o piaget macedo morre é berdade pelo menos ali mas mesmo pròs comerciantes acho muita coisa prossora ajudaba a pessoas que precisam na minha família primeiro e depois e às amigas e sei lá e as pessoas que precisassem acho que condições melhores não sei ou mesmo lá na cidade sei lá há por aí muitas pessoas que não têm assim condições principalmente nas aldeias ali em podence há muitos ciganos que bibem assim mal se calhar também não fazem pela bida bá pois o meu vocabulário

## **MAF1P**

porque achei que era interessante porque se calhar bá hoje em dia qualquer curso é complicado ter emprego eu pensei assim que se calhar ia gostar se calhar que me ia dar futuro logo se há-de ber estou bastante engenharia tem a parte de engenharia matemática física e química depois tem as vertentes que estão associadas como eu sou da aldeia duma aldeia que a gente trabalha mais com a natureza e então está muito relacionado que a gente agora depois de ter este curso vê-se as coisas de outra maneira por exemplo uma pessoa olha pra uma planta olha com ela de uma maneira difrente olha pra uma árvre diz assim esta árvre se calhar não devia ter feito isto uma pessoa olha de uma maneira completamente difrente prá natureza e bom e mesmo em relação à climatologia produção acústica impactos ambientais reabilitações muita coisa de morais já assim não tibe a trabalhar em macedo também um ano prontos eu estudei em mirandela porque quis ir pra lá para um curso profissional e depois fui para fui trabalhar um ano em macedo e depois fui para depois bim prá qui mas assim pra já fui passar férias a lisboa espanha não não penso que só falta mais um ano é assim se calhar aqui uma pessoa não tem grandes possibilidades prontos não há grande como dizer prontos o mercado de trabalho aqui é muito pequeno é pouco se calhar sei lá como o meu namorado é de braga sei lá se calhar para ali se calhar uma pessoa tem mais trabalho como é de lá pelo menos um ficar perto de casa assim é só bir passar o fim-de-semana a um lado porque se ficarmos longe um do outro prontos longe prontos é um fim-de-semana na casa dele outra casa prá aqui é complicado assim é só bamos ver é assim acho que prontos como se pode ver cada bez se fala mais sobre o ambiente uma pessoa na tlevisão há sempre estão a falar sobre a minha área seja em paxis em ordenamento do território e prontos raro eu por acaso antes ouvia ou a tlevisão e num e agora estão sempre a falar sempre sempre sempre e mesmo aquele programa da biosfera que é mesmo relacionado com o ambiente e em relação à reciclagem cada bez tem que se fazer mais

reciclagem senão não sei onde é que a gente vai parar não há aterros que aguentem e acho que é um curso pra mim é um curso bom e que tem futuro agora pessoal toda agente diz que não não sei mas também enfermagem também era muito bom muito bom tenho colegas meus que estão em casa por isso uma pessoa era logo umas férias sei lá a tanto sítio sei lá se calhar o primeiro sítio ia mesmo ao egipto ver as pirâmides depois andava aí a correr o mundo pois ajudava quem mais puder quem precisasse fazia tinha uma boa casa um bom carro mas se calhar isso se calhar havia um ano ou dois que se calhar uma pessoa era mais mas depois trabalhava uma pessoa também sempre a é bom assim sem fazer nada rende o tempo então assim rende o tempo uma pessoa é assim agora por exemplo eu vou de férias pra casa e chega-se a um ponto que uma pessoa já não sabe o que se há-de fazer porque a primeira semana quinze dias sabe bem mas depois já num uma pessoa depois o que é que faz já estou farta não tem pois também eu acho que eu já trabalhei e gosto de trabalhar tá bem as pessoas não sei quê a vida de estudante é boa em parte é mas eu acho que é melhor trabalhar uma pessoa trabalha é assim de manhã tem que se levantar e vai trabalhar tá todo o dia e chega ao fim e vai pra casa vai pra casa vai descansar e dia assim prá amanhã é outro dia de trabalho ou vai de fim-de-semana vai de fim de semana agora uma pessoa de estudante é vai pra casa se calhar tem que estar até às tantas a fazer trabalhos ou a ter que fazer alguma coisa uma pessoa está sempre eu por exemplo estou de férias e ainda não noto que estou de férias penso sempre que ainda tenho que estudar prontos também vou fazer um exame em setembro e estou sempre com a aquela coisa eu ainda não entrei em férias ainda não consegui

## **MAF2A**

fui mas eu sou de talhinhas não sou de morais mas a portanto a minha infância foi na freguesia de talhinhas que a passei sim sim porque como morais é maior então aí ele a gente já quando eu fui pra lá já tinham escola por exemplo o meu marido já sempre andou numa escola digna digamos assim no termo não é enquanto que por exemplo eu não andei numa escola que aquilo era uma como é que hei-de dizer não tinha condições mínimas aquilo era uma casa que uma senhora deixou depois ela já não é do meu conhecimento mas foi pra lisboa e aquilo era um salão conclusão do salão aquilo era tinha era tábuas num é portanto à antiga e cheia de buracos bá digamos assim e então a gente estava escrevendo caía um lápis a pena que era a pena que a gente escrebia caía ao chão em baixo era uma loja de animais e estavam lá nessa altura e que é que a gente fazia deitava uma palhinha depois pra onde é que deixamos cair e falabamos com a senhora com a dona da da que tinha os animais em baixo benha-nos a abrir a porta deixei cair o meu lápis e tenho que o ir apanhar chegava lá por vezes eu ou as minhas amigas ou colegas como queremos dizer encontrabamos mas era muito raro encontrar porque os animais andavam-se mobimentando aí enquanto chegabamos não havia mesmo nada prontos aí já íamos pra casa cheinhas de medo onde é que a gente tinha dinheiro pa nós não tínhamos e os pais também não o davam e portanto ele por exemplo o meu marido que ainda agora acabou de falar já tinham lá uma lareira lá na própria escola enquanto nós não era com uma braseira que ainda hoje também tenho duas daquelas antigas e atão eu ou os outros lá da escola dava-se e andava-se de casa em casa olhe dê-me quatro de brasas pronto e lá se levava conclusão quem é que se ia quecer era a senhora professora porque nós estábamos cheios de frio quando precisabamos de nos quecer nós estábamos íamos lá uma vez estábamos lá um pouco pronto depois a professora já dizia não não não isso já é mania bamos lá embora a trabalhar e estábamos ali encolhidinhos exacto pa professora pra se sentar ali numa secretária bastante antiga num cadeirão a escola o salão não tinha as mínimas condições mas o mobiliário que lá estava era muito superior do que é hoje porque hoje é um mobiliário que aquilo mais parece de bebés e não de de adultos porque no tempo que eu andava muitos já bastante adultos já tinham onze anos doze anos né porque só se entrava com sete e muitos acontecia faziam os sete antes depois de outubro já e então já não aceitava na escola desculpe conclusão aí entrava com oito anos depois ainda havia aquele ano que se perdia né perdiam-se mais que agora e é muito simples era portanto uma pessoa tinha outras regras que agora não tem eu por exemplo com a quarta classe aprendi coisas que agora que no décimo décimo primeiro lá como queiram dizer não sabem percebeu de tudo seja daqui do continente ou das ilhas por exemplo ou da de

ultramar por exemplo sei de angola moçambique hoje qualquer um não sabe quem descobriu angola quem descobriu moçambique quem não sabe rio nenhum os habitantes o que é maior portanto quantas vezes é mais seja moçambique seja angola não o dizem não sabem se é nobre bezes mais por exemplo moçambique por exemplo angola se é catorze bezes mais se me perguntarem não sabe eu sei tudo por quê porque as prossoras tinham que lebar tudo tudo a pente fino quem não soubesse aquilo elas não propunham a pessoa a exame e não habia nada pra ninguém né e porque nós agora se fosse isso a gente mandabam-nos ao mapa era nas linhas do caminho-de-ferro a gente tinha que ir por aqui por ali tinha que descobrir tudo os rios e assim sucessivamente quem não soubesse os rios enquanto não soubesse todos apanhava e tinha que os aprender eles mesmo agora estão admirados como é que eu sei tantas serras como é que eu sei tantas coisas eu mesmo serras mesmo hoje presentemente sei umas quarenta e começo-as a dizer como quem diz o padre nosso né íamos nas contas que ainda agora o meu marido falou uma pessoa fazia contas que aquilo eram enormes se fosse de multiplicar se fosse de dibidir se fosse qualquer problemas agora não agora falha a calculadora biba senhor zezinho já não pronto falhou tudo não sabe tirar uma proba não sabe fazer nada né uma redacção tudo de tudo que era era uma coisa e é como lhe digo e ó mais tabamos cheiinhas de frio agora têm tudo no meu tempo e rebolta-me isto eu hoje presentemente digo rebolta-me não é ter inbeja mas rebolta-se se é que eu e mais tivemos tão pouquinho e hoje dão tudo e mais alguma coisa nós cheiinhas de frio com as janelas com os bidros com um paninho daqueles dos abentais a prossora andou a pedir dinheiro os meus pais eu bem lho disse dei lá cinco croas não não dou nada e não deu pronto e nós estabamos ali cheiinhas de frio habia os que encostabam assim à beira da janela binha a água e molhaba-se e eu tinha que pôr assim e hoje hoje dão-lhe a alimentação dão-lhe biagens dão-lhe libros dão-lhe subsídio dão tudo e a nós não nos dabam nada

## **MAF2M**

um bocadinho está bastante olhe as casas e tudo houve uma modificação muito grande pela aquilo que ouço dizer olhe tem ali a estalagem do caçador que tem uma piscina podia passar lá tem ali a barragem do azibo a praia flubial que é uma maravilha tem aqui também pertinho em grijó aqui uma aldeia próxima a cinco quilómetros um como é que hei-de dizer hipismo pode ir pra lá todos os dias temos uma piscina municipal também é bariado tem a posta tem o cabrito tem o peixe de toda a espécie e qualidade é dos sítios onde se come melhor sim é quando é a bolta a portugal por exemplo dormem em mirandela ou em mirandela mas vêm a dormir e a comer aqui a macedo eu já há dezassete anos olhe é um a seguir ao outro sim sim ainda não há muito tempo pa aí há dois anos ou três que haja muita é é assim tiberam que ir buscar aldeias que é pra fazer pra dar o número de habitantes que desse pra ser cidade é uma cidade pequena era melhor ser uma boa bila do que quiseram assim eu alguns dez sim sim se tiber pelo menos dar a bolta sim telejornal sim debates quando há debates também gosto de ber entrebistas tudo o que seja relacionado com política e desporto eu o que é que fazia com o dinheiro olhe guardava-o e continuava na mesma a trabalhar a fazer o dia-a-dia como faço hoje não mudava nada gosto também não dá pra gastar muito euro que a coisa está preta ela em casa sabe mais que ela que ela é uma boa dona de casa uma boa rendeira se for preciso costurar também lhe dá um jeito era assim por quê se formos a ver o salário que um homem que o marido ganhava daba pra sustentar a casa e daí a razão da mulher ficar em casa e tomar conta dos filhos por isso é que os filhos praticamente eram educados pela mãe durante o dia agora não agora se não for o casal a trabalhar como é que se consegue sustentar uma casa num não se consegue e quando por exemplo quando era o escudo nós agarrábamos em dez contos e íamos às compras trazíamos compras e trocos agora levamos cinquenta euros que é a mesma coisas nem trazemos trocos nem compras e chegamos a casa e perguntamos assim o que compramos que é que fizemos ao dinheiro porque é assim nós dizemos assim foi cem euros mas não é cem euros porque se a gente reparar passa mais não é prontos esse que bai a mais são quase duzentos escudos ou duzentos e tal escudos o que bai a mais imagine em três ou quatro coisas que sejam no balor de cem euros quanto é que eles o comerciante num ganha e antigamente eram vinte contos eram vinte contos

não era é isso está muito difícil um euro e quarenta eu sei porque eu vou comprar lá eu sei porque dia sim dia não eu vou lá em cima ao bairro comprar um pão grande eu sei que é um euro e quarenta porque

### **MAF3A**

está a grabar tudo pertença não eu moro numa aldeia aqui perto castelões uma aldeia aqui pertinho talvez cinco seis quilómetros mais ou menos sempre sempre não já estibe mas pouco tempo mas praticamente já uns aninhos a maior parte do tempo aqui na zona eu estibe em angola mas já foi antes do binte e cinco de abril pronto ainda era como era aquilo era muito bonito bonito e bom né um país muito melhor que o nosso era muito diferente hoje acho que não está nada disso mas se pudesse gostaba de lá ir eu só estibe lá três anos também foi pouco tempo o dia-a-dia lá talvez diferente daqui bem eu estava em casa não é estava com umas crianças era mas mais ou menos tinha quase sempre a mesma coisa mais aqui menos ali pois o que é que aos fins-de-semana a gente sempre há mais habia mais distraimentos que talvez haja aqui bem hoje aqui no nosso meio também já temos também há o cinema há estas coisas todas que antigamente não habia nada antigamente era só casa e mais nada não é o que dizem os nosso velhotes nós agora praticamente também é quase a minha vida é quase trabalho casa casa trabalho ir para horta a distrair e a bronzear está preta a coisa não é já viu eles parece que até fogem os euros nem dá por ela a gente vai às comprinhas e eu tenho a quarta classe lembro aí não muito diferente agora eu ainda ensino os outros os de agora se for preciso estou-lhe a dizer era diferente a gente tinha portanto agora é mais à base de bonecos desenhos e essas coisas todas antigamente não antigamente tínhamos que memorizar muito a história os rios tínhamos que saber os rios todos as serras as cidades nós tínhamos que decorar aquilo tudo as margens dos rios onde desaguavam onde nasciam onde iam era muito diferente do que é hoje a tabuada tínhamos que a saber de cor e salteada não podíamos andar ali a bater com os dedinhos para contar os números a ver os que faltavam e os que sobravam e agora agora tudo calculadoras eu ainda sei a tabuada toda de uma ponta à outra mas é verdade zezinha eu a tabuada sei-a todinha se for preciso ensinar umas contas às garotas sou eu que lhas ensino a pequerrutcha dá-se mais porque eles agora é tudo calculadoras antigamente era tudo eu acho que antigamente que era melhor a escola aprendia-se mais coisas mesmo na história então mesmo a história a gente tinha que isto já lá são muitos anos não é deixei a escola com onze anos muitas coisas tudo não mas lembro mais ou menos mas era tudo diferente do que é agora mesmo os problemas a gente aprendia a fazer tudo agora não aprendem nada disso ajudava os filhos tenho quatro era para que o queria para mais nada e continuar a vida do dia a dia claro só se fosse muito muito que mas mesmo que fosse o prémio grande tenho quatro filhos já viu para dividir por todos também não calhava muito a cada um da maneira que a vida está tínhamos que continuar a trabalhar não é podia a gente ter uma vida mais aliviada graças a deus também não há problemas não é a gente tendo saúde vai tendo para dia a dia se a gente o souber orientar vai chegando graças a deus disse disse cinquenta e três anos é só posso procurar para que é o trabalho certo se precisar mais alguma coisa a gente geralmente tínhamos um dia para religião tínhamos para uns trabalhos às vezes ensinavam a fazer uns pontinhos as professoras que algumas sabiam trabalhos manuais coisa que agora geralmente não ensinam eu certos pontinhos que apanhei foi na escola primária quando era criança e agora não não ligam nada a isso tínhamos aqueles dias isso é verdade mas não é isso mas também é preciso saber diz que principalmente uma mulher devia sempre fazer tudo um pouquinho então é mesmo o saber não ocupa lugar a gente devia saber tudo um pouquinho graças a deus sei tudo um pouquinho se for preciso ir ao campo ou se for preciso em casa também faço é isso se quer saber mais alguma coisa está aqui a menina zezinha que ela graças a deus eu cozo eu faço tudo mais ou menos o que é essencial numa casa numa mulher eu dou um jeitinho a tudo eu acho que sim não vamos lá ver antigamente num habia televisão num habia tantos cafés num habia tanta coisa por exemplo uma rapariga também poucas mulheres trabalhavam fora principalmente as das aldeias não é que mulheres é que trabalhavam e as pessoas também tentavam ocupar mais o tempo não é umas com as outras ensinavam umas às outras era a tricotar era a tecer era essas coisas todas coisa que hoje pouco se faz em casa olhe não precisa de ir mais longe é ver o pão a diferença a como estão tem aumentado aumentado eu por exemplo já tenho feito isso portanto eu cozo o pão eu com dinheiro numa saca

de farinha como o mês todo se calhar ainda me sobra se for a comprar pão eu gasto esse dinheiro numa semana é isso porque um pão grande eu nem sei bem quanto custa um euro e tal pronto eu não compro pão mas estou a procurar mas bamos lá ber um euro um pão não dá prà semana e eu é raro comprar pão enquanto que eu por exemplo compro uma saca de farinha binte e cinco quilos bá é das que há umas de binte e cinco quilos custam oito euros e meio eu com oito euros e meio com a farinha cozo como o mês todo e eu com oito euros e meio gasto-o na semana já biu a difrença eu também faço à minha bontade também cozo sempre aproveito o dia da folguinha pois não o dia da folga trabalho se calhar mais pois ainda fabrico horta eu e o marido ainda bamos pra lá só pra nós só prò consumo da casa mas fabricamos e o pão pronto também cozo às vezes se é agora neste tempo não tem que ser cedo a gente pronto aproveito o dia da folga mas muitas bezes quando é assim no tempo na primavera no outono ou no inverno desde que saio daqui às quatro cozo perfeitamente tenho um forninho em casa e gosto muito do meu pãozinho é melhor que o outro e rende mais e faz melhor não é prontos se não precisa de mais nada

### **MAF3M**

eu sou de uma aldeia mas estou cá há muitos anos já há binte e cinco anos que estou cá em macedo sou de castelões sou sou daqui perto tenho cinquenta e oito cinquenta e sete bá faço cinquenta e oito agora em janeiro fui até à quarta classe então lembro lembro pois antigamente a escola como era era a escola normal sim fiz da primeira classe até à quarta não é era a escola antigamente a gente brincava jogávamos a corda jogávamos a ao lencinho jogos de roda né era o que fazíamos olhe assim coisas difrentes já não lembro bem porque já há tantos anos num é já muitos anos que a gente saiu da escola assim coisas difrentes num me lembra de fazer a não ser os jogos de roda e assim agora assim agora é que se faz mas antigamente não na escola aprendíamos só a ler e a escrever e mai nada prontos íamos prò recreio era o que fazíamos não me lembra de fazer mais nada filha não me lembra era antigamente era bonito macedo não não é que seja feio né que seja feio mas eu já digo isto já disse muitas bezes eu preferia o macedo antigo porque a gente bínhamos da aldeia bínhamos a macedo disse bamos a macedo e bíamos assim estas ruas difrentes parece-nos a nós que era mais bonito mais porque não é que agora esteja feio né tem coisas lindas que a gente até macedo até está bonito e pronto tem coisas muito lindo só que antigamente não sei se a gente éramos de estarmos habituados a ber antigamente macedo mas agora também gosto não desgosto né antigamente o antigo diz que é sempre o mais o mais bonito não é olha recomendava que fosse a ber há cá coisas muito bonitas por exemplo à câmara de macedo de cabaleiros que é muito bonito a barragem do azibo pronto aqui assim estas coisas bonitas que temos por cá o que é que comia eu sei lá olhe se calhar uma feijoada não gosta de feijoada pronto uma feijoada cá fazem a feijoada bem feitinha umas alheirinhas assadas e cá em macedo também há nós cá em macedo também temos tudo então alheirinhas de macedo também são boas são milhores do que as de mirandela temos bô chouricinho bô salpicão bô presunto temos tudo cá em macedo há de tudo bom não estou a dizer nada mal só estou a dizer aquilo o que é temos de bom não é temos tudo bom em mirandela claro que é a terra das alheiras mas cá também temos que nós comemos das de cá matamos o porco quem o mata e fazemos quase tudo aqui a minha colega mata o porco faz alheiras faz salpicões faz chouriços doces faz tudo tudo aqui é bom cá em macedo o doce típico num sei assim o folar temos o folar sim e o bolo rei no natal e depois na páscoa temos o folar o folar e o calço chamamos-lhe os calços é não é tipo rosca é birado chamamos-lhe a rosca chamamos-lhe um calço deve ser esse pois e é o pão de ló pró santo da nossa aldeia e recomendo quando cá bier a macedo de cabaleiros bá à minha aldeia castelões temos lá o santinho o são zenau que é muito bonito e também é uma coisa que se pode ir a ber que é uma coisa bonita antiga temos lá uma igreja muito bonita pronto bá lá eu estou cá em macedo mas a minha colega está lá a minha colega bibe lá portanto praticamente é aqui a nossa bida mas bibes lá pronto eu estou cá em macedo a biber são zenau mas é lindo pode lá ir a ber que é muito bonito e pois temos outro lá em cima ao são marcos que é uma serra também é muito lindo também é muito lindo abista-se tudo quanto se bê bê-se tudo as aldeias todas daqui dos arredores de macedo bê-se tudo por isso pode bisitar e fazer tudo tá

#### **MAF4D**

ai eu sou escusada no mundo escusada no mundo olha se quer ber que prossora que nem sequera sabe o que lhe estou a dizer de nada eu não aprendi com um filho um filho tanto me atentou os fígados não não eu sou não senhor é daqui do concelho de macedo mas num sou daqui sou de longe eu sou da aldeia mais longe do concelho sou lá pra pra ferreira é mais longe não num deve ser não senhor só vivi aqui da seis sete anos pra cá no concelho sempre nasci na aldeia e criei-me na aldeia até à idade de oitenta anos quantos me dá sou sou tenho oitenta e seis feitos já eram olha eram trabalhar como mouros e andarmos na laboura sempre no trabalho atrás trabalhava-se mais na laboura do que agora agora ninguém trabalha na laboura no campo eu num saía assim muito prò campo tinha filhos tinha filhos e marido pra onde ia ia a ajudar o marido quando era preciso e fazia auguma coisinha ia lá a ajudar a regar à horta ia prà ia pra onde era preciso eu não e onde havia os prossores num tínhamos nem escola nem nada pois se tivesse escola mas agora graças a deus pra mim tenho aos meus setenta e tal anos sei escrever o meu nome lindamente e ler se já leio agora que estou a dizer que leio correctamente eu estou a a fazer que faço a letra mais linda que o senhor diga assim num há-de ser muito boa ui jasus pra comprar uma croinha de arrebuçados era preciso oh pròs meninos bô agora dão-lhe tudo e mais alguma cousa e assim sim senhor

#### **MAF4L**

olhe nasci em mil nobecentos e binte e oito sempre em macedo andei lá sete anos pra fazer um exame que era tão fina lembra era boa eu é que batia nos outros todos e era aleijada depois pois tinha uma mão deu-me uma paralisia neste lado quando não me podia agarrar a elas ia ao dente um dia uma queria-me deitar ao poço a mim e eu bobi água mas não me deitou ao poço e eu peguei-lhe no cú das calças bumba botei-a a ela ao poço dizia ela pra mim pràs oitras num se pode meter com a lucília que ela aleijada e tudo vence sim não na minha escola batiam-me pediam-me a mão para me bater e eu daba nesta mão porque esta mão é aleijada e não sente tanto ò depois batia-lhe a outra rapariga e choraba e diziam-lhe assim ó a senhora botava bate-lhe naquela mão bata-lhe na outra bai ber como ela chora sabiam que eu nesta mão não me magoaba e ò depois já me queria só a mão direita ainda choraba mais do que elas ui jesus muito difrente tinha poucas casas tinha pouco depois começou a ir tudo prà frança e agora está uma cidade olhe é se os belhos biessem a este mundo e bissem como está macedo tornabam a morrer porque está difrente ó menina eu eram somos nobe irmãos morreu o meu pai ele tinha quarenta e oito anos éramos onze irmãos depois quando eu tinha dezoito anos quando nasceram duas gémeas que a minha mãe coitadinha desesperaba éramos muito pobres tínhamos uma taberninha e morábamos por exemplo aqui e íamos que era a nossa casa lucília leba os garotos e bai-te à cama lá íamos nós umas bezes a brincar outras bezes a batermo-nos outras bezes depois quando o meu pai morreu as minhas gémeas as minhas irmãs ficaram com dois anos e meio e depois tinha um tio que estava na áfrica mandou pra lá ir o mais belho depois do mais belho lá estar mandou ir mais um irmão e uma irmã aqueles três mandaram bir mais um foi pra américa outro pròs açores namorou-se lá de uma empregada do comandante era impedido de ir às compras prà américa que ela era americana ela era americana depois tem quatro filhos chegou a pôr uma doutora outra engenheira outra adbogada tiberam cá este ano mas tenho a mulher dele tem um cancro tenho outro irmão casado com outra mulher que a minha cunhada também já lhe tiraram um peito daquele peito já lhe tiraram mais três caroços é tudo assim um correr de doenças eu atão em mil nobecentos e quarenta e um eu andaba assim com trazia uma barriga inchada inchada sempre mestruada em mil nobecentos e quarenta e um antes de ir prò uma palerma da aldeia andaba a aprender a dar injeccões às pessoas esta perna já andaba aleijada deu-me aqui uma injeccão que tenho aqui um papo não bê a perna inchada por muitas bezes falha-me as pernas ainda não há muito estava ali dentro saía da capela para me ir à cama e rezo sempre ao santíssimo não sei se me passou alguma coisa pela cabeça se me falhou a perna foi preciso três pessoas pra me alebantar e ainda não estou boa a irmã muitas bezes nem me deixa ir sozinha à rua é assim a minha bida

#### **MAM1A**

ai já foi lá então não diga que foi lá à festa é a maior aldeia do concelho é maior pra nós aqui que depois falo com os uns colegas meus aqui da zona de coimbra da zona de lá de baixo a minha freguesia tem seis mil habitantes não é normal ver assim e depois com aquela qualidade já de arruamentos jardins aquilo tá a ficar tem duas padarias tem três restaurantes temos gabinete de apoio ao cidadão temos internet wireless temos mas aquilo já está já esteve melhor não morais morais tem um problema de gente está muito dividido não sei se é do facto de ser grande ser extensa assim comprida é muito dividido quando chega a essas alturas o pessoal não se une muito e isso vê-se mais por exemplo no futebol que hoje em dia voltaram a ter equipa e da aldeia só são dois ou três elementos quando se organiza festas que agora organizaram lá a tradicional a tradicional não reviver outra vez a ceifa antigamente aí sim junta-se o povo mais de resto agora assim aqueles jogos tradicionais que havia antigamente do fito e mais essas esses jogos tradicionais das aldeias na festa acabou é tipo a malha só que é jogado pronto normalmente é pelo sexo masculino tem dois vintes nós chamamos-lhe de dois mequinhos a tipo vinte e cinco metros um longe do outro e o objectivo é com uma pedra fique a aproximar-se mais da é tipo a malha só que tem dois dum lado e do outro tem pontos os chamados pontos velhos e os pontos novos porque é assim próximo do binte vale dois pontos se tombar o vinte são seis pronto aquilo vão-se acumulando até chegar a vinte chega a vinte volta a zero mas os próximos vinte já são os pontos novos não me diga então não é daqui da zona não conhece nunca ouviu falar existem tantos torneios de fito onde é que costuma haver torneios de fito é ali nos chãos então o fito o fito eu acho que aqui é em toda vila flor mas vila flor ou de uma aldeia mas é normal pronto se fosse numa aldeia era mais normal ter ouvido sempre das sedes de concelho nunca é tão fácil de ouvir determinados termos noto isso nota-se nota-se por exemplo eu falo da minha e por exemplo logo da daquela aldeia vizinha que é talhas que também é uma aldeia muito grande tem dialectos difrentes mas nós temos a nossa língua aqui eu acho que é muito difrente porque também somos muito raianos e depois há vivências difrentes mas nota-se muito muito salvo seja sim entre transmontanos há muita maneira de falar se tiver aqui uma pessoa da aldeia de talhas que é por estrada são alguns sete separam uns sete ou oito quilómentros no máximo e um da minha aldeia nota-se que são diferentes nem se dá ideia que realmente são aldeias mesmo coladas porque a nível de terreno é colado são separadas é por estradas e sei que tem muita diferença sim para além porque é assim antigamente juntavam aos domingos juntavam-se as pessoas e jogavam esses tais jogos tradicionais como falou há bocado hoje em dia para haver esse tipo de jogos é porque a comissão de festas organiza isso com o objectivo de angariar mais alguns fundos porque antigamente ia-se para o café e também se jogava as cartas e já pouco se joga então se não for a festa a organizar um torneio ou isso para poder angariar fundos isso está tudo a acabar isso vê-se porque as aldeias na minha maneira de ber são têm uma faixa etária muito idosa e estão a ficar muito desertificadas e o pessoal não vê isso não liga e quem ligava a essas coisas e que jogava e que gostava e que tinha aquele gosto era o pessoal que tinha sessenta setenta anos da geração mais rara essa geração não liga a isso prefere ir prò café beber umas minis e o resto é conversa noto noto nota-se muito porque via-se ainda se via disso ainda se via gente a jogar aos domingos e hoje não se vê ninguém e sem ser e quando era os jogos sempre casados contra solteiros havia gente hoje não há gente pessoal onde quer está lá quer se calhar estar no café com os amigos a beber isto quando está lá o pessoal nem está lá morais é muito grande mas não tem a gente que se pensa é enorme por exemplo o pessoal da minha idade pronto da escala dos vinte até aos trinta anos nessa faixa etária parece que não há ninguém só se juntam quando é por exemplo no carnabal para fazer o que não se deve é partidas de carnabal porque passam a noite toda passam a noite toda até fazer brincadeiras digamos assim aí é que se vê realmente porque a gente vai pela rua e vê-se grupos de vinte pessoas e a gente diz bem onde é que há tanta gente que a gente de dia não vê tanta gente aí é que se vê ao mais de resto nunca se vê e vê-se quando eu tinha dez anos só ia lá aos bailes que havia sempre bailes aos fins-de-semana que ia com os meus pais estava sempre aquilo cheio hoje nem os fazem porque ninguém vai pra lá não não há tá uma em izeda mas aquilo coitadinho o pessoal pra macedo bragança

**MAM1B**



há a feira de são pedro a feira de são pedro é uma exposição de artesanato comércio em que fazem nessa altura para mostrarem o que há à venda no distrito de bragança e no concelho de macedo de cavaleiros oito dias tem para além de expositores tem artistas que actuam todos os dias variedade inclui todo o tipo de artistas e mais nada é só tem parque de diversões pra miúdos e não tem assim mais nada nem tanto foi já foi agora é do que agora deixaram fugir tudo levaram tudo para bragança que é o distrito de macedo do distrito de como é que é o distrito de trás-os-montes não é da nossa zona levaram tudo para lá e macedo ficou parado é dê pês o cedos que era o centro de coordenação do distrito de bragança de socorro que era cá também foi pra lá a nível de bens agora até nos tiraram o helicóptero pra serra de bornes nada tiram tudo nós não nós bombeiros de macedo não estamos a fazer nós não estão a fazer outros bombeiros mas nós não ensino superior até ver até ver não sei eu sou assalariado profissional operador de central pra ser bombeiro é preciso gostar de ajudar não é gostar de ajudar não ter medo em em ir para certas situações não ter medo em actuar em certas situações complicadas e ter espírito de vontade temos durante a nossa vida de bombeiro temos várias acções de formação em que umas são pós laborais e outras são laborais e as pessoas que são voluntárias muitas não podem fazer porque são trabalham e não podem deixar a vida deles para vir a fazer formações de bombeiros mas as básicas têm que ser feitas logo no início depois há sempre depois há as escolas que é subidas de promoção em que uma pessoa chega aqui começa como aspirante pode subir até chefe eu sou operador de central acontece-me muitas vezes situações complicadas acidentes incêndios situações mais caricatas dois acidentes ao mesmo tempo situações em que é preciso sempre muita gente e uma pessoa nem sempre consegue arranjar

## **MAM2A**

não eu tenho andado pelo estrangeiro França e Espanha sim durante bastante tempo só este ano é porque foi por problemas de saúde mais se não já lá estava e agora espero ir bem lá prò fim do mês sim agricultura sim sim sempre na agricultura estufas isso depende estufas ao ar livre e se fui à escola sim minha senhora décimo segundo exactamente muito diferentes diferentes em tudo na maneira de vestir na maneira de ser tratado por professores e educadores em tudo antes pois nós tínhamos que cumprir determinadas coisas que hoje qualquer pessoa da vossa idade não o faz sim em primeiro pela consciência das pessoas e em segunda pela camaradagem que existia antes e que hoje não existe e penso que e pela ajuda entre as pessoas exactamente olhe olhe pra lhe explicar pra lhe explicar isso é um bocado difícil porque há muitas pessoas que não compreendem mas se eu pudesse mudar e olhe que era uma coisa muito simples nós podíamos mudar facilimo só que as pessoas da mesma idade que éramos em relação a outros tempos hoje não é possível a maior parte deles não estão aqui mas era fácil porque antes juntabamo-nos trinta colegas aqui na praça à tardinha ou à noite ou ao anoitecer nós entre os trinta conseguíamos fazer coisa que não se faz hoje em dia que hoje em dia a juventude eu não sei é fácil de compreender porque são habituados noutros sistemas por isso não é fácil mas dantes era

## **MAM2J**

fui até à quarta classe mais ou menos eu agora num sei como é sim é mas dentro dos possíveis era diferente aprendiam-se os problemas e às redacções e os ditados e às colónias e muita coisa os professores batiam em cheio e agora não agora não batem diferente como está está está muito mais desenvolvida dantes trabalhava-se na agricultura como agora mas era com os animais agora é com os tractores trabalho na agricultura infelizmente desde sempre porque é uma profissão muito ruim não dá dinheiro e chobe a gente molha-se faz frio a gente anda sempre mal e se andasse a estudar estava bem agasalhadinho lá dentro na escola com a cabeça também mudou muito de há binte anos pra cá desenvolveu muito nas em tudo nos jardins e no desenvolvimento da vila da cidade e o comércio está tudo mais desenvolvido sei lá não sei explicar eu não sei a ideia da senhora sim estão mais estão as piscinas o azibo mas sei lá mas agora já se acabaram de apanhar os fardos agora no tempo da azeitona pode ir tem tem lá muito emigrante está há lá sempre muito emigrante morais é uma aldeia muito desenvolvida tem desenvolvido muito tem lá bôs jardins bô tem lá um grande um

campo de futebol muita coisa temos lá três restaurantes se quiser almoçar e dormir também pode muita coisa bitela e várias coisas peixe também temos lá um carro de peixe a bender peixe pelas aldeias está lá a residir temos lá duas padarias num se morre à fome num se morre à fome não supermercados também há lá havia lá dois ou três agora já fechou um a da senhora de oliveira no primeiro domingo de outubro come-se e bebe-se e bai-se à missa e depois prò bailarico uma grande procissão grande procissão sim junta-se lá muita gente e então no arraial aí é que se junta lá muita gente é uma das festas que se junta muita gente claro que era diferente era mais ou menos igual mas não era bem igual porque estava tudo mais atrasado agora está tudo muito mais desenbolbido antigamente só ia a banda e agora tem mais os conjuntos e às vezes leba o cantor que ainda este ano bai lá lebar o jorge ferreira tá ber uma grande festa temos que gabar o que é nosso mas pode mas tem de ir já há muitos anos posto da guarda centro de dia exactamente é também espaço internet tem muita coisa enbolbida do mourão não conheço eu não trato tenho bacas e bendo bitelos não bendo obelhas aí é mas num conheço o teu irmão é capaz de conhecer na altura as prossoras como à bocado falei batiam muito batiam muito e muitas pessoas que tinham medo de à régua à porrada já num entrabam prà escola e conclusão iam-se ali prò pòs medeiros porque na altura habia aqueis medeiros de palha e ficabam-se ali nos medeiros e a já num entrabam prà escola e portanto dessa idade não sabem ler percebeu o problema é esse mas dessa idade há muitas pessoas que não sabem ler por isso habia pessoas bardinas que em bez de irem prà escola não iam ficabam-se ali na brincadeira e tinham medo à porrada e depois prà próxima ainda batiam mais ainda era pior e depois já sabiam que não passabam e já e diziam aos pais que iam à escola que era para andar para não ir a trabalhar e passabam assim os dias deles e passando-se os anos e não sabem ler mas é a tal conta agora só muitos não estão estão no estrangeiro são emigrados dessa idade há mas agora

### **MAM3N**

pois não quis ficar apurado não fui prà tropa na altura em que eu ia prà tropa habia essa facilidade só ia prà tropa quem queria não não eu fui muito antes do ultramar eu fui em cinquenta e seis à tropa à tropa não à inspecção era inspeccionado aqui na câmara as inspecções eram feitas ali e eu naquela altura nem fui inspeccionado quando entrei prò salão disseram-me se queria ficar livre ou apurado e eu disse que queria ficar livre mandaram-me comprar um selo de vinte escudos à tesouraria e depois paguei a tropa paguei a tropa fui à inspecção em cinquenta e seis e paguei até oitenta e três cento e binte escudos por ano durante uns anos depois passou prò dobro pra duzentos e quarenta diferenças como em evolução não se compara quando vim para aqui eu andei aqui a estudar com onze anos que habia aqui o colégio trindade coelho portanto isto era uma aldeia comparado com hoje não tem nada que se compare portanto evoluiu muito em todos os aspectos comércio e de indústria até alguma indústria evoluiu muito desde eu depois saí daqui fui estive no porto e voltei em sessenta e dois para aqui mesmo em sessenta e dois quando bim ainda não era nada do que é hoje teve uma evolução muito grande mesmo em habitantes e tudo dei-me dei-me conta que deu porque eu no regime que havia anteriormente eu já era contra isso eu estibe estibe no porto estibe no porto dez anos e depois bim para aqui e o vinte e cinco de abril aqui foi festejado como foi em todo em todo o país é a mesma coisa toda a gente ficou contente há muitas mais facilidades do que havia antigamente há muito mais expressão para a gente se exprimir portanto falar à vontade naquela altura não se podia falar à vontade porque se houvesse um ajuntamento de meia dúzia de pessoas já já eram presseguidas aqui era em todo o país era me todo o lado já bou que é que quer saber mais habia sim habia alguém que estibesse infiltrado no tempo da pide como se chamaba nessa altura não habia liberdade de expressão como há agora agora estamos em democracia podemos falar sem ofender ninguém mas fala-se livremente temos a liberdade pra falar desde que não se bá atingir outras pessoas mas naquela altura não naquela altura não habia liberdade prà gente se exprimir nem pra nem pra criticar agora ainda se pode querer criticar à vontade que ninguém nos faz mal mas naquela alttura não não não havia prisões normais habia em cada concelho em cada sede de concelho tinha uma prisão aqui tem também tinha é aqui em cima onde está a gê ene erre era ali a prisão agora é que só ficaram algumas por exemplo aqui só há na capital de distrito em bragança izeda era uma prisão de corrécios miúdos de menores onde aprendiam officios artes profissões eram carpinteiros trolhas eram para aquilo que

tinha tinha lá de tudo tinha gráfica também eu não conheço mal porque poucas vezes lá estive mas era disso que se tratava portanto eram era uma escola de correcção isso depois acabou acabou que agora nessa escola é o ciclo é uma escola não sei se tem escola preparatória mas o ciclo sei que tem de certeza

### **MAM3J**

fui e fiz um antigo quinto ano pronto equibale agora ao nono ano sou sim perfeitamente portanto eu as instalações eram realmente de antigamente quase obsoletas não é era conforme portanto na altura era possível portanto as condições talvez não não se proporcionassem a melhor o ensino em si era portanto era eficaz era proficuo e portanto havia um prossor na altura só pràs quatro classes e depois quando criaram os novos pavilhões em portanto eu fui portanto ainda estrear esses pavilhões e portanto aí já havia um prossor para cada classe portanto aí os primeiros três anos foi talvez um ensino mais mais esmerado mais tipo antigo e o quarto ano aliás a quarta classe foi já uma abertura já mais prò mais aberto mais prò moderna senti a difrença entre os três primeiros e o último ano sim sem dúvida nenhuma devido realmente olhe houve uma evolução crescente até uma certa período de tempo quer dizer houve uma evolução no aspecto de número de alunos houve também um aspecto de aumento portanto claro em função do número de alunos assim era extensibo a prossores não é portanto nós tibemos ainda recordo-me tibemos ali sete prossores em morais com uma média de cento e cinquenta alunos portanto houve uma certa evolução a partir de um certo período houve um decréscimo muito acentuado devido realmente à natalidade à portanto à escassez de natalidade e o ensino quer dizer tive novos horizontes uma abertura realmente difrente do ensino que eu frequentei uma abertura de métodos já métodos novos talvez mais atraentes mais sugestivos pòs alunos eu não sei pra mim o método antigo o aluno saia muito mais bem preparado antigamente nós tínhamos matérias tá ver tínhamos matérias muito abrangentes e nós eu vejo mesmo no meu quinto ano uma matéria realmente muito abrangente muito bem centrada eu agora não por exemplo a matéria que eu daba no quinto ano agora dá-se décimo segundo e mais à frente nós no meu tempo nós saíamos da quarta classe saíamos com uma formação realmente sólida portanto nós saíamos portanto éramos privados de dar três erros reprovávamos enfim tínhamos uns certos condicionalismos nós tínhamos que obedecer havia por exemplo a prova de desenho um desenho mal feito dava direito a reprovar três erros dava direito a reprovar quer dizer havia um certo uma certa disciplina um certo rigor exacto exactamente o prossor aí tinha um poder muito mais abrangente do que hoje nesse tempo os prossores os pais diziam ao senhor prossor olhe está aqui o meu filho se fizer alguma coisa olhe carregue-lhe bata bata-lhe e só se perdia alguma que saía fora do corpo e realmente o nesse o prossor claro usaba realmente um bocadinho métodos não violentos métodos portanto bá nem repressivo métodos só para chamar a atenção isso era baseaba-se em função de realmente do comportamento dos alunos porque os alunos naquele tempo talvez não sei se seriam mais rebeldes do que agora mas havia mais responsabilidade havia mais responsabilidade muito mais respeito por um prossor e por outro figura portanto da terra

### **MAM4J**

eu tenho um bocadito falta de audição sou do concelho mas não daqui grilhó freguesia de palhinhas não conhece pois não conhecerá não que é lá fica pra lá pra trás pràs fronteiras de vimioso fica lá mesmo em frente ao nascente izeda e talhas pra aí também não conhece nada abaixo de izeda aí uns quatro quilómetros prò lado do nascente não sul sim sim quê quantos anos tenho oitenta e seis é berdade não me diga mas já cá estão tenho a quarta classe o ensino primário bôs tempos há setenta e tal anos que foi feito isso ui a escola antigamente quando eu comecei não era nada mas ò depois passado alguns tempos apareceu ali um prossor mais ou menos que é era um bocadinho mais apertado do que é hoje o ensino primário estudabam-se matérias que agora num se estudam até no secundário num se estudam certas coisas que a gente por vezes conversa-se sobre o assunto e ó mais com os meus netitos e até com os filhos e até era muito difrente que é que aprendia sei lá bíamos olhe era nessa altura sabiam-se para ir ao exame era preciso saber os todos caminhos de ferro os directos e os e como é que lhe chamam os afluentes aqueles os ramais os principais e as outras mais ditos quer dizer as linhas os rios todos e os afluentes os rios os que desaguam no mar bem

entendido e os afluentes e as serras na geografia era um bocadinho mais do que é hoje hoje não sei bem mas agora claro no ensino secundário já se dá isso era um bocadinho nesse tempo estudava-se tudo isso não nunca saí a minha vida começou-se na aldeia e por lá parei até agora lá com o meu raminho num sei trabalhava na agricultura pois dantes não sabia fazer mais nada e lá tratei daquilo que precisava não é não foi pouco e mal mas deu pra alguma coisa então não eram bem diferentes do que são hoje eu sei lá bem lhe explicar sim sim sim é muito diferente é claro quem trabalhava na agricultura claro eu comecei casei aos vinte e quatro tinha vinte e quatro anos e a minha mulher só tinha dezoito começamos logo a fazer a nossa vida não é agora claro encostado à mãe dela e a um irmão dela mas depois passado pouco tempo separamo-nos gente começou a trabalhar e foi progredindo alguma coisa mas nada de quase que se aproveite naquele tempo a gente biraba-se pra coisas que agora não se lhe tem fé nem uma tá a ber com as minhas economias dou-me pra fazer algumas compras em terrenos mas não adiantei adiantei pouco além disso mas foi-se passando a vida normalmente nasceram seis filhos cinco e uma filha seis foram educados à minha como se pode três têm o ensino superior outros não outro agarrou-se à labouira ficou por ali outro foi pra gnr pronto lá colocaram lá fizeram na vidinha à escolha deles e depois foi-se fazendo pela vida não é com alguma coisa que a gente tudo à base das economias e do trabalho ai trabalhava agora hoje também se trabalha o trabalho agora é muito diferente mas agora está a ber a senhora ou menina desculpe mas agora não compensa trabalhar na agricultura tá a ber num compensa eu ainda tenho um filho claro os outros têm outro ramo de vida dois já estão aposentados e um sempre ficou lá no ramo da agricultura e é o que está hoje ainda a encarar tudo o que é casal o que eu arranjei o casal já debidiu já dei tudo à partilha pois sou viúbo há catorze anos e logo depois passados poucos tempos disse bem vocês tomem lá conta disso e lá tenho tudo legalizado não é afinal os outros irmãos também bibem fora da aldeia um bibe em bragança outro bibe em Vila Real outros bibem no minho no alto minho outros bibem em Coimbra bem estão dispersos não é e ele é o que está ainda a encarar aquilo tudo mas tá com um bocado de dificuldade e também tem dois filhos e a mulher está aqui em Macedo a dar aulas os filhos estão aqui a estudar e ele claro com a ajuda dos filhos aos fins-de-semana quando podem ajudar lá vai fazendo isso e ele além disso ainda é taxista oh não faz nada coitado é um sacrificado na profissão dele e vai encarando assim a labuta mas hoje já não bale a pena que não sei nada ajuda nem ajuda o tempo nem ajuda o governo nem ajuda nada mas quem não sabe fazer mais nada ou quem se dedicou a estas coisas que por vezes é mais a amizade que a gente tem aos bens que vai arranjando e mais quem os arranjou alguns que eu também arranjei alguns e com um bocado de sacrifício eles já ajudaram são todos pra cima de quarenta anos dois como lhe disse já estão aposentados e outros três ainda estão ao activo mas já têm todos pra cima o mais novo tem trinta e sete ou trinta e oito anos pronto e assim se encarou a vida até que chegou altura do que seria de arrumar e é facto que eles não me disseram você agora tem de ir pra aí pra lar ou assim de qualquer maneira disse um deles que é que bibe aqui me Macedo o tal que está tem aqui a família também tem aqui a sogra dele não é e disse um dia já podíamos escrever ali no lar da terceira idade se não quiser ir hoje ir já pelo menos vamos a inscrebê-lo resumo disto depois quando é que entender vai fui consultado duas vezes até à segunda que resolvi bem mas sempre ele e os outros vai pra lá se quiser e o tempo que quiser se estiver sem fazer continue se não quiser a nossa casa está aberta pra senhor ainda hoje quando entendo quase sempre dou as minhas voltas por lá agora no primeiro agora no princípio de julho dia dia seis ou dia sete fui daqui pra o alto minho onde é que bibe num dali fomos bá a dar um passeiozito até Fátima como já é hábito por essa data no primeiro domingo de julho e lá numa peregrinação numa congregação dos puritanos que eu tenho um neto que está nessa obra que é a comunidade deles e depois é claro quando é nessas alturas fazem organizam sempre uma peregrinação e a gente vai lá e a mim convidam-me sempre pra ir e gosto de ir lá já lá fui é o terceiro o quarto hoje até é o quinto ano e assim se tem passado a vida mal pode-se dizer quer dizer bem não é bem mal mas há quem passe pior e há quem passe melhor pronto e não sei agora o meu destino por que será por aqui claro a gente em entrando nesta casa daqui é prisão perpétua é verdade daqui já se sabe alguns não por vezes ainda se aborrecem disto a gente não é obrigada a estar mas eu não eu já estou não estou mal não estou descontente há coisas que não me caem assim muito bem são não é são muito com a simpatia das pessoas pelo menos da minha há outras

que não se muito educada com toda a direcção só tenho ousado dizer que são muito educadas tanto as irmãs como o resto da direcção são pessoas muito são agradáveis agora quanto à sociedade aos utentes já sabe para aqui só bem aquilo que já não presta para nada digo-lhe é verdade tudo ultrapassado não é graças a Deus ainda não estou não me sinto dos piores mas também não posso dizer que estou para aqui dentro dos possíveis mas menina por outro lado para aqui só bem aquilo que já não presta para nada pronto pois é agora faça favor de fazer se há algumas perguntas que gostava que eu lhe respondesse faça o favor de mas fazer já não precisa mais nada pronto aqui já fez uma série de inquéritos aqui este ano já são já é o quarto ou o quinto a gente responde mais ou menos têm coisas diferentes não é lá têm o seu sistema pois bem muito obrigado pela consideração e desculpe lá as minhas faltas se houver alguma coisa

## **MAM4S**

cheguei a prossora não ensinava nada foi o que aprendi pois era nem nem nada ó pois claro que era carai agora aprendem mais num ano do que nós aprendemos num rol de anos pois claro nós a prossora não era de cá umas vezes vinha outras vezes não vinha atão não lembro não era nada à vista de agora não era nada olhe eu já tenho dito muitas vezes daqui para baixo já é mais do que era macedo naquela altura num havia nenhuma casa ali e agora isso agora macedo bale mais quarenta vezes mais pois trabalhava-se no campo olhe eu quando era rico agora sou pobre quando era rico fartava-me de trabalhar empregado de escravo mas graças a Deus nunca lhes deixei passar fome mas era uma miséria era só miséria naquela altura era miséria agora agora eu já tenho dito muita vez os ricos mais ricos naquela altura quando era garoto eram mais pobres do que agora os mais pobrezinhos agora na altura eram mais ricos pois era carai trabalhava em tudo a jeira para uns e para outros na laboura uma vez nessa altura eu é que barbeava nos patrões todos era miséria agora não era tanto até agora só eram quinze escudos se fosse a seco e se fosse a comer eram só dezes ó depois chamavam a comer mas não davam de comer uma vez eu e outro fomos a trabalhar a escavarmos uma binha também já morreu coitado e à hora do jantar à hora de merenda o patrão para que nós não perdessemos tempo foi fazer uma fogueirinha para assar uma alheirinha assim alheirinha assim deste tamanho desde que estava assada para que nós não perdessemos tempo binde cá tcheguei lá partiram-na ao meio fica ele com metade e a outra metade foi para nós os dois e ele comeu tripa sobrou e nós a sorte é que levamos comeu um pito não nos deram mais depois fomos noutra casa e diz assim quer ganhar duas jeiras hoje quero olhe se eu adibinhaba que era isso a ceia tu ganhas duas jeiras se não adibinhar num ganhas nenhum se se eu adibinhar tu não ganhas ganhas só uma jeira e se eu adibinhar o que é atão se eu adibinhar o que é só ganhas duas jeiras se não adibinhar só ganhas duas e diz assim parece que ainda estou e se calhar são alguns tchitcharos diz assim não são tchitcharos só é a água dos tchitcharos nem sequer pão há na mesa e eu gosto bem deles carai prontos tchegamos lá benha cear diz ele assim para mim carai tens bom faro tens bom faro era uma miséria do caraco só havia miséria só havia miséria ainda há miséria outra patroa também e era rica era rica fui a sulfatar porque eu sabia fazer de tudo e para sulfatar as binhas naquela altura era preciso um tamborzinho e era com cal pronto agora todos sabem mas naquela altura não havia muitos que sabiam então tchamou-me e eu fui a sulfatar deu-me atão um trigo um bocado de trigo não se como agora mas um bocado de trigo que me sobrou mais de metade e uma chouriça e deu-me umas laranjinhas bem eu fiquei abismado comi a merenda e tal e sobrou-me mais de metade da merenda tcheguei a casa entreguei o que sobrou e atão diz nem sequer só tinha a água dos tchitcaros na mesa nem sequer pão lá havia na mesa ponho-me eu atão ó minha merendinha que vos entreguei mas já tinha entregue passaste e era rico era rica até era mãe de padres só havia miséria agora eu digo agora eu quando era garoto os ricos mais ricos de cá da poboação eram mais pobres do que agora os mais pobrezinhos porque os ricos mais ricos que cá havia era o do brasileiro andava sempre com uns socos e nem sequer comia e ele tinha dinheiro tinha muitas libras e depois até lhe disse que trabalhava para ele disse assim atão você vai fazer vai estrear aqui uma casa à brasileira e ele disse até te fodes porquê você recebeu lá as libras era uma miséria só havia miséria agora estou-lhe a dizer que o pobrezinho pobrezinho é mais rico que o mais rico daquela altura

#### **MNF4M**

sou de castelões nascida e criada até há por aí um mês ou dous que bim prá qui eu andei na escola mas não aprendi a ler não tcheguei a aprender a ler pois não porque ia poucas vezes aquilo eram umas bezes sempre a bida não era a mesma coisa mas não sei ler de maneira não sei ler de jeito nenhum eu lembra a escola era boa a escola pronto eu não aprendi porque andei lá pouco tempo olhe tínhamos gado e ia a lebar o comer e fazia-o e lebaba os filhos pois tibe tenho três filhos e mais quatro netos pois casei-me tibe casada e tibe filhos tibe filhos casada e ò depois morreu-me o homem pronto fiquei eu só tinha pensão isso é que não sei pensão também nem eu não sei agora não sei bamos a ber agora bim prá aqui nem sei quantos meses que aqui estou nem sei se pago ao lar nem ou não a mim não me importa nada não tenho eu tinha pensão pois tinha agora não sei nem o que tenho nem o que não tenho não tenho nada eu aqui como o que me dão graças a deus lembra lembra e bem pois eu nasci aqui em castelões a minha terra é castelões nasci e fui criada pronto aqui aqui de macedo já me não lembra nem metade nem um terço do que se aqui passou agora olhe cá estou até que deus queira como era macedo era mais piqueno era muito piqueno à bista de agora não habia assim tanta pessoal como agora é pessoal a minha mudou muito mudou muito as casas e tudo e mesmo o pessoal e tudo mudou muito a minha terra era uma terra assim bulgar lá foi mudando foi mudando uns aqui pra macedo outros pra aqui pra além pronto lá foi é castelões é em setembro o santo é o são zenau a festa lá é uma festa muito rugida tem música e tem pronto procissão e sermão e missa e tem tudo certo como nas outras terras parece que é era mais ruim não era assim tão faustada como agora agora bô agora bem eu já lá não passei este ano num na passei passei e não passei ainda estava lá não sei quantos meses que estou aqui agora estou sabe deus sabe deus o que deus sabe pois certo pois atão não não preciso graças a nosso senhor não preciso sentei-me que não posso estar

#### **MNF4P**

tenho setenta não nunca fui à escola caramba se não me lembro às vezes nem me quero lembrar minha filha fui de pequenita pra casa duns patrões nada tinha nobe aninhos quando fui pra lá nem escola nem nada num tibe nada era difícil a bida antiga no campo e em casa e eles tinham muito suíno tinham lá a casa grande pronto tinham laboura e isso de maneira que era assim a bida nós éramos nobe irmãos os os mais belhitos cada um saía pra seu lado pronto os meus pais entregavam como os outros todos de maneira que era assim a bida a bida era difícil e tínhamos fome em casa do meu pai e da minha mãe não mas desde que me lebaram pra casa dos patrões a gente passaba fome descalça num habia calçado naquele tempo para os pobres qual haber era difícil a bida antiga muitas agora há muita diferença em tudo em tudo minha filha no biber o biber a criança e tudo isso é uma maravilha agora o biber a criança embora seja um bocado mais prigoso porque antigamente não era assim nós antigamente a aldeia era pequenita nós nem conhecíamos a gente dos outros bairros agora prá criança é mais prigoso embora seja melhor e é melhor em todos os sentidos mas nós antigamente parciámos os bichinhos do monte era era a aldeia era pequenita olhe nem queira saber macedo era também a bila era pequena era pequenita inda me lembro de macedo era como bragança bragança inda estibe lá uns meses com uns irmãos dos meus patrões que elas eram chefas dos correios lá bragança nem era não era nada à bista de agora e macedo de cabaleiros também não era muito muito pequeno em bragança naquela altura o que balia era o quartel dos militares agora já não tem agora tem lá o castelo e isso tudo mas agora já não tem militares é berdade agora aqui aqui era um uma charnecazinha a aldeia nem sequera nem sequera a terça parte estava não não um conto diziam-se antigamente nós temos ai um cabeço que lhe tchamemos o cabeço da paixão onde bibiam os mouros e depois a aldeia por o que diziam porque o diziam os antigos num era aqui era prá além indo para lagoa e na mata era ali a aldeiazita mas depois mas depois os mouros derrotaram tudo para além e ó depois abrigaram-se mais prá aqui já eles não biam donde a gente bibia os antigos bá que não é da minha lembrança filha de maneira que é assim águas não tínhamos em casa e luz também não era tudo à candeia as águas tínhamos as fontes era donde que íamos à água agora está tudo muito muito moderno tudo em casa pão tudo a gente tinha os fornos cozia fazíamos aquele pão olhe ainda me lembraba bem do pão daquelas codinhas tão boas ele era por um lado

agora come-se mais tenrinho e melhor mas aquelas codinhas antigas eram boas eu nem sei eu nem sei que lhe diga eu do antigamente não gabo o antigamente pois havia porque a gente andaba à azeitona andaba a todos tudo era uma alegria por lá e era a gente lebaba a merendinha comíamos-la no campo saíamos de madrugada bínhamos à noite escuro pra casa fazíamos a ceia à luz da candeia tudo e era assim a bida antigamente filha é berdade agora estes nobitos nem acreditam ora não aninha aí meu deus nem acreditam agora a gente noba até ainda às bezes às bezes digo-lhe assim aos meus filhos vós habias de passar um bocadinho só um mês de antigamente mas nós nós mandabamos logo lixar pois mandáveis mas nós não podíamos qual poder a gente era obrigada a estar ali estava ali e nos primeiros aninhos não ganhávamos nada era só comidinha e mal e mal não não eu só estibe a biber eu nunca deixei a aldeia deixei-a cinco aninhos porque fui obrigada a ir pra França senão não acabava de criar os filhos é o que lhe eu digo nós estamos trabalhámos em casa de um patrão mas quê só ele ganhava e eu tinha seis filhos tinha que não os queria de porta em porta a pedir olhe as moscas de maneira que ainda fui cinco seis anos pra França deixei o meu marido à beira deles que ele ainda trabalhava em casa de um patrão deixei-o e ia governar a bida não os acabava de criar em bem é verdade mas nunca fui assim para terras difrentes num sendo pra França de maneira que ò depois coitadinhos começaram a crescer meti-os todos na escola todos sabem ler pra não saber ler tcheguei eu bem nunca ninguém me mandou à escola nem nada de maneira que era assim a bida e depois pronto olhe eles cada um ò depois nem quiseram estudar nem nada cada um saíram para seu lado lá andam e mai nada meu amor olhe fazia aqueles chinelinhos quando era um dia de festa parcia parciámos umas princesas cos vestidinhos rastreios e era assim minha filha é berdade mas agora graças a deus graças a deus agora já anda tudo bem tudo pronto está tudo mais aberto em tudo em todos os sentidos eu gabo muito o tempo de agora porque de antigamente custou é que lhe eu digo menina custou muito quem era rico e ainda pronto ainda andaba bem agora quem era pobre que os entregavam aqui e ali e aqui e ali ali éramos obrigados a estar ali é berdade filha querem comer alguma coisa querem lanchar eu dou-lhes de lanchar

#### **MNM4B**

eu sou daqui do concelho de macedo pertencemos aqui a morais as difrenças é quando era mais nobo era igual eu trabalho pouquito porque já estou cento e um setenta e setenta e um ano já trabalho pouco eu faço dantes ia-se fabricando alguma coisinha agora pronto agora já não há nada para ninguém não ainda se bai fabricando alguma para comer a gente em casa senão estava a gente bem armada bô fabricava hortinhas e assim pra fabricar umas batatinhas e umas qualquer coisas e hortaliças e assim e o resto não sou daqui eu sou daqui sim mas estou a biber atrás naquela aldeia sobreda não há gado não há nada só lá está uma bacaria e mais nada crias já não há nada crias habia lá pra trás habia pra lá quarenta ou cinquenta baças cinquenta agora só lá está um rapaze que ainda tem cá uns irmãos tem lá uma bacaria mais nada mais nada não há lá mais nada não agora eu aquilo é assim então não me lembra atão bou lá todos os dias cada macedo então eu não corro tudo sei lá o caralho agora sei lá dantes mordiam a pé daqui pra macedo íamos a pé íamos a pé não habia carros saíamos alebantabamo-nos às seis da manhã pra tchegarmos lá aí por bolta das oito nove horas e chegávamos lá a matar o bicho e o resto e matávamos lá de atrás não habia carros nem habia nada são duas horas a andar assim da sobreira a macedo duas horas e quase duas horas e meia pois era agora pronto agora a gente houve carros e pronto agora já pronto agora já a gente bai de carro ir a pé não daba também também se ia a pé também a festa em condições a festita uma festa bem boa bem boa mas pertence ali a bale da porca é de bale da porca mas é o terreno o santinho está nos terrenos de limãos mas é aquilo é de bale da porca aquilo é de bale da porca quem manda são os mordomos de bale da porca mais nada muita gente muita gente junta lá muita gente aquilo é uma festa mas uma festa bem aquilo mais deles é tendeiros e o resto mas aquilo é festa há lá muitos muita gente há lá muitos restaurantes e tudo muito pra bender e comer e o resto há assim muita coisa há lá muita coisa há a nossa festinha a nossa festinha de atrás pertencia dia dezassete dia binte dezassete de janeiro mas agora não a fizeram fica para o verão era o santo antão tá a ber então isso agora para oubirmos ao depois ou quê ai é para um trabalho tá bem tá bem pronto não tenho mais nada que dizer onte o padre foi lá onte só a dizer então a missa não fizeram a festa não não se

esqueceu não se esqueceu os mordomos os rapazes lá estão entregues à aquilo não lhe quiseram fazer porque este ano não habia ninguém lá está tudo para fora aí no verão os emigrantes e o resto pois já se faz uma festita mais ou menos e ajeitam um conjunto ajeitam a música e tudo pois é isto prontos não há mais nada a dizer

#### **MNM4A**

eu daqui num sou mas sou de perto daqui de castelões quantos anos tenho já sou velho como a salbe rainha bou a fazer oitenta e cinco faço no dia dez de fevereiro tenho oitenta e quatro feitos ainda andei à escola de nobo mas depois tiraram-me para andar atrás do gado tinha aí dez ou doze anos pois tiraram-me pronto perdi tudo eu gostaba da escola num sei aquilo esqueceu-se tudo antigamente era trabalhar cabar e labrar mas se eu tivesse lá ainda fazia isso antigamente claro a vida era bem agora a vida é dizer que a gente está belha está pra belho mas antigamente eu trabalhei muito tinha a vida tinha que fazer e trabalhava-se bem agora aqui há uns tempos há uns anos que estou aqui calhou de bir pra aqui pronto mas ainda bou a castelões tenho lá as casas ainda bou pra lá ainda na semana passada estibe lá três dias cada quinze dias ou cada vinte bou lá e agora é assim a vida foi e depois fiquei andaba com o gado e labrava e segaba e fazia o que era preciso até que chegou a ponto prontos a idade pois agora está segadas num há labrar também as labours acabaram a modo de dizer acabou tudo quer o bilhete de identidade tenho aqui o bilhete de identidade mas é está a coisa muito diferente diferente do que era antigamente meu amigo macedo claro macedo num era bem como agora que não tem tanto rendimento mas era quase igual pois era não quero dizer tinha num tinha tanta coisa assim tem mais social mais num é mais é assim é assim pois é tanta comércio num tinha assim tanta coisa como tem agora diga nada disso num me lembro história história andaba com o gado e segaba e labrava foi sempre a minha vida assim passo os dias a olha é como se bê aqui é assim a gente passear andar para um lado andar para o outro e ber televisão e conversar é assim a vida umas festitas num é como antigamente assim nas aldeias nas aldeias antigamente eram as festas doutra maneira tinha músicas e tinha conjuntos e agora ainda tem mas já é muito diferente já do que era o são zenau não conhece a senhora é menina ou senhora e é daqui perto que seja por muitos anos sim senhor pois é as festas é o são zenau é agora em setembro e depois tem outra festa o são marcos já foi em abril que se faz no dia da festa que se há-de fazer é dia santo ou domingo tem missa e tem sermão e tem tudo músicas e tem conjunto à noite arraial antigamente faziam muito agora não agora já isso acabou arrematações agora antigamente lebavam-no ia por exemplo a cinquenta ou sessenta juntas de cria quando era na procissão e depois lebaba os jugos da cria e juntavam-se ou cinquenta ou cem e depois arrematabam aquilo na igreja não no adro ao bir da procissão agora já num há nada disso as crias já não há cria nem uma nem lá nem em lado nem um acabaram nas crias tanta cria como habia ali lá bão uns burrecos uns burros ou coisa nada ou duas ou três baquitas num há nada num há mai nada e como é ali é quasi em todos os lados pois é é assim a vida sim senhor muito bem então saudinha

#### **VAF1C**

trabalho aqui no gabinete de apoio ao cidadão há cinco anos o dia-a-dia é assim um bocado rotineiro e temos um trabalhos pontuais que não são ao longo do ano não se faz sempre a mesma coisa temos aquelas coisas pontuais mesmo como agora nesta altura vem o mês de setembro temos que fazer os preencher os abonos das pessoas que vêm cá como a população é assim um bocado não é estatisticamente analfabeta mas é um bocado pesado isso mas é um bocado assim então é mais isso que eu faço aqui apoio as pessoas como o nome diz é o gabinete de apoio ao cidadão começamos com os abonos depois na altura do das vindimas também tiramos muitas fotocópias dos papéis das vindimas ajudo no preenchimento de algumas contas e não sei quê aqueles papelinhos da conta paroquial portai-bos bem é tem muita actividade da actividade como tem tem a festa de agosto que é nossa senhora do rosário tem normalmente fazem-se as festinhas também aos santos populares são João principalmente que é a primeira festinha do ano e é onde toda a gente se reúne mesmo porque já tá agradável o tempo e não sei quê a festa grande é nossa senhora do rosário não o leilão é



em fevereiro mesmo no dia de são sebastião porque o leilão é dedicado ao são sebastião faz-se um leilão que já é uma tradição secular já os jobens e mais uma senhora que é assim muito religiosa e muito dedicada a essas coisas fazem um peditório pla aldeia pedem batatas cebolas feijão as pessoas dão o que querem bolos segredos e depois é tudo põe-se tudo no adro da igreja faz-se assim uma roda enorme e faz-se leiloa-se tipo dois depois quem dá mais dois e meio três é assim faz-se bastante dinheiro isso reverte a favor da igreja da comissão fabriqueira de cor acho que sim deixa-me pensar há várias há uma que é a lenda do olival escuro parece que aquela fonte era muito boa no olival escuro tinha uma fonte e as forneiras iam lá buscar água prò pão pra fazer o pão e então acho que havia dois potes não é um era de ouro outro era de veneno então quem descobrisse o de ouro podia ficar muito rico e quem descobrisse o de veneno se calhar até podia fazer com que a povoação desaparecesse só que acho que nunca foi desencantado isso ainda há vestígios dessa pedras fizeram uma recolha há uns tempos é sim há a força há a fonte romana o pelourinho há sepulturas também romanas não sei se são romanas penso que sim que são romanas e temos o castro que é do tempo dos mouros já é chama-se mesmo é o lugar do castelo só tem mesmo umas ruínas parece que quando a povoação começou assim a desenvolver mais iam lá buscar as pedras prà construção e por isso ficou praticamente desfeito o castro há vestígios encontraram cerâmica várias coisas que realmente provam que existiu ali um castelo mas não há muito que se veja agora tão no bom caminho mas às bezes é assim um bocado paradinho o jardim de infância prò pás crianças o parque infantil não é jardim de infância o que é que se passa várias coisas começa logo no fim-de-semana no fim-de-semana antes começam logo os torneios tiro ao prato e em que o pessoal se junta e faz assim esses jogos o tiro ao prato os jogos de futebol torneios ou triangulares não sei bem como é que eles lhe chamam acho que também houve jogos tradicionais corridas de bicicletas pás crianças depois no dia mesmo da festa há a bênção dos animais também é uma tradição que não se vê em muito lado agora até benzem os animais e os tractores as máquinas agrícolas e não sei quê é no santuário há uma procissão que vai em direcção ao santuário e depois lá é a bênção e têm que se dirigir com a besta não é prà casa dos milagres pra dar a esmola quer dizer é um uma forma de proteger os animais também durante todo o ano já é muito antiga essa tradição depois é há uma banda que corre a aldeia corre as ruas todas há o fogo de artifício logo de manhã chama-se a alvorada também que é pra dar sinal que a festa começou depois à tarde há missa a procissão seguida de um sermão depois há o arraial popular o leilão é em fevereiro o leilão de são sebastião é em fevereiro isso aí depois no decorrer da festa há assim várias actividades não é há um bazar lá que as pessoas compram rifas e pode sair qualquer coisa tudo reverte a favor da comissão de festas não é do santuário e depois de vez em quando interrompem o conjunto pra leiloar por exemplo uma camisola que alguém oferece porque nós temos um ciclista cá na aldeia até fez a volta e ofereceram uma camisola acho que foram os pais ou ele que ofereceu a camisola e depois leiloaram a ver quem queria quem dava mais pela camisola há pessoas que prometem oferecer brincos e essas coisas assim e depois também são leiloadas durante o arraial reverte a favor do santuário da comissão de festas

## **VAF1P**

porque era um sonho e tanto lutei até que consegui realizar isto era uma ideia já muito antiga era o que eu queria para começar acho que estou bem roupa para o dia-a-dia artigos de desporto um bocadinho de clássico não muito um bocadinho só e coisas bastante acessíveis coisa que aqui em vila flor não habia bai acho que sim acho que não sei é quando está marcado o dia a inauguração mas quando é que eles vão começar a frequentar e a usar não vai ser este ano lectivo ainda provavelmente só prò próximo eu acho que este ano tem o quê dois meses de aulas já não dá para iniciar agora sei lá para as crianças há futebol para as pessoas há as caminhadas ao barracão e mais o quê acho que mais nada aí sei lá acho que as pessoas algumas pessoas porque eu acho que hoje em dia as pessoas são muito individualistas pouco sinceras e há pouca amizade acho mas nós fechamo-nos por causa por causa do que acontece porque é assim eu sempre fui uma pessoa muito aberta muito sincera sempre falei muito é o meu defeito mas fizeram-me passar por certas coisas que fizeram-me fechar porque eu era sincera pás pessoas e nunca e recebi sempre mal e agora não fales porque foste-me tocar num ponto que me que deixou-me assim um bocado deixou-me eu acho que precisaba aqui de

um espaço verde pàs pessoas pàs pessoas estarem pàs pessoas até conbiberem um espaço pàs crianças porque não há nada a única coisa que fizeram foi betão armado e um parque infantil ali não se pode dizer que aquilo é um parque infantil porque aquilo é um perigo com aquele o acho que é anfiteatro que se chama ali ao prà baixo mesmo ao lado do parque infantil não tem nada a ber é um perigo pàs crianças eu acho que era preciso alargar a vila e criar espaços pàs pessoas estarem pàs pessoas conviverem pra uns jardins uns jardins uns espaços verdes como há por exemplo ali no porto a como é que se chama ali ao pé da boabista o parque da cidade onde as pessoas pudessem caminhar um pedaço não tivessem que andar aí pela abenida pudessem caminhar estar ali um espaço verde só temos a barragem mas a barragem num e eu acho que o desenvolvimento de vila flor está a passar por candeeiros e bancos atão olhe é porque ele ainda não viu porque senão já lá estava o candeeiro então é por reclamar porque acho que candeeiros é a coisa que mais mudou eu também não me importa e depois acho uma coisa muito ruim que ele fez aqui em vila flor é assim ele está a obrigar as pessoas a biberem como bibem em cidades vila flor é um espaço tão grande temos tanto espaço e ele está-nos a obrigar a concentrar em caixinhas de fósforos ele obriga-nos a viver em apartamentos porque não nos dá hipótese de fazermos uma casa e vila flor eu acho que não era para apartamentos pra já ficava maior as pessoas tinham melhor qualidade era mais bonito fazerem mais um ou dois bairros até já daba os apartamentos que foram feitos aqui em vila flor dava para mais bairros pra aí só na minha rua sou pra aí quê cinquenta apartamentos e eu estibe sete anos à espera de um terreno pra fazer uma casa só que ao fim de sete anos disse não posso continuar assim porque o dinheiro que estou a pagar por uma renda já tinha pago um apartamento e acabei por pagar um apartamento porque os terrenos eram a oito mil contos e a minha casa custou doze era impossível eu fazer uma casa num terreno de oito mil contos uma casa com doze mil contos era impossível e se ele tivesse dado os terrenos a dois mil contos nós conseguíamos fazer uma vivenda não precisava de ser um espaço muito grande mas também escusávamos de ser seis pessoas ali a viver dentro do mesmo prédio podíamos ter outro espaço eu acho que isto aqui está a deixar morrer vila flor essa maneira de eu agora fiz isto aqui até era para ter feito casa aqui mas como tinha outro lá em cima que era grande e é todo ao mesmo pano este aqui não tinha que fazer sala cozinha em baixo e quartos em cima e eu não gosto assim é muito bom tu estares na cozinha e poderes ir para o quarto principalmente quando tens crianças pequenas porque nós passamos a vida na cozinha e nos quartos eu pelo menos é assim e assim era desconfortável e como eu já estava no outro acabei por ficar no outro assim mas a minha ideia eu acho que é a ideia de toda a gente é ter uma casa e ele assim não ele assim tirou a hipótese de muita gente fazer uma casa e continuam-se a construir apartamentos e os terrenos nunca mais saem

## **VAF21**

olha nem sabes o que aconteceu no outro dia apareceu no centro de saúde um rapaz olha eu nunca bi uma coisa assim era um cristo tal e qual um cristo e então todo cheio de sangue a cara a cabeça o peito ia sem camisa o peito todo as calças era só sangue e ia acompanhado pela gê ene erre não desculpa a gê ene erre beio depois ele ia sozinho então entrou por ali adentro foi ter com a colega que estava lá no serbiço de urgência a tirar as fichas e tudo era debruçar-se para cima dela e ela disse espere aí e pôs-lhe a mão na frente espere aí bamos tirar a ficha bamos tirar a ficha mas ele só dizia coisas descabidas que não tinham jeito nenhum então pronto ela lá lhe tirou a ficha encaminhou-o pò médico ainda antes de tirar a ficha encaminhou-o então ficou toda a gente muito admirada o tipo entrou no banco a enfermeira para lhe fazer os curatibos e ele não deixaba começou a partir tudo partiu desde o do dispensador dos papel das mãos à bacia aquilo que encontraba pela frente e então queria esmurrar toda a gente ninguém lhe conseguia fazer o curatibo foi preciso chamar beio o [nome] beio toda a gente houve lá um enfermeiro não beio que tebe medo fugiu esse nem quis bê-lo isto olha é só para tu beres como é que são os homens e então pronto bai o [nome] e tal lá conseguiu mandou chamar a gê ene erre lá beio a gê ene erre pra segurarem nele mas não habia quem segurasse no homem até que depois lá conseguiram acalmá-lo um bocado e ele só dizia eu sou cristo eu sou cristo e então o banco taba todo cheio de sangue paredes chão bancas maca tudo era só sangue eu nunca bi assim um disparate mas isto é mesmo autêntico eu nunca bi um disparate tamanho pronto e então o que é que ele fez

ainda mais disparatado lançou-se no chão a dizer eu sou cristo este é o meu sangue este é o meu sangue e lambia o sangue do chão portanto tu podes imaginar o espectáculo pronto até que lá conseguiram mais ou menos dar-lhe um jeito e mandá-lo para a psiquiatria para bragança porque o homem estava era maluco o rapaz ora bem isto era ou binho ou drogas ou coisas loucas pronto e pronto lá foi embora mas aquilo foi um circo comentado por toda a gente porque a gê ene erre taba pasmada assim nunca bimos assim uma coisa nunca ninguém tinha bisto um tipo deitar tanto sangue pò chão e a espalhá-lo e a lambê-lo ainda por cima portanto olha não sei que mais te diga porque de facto um caso como este não é bulgar pronto e depois os dias mais ou menos são passados assim numa determinada como é que se diz panaceira é panaceira pasmaceira uma pasmaceira de bez em quando aparece então assim um que é para abibiar as coisas e pronto e para ser o comentário do dia e pronto e depois o resto do serbiço processa-se normalmente

## **VAF2L**

então onde é que estás agora ai estás em bragança ai é já há muito tempo que não falo com a tua mãe agora via aqui há trás no hospital mas foi assim a fugir é óptimo estás pertinho e que tal gostas isso é a piada do ano mas realmente era para ter sido inaugurada neste sábado passado fez no sábado oito dias sabes que as pessoas perguntavam [nome] mas não se vê ali movimento nenhum ai não sei de nada devia ter sido como no outro dia foi o dia dos enganos sabes isto é uma bergonha só em bila flor mesmo o [nome] anda lá e a [nome] anda lá montes de gente de vila flor eu por acaso não me dá tempo porque tenho o [nome] pequenino não é e a hora que eles vão pronto não me dá muito jeito mas eu estava à espera que abrisse aqui esta não é abre a piscina mas habia de abrir de manhã logo sabes eu gosto mais de manhã porque à noite não gosto tanto porque ir para casa dar banho aos miúdos e depois a inês tem de fazer os deveres que já anda na primeira agora têm que ser mais acompanhados não é mas aqui realmente temos um monumento bonito pronto de noite bem iluminadinho tal e coisa não sei o que é que parece parece a minha cunhada a irmã do [nome] veio cá aqui há trás e já veio chegou eram umas onze horas e ela quando chegou cá e ela ai quando bínhamos pra aqui bimos um monumento tão iluminado que é aquilo ali tão iluminadinho tão bonito passamos e diz ela aquilo o que é é a piscina aquilo ali até é engraçado então não abre até agora e agora e pois a piscina ainda não foi inaugurada a de carrazeda está em fase de experimentação então não pagam o narciso não pagou nada por lá andar mas pelo menos lá as abriram e diz que têm ido para lá montes de pessoas dessas que esteve cá uma pessoa que é professora ali em santa comba leba para lá os lebaba lebou pra lá os miúdos prontos porque depois têm aqueles horários ocupam uma hora depois as outras horas é pràs escolas eu acho que sim porque também os velhotes também precisam não é mais até eles do que qualquer pessoa andam ali empanados mete-me pena ir a um lar ai não gosto passam o dia sem fazer nada não se mexem é uma pena geralmente diz-se que as pessoas que vão para lá é para morrer e é berdade o problema está aí não houve tantos daqueles cursos de sócio de animadores sócio culturais não sei quê pra quê nenhum deles está a exercer não é os jovens não querem ir para a hidroginástica eu acho que é um espectáculo acho uma estupidez os mais novos não quererem ir porque a hidroginástica não é só para pessoas mais belas até porque faz montes de mobimento não faz a [nome] a primeira vez que foi a água quente não é ainda por cima relaxa mais e depois sabes como é que são os miúdos pra trás pra a frente para trás para a frente não param cinco minutos chegou a casa ela vinha mais morta que viva chegou a casa ai mãe estou tão cansada e então o que é que andaste a fazer ai tou mesmo cansada depois ainda não tinha feito os deveres com aquela coisa de ir para a piscina já sabes como são os miúdos eu disse-lhe olha tens que fazer os deveres ai mãe eu não consigo estou mesmo cansada não sei quê então pronto vai-te deitar eram pra aí oito e meia e qualquer coisa nove horas então vai-te deitar amanhã levantas-te cedo e fazes os deveres então bai comigo para a cama e não sei quê e coisa fui-me deitar com ela estava com os olhos abertos tu não dormes não consigo dormir pois eu já sabia porque é que era sabes não queres fazer os deveres não será melhor é melhor senão não consigo dormir lá fez todos os deveres pronto depois lá pôs-se a dormir e eu tinha a impressão que ela estava a dormir eu a olhar para ela estava mesmo com aquele olhar de cansada sabes de quem mas agora já se habituou agora já bai não tem isso mas e depois tem uma banheira uma piscina de hidromassagem e ela diz que

experimentou lá só que mãe só se pode lá estar meia hora mais nada só se pode meia hora então ela gosta de ir para lá diz que ali em carrazeda tem muito completa até a piscina tem uma parte que é pròs miúdos só depois tem então a piscina normal e depois tem a hidroginástica a hidromassagem pronto os velhotes bão para a hidromassagem estão lá sentados são engraçados sentam-se ali e é bom é bom porque pronto as pessoas que às vezes não podem fazer exercício parecendo que não ao meteres-te lá dentro trabalhas os músculos todos e meia hora de bem na hidromassagem é muito bom

### **VAF3A**

não já bim dali de um terreno andei a cabar uma parede porque tínhamos lá umas macieiras para não botar o herbicida e pró tractor não dar cabo delas andei-as a cabar pois bai fazendo mal claro claro o herbicida não é conbeniente botar aos toros ao toro das árvores porque bai queimando a begetação e não produzem tão bem eu trabalhei não não eu desde os doze anos até trabalhei dezoito anos no cachão eu fui nas fábricas de azeitona pimento e assim de produção de pois fecharam pois aquilo deu tombo deu cabo da bida de muita gente não eu sou de candoso eu sou de candoso mas tínhamos uns autocarros que faziam os transportes pois tínhamos um infantário para lebarem os meninos e de qualquera maneira tínhamos todos os dias transporte que nos binham trazer a casa já lá fui matar as saudades está destruído fiquei muito triste porque conforme entrei não é e depois uma noite fomos foi aqui que fizeram que nos bieram buscar prà castanha um ano que até éramos binha cá uma carrinha do senhor óscar mas de qualquera maneira fiquei muito triste porque fui lá criada desde os doze anos foi dezoito anos foi muita coisa dezoito anos porque ò depois não depois foram tirando tirando os transportes e aquilo foi fiquendo fiquendo depois desapareceu tudo depois desapareceu foi desaparecendo desapareceu o pobo o que lá ficaram tinham casas da federação mas ò pois tiberam obrigados a comprá-las e foi destruído prontos aquilo foi destruído cada um depois os meninos os garotos foram nascendo e as pessoas lá estão a governar mas já não há ninguém assim por cima já é tudo assim ali de mirandela só só só também era sozinha não é também era sozinha a minha mãe deixaba-me em casa às bezes tinha alturas também de ir às sete da manhã às sete da noite só binha às sete da manhã tinha alturas de entrar à uma da noite às seis era po turnos e binha às duas da manhã e três e prontos e num e coisa e só comecei agora a trabalhar desde que bim prà aqui

### **VAF3E**

depois ainda mais com mais cão ficou veio ai uma também aquela mulher a que trabalha no [nome] a [nome] andou aí todo o dia ontem atrás dela passou-lhe os exames e hoje tinha que cá vir outra vez foi a [nome] porque se fosse comigo eu dizia-lhe assim bem cá na segunda-feira porque ela pediu-lhe um exame para ir fazer a mirandela e ela passou-lhe aquela coisa de ir para mirandela e hoje queria que lhe passasse para vila real olha que também não é não sei mas eu disse logo à [nome] olha eu lá não ia você faça como quiser ela andou aí todo o dia ontem se fizesse logo as coisas em condições tiras nas grandes e depois dobravas não é melhor fazias na grande e depois dobras a folha ora experimenta lá tens tens que mudar aí se a gente não tiver cuidado tira-as grandes abre a gaveta ora bê lá abre a gaveta ora vês e sai logo as duas uma história histórias olha comigo histórias se ainda fosse ao meu homem agora a ti aqui aqui só se for a tratarem-nos mal não é porque de resto a [nome] não que ela às vezes é capaz de ter assim alguma não zangada ela também andava agora já não anda já lhe passou e é se quer tá aí uma pessoa não pode ligar a essas coisas senão que anda um bocadinho diferente passa que remédio bô a tolerância bem estivemos à espera dela filhos da mãe pois então está mesmo ranhosa aquela mulher porra olha mas sobre as urgências ouvistes falar na quinta tu viestes na quinta não pois não que diabo pois é hoje é sexta foi na na quarta na quarta acho eu tu também já não estavas pois não gozastes uma folga um dia de férias e então o [nome] ei veio ali pelas escadas acima ei porque esta merda e que se eles pensam que estou aqui até às três da tarde domingo de sábado e domingo tirem o cavalinho da chuva porque eu cá não fico eu cá não fico que venham eles trabalhar e é se quiserem está bonito então vai-se embora eu vou-me embora deixo isto não sei quê e eu digo-lhe assim então para onde bai eu para aí eu bou-me embora eu não quero saber disso para nada está bem digo assim o que é que ele tem nisto a [nome] passou aí o que é que fez ao [nome] porque ele na quarta andava só atrás dela que é que

fez ao [nome] eu eu não fiz nada ele viu qualquer coisa na internet que saiu agora e está com um pancão levado do diabo não sei eu já andei andei andei mas num não consigo lá chegar no portal da saúde neste é capaz de não estar não estará aqui nos outros está mas aqui sabes que se calhar como este era o que estava lá em cima mas tinha e então parece que chegaram a um acordo que foi ficar ficar as urgências abertas mas o médico à chamada à chamada ou prevenção não sei

#### **VAF4D**

é que eu estou lá sozinha estou-lhe a dizer que lá bou pôr umas grades e a porta mais alta uma fechadura noba e ele disse-me assim aí é é eu estou prà ali sozinha ai ninguém rouba têm no oitro dia um de oitenta anos foram lá para roubar binte euros um fio fraquito que tinha a mulher puxaram por ele e lá pediram ora bem bem eu é que sei tomara eu poder de além também compor e bou mandar o homem se me lebar um tubo para pôr do lado de além que ontem andei duas horas lá a compor que era tanta a água que eu sei lá ninguém me faz nada e é porque porque se não habia de mandar pôr a rede e fazer uma porta para o quintal bô bô benho prà aqui a casa não é minha é da minha filha e do meu genro oh bem me eu finto cada um na sua casa é que está bem as pessoas de idade depois habituam-se a estar sozinhas ainda o ano passado apareceu lá a baterem-me à porta abri a porta um logo é que eu lhe fechei depressa assim olha fecho a porta tenho depois a cozinha no berão aberta e é porque aqui estas bossas grades não dão para se dessem para compor aqui para o cão não entrar prò quintal que andasse só fora olha que aquele homem punha-vo-sijas aqui os do bila flor são careiros como o diabo sabes de onde é o homem é de freixiel um homem assim de idade diz que é do castedo aqui os de bila flor são muito careiros todos então eu preciso olha há tantos anos que eu preciso lá daquele tubo olha corre a água o tubo é largo não é e depois tem lá aquilo que fez o teu abô corria tanta tanta tanta água que daba-me lá cabo de tudo e depois ia-me para as lojas e eu então andei lá mas não deixei aquilo bem duas horas a pôr plásticos depois subia a um banco e a uma cadeira sujeita a cair de lá para baixo se ele me mudar o tubo aí é assim bem pena tenho de não ter composto as coisas por exemplo num já aí bem bêm lá agora que horas já são pois olha que tu tens grandes bidas ai bêm bêm pra lebar o dinheiro carai quando as professoras lá não estabam na escola as cadeiras e a canalha é bonito o tempo assim da escola de pequerritchas não é olha a professora era muito nossa amiga e depois tinha uns sapatitos que se usabam antigamente a tua mãe não se lembra deles pano por cima e por baixo assim borracha ela ia pra nossa casa e às bezes deixaba-nos lá aos bocados ia para lá prò pé da minha mãe e deixaba-nos e era numa escola lá belhota até lá tinha buracos para trás a casa era grande e até mijabam nos buracos pra baixo prà loja e ela então depois binha com os sapatitos nós então com as cadeiras pelas cadeiras fora enquanto ela saia nós não fazíamos nada senão brincar quando ela binha nós então é que íamos todos a fugir para o sitio oh canalha ainda eu não só brincaba nas horas que ela se ia embora porque antes de no recreio e tudo só no recreio ao mais antes de ir prà escola eu ia lebar o almoço e ia com os bois e também gostaba bem de andar lá com a outra canalhita mas e então habia muita canalha mas é bonito esse tempo que a gente que a canalha bai prà escola era só brincadeira às bezes lá lebaba a gente com a régua uma bez eu estava no quadro e eu era até boa pra contas a professora até mandaba as oitras para ao pé de mim mas depois deixou de me mandar ao quadro porque ia lá os mais ruins um dia mandou-me lá e eu não fiz aquilo bem já também não me mandaba eu também já não me importaba atirou-me com uma escoba ainda hoje cá não tenho cabelo o sangue era a tchorros pois é que ela era aflita nas escadas a limpar-me e a labar-me e a pôr-me remédio com uma escoba da roupa num tinha palma e era escoba da roupa porque se fosse o director o director ia muito se fosse director estava lá a escoba pronto e ela atão com a escoba bai assim prà tumba o sangue era a tchorros ela então nas escadas a limpar-me e eu não dizia nada olha se fosse agora comiam-na os pais iam lá que a comiam e a canalhita foi toda trás de mim a dizer ai senhora maria abelina olhe a bó a professora rachou a cabeça à delmina olha a ber se alguém lhe disse alguma coisa e eu a pensar que a mim não me habia de bater eu pensaba que ela não me habia de bater porque era nossa amiga era quando me batia mais a canalha só faz coisas mal feitas uma bez andaba com os bois e era no tempo das ubas ainda não estabam bem maduras estava lá um que lhe chamabam no samorinha belho e outro samorinha nobo e tinha lá um prédio ao pé do nosso lameiro e eu então lebaba sempre canalha comigo porque lhe daba da merenda oh foi duma

que disse que não sei lá onde está diz que está lá muito bem que me tem muitas soidades que gostaba muito de me ber só lá bai nos santos é longe e que disse aí tenho tantas soidades à tua [nome] gostaba tanto de ber a tua [nome] só bai à penafria nos santos e eu até disse também à tia olha se tiber o tempo bom bou lá prà ber e coitadinhos passabam fome e iam comigo pra com os bois que eu depois daba-lhe a minha merenda e então habia lá um homenzito lhe chamabam no samorinha belho era perto da estrada onde se passa prò e tinha lá uma bideira tinha lá horta e eu quando andaba sozinha ia lá prò pé deles está ela chamaba-se não sei como é que se chamaba também já está belhota naquele dia ele lá o homem não foi e fomos uns três ou quatro com os bois fomos lá às ubas e berdes só pra estragar descascámos os bagos ao oitro dia ele foi disse-me assim delmina não bistes quem é que aqui andou canalha ai não bi ninguém andei cá com os bois mas não bi ninguém deram-me ali cabo das ubas ai senhor samorinha eu não fui olha que eu bem sei que tu cá não binhas porque tinha medo também pra fazer traições se me deixassem fazia o que era tinha medo e eu também lá tinha ido depois bem sei que tu cá não binhas também tinha lá ido e oitra bez era lá perto de casa onde agora têm casa andábamos lá assim à noite na lameira com os bois habia lá um que tinha lá umas botelhas tinha botelhitos pequerritchitos quatro paus e oitro pau grande que era a rédea muitos botelhos lá pregámos o homem foi lá fugimos deixemos os bois e fugimos

#### **VAF4E**

é do nabo não não sou do nabo agora é que sou daqui primeiro estibe cá dezasseis meses pois fui-me embora mas agora mas depois e agora boltei fui obrigada não posso fazer nada não tenho quem me ature tibe que boltar eu já cá estou há bem tempo fui operada depois bim do porto bim de mirandela prà aqui nem tomei conta eu também binha perdida da cabeça não tomei conta nem sei já mas há bem tempo fui operada aos intestinos meu deus mas se eu sabia tinha-me deixado morrer apanhei uma anemia òs intestinos é anemia não é num é isso não é isso não uma fraqueza anemia não é bem é assim parecido e afinal quando perdi o comer e depois pronto enfraqueci num é e um dia lebantei-me de manhã e não sei como é olho prò guarda-fatos e tinha a cara inchada oh diabo aqui há coisa não é coisa boa telefonei a um carro que me fosse a buscar prò médico o senhor foi e o senhor doutor [nome] num nem me consultou só me biu assim que me biu está linda está bocê bai já já para mirandela senhor doutor cale-se telefonou aos da embulâncias olhe benham e urgente como de facto bieram lebaram-me assim que lá chego e diz-me o médico debia ser o médico mas olhe a senhora que andou a fazer a senhora num tem sangue nenhum a senhora perdeu o sangue todo eu disse assim ó senhor doutor num pode ser nem caí nem me ratchei nem me cortei num interessa ele foi fino num dei conta num podia ser só assim que eu num disse assim olhe demorasse mais dois a três dias num precisaba de mais nada curaba de bez pois olhe senhor doutor se eu soubesse isso deu-me logo três transfusões de sangue oitro dia mais uma quarto oitra mais uma cinco eu disse assim meu deus eu bou a lebar o sangue todo do hospital e pois o tratamento e pois fui operada aos intestinos é uma anemia num é anemia tem outro nome mas agora não me lembro não hemorragia hemorragia num foi de maneira que depois pronto inda fui operada depois bim prà aqui e agora aqui estou e daqui já num saio bou daqui para casa num tenho quem me ature num é eu não posso fazer nada mas eu também estou lixada num bê que ando com esta bengala de maneira que agora pronto já aqui estou aqui fico já daqui é para ir para o cemitério já num bale a pena tenho três filhas mas cada uma está em seu lado uma está em bragança agora até deve estar na espanha é foi passar umas férias oitra está ali no porto oitra está em guimarães cada uma tem a sua bida a de guimarães a do porto essa já está reformada já num trabalha agora a de guimarães ainda trabalha de maneira que pronto eu aqui estou o marido está em casa mas ele ainda começou de me aturar a mim queria que o aturasse a ele e eu num podia agora pronto as minhas filhas puseram-me aqui agora daqui já é para sempre já biu graças a deus ai amigas isso num intressa nada as amigas num intressam nada as amigas num prestam ai minha senhora isto é quer dizer a senhora doutora a [nome] a [nome] e pronto e as empregadas pronto mas agora esta gente que está aqui assim como eu estou a pagar isto num bale nada é olhe uns moucos e moucas oitras oitros tolos nã isto num intressa nada nada eu num ligo nada a esta gente num passo cartão nenhum nenhum nenhum eu agora aqui pra cima até estava com a trebisão ao mais eu

num quero conbersa bô bô bô não não num esta gente num tem mentalidade nenhuma num tem cultura num tem bisão num tem só de habilidade isso num presta oh oh oh não não a gente não pode ligar a esta gente bô bô a minha infância sempre no nabo trabalhei muito menina matei-me a trabalhar para formar duas filhas que eu tibe três mas a mais belha num quis estudar nem a quarta classe queria fazer ò mais ela lê escreve bem fez a quarta classe de maneira que não quis fazer num quis estudar pronto ora as outras estudaram e formaram-se e trabalhei pra as formar mas graças a deus de maneira que mas olhe a que num estudou está tão bem como as oitras está tão bem ou ainda é capaz de ter mais do que as oitras sabes só apartamentos tem sete ulha um em lisboa no porto dois em guimarães e três em bragança uma bibenda isso apartamentos pois tem uma bibenda que aquilo é o fim do mundo tem sete quartos duas salas sei lá até disse assim ai malbada compras uma casa tão grande dá tanto trabalho e é porque tem um santo dum homem olhe a menina está solteira casou cá em bila flor com quem se pode se pode dizer sim num conheço num conheço bem mas atão está bem estimada tem a senhora tem boa cara está bem estimada graças a deus olhe se a gente acerta e se a gente se entende tudo bem mas se não entende é a maior desgraça do mundo mas agora bocê ainda casou agora já num casam agora já se juntam se entendem entendem se num entendem cada um bai para seu lado e eu acho justo porque os casamentos ficam caros

### **VAM1J**

sim tenho um café já comecei a estudar e depois comecei a estudar depois queria comprar um carro não tinha dinheiro depois comecei a trabalhar lá em baixo num café aqui em bila flor depois fui pra tropa deixei esse café passados três meses voltei boltei prò mesmo café corri os cafés todos quase de vila flor de empregado entretanto casei-me não juntei-me primeiro e depois casei-me depois comprei um café um cafezito pequeninito depois comprei este aqui onde estou agora que é um bocadito maior tibe tem uma esplanada grande podes comer cachorros hamburgueres tostas podes tomar um cafezito tomar o pequeno almoço de manhã podes comer um gelado são muito bons gosto mas já gostei mais do que o que gosto quando estava do outro lado de lá era melhor do que deste lado acho que há muita empregado trabalhas ganhas ao fim do mês é certinho no patrão tens as tuas despesas certinhas e tens que facturar pràs concretizar senão pera deixa-me fazer uma torrada a quem a mim claro pois e mais caro o dois do que o um e tinha muitos menús era mas aquilo imagino debia ser sempre tudo cheio de pessoas aqui o problema é esse é que tu fazes e tudo prò lixo não te dá gosto de fazer não te dá gosto de estares a fazer eu por exemplo no fim-de-semana passado fiz quatro quilos de bifanas deitei tudo prò lixo depois bou estar a congelar eu coisas congeladas mas ó joana se tivesses aqui se tivesse pessoal e dava gosto por exemplo agora nesta altura daba-te gosto de fazer as coisas porquê porque saem sempre as coisas assim no inberno não se bê pelo menos aqui aqui não se passa nada só na altura do cabeço bamos ber agora mas também as festas só também quem é o tordo ou tordo ou carai tibe pra fazer menú pròs estudantes tás a ber assim um hamburguer e uma coca cola pòs estudantes pra pôr lá em baixo num cartaz na escola mas tinha de olha bê lá ber andei a pôr a mobilia toda noba aqui na cozinha tudo em madeira tudo em madeira bá a parte de baixo é em granito não posso ter cá isso tem de ser tudo em aluminio tudo tudo não só uma parte da cozinha tinha cá coisas assim belhas não é tirei tudo e o meu cunhado [nome] fez tudo em madeira mas não posso por exemplo eu não posso ter o chão como tenho agora tenho que ter com um eu para entrar daqui pra cozinha tenho que tirar as minhas sapatilhas daqui fora e bestir uns chinelos e entrar lá pra dentro senão lebo multa é tudo à força por exemplo eu fazia francesinhas deixei de fazer francesinhas porque pra serbir garfo e faca tenho que ter uma licença de albará uma não licença de restauração e tudo o que seja garfo e faca tem que ser por exemplo hamburgueres cachorros isso já não posso serbir igual na mesma mas por exemplo moelas picas prontos moelas também acho que podes picas com o palito com o palito agora francesinhas deixo de fazer deixei de fazer as pessoas pedem-me eu digo que não posso fazer para ainda birem aí uns gajos pagar uma multa não posso ter carnes congeladas tem que ser sempre tudo fresco por exemplo as hamburgueres não sei como é que funciona por acaso ainda não me informei mas as hamburgueres é a mesma coisa se calhar fazes tens-jias aí congeladas bem uma multa bem os fiscais dizem que sim a mim ainda não apanhei ninguém já há dois anos que trabalho pois há faz mas num

parece que têm medo e têm uma cozinha que não tem nada a ber com a minha a nível de condições e higiene e tudo não têm medo se calhar já o ganharam na boa altura estás a perceber eu não o ganhei na boa altura se bem a inspecção apanho uma multa mais bale fechar logo a porta mas é assim pirezinhos e agora prò verão prò inverno bou ter que mas custa foda-se outro dia andaram-me a chatear o juízo aí no outro dia no inverno aí por que é que não fazes uns obos cozidos não sei quê não sei que mais sei sei fiz seis obos comi eu dois ficaram aí quatro não te dá gosto não te dá gosto tu fazeres uma coisa num dá num dá eu por exemplo eu comprei andaram-me a chatear o juízo pra comprar um presunto pra comprar um presunto comprei o presunto dei quase quatro contos por um presunto eu o que foi fui eu que o comi o resto apanhou bicho tumba lá foi o dinheiro esta garrafa de whisky custa cinquenta euros enquanto não a comprei não descansaram comprei-a ainda ninguém ma pediu joana eu também penso mas claro todos os fins de semana não tens aqui um whisky de jeito não tens aqui um whisky de jeito já há dois fins-de semana que tenho aqui este whisky ainda nada mas o teu irmão também não bebe desse por isso é mais os de samões e esse pessoal assim tás a ber o que falta aqui fui eu que o probei isto aqui uma coisinha assim custa cinco euros não era só cafés só quando trabalhei aqui com o guerra mas não é as mesmas coisas que ele fazia tal e qual eu por exemplo comecei também a fazer como ele sande de atum e sande de delícias do mar primeira segunda terceira semana fazia dizia às pessoas que tinha e tudo punha aí o papel e tudo e lixo deixei de fazer agora tenho aí dois ou três clientes é certinhos com a sande de atum tenho sempre aí atum faço logo na hora não se estraga e agora delícias do mar não tinha que descongelar as delícias cortá-las aos pedacinhos e tal não se estraguem por exemplo moelas uma pessoa dizia por que é que não fazem moelas congelas e não sei quê mas eu não gosto não gosto de bender coisas congeladas não gosto tenho essa não sei eu por exemplo lá em baixo uma altura fiz a minha mãe fez-me sete quilos de moelas e eu congelei tudo em doses em saquinhos certinhos tal a data tudo certinho a primeira bez passado pra aí quê três ou quatro dias tirei um coiso do congelador pra fazer uma dose de moelas botei olho pra aquilo acho que pus as doses certinhas bia só assim um bocadinho de moelas tibe que estar a descongelar outro e depois metade do outro e depois agarrei naquilo tudo tudo prò lixo não bale a pena tares a fazer tares a fazer e num nada moelas congeladas depois já não tinha aquele molho já num há pessoas que faz o [nome] faz bifana [nome] faz bifana em binho de alhos está a binho de alhos quatro ou cinco dias e as pessoas gostam a mim dizem-me por que é que não faz assim dessa bifana como faz o [nome] olha a [nome] pra fazer uma panela de bifana de cinco quilos demora quase uma tarde inteira tira-lhe as gordurinhas todas e tudo tudo certinho e tal

## **VAM1T**

foram bons foram bons e foram maus tiveram coisas boas e coisas más foram bons porque foram mais três anos de boa vida ia às aulas porque chumbava por faltas e justificava algumas mas andaba sempre no limite o bom foi que conheci pessoas novas bibi experiências novas conheci outras coisas o mau foi que não tirei proveito nenhum disso a nível escolar a nível escolar que de resto ainda continuo a falar com certas pessoas com quem andei e tudo mais ia pós cafés beber cervejas parte a maior parte das vezes senão ia dar assim umas voltas com uma amiga com uma amiga não não histórias com o director não só falaba com ele de vez em quando chamava-me maluco dizia que já era crónico o meu estado de alma e por aí era bom no início era bom fumava-se à porta das salas de aula nos corredores depois deixou-se de fumar tivemos que ir fumar para o bar imposição não tinha jeito nenhum fumar nos corredores não é olha agora que estilo fumava-se droga na casa de banho os prosores também lá iam batiam mal depois também foram proibidos e ameaçados os alunos quem fosse apanhado a consumir substâncias ilícitas era expulso o pessoal começou a fumar cá fora desporto tínhamos levantamento de minis à boca qual desporto nunca nunca nunca fizemos nada fomos uma vez pás piscinas fazer estilo um magusto e andámos lá a jogar ténis e a jogar à bola e outra manhã também tivemos dos três anos que eu tibe em carrazeda só me lembro de duas actividades desportivas e só participava quem queria claro não não tem nada a ver com isso eram desmotivados porque eram assim por natureza quem vai para uma escola profissional é porque quer facilidades ainda por cima pa uma escola de carrazeda mais facilidades quer e uma escola que acabou de abrir mais facilidades tem conclusão é fácil fácil fácil fazes



o curso e não aprendes um corno a minha disciplina preferida é história sempre foi história deixei de ter história no nono mas gostava de história e de português também naquela história e aí área de integração pra quê para ter o décimo segundo e era o curso que se calhar me animador sócio-cultural não me diz nada e fui para electricista pa electricidade só para ter o décimo segundo pensei que ia gostar alguma coisa daquilo mas aprendi na escola não aprendi depois cá fora com algumas luzes que tinha da escola mas na escola não aprendi nada binhas binhas sem luzes mas eles não te vão multar porque eles iam de carro olha outro carro foi o quando nós bínhamos prà aqui na outra segunda tivemos a falar que isto era uma pouca vergonha somos o único distrito que não tem um quilómetro de auto-estrada e depois temos a estrada que é a mais controlada a nível de polícia que é a i pê quatro é considerada a estrada com mais policiamento principalmente bragança macedo que é um exagero no outro dia bim com o capela passamos três brigadas duas paradas e uma a andar duas operações até macedo que são mas apanhamos duas paradas e uma em andamento com radar acho que estava parada mas estava parada com radar e o capela bai chega quase onde é que foi que ele chegou ali ao pé da trindade ou não sei quê é que repara que vinha sem luzes beio sem luzes o caminho todo e passou pela bófia e ó carai prontos era isso que eu ia dizer pode ser e pode não ser isso tudo depende da pessoa joana isso tudo depende da pessoa isso é como tu tares no teu trabalho aparece-te lá um aluno quer tirar-te uma dúvida tu quer-lhe tirar a dúvida perdes ali mais um quarto de hora com ele porque tás fora das aulas num num te apetece aturar mais aquilo dizes olha dizes-me isso amanhã que eu agora tenho que fazer num é isso vai das pessoas os trabalhos e as multas é igual isso depende do guarda se olhar para ti e vir olha é tcheia de mania pega lá que já comestes se encarar contigo estilo olha e tal deixa-o ir prontos é o mais certo isto é uma pouca bergonha esta estrada pá isto é uma pouca bergonha policiamento que aqui bai olha um corbo na estrada é demais inda hei-de ter um eu são demais prontos é justo é justo é justo multar por multar que multem os espanhóis ganham mais que nós e uma cena que estava ali num percebes num placar que estava ali ao ir de casa prò trabalho pó meu ali ao pé daquela cena da edp mais acima tem lá uma cena da água de trás montes e depois por baixo tem os financiamentos e não sei quê tem lá uma cena de espanha do governo espanhol e então é por causa das águas do douro do douro em bragança e que que que que o douro tem a ver com isso o douro passa em vila real pois passa num tem nada a ber senão tu também os bias por lá que as águas que nós bebemos também são águas de trás montes os placards também bês águas de trás montes e não vê nada e mais a mais nós não bebemos água do douro ninguém joana nenhuma água do douro é aproveitada para fim de consumo já tinha morrido mais gente não bês que o douro deve ser dos rios mais poluídos não carai aqui pra cima até nem tanto mais bai lá pra baixo a partir de penafiel amarante é só merda aquele rio atão não é então tu bês nas ribeiras esgotos e na foz do porto prò mar esgotos então isso admite-se num se admite

## **VAM2C**

sempre sim já passei muito pelo país todo França Espanha Suíça sempre a passear agora há seis um bocadinho felizmente um bocadinho mas também agora há seis anos estou paralisado bloqueou-me a coluna em dois meses perdi o andar olhe trabalhei muito no campo aqui em Freixiel guardei cabras tive pois tibe gado quando era mais novo eram minhas minhas e do meu pai eram setenta sessenta conforme pra aí quinze ou dezasseis eu e o meu pai não é eu trabalhava eu e o meu pai depois quando era mais nobo quando tinha vinte anos estive no comércio dois anos estive seis anos numa associação a tomar conta do bar e pertencia a aqui em Freixiel e prontos ia fazendo de tudo um pouco agora torneios dantes havia houve cá um rancho folclórico há muitos anos isso é o leilão de São Sebastião dantes era no calhava no se calhasse num domingo o São Sebastião este ano calhou o leilão foi dia trinta e um de janeiro mas normalmente era sempre logo a seguir ao São Sebastião agora é sempre no fim do mês de janeiro no trinta e um no último domingo no último domingo de janeiro por exemplo uma senhora que aqui está chamada [nome] é professora reformada e mais um grupo de jovens pela aldeia fazem o peditório em honra de São Sebastião em que consiste azeite vinho enchidos produtos hortícola assim da terra e depois as moças novas fazem os segredos não é aquelas caixinhas de embrulhinho que é o chamam-lhe o segredo que ninguém sabe o que ali está embrulhado pronto fazem por

exemplo uma caixinha com um lacinho muito bem embrulhadinho e metem lá aquilo que calha não é há pessoas que metem coisas de valor outras de menos valor e depois aquilo é leilado depois aqueles que abrirem pois só depois de abrirem comprarem é que às vezes compensa o preço que dão outras vezes umas amêndoazitas uns rebuçados ou às vezes uns enchidos e assim e depois fazem muitos bolos e depois aquilo é leilado pois quem mais der mais amigo é do santo como se costuma dizer é que fica com o artigo primeiro começam por os segredos depois começam assim os bolos e certas coisas depois no fim é o azeite é assim depois é ali no adro pois está assim tudo em círculo os produtos estão no meio e há um senhor aqui que costuma ser o [nome] que é o presidente da junta quem é o leiloeiro não é o dinheiro reporta reperte à igreja pronto e este ano parece que até teve um bom leilão deu dois mil e tal euros já é centenária centenário eu tenho cinquenta e três anos toda a vida toda a vida desde que era garoto que havia sempre o leilão em honra de o que é que todos os anos

## **VAM2J**

sim mas podia ser mais ainda há pouca actividade por parte dos jovens têm muita inércia pra tudo há muita jubentude quer dizer mas não são ligados a grandes actividades há uma associação mas pra mim pessoalmente há uma associação de nome só não se faz lá nada já se fez mas agora não o momento dantes tínhamos o e agora voltamos a ter o rancho folclórico e então dantes quando estava aí essa associação não é era precisamente isso era onde a gente ensaiava o primeiro rancho o primeiro grupo que tivemos era ali que a gente ensaiava no entanto depois ficou só com a placa mas depois o rancho desmoronou-se não é cada um foi saber da sua vida na altura da emigração pra suíça e pronto daí se desfez o grupo e agora andamos a formar novo grupo aliás já temos e vamos a trabalhar nisso mas não ali agora ensaiamos notro lado a festa é no dia este ano calhou no dia doze e treze da nossa senhora do rosário também há a festa da padroeira da aldeia mas não tem nada a ver uma com a outra padroeira é a santa maria madalena a nossa padroeira a festa anual é a festa à do santuário é a festa à nossa senhora do rosário que é a santa que está lá no alto no cabeço nesse dia da festa tem várias actividades programam às vezes futebol no dia anterior por exemplo no sábado outras vezes fazem jogos tradicionais corridas de sacos este ano acho que também fizeram sim tiro ós pratos tiro ós pratos e fazem assim umas actividades e depois no dia principal o da festa normalmente pela manhã o principal é fazerem a concentração que dantes era de animais trabalhavam a terra fazer a bênção dos animais não sei se será tradição só daqui mas deve haver se calhar mais aldeias que façam isso não sei então como agora já tão poucos animais e há mais tractores máquinas agrícolas fazem as duas coisas fazem a vênção dos tractores das máquinas agrícolas e de animais dos poucos que há pois depois há o há a procissão à tarde e depois há a missa principal do dia principal missa de festa do qual eu sou sempre participante porque sou organista desde garoto e pronto é assim depois há noite há o arraial um grupo qualquer não é um grupo qualquer que venha a ser chamado prò assunto a festa da padroeira é mais normalmente não fazem grandes coisas é mais só religioso faz-se a missa da padroeira quer dizer relativo à padroeira e uma procissão se fizerem nada mais do que isso embora seja dia santo cá há mas eu não estou assim muito dentro delas monumentos há coisas intressantes tem a forca que é das poucas que há não é não faço ideia em portugal há muito poucas forcas aqui em trás os montes acho que se calhar será a única ou pouco mais haverá tem a forca depois tem além um antigo castro tem umas meras ruínas já umas muralhas tem umas sepulturas rupestres também lá baixo não numa zona chamam o salgueiral não estão desviadas todas a forca o castro as sepulturas é tudo separado pra aí volta de quinhentos metros por aí um quilómetro depois temos a igreja como todas as terras cada uma no seu estilo não é e temos lá em cima o santuário que também já referi temos também aqui as fontes romanas a fonte romana que é muito bonito o pelourinho que muitas aldeias têm também e pronto temos a capela do santo cristo está adjacente à igreja temos a capela do são sebastião também uma capela uma ermida que está assim isolada e já falei do santuário tem lá a capelinha lá cima também depois temos trilhos assim quanto à paisagem também pronto quem goste de fazer percursos pedonais não é quem goste de caminhar eu embora seja residente cá mas gosto de fazer assim umas caminhadas de vez em quando ainda ontem fui fazer uma pra aí ida e volta pra aí sete quilómetros fui a um

lugar muito bonito chamam-lhe a é um termo muito engraçado chama-se crica da vaca porque a água brota de uma rocha de uma rocha e é um lugar é muito interessante de lá ir é muito interessante lá ir porque é uma água muito fresquinha e depois o lugar é um vale é muito apertado e é fresquinho por ali e assim ao fim da tarde vai-se lá muito bem a pé ou pela manhã e é um bocado longe faz-se dá-se um bom esticão às pernas e faz bem à saúde não é e tem lá um grande penedo ao lado chamam-lhe o penedo redondo que é um grande fragão uma fraga enorme deve ser centenas e centenas de toneladas que terá aquilo é enorme está assim no meio de uma propriedade rural de um campo de agrícola chamam-lhe o penedo redondo está logo ao lado dessa fonte que eu disse

### **VAM3R**

tenho cinquenta e seis anos natural de vila flor nasci num dia privilegiado que foi dia vinte e cinco de dezembro e pronto neste momento estou no museu como voluntário mas vim parar ao museu pelo fundo de desemprego onde estive três anos e pronto tentei dar uma ajuda a esta casa que é uma casa espectacular e é a melhor casa que existe em vila flor acontece que anteriormente pois eu fui funcionário de uma grande empresa que foi a que lançou o azeite vila flor mas houve certas coisas que correram mal e mesmo em questão de saúde eu tive que desistir e pronto acabei por vir pra o museu onde neste momento volto a dizer estou como voluntário sou um voluntário do museu municipal de vila flor sim já fiz um pouco de teatro numa peça que foi o doutor artur trigo vaz que é o passado e o presente onde eu entrei com a voz do povo se a memória não me falha já cantei o fado também com fadistas de coimbra é verdade com guitarristas também do fado castiço de lisboa e etecetera ainda há pouco tempo onde actuou também a maria joão quadros que é uma grande fadista e pronto e recebo aqui pessoas aqui neste museu recebo aqui pessoas como tenho recebido o tó zé martinho a mãe dele e mais personalidades portanto que gostam desta casa ora bem isso aqui há muitos objectos a destacar destaco por exemplo a colecção de máquinas de escrever que temos aqui que está considerada a melhor do país onde temos a primeira máquina que existiu foi um carpinteiro alemão que fez o molde em madeira e que depois foi executado mais tarde pelos americanos destaco também na sala de pintura temos a parte de moedas onde temos uma moeda visigoda que tem mil e quinhentos anos em ouro e com temos moedas árabes romanas e etecetera temos também na parte de pintura um quadro da da graça morais onde tem retratada a avó que também tem a sua pequena história assim como todos os objectos que existem dentro desta casa têm todos uma pequena história temos um berrão também que foi do tempo do dos celtas quando os celtas passaram por esta terra que sei lá não faço ideia mas deve ter quatro mil anos uns anos largos não é pois e é a tal coisa temos ainda a parte da biblioteca a parte da biblioteca onde temos aqui cerca de vinte três mil livros temos também o arquivo o arquivo municipal onde temos aqui um pouco de cada família que existe em vila flor e no concelho que também é bastante importante eu até destaco um ainda aqui atrás esteve aqui um senhor um juiz desembargador que era cunhado do engenheiro camilo de mendonça pois ele estava tão interessado em tudo o que tínhamos dentro das pastinhas que temos no arquivo que lhe fizemos cerca de três mil fotocópias pra ele levar para casa para ele ficar como recordação e há diversas coisas portanto há diversas coisas neste momento portanto com algum custo consegui trazer pra aqui computadores para os jobens nabegar na internet e tirem os elementos que necessitarem mais coisas há tanta coisa portanto a remodelação que levou esta casa este museu que também foi um bocadinho custosa mas conseguiu-se destaco também um tombo que temos aqui que foi pertença dos condes de sampaio acontece que este tombo está considerado devido ao seu volume está considerado o melhor do país não há outro igual há muitos tombos mas este é devido ao seu volume é considerado o melhor do país temos também pois oratórios não sei se está bom não só ia falar do oratório temos um oratório do século dezoito que além de oratório era escritaninha e que tem uma série de segredos tem pelo menos cinco cinco esconderijos onde as pessoas porque na altura no século dezoito não havia bancos para guardar dinheiro e guardavam ali as jóias o dinheiro aquilo que tinham os haberes que tinham e pronto eu acho que é uma descrição desta casa que é uma casa importante que eu considero a mais importante de vila flor

### **VAM3V**

uma omelete de obos como a mãe fazia de batatas era tão bô faz faz fazes tudo pronto atão ora faz lá isso fazes arroz pra mim e pra minha irmã ou faço eu mas a razão por que eu me ligo muitas vezes prà tlevisão espanhola é que na espanhola não dão tantos reclames como na portuguesa é que na portuguesa é uma miséria começa ali zumba zumba zumba zumba e um gajo bê ali aquela porcaria toda então um gajo muda prà espanhola não tem tanto reclame porra lembro-me porque eles namorabam-se não é e depois na páscoa antigamente começavam os bailes era na páscoa que começavam os bailes na semana santa não mas depois na páscoa pois na mas depois uns bailes assim fortes na na garagem da casa pereira e estou certo que estava nebe cá fora nós agora quer dizer portanto em em termos de de ambiente e mesmo de temperatura não se compara agora se nebar da parte da manhã da parte de tarde faz sol ou derrete eu quando fui prà tropa a a nebe estava ao mês no mourão não não se saia lá do mourão tínhamos de ir até baltorno a pé deixou-te em cima aonde então e tu de onde é que binhas normal olha foi bem pior quando andei na tropa e então aquilo era de ter medo um dia agora é que eu não sei sei que andaba na tropa e não sei se bim e dá-me impressão que bim de autocarro até ao mogo e depois do mogo prò mourão bim a pé e depois aí não tinha medo há muitas crianças que não têm medo tinham-me dado uma injeccção e eu binha à rasca da coluna excumungadas injeccções estou certo que foi quando alcatroaram a estrada do mourão até em cima ao cruzamento estava a estrada cheia de brita e de coisa e eu bi-me à rasca pra chegar a casa não não sei bem como foi eu às vezes não binha todos os fins de semana mas quando andei na tropa em bila real arre habia um rapaz do bilarinho que ia de motorizada um dia chegou lá ao quartel do bilarinho a bila real mas o sujeito chegou lá eram pra aí oito da manhã ou sete da manhã ia congelado tão bermelho tão coiso o gaijo eu nesse dia não tinha bindo a casa deixa-me lá deitar aqui na cama depois ó arrefecer ó aquecer ainda era pior coitado do bergílio coitado do bergílio mas isso é mas isso tomar banho bestido é totalmente difrente é pior o quê eu na tropa posso dizer que fui um felizardo quando foi na semana de campo de bila real nós era portanto pra fazermos a semana de campo fora e eu ficaba no quartel andabam lá a fazer o saneamento eu não fazia nada quando foi da semana de campo em lisboa fomos pra belas assim uns dois três dias um bocado esquisitos mas num em relação a alguns ou àquilo que contabam

### **VAM4J**

tenho quarenta e sete ao contrário que agora escrebe-se tudo ao contrário setenta e quatro eu sou natural de abreiro residido no bieiro portanto porque casei lá a minha mulher era do vieiro e depois casei-me não obrigou eu fui voluntário para lá para o pé dela só que agora é que fui imboluntário em ela deixar-me deixou-me porque foi para a terra não foi para com ninguém felizmente foi prà terra então a história é que ele falou por causa da guerra o meu abô carneiro que era de abreiro o meu avó ou bisavó agora é que eu não tenho a certeza no tempo das invasões francesas na terceira invasão francesa que foi ali em trancoso que veio passou por abreiro assim como a rua queimada de freixiel foi pelas invasões e então eles passaram ainda lá há um pedaço de caminho que agora está dentro do terreno do meu filho é onde é que passaram e então eles os soldados apanhavam nos rapazes que apanhavam que podiam estragavam-lhe com a cabra às costas como se chamava dantes que era a mochila e traziam-nos e então ele foi apanhado em abreiro e trouxeram-no até ao são domingos em cima e no são domingos lá o gajo lá o líder o mandou embora e ele o que fez foi pela serra tinta adiente até além ao vale cabeiro ainda estava a ponte antiga foi pela ponte até passar o resto das tropas e depois é que foi para abreiro portanto foi a terceira invasão acho foi na ponte do diabo foi e porque é que lhe chamam ponte do diabo não sabe então vou-lhe dizer obrigam-me a estar aqui a falar a ponte do diabo a minha abó materna dizia dizia-me a minha mãe porque eu a ela só a conheci eu tinha ainda não tinha três anos quando ela morreu mas inda me lembra uma anedota que ela me contou mas ela passava lá e então dizia-me a minha mãe porque eles tinham uma figueira do lado de cá do rio portanto abreiro está de lá o diabo a fez o diabo a há-de botar abaixo portanto foi a cheia de mil novecentos e nove que a botou abaixo e então a ponte do diabo diz que foi assim o diabo foi que a fez ao meio faltava-lhe uma pedra que nunca ninguém lha pôs e por quê porque o galo o diabo só trabalhava até ao cantar do galo chegou o galo cantou levantaram

cerco foi-se embora e aquela pedra ficou lá a falha toda a vida e então foi conhecida pela a ponte do diabo foi feita em mil setecentos não sei quê e caiu em dois mil e nove em mil novecentos e nove pois e só caiu desde que caiu a de mirandela e a de vilarinho e ela não caiu como está ela não caiu foi a troboada levou-lhe o lastro e ficaram nos olhais mas por causa da traulitada que depois que ainda passavam nos arcos de um lado para o outro botaram nos arcos abaixo que foi um erro grande e lá estão pegões que vão ser afogados se calhar agora quando vier a barragem

#### **VAM4L**

é mesmo eu que as faço as faço não agora também já estou muito esquecido também já ao certo num está assente como estava porque ao período que a gente vai andando nos anos a vista vai faltando vai faltando a força nos braços nas pernas os lábios tremem e a vista curta e pronto já na gente num tchega adonde deve tchegar inda lembro inda me lembro dalgumas poesias não quer-se dizer o tema das poesias eu é que fazia a letra e é que fazia tudo por exemplo vem esta poesia tudo passa tudo corre numa vida de ilusão tudo acaba e tudo morre a saudade é que não saudade vai-te embora deixa-me só um instante nem que seja só uma hora de alívio já é bastante não me façam sofrer mais que a sofrer tenho vivido podes ver pelos meus ais quanto eu tenho sofrido tenho a vida quase o gasta numa vida que não tem fim pra castigo já vasta saudade tem dó de mim este é um tema um tema mas é como que seja uma poesia esta foi arranjada por mim agora tenho outra feita por mim também pois e a letra e tudo na história da minha vida ó minha mãezinha querida não te volto a ver mais perdoa-me por caridade que eu morro com a saudade no coração na história universal eu cá me encontro a pensar nesta vida de amargura chorando aqui chorando além esse carinho de mãe que me amava com ternura na história da ciência quando eu era criança e por ti fui embalado eu cá me encontro a sofrer mãezinha por te não ver mãezinha a meu lado na história da ciência quando eu era criança e por ti fui embalado eu cá me encontro a sofrer mãezinha por te não ver mãezinha mesmo aqui a meu lado tudo passa tudo corre numa vida de ilusão foi tempo que já lá vai suspiro atrás dum ai tempo que não volta mais esse carinho de mãe seja aqui seja além quer-nos bem até morrer já é este outro poesia outro poema não não nunca não não podia escrever o livro não não é da cabeça só de cabeça só de cabeça não não

#### **VNF4M**

pois passa num pode passar por oitro lado fui à escola só fui três dias e então depois éramos onze pessoas em casa nós éramos nove filhos tínhamos que pegar uns nos oitros uns nos oitros consoante a gente nascia consente éramos grandinhos é que os criávamos e a minha mãe tinha de ir a trabalhar que binha de carbalho de egas aqui a bender um cântaro de leite tínhamos sim os tempos dantes era muito ruim porque éramos onze pessoas para ter cada pessoa sua muda de roupa duas mudas de roupa não se tinha mais num se podia ter mais porque onde houvesse muitos filhos e era tudo pobre a gente bibia das terras o meu pai tinha gado umas bezes de meias outras bezes dele e depois a gente fazia o leite o queijo depois a gente bendia o queijo bendia o soro daba a gente o soro aos oitros que vinham a pedir-nos também eram pobres a minha mãe desque (desde) estava feito dabó (dava-o) a quem precisasse tchamaba as crianças e as mulheres que lá queriam ir fome nunca tivemos de pão e batatas mas mimos num habia mimos num habia nunca tibemos fome pão e batatas e feijões e milho isso num tibemos fome mas dantes era assim uma miséria num habia a roupa para esfregar como agora agora bota mais um fora do que tinham quatro ou cinco os dias eram a trabalhar eu tibe sete anos íamos a baltorno e ó moirão a casa do senhor ainda o oitro dia perguntei o nome agora num me lembra íamos ao tchegar ao moirão habia umas gaieiras ao pra cima com um carreirão assim tchegábamos à croa e mediamos o leite que a minha mãe de dezassete meses dezanove meses tebe nove e nove dezoito tebe dois filhos e depois tibemos de o criar ó biberão quando era grande num queria comer já bebia sete quartilhos de leite num habia ali perto tínhamos de ir ao moirão do zé da ribeirinha moraba mesmo na croa íamos pelo caminho acima e ela tchamaba-se o nome dela ele era zé da ribeirinha mas ela num me lembra era assim uma senhora forte e se lobabamos frio benham cá não nós bínhamos a andar mas íamos descalças num era calçadas eu tinha dezassete anos a senhora pode escrever e até pôr o meu nome tinha

dezassete anos andaba com umas socas quando se acababam asquelas uma bez passei em baltorno e uma que lhe tchamabam na rouca era quem lhe comprámos o leite deu-me umas pra meu pai mandar pregarmos uns paus comprabam-se os paus e depois mandaba-se pregar a soca pronto que que hei-de dizer mais não a gente rezava o terço já vinham tarde os pastores ordenhabam no leite rezababa-se o terço e cada um se num habia água os rapazes iam à água as raparigas ficabam a labar a loiça consente fossem grandinhas e depois à noite os rapazes deitabam o meu pai fez uma besidoira na loja num éramos ricos fez a besidoira na loja dormiam lá os rapazes mas as raparigas iam fechar a porta aos rapazes mas agora as raparigas são piores do que os rapazes atão a gente num bê quando saem da escola e estão ali na praça bem se bê o que eis são e num é só ali é em todo o lado as coisas agora são mudadas a gente dantes era pura a gente precisaba de uma malga lebaba uma quarta de sal ou um quartilho de azeite aquela noite se num gastasse se fosse senhora fulana senhora maria empreste-me este medido de azeite o azeite senhora maria empreste-me uma malga de sal lebaba o sal agora têm inbeja uns dos outros porque têm muito dinheiro e não têm tantos filhos os filhos mataram-nos matam-nos como é que os há-de haver num pode ser num me faça dizer mais nada a história num me lembra lenda lenda não sei lá nenhuma já cá estou bai fazer três anos e meio eu não posso sair daqui que não tenho ninguém que tenho uma filha que está em val judeus que o homem dela é guarda prisioneiro e tenho um filho na frança e oitro estava aqui na toca do rato lá o que é aquilo estava aqui mas agora já deixou aquilo agora a gente num tinha ninguém que olhasse por ele eu fiz uma operação e tenho diabetes ainda no oitro dia a dona ana veio-me a dar comigo aqui deitada e já num falaba num posso estar sozinha por causa dos diabetes nunca estibe fora do país aí não fui à frança dois anos dois meses porque ia pra me curar mas não me deram lá ca cura e nos hospital ali em mirandela os aparelhos que lá há botaram-mos todos e não me deram com ela pois nosso senhor durante três anos andei a deitar sangue pelo rabo e diz que tinha um temor tou rasgada daqui fui operada e depois estibe o meu filho e uma cunhada que lá tenho bem cá bem cá a ber se curas bem cá lá não me deram com ele e não me dabam com o tumor por baixo tanto tchorei tanto pedi a deus ó santíssimo sacramento meti assim a mão deitei-me no sofá encontrei um papo e estibe sem o dizer cinco dias só o disse à minha bizinha [nome] diz eu tenho aqui um papo abre lá a porta abra vossemecê senhora [nome] diz não não a aibro bê que não posso estar abriu-me olhe eu tenho aqui um papo atão benha cá deite-se aqui na minha cama não na cama não me deito deito-me aqui no sofá ela meteu a mão consente lhe eu disse tem tem senhora maria zé tibe cinco dias em casa e depois dia de fiéis defuntos boltou-me a dar aquela coisa mandei tchamar o meu neto que o meu filho num estava fiz inda sei o que fiz assei assim duas postas de bacalhau e só fiz três malguinhas de sopa numa panela quem binhesse prò comer já num podia mais e depois bim-me aqui a bila flor ao meu médico ao senhor doutor marcelino num estava depois foi então depois a uma que era então da espanha da frança é espanhola mandou-me atão a senhora que tem olhe tenho isto diz já bai pra mirandela fez então uma carta mandou-me pra mirandela numa embulância foi o meu neto comigo que o meu filho disse que se fosse preciso que ia lá ter fizeram-me uma operação a médica de três em três meses tenho lá ido e diz-me a senhora ainda aí bem a senhora maria zé ainda aí bem julguei que estava do lado de lá aquilo ela encontrou-me muito mal três anos a correr num podia ser mais não podia ser agarraba eu tinha tantas dores tantas dores dores não eram muitas mas tinha uma labareda na minha barriga parecia que estava no lume dia e noite dia e noite dia e noite eu passaba então as noites o meu neto ia lá e dormia mas tinha medo que caísse de alguma casa abaixo que andaba com o pai a trabalhar eu não fazia guerra pra ele se ir ele só ia quando anda de ir comigo ò médico noite e dia nem sei quantas vezes eu tive semanas de ir todos os dias ao médico pronto num lhe posso dizer mais nada

#### **VNF4R**

muita lenha muita lenha muitas sacas de trigo que cozi pão pròs fregueses prò criar os filhos cozia aí num forno não não era dumas senhoras deixavam-nos lá cozer dávamos um pão cada vez que cozíamos e era a paga era a paga e era assim e depois cozi muitas fornadas pra pra vender e foi assim a minha vida tive onze filhos criei-os sem vergonha de ninguém onze onze filhos criei-os sem vergonha de ninguém meu deus muito trabalhinho mas com fartura graças a nosso senhor nunca lhe faltou o pãozinho pra comer trabalhei muito eu

e o pai mas criamojios sem vergonha de ninguém nunca andaram às portas de ninguém e agora olhe agora já não posso fazer nada e fiz ou ou no campo ia à azeitona cavava as batatas os feijões apanhava-os apanhava os figos segava ia prà eira pràs malhadas fazia tudo no campo eu fazia sabia fazer tudo fazia queijo ainda vou não fazer muito que não posso andar das pernas mas ainda faço a lidinha de casa mas em casa também não páro não não nem os meus filhos me deixam tenho aqui um filho ao pé de mim não me deixa bô bô também não posso tenho ali um prédio duma filha minha vou lá estender as pernas inda faço lá qualquer coisinha e mai nada e depois estou aqui em casa limpo a casa faço o comer olho pelo neto quando vem da escola e ando assim entretida eu e ele eu era muito a nossa mocidade éramos muito alegres ninguém ia não iam prò baile sem ir eu não faziam baile depois andavam por lá à jeira à vindima à azeitona apanhar vides tudo fazemos tudo à madeira e depois andávamos sempre a cantar e a dançar os bailes eram nos folgares quando era rapariga nova eu vim de lá prà aqui tinha vinte anos e já tenho setenta e dois casei aqui o meu marido pois já há mais de quanto tempo que lá não vou quando cá estão as minhas filhas ainda lá vou que têm carro agora a pé pra alugar um carro é muito caro ai tenho lá muita familia tenho lá muita familia muita tenho lá irmãos tenho lá dois irmãos tenho lá os meus primos tenho lá ainda tios e até lhe digo vou-lhe dizer uma coisa quando foi que o meu marido faleceu eu nunca pensei de vir tanta gente da minha terra como veio cá veio muita muita gente e ainda queriam vir mais que não havia transportes tenho lá uma prima que só já tenho aquela do lado do meu pai que é a umbelina também ficou viúva o meu marido morreu-me em julho e o da minha prima morreu em setembro os dois perto um do outro e é assim agora pronto agora eu ainda quero lá ir se deus nosso senhor quiser se cá tivesse um carro já lá tinha ido com as minhas vizinhas vou à missa vou ao terço e pronto e vou passear nesta rua só já semos três vizinhos há muita gente mas está tudo emigrado ao mais há ainda cá muita gente mas estão para o porto quase todos vem tudo vem quando é do agosto e do natal da páscoa vêm no são joão no são joão queimam o gato dão sardinhas não fazem mas agora a nossa fazem o são joão dão sardinhas aqui e carne e pronto dão e vinho a queima do gato põem um pinheiro alto e depois põem lá um pannelo com o gato e depois vestem aquilo com palha e depois chegam-lhe o fogo um gato mesmo um gato não morre nada aquilo cai para baixo chega lá o lume cai para baixo e o gato foge é bonito aquilo é muito bonito no são joão lá em cima no são siríaco lá em cima ao pé daqueles tanques que estão a correr pronto é só a queima do gato havia quando juntava aqui o pessoal que havia mais pessoal faziam aqui uma festa muito arrojada nossa senhora da saúde agora já tudo se acabou já cá há pouca gente já não querem festa e a mocidade também não mas quando é do são joão vem cá um conjunto e tudo é uma festa muito arrojada

#### **VNM4A**

sou de sampaio bibi sim tenho nobenta e um ano ai pois eram era cabar com as enxadas por aqui por ali aqui uma jeira a bida a ganhar era como se a gente bibia para labrarmos labramos a terra a labrar e a segar a regar a terra era assim que se fazia sim no campo e no berão nós já neste tempo agora já neste tempo andámos com a seitoira a ceifar o cereal o centeio o trigo e assim íamos por entre o rio trocar no cereal em outubro em outubro segaba-se e depois em diante e no mês de março o cereal já está seco segaba-se malhaba-se com uns malhos íamos nas jeiras era assim era era mais dura a bida do que agora bô bô agora quase que faz tanto um homem num dia que nesse ano outro ou dez porque é com os tractores com as máquinas agora tchegam à terra numa hora labram prà aí uma campina de terra que eu sei lá e nessa altura que bô tínhamos de andar a curar com andávamos nas segadas começabamos no mês de maio e fim agosto junho julho agosto agosto setembro outubro mas ao depois nesse mês já a jeira era muito dura já estava o tempo mais frio e o centeio quanto mais o tempo frio tiber mais duro custaba a segar e depois binham-nas malhadas em agosto e junho e julho maio era a segar depois era mais era em outubro outra bez que começabamos a segar malhaba-se com uns malhos os malhos eram dois dum lado e dois além e outros dois aqui à porrada era uma bida escraba era uma bida escraba era como estou a contar isso a minha terra a minha terra a minha terra era assim aqueles que tinha posses compravam dois num precisava de trabalhar e os pobres trabalhavam comprava um e outro comprava outro compra outro praí em diante juntavam-se os dois burros ao arado ou carro ou assim e íamos

para um ora íamos para outro era assim ai menina habia muitas habia ainda mais do que agora e bem bonitas fazia-se uma festa ajuntaba-se o pobo dabam bolta ao pobo comprabam a pedir dinheiro a pedir dinheiro pra comprarem pra fazer a festa para comprar tchamabam-se eram prendas eu dou tanto eu dou este eu dou aquele dabam-se e faziam dinheiro pois quem ganhasse aquilo ia a arrematação ia a arrematação um daba cinquenta outro daba binte ou trinta outro o que mais desse mais amigo era do santo é são paio a senhora da rosa naquele tempo habiam troboadas grandes e pedia-se à senhora da rosa e não sei que santo era não não era o santo santo era o adbogado das troboadas e a senhora da rosa também a senhora da rosa tchegaram a ir a buscar à ribeira e iam-nas lá a buscar para lhe fazer na festa e quando troboada estava uma troboada tirabam às bezes o santo e punham lá dentro da capela à entrada da porta e é é em sampaio nem cinco minutos leba daqui a lá

### VNM4J

não sou sou de assares vivo tenho vivido aqui sempre em santa comba a minha vida não foi muito boa andei a guardar crias e depois tibe um filho foi para o ultramar mataram-mo lá enfim já estou a contar e andei com gado muitos anos não fui não fui à escola não não fui à escola não me mandaram a minha vida era logo de piqueno andei sempre atrás do gado logo de piquenino a vida dantes era dificile noto sim a vida agora é outra agora a vida é outra e outra diferença que não é no antes agora agora vive-se melhor mais limpeza mais tudo estão muito mais o dobro as aldeias agora estão o dobro desenvolvidas de antes o dobro mais do dobro é duma história quantas coisas contavam mas eu agora já se me passou pela memória não já não tenho memória para essas coisas a minha vida foi muito trabalhosa e agora já não me já não dou resumo dessas coisas trabalhei no campo trabalhei aí com o gado fui enfim não lhe posso explicar a minha vida foi muito dificile tem tem diga qual é que é são bernardo é quase sempre fazem uma festa há anos que não fazem mas fazem quase sempre uma festa diga pois eram eram as festas mais fraquinhas não havia dinheiro não havia nada dantes era tudo mais pobre do que agora era era havia mais bailos mais cousas mais a gente era mais alegre do que agora agora vive-se melhor mas dantes era a gente andava mais alegre andavam à azeitona cantavam dançavam faziam cascatas quando era da agora não cascatas é quando é no domingo de páscoa fazem uma fazem assim um couso com paus e com cousas pra tchama-se lhe isso uma cascata mas era dantes a vida mais dificile do que agora e era a gente mais alegre mais alegre e mais unida uma à outra agora não agora um foge pra aqui outro foge para ali outro não não há carinho como havia dantes agora não há carinho como havia dantes a gente agora não tem o carinho que tinha a gente dantes é sim é verdade é

## Anexo B– Realização da africada surda

### Realização da africada surda - Codificação e Exemplos

Codificação	Exemplo	Codificaçã o	Exemplo
(MAM4NII	tchitcharos	(AAF2VFO	ratchou
(MAM4NII	tchitcharos	(AAF4VIB	tchamam-lhe
(MAM4NMB	tchitcharos	(AAM4NFU	bois e matchos



(MAM4NMB	tchitcharos	(AAM4VIB	tchamabam
(MAM4NMB	tchitcharos	(AAM4VIM	tchegamos
(MAM4NMB	tchitcharos	(ANF4NFU	rantchos
(MAM4VIB	tchamou-me	(ANF4NFU	rantchos
(MAM4VIM	tcheguei lá,	(ANM4VIB	tchamaba,
(MAM4VIM	tchegamos lá,	(ANM4VIB	tchama
(MAM4VIM	tcheguei a casa	(ANM4VIE	tchegue-se,
(MNF4VIB	que lhe tchamemos o cabeça da paixão	(ANM4VIB	tchamamos-lhe
(MNF4VIM	não tcheguei a aprender	(CAF4VIM	tchegou a casa
(MNF4VIM	tcheguei eu	(CAM4VIM	chegaram
(MNM4VIM	tchegarmos	(CNF4VIM	tchegaba-me
(MNM4VIM	tchegou	(CNM4VIM	mas tchegabam
(VAF4AMI	pequerritchitos	(IAF4VIM	tchegou
(VAF4AFB	pequerritchas	(IAM4AFU	pequerrutcho
(VAF4NIO	tchorros	(INF4VFO	pintchou-se
(VAF4NIO	tchorros	(INF4VFO	pintchou-se
(VAF4VMB	ratchei	(INF4VIB	tcheguei
(VAM1AIB	tcheia	(INF4VIE	tchego
(VAM4VIE	tchega	(INF4VIU	tchorar
(VAM4VIM	tchegar	(INF4VIU	tchorar
(VNF4VIB	tchamaba as crianças	(INM4VIB	tchama-se,
(VNF4VIB	ela tchamaba-se	(INM4VIB	tchama
(VNF4VIB	tchamabam-na rouca	(INM4VIB	tchamada,
(VNF4VIB	mandei tchamar	(INM4VIB	tchama-se,
(VNF4VIM	ao tchegar ao moirão,	(INM4VIB	tchame
(VNF4VIM	tchegávamos à croa ,	(INM4VIM	tcheguei
(VNF4VIU	tanto tchorei	(INM4VME	entchesse a barriga
(VNM4VIB	tchama-se-lhe isso	(INM4VME	entchesse a barriga
(VNM4VIB	tchamabam-se	(MAF3NFB	a pequerrutcha
(VNM4VIE	tchegam à terra	(MAM4NII	tchitcharos
(VNM4VIM	tchegaram a ir a buscar	(MAM4NII	tchitcharos

### Realização da africada surda - Cruzamento Concelho/Escolaridade

	Group	A	C	I	M	V	Total	%
A	N	5	2	2	13	8	30	44
	%	16	6	6	43	26		
N	N	6	2	14	5	11	38	55
	%	15	5	36	13	28		
Total	N	11	4	16	18	19	68	
	%	16	6	24	26	28		

### Realização da africada surda - Cruzamento Concelho/Sexo

	Group	A	C	I	M	V	Total	%
Feminino	N	4	2	7	4	12	29	43
	%	13	6	24	13	41		
Masculino	N	7	2	9	14	7	39	57
	%	17	5	23	35	17		
Total	N	11	4	16	18	19	68	
	%	16	5	23	26	27		

### Realização da africada surda - Cruzamento Concelho/Idade

	Group	A	C	I	M	V	Total	%
20-35	N	0	0	0	0	1	1	2
	%	0	0	0	0	100	*	KnockOut
36-50	N	1	0	0	0	0	1	2
	%	100	0	0	0	0	*	KnockOut
51-65	N	0	0	0	1	0	1	2
	%	0	0	0	100	0	*	KnockOut
> 65	N	10	4	16	17	18	65	94
	%	15	6	24	26	27		
Total	N	11	4	16	18	19	68	
%		16	5	23	26	27		

### Realização da africada surda - Cruzamento Concelho/Classe gramatical

	Group	A	C	I	M	V	Total	%
Verbo	N	8	4	15	9	14	50	75
	%	16	8	30	18	28		
Nome	N	3	0	0	9	2	14	20
	%	21	0	0	64	14	*	KnockOut
Adjectivo	N	0	0	1	0	3	4	5
	%	0	0	25	0	75	*	KnockO
Total	N	11	4	16	18	19	68	
	%	16	5	23	26	27		

### Realização da africada surda - Cruzamento Concelho/Posição da sílaba na palavra

	Group	A	C	I	M	V	Total	%
Final	N	4	0	3	1	1	9	13
	%	44	0	33	11	11	*	KnockOut
Inicial	N	7	4	11	13	16	51	75
	%	13	7	21	25	31		
Medial	N	0	0	2	4	2	8	11

	%	0	0	25	50	25	*	KnockOut
Total	N	11	4	16	18	19	68	
	%	16	5	23	26	27		

### Realização da africada surda - Cruzamento Concelho/Segmento seguinte

6	Group	A	C	l	M	V	Total	%
[o]	N	1	0	2	0	2	5	7
	%	20	0	40	0	40	*	KnockOut
[e]	N	5	0	6	7	9	27	39
	%	18	0	22	25	33	*	KnockOut
[u]	N	3	0	3	0	1	7	10
	%	42	0	42	0	14	*	KnockOut
[i]	N	1	4	2	7	4	18	26
	%	5	22	11	38	22		
[e]	N	1	0	3	0	2	6	8
	%	16	0	50	0	33	*	KnockOut
[i]	N	0	0	0	4	1	5	7
	%	0	0	0	80	20	*	KnockOut
Total	N	11	4	16	18	19	68	
	%	16	5	23	26	27		
Total	N	11	4	16	18	19	68	
	%	16	5	23	26	27		

## Anexo C – Semivocalização da lateral

### Semivocalização da lateral - Codificação e Exemplos

Codificação	Exemplo
-------------	---------

(AAF2E	eis é assim
(AAF2N	nasqueis anos
(IAF4A	aqueis
(IAM4E	eis pagabam pouco
(INF4E	ficar com eis
(INF4E	bater a eis
(INM4E	satisfeito com eies
(INM4E	e eu para eis
(INM4E	mas eis eram oito
(INM4E	todo contente com eis
(INM4E	estou muito feliz com eis
(INM4E	e eis estão todos muito bem
(INM4D	tratam da bida deis
(INM4E	mas eis
(INM4E	eis morreram
(INM4E	porque eis
(MAM2A	aqueis medeiros de palha
(VNF4E	bem se bê o que eis são
(ANF4A	aqueis danços
(CAF4E	eis faziam-me assim ,
(CAF4E	e eis diziam-me assim,
(CAF4E	pois eis não tinham estudado ,
(CAF4E	e eis não tinham

### Semivocalização da lateral por concelho

Group		eis	nasqueis	aqueis	deis	Total	%
A	N	1	1	1	0	3	13
	%	33	33	33	0	*	KnockOut
C	N	4	0	0	0	4	17
	%	100	0	0	0	*	KnockOut
I	N	12	0	1	1	14	61
	%	85	0	7	7	*	KnockOut
M	N	0	0	1	0	1	4
	%	0	0	100	0	*	KnockOut
V	N	1	0	0	0	1	4
Total	N	18	1	3	1	23	
	%	78	4	13	4		

### Semivocalização da lateral por escolaridade

2	eis	nasqueis	aqueis	deis	Total	%	
A	N	6	1	2	0	9	39
	%	66	11	22	0	*	KnockOut

N	N	12	0	1	1	14	60
	%	85	0	7	7	*	KnockOut
Total	N	18	1	3	1	23	
	%	78	4	13	4		

### Semivocalização da lateral por sexo

3	eis	nasqueis	aqueis	deis	Total	%	
F	N	8	1	2	0	11	47
	%	66	16	16	0	*	KnockOut
M	N	10	0	1	1	12	52
	%	83	0	8	8	*	KnockOut
Total	N	18	1	3	1	23	
	%	78	4	13	4		

### Semivocalização da lateral por idade

4	eis	nasqueis	aqueis	deis	Total	%	
36-50	N	1	1	1	0	3	14
	%	33	33	33	0	*	KnockOut
>65	N	17	0	2	1	20	86
	%	85	0	10	5	*	KnockOut
Total	N	18	1	3	1	23	
	%	78	4	13	4		

## Anexo D – Centralização de [e]

### Semivocalização da lateral - Codificação e Exemplos

<b>Codificação</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Codificação</b>	<b>Exemplo</b>
(CAF2NOA	movimanto	(CAM2NOA	mobimanto
(CAF2NON	antraste	(CAM2NOA	principalmente
(CAF2ONA	pana	(CAM2NOA	escoamanto
(CAF3NOA	tampo	(CAM2NOA	exactamente
(CAF3NOA	sampre	(CAM2NOA	alimentos
(CAF3NOA	sampre	(CAM2NOA	infelizmente
(CAF3ONA	manos	(CAM2NOA	bande-se
(CAF4NOA	repante	(CAM2NON	antão
(CAF4NOA	cinquanta,	(CAM2ONA	tamos
(CAF4NOA	tampo	(CAM3NOA	presidente
(CAF4NOA	santas-te	(CAM3NOA	presidente
(CAF4NOA	lambra-me	(CAM3NON	pandurados
(CAF4NOA	antigamente	(CAM3NON	bander
(CAF4NOA	nesse tempo	(CAM3NON	antramos
(CAF4NON	quando antrei	(CAM3NON	antramos
(CAF4NON	antraram	(CAM4ONA	mais ou manos
(CAF4NON	estander	(CAM4ONA	mais ou manos
(CAF4NON	antão	(CAM4ONA	mais ou manos
(CAF4ONA	pana	(CAM4ONA	mais ou manos
(CAF4ONA	pana	(CAM4ONA	pana
(CAF4NOA	tampo	(CAM4ONA	mais ou manos
(CAM2NOA	mobimanto	(CNF4ONA	manos
(CAM2NOA	mobimanto	(CNM4NOA	dantro

### Centralização de [e] – Cruzamento Escolaridade / Sexo

	1	Group	A	N	Total	%
F	N		21	1	22	48
	%		96	4		
M	N		23	1	24	52
	%		96	4		
Total	N		44	2	46	
	%		96	4		

### Centralização de [e] – Cruzamento Escolaridade / Idade

2	Group	A	N	Total	%
36-50	N	14	0	14	30
	%	100	0	*	KnockOut
51-65	N	10	0	10	22
	%	100	0	*	KnockOut
>65	N	20	2	22	48
	%	90	9		
Total	N	44	2	46	

	%	95	4		
--	---	----	---	--	--

### Centralização de [e] – Cruzamento Escolaridade / Qualidade da Vogal

3	Group	A	N	Total	%
Vogal nasal	N	33	1	34	74
	%	97	2		
Vogal oral	N	11	1	12	26
	%	91	8		
Total	N	44	2	46	
	%	95	4		

### Centralização de [e] – Cruzamento Escolaridade / Qualidade da Consoante Seguinte

4	Group	A	N	Total	%
Oclusiva Oral	N	33	1	34	74
	%	97	2		
Oclusiva Nasal	N	11	1	12	26
	%	91	8		
Total	N	44	2	46	
	%	95	4		

### Centralização de [e] – Cruzamento Escolaridade / Acentuação

5	Group	A	N	Total	%
Sílaba Acentuada	N	34	2	36	78
	%	94	5		
Sílaba Não Acentuad	N	10	0	10	21
	%	100	0	*	KnockOut
Total	N	44	2	46	
	%	95	4		

## Anexo E – A realização de /S/ em final de palavra seguido de segmento [-consonântico]

### A realização de /S/ como [ʒ]- Codificação e Exemplos

(JVAF1UN	temos um	(JVAF1UA	anos à	(JVAF3BB	urgências abertas
(JVAF1UB	temos aquelas	(JVAF1UK	terrenos eram	(JVAF3BU	as urgências
(JVAF1UB	os abonos	(JVAF1UB	terrenos a	(JVAF3BB	mas aqui
(JVAF1BK	mas é	(JVAF1BB	pessoas ali	(JVAF3UO	nos outros
(JVAF1BK	mas é	(JVAF1II	fiz isto	(JVAF3EA	fez ao
(JVAF1GI	mais isso	(JVAF1UN	quartos em	(JVAF3MU	gozastes uma
(JVAF1IK	diz é	(JVAF1MI	poderes ir	(JVAF3GK	pois é
(JVAF1UB	os abonos	(JVAF1UB	passamos a	(JVAF3BU	as urgências
(JVAF1NI	jobens e	(JVAF1UK	menos é	(JVAF3GB	pois atão
(JVAF1GU	mais uma	(JVAF1BB	mas a	(JVAF3UA	estibemos à
(JVAF1GK	depois é	(JVAF2MU	sabes o	(JVAF3MK	bezés é
(JVAF1GI	dois e	(JVAF2BE	mas ele	(JVAF3BB	dobras a
(JVAF1BI	forneiras iam	(JVAF2UI	curatibos e	(JVAF3MI	grandes e
(JVAF1UU	temos o	(JVAF2UD	os homens	(JVAF3BN	coisas em
(JVAF1MK	bezés é	(JVAF2BI	mas isto	(JVAF3BE	mas eu
(JVAF1AB	faz assim	(JVAF2GO	mais ou	(JVAF3UI	os exames
(JVAF1UO	torneios ou	(JVAF2BB	mas aquilo	(JVAF4GI	bois e
(JVAF1UB	dos animais	(JVAF2GU	depois o	(JVAF4UU	deixemos os
(JVAF1UB	os animais	(JVAF2EN	bez em	(JVAF4UU	pregámos o
(JVAF1GI	animais e	(JVAF2GO	mais ou	(JVAF4BU	das ubas
(JVAF1BI	agrícolas e	(JVAF2GU	depois os	(JVAF4EO	três ou
(JVAF1UB	os animais	(JVAF2BU	trabalhas os	(JVAF4UN	fomos uns
(JVAF1GA	depois há	(JVAF2BB	mas agora	(JVAF4AU	às ubas
(JVAF1BB	várias actividades	(JVAF2UU	todos os	(JVAF4MA	soidades à
(JVAF1EN	vez em	(JVAF2GE	pois eu	(JVAF4BU	das ubas
(JVAF1UN	temos um	(JVAF2UD	os olhos	(JVAF4GI	bois e
(JVAF1EB	fez a	(JVAF2MU	fazes os	(JVAF4EN	bez andaba
(JVAF1GO	pais ou	(JVAF2GB	depois ainda	(JVAF4GI	pais iam
(JVAF1UI	brincos e	(JVAF2GB	mais até	(JVAF4BO	as oitras
(JVAF1BB	coisas assim	(JVAF2BD	outras horas	(JVAF4IB	fiz aquilo
(JVAF1GU	mais o	(JVAF2MO	aqueles horários	(JVAF4BK	mas é
(JVAF1BA	crianças há	(JVAF2BB	as abriram	(JVAF4GI	bois e
(JVAF1BB	pessoas até	(JVAF2GB	pois a	(JVAF4BD	nas horas
(JVAF1BN	pra uns	(JVAF2UN	bimos um	(JVAF4UB	todos a
(JVAF1BB	mas a	(JVAF2UN	temos um	(JVAF4BI	cadeiras e
(JVAF1UI	candeeiros e	(JVAF2BB	mas aqui	(JVAF4GD	pois olha
(JVAF1UK	candeeiros é	(JVAF2GB	depois a	(SVAF4BB	gracas a deus
(JVAF1GA	depois acho	(JVAF2UN	dos enganós	(SVAF4BB	gracas a deus
(JVAF1BB	pessoas a	(JVAF3BB	andei-as a	(JVAF4BD	duas horas
(JVAF1EB	fez aqui	(JVAF3BA	das árvores	(JVAF4GI	depois ia-me
(JVAF1UA	está-nos a	(JVAF3UN	tínhamos uns	(JVAF4EU	fez o
(JVAF1UA	obriga-nos a	(JVAF3UN	tínhamos um	(JVAF4UB	tantos anos
(JVAF1UU	fazermos uma	(JVAF3UU	todos os	(JVAF4BU	as orelhas
(JVAF1GN	mais um	(JVAF3GU	depois uma	(JVAF4GB	depois habituam-se
(JVAF1UB	bairros até	(JVAF3UB	obrigados a	(JVAF4BD	duas horas
(JVAF1UB	feitos aqui	(JVAF3BA	mas ao	(JVAF4GA	mais alta



(JVAF4BB	mas agora	(JVAM1BB	mas apanhamos	(JVAM1BA	das águas
(JVAF4GN	aos intestinos	(JVAM1BI	paradas e	(JVAM1BA	as águas
(JVAF4GN	aos intestinos	(JVAM1BA	ganhas ao	(JVAM1GB	mais a
(JVAF4UI	guarda-fatos e	(JVAM1UN	cachorros	(JVAM1UA	bebemos água
(JVAF4BD	mas olhe		hamburgueres	(JVAM2BI	minhas e
(JVAF4GD	pois olhe	(JVAM1UK	menús era	(JVAM2GB	dois anos
(JVAF4BB	as amigas	(JVAM1BB	mas aquilo	(JVAM2UB	muitos anos
(JVAF4BN	as empregadas	(JVAM1NB	tens as	(JVAM2MB	dantes havia
(JVAF4BB	mas agora	(JVAM1GI	pois e	(JVAM2MK	dantes era
(JVAF4GN	aos intestinos	(JVAM1MI	fazes e	(JVAM2GN	mais um
(JVAF4BB	mas agora	(JVAM1MB	estares a	(JVAM2UD	Produtos hortícola
(JVAF4BE	mas ele	(JVAM1BA	mas ao	(JVAM2GB	depois as
(JVAF4BB	as amigas	(JVAM1UB	menos aqui	(JVAM2NN	uns enchidos
(JVAF4BB	mas a	(JVAM1AB	tás a	(JVAM2MN	vezes uns
(JVAF4EB	fez a	(JVAM1UI	chinelos e	(JVAM2GB	depois aquilo
(JVAF4BB	graças a deus	(JVAM1UI	cachorros isso	(JVAM2BB	Umam amêndoazitas
(JVAF4BD	mas olhe	(JVAM1BN	as hamburgueres	(JVAM2GB	depois aquilo
(JVAF4BO	as oitras	(JVAM1BB	mas as	(JVAM2GK	depois é
(JVAF4BO	as oitras	(JVAM1BN	as hamburgueres	(JVAM2EB	três anos
(JVAF4GN	dois em	(JVAM1GB	dois anos	(JVAM2UB	os anos
(JVAF4BU	compras uma	(JVAM1GA	pois há	(JVAM2UU	todos os
(JVAF4BN	mas então	(JVAM1BK	mas é	(JVAM2GB	mais ainda
(JVAF4BB	mas agora	(JVAM1MN	fazes uns	(JVAM2UB	andamos a
(JVAF4EI	três e	(JVAM1ND	uns obos	(JVAM2UI	temos e
(JVAM1AA	às aulas	(JVAM1GD	seis obos	(JVAM2BB	umas actividades
(JVAM1EB	três anos	(JVAM1MU	fazerem uma	(JVAM2UB	dos animais
(JVAM1BN	mas andaba	(JVAM1NB	tens aqui	(JVAM2GA	mais aldeias
(JVAM1EN	vez em	(JVAM1NB	tens aqui	(JVAM2MK	dantes era
(JVAM1UB	alunos ameaçados	(JVAM1AU	mas o	(JVAM2UB	poucos animais
(JVAM1UB	os alunos	(JVAM1GU	mais os	(JVAM2BB	máquinas agrícolas
(JVAM1UI	proibidos e	(JVAM1AB	tás a	(JVAM2BB	máquinas agrícolas
(JVAM1BI	substâncias ilícitas	(JVAM1GO	dois ou	(JVAM2GA	depois há
(JVAM1UU	fomos uma	(JVAM1BB	cortá-las aos	(JVAM2BK	coisas é
(JVAM1EB	três anos	(JVAM1BI	congelas e	(JVAM2BE	mas eu
(JVAM1BB	duas actividades	(JVAM1BE	mas eu	(JVAM2AU	trás-os-montes
(JVAM1MU	fazes o	(JVAM1EO	três ou	(JVAM2GB	mais haberá
(JVAM1MN	aprendes um	(JVAM1UB	pus as	(JVAM2UB	temos a
(JVAM1BE	mas eles	(JVAM1MB	tares a	(JVAM2BB	todas as
(JVAM1MI	eles iam	(JVAM1MB	tares a	(JVAM2BA	muitas aldeias
(JVAM1UB	tivemos a	(JVAM1BI	todas e	(JVAM2UB	temos a
(JVAM1UU	somos o	(JVAM1BA	as aulas	(JVAM2EN	vez em
(JVAM1UB	temos a	(JVAM1GB	mais aquilo	(JVAM2GU	depois o
(JVAM1BI	paradas e	(JVAM1MD	dizes olha	(JVAM2BI	centenas e
(JVAM1BB	mas apanhamos	(JVAM1BK	multas é	(JVAM2UB	temos a
(JVAM1BD	duas operações	(JVAM1GB	mais acima	(JVAM3GB	seis anos
(JVAM1NB	operações até	(JVAM1UI	financiamentos e	(JVAM3IN	país onde

(JVAM3EB	três anos	(ZINM4BK	mas é	(JVAM4UI	novecentos e
(JVAM3GE	pois eu	(ZINM4IB	fiz a de carrazeda	(JVAM4UB	nos anos
(JVAM3IN	fiz um	(ZMAF2UU	temos uma	(JVAM4GA	meus ais
(JVAM3UD	muitos objectos	(ZMAF2GB	dois anos	(JVAM4BK	mas é
(JVAM3UB	temos aqui	(ZMAF2UA	iamos às compras	(JVAM4GE	mais esse
(JVAM3EU	fez o	(ZMAF2UB	dizemos assim	(SVNF4BB	gracas a nosso senhor
(JVAM3UU	temos uma	(ZMAF3UB	menos ali	(JVNF4BN	mas em
(JVAM3BA	moedas árabes	(ZMAF4UU	tinhamos uma	(JVNF4BB	mas ainda
(JVAM3UB	quinhentos anos	(ZMAF4AO	pras oitras	(JVNF4GN	depois andávamos
(JVAM3UD	os objectos	(ZMAM3EB	tres anos	(JVNF4BB	filhas ainda
(JVAM3UU	todos os	(ZMAM3GB	mais aberto	(JVNF4GI	dois irmãos
(JVAM3UN	temos um	(ZMAM3GA	mais à frente	(JVNF4GA	mais há
(JVAM3NB	uns anos	(ZMAM3EE	tres erros	(JVNF4BB	mas agora
(JVAM3UB	temos ainda	(ZMAM4UO	os outros	(JVNF4GK	depois éramos
(JVAM3UB	temos aqui	(ZMNM4KO	dez ou doze	(JVNF4BN	peessoas em
(JVAM3GE	pois ele	(ZMNM4GK	pois é	(JVNF4DK	nós éramos
(JVAM3UI	os elementos	(ZVAM2GB	seis anos	(JVNF4UO	nos oitros
(JVAM3UB	temos aqui	(ZVAM2GB	seis anos	(JVNF4UO	nos oitros
(JVAM3UN	temos um	(ZVAM2UB	voltamos a ter	(JVNF4UK	grandinhos é
(JVAM3UB	os haberes	(SAAM4CK	dantes é que era	(JVNF4UI	criábamos e
(JVAM3GN	mais importante	(SVAF2UB	vimos assim	(JVNF4BB	egas aqui
(JVAM3BB	mas a	(SCAM2CU	prontos uma	(JVNF4UN	éramos onze
(JVAM3DB	nós agora	(SCNF4BB	graças a nosso senhor	(JVNF4BO	meias outras
(JVAM3BN	excumungadas injecções	(SCNF4BB	graças a nosso senhor	(JVNF4GB	depois a
(JVAM3BU	mas o	(SINF4BB	graças a deus	(JVNF4GB	depois a
(JVAM3GA	depois ao	(SINF4BB	graças a deus	(JVNF4GO	aos oitros
(JVAM3BI	mas isso	(SIAF4BB	graças a deus	(JVNF4NI	feijões e
(JVAM3DK	nós era	(SIAF4BB	graças a deus	(JVNF4GN	mais um
(JVAM3BI	mas isso	(SINF4BB	graças a deus	(JVNF4BK	dias eram
(SVAM3UU	todos os	(SMNF4BB	graças a nosso senhor	(JVNF4UA	tchegávamos à
(SVAM3MB	bailes assim	(SMNF4BB	graças a deus	(JVNF4UU	mediamos o
(ZAAF2MB	coisa que eles agora	(JVAM4MU	eles os	(JVNF4BA	gaieiras ao
(ZAAF2KB	dez anos	(JVAM4UB	soldados apanhavam	(JVNF4BK	mas ela
(ZIAF2GA	depois à tarde	(JVAM4UI	traziam-nos e	(JVNF4UB	bínhamos a
(ZIAF1UU	todos os	(JVAM4GK	depois é	(JVNF4BI	mas íamos
(ZIAF4BB	mas agora	(JVAM4BI	tropas e	(JVNF4UU	comprámos o
(ZIAF4BU	mas o doutor	(JVAM4EB	três anos	(JVNF4MI	rapazes iam
(ZINF4DA	voz alta	(JVAM4BK	mas ela	(JVNF4BB	mas agora
(ZINF4BE	mas eu	(JVAM4BN	mas inda	(JVNF4UA	os há-de
(ZINF4BA	mas às	(JVAM4UI	novecentos e	(JVNF4EB	três anos
(ZINF4MN	vezes andemos	(JVAM4UD	nos olhais	(JVNF4UI	anos e
(ZINF4GK	pois é	(JVAM4UA	nos arcos	(JVNF4BB	mas agora
(ZINF4GK	pois é	(JVAM4UB	arcos abaixo	(JVNF4IU	fiz uma
(ZINF4BK	mas elas	(JVAM4UA	nos arcos	(JVNF4GB	dois anos
(ZINM4GK	pois é			(JVNF4UB	os aparelhos

(JVNF4EB	três anos	(JCAF1BA	cozidas à	(JCAF3UU	cabamos o
(JVNF4UD	nos hospital	(JCAF1UI	sumos e	(JCAF3BD	as hortas
(JVNF4BN	dias em	(JCAF1GN	depois andam	(JCAF3UB	temos amêndoa
(JVNF4EN	fez então	(JCAF1BI	fatias e	(JCAF3BB	mas a
(JVNF4EN	três em	(JCAF1UN	quantos andores	(JCAF3BB	mas assim
(JVNF4EB	três anos	(JCAF1BK	mas é	(JCAF3NI	ansiães e
(JVNF4ME	vezes eu	(JCAF1UB	todos as	(JCAF3UU	todos os
(JVNF4UU	todos os	(JCAF1BU	as ubas	(SCAF3BB	graças a Deus
(JVNM4GU	mais o	(JCAF2IB	fiz até	(JCAF3BB	mas agora
(JVNM4GK	depois era	(JCAF2BU	mas o	(JCAF3BN	quintas andei
(JVNM4UB	começavamos a	(JCAF2ND	uns óculos	(JCAF3GB	pois a
(JVNM4UA	burros ao	(JCAF2BB	umas avarias	(JCAF3BN	mas andei
(JCAF1UN	menos um	(JCAF2GD	mais óculos	(JCAF3UB	muitos anos
(JCAF1KI	dez e	(JCAF2BB	obras agora	(JCAF3UN	pusemos um
(JCAF1GB	dois anos	(JCAF2UA	menos às	(JCAF3UN	tivemos um
(JCAF1GB	dois anos	(JCAF2UB	íamos até	(JCAF3GU	depois o
(JCAF1BI	horas e	(JCAF2UO	temos outra	(JCAF3GO	mais ou
(JCAF1GB	dois anos	(JCAF2BB	mas assim	(JCAF4KB	dez anos
(JCAF1GI	seis e	(JCAF2UI	contos e	(JCAF4IB	fiz a
(JCAF1GB	dois anos	(JCAF2BO	das outras	(JCAF4UA	todinhos a
(JCAF1GB	dois anos	(JCAF2BO	das outras	(JCAF4GU	pois os
(JCAF1KI	bebés e	(JCAF2EB	três agora	(JCAF4UO	os outros
(JCAF1MK	eles é	(JCAF2BA	nas aldeias	(JCAF4UU	todos os
(JCAF1UB	fazemos actividades	(JCAF2BU	compras os	(JCAF4BB	mas a
(JCAF1UO	joginhos ou	(JCAF2UN	supermercados em	(JCAF4UB	rapazinhos a
(JCAF1BO	das outras	(JCAF2UB	muitos anos	(JCAF4IN	juíz em
(JCAF1BB	outras actividades	(JCAF2MB	vezes até	(JCAF4UB	meninos aqui
(JCAF1MK	actividades é	(JCAF2AB	faz a	(JCAF4UA	entregaram-nos ao
(JCAF1UA	vamos à	(JCAF2BE	mas eu	(JCAF4IA	juíz à
(JCAF1UU	temos uma	(JCAF2GE	pois eu	(JCAF4UB	chegavamos a
(JCAF1BK	mas é	(JCAF2GB	mais a	(JCAF4UB	os alunos
(JCAF1DB	nós ali	(JCAF2UO	os outros	(JCAF4EN	eles não-de
(JCAF1MU	contentes os	(JCAF2UB	outros as	(JCAF4BA	reguadas aos
(JCAF1UI	os idosos	(JCAF2UD	os objectivos	(JCAF4GB	depois aprendiam
(JCAF1UN	faz-nos andar	(JCAF2BE	mas eu	(JCAF4GB	dois anos
(JCAF1MI	alegres e	(JCAF2GN	mais em	(JCAF4UU	todos os
(JCAF1BK	sereias é	(JCAF2AO	às oito	(JCAF4UB	ficámos a
(JCAF1GK	pois é	(JCAF2GB	depois aproveito	(JCAF4MB	fazes as
(JCAF1AB	faz a	(JCAF2BB	mas a	(JCAF4MU	fazes os
(JCAF1BE	mas eu	(JCAF2BE	mas eu	(JCAF4MI	fazes isto
(JCAF1IB	fiz a	(JCAF2GN	mais em	(JCAF4MB	respondes a
(JCAF1UO	os outros	(JCAF3UK	adubos é	(JCAF4GE	pois eles
(JCAF1GK	pois era	(JCAF3GB	mais a	(JCAF4BK	mas é
(JCAF1UI	económicos e	(JCAF3GB	mais aparelhos	(JCAF4BB	todas as
(JCAF1UD	os obos	(JCAF3BD	minhas hortalhas	(JCAF4BB	mas aquilo
(JCAF1ED	três horas	(JCAF3BK	umas erbinhas	(JCAF4BB	escolas a

(JCAF4UN	nos ensinavam	(JCAM2UU	temos o	(JCAM4EO	três ou
(JCAF4UO	dos outros	(JCAM2UB	temos a	(JCAM4GB	mais aquilo
(JCAF4GN	mais um	(JCAM2UB	temos as	(JCAM4GE	mais este
(JCAM1BB	mas ainda	(JCAM2BN	as antas	(JCAM4BB	mas agora
(JCAM1UB	produtos agrícolas	(JCAM2BN	umas infra-estruturas	(JCAM4GK	mais é
(JCAM1BN	as antas	(JCAM2GN	mais um	(JCAM4GB	dois anos
(JCAM1BB	mas assim	(JCAM2BK	mas é	(JCAM4GE	mais eu
(JCAM1BI	mas isso	(JCAM2BB	mas agora	(JCAM4BN	mas andar
(JCAM1GN	mais informação	(JCAM2GI	depois isso	(JCAM4DO	pròs outros
(JCAM1BK	mas era	(JCAM2UB	barreiros ali	(JCAM4UB	vinhamos até
(JCAM1BE	mas eu	(JCAM2UU	temos os	(JCAM4BB	mas aquele
(JCAM1MK	eles é	(JCAM2UB	os acessos	(JCAM4MB	vezes acompanhaba
(JCAM1GB	mais a	(JCAM2UB	muitos anos	(JCAM4GO	aos outros
(JCAM1GN	mais emprego	(JCAM2UB	os apoia	(JCAM4GO	mais ou
(JCAM1GN	mais empresas	(JCAM2BN	mas antigamente	(JCAM4GB	pois atão
(JCAM1UB	amigos aqui	(JCAM2UU	os únicos	(JCAM4UI	os exames
(JCAM1UO	bombeiros ou	(JCAM3UB	quatrocentos anos	(JCAM4IE	diz ele
(JCAM1GO	mais ou	(JCAM3AN	às onze	(JCAM4ED	três horas
(JCAM1BA	das aldeias	(JCAM3UI	pelos irmãos	(JCAM4ED	três horas
(JCAM1UN	os andores	(JCAM3UN	os antigos	(JCAM4BK	mas é
(JCAM1BA	das aldeias	(JCAM3UI	porcos e	(JCAM4EB	fez as
(JCAM1BN	coisas engraçadas	(JCAM3UB	vinhamos a	(JCAM4UU	todos os
(JCAM1BB	engraçadas acontecem	(JCAM3UO	íamos outra	(JCAM4ID	diz olha
(JCAM1BB	mas a	(JCAM3EB	bez a	(JCAM4BB	mas a
(JCAM1GB	depois arrependi-me	(JCAM3EO	três ou	(JCAM4BB	mas agora
(JCAM1UO	os outros	(JCAM3BI	batatas e	(JCAM4UU	descansarmos o
(JCAM1BD	nas obras	(JCAM3BK	mas é	(JCAM4IB	diz agora
(JCAM1UI	fados e	(JCAM3BB	graças a deus	(JCAM4UB	temos aí
(JCAM1UI	copos e	(SCAM3BB	graças a deus	(JCAM4IE	diz ele
(JCAM1BI	guitarradas e	(JCAM3UB	vinhamos a	(JCAM4BB	andas aí
(JCAM1NB	salpições a	(JCAM3UO	os outros	(JCAM4GN	pois ando
(JCAM1UI	libros e	(JCAM3BE	letras eu	(JCAM4NO	uns oito
(JCAM1MN	eles andam	(JCAM3BB	mas aprendi	(JCAM4IK	diz ela
(JCAM1BU	as ubas	(JCAM3UI	bombeiros e	(JCAM4BD	mas olhe
(JCAM1GB	mais ali	(JCAM3UB	começámos a	(JCAM4UB	morreu-nos a
(JCAM1NA	uns ases	(JCAM3UU	anos o	(JCAM4UA	abertos ao
(JCAM1BU	das obelhas	(JCAM4GO	mais ou	(JCAM4BB	graças a deus
(JCAM1BA	duas há	(JCAM4GO	mais ou	(JCAM4EI	fez isso
(JCAM2MA	vezes há	(JCAM4GO	mais ou	(JCAM4UO	os oitenta
(JCAM2BK	mas é	(JCAM4BK	mas era	(JCNF4UA	filhinhos ao
(JCAM2BA	mas há	(JCAM4GB	mais alegre	(JCNF4UB	todos a
(JCAM2BB	mas até	(JCAM4UK	trabalhos eram	(JCNF4EN	fez um
(JCAM2BK	mas é	(JCAM4IB	fiz a	(JCNF4GE	depois eu
(JCAM2UI	prontos e	(JCAM4MI	rapazes e	(JCNF4BE	mas ele
(JCAM2BB	visitas aqui	(JCAM4BK	raparigas é	(JCNF4GB	depois agora
		(JCAM4NO	mãos ou	(JCNF4UK	caseiros eram

(JCNF4BB)	quantas até	(JAAF2BB)	mas agora	(JAAM4UU)	dabamos uma
(JCNF4EO)	três ou	(JAAF2KB)	dez anos	(JAAM4BA)	nas aldeias
(JCNF4GI)	meus irmãos	(JAAF2GN)	mais em	(JAAM4UB)	comíamos a
(JCNF4GI)	meus irmãos	(JAAF2BA)	essas amanhã	(JAAM4UD)	os olibais
(JCNF4BE)	Mas eu	(JAAF4UU)	todos os	(JAAM4UB)	comíamos a
(JCNF4GN)	pois então	(JAAF4UN)	binhamos então	(JAAM4MN)	bailes em
(JCNM4UB)	tantos anos	(JAAF4BB)	graças a deus	(JAAM4GN)	depois inda
(JCNM4GB)	depois ao	(JAAF4UU)	arrancámos o	(JAAM4UN)	biemos embora
(JCNM4EB)	três anos	(JAAF4GB)	depois ainda	(JAAM4GU)	depois o
(JCNM4EB)	três anos	(JAAF4BN)	malhadas uns	(JAAM4DU)	nós o
(JCNM4AB)	faz ano	(JAAF4UO)	dos outros	(JAAM4UO)	dos outros
(JCNM4GB)	dois anos	(JAAF4UI)	outros e	(JAAM4BI)	mas e
(JCNM4UN)	viemos ante	(JAAF4UB)	andámos a	(JAAM4MO)	mulheres ou
(JCNM4BB)	mas a	(JAAF4UD)	cantámos olhe	(JAAM4UI)	cousos e
(JCNM4DB)	nós aqui	(JAAF4UU)	ralhámos umas	(JAAM4GU)	mais unida
(JCNM4UA)	tínhamos alguma	(JAAF4BA)	as aldeias	(JAAM4UB)	corríamos as
(JCNM4BB)	todas a	(JAAF4BA)	caras altas	(JAAM4GB)	bois a
(JCNM4UB)	trazia-os até	(JAAF4BI)	umas e	(JAAM4GI)	bois e
(JCNM4EB)	mês a	(JAAF4EO)	bez hoube	(JAAM4GE)	pois ele
(JCNM4UB)	tornava-os a	(JAAF4BA)	as aldeias	(JAAM4UI)	comércios e
(JAAF2BN)	mas entendo-me	(JAAF4GN)	pois então	(JAAM4MD)	melhores olhos
(JAAF2MI)	professores e	(JAAF2BA)	mas há	(JAAM4BE)	mas eu
(JAAF2BK)	mas era	(JAAF2BB)	mas ainda	(JAAM4GI)	bois e
(JAAF2IB)	fiz a	(JAAF2EO)	três ou	(JAAM4BI)	cabras e
(JAAF2GD)	depois olhe	(JAAF2BI)	bindimas e	(JAAM4BK)	mas eram
(JAAF2BI)	coisas e	(JAAF2BN)	as encomendas	(JAAM4UB)	íamos a
(JAAF2UB)	menos as	(JAAF2BA)	contas ao	(JAAM4NA)	mãos às
(JAAF2BI)	pessoas e	(JAAF2UU)	todos os	(JANF4BA)	mas ao
(JAAF2MK)	eles é	(JAAF2BA)	mas há	(JANF4UB)	íamos aqui
(JAAF2AN)	às onze	(JAAF2GN)	mais um	(JANF4UB)	andamos a
(JAAF2BB)	mas as	(JAAF2BO)	as outras	(JANF4BB)	mas atrás
(JAAF2BE)	mas eu	(JAAF2EB)	três anos	(JANF4MA)	bezés à
(JAAF2GA)	depois à	(JAAF2BK)	mas era	(JANF4EI)	bez íamos
(JAAF2BI)	coisinhas e	(JAAF2GK)	pois ela	(JANF4UB)	íamos a
(JAAF2GB)	mais a	(JAAF2IU)	fiz o	(JANF4UB)	íamos a
(JAAF2GK)	mais é	(JAAF2GB)	nasqueis anos	(JANF4BK)	mas era
(JAAF2BB)	mudabas aqui	(JAAF2BK)	mas é	(JANF4GI)	pois íamos
(JAAF2BE)	mas eu	(JAAF2UB)	anos atrás	(JANF4BA)	nas aldeias
(JAAF2BE)	mas eu	(JAAF2UB)	miúdos agora	(JANF4BI)	nas igrejas
(JAAF2BE)	mas eu	(JAAF2MB)	eles agora	(JANF4UU)	todos os
(JAAF2BE)	mas eu	(JAAM4UN)	dos incêndios	(JANF4BB)	mas aquela
(JAAF2UI)	netos e	(JAAM4MK)	dantes era	(JANF4BK)	mas é
(JAAF2GB)	seis anos	(JAAM4MI)	fomes e	(JANF4UB)	andámos aí
(JAAF2UB)	bai-os a	(JAAM4UU)	dabamos uma	(JANF4UA)	íamos à
(JAAF2BA)	mas há	(JAAM4UN)	tínhamos um	(JANF4GB)	mais agora
(JAAF2BE)	mas eu	(JAAM4UD)	nos olibais	(JANF4UA)	íamos à

(JANF4BK)	mas era	(JAAM1BB)	mas agora	(JMAF3UB)	jogávamos a
(JANF4UB)	os anos	(JAAM1GO)	mais ou	(JMAF3UB)	tantos anos
(JANF4MA)	bezés à	(JMAF4UI)	mouros e	(JMAF3BN)	mas antigamente
(JANF4AO)	prás outras	(JMAF4UI)	filhos e	(JMAF3BE)	mas eu
(JANF4BU)	mas uma	(JMAF4BB)	mas agora	(JMAF3UB)	binhamos a
(JANM4BN)	mas enfim	(SMAF4BB)	graças a deus	(JMAF3UB)	bamos a
(JANM4BN)	mas enfim	(JMAF4GA)	mais alguma	(SMAF3UB)	bíamos assim
(JANM4UB)	meios atrabeçados	(JMAF4UO)	nos outros	(JMAF3DB)	nós agora
(JANM4UO)	aos oito	(JMAF4UN)	éramos onze	(JMAF3UB)	estarmos habituados
(JANM4UB)	tínhamos aqui	(JMAF4UI)	garotos e	(JMAF3UB)	habituados a
(JANM4BU)	mas o	(JMAF4MB)	bezés a	(JMAF3BB)	mas agora
(JANM4UO)	os outros	(JMAF4BI)	minhas irmãs	(JMAF3BB)	umas alheirinhas
(JANM4UD)	os olhos	(JMAF4GB)	dois anos	(JMAF3BB)	das alheiras
(JANM4BB)	mas agora	(JMAF4UI)	anos e	(JMAF3UU)	matamos o
(JANM4AA)	às aldeias	(JMAF4GN)	mais um	(JMAF3AB)	faz alheiras
(JANM4BA)	das aldeias	(ZMAF3UE)	os euros	(JMAF3UU)	temos o
(JANM4UA)	éramos aos	(JMAF3BI)	comprinhas e	(JMAF3UU)	temos o
(JANM4DO)	prós outros	(JMAF3UO)	os outros	(JMAF3BB)	mas a
(JANM4DO)	prós outros	(JMAF3UI)	desenhos e	(JMAF3BK)	mas é
(JANM4UN)	tínhamos um	(JMAF3BK)	mas é	(JMAF3UO)	temos outro
(JANM4DO)	prós outros	(JMAF3UB)	muitos anos	(JMAF3BA)	as aldeias
(JANM4BB)	as amigas	(JMAF3GO)	mais ou	(JMAF3UB)	dos arredores
(JANM4BO)	mas hoje	(JMAF3BB)	graças a deus	(JMAF2UU)	todos os
(JAAM1BB)	Mas a	(JMAF3BB)	graças a deus	(JMAF2UB)	formos a
(JAAM1MU)	queres o	(JMAF3EB)	três anos	(JMAF2UN)	agarrávamos em
(JAAM1GO)	mais ou	(JMAF3UN)	tínhamos um	(JMAF2DB)	nós agarrávamos
(JAAM1BE)	mas eu	(JMAF3MN)	vezes ensinavam	(JMAF2UI)	contos e
(JAAM1GB)	pois acabei	(JMAF3UB)	tínhamos aqueles	(JMAF2UI)	duzentos e
(JAAM1BE)	mas ele	(JMAF3BB)	graças a deus	(JMAF2UA)	fizemos ao
(JAAM1GO)	mais ou	(JMAF3BB)	graças a deus	(JMAF2EO)	três ou
(JAAM1NI)	cães e	(JMAF3GO)	mais ou	(JMAF2MU)	eles o
(JAAM1BK)	mas é	(JMAF3BA)	das aldeias	(JMAF2UK)	contos eram
(JAAM1GN)	pois em	(JMAF3BO)	as outras	(JMAF2BE)	mas eu
(JAAM1BE)	mas eu	(JMAF3BA)	umas às	(JMAF2BB)	mas a
(JAAM1UI)	históricos e	(JMAF3AO)	às outras	(JMAF2GK)	morais é
(JAAM1GN)	medievais uns	(JMAF3UI)	euros e	(SMAF2UB)	digamos assim
(JAAM1NB)	uns artistas	(JMAF3UI)	euros e	(JMAF2GK)	depois ela
(JAAM1BB)	mas agora	(JMAF3UI)	euros e	(SMAF2UB)	digamos assim
(JAAM1GU)	mais o	(JMAF3GB)	pois ainda	(JMAF2UB)	os animais
(JAAM1BI)	mas isso	(JMAF3NB)	uns aninhos	(JMAF2GN)	animais em
(JAAM1GN)	mais empregos	(JMAF3EB)	três anos	(JMAF2UB)	benha-nos a
(JAAM1GB)	mais aqui	(JMAF3GO)	mais ou	(JMAF2BB)	minhas amigas
(JAAM1EB)	três a	(JMAF3GB)	mais aqui	(JMAF2UB)	os animais
(JAAM1KN)	dez onze	(JMAF3UB)	muitos anos	(JMAF2BN)	daquelas antigas
(JAAM1UB)	temos a	(JMAF3GN)	pois antigamente	(JMAF2UO)	os outros
(JAAM1UB)	temos aqui	(JMAF3UB)	jogávamos a	(JMAF2UB)	estabamos ali

(JMAF2KI)	bebés e	(JMAM4UI)	todos e	(JMAM2GB)	mais atrasado
(JMAF2GB)	depois ainda	(JMAM4UB)	os afluentes	(JMAM2GU)	mais os
(JMAF2BI)	das ilhas	(JMAM4BI)	minhas economias	(JMAM2UB)	muitos anos
(JMAF2UB)	os habitantes	(JMAM4BN)	compras em	(JMAM2BI)	bacas e
(JMAF2DB)	nós agora	(JMAM4BI)	das economias	(JMAM2UI)	anos e
(JMAF2UA)	mandabam-nos ao	(JMAM4BB)	mas agora	(JMAM2BB)	mas agora
(JMAF2BB)	começo-as a	(JMAM4BB)	mas agora	(JMNM4UB)	quantos anos
(JMAF2GA)	mais alguma	(JMAM4UO)	os outros	(JMNM4BN)	mas antigamente
(JMAF2UB)	dos abentais	(JMAM4BO)	mas hoje	(JMNM4BB)	mas ainda
(JMAF1UA)	dos autocarros	(JMAM4MK)	bezes é	(JMNM4NB)	uns anos
(JMAF1GO)	mais ou	(JMAM4EB)	três ainda	(JMNM4BO)	dias ou
(JMAF1GB)	seis anos	(JMAM4UB)	vamos a	(JMNM4UB)	prontos a
(JMAF1BB)	todas as	(JMAM4MB)	bezes até	(JMNM4GB)	pois agora
(JMAF1BN)	as engenharias	(JMAM4UO)	os outros	(JMNM4BK)	mas é
(JMAF1BK)	engenharias era	(SMAM4GO)	seis ou	(JMNM4BK)	mas era
(JMAF1BK)	mas é	(SMAM4UB)	filhos aos	(JMNM4BA)	nas aldeias
(JMAF1UB)	nos arredores	(JMAM4BA)	nessas alturas	(JMNM4BA)	nas aldeias
(JMAF1GK)	pois é	(JMAM4BI)	as irmãs	(JMNM4BI)	músicas e
(JMAF1BB)	todas as	(JMAM4GU)	aos utentes	(JMNM4UB)	muitos anos
(JMAF1BA)	as áreas	(SMAM4BB)	graças a deus	(JMNM4NB)	arrematações agora
(JMAF1BB)	mas aquilo	(JMAM4GK)	pois é	(JMNM4GB)	depois arrematabam
(JMAF1GB)	mais apoios	(JMAM4EU)	fez uma	(JMNM4UO)	burros ou
(JMAF1GI)	aos idosos	(JMAM4GO)	mais ou	(JMNM4BO)	duas ou
(JMAF1BA)	nas aldeias	(JMAM3IN)	fiz um	(JMNM4UU)	todos os
(JMAF1UN)	temos um	(JMAM3NN)	pavilhões em	(JMNM4GK)	pois é
(JMAF1UB)	menos ali	(JMAM3EN)	talvez um	(JMNF4EO)	mês ou
(JMAF1AB)	às amigas	(JMAM3AB)	aliás a	(JMNF4UB)	bamos a
(JMAF1BA)	nas aldeias	(JMAM3UB)	tibemos ali	(JMNF4GE)	pois eu
(JMAF1IB)	diz assim	(JMAM3MN)	prossores em	(JMNF4BI)	casas e
(JMAF1UN)	impactos ambientais	(JMAM3UD)	novos horizontes	(JMNF4NB)	uns aqui
(JMAF1BB)	mas assim	(JMAM3GB)	mais atraentes	(JMNF4BO)	nas outras
(JMAF1GN)	mais um	(JMAM3DB)	pròs alunos	(JMNF4GN)	pois então
(JMAF1UN)	menos um	(JMAM3UN)	tínhamos uns	(JMNF4NI)	uns irmãos
(JMAF1GN)	depois andaba	(JMAM3GB)	mais abrangente	(JMNF4BK)	elas eram
(JMAF1GB)	pois ajudaba	(JMAM3UB)	dos alunos	(JMNF4BB)	mas agora
(JMAF1GU)	depois o	(JMAM3UB)	os alunos	(JMNF4GB)	depois a
(JMAF1BE)	mas eu	(JMAM3BB)	mas havia	(JMNF4UN)	os antigos
(JMAF1UO)	trabalhos ou	(JMAM2GO)	mais ou	(JMNF4GB)	depois abrigaram-se
(JMAM4UB)	quantos anos	(JMAM2BI)	problemas e	(JMNF4UN)	os antigos
(JMAM4BD)	mas ó	(JMAM2BK)	mas era	(JMNF4UN)	tínhamos em
(JMAM4GO)	mais ou	(JMAM2UB)	os animais	(JMNF4BA)	as águas
(JMAM4GB)	mais apertado	(JMAM2BB)	mas agora	(JMNF4UB)	tínhamos as
(JMAM4UI)	netitos e	(JMAM2GK)	morais é	(JMNF4UA)	íamos à
(JMAM4UB)	os afluentes	(JMAM2BA)	pelas aldeias	(JMNF4UB)	fazíamos aquele
(JMAM4GI)	principais e	(JMAM2GO)	dois ou	(JMNF4BB)	mas aquelas
(JMAM4BO)	as outras	(JMAM2GO)	mais ou	(JMNF4BN)	codinhas antigas

(JMN4GB)	pois havia	(JIA4NO)	bons ouvidos	(JIN4GN)	pois um
(JMN4UA)	binhamos à	(JIA4EB)	três anos	(JIN4UK)	lados é
(JMN4UB)	fazíamos a	(JIA2GA)	depois à	(JIN4UN)	filhos em
(JMN4DB)	vós habieis	(JIA2BA)	mas acho	(JIN4GA)	depois há
(JMN4UB)	primeiros aninhos	(JIA2UN)	os antigos	(JIN4EN)	vez em
(JMN4UU)	parecíamos umas	(JIA2BA)	mas acho	(JIN4BE)	mas esse
(JMN4BB)	mas agora	(JIA2GN)	mais antiga	(JIN4GI)	meus irmãos
(JMN4BB)	graças a deus	(JIA2UI)	os idosos	(JIN4UO)	os outros
(JMN4BB)	graças a deus	(JIA2KB)	dez anos	(JIN4GN)	mais um
(JMN4UU)	todos os	(JIA2UI)	os idosos	(JIN4BE)	mas ele
(JMN4UU)	parecíamos os	(JIA3UB)	anos atrás	(JIN4BE)	mas eu
(JMN4DN)	nós antigamente	(JIA3GO)	mais ou	(JIN4BE)	mas ele
(JMN4UU)	todos os	(JIA3UI)	dos idosos	(JIN4UU)	tomemos o
(JMN4UO)	dos outros	(JIA3UU)	dos utentes	(JIN4BK)	mas é
(JMN4UB)	conhecíamos a	(JIA3UI)	temos esboluído	(JIN4BN)	umas empregadas
(JMN4DN)	nós antigamente	(JIA3DU)	nós os	(JIN4BI)	raparigas e
(JMN4UO)	os outros	(JIA3DI)	pròs idosos	(JIN4UE)	criei-os eu
(JMN4GN)	país entregabam	(JIA3NI)	jobens e	(JIN4BB)	mas abençoado
(JMN4DK)	nós éramos	(JIA3GU)	depois o	(JIN4BB)	mas eis (mas eles)
(JMN4UN)	os entregabam	(JIA3UB)	carros alegóricos	(JIN4GI)	eis e
(JMN4UD)	éramos obrigados	(JIA3BU)	mas o	(JIN4MI)	respeitadores e
(JMN4UB)	obrigados a	(JIA3AK)	faz é	(JIN4MI)	trabalhadores e
(JMN4DI)	nós estamos	(JIA3BU)	mas o	(JIN4GU)	mais uma
(JMN4UN)	trabalhámos em	(JIA3AK)	faz é	(JIN4GB)	mais adiente
(JMN4GB)	seis anos	(JIA3BA)	estas aldeias	(JIN4BK)	mas é
(JMN4UB)	os acababa	(JIA3BN)	aldeias então	(JIN4UI)	burrinhos e
(JIA4GE)	mais eu	(JIA3BD)	mas olhe	(JIN4GB)	pois até
(JIA4BB)	algumas agora	(JIA3UN)	os antigos	(JIN4BU)	as obelhas
(JIA4IA)	fiz algumas	(JIA3BB)	coisas assim	(JIN4GB)	pois até
(JIA4BB)	meninas a	(JIA4BB)	mas a	(JIN4UA)	todos ao
(JIA4BE)	mas eu	(JIA4BB)	mas agora	(JIN4NI)	feijões e
(JIA4BB)	graças a deus	(JIA4BB)	mas agora	(JIN4GO)	mais ou
(JIA4BK)	mas ela	(JIA4BB)	festas aqui	(JIN4BB)	mas a
(JIA4UB)	fazíamos a	(JIA4GD)	pois olhe	(JIN4GB)	depois alebantaram
(JIA4ND)	uns óculos	(JIA4GB)	dezasseis anos	(JIN4UE)	anos eu
(JIA4GK)	depois é	(JIA4GE)	depois eu	(JIN4GU)	depois os
(JIA4BE)	mas eu	(JIA4NB)	uns anos	(JIN4GB)	mais adiente
(JIA4UK)	cantámos estas	(JIA4BB)	mas ainda	(JIN4NK)	contins é
(JIA4UB)	cantámos a	(JIN4MK)	dantes era	(JIN4UK)	pertencemos é
(JIA4UI)	íamos e	(JIN4MK)	dantes era	(JIN4NB)	bons amigos
(JIA4UU)	fazíamos o	(JIN4GA)	mais aumentada	(JIN4NB)	bons amigos
(JIA4UB)	lavámos a	(JIN4BB)	mas agora	(JIN4BB)	mas aquele
(JIA4UB)	ficámos assim	(JIN4UN)	muitos andores	(JIN4GB)	depois acomodei-me
(JIA4UB)	ficámos assim	(JIN4UN)	muitos anjos	(JIN4BB)	mas aturei-o
(JIA4IB)	fiz até	(JIN4NK)	procissões é	(JIN4BI)	batatas e
(JIA4BK)	mas era	(JIN4GK)	pois é	(JIN4UD)	éramos obrigados



(JINM4UB	obrigados a	(JIAF4GB	dezasseis anos	(JIAM1EU	fez os
(JINM4BE	mas eu	(JIAF4GB	depois aprendeu	(JIAM1GA	mais alguma
(JINM4NI	irmãos e	(JIAF4EB	fez a	(JIAM1UA	jogamos às
(JINM4UI	cunhados e	(SIAF4IB	diz assim	(JIAM1UB	temos a
(JINM4UO	dos outros	(JIAF4GU	depois o	(JIAM1UU	temos o
(JINM4IU	fiz uma	(JIAF4EU	fez o	(JIAM1UB	fazemos a
(JINM4UO	dos outros	(JIAF4BE	mas ele	(JIAM1UB	andamos a
(JINM4BB	mas eis (mas eles)	(JIAF4UN	estabamos em	(JIAM1UB	andamos a
(JINM4II	quis ir	(JIAF4UN	tamos em	(JIAM1UU	roubamos os
(JINM4UK	anos é	(JIAF4GB	dois anos	(JIAM1UB	andamos a
(JINM4BE	mas eu	(JIAF4BK	mas elas	(JIAM1UU	queimamos o
(JINM4GD	mais honesta	(JIAF4BE	mas eu	(JIAM1UB	tiramos a
(JINM4DK	nós éramos	(JIAF4BU	mas o	(JIAM1BI	mas isso
(JINM4UN	filhos uns	(JIAF4BE	mas ele	(JIAM1BN	mas antes
(JINM4UN	tinhamos um	(JIAF4GN	pois andaba	(JIAM1UO	pequenitos ou
(JINM4UB	todos amigos	(JIAF4EN	fez então	(JIAM1GB	depois aquilo
(JINM4UK	carlos é	(JIAF4BB	as amigas	(JIAM1GU	depois uma
(JINM4NB	tens aqui	(JIAF4GN	depois então	(JIAM1BK	mas é
(JINM4NU	tens os	(JIAF4BB	mas a	(JMAM1DB	nós aqui
(JINM4BB	mas agora	(JIAF4BI	aulas e	(ZMAM1BB	mas aquilo
(JIAF1BB	mas acho	(JIAF4UI	os irmãos	(JMAM1GO	dois ou
(JIAF1UU	temos uma	(JIAF4BD	mas olhe	(JMAM1EI	três elementos
(JIAF1UB	temos a	(JIAF4BK	mas era	(JMAM1EB	vez a
(JIAF1BB	aquelas actividades	(JIAF4MN	eles então	(JMAM1GK	mais essas
(JIAF1AU	faz os	(JIAF4GA	mais alguma	(JMAM1BA	das aldeias
(JIAF1UA	floridos há	(JIAF4MK	eles eram	(JMAM1UN	metros um
(JIAF1UB	temos a	(JIAF4UA	libros aos	(JMAM1UU	pontos os
(JIAF1DO	nós organizamos	(JIAF4EU	fez o	(JMAM1UI	velhos e
(JIAF1BB	das alheiras	(JIAF4BU	mas o	(JMAM1BU	mas os
(JIAF1GU	mais o	(JIAF4BK	mas é	(JMAM1GA	depois há
(JIAF1GD	jornais olhe	(JIAF4BN	duas em	(JMAM1UA	transmontanos há
(JIAF1UU	arrecebemos o	(JIAF4MI	deles e	(JMAM1BK	separadas é
(JIAF1UE	lêmos esses	(JIAF4MB	eles agora	(JMAM1GA	mais alguns
(JIAF1UI	aproveitamos e	(JIAF4BK	mas é	(JMAM1BA	as aldeias
(JIAF1UO	os outros	(JIAM4UB	poucos anos	(JMAM1BI	coisas e
(JIAF1GO	mais ou	(JIAM4BD	nas obras	(JMAM1UI	domingos e
(JIAF1UB	foram-nos atribuídos	(JIAM4UI	muitos iam	(JMAM1UB	solteiros havia
(JIAF1MN	prossores andam	(JIAM4BE	mas eu	(JMAM1UB	os amigos
(JIAF1MI	eles e	(JIAM4BK	mas é	(JMAM1UB	amigos a
(JIAF1DK	nós é	(JIAM4GO	dois ou	(JMAM1GK	morais é
(JIAF1BU	perguntas os	(JIAM4EB	três anos	(JMAM1UB	digamos assim
(JIAF1GK	depois é	(JIAM4UI	centos e	(JMAM1UN	temos internet
(JIAF1UB	é-nos atribuída	(JIAM4GB	mais alebantar	(JMAM1KB	dez anos
(JIAF1UB	nos aturar	(JIAM4BO	as outras	(JMAM1EA	bailes aos
(JIAF1UB	estamos a	(JIAM1DB	nós até	(JMAM1BB	mas aquilo
(JIAF1BB	pessoas acessíveis	(JIAM1UI	duzentos e	(JVNM4UB	muitos anos

(SVNM4CK	dantes era	(JIAM3UB	começamos a	(JIAF2BB	as aldeiras
(JVNM4BA	as aldeias	(JIAM3BB	forças armadas	(JIAF2BB	das aldeiras
(JVNM4BB	aldeias agora	(JIAM3UA	pôs-nos ao	(JIAF2UO	amigos ou
(JVNM4BE	mas eu	(JIAM3UN	virmos embora	(JIAF2EO	fez ou
(JVNM4GK	pois eram	(JIAM3BI	mas isto	(JIAF2BB	poucas actividades
(JVNM4GB	mais alegre	(JIAM3UU	temos uma	(JIAF2UK	temos essas
(JVNM4GB	mais alegre	(JIAM3UU	temos o	(JIAF2UK	turnos é
(JVNM4BK	cascatas é	(JIAM3AU	trás-os-montes	(JIAM2BD	das horas
(JVNM4BK	mas era	(JIAM3AU	trás-os-montes	(JIAM2MN	bastantes incêndios
(JVNM4GB	mais alegre	(JIAM3GI	mais e	(JIAM2GU	mais húmido
(JVNM4MB	dantes a	(JIAM3GB	dois ajudantes	(JIAM2UN	dos incêndios
(JVNM4GB	mais alegre	(JIAM3MI	eles iam	(JIAM2UK	menos hectares
(JVNM4GU	mais unida	(JIAM3BE	mas eles	(JIAM2BB	mas ainda
(SVAM1UK	prontos era	(JIAM3GN	mais um	(JIAM2GD	mais ocupado
(JCAF4GB	dois anos	(JIAM3GU	pois os	(JIAM2GN	mais independentes
(JCAF4GB	dois anos	(JIAM3EB	três anos	(JIAF3UO	os outros
(SCAF4BU	peessoas uma	(JIAM3BA	mas há	(JIAF3UE	menos eu
(JCAF4BN	dias inteiros	(JIAM3GN	mais um	(JIAF3UB	primeiros anos
(JCAF4KB	dez anos	(JIAM3EB	três anos	(JIAF3BB	mas agora
(JCAF4GI	meus irmãos	(JIAM1UA	socorros à	(JIAF3MB	este ano
(JCAF4UB	estão-nos a	(JIAM1GI	depois isso	(JIAF3GB	pois a
(JCAF4BO	bacas ou	(ZIAM1GB	aos anos	(JIAF3UB	carros alegóricos
(JCAF4GO	bois ou	(JIAM1UB	dos habitáculos	(JIAF3UB	poucos assim
(JCAF4UB	bamos a	(JIAM1GA	depois à	(JIAF3GA	depois há
(JCAF4BK	mas ela	(ZIAM1GA	mais alguns	(JIAF3BN	nas andas
(JCAF4BB	propostas agora	(JIAM1MI	mergulhadores e	(JIAF3GB	depois aparecem
(JCAF4GD	meus homens	(ZIAM1GB	mais avançados	(JIAM2BA	umas aldeias
(JCAF4EN	fez um	(JIAM1UU	incêndios urbanos	(ZIAM2BA	nas aldeias
(JCAF4GD	aos homens	(ZIAM1GB	dois anos	(ZIAM2BA	nas aldeias
(SCAF4MD	estes obos	(ZIAM1GN	dois em	(ZIAM2BA	nas aldeias
(JMAM4GK	pois era	(JIAM1UB	todos adequados	(ZIAM2BA	as aldeias
(JMAM4GB	nós aprendemos	(JIAM1BD	muitas ocorrências	(JIAM2UI	os idosos
(SMAM4BB	graças a deus	(JIAM1UI	náufragos e	(ZIAM2KB	dez anos
(JMAM4GK	pois era	(JIAM1BB	ocorrências aqui	(ZIAM2BK	festas é
(JMAM4NI	uns e	(JIAM1UB	chegamos a	(ZIAM2UI	amigos e
(JMAM4UB	fomos a	(JIAM1UU	temos uma	(ZIAM2UB	os amigos
(JMAM4DU	nós os	(JIAF2BI	chamadas e	(JIAM2UN	resolvemos andar
(JMAM4IB	diz assim	(JIAF2MN	nestes anos	(ZIAM2UI	podemos ir
(JMAM4BO	jeiras hoje	(JIAF2MB	nestes anos	(JIAM2BO	conhecidas ou
(JMAM4BN	mas um	(JIAF2MU	nestes últimos	(ZIAM2NK	contins é
(JMAM2MN	difrentes em	(JIAF2UB	últimos anos	(JIAM2UB	convidava-nos a
(JMAM2MI	professores e	(JIAF2MB	bastantes actividades	(JIAM2NK	contins era
(JMAM2MI	antes e	(JIAF2AN	às empregadas	(ZIAM2UO	demos oito
(JMAM2UN	éramos em	(JIAF2GK	depois é	(JIAM2UU	fizeram-nos o
(JMAM2BK	mas era	(JIAF2GO	mais ou	(JMAM1UU	todos os
(JMAM2MK	dantes era	(JIAF2UA	músicos há	(JMAM1AU	trás-os-montes

(JMAM1UB	estamos a	(JAAF3BB	graças a	(JAAM2BO	mas oiço
(JMAM1NB	bens agora	(JAAF3UI	lados e	(JAAM2BB	mas agora
(JMAM1BB	mas as	(JAAF3UU	todos os	(JAAM2UB	meirinhos a
(JMAM1GA	depois há	(JAAF3GB	seis anos	(JAAM2BB	mas ainda
(JMAM1GA	depois há	(JAAF3MB	aqueles alunos	(JAAM2GU	depois o
(JMAM1MA	acidentes ao	(JAAF3EO	três ou	(JAAM2GA	mais alguma
(JMAM1GB	dois acidentes	(JAAF3UB	todos agora	(JAAM2MB	actibidades
(JMAM1NN	situações em	(JAAF3UU	todos os		associatibas
(JMAM1BB	complicadas	(JAAF3EI	três e	(JAAM2GU	mais uma
	acidentes	(JAAF3UK	prontos eram	(SAAM2CK	prontos é
(JMAM1MN	acidentes incêndios	(JAAF3MI	grandes e	(JAAM2UB	muitos anos
(JMAM3BB	feitas ali	(JAAF3BI	mas e	(JAAM2GB	pois aquilo
(JMAM3BN	as inspecções	(JAAF3BN	prossoras	(JAAM2BB	culpas a
(JMAM3UA	escudos à		antigamente	(JAAM2BB	mas aqui
(JMAM3UA	escudos à	(JAAF3BK	elas eram	(JAAM2BN	nas ambulâncias
(JMAM3NB	uns anos	(JAAF3GE	pois eu	(JAAM2BI	as emergências
(JMAM3UI	duzentos e	(JAAF3MI	liberdades e	(JAAM2AN	faz um
(JMAM3UB	os aspectos	(JAAF3BB	pessoas agarrabam	(JAAM2UB	tibemos aqui
(JMAM3UU	todos os	(JAAF3UI	perdidos e	(JAAM2UD	os hospitais
(SMAM3CI	habitantes e	(JAAF3UB	atrapalhabamos	(JAAM2GI	hospitais e
(JMAM3KB	dez anos		assim	(JAAM2GA	credenciais aos
(JMAM3UN	estamos em	(JAAF3UU	todos os	(JAAM2UB	vamos aguardar
(JMAM3UB	temos a	(JAAF3UI	havia-os igual	(JAAM2BO	as outras
(JMAM3GB	depois acabou	(JAAF3BB	comunistas aqui	(JAAM2AU	trás-os-montes
(JMAM3NK	profissões eram	(JAAF3UI	prontos e	(JAAM2BI	lendas e
(JCAM2UB	obrigam-nos a	(JAAF3NB	alguns apontados	(JAAM2BO	as outras
(JCAM2GA	pois às	(JAAF3BK	mas eram	(JAAM2BB	todas assim
(JCAM2BI	bacas e	(JAAF3UK	apontados eram	(JAAM2BA	mas acho
(JCAM2UO	carros ou	(JAAF3GU	mais humildes	(JAAM2BA	nas aldeias
(JCAM2EK	vez é	(SAAF3UI	prontos e	(JAAM2BA	essas alcunhas
(JCAM2DU	nós os	(SAAF3UK	prontos é	(JAAM2MA	nomes às
(JCAM2UB	pequenos a	(JAAM2UB	andamos aí	(JAAM2UB	muitos anos
(JCAM2UB	dos alimentos	(JAAM2UK	coisos era	(JAAM2AA	faz há
(JCAM2DB	pròs animais	(JAAM2UB	começámos a	(JAAM2GA	depois há
(JCAM2GB	depois a	(JAAM2UB	andamos aí	(JAAM2NB	uns anos
(JCAM2GI	animais e	(JAAM2EK	bez era	(JAAM2UI	dos emigrantes
(JCAM2UO	os ordenados	(SAAM2UN	estamos um	(JAAM2NI	procissões e
(JCAM2UA	malandros há	(JAAM2UN	estamos em	(JAAM2BA	mas há
(JAAF3UB	somos as	(JAAM2AA	às aldeias	(JAAM2MK	dantes era
(JAAF3UB	dos animais	(JAAM2BO	das oito	(JAAM2UU	temos uma
(JAAF3UA	andamos à	(SAAM2GA	depois acho	(JAAM2GK	pois é
(JAAF3UN	fazíamos uns	(JAAM2UU	temos o	(JAAM2BA	mas há
(JAAF3UU	éramos uns	(JAAM2BB	artistas assim	(JAAM2GK	depois é
(JAAF3GB	Deus a	(JAAM2BB	mas agora	(JAAM2MB	particulares a
(JAAF3NB	mães ainda	(JAAM2GB	mais a	(JAAM3II	país e
(JAAF3UA	íamos à	(SAAM2CB	muitos artistas	(JAAM3BO	várias outras

(JAAM3UU	temos uma	(JAAF1GA	locais à	(JAAM3EB	três anos
(JAAM3UB	estamos agora	(JAAF1GO	mais ou	(JAAM3EO	três ou
(JAAM3BB	mas as	(JAAF1UB	muitos anos	(JAAM3GB	dois anos
(JAAM3UU	temos um	(JAAF1UB	prontos a	(JAAM3GB	dois anos
(JAAM3UO	temos outro	(JAAF1UB	prontos até	(JAAM3GO	mais ou
(JAAM3UO	temos outro	(JAAF1UA	prontos há	(JAAM3GN	mais um
(JAAM3BN	muitas antigas	(JAAF1UB	temos a	(JAAM3UB	cibilizados a
(JAAM3UB	temos aqui	(JAAF1UB	temos a	(JAAM3UB	contrários a
(JAAM3UB	temos aqui	(JAAF1UB	temos aqui	(JMN4BB	crias habia
(JAAM3UB	tínhamos aqui	(JAAF1UB	termos a	(JMN4BB	mas agora
(JAAM3UN	dos internamentos	(JAAF1UN	continuámos em	(JMN4BB	mas aquilo
(JAAM3BI	urgências e	(JAAF1UI	cabalos e	(JMN4BD	duas horas
(JAAM3BI	mas isso	(JAAF1UI	prontos e	(JMN4BD	duas horas
(JAAM3UB	temos a	(JAAF1UI	temos e	(JMN4BD	duas horas
(JAAM3UB	nos abandona	(JAAF1UI	trezentos e	(JMN4BK	mas é
(JAAM3UB	consideramos as	(JAAF1UK	prontos é	(JMN4AU	faz uma
(JAAM3GB	mais agora	(JAAF1UK	prontos é	(JMN4BU	mas uma
(JAAM3BI	vindimas e	(JAAF1UK	prontos é	(JMN4MA	entregues à
(JAAM3UN	temos um	(JAAF1UB	os anos	(JMN4MI	restaurantes e
(JAAM3UU	temos uma	(JAAF4BB	mas as	(JMN4GK	pois é
(JAAM3GB	depois aí	(JAAF4BA	outras aldeias	(JMN4GK	pois era
(JAAM3UU	temos uma	(JAAF4BB	peessoas agora	(JMN4GO	mais ou
(JAAM3BB	acolhidas as	(JAAF4BN	mas em	(JMN4UU	todos os
(JAAM3NB	bons aqui	(JAAF4BE	mas eu	(JMN4NI	uns irmãos
(JAAM3BO	consultas ou	(JAAF4BE	mas eu	(JMN4UA	alebantabamo-nos às
(JAAM3UU	temos uma	(JAAF4BK	histórias é	(JMN4BO	das oito
(JAAM3MA	bezés há	(JAAF4BK	mas é	(JMN4UB	íamos a
(JAAM3BI	conferências e	(JAAF4BO	as outras	(JMN4UB	íamos a
(JAAM3UI	casamentos e	(JAAF4BO	nas outras	(JMN4UA	oubirmos ao
(JAAM3UB	temos aqui	(JAAF4BO	nas outros	(JMN4UB	pertencemos aqui
(JAAM3UU	temos os	(JAAF4AO	pràs outras	(ZMN4BK	difrenças é
(JAAM3MB	bezés aí	(JAAF4BU	as únicas	(JMN4UI	os emigrantes
(JAAF1BA	as aldeias	(JAAF4BU	falsas umas	(JMN4UI	tendeiros e
(JAAF1BB	bestidas a	(JAAF4GK	pois é	(SAAF1UE	prontos esse
(JAAF1BA	das aldeias	(JAAF4GK	pois é	(SAAF1UI	prontos e
(JAAF1BB	específicas até	(JAAF4NA	uns aos	(SAAF1UK	prontos essas
(JAAF1BB	mas aqui	(JAAF4UB	fazíamos a	(SAAF1UU	todos os
(JAAF1BI	mas isso	(JAAF4UB	poucos anos	(SAAF4GB	pois aqui
(JAAF1BO	das outras	(JAAF4UO	nos outros	(SAAM3BN	mas antigamente
(JAAF1BO	das outras	(JAAM3BB	mas agora	(SAAM3GU	depois uma
(JAAF1DB	nós aqui	(JAAM3BB	mas agora		
(JAAF1MA	melhores há	(JAAM3BE	mas eu		
(JAAF1GB	depois a	(JAAM3BI	mas isso		
(JAAF1GB	dois anos	(JAAM3EB	três anos		

### Realização de /S/ por concelho

		/ʒ/	/ʃ/	/z/	Total	%
Vila Flor	N	384	8	3	395	22
	%	97	2	1		
Alfândega	N	353	14	2	369	20
	%	95	4	1		
Mirandela	N	295	5	30	330	18
	%	89	1	9		
Macedo	N	336	11	17	364	20
	%	93	3	4		
Carrazeda	N	308	7	0	315	17
	%	97	3	0	*	KnockOut
Total	N	1676	45	52	1773	
	%	94	3	3		

### Realização de /S/ por escolaridade

		/ʒ/	/ʃ/	/z/	Total	%
A	N	1379	37	39	1455	82
	%	94	3	3		
N	N	297	8	13	318	17
	%	93%	3%	4%		
Total	N	1676	45	52	1773	
	%	94%	3%	3%		

### Realização de /S/ por sexo

	Group	/ʒ/	/ʃ/	/z/	Total	%
F	N	866	27	21	914	51
	%	95	3	2		
		52%	60%	40%		
M	N	810	18	31	859	48
	%	94	2	4		
		48%	40%	60%		
Total	N	1676	45	52	1773	
	%	94	2	2		

### Realização de /S/ por idade

	Group	/ʒ/	/ʃ/	/z/	Total	%
20-35	N	385	5	7	397	22
	%	96	1	2		
36-50	N	332	8	21	361	20
	%	91	2	6		
51-65	N	304	10	6	320	18

	%	95	3	2		
> 65	N	655	22	18	695	39
	%	94	3	2		
Total	N	1676	45	52	1773	
	%	94	2	2		

### Realização de /S/ por segmento antecedente

	Group	/ʒ/	/ʃ/	/z/	Total	%
[u]	N	538	14	13	565	31
	%	95	2	2		
[e]	N	504	18	13	535	30
	%	94	3	2		
[a]	N	31	0	1	32	1
	%	96	0	3	*	KnockOut
g	N	318	4	15	337	19
	%	94	1	4		
[i]	N	27	1	1	29	1
	%	93	3	3		
n	N	50	0	1	51	2
	%	98	0	1	*	KnockOut
[i]	N	95	2	2	99	5
	%	95	2	2		
[e]	N	74	0	2	76	4
	%	97	0	2	*	KnockOut
[ɔ]	N	29	0	1	30	1
	%	96	0	3	*	KnockOut
[ɛ]	N	10	0	3	13	0
	%	76	0	23	*	KnockOut
c	N	0	6	0	6	0
	%	0	100	0	*	KnockOut
Total	N	1676	45	52	1773	
	%	94	2	2		

### Realização de /S/ por segmento seguinte

	Group	/ʒ/	/ʃ/	/z/	Total	%
[u]	N	156	5	4	165	9
	%	94	3	2		
n	N	184	2	2	188	10
	%	97	1	1		
[a]	N	144	1	10	155	8
	%	92	1	6		

[ɛ]	N	146	6	9	161	9
	%	90	3	5		
[i]	N	210	3	2	215	12
	%	97	1	1		
[o]	N	129	1	4	134	7
	%	96	1	2		
[e]	N	65	1	3	69	3
	%	94	1	4		
[ɐ]	N	586	25	18	629	35
	%	93	3	2		
[ɔ]	N	56	1	0	57	3
	%	98	1	0	*	KnockOut
Total	N	1676	45	52	1773	
	%	94	2	2		
Total	N	1676	45	52	1773	
	%	94	2	2		

## Anexo F – Sândi externo envolvendo a realização da nasal

### Codificação e Exemplos

<b>Codificação</b>	<b>Exemplo</b>
(AAF3ANAU)	já se sabia assim nos partidos todos
(AAF3VNAB)	pagam nas casinhas deles
(AAF3VNAU)	eram nos filhos
(AAF4VBAB)	toda a vida se lidou com essa terra e diziam que era na terra das feiticeiras
(AAF4VNAB)	que oublia dizer que lhe chamavam nas feiticeiras
(AAF4VNAB)	é que lhe chamavam na terra dos moiros
(AAF4VNAB)	foram nas feiticeiras ,
(AAF4VNAB)	assim que biam na gente
(AAF4VNAU)	se tu bisses em que alturas põem no gato rapaz
(AAM3VNAU)	fazerem nos manejos
(AAM3VNAU)	chamam no trobisco
(AAM3VNAU)	estão nos libros
(AAM4PNAU)	dar o respeito a quem no merece
(AAM4VNAU)	binham nos filhos
(ANF4VNAU)	a correrem no cão
(ANF4VNAU)	depois bieram nos filhos
(ANF4VNAU)	pràs obelhas acarinharem nos cordeiros
(CAM4ENPU)	temos grande gosto em no serbir
(IAM4PNPB)	alegria quem na tiber
(IAM4PNPB)	alegria quem na tiber
(INF4ENAU)	mas fiquemos sem no dinheiro
(INM4PNPU)	já num há quem nos domine
(INM4VNAB)	arrumaram na vida deles
(INM4VNAU)	até criarem nos filhos
(MAM4VBAU)	barbeava nos patrões
(MAM4VNAB)	lá fizeram na bidinha deles
(MNF4ANPB)	ano num na passei
(MNM4VNAB)	acabaram nas crias
(VAF4VNAU)	um que lhe chamavam no samorinha belho
(VAM4AAAB)	já na gente num tchega
(VAM4VNAU)	apanhavam nos rapazes
(VAM4VNAU)	e ficaram nos olhais
(VAM4VNAU)	passavam nos arcos de um lado para o outro
(VAM4VNAU)	botaram nos arcos abaixo
(VNF4VNAB)	tchamavam na rouca
(VNF4VNAU)	ordenhavam no leite
(VNM4VCAB)	para lhe fazer na festa
(VAF4VNAU)	um que lhe chamavam no samorinha belho



### Sândi nasal – Escolaridade/Concelho

		A	C	I	M	V	Total	%
Alfabetizados	N	14	1	2	2	7	26	68
	%	47	4	9	9	28		
Analfabetos	N	3	0	4	2	3	12	31
	%	25	0	33	16	25		
Total	N	17	1	6	4	10	38	
	%	44	2	15	10	16		

### Sândi nasal –Sexo /Concelho

		A	C	I	M	V	Total	%
Feminino	N	12	0	1	1	4	18	47
	%	66	0	6	6	20		
Masculino	N	5	1	5	3	6	20	52
	%	25	5	25	15	30		
Total	N	17	1	6	4	10	38	
	%	44	2	15	10	26		

### Sândi nasal – Idade /Concelho

		A	C	I	M	V	Total	%
51-65	N	6	0	0	0	0	6	15
	%	100	0	0	0	0		
>65	N	11	1	6	4	10	32	84
	%	34	3	18	12	31		
Total	N	17	1	6	4	10	38	
	%	44	2	15	10	26		

### Sândi nasal - Categoria gramatical do item lexical precedente por Concelho

		A	C	I	M	V	Total	%
Verbo	N	15	0	2	3	9	29	76
	%	51	0	6	10	31		
Advérbio	N	1	0	0	1	1	3	7
	%	33	0	0	33	33		
Pronome	N	1	0	3	0	0	4	10
	%	25	0	75	0	0		
Preposição	N	0	1	1	0	0	2	5
	%	0	50	50	0	0		
Total	N	17	1	6	4	10	38	
	%	44	2	15	10	26		

### Sândi nasal - Segmento em /\_#/ por Concelho

		A	C	I	M	V	Total	%
nasal	N	16	1	6	3	8	34	89
	%	47	2	17	8	23		
[ɐ]	N	1	0	0	1	0	2	5
	%	50	0	0	50	0		
[a]	N	0	0	0	0	1	1	2
	%	0	0	0	0	100		
consoante	N	0	0	0	0	1	1	2
	%	0	0	0	0	100		
Total	N	17	1	6	4	10	38	
	%	44	2	15	10	26		

### Sândi nasal - Categoria gramatical do clítico seguinte - distribuição por Concelho

		A	C	I	M	V	Total	%
Artigo	N	17	0	3	3	10	33	86
	%	51	0	9	9	30		
Pronome	N	0	1	3	1	0	5	13
	%	0	20	60	20	0		
Total	N	17	1	6	4	10	38	
	%	44	2	15	10	26		

### Sândi nasal - Segmento vocálico em núcleo do clítico seguinte – distribuição por Concelho

		A	C	I	M	V	Total	%
[u]	N	11	1	3	1	7	23	60
	%	47	4	13	4	30		
[ɐ]	N	6	0	3	3	3	15	39
	%	40	0	20	20	20		
Total	N	17	1	6	4	10	38	
	%	44	2	15	10	26		

### Sândi nasal - Cruzamento Escolaridade / Sexo por Concelho

Sexo	Concelho	Escolaridade		Total		Total	
		Alfabetizado	Analfabeto	Count	%	Count	%
Feminino	Alfândega	9	3	12	67		
	Carrazeda	0	0	0	0		
	Mirandela	0	1	1	6		
	Macedo	0	1	1	6		
	Vila Flor	2	2	4	22		
	Total	11	7	18			
Masculino	Alfândega	5	0	5	25		

	Carrazeda	1	7	0	0	1	5
	Mirandela	2	13	3	60	5	25
	Macedo	2	13	1	20	3	15
	Vila Flor	5	33	1	20	6	30
	Total	15	39	5	13	20	
Total	Alfândega	14	54	3	25	17	45
	Carrazeda	1	4	0	0	1	3
	Mirandela	2	8	4	33	6	16
	Macedo	2	8	2	17	4	11
	Vila Flor	7	27	3	25	10	26
Total	Total	26		12		38	

### Sândi nasal – Cruzamento Escolaridade / Idade por Concelho

Group	Escolaridade	Alfabetizado		Analfabeto		Total	
		Count	%	Count	%	Count	%
51-65	Alfândega	6	100	0	–	6	100
	Carrazeda	0	0	0	–	0	0
	Mirandela	0	0	0	–	0	0
	Macedo	0	0	0	–	0	0
	Vila Flor	0	0	0	–	0	0
	Total	6		0		6	
>65	Alfândega	8	40	3	25	11	34
	Carrazeda	1	5	0	0	1	3
	Mirandela	2	10	4	33	6	19
	Macedo	2	10	2	17	4	12
	Vila Flor	7	35	3	25	10	31
	Total	20		12		32	
Total	A	14	54	3	25	17	45
Total	C	1	4	0	0	1	3
Total	I	2	8	4	33	6	16
Total	M	2	8	2	17	4	11
Total	V	7	27	3	25	10	26
Total	Total	26		12		38	

### Sândi nasal - Cruzamento Escolaridade / Categoria gramatical por Concelho

Categoria gramatical	Concelho	Alfabetizado		Analfabeto		Total	
		Count	%	Count	%	Count	%
Advérbio	Alfândega	1	50	0	0	1	33
	Carrazeda	0	0	0	0	0	0
	Mirandela	0	0	0	0	0	0
	Macedo	0	0	1	100	1	33
	Vila Flor	1	50	0	0	1	33

	Total	2		1		3	
Verbo	Alfândega	12	60	3	33	15	52
	Carrazeda	0	0	0	0	0	0
	Mirandela	0	0	2	22	2	7
	Macedo	2	10	1	11	3	10
	Vila Flor	6	30	3	33	9	31
	Total	20		9		29	
Pronome	Alfândega	1	33	0	0	1	25
	Carrazeda	0	0	0	0	0	0
	Mirandela	2	67	1	100	3	75
	Macedo	0	0	0	0	0	0
	Vila Flor	0	0	0	0	0	0
	Total	3		1		4	
Preposição	Alfândega	0	0	0	0	0	0
	Carrazeda	1	100	0	0	1	50
	Mirandela	0	0	1	100	1	50
	Macedo	0	0	0	0	0	0
	Vila Flor	0	0	0	0	0	0
	Total	1		1		2	
Total	Alfândega	14	54	3	25	17	45
Total	Carrazeda	1	4	0	0	1	3
Total	Mirandela	2	8	4	33	6	16
Total	Macedo	2	8	2	17	4	11
Total	Vila Flor	7	27	3	25	10	26
Total	Total	26		12		38	

### Sândi nasal - Cruzamento Escolaridade / Segmento Precedente por Concelho

Segmento Precedente	Concelho	Alfabetizado		Analfabeto		Total	
		Count	%	Count	%	Count	%
nasal	Alfândega	13	57	3	27	16	47
	Carrazeda	1	4	0	0	1	3
	Mirandela	2	9	4	36	6	18
	Macedo	1	4	2	18	3	9
	Vila Flor	6	26	2	18	8	24
	Total	23		11		34	
[ɐ]	Alfândega	1	50	0	–	1	50
	Carrazeda	0	0	0	–	0	0
	Mirandela	0	0	0	–	0	0
	Macedo	1	50	0	–	1	50
	Vila Flor	0	0	0	–	0	0
	Total	2		0		2	
[a]	Alfândega	0	0	0	–	0	0
	Carrazeda	0	0	0	–	0	0
	Mirandela	0	0	0	–	0	0
	Macedo	0	0	0	–	0	0

	Vila Flor	1	100	0	-	1	100
	Total	1		0		1	
Consoante	Alfândega	0	-	0	0	0	0
	Carrazeda	0	-	0	0	0	0
	Mirandela	0	-	0	0	0	0
	Macedo	0	-	0	0	0	0
	Vila Flor	0	-	1	100	1	100
	Total	0		1		1	
Total	Alfândega	14	54	3	25	17	45
	Carrazeda	1	4	0	0	1	3
	Mirandela	2	8	4	33	6	16
	Macedo	2	8	2	17	4	11
	Vila Flor	7	27	3	25	10	26
Total	Total	26		12		38	

### Sândi nasal- Cruzamento Escolaridade / Item lexical seguinte por Concelho

Group	1	Alfabetizado		Analfabeto		Total	Total
6	App Value	Count	%	Count	%	Count	%
Artigo	Alfândega	14	61	3	30	17	52
	Carrazeda	0	0	0	0	0	0
	Mirandela	0	0	3	30	3	9
	Macedo	2	9	1	10	3	9
	Vila Flor	7	30	3	30	10	30
	Total	23		10		33	
Pronome	Alfândega	0	0	0	0	0	0
	Carrazeda	1	33	0	0	1	20
	Mirandela	2	67	1	50	3	60
	Macedo	0	0	1	50	1	20
	Vila Flor	0	0	0	0	0	0
	Total	3		2		5	
Total	Alfândega	14	54	3	25	17	45
Total	Carrazeda	1	4	0	0	1	3
Total	Mirandela	2	8	4	33	6	16
Total	Macedo	2	8	2	17	4	11
Total	Vila Flor	7	27	3	25	10	26
Total	Total	26		12		38	

### Sândi nasal- Cruzamento Escolaridade / Segmento seguinte por Concelho

Group	1	A	A	N	N	Total	Total
7	App Value	Count	%	Count	%	Count	%
[u]	Alfândega	8	50	3	43	11	48
	Carrazeda	1	6	0	0	1	4
	Mirandela	0	0	3	43	3	13
	Macedo	1	6	0	0	1	4
	Vila Flor	6	38	1	14	7	30

	Total	16		7		23	
[ø]	Alfândega	6	60	0	0	6	40
	Carrazeda	0	0	0	0	0	0
	Mirandela	2	20	1	20	3	20
	Macedo	1	10	2	40	3	20
	Vila Flor	1	10	2	40	3	20
	Total	10		5		15	
Total	Alfândega	14	54	3	25	17	45
Total	Carrazeda	1	4	0	0	1	3
Total	Mirandela	2	8	4	33	6	16
Total	Macedo	2	8	2	17	4	11
Total	Vila Flor	7	27	3	25	10	26
Total	Total	26		12		38	

## Anexo G – Segmentos

Concelhos	Falantes	Segmentos					Total
		Consoantes	Vogais	Glides	Nasalidade	V-Slots	
Alfândega da Fé	AAF1	43,09%	42,71%	6,28%	7,90%	0,02%	100%
	AAM1	42,50%	43,91%	7,47%	6,04%	0,08%	100%
	AAF2	42,93%	44,96%	6,07%	6,03%	0,02%	100%
	AAM2	44,17%	43,73%	5,86%	6,17%	0,07%	100%
	AAF3	44,54%	44,13%	5,22%	6,06%	0,05%	100%
	AAM3	43,47%	44,70%	5,63%	6,11%	0,10%	100%
	AAF4	43,84%	43,97%	5,93%	6,24%	0,02%	100%
	AAM4	43,04%	45,02%	5,82%	6,11%	0,00%	100%
	ANF4	42,96%	46,39%	4,89%	5,76%	0,00%	100%
ANM4	42,01%	44,98%	5,93%	7,08%	0,00%	100%	
Carraceda de Ansiães	CAF1	42,72%	45,22%	6,03%	6,03%	0,00%	100%
	CAM1	42,60%	44,12%	6,37%	6,81%	0,10%	100%
	CAF2	42,70%	43,60%	7,10%	6,50%	0,10%	100%
	CAM2	43,59%	43,11%	6,05%	7,08%	0,17%	100%
	CAF3	43,30%	43,70%	6,40%	6,70%	0,00%	100%
	CAM3	43,62%	44,77%	5,32%	6,14%	0,15%	100%
	CAF4	44,40%	44,30%	5,60%	5,70%	0,00%	100%
	CAM4	43,88%	45,21%	5,49%	5,37%	0,05%	100%
	CNF4	42,46%	45,42%	6,37%	5,75%	0,00%	100%
CNM4	43,02%	45,06%	6,15%	5,78%	0,00%	100%	
Mirandela	IAF1	44,90%	43,41%	5,06%	6,43%	0,20%	100%
	IAM1	45,61%	44,17%	4,59%	5,53%	0,10%	100%
	IAF2	44,10%	44,39%	5,04%	6,39%	0,09%	100%
	IAM2	44,91%	43,59%	5,31%	6,03%	0,17%	100%
	IAF3	42,63%	44,78%	5,13%	7,29%	0,17%	100%
	IAM3	44,39%	44,37%	4,92%	6,27%	0,05%	100%
	IAF4	43,64%	45,04%	5,77%	5,50%	0,05%	100%
	IAM4	43,97%	44,37%	5,59%	6,03%	0,04%	100%
	INF4	42,98%	45,52%	5,78%	5,70%	0,02%	100%
INM4	43,79%	44,45%	6,23%	5,53%	0,00%	100%	
Macedo de Cavaleiros	MAF1	43,36%	44,36%	5,81%	6,41%	0,06%	100%
	MAM1	44,46%	43,73%	5,22%	6,41%	0,19%	100%
	MAF2	42,80%	45,27%	5,46%	6,39%	0,08%	100%
	MAM2	43,99%	43,53%	5,55%	6,80%	0,13%	100%
	MAF3	44,07%	44,69%	5,09%	6,14%	0,01%	100%
	MAM3	44,15%	44,23%	4,97%	6,40%	0,24%	100%
	MAF4	43,02%	45,31%	5,92%	5,63%	0,12%	100%
	MAM4	43,90%	44,47%	5,97%	5,60%	0,07%	100%
	MNF4	42,74%	44,57%	6,14%	6,54%	0,00%	100%
MNM4	42,31%	45,24%	5,61%	6,84%	0,00%	100%	
Vila Flor	VAF1	43,29%	44,94%	5,54%	6,15%	0,08%	100%
	VAM1	45,52%	43,94%	5,16%	5,27%	0,10%	100%

	VAF2	43,07%	44,90%	5,68%	6,25%	0,11%	100%
	VAM2	43,57%	44,29%	5,63%	6,37%	0,13%	100%
	VAF3	43,44%	44,06%	6,67%	5,80%	0,03%	100%
	VAM3	44,18%	44,12%	5,34%	6,19%	0,18%	100%
	VAF4	42,41%	44,99%	6,16%	6,38%	0,05%	100%
	VAM4	42,14%	45,38%	6,45%	6,03%	0,00%	100%
	VNF4	42,93%	44,88%	6,21%	5,98%	0,00%	100%
	VNM4	42,43%	45,50%	5,84%	6,17%	0,06%	100%
	Total	43,47%	44,51%	5,76%	6,20%	0,07%	100%





## Anexo H - Tipos Silábicos

	Falantes	Sílabas											Outros
		CV	V	CVC	CVN	CVG	CVGN	CCV	VC	VN	CVGC	VG	
Alfândega da Fé	AAF1	44,83%	12,27%	11,69%	6,54%	3,67%	7,75%	1,48%	4,08%	1,66%	0,94%	0,94%	4,16%
	AAM1	43,63%	15,31%	10,46%	4,08%	4,74%	6,64%	3,21%	3,32%	1,53%	1,96%	2,07%	3,05%
	AAF2	43,15%	16,90%	10,73%	5,52%	4,93%	4,42%	2,86%	3,07%	1,62%	1,38%	2,10%	3,31%
	AAM2	44,81%	14,18%	12,79%	5,09%	4,19%	5,73%	2,38%	4,03%	1,39%	1,19%	0,93%	3,29%
	AAF3	45,36%	14,79%	12,53%	5,62%	2,98%	4,81%	3,25%	3,02%	1,60%	1,07%	1,95%	3,02%
	AAM3	46,20%	16,70%	11,29%	5,01%	3,22%	5,81%	2,16%	3,18%	1,28%	0,88%	1,24%	3,03%
	AAF4	47,63%	12,92%	10,38%	5,54%	4,04%	5,31%	2,40%	3,66%	1,46%	1,03%	1,78%	3,85%
	AAM4	45,98%	15,80%	8,74%	6,32%	5,63%	3,46%	3,75%	2,22%	2,81%	1,68%	1,14%	2,47%
	ANF4	46,97%	19,14%	10,92%	5,48%	2,74%	4,81%	1,97%	2,38%	1,29%	0,83%	1,81%	1,66%
	ANM4	49,42%	15,46%	7,76%	5,78%	3,97%	6,24%	2,28%	2,04%	2,10%	0,82%	1,52%	2,63%
Carrazeda de Ansiães	CAF1	42,48%	18,25%	10,42%	6,54%	4,01%	4,81%	3,27%	2,84%	1,60%	2,03%	1,17%	2,59%
	CAM1	41,87%	17,26%	11,84%	5,60%	3,79%	6,53%	3,09%	2,51%	2,04%	1,57%	1,69%	2,22%
	CAF2	43,10%	15,11%	10,40%	5,43%	3,04%	6,34%	2,38%	3,30%	1,72%	2,64%	2,18%	4,36%
	CAM2	43,16%	14,79%	12,82%	5,41%	2,64%	7,46%	3,44%	3,44%	1,70%	1,21%	1,30%	2,64%
	CAF3	44,98%	14,05%	10,47%	6,35%	4,07%	5,42%	4,00%	2,77%	2,09%	1,97%	0,86%	2,96%
	CAM3	47,67%	15,05%	10,93%	5,28%	3,20%	4,74%	2,70%	2,45%	2,12%	0,79%	2,04%	3,03%
	CAF4	45,48%	14,16%	12,25%	4,37%	3,46%	4,15%	3,24%	3,58%	2,37%	1,43%	1,79%	3,73%
	CAM4	47,94%	15,09%	10,92%	4,02%	3,54%	4,80%	3,08%	3,56%	1,67%	1,15%	1,98%	2,24%
	CNF4	48,33%	15,88%	7,69%	5,15%	4,22%	4,96%	2,85%	3,10%	1,92%	1,86%	2,11%	1,92%
	CNM4	49,31%	15,09%	9,28%	4,86%	4,55%	5,18%	2,27%	2,65%	1,70%	1,01%	1,70%	2,40%
Mirandela	IAF1	47,20%	12,50%	12,50%	5,72%	2,30%	5,72%	3,25%	4,32%	1,68%	1,18%	0,73%	2,91%
	IAM1	47,24%	14,41%	14,23%	5,96%	3,25%	3,56%	2,49%	2,49%	1,42%	1,42%	0,76%	2,76%
	IAF2	47,46%	14,17%	11,85%	6,57%	2,58%	4,89%	2,70%	3,22%	1,35%	0,90%	1,74%	2,58%
	IAM2	46,13%	12,89%	12,80%	6,56%	3,45%	4,72%	2,36%	2,97%	1,61%	1,65%	1,27%	3,59%
	IAF3	45,21%	15,87%	9,88%	6,80%	3,29%	5,73%	2,69%	3,34%	2,18%	0,77%	1,41%	2,82%
	IAM3	47,60%	13,74%	10,54%	7,45%	4,10%	3,62%	3,41%	2,72%	1,92%	1,49%	1,01%	2,40%
	IAF4	46,36%	15,51%	11,29%	5,18%	4,22%	4,37%	2,61%	2,82%	1,66%	1,06%	2,30%	2,61%
	IAM4	48,74%	14,19%	9,27%	5,66%	4,12%	4,68%	3,46%	2,34%	1,50%	1,26%	1,54%	3,23%
	INF4	49,08%	15,20%	8,34%	6,05%	4,02%	4,24%	2,77%	3,65%	1,33%	1,40%	2,03%	1,88%
	INM4	47,15%	14,38%	9,44%	4,95%	4,92%	4,66%	3,57%	3,12%	1,37%	1,83%	1,57%	3,03%
Macedo de Cavaleiros	MAF1	46,26%	14,97%	9,83%	5,32%	3,20%	4,78%	3,92%	2,71%	2,43%	2,07%	1,35%	3,16%
	MAM1	46,36%	13,79%	11,79%	5,96%	2,68%	5,70%	2,68%	3,58%	1,02%	1,53%	1,06%	3,83%
	MAF2	46,26%	15,64%	11,08%	5,78%	2,93%	5,11%	2,89%	2,56%	2,11%	1,00%	2,11%	2,52%
	MAM2	44,96%	13,44%	11,30%	5,38%	3,42%	6,05%	3,67%	4,46%	1,71%	1,16%	0,92%	3,54%
	MAF3	46,58%	14,28%	11,62%	5,63%	3,40%	4,42%	3,06%	3,15%	1,79%	1,11%	1,92%	3,03%
	MAM3	47,00%	14,15%	10,63%	6,23%	2,29%	3,99%	3,94%	3,34%	1,92%	1,47%	1,51%	3,53%
	MAF4	47,41%	14,95%	7,92%	5,37%	4,54%	3,64%	3,32%	3,51%	2,24%	1,73%	2,62%	2,75%
	MAM4	48,36%	14,54%	9,32%	4,20%	3,45%	5,33%	3,66%	3,24%	1,59%	1,59%	1,72%	3,00%
	MNF4	47,03%	15,56%	9,67%	4,10%	3,98%	5,97%	2,48%	2,88%	2,27%	1,75%	1,14%	3,17%
	MNM4	46,42%	17,05%	8,70%	6,08%	3,06%	5,49%	2,42%	3,06%	1,93%	1,48%	1,68%	2,62%
Vila Flor	VAF1	45,25%	15,56%	11,95%	5,01%	3,24%	5,14%	2,68%	3,36%	2,12%	1,21%	1,53%	2,96%
	VAM1	47,45%	13,12%	13,79%	4,74%	3,57%	4,08%	2,88%	3,21%	1,71%	1,30%	1,27%	2,88%
	VAF2	46,21%	15,72%	11,25%	4,47%	3,83%	5,63%	1,68%	3,27%	2,47%	1,12%	1,56%	2,79%
	VAM2	44,39%	16,06%	10,93%	5,28%	3,09%	5,33%	3,74%	2,56%	2,07%	2,03%	1,26%	3,25%
	VAF3	47,72%	12,66%	10,63%	3,99%	4,87%	5,70%	1,84%	4,18%	2,47%	1,33%	2,15%	2,47%
	VAM3	49,02%	11,97%	11,65%	5,69%	3,87%	4,23%	2,36%	3,07%	2,62%	0,85%	1,51%	3,16%

	VAF4	47,73%	15,45%	8,60%	5,69%	3,91%	5,20%	2,37%	3,21%	2,05%	1,38%	2,13%	2,27%
	VAM4	49,60%	14,83%	8,25%	4,92%	4,74%	4,62%	2,46%	2,03%	2,58%	0,68%	2,15%	3,14%
	VNF4	49,50%	14,50%	9,59%	4,68%	4,34%	5,17%	1,92%	2,84%	1,89%	1,35%	1,46%	2,76%
	VNM4	45,73%	17,76%	8,23%	6,06%	3,16%	4,76%	4,21%	1,92%	1,61%	2,29%	2,04%	2,23%
Total		46,47%	14,94%	10,62%	5,47%	3,69%	5,12%	2,87%	3,09%	1,85%	1,38%	1,60%	2,91%

## Anexo I – Número de sílabas por PW

Falante	PW1	PW2	PW3	PW4	PW5	PW6	PW7	PW8	PW9
AAF1	28,57%	44,87%	19,31%	6,14%	1,00%	0,00%	0,11%	0,00%	0,00%
AAM1	36,60%	38,36%	18,99%	4,91%	1,13%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
AAF2	31,03%	48,10%	17,14%	3,17%	0,40%	0,16%	0,00%	0,00%	0,00%
AAM2	26,52%	44,91%	21,10%	6,16%	0,90%	0,41%	0,00%	0,00%	0,00%
AAF3	23,53%	46,76%	23,24%	5,00%	1,27%	0,20%	0,00%	0,00%	0,00%
AAM3	29,28%	44,54%	18,83%	4,52%	2,45%	0,28%	0,09%	0,00%	0,00%
AAF4	24,21%	47,95%	22,57%	4,68%	0,47%	0,00%	0,12%	0,00%	0,00%
AAM4	23,95%	48,54%	21,15%	5,10%	1,27%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
ANF4	27,09%	50,24%	20,41%	2,03%	0,24%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
ANM4	29,39%	44,99%	19,92%	4,87%	0,84%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
CAF1	29,89%	46,69%	17,10%	4,16%	1,39%	0,46%	0,31%	0,00%	0,00%
CAM1	34,75%	43,13%	16,07%	5,63%	0,00%	0,41%	0,00%	0,00%	0,00%
CAF2	34,87%	43,83%	15,38%	4,96%	0,73%	0,12%	0,00%	0,12%	0,00%
CAM2	31,85%	41,09%	20,00%	5,43%	1,20%	0,43%	0,00%	0,00%	0,00%
CAF3	27,41%	43,93%	23,05%	4,67%	0,93%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
CAM3	27,42%	43,44%	22,04%	6,13%	0,86%	0,00%	0,11%	0,00%	0,00%
CAF4	24,73%	49,23%	21,35%	3,99%	0,61%	0,08%	0,00%	0,00%	0,00%
CAM4	28,92%	45,24%	21,29%	3,57%	0,77%	0,07%	0,07%	0,07%	0,00%
CNF4	23,60%	49,60%	23,13%	3,35%	0,16%	0,16%	0,00%	0,00%	0,00%
CNM4	30,45%	41,67%	24,39%	2,88%	0,61%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
IAF1	28,89%	41,63%	18,81%	7,85%	2,52%	0,30%	0,00%	0,00%	0,00%
IAM1	24,76%	43,30%	24,16%	5,02%	1,79%	0,48%	0,48%	0,00%	0,00%
IAF2	27,60%	45,29%	19,64%	6,66%	0,49%	0,32%	0,00%	0,00%	0,00%
IAM2	27,26%	41,69%	21,39%	7,33%	1,59%	0,61%	0,12%	0,00%	0,00%
IAF3	25,11%	48,35%	18,39%	6,83%	0,77%	0,55%	0,00%	0,00%	0,00%
IAM3	27,76%	41,02%	21,55%	8,56%	0,83%	0,28%	0,00%	0,00%	0,00%
IAF4	27,17%	49,22%	18,80%	3,87%	0,81%	0,12%	0,00%	0,00%	0,00%
IAM4	25,03%	49,47%	18,03%	6,64%	0,83%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
INF4	30,84%	47,59%	17,96%	3,09%	0,52%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
INM4	27,87%	48,53%	19,54%	3,36%	0,49%	0,21%	0,00%	0,00%	0,00%
MAF1	29,63%	43,70%	19,98%	4,43%	1,70%	0,57%	0,00%	0,00%	0,00%
MAM1	27,71%	44,70%	20,67%	4,76%	1,62%	0,54%	0,00%	0,00%	0,00%
MAF2	27,05%	43,52%	23,52%	4,38%	1,43%	0,10%	0,00%	0,00%	0,00%
MAM2	27,58%	40,57%	23,61%	5,55%	2,38%	0,32%	0,00%	0,00%	0,00%
MAF3	28,59%	46,28%	21,15%	3,46%	0,52%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
MAM3	22,02%	39,73%	28,91%	7,13%	1,48%	0,12%	0,62%	0,00%	0,00%
MAF4	26,24%	46,72%	21,44%	4,64%	0,96%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
MAM4	28,91%	45,55%	19,12%	5,21%	1,21%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
MNF4	26,80%	48,06%	21,07%	3,98%	0,10%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
MNM4	30,09%	45,14%	21,88%	2,31%	0,46%	0,12%	0,00%	0,00%	0,00%
VAF1	25,76%	43,85%	22,21%	6,11%	1,57%	0,41%	0,08%	0,00%	0,00%
VAM1	28,45%	45,83%	20,48%	4,05%	0,82%	0,32%	0,06%	0,00%	0,00%
VAF2	29,92%	48,03%	15,26%	4,53%	1,38%	0,89%	0,00%	0,00%	0,00%
VAM2	24,45%	47,86%	18,91%	7,21%	1,15%	0,42%	0,00%	0,00%	0,00%

VAF3	29,66%	45,50%	20,34%	3,57%	0,78%	0,16%	0,00%	0,00%	0,00%
VAM3	22,70%	48,46%	19,62%	5,91%	2,96%	0,35%	0,00%	0,00%	0,00%
VAF4	32,95%	45,82%	16,92%	3,87%	0,44%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
VAM4	27,99%	44,65%	22,33%	4,87%	0,16%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
VNF4	26,44%	50,73%	18,95%	3,82%	0,07%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
VNM4	22,61%	50,55%	23,39%	2,51%	0,94%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

## Anexo J – Acento

Concelhos	Falantes	Acento				Total
		Monossilabos	Final	Penúltima	Antepenúltima	
Alfândega da Fé	AAF1	28,57%	13,39%	56,14%	1,90%	100%
	AAM1	36,60%	15,72%	46,79%	0,88%	100%
	AAF2	31,03%	18,57%	49,76%	0,63%	100%
	AAM2	26,52%	17,49%	53,69%	2,30%	100%
	AAF3	23,53%	12,75%	62,55%	1,18%	100%
	AAM3	29,28%	14,78%	54,71%	1,22%	100%
	AAF4	24,03%	14,42%	59,67%	1,88%	100%
	AAM4	23,95%	15,03%	60,00%	1,02%	100%
	ANF4	27,09%	10,98%	60,86%	1,07%	100%
	ANM4	29,35%	13,21%	56,33%	1,11%	100%
Carraceda de Ansiães	CAF1	29,89%	13,56%	55,78%	0,77%	100%
	CAM1	34,75%	16,62%	46,98%	1,65%	100%
	CAF2	34,87%	13,08%	51,45%	0,61%	100%
	CAM2	31,85%	14,78%	51,96%	1,41%	100%
	CAF3	27,41%	16,98%	54,83%	0,78%	100%
	CAM3	27,42%	17,96%	53,98%	0,65%	100%
	CAF4	24,71%	17,73%	56,10%	1,46%	100%
	CAM4	28,92%	16,04%	53,99%	1,05%	100%
	CNF4	23,60%	15,95%	59,49%	0,96%	100%
	CNM4	30,45%	15,91%	52,88%	0,76%	100%
Mirandela	IAF1	28,89%	16,89%	51,70%	2,52%	100%
	IAM1	24,76%	15,31%	58,01%	1,91%	100%
	IAF2	27,60%	15,91%	55,03%	1,46%	100%
	IAM2	27,26%	15,65%	55,38%	1,71%	100%
	IAF3	25,08%	14,08%	59,19%	1,65%	100%
	IAM3	27,76%	15,61%	54,70%	1,93%	100%
	IAF4	27,17%	17,36%	54,34%	1,12%	100%
	IAM4	25,03%	18,86%	55,40%	0,71%	100%
	INF4	30,84%	15,89%	53,09%	0,17%	100%
	INM4	27,87%	18,77%	52,94%	0,42%	100%
Macedo de Cavaleiros	MAF1	29,63%	17,93%	50,74%	1,70%	100%
	MAM1	27,71%	16,56%	54,76%	0,97%	100%
	MAF2	27,05%	14,00%	57,33%	1,62%	100%
	MAM2	27,58%	12,84%	58,16%	1,43%	100%
	MAF3	28,59%	11,42%	58,29%	1,69%	100%
	MAM3	22,02%	17,10%	57,20%	3,69%	100%
	MAF4	26,24%	14,72%	56,48%	2,56%	100%
	MAM4	28,91%	15,44%	54,89%	0,76%	100%
	MNF4	26,80%	14,37%	56,99%	1,84%	100%
MNM4	30,09%	15,28%	53,70%	0,93%	100%	

Vila Flor	VAF1	25,76%	18,66%	54,58%	0,99%	100%
	VAM1	28,45%	17,83%	53,03%	0,70%	100%
	VAF2	29,92%	16,73%	52,07%	1,28%	100%
	VAM2	24,45%	17,87%	56,01%	1,67%	100%
	VAF3	29,66%	20,19%	48,60%	1,55%	100%
	VAM3	22,70%	18,44%	57,80%	1,06%	100%
	VAF4	32,99%	16,31%	50,13%	0,57%	100%
	VAM4	27,99%	14,94%	56,92%	0,16%	100%
	VNF4	26,44%	14,02%	57,95%	1,60%	100%
	VNM4	22,61%	11,77%	64,52%	1,10%	100%
Total		27,83%	15,71%	55,16%	1,30%	100%